

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Os Gramscianos Argentinos

Cultura e Política na experiência de *Pasado y Presente*



UNICAMP

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

RAUL BURGOS

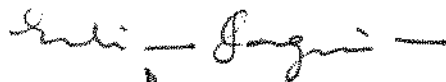
OS GRAMSCIANOS ARGENTINOS.

CULTURA E POLÍTICA NA EXPERIÊNCIA DE PASADO Y PRESENTE

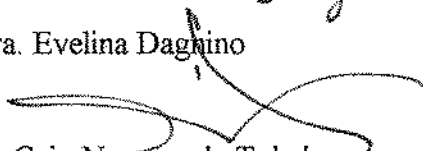
Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de
Ciência Política do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação da Profa. Dra.
Evelina Dagnino.

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida e
aprovada pela Comissão
Julgadora em 29/11/1999

Banca:



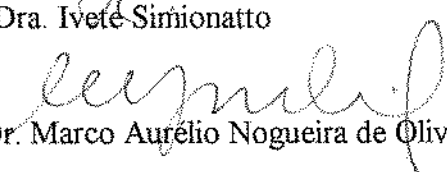
Profa. Dra. Evelina Dagnino



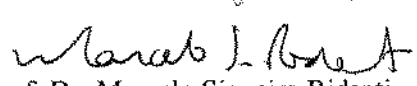
Prof. Dr. Caio Navarro de Toledo



Profa. Dra. Ivete Simionatto



Prof. Dr. Marco Aurélio Nogueira de Oliveira e Silva



Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti

Novembro/99

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

1999-9115

RADE	30
CHAMADA:	Unicamp
Ex	18103100
CC	278100
C	☐
D	☒
RECO	311,00
ATA	18103100
1.º CPD	

CM-00139032-3

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Burgos, Raúl
B 915 g Os gramscianos argentinos: cultura e política na experiência de
Pasado y Presente / Raúl Burgos. - - Campinas, SP : [s. n.],
1999.

Orientador: Evelina Dagnino.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Gramsci, Antonio, 1891-1937. 2. Pasado y Presente
(Argentina). 3. Política e cultura - Argentina. 4. Intelectuais e
política. I. Dagnino, Evelina. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

*A mis viejos compañeros
y amigos.*

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à Profª Evelina Dagnino pela leitura paciente e minuciosa do texto e, fundamentalmente, pelo produtivo diálogo crítico durante estes anos de trabalho conjunto.

Agradeço aos Profs. Caio Navarro de Toledo e Osvaldo Coggiola pelas valiosas sugestões no exame de qualificação.

Agradeço aos entrevistados pela disposição de seu tempo e sua contribuição para a reconstituição da história que aqui apresentamos.

Agradeço a Maria pela cálida companhia e a Imanol pelo tempo roubado de suas brincadeiras nestes longos quatro anos de pesquisa.

Agradeço a Tanira Piacentini pela "heróica" tarefa de tentar transformar em português o "portunhol" básico do texto original.

Agradeço, finalmente, ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*, CNPq, pelo apoio financeiro durante os quatro anos da investigação; ao *Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa* da UNICAMP, FAEP, pela ajuda de viagem na primeira fase da pesquisa de campo, e ao *Programa de Doutorado* do IFCH pela ajuda no custeio da última fase da pesquisa. mediante o Convênio UNICAMP/PRPG/CAPES/ Taxa Acadêmica 063/97 - Curso de Ciências Sociais.

Criar um a nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta, por parte de um “gênio filosófico”, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Antonio Gramsci

Abreviaturas

APRA	Alianza Popular Revolucionaria Antiimperialista
CEFYL	Centro de Estudiantes de Filosofía y Letras
CGT	Confederación General del Trabajo
CGTA	Confederación General del Trabajo de los Argentinos
CIU	Corriente de Izquierda Universitaria
CNRR	Coordinadora Nacional de Recuperación Revolucionaria
CPL	Comandos Populares de Liberación
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EGP	Ejército Guerrillero del Pueblo
ELN	Ejército de Liberación Nacional
ENA	Encuentro Nacional de los Argentinos
ENR	Ejército Nacional Revolucionario
ERP	Ejército Revolucionario del Pueblo
FAL	Fuerzas Armadas de Liberación
FAP	Fuerzas Armadas Peronistas
FAR	Fuerzas Armadas Revolucionarias
FJC	Federación Juvenil Comunista
FLACSO	Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales
FMLN	Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional
FRIP	Frente Revolucionario Indoamericano Popular
FSLN	Frente Sandinista de Liberación Nacional
FUC	Federación Universitaria de Córdoba
GDS	Grupo de Discusión Socialista
IAME	Industrias Aeronáuticas e Mecánicas del Estado
IKA	Industrias Kaiser Argentina
IME	Industrias Mecánicas del Estado
IS	Internacional Socialista
JP	Juventud Peronista
JTP	Juventud Trabajadora Peronista
MRAC	Movimiento Rural de Acción Católica
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
OAP	Organizaciones Armadas Peronistas
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
PB	Peronismo de Base
PCA	Partido Comunista Argentino
PCM	Partido Comunista Mexicano
PCR	Partido Comunista Revolucionario
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PRI	Partido Revolucionario Institucional
PRT	Partido Revolucionario de los Trabajadores
PS	Partido Socialista
PSA	Partido Socialista Argentino
PSD	Partido Socialista Democrático
PSRN	Partido Socialista de Resistencia Nacional
PSUM	Partido Socialista Unificado Mexicano
PSV	Partido Socialista de Vanguardia
PT	Partido dos Trabalhadores
SITRAC	Sindicato de Trabajadores de Concord
SITRAM	Sindicato de Trabajadores de Materfer
SMATA	Sindicato Mecánicos y Afines del Transporte Automotor
UBA	Universidad de Buenos Aires
UCR	Unión Cívica Radical
UCRI	Unión Cívica Radical Intransigente
UGA	Unión de Guerrilleros Andinos
UNAM	Universidad Autónoma de México
UNC	Universidad Nacional de Córdoba
UNR	Universidad Nacional de Rosario
URSS	União de Repúblicas Socialistas Soviéticas
VC	Vanguardia Comunista
VR	Vanguardia Revolucionaria

Sumário

Abreviaturas	7
Agradecimentos	9
Introdução	15
 PRIMEIRA PARTE. OS ANOS 60: LOUVOR DA REVOLUÇÃO	
 Capítulo 1.	
Das primeiras notícias sobre Gramsci à fundação da revista <i>Pasado y Presente</i>	29
1.1. Gramsci na Argentina	29
1.2. Os comunistas e Gramsci	36
1.2.1. Primeira grande difusão latino-americana e escassa influência no PCA	36
1.2.2. A figura de Héctor Agosti e a importância posterior do grupo de trabalho da revista <i>Cuadernos de Cultura</i>	40
1.3. Antes do começo: sob o nome de Gramsci	46
 Capítulo 2.	
Os “gramscianos argentinos”	55
2.1. Na “Turim argentina”	55
2.2. Entre Gramsci e Guevara: a primeira etapa da revista <i>Pasado y Presente</i>	59
2.2.1. O marxismo “gramsciano” da revista <i>Pasado y Presente</i>	68
2.2.2. Os vínculos com o Ejército Guerrillero del Pueblo (EGP)	70
2.2.3. <i>Pasado y Presente</i> e a questão operária	76
2.2.4. O final da primeira etapa da revista	80
2.3. Algumas abordagens interpretativas	86
 Capítulo 3.	
Idéias para a revolução. O trabalho editorial como intervenção política	101
3.1. O golpe de Estado de junho de 1966 e a recomposição do movimento popular	101
3.2. A “nova esquerda” argentina	114
3.3. <i>Pasado y Presente</i> e a experiência editorial como intervenção política	120
3.3.1. A editora Eudecor	121
3.3.2. A editora Garfio	123
3.3.3. A editora <i>Pasado y Presente</i> . Surgimento dos <i>Cuadernos de Pasado y Presente</i>	125
3.3.4. Revista <i>Los libros</i>	127
3.3.5. A editora <i>Signos</i>	128
3.3.6. A editora <i>Siglo XXI de Argentina</i>	129

SEGUNDA PARTE. OS ANOS 70: O FRACASSO DA EXPERIÊNCIA ARMADA E A CRÍTICA DA REVOLUÇÃO

Capítulo 4

Os anos "montoneros"

4.1. A transição à democracia, 1970-1973	135
4.2. Os peronistas "gramscianos". A disputa entre "Cátedras Nacionales" e "Cátedras Marxistas"	144
4.3. A segunda etapa da revista <i>Pasado y Presente</i> (1973), Montoneros e a luta armada	165
4.4. Desenlace. A "voragem de violência"	179

Capítulo 5.

O exílio mexicano e a revolução conceitual da esquerda

5.1. O lugar do México na elaboração de uma nova virada renovadora no pensamento da esquerda latino-americana nos anos 70-80	185
5.2. A releitura de Gramsci e a "descoberta da América Latina"	186
5.2.1. Uma nova estratégia "revolucionária" e o papel do pensamento gramsciano na sua formulação	197
5.2.2. A descoberta de Mariátegui. Mariátegui e Gramsci	199
5.2.3. Aricó: "Marx y América Latina"	216
5.3. A revista <i>Controversia</i> : da "revolução" à "democracia"	221
5.4. Profetas em terras alheias: a escassa incidência na Argentina	229
	233

TERCEIRA PARTE. OS ANOS 80: LOUVOR DA DEMOCRACIA

Capítulo 6

Os gramscianos argentinos e a transição democrática

6.1. A "questão democrática"	243
6.2. Os vínculos com o projeto e a experiência alfonsinistas	243
6.3. O <i>Club de Cultura Socialista</i>	257
6.4. A revista <i>La Ciudad Futura</i>	266
6.4.1.- A luta pelo espaço de esquerda e a descoberta da centro-esquerda	271
	273

Capítulo 7

Gramscismos e gramscianos na Argentina: a disputa pelo legado de Gramsci

7.1. Realidade e mito da influência gramsciana na Argentina dos anos 80	277
7.2. A disputa por Gramsci: redescobrimento de Gramsci pela esquerda "revolucionária"	277
7.3. <i>Cane Morto?</i> Aricó, Portantiero e a vitalidade da obra de Gramsci	286
7.4. Novos gramscianos?	290
7.5. Final: a morte de José Aricó e o fim do mito <i>Pasado y Presente</i>	297
	301

Considerações finais

Apêndices

Bibliografia Citada

305
313
331

Introdução

O trabalho que apresentamos foi pensado originariamente como um estudo do itinerário das idéias de Gramsci na Argentina, sob o título "Gramscismos e gramscianos na Argentina". Uma vez elaborado o projeto, ficou claro que um aspecto envolvia, de uma ou outra maneira, quase o conjunto da pesquisa, assumindo um destaque especial: a experiência do empreendimento cultural e político de um grupo de intelectuais encabeçado por José Maria "Pancho" Aricó, conhecido como *Pasado y Presente*. Junto com isto, observações de várias pessoas, principalmente de Osvaldo Coggiola sobre o fato de que a substância histórica fundamental do relato se encontrava no "*grupo de Pasado y Presente*", e de Evelina Dagnino, em torno da precisão e homogeneidade da pesquisa que encarávamos, conduziram a focalizar o itinerário de difusão de Gramsci sob a ótica da experiência de *Pasado y Presente*. Não é que não tenham existido outras matrizes de difusão, como veremos no decorrer do texto. Porém, *Pasado y Presente* se instituiu como um horizonte de inteligibilidade com o qual outras correntes não puderam deixar de se medir.

Portanto, partindo da motivação central do estudo das vicissitudes da difusão do pensamento gramsciano na Argentina, dos cruzamentos polêmicos entre as várias interpretações que tais idéias inspiraram, das diversas incursões no terreno da prática social em que se materializaram e, finalmente, dos *resultados* – os *efeitos culturais* que cinquenta anos de presença do nome *Gramsci* deixaram na cultura e na política argentina –, nossa investigação salienta o tipo de intervenção política e o tipo de projeto transformador que constrói *Pasado y Presente*. Nesta direção, nosso trabalho se orientou por algumas hipóteses de trabalho que permitiram construir a fisionomia da perspectiva que defendemos.

Em primeiro lugar, a idéia de que, por motivos históricos, culturais e políticos, é necessário estudar *Pasado y Presente* como uma experiência da esquerda argentina que se estende desde sua fundação, com a aparição da revista do mesmo nome, em 1963, até a morte do seu principal animador, José Aricó, em 1991. Neste percurso é construída uma identidade histórica de *Pasado y Presente* centrada na mitológica Córdoba dos levantes populares e operários dos anos 60 e 70 e na definição "gramsciana" do pensamento do grupo. As diversas etapas pelas quais passou esse grupo de intelectuais, reunidos em torno

da figura de José Aricó, podem - e devem, na nossa perspectiva -, ser estudadas na sua continuidade histórica.

Em segundo lugar, a idéia de que o princípio de inteligibilidade da continuidade dessa experiência se encontra além da permanência física de alguns dos membros, fundamentalmente na definição, por parte de *Pasado y Presente*, de uma estratégia de intervenção política constituída pelos seguintes elementos principais: a) a afirmação da capacidade do marxismo em se constituir na base teórica para a produção de um projeto de transformação socialista adequado à realidade da sociedade argentina; b) a necessidade de submeter a uma crítica radical o marxismo clássico da esquerda argentina e a interpretação da realidade dele decorrente; c) a convicção da capacidade crítica do pensamento de Antonio Gramsci para ser o arcabouço teórico dessa transformação no pensamento de esquerda; d) a afirmação, construída a partir da matriz gramsciana, de uma radical interrelação entre cultura e política e do papel fundamental da cultura e das idéias em geral na produção de mudanças políticas e sociais. Em decorrência destes princípios, *Pasado y Presente* define uma estratégia de intervenção cultural na política que marca o itinerário do grupo ao longo da história que descreveremos.

Em terceiro lugar, a idéia de que, enquanto uma história relativamente contínua de construção de um modelo de transformação revolucionária fundado no pensamento gramsciano - e que podemos definir sinteticamente como "democrático-radical" - é desenvolvida pelo grupo de *Pasado y Presente* no exílio mexicano a que os leva o golpe militar de 1976, na Argentina o processo de incorporação do pensamento gramsciano será interrompido dramaticamente, em função da profunda ruptura cultural produzida pela ditadura militar, estabelecendo-se uma brecha histórica entre as gerações pré e pós ditadura em torno desta questão. Ao contrário, por exemplo, do caso brasileiro, onde se verifica um processo contínuo e crescente de difusão, discussão e incorporação dessas idéias tanto no meio acadêmico quanto no meio político, durante as décadas de 70 e 80, ajudando a definir estratégias políticas transformadoras, a possibilidade de constituição de uma estratégia renovada de transformação socialista na Argentina é dramaticamente mutilada.

Finalmente, a idéia de que a perspectiva "democrático-radical" de transformação socialista construída no exílio, sob a orientação fundamental do pensamento gramsciano, não encontra "sujeito" adequado na nova etapa de transição democrática. Se o projeto "democrático-radical", tal como foi

construído no exílio mexicano, exigia sujeitos “populares”, esses sujeitos, nas condições políticas argentinas de início da transição democrática, estavam fundamentalmente associados ao projeto do *Partido Justicialista* (peronista). Por outro lado, a esquerda argentina, apenas saída do regime ditatorial, e depois de sofrer a mais dura derrota de sua história, iniciava um processo de reflexão autocrítica ainda atrelado aos problemas e exigências do período militar. Nessas circunstâncias, e ao contrário do caso brasileiro – no qual o projeto democrático radical em elaboração, também aqui sob a influência fundamental do pensamento gramsciano, associa-se ao nascente movimento popular encabeçado pelas lutas dos operários metalúrgicos do ABC paulista, que conduziu, em fevereiro de 1980, à fundação do Partido dos Trabalhadores –, o grupo dos gramscianos se associou ao que parecia o mais coerente projeto democrático na nova etapa argentina: o projeto de cunho social-democrata do presidente Raúl Alfonsín, baseado, em termos sociais, fundamentalmente nos setores médios da sociedade. Este posicionamento levou, por um lado, a supervalorizar a *democracia política* em detrimento da *democracia social*, instituindo uma visão fortemente “institucionalista” ou “hiper-politicista” do processo de transição; por outro lado, levou a um enfraquecimento do lugar das idéias gramscianas nas posições teóricas do grupo. Este conjunto conforma nossa perspectiva sobre o tema que abordamos e que expomos nos sete capítulos deste trabalho.

No *primeiro capítulo* examinamos as vicissitudes da introdução de Gramsci na Argentina e a primeira tentativa de incorporação do seu pensamento na cultura política desse país, acontecida no interior do Partido Comunista (PCA) através da obra teórica e política de Héctor Pedro Agosti que, segundo a consideração de Aricó, foi nos anos 50 o ponto de agregação de um “*movimento tendencialmente gramsciano*”. Assim, entre 1950 e 1963, Gramsci será difundido na Argentina principalmente através do setor do trabalho cultural do Partido Comunista (PCA). Outras menções que aparecem a seu respeito, por esses anos, apesar de importantes, são de caráter mais limitado. O PCA, através da editora *Lautaro*, produzirá a primeira difusão no continente¹. Nesta etapa encontramos as seguintes matrizes de difusão: entre 1947 e 1950, foi difundido um Gramsci “exemplo ético”, por sua temperança e heroísmo diante do fascismo; entre 1951 e 1953, Héctor Agosti convocava à leitura de Gramsci numa perspectiva mais

¹ Arnaldo Córdova (1988: 89), por exemplo, assinala como a primeira difusão de Gramsci no México se dá através das edições da *Lautaro*.

teórica (por um lado, como "crítico da cultura", por outro, como "sociólogo", através do arcabouço teórico do *Risorgimento*). Embora considerado um continuador de Lenin e do "marxismo-leninismo", Gramsci fornecerá a um grupo de intelectuais do PCA novos elementos teóricos para repensar o processo histórico argentino, para abordar de uma forma mais adequada o tema do papel dos intelectuais e o traumático problema do "hiato intelectuais-povo". Por outra parte, no âmbito acadêmico, em 1956, o filósofo Rodolfo Mondolfo introduzia na discussão o Gramsci "*filósofo da praxis*". Dado o caráter fechado da cultura dos comunistas, um dos efeitos principais desta difusão estará na geração, no interior do partido, de um grupo de intelectuais que, na etapa posterior, constituir-se-á e se desenvolverá intimamente vinculado ao nome do pensador italiano.

No *segundo capítulo* abordaremos o surgimento da experiência que investigamos, com a aparição, em maio de 1963, da revista *Pasado y Presente* e as peripécias políticas e teóricas dos intelectuais e militantes desse grupo pioneiro da "nova esquerda argentina" depois de sua expulsão do PCA: seu marxismo gramsciano; os vínculos com o guevarista *Ejército Guerrillero del Pueblo* (EGP); seus denodados esforços por vincular-se organicamente ao movimento operário radical que se iniciava em Córdoba. Nesse novo período é predominante no grupo o Gramsci da temática *nacional-popular* para fundar uma leitura adequada das relações entre cultura e política, entre intelectuais e povo; entre esquerda marxista e nacionalismo populista e, no âmbito geral, para pensar o complexo fenômeno peronista.

No *terceiro capítulo* abordaremos especificamente a questão da experiência editorial de *Pasado y Presente*. No marco de um novo golpe de Estado, em junho de 1966, da radicalização do movimento operário cordobês e da formação da nova esquerda revolucionária argentina, *Pasado y Presente* definirá uma estratégia de intervenção cultural na política e, em particular, de transformação da cultura marxista para uma mudança da política de esquerda, que será consagrada em 1968 pelo projeto dos *Cuadernos de Pasado y Presente*. A partir deste momento, a marca de *Pasado y Presente*, vinculada à rebelde Córdoba, encontra-se em cada empreendimento editorial de que o grupo encabeçado por José Aricó participe. Uma característica que permite construir a identidade do grupo editor e estabelecer a continuidade de seu projeto cultural. Nessa etapa, Gramsci aparece como mediador de um diálogo, que é editado e difundido amplamente nos *Cuadernos*, com o universo marxista heterodoxo.

No *quarto capítulo* analisaremos centralmente a segunda fase da revista *Pasado y Presente*, entre abril e dezembro de 1973, quando terá sede na cidade

de Buenos Aires. O clima cultural e político será diferente, assim como os redatores da revista. Neste período a revista está vinculada ao projeto de formação de uma tendência de esquerda socialista no interior do movimento peronista. Para o grupo da redação da revista nesta breve etapa, a constelação de esquerda que girava em torno da organização *Montoneros* representava, de algum modo, a expressão viva da proposta que *Pasado y Presente* tinha colocada desde o seu surgimento no começo dos anos 60. O centro da reflexão teórica se deflagrará sobre o *Gramsci dos conselhos de fábrica*, na tentativa de fundir o movimento revolucionário das novas organizações da esquerda com o movimento mais avançado da classe operária. Nesta direção, os conceitos gramscianos começam a ser usados por *Pasado y Presente* para reformular a estratégia revolucionária da esquerda. Trataremos também, nesse capítulo, de uma tentativa de apropriação do pensamento de Gramsci por intelectuais da esquerda do movimento peronista, nucleados no que se conheceu no âmbito da Universidade de Buenos Aires (UBA) como "*Cátedras Nacionales*", e as disputas que surgiram entre eles e os intelectuais de *Pasado y Presente* participantes das chamadas "*Cátedras Marxistas*".

No *quinto capítulo* veremos como, em função do golpe de Estado de 24 de março de 1976, quando se fecha novamente a institucionalidade democrática, instaurando o Estado de Terror, oficializando a chamada "guerra suja" (já deflagrada como terrorismo para-estatal na época do governo de María Estela Martínez de Perón) e provocando uma verdadeira cisão na história argentina, a continuidade do "projeto de *Pasado y Presente*" se processa no exílio, no México. Depois de terminado o último período da revista em dezembro de 1973, o grande projeto editorial que José María Aricó dirigia, junto com o trabalho de publicação dos *Cuadernos*, era a edição (pela primeira vez em língua espanhola, pela editora *Siglo XXI Argentina*), dos *Grundrisse* de Karl Marx e uma reedição crítica, em oito volumes, de *O Capital*. O trabalho se completará no México depois do fechamento da sucursal argentina da editora em 2 de abril de 1976. Nesse período se produz uma "latino-americanização" da experiência e do pensamento do grupo, refletindo-se na redescoberta do pensamento do peruano José Carlos Mariátegui e na produção do texto teórico fundamental de Aricó, *Marx e a América Latina*, no qual discute os motivos da incompreensão, por parte de Marx, da realidade latino-americana. No que diz respeito à difusão do pensamento gramsciano nas novas condições do exílio, o Gramsci que emergirá será o *teórico da hegemonia* e, em consequência, começará a surgir uma nova concepção de "revolução". A crítica da idéia de revolução como "assalto" ao

poder, que já havia sido esboçada na última etapa da revista *Pasado y Presente*, abre passo para a idéia de revolução como um **processo histórico**, cujo conteúdo deveria ser, necessariamente, uma democracia radicalizada. A revista *Controversia*, fundada pelo grupo em 1979, será o âmbito privilegiado de discussão e formulação de um novo posicionamento diante destas questões.

No *sexto capítulo* abordaremos a questão da reinserção do grupo na retomada da democracia na Argentina e as relações com o projeto político encabeçado pelo presidente Raúl Alfonsín. A reformulação do lugar e papel da democracia e a crítica da esquerda "revolucionária" serão os eixos da inserção do grupo no novo processo político. O grupo, centrado nas figuras de José Aricó e Juan Carlos Portantiero, associa-se com o grupo da revista *Punto de Vista* na fundação do *Club de Cultura Socialista* e da revista *La Ciudad Futura*, conservando cada qual suas singularidades. A partir do *Club de Cultura Socialista*, uma rede de influência cultural alcança o próprio presidente da nação.

Finalmente, no *sétimo capítulo*, discutiremos a sorte do pensamento gramsciano na nova democracia política argentina na década de 80, o corte cultural na transmissão da "cultura gramsciana" entre as gerações pré e pós-ditadura e algumas possíveis perspectivas de seu desenvolvimento à luz de recentes experiências dos anos 90. Contrariamente a alguns questionamentos sobre a capacidade do pensamento gramsciano para pensar a questão democrática, vindos do interior do grupo dos "gramscianos argentinos", veremos como aparece uma disputa do legado gramsciano pela esquerda "revolucionária", que tenta se apropriar de Gramsci para fundar sua perspectiva de intervenção política. Ao mesmo tempo, veremos dois tipos de reações da direita política: se no início da etapa democrática a direita mais conservadora deflagrou uma campanha contra o *perigo gramsciano*, já no final da década encontraremos uma tentativa de apropriação "perversa" do pensamento de Gramsci por parte de intelectuais de direita vinculados ao projeto do Presidente Carlos Saúl Menem, na tentativa de fundar uma nova perspectiva hegemônica.

Na abordagem do conjunto de problemas expostos na construção de *Pasado y Presente* como "objeto teórico", a perspectiva de uma "continuidade histórica" tem uma importância fundamental, motivo pelo qual consideramos conveniente abordar mais amplamente, nesta introdução, algumas questões relativas a este ponto.

Um objeto escorregadio

As pegadas de um empreendimento cultural com o nome de *Pasado y Presente* são registráveis durante quase três décadas na América Latina. Contudo, definir qual é a “entidade” que este nome representa é uma questão não isenta de dificuldades. Por um lado, *Pasado y Presente* foi uma **editora**: aquela que publicou durante mais de quinze anos seus famosos *Cuadernos de Pasado y Presente*, chegando a noventa e oito títulos ao longo da sua história. Mas, num registro histórico anterior, por *Pasado y Presente* se reconhece também uma **revista**, cujo subtítulo rezava: *Revista de ideología y cultura*. Editada primeiramente entre junho de 1963 e setembro de 1965, terá uma segunda breve fase entre junho e dezembro de 1973. Ainda, num registro “subjetivo”, fala-se do **conjunto de pessoas** que operavam estas e outras experiências editoriais e políticas como o “*grupo de Pasado y Presente*”, e enquanto grupo, orientado por uma série de idéias, objetivos, etc., na cultura e na política.

Como “grupo”, *Pasado y Presente* seria uma parte da esquerda cordobesa dos anos 60 que adquiriu, naquele momento, as características de um movimento: amplo e difuso, mas centralizado na referência ao seu núcleo fundador. Nesse caráter, em 1964, estabelece relações políticas e alguma funcionalidade operativa com a guerrilha do EGP, foco guerrilheiro dirigido pelo jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti e assentado no noroeste argentino vinculado estrategicamente à guerrilha de Che Guevara na Bolívia. Superada a etapa “guerrilheira” e depois de passar por uma tentativa de aproximação com o mundo operário cordobês, no marco político e social da ditadura instaurada em junho de 1966, o grupo encabeçado por Aricó definirá, em 1968, sua estratégia de intervenção na política através de formas culturais, fundando a editora *Pasado y Presente* e publicando os *Cuadernos*, que proporcionaram uma atualização e renovação do universo marxista. Estabelecido em 1970 na cidade de Buenos Aires, o grupo participará de várias experiências editoriais, dentre elas -e a mais importante- a fundação da sucursal argentina da editora *Siglo XXI*, publicará a segunda fase da revista *Pasado y Presente*, e ocupará um lugar visível, numa relação complicada mas próxima, ao lado da organização armada *Montoneros* nos primeiros anos da década de 70. Nos mesmos anos 70, imediatamente depois do golpe de Estado de março de 1976, no exílio mexicano, os *membros*

do grupo realizam um extenso trabalho de difusão cultural através das aulas nas universidades, dos seminários, da edição de revistas, da edição dos *Cuadernos*, e da discussão das idéias de Gramsci e de Mariátegui. Finalmente, a "aura" do "grupo" reaparecerá na recuperação da democracia política na década de 80, assessorando o novo presidente, Raúl Alfonsín, na criação do *Club de Cultura Socialista* e da revista *La Ciudad Futura*, e na definição e fundamentação do campo de uma nova *esquerda democrática*.

Contudo, a atribuição do conjunto destes acontecimentos a alguma coisa que seja "*grupo de Pasado y Presente*" provoca questionamentos. No caso extremo, alguns membros do que poderia ser chamado "grupo originário", ou "fundador", negam redondamente que alguma vez tenha existido alguma coisa que pudesse ser designada como um "grupo". O núcleo fundador da revista, encabeçado por José Aricó e composto por Oscar del Barco, Héctor Schmucler e Samuel Kieckovsky, teria sido, segundo del Barco, um "núcleo de amigos", não um "grupo": "*Si alguna vez fue un 'grupo', fue un grupo como una nube*", diziamos em entrevista. Já para Héctor Schmucler, é difícil definir aquilo que poderia ter sido, em termos organizativos, *Pasado y Presente*: "*Creo que decir 'una nube' es demasiado difuso –afirmou-nos– pero creo que hablar de un 'grupo' puede llevar al equívoco de pensar en cierta organicidad y cierto programa que no teníamos*".

Portanto, a definição do que seja o alcance da experiência *Pasado y Presente* é uma questão complicada. Para os dois "fundadores" que citamos, a experiência de *Pasado y Presente* está situada no espaço e no tempo: no período da primeira etapa da revista, na cidade de Córdoba. A posterior é "outra história". Até a segunda etapa da revista *Pasado y Presente*, em Buenos Aires, já seria uma "outra história".

Do ponto de vista historiográfico, existe uma espécie de "relato oficial" da história da experiência, embora como "história" esse relato seja incompleto. Trata-se da reconstrução que faz José Aricó, no livro *La cola del Diablo* (1988)². No início mesmo do prólogo, onde Aricó anuncia que o livro será uma ocasião propícia para realizar "*la reconstrucción de las peripecias intelectuales y políticas de un grupo que ya desde fines de los años cincuenta se propuso entre otras*

² *La Cola del Diablo*, Buenos Aires: Puntosur, 1988. A primeira versão do texto foi uma comunicação para um seminário realizado em Ferrara, Itália, dedicado a discutir a relação de Gramsci com a América Latina. Este texto, que constitui o único trabalho abrangente sobre a especificidade do tema abordado, é uma referência necessária para nossa pesquisa e o diálogo crítico com ele é inevitável. Portanto, o leitor se encontrará com freqüentes referências ao livro.

cosas encarar la difusión de sus escritos [de Gramsci] y la apropiación del riquísimo flujo de ideas que de ellos emanaba", as dificuldades para a definição daquilo que seja o sujeito dessa experiência transparecem na ambigüidade da sua fala:

La narración, en consecuencia, no podía dejar de adoptar **un tono personal o grupal que me condujo a escribir en primera persona** una historia de la que tanto yo como el núcleo de amigos que dimos inicio en 1963 a la experiencia de Pasado y Presente fuimos directos participantes. (Aricó, 1988: 11. Negritos, RB)

Com efeito, a história contada por Aricó desliza ora para o relato "grupal" ora para o "pessoal". O próprio Aricó mostra-se consciente – embora essa consciência não resolva os problemas que anuncia – das dificuldades que envolvem o tipo de relato que realiza. No primeiro capítulo do texto, no qual fará uma série de "considerações preliminares" colocadas como "dificuldades" para a realização do projeto que encara – que sinteticamente denomina "*a geografia do gramscismo na América Latina*" –, Aricó assinala uma dificuldade que talvez seja, diz,

...la más difícil de resolver por cuanto obedece a razones casi personales. Y me resisto a decir grupales para no comprometer a los compañeros presentes en el coloquio de Ferrara, y a los que lamentablemente no estuvieron, que nos nucleamos en torno a un nombre que tomamos de uno de los cuadernos de Gramsci, Pasado y Presente, pero en el interior del cual cada uno fue gramsciano a su manera. (Aricó, 1988: 27-28)

O dilema em que Aricó parece oscilar é o de definir se as "peripécias" que relatará seriam em realidade grupais, num sentido estrito, ou pessoais. Aricó pensava que não devia contar essa história numa estrita primeira pessoa do singular e decidiu-se por um relato "grupal-individual", com as oscilações que ele próprio assinala e que, no texto, expressam-se na troca da 1ª pessoa do relato: às vezes "eu", às vezes "nós", e às vezes não se sabe muito bem quem é esse "nós".

Na ocasião de um primeiro breve encontro que tivemos com Héctor Schmucler em dezembro de 1995, na cidade de Córdoba, durante o qual apresentamos o projeto que agora desenvolvemos, Schmucler se apressou a fazer uma recomendação que tentamos levar em conta no trabalho: "*Cuidado con la lectura del libro de Aricó! Ahí Pancho nos hace a todos más gramscianos de lo que realmente éramos*".

Com efeito, em tom de confiança se pergunta Aricó em *La cola del diablo*, dialogando com o leitor: “*A qué deseo referirme cuando hablo de razones personales?*”, e responde imediatamente:

Sólo al hecho de que mantengo desde hace más de treinta años una relación muy especial con nuestro autor [Gramsci], y esto que para los europeos es un hecho meramente anecdótico, sospecho que para nosotros, latinoamericanos, puede tener una significación mayor que la biográfica personal. (Aricó, 1988: 28)

Conhecedor da relevância do seu trabalho na América Latina, Aricó não tem dele uma consciência falsamente modesta, mas sabe que deve dividir os méritos desse enorme esforço de difusão cultural com seus velhos companheiros de estrada, ressaltando, portanto, a idéia de realizações “grupais”. Não por acaso seu principal texto teórico, *Marx e a América Latina*, tem a seguinte dedicatória: “*a mis compañeros del grupo Pasado y Presente*”.

Mas talvez o mais vivo testemunho do dilema em torno do sujeito das obras que relata se encontre na seguinte colocação, no final do prólogo em questão. Voltando ao tema – o sujeito que fala no seu livro –, Aricó faz a seguinte “confissão”:

Al mismo tiempo quiero dar fe de la constancia de una devoción. Desde hace más de treinta años la figura de Gramsci me acompaña como la sombra al cuerpo, como una presencia que acude diariamente a mis llamados y con la que entablo infinitas disquisiciones imaginarias. Es posible -lo dije al comienzo y lo reitero el final- que esta afección inquebrantable me haya traicionado al punto de **presentar como una historia generacional lo que no es más que la crónica de un itinerario personal** (Aricó, 1988: 17. Negritos, RB).

De fato, no centro deste conjunto de eventos que relataremos nas próximas páginas, encontramos a figura destacada de José María “Pancho” Aricó, peça-chave que enche de sentido uma história segmentada, e sem a qual seria difícil articular uma unidade adequada entre suas partes. Assim, o “sujeito” desta experiência cultural e política se contrai ou expande em torno da figura de Aricó.

A presença unificadora da figura de Aricó, a permanente e fundamental ancoragem no pensamento gramsciano, e a mencionada estratégia de intervenção cultural na política são os elementos principais que nos permitem construir a perspectiva de uma continuidade histórica da experiência que percorre três décadas de história argentina e latino-americana. Contudo, ainda sobre este ponto, uma outra razão se nos revela significativa na defesa da perspectiva “de continuidade” no estudo desta experiência: se o golpe de Estado de março de 1976 representa o ponto mais trágico de uma história social e

política marcada pelas rupturas e descontinuidades na sociedade argentina, então a necessidade de descobrir e ressaltar os elementos de continuidade cultural na tradição das forças políticas e sociais transformadoras se torna, em nossa visão, uma tarefa de relevância e, portanto, mais uma razão em defesa de nossa perspectiva interpretativa.

Neste sentido, é necessário mencionar um certo vazio sobre o tema que nos ocupa na escassa bibliografia sobre a esquerda argentina nos anos 60 e 70. Apesar da distância histórica, que já deveria ter “limpado” o espaço intelectual da dura interferência das paixões que se cruzaram naqueles dramáticos anos argentinos das décadas de 60 e 70, a literatura sobre as diversas correntes e experiências da esquerda política é ainda extremamente limitada. O vazio em torno de *Pasado y Presente* é ainda mais surpreendente, sobretudo levando em conta sua importância cultural na década 63-73 e os desenvolvimentos posteriores, em que o “mito” *Pasado y Presente* continuou a fazer história. Salvo o caso destacado do livro de Oscar Terán, *Nuestros años sesenta* (1991) – que visa a discutir a formação da esquerda intelectual argentina entre os anos 55 e 66, e que dedica várias páginas à análise de alguns conteúdos da primeira série da revista *Pasado y Presente* –, e algumas referências no livro de Silvia Sigal, *Intelectuales y poder en la década del sesenta* (1991), que aponta para um objetivo similar, além de alguns poucos artigos em revistas³, o silêncio é chocante. Em pesquisas referidas especificamente ao tema da “nova esquerda”, como a publicada no livro *La nueva izquierda argentina: 1960-1980*, de Claudia Hilb e Daniel Lutzky (1984), nenhuma referência a *Pasado y Presente* é encontrada. Nem sequer mereceu umas linhas na “cronologia” que os autores fazem do processo de formação da “nova esquerda”. No livro *La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina 1966-1973*, de Eduardo Anguita e Martín Caparrós (1977), nenhuma referência relevante é encontrada, nem sequer quando trata de fatos importantes que relacionam a experiência que estudamos com a vida de alguns dos personagens reais em torno dos quais os dois tomos do livro – de 700 páginas cada um, diga-se de passagem – se constroem⁴.

3 Basicamente “Los gramscianos argentinos”, de Aricó, publicado na revista *Punto de Vista* (artigo que é uma das origens do livro *La cola del diablo*); vários artigos aparecidos no dossiê dedicado a Aricó pela revista *La Ciudad Futura* (No. 30/31, Dez. 1991); o artigo “*Crisis y creación. Apuntes para una historia de la revista Pasado y Presente*”, de Alicia Rubio, aparecido na revista *Estudios* No. 5, (Córdoba, janeiro de 1995), número em boa parte dedicado a Aricó.

4 Por exemplo, a história das disputas entre “*Cátedras Nacionales*” y “*Cátedras Marxistas*”, no começo dos anos 70, da qual tratamos no capítulo IV do presente texto.

Se a história da esquerda argentina, de suas correntes ideológicas, de suas experiências positivas ou traumáticas, de seus projetos de sociedade, ainda está por ser escrita, seguindo o rastro das idéias gramscianas, tentaremos mostrar as peripécias do grupo de práticas culturais e políticas, coletivas e individuais, que conformam a experiência de *Pasado y Presente*, e com isto contribuir, tomara, para a explicitação dessa história.

PRIMEIRA PARTE

OS ANOS 60: LOUVOR DA REVOLUÇÃO

Capítulo 1

Das primeiras notícias sobre Gramsci à fundação da revista *Pasado y Presente*

1.1. Gramsci na Argentina

Antes da Editora *Lautaro* publicar pela primeira vez em língua não italiana a edição togliattiana das *Cartas do Cárcere*, e fora da cultura comunista, o posteriormente reconhecido escritor Ernesto Sábato dava, em 1947, as primeiras notícias sobre o epistolário gramsciano na revista *Realidad*¹. As *Cartas* acabavam de ganhar, no mesmo 1947, o prêmio *Viareggio*, máximo galardão literário da Itália e, no Nº 6 da revista (nov/dez de 1947), Sábato escrevia um emocionado comentário sobre a publicação da coletânea das *Cartas do Cárcere*, convertendo-se na primeira referência relevante da trajetória de Gramsci em território argentino. No seu comentário, dizia Sábato:

El que lea esta colección de cartas familiares se maravillará y se emocionará ciertamente por el coraje y el temple de este hombre físicamente débil; pero más se sorprenderá de su carencia de odio, de su imparcialidad, de su invariable sentido crítico, de su amplitud filosófica, de su falta de sectarismo"... (Sábato, 1947: 410)

Segundo Aricó (1988: 191), o artigo seria muito provavelmente o primeiro comentário em língua espanhola dedicado a resgatar a figura de Gramsci como pensador e homem de ideais ^{Nota 1}.

Contudo, o fato mais relevante da época em torno da difusão gramsciana foi a publicação, em 1950, das *Cartas desde la cárcel*, pela Editora *Lautaro*. O livro, informa-nos Aricó, foi publicado por iniciativa de Gregorio Weimberg, diretor da coleção "*Crítica y polémica*", na qual se incluiu. O clima cultural havia-se transformado pelos efeitos da ascensão do peronismo e começo da guerra fria, e um sentimento anticomunista imperava na sociedade argentina, o que deve servir de marco para interpretar o escasso efeito cultural da difusão das cartas: por exemplo, o fato parece ter passado inadvertido, conforme veremos mais à

¹ *Realidad*, subintitulada "*revista de ideas*", foi publicada em Buenos Aires entre 1947 e 1949 (dezoito números) por um grupo de intelectuais democráticos organizados em torno da figura do filósofo Francisco Romero, que foi seu Diretor. Contando com colunistas como Renato Treves e o por essa época desconhecido Norberto Bobbio, trazia freqüentes crônicas da vida intelectual européia. Pela qualidade dos intelectuais reunidos e temas abordados, a revista era uma referência obrigatória para a intelectualidade da época. (Fonte: Aricó, 1988: 192)

frente, para um núcleo forte da intelectualidade liberal como era o agrupado na revista *Sur*.

A edição argentina das *Cartas* tinha um prólogo de Gregorio Bermann, que foi reproduzido em separata pelo semanário comunista *Orientación*. O prólogo de Bermann fazia referência à então recente publicação italiana dos *Caderni dell Cárcere*. Para Bermann, o modo gramsciano de se colocar frente à complexidade do real fazia da leitura dos seus textos uma tarefa imprescindível, “no para buscar explicaciones que no estaban en condiciones de dar, sino para descubrir la creatividad de una forma de proceder” (Aricó, 1988: 138). O interesse das informações trazidas por Bermann pode ficar nítido neste comentário de Aricó, onde expressa:

...El profundo reconocimiento para quien en mis años juveniles me permitió acceder al conocimiento de una figura intelectual de tanta gravitación en nuestra futura vida intelectual y política. Todavía recuerdo el deslumbramiento y la impaciente inquietud que despertó en mi mente la lectura de esa plana de *Orientación* que incorporaba el texto de Bermann. (Aricó, 1988: 138)

Em 1951, nos marcos de uma campanha deflagrada por um amplo setor da intelectualidade não peronista (que contava com os comunistas entre os seus principais promotores), centrada na figura de Esteban Echeverría e concebida como uma réplica à política cultural do governo, aparece o livro de Héctor Pedro Agosti *Echeverría* (Buenos Aires, Editorial Futuro). Nele, Agosti realiza uma complicada operação político-historiográfica, usando como arcabouço teórico o modelo de análise empregado por Gramsci para o estudo do *Risorgimento* italiano. Na próxima seção veremos mais alguns detalhes do trabalho de Agosti no livro. Aqui, queremos apenas assinalar o fato de que o livro apresentava ao leitor argentino, pela primeira vez, importantes elementos analíticos da obra de Gramsci, mesmo que de um modo complicado, como adiante se verá.

Em fevereiro de 1953, no seu número 9-10, a revista *Cuadernos de Cultura* publicou, sob o título “*El antifascismo de Antonio Gramsci*”, uma conferência que o principal dirigente comunista italiano da época, Palmiro Togliatti, tinha pronunciado, em 23 de março de 1952, na Sociedade de Cultura de Bari, Itália. A publicação da conferência – que, segundo Aricó (1988: 48), “*fue tal vez el primer texto de largo aliento que nos permitió disponer de una reconstrucción precisa de la evolución de las posiciones ideales y políticas en el período anterior a su arresto*” – trazia duas novidades fundamentais: em primeiro lugar, numa breve apresentação do texto denominada “*Noticias sobre Gramsci*”, Héctor Agosti dava, pela primeira vez, uma pequena biografia política de Gramsci que permitia contextualizar mais precisamente sua trajetória, e formulava, também pela

primeira vez, uma tese para a qual voltou repetidamente nos anos posteriores. No texto de Agosti, afirma Aricó, se *"proyectaba una orientación de lectura de los textos de Gramsci que constituyó para nosotros casi una palabra de orden"*. A tese em questão, que já se encontrava "em obra" no livro *Echeverría*, simplesmente postulava a "similitude" de alguns problemas entre a Itália e Argentina.

Sus notas de la cárcel (...) están siempre movidas por esa preocupación fundamental de destacar el papel histórico de los intelectuales en la formación de la sociedad italiana. Las meditaciones de Gramsci a este respecto -las que se encuentran en *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura*, en *Il materialismo storico* e la filosofía de Benedetto Croce, en *Letteratura e vita nazionale*, etc.- constituyen un aporte primordial para la elaboración de una teoría marxista de la cultura, y **asumen singular interés para los argentinos por la similitud de algunos problemas de la formación nacional de la cultura y de sus comunes fuentes liberales.** (Agosti, 1953: 40) [Negritos RB]

Agosti finalizava seu texto colocando Gramsci como *"acaso el ejemplo más admirable de energía moral y ejemplo igualmente admirable de penetración crítica"*. Isto é, junto com os aspectos morais, destacava características teóricas relevantes que permitiriam, em tendência, superar a matriz meramente ética da sua difusão – que, desde o primeiro momento, o PCA fomentou –, descobrindo o Gramsci teórico do marxismo, e convocava os leitores para uma lembrança mais constante da sua figura e uma leitura mais assídua da sua obra.

A segunda novidade se encontrava na própria conferência de Togliatti. Falando sobre a Itália do pós-guerra, quando a frente antifascista se dissolvia e cada força construía apressadamente seu espaço político, Togliatti fazia uma longa reflexão sobre o "antifascismo" e sua "ideologia", junto com as condições que haviam possibilitado a junção de forças tão díspares como as reunidas na citada frente antifascista. Para isto, contrastava a abordagem liberal de Benedetto Croce e a posição metodológica de Antonio Gramsci. Enquanto, para Croce, o fascismo era *"una peste intelectual y moral no ya de clase sino sentimental, de imaginación y de voluntad genericamente humana (...) un movimiento audaz, carente de toda fe, de todo sistema positivo de ideas, pero que renegaba de todo el pasado, se rehusaba a dar justificación de su apoderamiento de los poderes del Estado..."* (em, Agosti, 1953: 49), a abordagem gramsciana se propunha a buscar, na teia da história italiana, as premissas para o mergulho da sociedade italiana na experiência fascista.

Embora Agosti forçasse o texto de Togliatti numa tradução acrítica de **fascismo** por **peronismo**, o encontro com a abordagem gramsciana iria servir de

molde para uma tentativa de explicação não liberal (no sentido de “não croceano” – acima exposto) da experiência peronista.

A comienzos de 1953 tradujimos el antifascismo de Gramsci en clave definitivamente antiperonista, pero manteniendo, no obstante, una distancia crítica, respecto de la oposición liberal (...). La profunda diferencia metodológica que distinguía a Gramsci de Croce en la consideración del fenómeno fascista nos ayudó de algún modo a evitar la pura y simple identificación del peronismo con dicho fenómeno, que fue el error de analogía en que terminaron entrapados los opositores al gobierno de Perón. (Aricó, 1988: 50)

Assim, do mesmo modo que Gramsci tinha procurado na história italiana os traços que levariam ao presente fascista, idêntica tarefa deveriam propor-se os comunistas, saindo de uma lógica que os colocava “*objetivamente junto a esas mismas fuerzas de conservación que rehusaban a admitir un cambio radical del orden económico-social*” (Aricó, 1988: 51), e que observavam o peronismo como *fato maldito*, como “*peste*”.

Fora da cultura comunista, além do artigo liminar de Sábato, aparecem, já na década de 50, dois outros fatos que indicam a difusão da figura de Gramsci e devem ser mencionados:

1. Em 1953, a revista literária *Sur*, em número dedicado às letras italianas, incluiu algumas das cartas de Gramsci, que foi apresentado como “*el iniciador y animador de la renovación de la vida social e política italiana*” (*Sur*, 1953: 333). O fato é de importância devido ao lugar destacado dessa publicação na produção cultural da época e pela influência da revista dirigida por Victoria Ocampo (que contava com figuras relevantes, como Jorge Luis Borges) sobre camadas importantes da intelectualidade, e é indicativo da importância atribuída à cultura italiana na época, particularmente ao cinema e à literatura². Junto com essa matriz literária da apresentação de Gramsci, onde seguramente ressoava ainda o fato de as *Cartas* terem ganho o prêmio *Viareggio*, as cartas escolhidas³ destacavam o perfil civil e moral do autor e foram apresentadas pelos editores da revista como “*un extraordinario testimonio moral*” (*Sur* Nº 225, 1953: 333). As cartas publicadas foram tomadas diretamente da edição italiana *Lettere dell*

² Na apresentação da revista, diz Vitoria Ocampo, referindo-se ao papel cultural jogado por Vittorio de Sica e Zavattini no cinema: “*Ellos han hecho por el cine italiano lo que los autores cuyos textos publicamos [entre eles Gramsci] han hecho por la literatura italiana: colocarlo en primera fila*”. (“*Al lector*”, San Isidro, Buenos Aires, setembro de 1953. *Sur*, No. 225, pág. 6)

³ São publicadas as seguintes cartas, entre as páginas 25 e 33 da revista: Carta CXLVI, a Julia, 5-9-32; Carta CXLVII, a Tania, 12-9-32; Carta CXLVIII, a Mamãe, 12-9-32; Carta CXLIX, a Tatiana, 3-9-32; Carta CL, a Tania, 10-10-32; Carta CLI, a Delia, 10-10-32; Carta CLII, a Tania, 24-10-32; Carta CLIII, a Julia, 24-10-32; Carta CLIV, a Julik; Carta CLV, a Grazieta, 31-10-32; Carta CLVI, a Tania, 31-10-32; Carta CLVIII, a Grazieta, 21-11-32.

carcere (Giulio Einaudi Editore, Torino, 1947), com tradução de María Cueva, sem nenhuma menção à existência da edição de 1950, da *Lautaro* das *Cartas* em espanhol. O fato – curioso, dada a cuidadosa preparação das edições de *Sur* –, indica que os editores desconheciam, até 1953, a existência da edição da *Lautaro*, o que é interpretado por Aricó (1988: 195) como a evidência da brecha aberta entre a cultura da esquerda comunista e a vertente liberal-democrática reunida em *Sur* (Aricó, 1988: 195).

2. O segundo fato foi a publicação, em 1956, pela editora *Raigal*, do livro de Rodolfo Mondolfo *"El materialismo histórico en F. Engels"*. O texto original em italiano era de 1955 e trazia como apêndice o ensaio *"En torno a Gramsci y a la filosofía de la praxis"*. Sobre o próprio livro de Mondolfo, será o mesmo Aricó quem descarregará, na época, o peso da crítica num artigo da revista *Cuadernos de Cultura*⁴.

A publicação desse livro era de importância devido pelo menos a três circunstâncias: em primeiro lugar, à celebridade intelectual de Mondolfo e ao prestígio de que gozava o filósofo italiano, radicado na Argentina desde 1939, entre seus pares argentinos. Partidário de um marxismo entendido como "concepção crítico-prática da história", através de seus estudos "histórico-críticos", tentava colocar-se como intérprete fiel da teoria de Marx, questionando duramente sua versão leninista e stalinista.

Em segundo lugar, pelas particularidades da editora *Raigal* na cultura argentina daquela época: com um trabalho editorial que procurava *"suministrar aquellos elementos concretos necesarios para que una nueva élite política en gestación – y que creía saber lo que debía hacerse después de ocurrida la esperada caída de Perón – pudiera efectivamente realizarlo"* (Aricó, 1988: 196), e animada por intelectuais próximos à corrente interna do Partido Radical (partido daquele que pouco tempo depois seria presidente, Arturo Frondizi), a editora publicou uma importante quantidade de obras sobre a história das idéias econômicas e sociais. Entre elas, uma obra liminar da sociologia argentina: *Estructura social en la Argentina*, de Gino Germani. Visto desta maneira, o próprio texto se incluía num certo tipo de projeto cultural para o qual os

⁴ "Marxismo versus leninismo?", em *Cuadernos de Cultura* No. 33, Dezembro de 1957, PP. 90-96. Posteriormente, em *La cola del Diablo*, Aricó se referirá àquela resposta como *"un injustificado y burdo ataque a una perspectiva analítica que debería haberme inspirado una polémica menos doctrinaria"*: *"Mi respuesta a lo que consideraba una crítica 'revisionista' del marxismo evidencia la imposibilidad en que me encontraba -y no sólo yo, por supuesto- de aceptar un plano analítico que de algún modo pusiera en cuestión la identificación de Gramsci con Lenin, que era mi punto de partida"* (Aricó, 1988: 200).

editorialistas achavam pertinentes as idéias e os problemas tratados por Mondolfo, e assim foi difundido entre essa larga franja da intelectualidade da época⁵.

Em terceiro lugar enumerativo, mas primeiro em importância, pelos efeitos teóricos do texto, já que Mondolfo realizava, no mencionado ensaio, uma espécie de *ajuste de contas com Gramsci*⁶.

Localizando-o no interior da tradição do marxismo italiano numa linha de continuidade com Antonio Labriola (e, com isso, próximo de seu próprio pensamento), Mondolfo trazia o Gramsci "filósofo da praxis". Este fato é relevante dado o papel fundamental da filosofia na formação da nova geração de intelectuais que se estava gestando na Argentina pós-peronista.

Assim, afirmava Mondolfo, "*creo que no sin razón ha trazado Matteucci⁷ cierta línea de continuidad en el marxismo italiano desde Labriola a Mondolfo y a Gramsci*". Nos marcos dessa proximidade admitida, Mondolfo estudava no texto divergências e convergências entre ele e Gramsci que revelavam várias facetas fundamentais do pensamento gramsciano ainda não destacadas na Argentina. Primeiramente, mostrava a profundidade da crítica gramsciana ao pensamento "catastrófico", ao materialismo metafísico, ao determinismo mecanicista – em particular ao determinismo econômico – dentro do marxismo. Vejamos brevemente o Gramsci que Mondolfo apresentava ao leitor argentino.

Parto de la distinción que hace Mateucci en su libro sobre Gramsci (p.8) de tres corrientes interpretativas del materialismo histórico: 'Unos confían el advenimiento de la sociedad socialista a la catástrofe final, necesaria y automática, de la economía capitalista; otros, al mito de la huelga general; otros a la función del partido, vanguardia consciente de la clase obrera que ... uniendo la potencia teórica y la experiencia práctica organizadora... puede instaurar la sociedad socialista en el país donde el eslabón de la cadena del imperialismo es más débil'. De estas tres interpretaciones, advierte Matteucci, Gramsci critica a fondo las dos primeras: 'el materialismo vulgar, y en particular el de Bujarin, y la teoría de la espontaneidad revolucionaria presentada en las *Consideraciones sobre la violencia de Sorel*', y acoge en cambio la tercera, que es la de Lenin y Stalin, dando como ellos, importancia esencial al concepto de *hegemonía*. (Mondolfo, 1986: 213)

⁵ Deve acrescentar-se, em torno das dimensões da difusão, que o apêndice sobre Gramsci é inserido, já como capítulo, na primeira edição do livro *Marx e Marxismo*, do próprio Mondolfo, em 1960, e posteriormente reeditado em 69, 75, 81 e 86.

⁶ Deve-se lembrar que, já em 1919, Gramsci tinha escrito sobre Mondolfo, no artigo "Leninismo e marxismo de Rodolfo Mondolfo":

"...O seu amor pela revolução é amor gramatical (...) O fato essencial da revolução russa é a instauração de um novo tipo de Estado: o Estado dos Conselhos. Para ele se deve dirigir a crítica histórica (...) Inépcias para Mondolfo, que não tem isto em nenhuma conta. Ele quer precisão gramatical de um Estado que é obrigado a empregar todo seu poder e todos os seus meios para subsistir (...) que (...) demonstra uma possibilidade de desenvolvimento social na revolução russa que escapa completamente a Mondolfo, como ao gramático escapa sempre a alma da poesia". (Gramsci, 1976)

⁷ Nicola Matteucci, "*La cultura italiana e il marxismo dal 1945 al 1951*", em *Rivista di Filosofia*, 1953.

Esta será a matriz geral da análise de Mondolfo, enfatizando, no capítulo das suas *diferenças* com Gramsci, o seu "jacobinismo", vinculando-o ao tratamento da questão do *partido* (a temática gramsciana do *príncipe moderno*). No lado das *convergências*, Mondolfo destacava o fato de que Gramsci "*reconoce a la orientación de las conciencias y de las voluntades una importancia esencial en el proceso histórico*", assinalando, no mesmo sentido e seguindo Matteucci numa leitura não togliattiana⁸, que:

La preferencia que manifiestan los cuadernos de Gramsci por la expresión "*filosofía de la praxis*", en lugar de "*materialismo histórico*", no se debe tanto, como para otras expresiones, a la necesidad de eludir las sospechas de la censura carcelaria (sobre la cual llama la atención el editor de sus notas), como al hecho de que la segunda expresión estaba "*demasiado ligada a una concepción determinista inferior del marxismo*". (Mondolfo, 1986: 215)

Por outra parte, Mondolfo apresentava a crítica gramsciana ao critério metafísico de objetividade no marxismo de Bukarin – discussão que, como veremos mais à frente, terá um papel relevante na separação da corrente gramsciana do PCA que levará à formação de *Pasado y Presente* –, expondo a idéia gramsciana do "objetivo" como aquilo que corresponderia ao "historicamente subjetivo" e que poderia significar precisamente "universalmente subjetivo". Desse modo, afirmava Mondolfo, em Gramsci "*la objetividad no es concebida en términos de filosofía materialista, sino de filosofía de la praxis*" (Mondolfo, 1986: 213).

Mondolfo discutia as suas divergências com Gramsci como "contradições" internas do pensamento gramsciano⁹, e colocava os pontos divergentes como "teses de Gramsci conformes com a teoria e a prática bolcheviques". Como já mencionamos, as discordâncias se encontram em dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, na teoria do partido como moderno príncipe, Gramsci estaria postulando uma divisão não necessária entre a "massa" e uma elite organizadora e esclarecedora da massa, divisão que o próprio Gramsci pretendia superar; em segundo lugar, na sua concepção "jacobina" de revolução que "força os tempos", Gramsci estaria passando por cima dos "critérios marxistas de madurez histórica", apresentados mais de uma vez pelo próprio Gramsci

⁸ O código de leitura inaugurado por Togliatti expressava que uma série de conceitos aparentemente novos de Gramsci não era mais do que um modo de disfarçar (para a censura carcerária) outros conceitos marxistas: por exemplo, "*Filosofia da praxis*" por "*Materialismo histórico*". O esquema togliattiano foi criticado pelos comentadores que pretendiam afirmar a originalidade de Gramsci em vários aspectos, como é o caso de Mondolfo no texto em análise, e é repetido até hoje por aqueles que pretendem afirmar a continuidade de Gramsci à tradição leninista (Anderson, 1976; Petras, 1990; Borón, 1983; etc.).

⁹ Muitos anos depois, P. Anderson (1976) voltará a realizar, num outro registro, um exercício de busca e explicitação de contradições internas, ou "antinomias", na obra gramsciana.

como “os dois princípios fundamentais” da filosofia da praxis¹⁰. Não obstante as críticas, no final do texto afirmava Mondolfo:

...Al mismo tiempo debemos reconocer lealmente que hay un Gramsci profundamente marxista que se subleva con nosotros contra el Gramsci leninista y stalinista, y que nos ofrece las argumentaciones y los medios para una confutación, cuya eficacia proviene precisamente del hecho de ser una autoconfutación. (Mondolfo, 1986: 237)

Como se vê, apesar das críticas, o texto de Mondolfo apresentava uma meditada versão de Gramsci distante dos comunistas e até daqueles, como Aricó, que usariam posteriormente as posições gramscianas em nome próprio.¹¹

Na valoração cultural deste texto de Mondolfo, deve-se levar em conta ainda a já mencionada influência, na Argentina, da cultura italiana de pós-guerra. Pensadores como Mondolfo e Renato Treves difundiram a cultura italiana, e traduziram e editaram a obra de Benedetto Croce e Francesco de Santis¹², entre outros.

1.2. Os comunistas e Gramsci

1.2.1. Primeira grande difusão latino-americana e escassa influência no PCA

Esse movimento “tendencialmente gramsciano” no interior do partido, mencionado por Aricó, nunca foi um elemento relevante da política do PCA, mas uma atividade limitada ao setor dos intelectuais comunistas vinculados ao

¹⁰ Gramsci denomina deste modo duas afirmações de Marx no Prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, a saber: primeiro, que “uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas sociais que ela é capaz de conter...” e, segundo, que “a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver, e assim, numa observação atenta, descobrir-se-á que o próprio problema só surgiu quando as condições materiais para o resolver já existiam ou estavam pelo menos em vias de aparecer”. Contudo, estes “princípios”, segundo Gramsci (1972: 83): “deben ser desarrollados críticamente en toda su importancia y depurados de todo residuo de mecanicismo y fatalismo...”.

¹¹ Em *La cola del Diablo*, Aricó assinala acertos e problemas da crítica de Mondolfo: “A la distancia, se puede reconocer la razón que le asistía a Mondolfo cuando cuestionó la experiencia soviética y la teoría leninista y con esta todas aquellas formulaciones de Gramsci en las que aparecía más adherido a una empresa de la que, no obstante, fue en los Cuadernos mucho más crítico de lo que Mondolfo (...) Es posible que la predilección por las precisiones gramaticales que éste [Gramsci] le criticó en 1919 lo traicionará una vez más cuando creyó descubrir en él un criterio de ‘madurez histórica’ idéntico al suyo y al que convirtió en una suerte de patrón de medida para juzgar los hechos. **No hay en Gramsci reconocimiento alguno de la autonomía de las estructuras ‘objetivas’; en definitiva, la resistencia inercial de las estructuras era producto de determinadas opciones culturales** y por esto su concepción tendía a colocarse más allá, y no más acá, de los mismos fundamentos de la teoría de Marx que Mondolfo, en cambio, aceptó *in toto* y de la que se propuso ser un intérprete fiel”. (Aricó, 1988: 199. Negritos, RB)

¹² Em menos de 10 anos se publicaram em Buenos Aires, duas versões da *História da literatura italiana* de Francesco de Santis: a edição de *Americalee*, em 1944, e a edição de *Losada*, em 1953.

trabalho cultural. Para o partido como tal, nunca existiu nenhum tipo de expectativa teórica vinculada ao pensamento de Gramsci. Como já indicamos, Gramsci era um herói político, não um “teórico” marxista.

Alguns velhos militantes comunistas ainda hoje conservam, entre outras lembranças dessa época de massivas campanhas antifascistas de meados dos anos 30 – centradas na solidariedade com a Espanha republicana –, a memória da campanha pela liberdade de Antonio Gramsci, coordenada mundialmente por Romain Rolland¹³. Laços estreitos ligavam os comunistas argentinos aos congêneres italianos. Os sobrenomes de uma grande quantidade de militantes e dirigentes argentinos, seu sotaque carregado, suas referências culturais e costumes, valeram-lhes o permanente repúdio do nacionalismo xenófobo. Assim, daquela época, daqueles vínculos íntimos, vinha o conhecimento de Gramsci como mártir da luta antifascista. Daquela época vinham as lembranças do seu exemplo moral, político, intelectual; o mito desse “cérebro poderoso”, sobre o qual o juiz que o condenara havia dito e ordenado: “*este hombre es un jefe: el jefe de todos los revolucionarios; hay que impedir que su cerebro funcione*” (em Agosti, 1953: 40), condenando-o ao silêncio carcerário.

Este era o status de Gramsci na cultura dos comunistas argentinos no clima político do pós-guerra, da derrota do nazi-fascismo: a figura de mártir revolucionário, exemplo de vida moral. E esta foi a matriz de difusão da obra gramsciana a que se propôs o PCA desde o começo dos anos 50 (sempre sublinhando a filiação do autor à tradição do “marxismo-leninismo”): a devida homenagem ao herói solitário, ao militante revolucionário que, nas piores condições dos cárceres fascistas, tinha continuado a pensar, a militar pela causa comunista. Essa figura ética era coerente com toda a literatura heróica fundada na gesta soviética da “grande guerra pátria”, que os comunistas continuaram a difundir como modelo virtuoso para as novas gerações até os anos 80 – a figura heróica do militante asceta, estóico, “imprescindível”, como diria Brecht.

O PCA produzirá, através da editora *Lautaro* a ele associada e sob a direção de Agosti, a primeira publicação na América Latina dos *Cadernos do Cárcere*, seguindo – parcialmente, já que publicou apenas quatro títulos – a edição italiana, organizada tematicamente por Palmiro Togliatti. O PCA tinha em torno de si uma importante rede de editoras: *Anteo*, que editava folhetos, pequenos livros e revistas, e *Cartago*, que editava livros, eram as editoras pertencentes ao

¹³ O manifesto de Rolland que encabeçava a campanha mundial era: “*Pour ceux qui meurent dans les prisons de Mussolini: Antonio Gramsci*”. O texto estava incluído no livro *Quinze Ans de Combat*, Paris, Rieder, 1935. Não sabemos se foi traduzido em língua espanhola.

PCA. Outras editoras (como *Quetzal*, dirigida por Domingo Cortizo; *Futuro*, dirigida por Raúl Larra; *Platina*, dirigida por Bernardo Edelman; a própria *Lautaro*, dirigida na época por Sara Maglione de Jorge, e outras), estavam associadas ao projeto editorial do PCA. A difusão fora do país era coordenada por outra firma editorial de importação e exportação, *Dirple*.

As edições da *Lautaro* – que publicava uma série de autores clássicos, como Miguel Hernandez, Antonio Machado, Césaire Pavese, etc. – eram de cinco mil exemplares, mil dos quais estavam destinados aos outros países da América Latina. Os materiais entravam legalmente, por via comercial, numa operação de importação-exportação coordenada por *Dirple* no Chile, Bolívia, Uruguai, Peru, Brasil, Colômbia, Venezuela, Panamá, Honduras, El Salvador, México. Em vários desses países se passava mais de uma vez por ano para apanhar os pedidos¹⁴.

Os quatro títulos dos *Cadernos do Cárcere* que a *Lautaro* edita são publicados entre 1958 e 1961. Assim, em 1958 foi publicado "*El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*", com tradução de Isidoro Flaumbaum e prólogo de Agosti; em 1960, "*Los intelectuales y la organización de la cultura*", traduzido por Raúl Sciarreta; em 1961, "*Literatura y vida nacional*", traduzido por José Aricó com prólogo de Agosti; e, em 1962, as "*Notas sobre Maquiavelo, sobre la política y sobre el Estado moderno*", com tradução, prólogo e notas de José Aricó¹⁵.

Levando em conta esse grande esforço editorial empreendido pelo PCA, poder-se-ia pensar numa importância particular do seu pensamento para o partido. Mas quais foram os resultados teórico-políticos, os efeitos intelectuais dessa difusão no interior do partido? Qual foi o Gramsci que leram os comunistas argentinos? Aricó põe em questão até a própria pergunta:

Apenas la pregunta se plantea no se puede dejar de reconocer que se funda en un equívoco. Porque en sentido estricto nunca hubo una incorporación de magnitud suficiente para que se justificara de manera plena la pregunta. La aceptación de su

¹⁴ Os dados nos foram fornecidos por Gregorio Levin (entrevista concedida ao autor, dez. 1996) que foi membro da editora *Lautaro* e, a partir de 1961, seu diretor. Membro do PCA, Levin formava parte dos militantes que faziam viagens de vendas dos livros do grupo editorial vinculado aos comunistas argentinos.

¹⁵ Posteriormente, em 1966, *Lautaro* se dissolve e vende os direitos da tradução para a editorial *Nueva Visión*. Na metade dos anos 70, a editorial mexicana *Juan Pablos Editor* começa uma reedição completa dos *Cadernos* a partir da tradução argentina e completa os dois volumes restantes, segundo edição em seis livros da editora *Einaudi*: em 1977 foi publicado "*Pasado y Presente*", com tradução de Gabriel Ojeda Padilla, e em 1980, "*El risorgimento*", com tradução e notas de Stella Mastrangelo. Deve anotar-se, portanto, o fato desses dois textos fundamentais não estarem disponíveis em língua espanhola antes dessas datas. No caso da língua portuguesa, até o presente não foram publicados, fato que não deixa de nos intrigar. Por que deixaram de ser publicadas justamente estas duas obras que não estavam disponíveis em língua espanhola, quando essa falta poderia ter sido motivo e ocasião para um esforço editorial?

figura sólo se dio a expensas del virtual desconocimiento de la especificidad de su obra (...) Y es por esto que si se quiere hablar con propiedad, se debería aclarar que la labor inicial de hacer conocer a Gramsci fue, en realidad, una actividad ajena a la tradición y a la cultura de los comunistas y comprometió únicamente a un sector muy limitado de sus intelectuales. (Aricó, 1988: 33)

De fato, são difíceis de achar os rastros dos efeitos da obra de Gramsci sobre o tipo de marxismo que cultivavam, sobre a linha política e a atuação política dos comunistas argentinos. Ecos da passagem pelo PCA sempre se conservaram na presença gramsciana na obra de Agosti, mas obscurecidos pelo silêncio teórico do Partido sobre o comunista italiano, pela ausência nos cursos internos do Partido, nos textos formativos, etc. O próprio fato de a editora *Lautaro* não ter completado a edição dos *Cadernos do Cárcere* deve ser considerado como outra consequência da sombra que caiu sobre Gramsci depois da expulsão, em 1963, do núcleo gramsciano que editava a revista *Pasado y Presente*, e da série de rupturas que esse fato inaugurou. O PCA nunca renegou oficialmente a obra política e teórica de Gramsci, mas também nunca fez nenhum uso das suas posições. Ao contrário, como lembra Aricó, uma figura todo-poderosa do Partido como Orestes Ghioldi teria privadamente (des)qualificado o dirigente italiano como “pobre corcunda apaixonado pela cunhada”¹⁶. Fato anedótico, mas que ilustra a consideração que os dirigentes comunistas argentinos tinham por Gramsci. Dissemos acima que o PCA “oficialmente” nunca o renegou, já que na prática a situação era bem outra. Por exemplo, assinala Waldo Ansaldi¹⁷: “en nuestras discusiones en los sesenta, en la universidad, la gente del PC era furibundamente anti-gramsciana. Del mismo modo que era furibundamente anti-Guevarista”^{Nota ii}.

Contudo, no interior do Partido se encontrava, ao mesmo tempo, uma figura do calibre de Agosti. Suas posições teóricas e políticas expressam uma modificação não trivial do tipo de intelectual que o PCA formava e continuou a formar durante longo tempo, com consequências relevantes para o tema que nos ocupa.

¹⁶ Expressões nada estranhas se levarmos em conta o modo extremamente agressivo do discurso polêmico dos comunistas quando se dirigiam aos adversários e *ironicamente cáustico* quando os interlocutores se encontravam no mesmo campo político. Modo que não era alheio ao estilo que Lenin, e toda uma tradição, cultivou no tratamento aos adversários teóricos ou políticos; estratégia discursiva que desqualificava o indivíduo antes que seus argumentos.

¹⁷ Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, dezembro de 1996.

1.2.2. A figura de Héctor Agosti e a importância posterior do grupo de trabalho da revista *Cuadernos de Cultura*.

Foi Héctor Pedro Agosti quem usou, pela primeira vez na Argentina, os elementos gramscianos para tentar repensar a história nacional fora da matriz liberal à qual a historiografia dos comunistas argentinos estava vinculada. Esse esforço teórico de Agosti começou em torno da comemoração dos 100 anos da morte de Esteban Echeverría - membro relevante de uma importante geração de intelectuais argentinos posterior à "revolução de maio", conhecida como "a geração de 37"¹⁸ -, com a publicação do livro *Echeverría*. Essa tentativa, segundo Aricó (1988: 21), "*formó parte de una propuesta, nunca claramente explicitada, de renovación ideológica y cultural, que encontró en Agosti su más inteligente y autorizado impulsor*" e não poderia ter sido realizada "*sin el estímulo y el respaldo de una personalidad como la de Agosti*".

A "*Campaña de recordación echeverriana*" foi impulsionada por um bloco de intelectuais do espectro político que tinha sido derrotado por Perón nas eleições de 1946, isto é, liberais-democráticos, socialistas, comunistas. A recuperação da doutrina democrática da "geração de 37", em particular de Echeverría, era concebida, em primeiro lugar, como resposta à gestão da cultura que praticava o governo do General Perón¹⁹ e, em segundo lugar, como uma batalha contra a leitura da história argentina que, frente à tradição liberal, desenvolvia o chamado *revisionismo histórico*, corrente historiográfica fortemente atrelada à tradição peronista. Mas, no caso de Agosti, tratava-se ao mesmo tempo de uma leitura que tentava criticar a história contada a partir de uma tradição liberal iniciada por Bartolomé Mitre, buscando na história argentina as raízes de um presente que escapava à compreensão dos comunistas, mas não apenas deles. Para isso, e é o que importa no nosso trabalho, Agosti apelaria aos textos de Gramsci, particularmente às reflexões gramscianas sobre a formação do moderno Estado italiano, o período conhecido como *Risorgimento*.

O argumento central de Agosti girava em torno de duas questões fundamentais: de um lado, a definição do processo revolucionário nascido em torno da revolução de 25 de maio de 1810, como "revolução interrompida" (tradução da "*rivoluzione mancata*", de Gramsci), como um processo que não desenvolveu o conjunto de suas potencialidades, basicamente pelo fato de não

¹⁸ Dela faziam parte figuras relevantes da tradição liberal-democrática, como Sarmiento, Alberdi, o próprio Echeverría e outros.

¹⁹ Como foi reconhecido posteriormente até pelo próprio peronismo, a gestão da cultura foi entregue aos setores mais retrógrados da intelectualidade.

ter resolvido o problema da terra, apesar das frágeis tentativas do grupo revolucionário encabeçado por Bernardino Rivadavia. De outro lado, indicava, como causa central para o fracasso na consecução de uma adequada solução ao problema da terra, a fragilidade do grupo revolucionário, corrente que caracteriza como “*jacobina a medias*”.

Si la revolución burguesa impone la hegemonía de la ciudad, asimismo supone la puesta en marcha de las masas rurales como tema de la dinámica factorial (...) En términos contemporáneos, ello equivaldría a suscitar el tema de las masas operantes y de su dirección política. Y allí descansa con todos sus errores posibles la estrategia revolucionaria de Rivadavia: no poner en movimiento a las masas campesinas bajo la dirección política de la minoría jacobina de las ciudades. Pero los supuestos jacobinos (y empleo esta palabra en el sentido utilísimo que le asigna Gramsci) argentinos no pudieron, o no supieron, desempeñar hasta el fin aquellos principios de revolución total (...) El yerro del supuesto jacobinismo argentino consistió en no haber convertido en acto social la función hegemónica de la ciudad-Buenos Aires, con todos los determinantes de transformación económica que dicho suceso puede evocar en el cuadro de la revolución burguesa”²⁰. (Agosti, 1951: 42-47)

Observando nessa “revolução inconclusa” as razões da tragédia da democracia argentina, e articulando desse modo a visão sobre o passado com a posição política dos comunistas desde seu VIII Congresso em 1928, Agosti assinalava a necessidade de completar aquela revolução, realizando a revolução “democrático-burguesa”, tarefa que caberia ao proletariado moderno e às forças políticas a ele associadas.

Não é o objetivo aqui seguir o texto de Agosti, mas mostrarque, no seu texto aparecem duas questões relevantes: em primeiro lugar, a proposta de uma nova formulação da postura dos comunistas, a partir de uma re-leitura da história argentina, formulação que estará destinada a incorporar-se à argumentação comunista. O texto de Agosti será uma referência obrigatória na fundamentação do projeto revolucionário dos comunistas argentinos e na formulação do bloco de forças políticas necessário para tal realização. Por outra parte, a argumentação construída por Agosti se fundamenta no arcabouço teórico gramsciano. Contudo, um problema do texto de Agosti é que nem sempre deixa clara a origem gramsciana dos conceitos que usa²¹.

²⁰ A solução adequada teria implicado uma força de características verdadeiramente “jacobinas:”

...*La virtud revolucionaria de los jacobinos franceses* – assinala Agosti seguindo Gramsci, embora sem citá-lo expressamente – *había consistido precisamente en sobreponerse a todos los otros partidos en el terreno de la política rural y en asegurar la hegemonía de la capital revolucionaria mediante el adecuado movimiento de las masas campesinas*”. (Agosti, 1951: 46)

²¹ Aricó sugere que este modo de colocação era devido à “veleidade intelectual” de Agosti. Mas não seria possível pensar que Agosti já suspeitasse ou soubesse da resistência que as posições teóricas do italiano teriam na direção do PCA e, parafraseando Togliatti, deixasse de mencioná-lo “para burlar a censura” partidária?

O fato é relevante porque, por um lado, mostra como Gramsci se introduz na argumentação da posição dos comunistas sem que estes, como Partido, levem em conta, nem destaquem na difusão e discussão do argumento, a remota origem gramsciana do raciocínio. Portanto, se a elaboração de Agosti deve ser considerada o mais importante rastro teórico deixado pela passagem de Gramsci pelo PCA, a referência gramsciana não fica claramente explicitada. Mesmo assim, o texto de Agosti mostrava, para aqueles interessados nas posições do comunista italiano, as possibilidades teóricas da sua obra.

No livro que estamos citando, Aricó (1988) constrói uma pormenorizada crítica do uso que Agosti faz de Gramsci e dos erros nos quais incorre – fundamentalmente pela transferência acrítica da análise gramsciana do *Risorgimento* italiano ao estudo da história argentina, forçando a comparação mediante uma igualização de condições e atores sociais inexistente –, embora reconhecendo o valor intelectual e a oportunidade política da tentativa teórica.

É que Agosti representou um momento relevante da cultura dos comunistas argentinos, a partir do qual se tornou possível uma abertura daquela cultura fechada para um diálogo mais produtivo com as diversas correntes (marxistas ou não marxistas) da cultura da época – abertura que logo se viu frustrada pelo peso de uma tradição dogmática que falava mais forte. Por outro lado, essa tentativa teórica de Agosti, que nasce com *Echeverría* e chega à madurez em textos como *Nación y Cultura* e *El mito liberal* (ambos de 1959, editados pela editora *Procyón*), realiza-se justamente nos anos da encruzilhada entre os governos peronistas, sua derrubada em 1955 e a larga série de conseqüências posteriores. Pensadores como Hernandez Arregui, ex-marxista e fervoroso *revisionista histórico*, encontravam-se entre os que observaram a brecha entre as posições de Agosti e a linha geral do PCA²².

Como já assinalamos, Agosti encontrou em Gramsci e em elementos do marxismo italiano um arsenal conceitual que usou e convidou a usar para pensar a história e o porvir da sociedade argentina. Segundo Aricó (1988: 45), Agosti foi quem "abriu uma janela ao marxismo italiano", tarefa que era facilitada pelo

²² "El cambio [de Agosti] es tan súbito (...) que ha debido publicar ambos trabajos con un breve intervalo de tiempo, para preparar a una clientela poco flexible a estas viradas que chocan a la mentalidad momificada en moldes liberales de los grupos de izquierda". (Em Aricó, 1988: 57). A citação de Hernandez Arregui se encontra no livro *La formación de la conciencia nacional (1930-1960)*, Buenos Aires, Plus Ultra, 1973, p. 453. Por sua vez, afirma Aricó em torno do mesmo tema: "Con ambos libros Agosti se colocaba tan en las antípodas de las posturas tradicionales del comunismo argentino que debía provocar, como es natural, algún desconcierto en sus filas (...) Si se consultan las publicaciones vinculadas a esa corriente política se observará con sorpresa el muro de silencio a su alrededor..." (Aricó, 1988: 57)

vasto interesse pela cultura italiana nos anos 50 na Argentina²³. Por um lado, colocou a tese da “similitude histórica” que poderia justificar um trabalho por analogia com as teses gramscianas; por outro lado, começou esse trabalho teórico que, entretanto, foi praticamente abandonado na década seguinte, por encontrar intransponíveis limites políticos no estilo do Partido, absolutamente subordinado à política, teoria e normas organizativas do comunismo soviético.

O prólogo ao primeiro dos volumes dos *Cadernos* que Lautaro publicou em 1958, *El materialismo histórico y la filosofía de B. Croce*, é uma excelente amostra do tipo de leitura de Gramsci que Agosti fazia e difundia. Nele aparecia o Gramsci paradigma moral, aparecia o Gramsci continuador de Lenin, em torno das idéias do “Príncipe moderno”. Mas, ao mesmo tempo, Agosti destacava a riqueza do pensamento de Gramsci em alguns pontos de difícil digestão para o tipo de marxismo oficial então dominante. Para Agosti, o fundamental do pensamento de Gramsci “*consiste en el examen de las relaciones recíprocas entre estructura e superestructura*”. Mas, diz o autor:

Esto se escribe fácilmente, pero bien sabida es la lucha por rescatar la autenticidad creadora del marxismo, liberándolo de las impregnaciones positivistas por un lado, así como del ciego determinismo económico (...) Hay en él una constante reacción contra la interpretación mecanicista de los acontecimientos sociales, tal como puede advertirse, por ejemplo, en **la agudeza crítica con que examina los trabajos de Bujarin**²⁴ en la tercera parte del presente volumen. (Agosti, 1958: 7. Negritos, RB)

A reação de Gramsci contra o mecanicismo foi apresentada por Agosti como a reivindicação daquele ao “sentido criador” do marxismo e como um testemunho da “*resistencia de Gramsci a entenderlo como um recetario de soluciones dadas de una vez y para siempre*”. O exemplo desta atitude gramsciana que Agosti trouxe para o leitor argentino foi o artigo de Gramsci de 5 de janeiro de 1918, publicado no jornal *Il grido del Popolo*, de Turim, e intitulado “*A revolução contra ‘O Capital’*”. Colocando formalmente algumas prudentes reservas ao texto, dizendo que, “*como lo hace notar Togliatti algunas de las premisas allí sostenidas están equivocadas*”, imediatamente afirmava:

²³ Aricó afirma que esse interesse pela cultura italiana durou até esta ser tirada da cena novamente pela tradicional hegemonia do pensamento francês no final dos anos 60 e começo dos 70, quando se dá a intensa difusão do estruturalismo. Comparando esta opinião de Aricó acerca de um certo deslocamento da tradicional hegemonia do pensamento francês com o texto de Oscar Terán, *Nuestros años sesentas*, é possível perguntar-se, apesar das evidências da forte influência italiana, se alguma vez efetivamente se alterou essa clássica hegemonia da cultura francesa na cultura argentina, indicada na fala de Aricó.

²⁴ Destacamos a observação de Agosti sobre a “agudeza crítica” do exame gramsciano acerca do manual de Bukarin para confrontá-la (na próxima seção) com a posterior caracterização realizada na revista *Cadernos de Cultura* (revista dirigida pelo próprio Agosti), onde tais posições foram caracterizadas como “errores” ou “aspectos discutibles”.

...Pero se percibe el grito de salvación del joven Gramsci comprendiendo que es posible eludir la interpretación pedante, casi talmúdica y chatamente materialista del pensamiento de Marx (...) Gramsci va a decirnos en ese escrito de 1918 -donde encontramos el germen de sus notables reflexiones de los *Cuadernos*- que el pensamiento marxista "coloca siempre como máximo factor de la historia no a los hechos económicos en bruto, sino al hombre, a la sociedad de los hombres, de hombres que se asocian entre sí, se entienden entre sí, desarrollan a través de estos contactos una voluntad social, colectiva, y comprenden los hechos económicos, los juzgan y los adecuan a su voluntad [...] hasta que ésta se convierte en plasmadora de realidad objetiva. Cualesquiera sean las observaciones que puedan hacerse a este escrito, es indudable que él subraya la concepción principal de Gramsci, consistente en entender el marxismo como historicidad absoluta. (Agosti, 1958: 9)

A atualidade teórica deste texto sublinha seu valor. Vindo do seio de uma organização que nunca conseguiu sair da leitura *talmúdica* que Agosti criticava através de Gramsci, explica o tipo de leitura crítica que orientava naqueles que conheceram Gramsci através deste autorizado dirigente comunista.

Ainda em 1961, pouco antes de cair o silêncio do PCA sobre Gramsci e até do próprio Agosti desistir ou recuar no uso do filão teórico gramsciano, ele escrevia no "Prólogo à edição argentina" do livro *Literatura y vida nacional* – prólogo que, como o citado anteriormente, encontra-se reeditado na edição mexicana de *Juan Pablos Editor*.

Entre todas las "notas" de Gramsci, pocas como éstas alcanzan mayor utilidad para el lector argentino. Hay una gran analogía entre los problemas suscitados por el desarrollo cultural italiano tal como el ilustre pensador italiano los encaró en sus "cuadernos de la cárcel", y los motivos de nuestro propio desencuentro cultural, tales como se ofrecen a la consideración y el examen contemporáneo. No hay igualdad. no hay siquiera presentación simétrica de las cuestiones; pero su similitud es indudable, comenzando por el divorcio entre los intelectuales y el pueblo-nación que constituye uno de los datos típicos en el proceso social argentino. (Agosti, 1961: 10)

Já no final do texto e indagando mais sobre os motivos pelos quais ele deveria interessar ao leitor argentino, continuava argüindo Agosti:

Para el lector sin especializaciones precisas ni preocupaciones eruditas por los pormenores de la cultura italiana, estas notas asumen de improviso un sabor argentino, una virtualidad argentina que estremece...

Su paralelismo con el caso argentino resulta evidente pues el incumplimiento de las premisas socio-económicas de la revolución democrática ha producido entre nosotros la interrupción de una línea de cultura cuya originalidad nacional resultaba notoria en nuestra América (...) El lector capaz de desafiar el vértigo de las entrelíneas y las analogías podrá encontrar en las notas de Gramsci corroboraciones muy sagaces sobre el retardo argentino. Inútil será que busque respuestas minuciosas, recetas. Gramsci le da mucho más que eso: le entrega un método de validez general, enriquecido por una contribución creadora en el campo de la metodología política de la cultura. A partir de aquí podemos transitar con mayor seguridad por los caminos no siempre despejados, que llevan a la reconstitución de una literatura nacional de acentos populares. Pero esa literatura debe arrancar de lo que el país es y no de lo

que idealmente quisiéramos que fuese, de sus tradiciones populares, de sus sentimientos, aun de sus atrasos, y no simplemente de aquellos "prestigiosos modelos" que alguna vez zahirió Sarmiento y que suelen caernos como ropa prestada. (Agosti, 1961: 13-14)

Deve ser levado em conta, com todas suas conseqüências, o significado de semelhantes declarações de um intelectual e político do peso de Agosti para uma camada de jovens intelectuais que, depois da derrubada do governo de Perón, tentava entender os motivos da tragédia que os separava das massas agora órfãs do líder. Não apenas os jovens comunistas que rodeavam Agosti ou que eram seus leitores, mas principalmente eles haveriam de encontrar nessa convocação motivos legitimadores para certas rebeliões teóricas que, no seu desenvolvimento, não encontrariam outra saída senão a ruptura política com a organização.

Entre os jovens intelectuais vinculados a Agosti, dois deles terão particular importância na história de que estamos tratando: Juan Carlos Portantiero e José María Aricó. Portantiero, mais próximo de Agosti e seu protegido intelectual, morava na cidade de Buenos Aires e tinha participado em várias das empreitadas de Agosti como colaborador mais imediato²⁵. Aricó, morando na cidade de Córdoba, vinculou-se posteriormente a Agosti como colaborador da revista *Cuadernos de Cultura* e na edição dos *Cadernos do Cárcere*. Portantiero em Buenos Aires e Aricó em Córdoba serão cabeças visíveis de movimentos de renovação política dentro do PCA, relevantes para a configuração da chamada "nova esquerda" argentina dos anos 60²⁶. Um dos resultados desses processos de renovação, o início da experiência de *Pasado y Presente*, é o que mostraremos no próximo capítulo. Mas, antes disso, veremos como o efeito da operação gramsciana na cultura dos comunistas produzirá a emergência de um discurso teórico-crítico que, no debate com as posições oficiais, deixará claro até onde os comunistas argentinos estavam dispostos a aceitar a corrosividade do pensamento gramsciano.

²⁵ "Yo entro a la Juventud Comunista en el año 53. El PC había tomado una iniciativa que se llamaba Casa de la Cultura y yo comencé a trabajar en esa organización, como militante de la JC. El responsable del partido ahí era Agosti. Y ahí entre en relación con él. Después esa relación se hizo mucho más intensa, en el sentido se que Agosti me tenía a mí como su discípulo. A mí me interesaban las mismas cosas que a él: crítica literaria, historia de la cultura argentina. Entonces en el 54, 55, 56 yo trabajo con él. Hasta que él me lleva en los años 59-60 más o menos, a Cuadernos de Cultura. Yo siempre tuve una relación buena con Agosti; lo veía a él como una especie de maestro y él me veía como una especie de discípulo. Era evidente que él tenía cierta predilección por mí." (J. C. Portantiero, entrevista concedida ao autor, Bs. As., julho de 1998)

²⁶ Contudo, será só no ano de 1962, segundo relata o próprio Aricó (1991: 58), que ele conhecerá pessoalmente seu colega Portantiero, no início do trabalho para a publicação do primeiro número da revista *Pasado y Presente*, ainda sob o guarda-chuva do PCA.

1.3. Antes do começo: sob o nome de Gramsci

A primeira vez que as idéias de Gramsci como corrente cultural independente se corporificaram em atores sociais concretos para criticar o patrimônio cultural e político dos partidos comunistas e da Terceira Internacional na América Latina foi no começo dos anos 60, no interior do PCA. O espaço do debate foi a revista cultural do Partido – *Cuadernos de Cultura*. O tema do debate foi filosófico: a *concepção da objetividade* na obra de Gramsci, mas o objetivo dos atores dessa verdadeira *provocação teórica* era político. Tratava-se de forçar a abertura de espaços para uma reflexão mais aberta aos novos ventos que sopravam a partir da crítica krusheviana à era stalinista e, na América Latina, a partir da Revolução Cubana. O objeto escolhido não era qualquer um: tratava-se de vários núcleos fortes do edifício teórico do PCA, cuja base era o marxismo-leninismo, isto é, a versão estalinista da herança de Marx e Lenin.

O debate foi deflagrado por um jovem intelectual comunista de Córdoba que foi, posteriormente, um dos pilares de *Pasado y Presente*, Oscar del Barco. Mas, embora o debate tenha sido deflagrado individualmente por Oscar del Barco, o empreendimento crítico, se nos ajustamos à letra de Aricó, era coletivo.

Recuerdo las circunstancias del envío del artículo a *Cuadernos de Cultura*. Para el grupo cordobés era una manera de probar hasta dónde podían debatirse problemas ideológicos o no ideológicos en el interior del partido. No era una preocupación estrictamente gnoseológica lo que estaba en juego, sino la posibilidad de llevar adelante una crítica sobre muchas otras cosas, pero en lo fundamental sobre una política, sobre una forma de concebirla y un modo de practicarla. Remedando a Marx, pensamos que la crítica del cielo metafísico era el modo concreto en que podíamos llevar a cabo, en las condiciones vividas dentro del partido, la crítica de la política. Y creo que esto lo sabíamos todos: nosotros al escoger el tema y el personaje, ellos, al apresurarse a cortarnos las alas, y aquellos otros [está se refiriendo principalmente a Agosti] que, por razones que intuíamos sin llegar a conocer en todas sus implicaciones, nos estimulaban a hacerlo. Gramsci era un caso ideal porque ponía a prueba un sistema defensivo en lo ideológico que había que erosionar si se deseaba efectivamente dinamizar alternativas de cambio (el famoso "giro a la izquierda" del peronismo). (Aricó, 1988: 203)

No número de *Cuadernos de Cultura* anterior ao surgimento da polêmica (Nº 58, julho-agosto de 1962), um membro da Comissão de Estudos Filosóficos do Partido Comunista, Raúl Olivieri, tinha publicado um artigo de clássica construção marxista-leninista intitulado "*El problema del determinismo en el materialismo dialéctico*". Nele, o autor definia o que denominava "ontologia científica", entendida como "*teoría de los aspectos más generales de la realidad*", cujo objeto central seria uma série de "*relaciones necesarias entre procesos y fenómenos de la realidad (natural y social)* [que] constituyen pautas

inmanentes del ser y del devenir". Tais relações teriam como principal particularidade o fato de serem "*objetivas*", isto é, "*su existencia depende de la conciencia cognoscente*" (Olivieri, 1962: 24).

O tema não era novo, e repetia os argumentos centrais que, a partir do livro de Lenin, "*Materialismo e empiriocriticismo*", eram nodais na tradição "marxista-leninista", à qual aderira o marxismo do PCA. Mas introduzia uma discussão que permitia o uso do filão crítico gramsciano nesse ponto crucial do arcabouço teórico dos comunistas^{Nota iii}; e o momento foi aproveitado pelo grupo cordobês para sua intervenção.

Oscar del Barco, no ensaio "*Notas sobre Antonio Gramsci y el problema de la 'objetividad'*" (*Cuadernos de Cultura* número 59, set./out. de 1962), realizou uma exposição da crítica gramsciana ao que denominava "materialismo metafísico", encontrada na famosa crítica ao manual de filosofia de Bukarin²⁷. O texto de Gramsci estava disponível na biblioteca dos comunistas desde o ano de 1958 e, tratando-se de um autor que já era um respeitado herói do Movimento Comunista Internacional, o "recurso à autoridade" podia legitimar de certa forma o uso dos argumentos. O desfecho da polêmica mostrará que a "autoridade" teórica de Gramsci no pensamento do PCA tinha pernas curtas.

Os argumentos usados por del Barco foram, sinteticamente expostos, os seguintes:

1. Enquanto o tipo de materialismo criticado coloca o problema da objetividade num plano "metafísico", isto é, postulando a realidade como existente "independentemente do sujeito que conhece", Gramsci, segundo Del Barco (1962: 29), "*parte, por el contrario, de las relaciones concretas que se establecen entre los hombres y la naturaleza a través del proceso histórico de forma tal que son estas relaciones reales la base sobre la cual se resuelve el 'terrible' problema de la 'objetividad'*".

2. A crença (feita senso comum) numa objetividade à margem e independentemente do homem tem origem religiosa e se translada como "resíduo religioso" ao pensamento materialista.

3. Mas, dado que o tipo de materialismo criticado tenta fundamentar-se na "ciência", del Barco lembra que, diante deste problema, "*Gramsci se pregunta si la ciencia podrá darnos la prueba de la 'objetividad' y se pronuncia por la negativa ya que la ciencia no puede darnos 'la prueba de objetividad de la*

²⁷ Trata-se do livro de Nicolai Bukarin "*La teoría del materialismo histórico. Manual popular de sociología marxista*", publicado pela primeira vez em Moscou em 1921.

realidad puesto que esta objetividad es una concepción de mundo, una filosofía y no puede ser un dato científico” (Gramsci, 1986: 63; del Barco, 1962: 30).

O conhecimento científico, como “processo infinito” e, portanto, como “aproximação” infinita à realidade, não pode brindar a certeza da objetividade, apenas argumentar em favor desta, sem nunca nos dar a “realidade em-si”. Portanto, *“la realidad no es como la conocemos sino que la realidad es el conocimiento del hombre en un determinado momento histórico”*. A evidente aproximação ao “Kantismo” destas colocações gramscianas não deixam de ser assinaladas por del Barco, que lembra Gramsci quando este escreve que *“es necesario estudiar a Kant y rever sus conceptos exactamente”* (Gramsci, 1986: 50; del Barco, 1962: 35).

4. Finalmente, del Barco (1962: 37) coloca a “solução gramsciana” do problema da subjetividade: *“Lo objetivo es siempre lo ‘humanamente objetivo’ o dicho de otra manera lo ‘históricamente subjetivo’ (lo cual equivale a lo ‘universalmente subjetivo’)”*.

Neste sentido, o lugar hegemônico alcançado pela ciência no campo do conhecimento decorre do fato de que *“ela se presenta como el plano en el cual se ha logrado una mayor ‘unidad’ (objetividad) y es, como lo señala finalmente Gramsci, ‘el elemento del conocimiento que más contribuyó a unificar el ‘espíritu’, a tornarlo más universal; es la objetividad más objetivada y concretamente universalizada”* (del Barco, 1962: 37).

Oscar del Barco (1962: 40) assinala finalmente – depois de mostrar os vínculos íntimos da resposta gramsciana com a posição de Marx – que a “solução gramsciana” *“es la genuina solución del marxismo”* ao problema colocado.

Uma *Nota da Redação* no final do artigo de del Barco resguardava publicamente o Comitê de Redação da revista de responsabilidades²⁸, e indicava que tinham sido mobilizados os aparelhos partidários de vigilância ideológica. Privadamente, segundo explicita a mesma nota do Comitê de Redação, o artigo havia sido objeto de idas e vindas, até ser liberada sua publicação. Contudo, a própria publicação de um texto desse teor era indicativa, ao mesmo tempo, de uma certa “abertura” na hermética estrutura ideológica do PCA, acobertada possivelmente por Agosti, embora também seja possível entender que, do lado

²⁸ *“Los conceptos vertidos en el presente ensayo han suscitado discusiones en la Redacción de Cuadernos de Cultura y en el seno de la Comisión de Estudios Filosóficos del Partido Comunista, a la cual fue girado oportunamente. Hemos creído conveniente, por lo tanto, encargar una réplica a un miembro de dicha comisión que publicaremos en una próxima entrega de la revista”* (N. de la R). (CC, Nº59: 41).

do Partido, o artigo de del Barco tenha sido visto como uma oportunidade para “ajustar as contas” com as posições gramscianas embutidas nos textos publicados pelo próprio PCA, para desgosto dos teóricos partidários, como veremos a seguir.

O encarregado da resposta foi o já mencionado Raúl Olivieri que, apesar de realizar uma elaborada exposição de argumentos supostamente materialistas, sentenciava, no começo do artigo, recorrendo a uma proposição nitidamente “metafísica”: *“El ser es objetivo en cuanto es, independientemente de que sea o no conocido”* (Olivieri, 1962: 25). Em seguida, o principal da crítica, dirigida inicialmente a del Barco, deflagrou-se contra o próprio Gramsci:

Evidentemente el autor no hace sino desarrollar hasta sus últimas consecuencias algunas tesis planteadas por Gramsci en sus apuntes *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce* [...] Gramsci realiza un gran aporte teórico al marxismo produciendo en muchos aspectos una verdadera renovación. Sin embargo, y refiriéndonos ya específicamente al tema que nos ocupa, creemos que cuando trata de la objetividad incurre en algunos errores que es preciso aclarar. No nos parece de todo correcto, por lo tanto, extraer de la obra de Gramsci para una tarea de profundización precisamente estos aspectos discutibles, tal vez los que a lo largo de toda la obra más se apartan de la filosofía marxista-leninista. (Olivieri, 1962, 29-30)

É interessante destacar este modo dos comunistas operarem com os conceitos de Gramsci: como já vimos (nota ii) em referência ao texto de Emilio Troise, tal modo supõe que exista no pensamento de Gramsci alguma positividade que nunca é mencionada ou é mencionada superficialmente (porque no fundo se acredita firmemente que Lenin já disse o que tinha que ser dito sobre o assunto) e parte-se logo para sublinhar os defeitos do seu raciocínio.²⁹

Depois de colocar várias das citações gramscianas pertinentes e de assinalar que *“encierran importantes errores”*, Olivieri tentou demonstrar esses erros com conhecidos argumentos – numa exposição que é desnecessário reproduzir aqui –, mas, e é o que importa assinalar, advertindo como as *“tesis sostenidas por Gramsci en la obra citada y retomada por su epígono local, implica consecuencias que conducen inevitablemente a la negación del materialismo”*. Esta primeira advertência, que já se referia a del Barco como um “epígono local” e não simplesmente um *camarada*, é fulminante a respeito das conseqüências dos conceitos levantados por aquele: “conduzem inevitavelmente à negação do

²⁹ O fato é que tudo indica que a herança gramsciana que o PC adquiriu com a publicação de seus textos, descuidadamente, talvez pelo clima da época, talvez pelo fato de poucos dirigentes terem tido acesso à leitura dos *Cadernos* antes da sua publicação, transformou-se numa “herança maldita” para os principais guardiões ideológicos – uma herança que, se não era possível reverter, pelo menos se deveria esconder.

materialismo", e isto significava, em bom "comunistês" da época, "conduzem inevitavelmente para fora do Partido". Pelo menos neste último aspecto Olivieri estava certo.

No número 63 da revista (maio-junho de 1963), sua direção encerrou a discussão com a publicação conjunta de uma resposta crítica de del Barco a Olivieri e de uma crítica institucional, encomendada pela revista a Raúl Oliva e Raúl Sierra.³⁰

No seu artigo intitulado "*Respuesta a una crítica dogmática*", del Barco desenvolveu longamente seu argumento e expandiu sua crítica para outro dos pontos nevrálgicos do marxismo dos comunistas, a chamada "teoria do reflexo", tal como formulada por Lenin e âmago da teoria do conhecimento do marxismo soviético³¹.

O artigo de Oliva y Sierra, intitulado "*Crítica a una crítica revisionista*", encerra a polêmica com uma lapidar advertência:

El camarada Del Barco insiste en una serie de tesis, muchas de ellas tomadas de Gramsci, de Gruppi y otros marxistas, como así también adopta postulaciones y argumentos de filósofos como J. P. Sartre, M. Merleau Ponty, H. Lefebvre, que sostienen posiciones reconocidamente revisionistas. Ignoramos si los planteos de Del Barco responden a una íntima y meditada convicción o bien resultan de un deslumbramiento ante la supuesta "originalidad" de esas posiciones. De todos modos estamos convencidos de que una autocritica militante, necesaria hoy más que nunca, ha de ser un medio eficaz para aumentar la unidad ideológica en el seno de nuestro partido. (Oliva, 1963: 59)

A semelhança deste pedido de "autocrítica" com a "retratação" que a Inquisição exigia dos hereges (Galileu Galilei ou Giordano Bruno e outros) é sintomática do estilo dogmático de resolver a disputa teórica. Não obstante, essa auto-crítica nunca chegará. Um mês antes da saída do número de *Cuadernos de Cultura* que encerrava a polêmica, tinha aparecido em Córdoba uma nova revista,

³⁰ José Aricó (1988: 208) suspeita que se trate do próprio Raúl Olivieri (Raúl Oliva) e de Raúl Sciarreta (Raúl Sierra)

³¹ Em *Materialismo e empiriocriticismo*, a obra filosófica mais importante de Lenin, este coloca a fonte do conhecimento humano no "reflexo da realidade objetiva". As idéias são "cópias", "fotografias", "reflexos" da realidade objetiva, que existe independente do sujeito que conhece, distinguindo, portanto uma "ontologia" e uma "gnosologia" marxista. O marxismo soviético conformou sua "teoria do conhecimento" sobre estas e outras premissas leninistas. A. P. Sheptulin, reconhecido filósofo soviético, afirmava, em 1983: "*El reflejo de la realidad es la propiedad fundamental de la conciencia, que condiciona la existencia de sus otras propiedades*". Diante desta posição (até dentro mesmo do pensamento soviético) se levantou aquela que destaca o aspecto ativo, criativo, prático, da consciência e da relação humana com o mundo. É a posição gramsciana, mas também a concepção de Marx. Na célebre *Tese Nº 2* sobre Feuerbach, afirma Marx: "*El problema de si se puede atribuir al pensamiento humano una verdad objetiva, no es un problema teórico, sino un problema práctico. Es en la práctica donde el hombre tiene que demostrar la verdad, es decir, la realidad y el poder, la terrenalidad de su pensamiento. El litigio sobre la realidad o irrealdad de un pensamiento aislado de la práctica es un problema puramente escolástico*" (Marx, 1987: 9).

Pasado y Presente. A polêmica deflagrada quase imediatamente pelo primeiro número da revista, junto com as consequências do debate em *Cuadernos de Cultura*, marcou o fim da passagem de Gramsci pelo Partido Comunista Argentino. Depois do pedido de retratação e "autocrítica", virá finalmente a expulsão, pelo Partido, do grupo que sustentava a posição de del Barco e editava a revista *Pasado y Presente*. O grupo, denominado a partir de então por amigos e adversários, elogiosa ou criticamente, como "os gramscianos", passará a ser o novo "portador" do pensamento de Gramsci na Argentina.

ⁱ (página 29) Sobre este comentário de Aricó constatamos um fato curioso. Trabalhando com os materiais da Biblioteca Aricó, em Córdoba, encontramos junto com a Revista *Realidad* que estamos citando um recorte de jornal, sem nenhum dado editorial, nem data, com o título "A propósito de *Lettere del Carcere* de Antonio Gramsci", assinado por Andrea Mariani. Trata-se de um longo artigo que, pela redação, foi redigido próximo no tempo à publicação do artigo de Sábato e, não obstante, Aricó não o cita, nem sequer indica a sua existência. O fato é curioso dado que, no texto no qual Aricó faz o comentário sobre Sábato, indica uma relativamente ampla lista dos textos sobre Gramsci aparecidos na época, aos quais Sábato poderia ter tido acesso. O texto em questão era interessante por se tratar de um texto crítico, de um autor crítico da esquerda que se defrontava de um modo contraditório com a atribuição do Prêmio Viareggio à obra gramsciana.

Perguntando-se sobre o que poderia ter conhecido Sábato sobre Gramsci antes das *Lettere*, Aricó menciona os seguintes textos: Germanetto, *Memorias de um barbero*, Cenit, Madri, 1932, no qual aparece a figura de Gramsci; Trotsky, "*Carta del camarada Gramsci sobre el futurismo italiano*", incluída por Trotsky em *Literatura y revolución*, Aguilar, Madri, (a datação que fornece Aricó indica: "anos trinta"); Weitzen-Giuliani, *Historia del socialismo europeo en el siglo XX*, México, 1943, onde se apresenta o movimento de *Ordine Nuovo*, e a Gramsci como seu fundador; Renato Treves, *Benedetto Croce, filósofo de la libertad*, Imán, Buenos Aires, 1944.

ⁱⁱ (página 38) Não obstante, encontraremos na década de 70 uma solitária defesa pública de Gramsci que mostra a relação complicada desse Partido com o dirigente comunista italiano - um texto do intelectual comunista Emilio Troise num suplemento do jornal *La opinión*, denominado "*Pasado y presencia de Antonio Gramsci*", publicado em 1º de setembro de 1974. De fato, possivelmente seja um registro público único de uma reivindicação do pensamento gramsciano pelo PCA depois da expulsão do grupo de *Pasado y Presente* das suas fileiras.

O suplemento reunia, junto com duas cartas trocadas por Gramsci com Togliatti, dois artigos - um escrito pelo mencionado Troise, denominado "*La verdad es revolucionaria*", e outro, "*El educador de las masas*", escrito por José Aricó -, que deviam responder a um conjunto de temas sugeridos pelo organizador do suplemento, Alberto Szpunberg. No trabalho de Troise se encontra a tentativa de restituir Gramsci ao campo da tradição "marxista-leninista". No caso de Aricó, como ele próprio lembra, encontramos "*una lectura 'de izquierda' del gramscismo que pretendía forzar un punto de encuentro con el filón maoísta*" (Aricó, 1988: 212).

Da leitura do texto de Troise dificilmente pode-se extrair algum motivo pelo qual valha a pena o esforço da leitura gramsciana. "*Gramsci es un marxista leninista y franco antirrevisionista*", afirma Troise, e pouco mais do que isso é possível encontrar no breve artigo. Mas, apesar de nada dizer sobre algum possível enfoque original do pensamento de Gramsci, Troise dedicava um parágrafo crítico sobre dois pontos nevrálgicos, que poderiam sim valer como uma explicação do silêncio que, no PCA, caiu sobre seu pensamento: o tema dos "intelectuais" e o tema da "objetividade".

El único reparo que tal vez pueda señalarse a la elaboración de Gramsci es la quizás excesiva importancia que asigna a los intelectuales en el proceso histórico al no mostrar la distinción entre existencia y conocimiento de las cosas. Respecto a esto último, hay que tener en cuenta que Marx, Engels y Lenin tienen como esencial la prioridad de lo material sobre lo espiritual, dialécticamente interpretado. (Em Aricó, 1988: 215)

Apesar de Troise ter indicado, no começo do artigo, que "Antonio Gramsci, después de Antonio Labriola, fue el marxista más eminente de todos los italianos", nada destacou do seu pensamento que pudesse fundamentar tal posição.

iii (página 47) Ponto nevralgico, na verdade, de toda uma corrente do pensamento marxista, que conserva até hoje sua atualidade e, seguramente, deverá ainda continuar por longo tempo. É que se trata de um debate filosófico não resolvido dentro do universo marxista e continua a ser divisor de águas entre tradições. Não é por acaso que, muitos anos depois, num Seminário com o intelectual italiano Domenico Lossurdo, promovido em outubro de 1995 pela Universidade Estadual de Campinas, encontramos-nos de novo com esta polêmica. O curioso é que o fato que deflagrou a polêmica foi uma colocação do Professor Carlos Nelson Coutinho, conhecido por seu trabalho na difusão do pensamento gramsciano. O debate girava em torno da questão de "evitar a dogmatização do pensamento gramsciano" e, portanto, da necessidade de submetê-lo à crítica naqueles pontos em que o seu pensamento mostrasse ser inadequado. Como exemplo, C. N. Coutinho mencionou, na ocasião, as passagens da crítica do manual de Bukarin onde Gramsci afirma que "o objetivo é o universalmente subjetivo". Aquelas colocações gramscianas - segundo Coutinho - mostrariam um claro deslize idealista do pensamento de Gramsci. Concordando com a necessidade de evitar um uso dogmático do seu pensamento, discordamos naquela ocasião sobre o acerto do exemplo escolhido por C. N. Coutinho. Usamos, na intervenção, obviamente argumentos similares aos usados por del Barco no debate com Olivieri, particularmente a adequação da posição gramsciana com a *Tese Nº 2* sobre Feuerbach, de Marx, e a utilidade da posição frente aos estragos empiristas da chamada "teoria do reflexo". A reação não apenas de C. N. Coutinho, mas do Prof. João Quartim de Moraes e do próprio Lossurdo, recorrendo à denúncia do "idealismo" desta posição, colocou um fim relativamente rápido à conversa, mas, para nós, já envolvidos com esta pesquisa, significou, pelo menos, uma amostra da permanência de certos debates que envolveram os protagonistas da experiência que abordamos.

Capítulo 2

Os “gramscianos argentinos”

2.1. Na “Turim argentina”

Como vimos, uma soma de circunstâncias teóricas e políticas conduziu a que surgisse, no seio do Partido Comunista Argentino, um grupo de jovens intelectuais que ousou desafiar a cultura autoritária e dogmática desse partido e formulou idéias e políticas para transformar a interpretação da história, da teoria e da política construída e seguida pelo Partido. O veículo da mudança era uma pequena revista em formato de livro, em papel rústico, mas com uma inédita capacidade crítica e qualidade teórica, a revista ***Pasado y Presente***, que rapidamente se transformará em um referencial da esquerda radicalizada desses anos. Gramsci foi o guia teórico, mas o espírito da empreitada estará marcado por outros elementos, em particular o clima de radicalização que tinha trazido para a história desse período a saga da revolução cubana. Inerte às mudanças, o Partido expulsou o grupo editor. Veremos neste capítulo as condições em que, entre vaivéns políticos e teóricos, constituiu-se um projeto de transformação da cultura política da esquerda destinado a ter um importante impacto posterior na América Latina.

É relevante para o nosso trabalho mostrar como, nos anos 50 e 60, a cidade de Córdoba, sede da primeira etapa de *Pasado y Presente*, foi-se transformando num epicentro do conflito social argentino. Um intenso e acelerado processo de industrialização, que desde meados dos anos 50 transformara a cidade em centro da indústria argentina de automóveis, tinha colocado as bases para tal fato. Às indústrias militares existentes se somou a instalação das empresas estrangeiras: a italiana FIAT, a norte-americana IKA (posteriormente IKA-RENAULT), e a inglesa PERKINS. A cidade experimentou um rápido crescimento industrial e constituiu um novo tipo de trabalhador: o operário industrial, de origem predominantemente camponesa.

Na segunda década do século, Córdoba era uma cidade vinculada principalmente às atividades agrícolas, com um pequeno número de estabelecimentos industriais e pequenas oficinas que tinham criado uma classe operária estimada em torno de 11.700 pessoas em 1914, quando a cidade

contava com aproximadamente 135.000 habitantes¹. O símbolo maior da cidade era sua lendária Universidade, território tradicional das elites da cidade, mas que naquela década viu-se assaltada pelos filhos dos agricultores florescentes e dos setores em ascensão das camadas médias urbanas. Esse assédio à universidade teve seu ponto culminante no Movimento da Reforma Universitária que, nascendo em Córdoba, em 1918, difundiu-se pela América Latina como um símbolo libertário.

Em 1927, o governo de Marcelo T. de Alvear, respondendo a pressões militares, liberou verbas para o estabelecimento de uma fábrica de aviões em Córdoba. Em 1929, a fábrica era um dos principais empreendimentos industriais do país, empregando em torno de 600 trabalhadores. Já na década de 30 foram construídas outras plantas militares no estado, como a *Fábrica Militar de Pólvora y Explosivos*, na cidade de Villa Maria, a *Fábrica de Armas Portátiles*, na cidade de San Francisco, e a *Fábrica de Municiones para artillería*, na cidade de Río Tercero. Esses empreendimentos industriais criaram as bases para o desenvolvimento da experiência técnica da região.

O estabelecimento de várias dessas indústrias respondeu à existência de energia elétrica abundante e barata, resultante de um ambicioso plano de usinas hidroelétricas empreendido pelo governo de Amadeo Sabattini na Província². As condições favoráveis criadas pelo governo de Sabattini produziram um importante crescimento dos estabelecimentos industriais que, de 2.839 em 1935, passaram a 5.319 em 1940, com um crescimento do setor operário de 20.189 para 37.649 no mesmo período³.

Em 1951, o governo de Perón criou em Córdoba a *Fábrica de Motores y Automotores*, cujo objetivo era a produção dos motores dos aviões fabricados em Córdoba, os quais eram até esse momento importados. Em 1952, decidiu-se fundir as fábricas militares de Córdoba e criar um grande complexo industrial militar, as *Industrias Aeronáuticas y Mecánicas del Estado* (IAME).⁴ As fábricas mecânicas do grupo do IAME (cerca de 55 estabelecimentos, que empregavam

¹ Os dados sobre o desenvolvimento socioeconômico de Córdoba foram tomados principalmente do livro de James P. Brennan *El Cordobazo. Las guerras obreras en Córdoba, 1955-1976*, Ed. Sudamericana, 1996, particularmente do Capítulo 1, "*Industrias, sociedade e classe*", págs. 43-81.

² Os projetos de Sabattini, na década de 30, foram complementados em 1959 pelo *Plan Ansaldo* do governo estadual, com o financiamento de duas grandes centrais hidroelétricas por capitais italianos: as estações de *Deán Funes* e *Pilar*, e, com o aproveitamento, no começo dos anos 60, de fontes de energia termal, Córdoba transformou-se no maior produtor de energia do país depois de Buenos Aires.

³ Em nível nacional se contavam, em 1940, 43.613 estabelecimentos, a enorme maioria localizada em torno da cidade de Buenos Aires.

⁴ Rebatizada como *Dirección Nacional de Fabricaciones e Investigaciones Aeronáuticas* (DINFIA) em 1957, e posteriormente chamada *Industrias Mecánicas del Estado* (IME).

em torno de 10.000 operários) produziram uma nova transformação na cultura local. Na época da derrubada do governo do General Perón pelo golpe militar de setembro de 1955, as fábricas do grupo produziam uma ampla gama de veículos de transporte: aviões comerciais e militares, o carro Graciela, os Jeeps e caminhões para o exército e a moto Puma, que, na época, transformou Córdoba no segundo maior produtor de motocicletas do mundo, depois de Milão.

Portanto, na década de 50, Córdoba tinha-se transformado no centro de um tipo particular de desenvolvimento industrial: concentrado num único setor industrial, o das indústrias mecânicas. Essa tendência ainda se desenvolveria dramaticamente no segundo lustro da década. Em 1954, o governo de Perón assinou um convênio com a empresa FIAT de Turim para a compra, pelo complexo italiano, da fábrica de tratores de IAME, sediada no bairro satélite de Ferreyra, na cidade de Córdoba, com o objetivo de estabelecer no local um grande complexo de produção de veículos. Pouco antes da sua derrubada, em 19 de janeiro de 1955, assinou um novo convênio, dessa vez com o industrial norte-americano Henry J. Kaiser, visando à construção de um complexo denominado *Industrias Kaiser Argentina* (IKA), para a fabricação de carros no bairro periférico de Santa Isabel, na mesma cidade. Além dos complexos industriais de IAME, IKA e FIAT, em 1963 a Fábrica PERKINS, de capitais britânicos, dedicada à fabricação de motores para diversos usos, começou sua produção.

Como é fácil perceber, tal desenvolvimento concentrado no tempo e no espaço local teve conseqüências fundamentais para o desenvolvimento urbano e cultural da cidade. Um novo proletariado urbano, seus bairros, seus costumes, sua cultura, apareciam na cidade. Das casas existentes em Córdoba em 1960, 43% foram construídas entre 1947 e esse ano. Entre 1947 e 1966, a população cresceu em 300.000 habitantes, passando para 683.628 habitantes. Um heterogêneo fluxo migratório forneceu o material humano, vindo não apenas do interior da província, mas de outras regiões do país e até de países vizinhos, basicamente Paraguai, Uruguai e Bolívia.⁵

As características do desenvolvimento da cidade tornariam Córdoba um epicentro das lutas sociais na década de 60, com o movimento operário no olho do furacão. A classe operária e os estudantes, cujo número ascendia a quase 10% da população, constituíram-se nos setores sociais com uma identidade mais

⁵ O crescimento da cidade não parou na época de refluxo econômico. Entre 1965 e 1970, passou de 666.514 para 798.663 habitantes, representando o crescimento populacional mais rápido da história da cidade. Nessa última data, a massa de mão de obra empregada em tempo completo ou parcial ascendia a 337.000 pessoas.

marcada e com uma presença e mobilização sindical e política mais relevantes. Quando se encontram, em meados da década, o começo dos problemas na indústria local de automóveis⁶ e a política repressiva da nova ditadura militar, a militância operária e estudantil será caldo de cultura, na crescente politização da sociedade cordobesa, para o crescimento da nova esquerda revolucionária.

Em Córdoba surgiu o sindicalismo chamado "classista" ou "combativo" e despontaram três das maiores figuras do novo sindicalismo: Atilio López, Agustín Tosco e René Salamanca, os três vítimas da repressão estatal e paraestatal⁷. Nessa cidade se deu uma aproximação intensa entre o mundo peronista e o mundo da esquerda marxista; criaram-se as primeiras tentativas de "controle operário" sobre as condições da produção; produziu-se a primeira grande democratização dos sindicatos posterior à etapa peronista; estabeleceu-se uma vinculação entre operários e estudantes que levantava a palavra de ordem "*obreros y estudiantes, unidos adelante*", vinculação só comparável àquela acontecida em 1918, na mesma cidade, em torno da Reforma Universitária. Segundo a expressão de Aricó (1988: 71), em Córdoba "*un acercamiento molecular de las figuras típicas del obrero y del estudiante ofrecía un cuadro variado pero relativamente homogéneo en el que las diferencias se atenuaban sin disiparse*". Em Córdoba se produziu também uma importante radicalização dos jovens católicos (o meio no qual surgiu a organização armada *Montoneros*), e cresceu como em nenhuma outra parte a organização armada *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP). Em Córdoba, finalmente, aconteceu o movimento popular mais importante da época, transformando-se em exemplo de insurreição urbana: o mítico "*Cordobazo*". José Aricó reflete da seguinte maneira sobre o lugar no qual se desenvolveu a experiência que estudamos e da qual foi o principal animador:

Porque éramos gramscianos al publicar la revista nos imaginábamos vivir en un Turín latinoamericana, o accedimos a Gramsci porque de algún modo Córdoba lo era? En los incandescentes años, y desde una perspectiva que fue por mucho tiempo leninista, leímos a Gramsci con pasión; aún más, aprendimos el idioma para leerlo en sus fuentes originales. Pudimos conocer sus escritos anteriores a los *Cuadernos* y toda una abundante literatura interpretativa que nos llegaba de Italia. Pero leímos también a Togliatti, Luporini, Banfi, Della Volpe, Coletti; traducíamos sus escritos y

⁶ O "boom" das empresas mecânicas locais dura até meados dos anos 60. Estas empresas, que tinham o controle quase completo do mercado em 1958, chegariam a 1969 com menos do 40%, perdendo o espaço para fábricas instaladas na grande Buenos Aires.

⁷ Atilio López foi assassinado pela organização para-militar Aliança Anticomunista Argentina (*Triple A*) em 16 de setembro de 1974. René Salamanca foi detido em 2 de abril de 1976, dado como desaparecido e poucas semanas depois assassinado no campo de concentração de *La Perla*. Embora Tosco não tenha morrido assassinado, sua morte, acontecida em 5 de novembro de 1975, é decorrente das consequências, para sua saúde, das sucessivas prisões às quais foi submetido.

los hacíamos circular. Nuestro debate los incorporaba. De algún modo, lo que estaba germinando en Córdoba era un movimiento social y político de características nuevas y en ese grupo en fusión pugnamos por que las ideas de Gramsci circularan como si fueran propias... (Aricó, 1988: 72)

Nesse “caldo primitivo”, cultural, social e político, surgiu a experiência inaugurada por um grupo de jovens comunistas, que, com o nome de *Pasado y Presente*, estabeleceram um projeto de transformação cultural no seio da esquerda política que transcendeu as fronteiras de Córdoba, mas que, por longe que tenha ido, conservou a marca de nascença na convulsionada Córdoba dos anos 60⁸.

2.2. Entre Gramsci e Guevara: a primeira etapa da revista *Pasado y Presente*

A revista *Pasado y Presente* teve duas etapas: uma primeira entre março de 1963 e setembro de 1965, quando foram publicados nove números em seis volumes, e outra, muito breve, entre abril e dezembro de 1973, com a publicação de três números em dois volumes (ver Apêndice 1).

A gestação da revista começou no princípio dos anos 60 ainda no seio do PCA. No clima da crise das expectativas transformadoras que o governo de Arturo Frondizi⁹ tinha criado no espectro liberal-democrático e de esquerda, e dos efeitos da revolução cubana e da libertação da Argélia, produziu-se no mundo estudantil uma recomposição da esquerda e, em Córdoba em particular, chapas de esquerda ganharam a direção dos diretórios acadêmicos de algumas faculdades. Nesse clima, também marcado no mundo dos comunistas pelos efeitos do XX e XXII Congressos do PCUS, que impulsionavam a produção de uma renovação mais rápida no interior dos Partidos Comunistas, apareceu a idéia

⁸ As edições de *Pasado y Presente* não apenas conservaram a “aura” associada à cidade de Córdoba, mas durante muito tempo, pelo menos até o fechamento da *Editora Siglo XXI* argentina, em abril de 1976, os *Cuadernos de Pasado y Presente* (que haviam chegado ao número 64 na época) eram publicados indicando Córdoba como a sede da editora, remetendo a uma Caixa Postal na cidade de Córdoba (*Casilla de Correo 80*). Isto é, seis anos depois de os editores terem-se mudado para a Cidade de Buenos Aires, conservavam, numa deliberada construção “ideológica”, sua radicação em Córdoba.

⁹ Com um programa nacionalista e desenvolvimentista, contando com o apoio do peronismo, acertado num pacto secreto com Perón na Espanha, e de importantes camadas intelectuais do espectro da esquerda liberal e da esquerda tradicional, Arturo Frondizi foi eleito presidente em fevereiro de 1958. Num “giro à direita” inesperado, entre julho e setembro desse ano, Frondizi anunciou duas medidas que foram repudiadas pelo conjunto das forças que o ajudaram a se eleger: os contratos para a exploração e comercialização do petróleo nacional com empresas estrangeiras e a privatização do ensino universitário foram o estopim de um novo período de lutas contra o que ficou conhecido como “a traição de Frondizi”.

de uma revista de crítica cultural e política vinculada àquele espectro amplo, do qual participavam os comunistas.

Advertimos la importancia del papel que podía desempeñar una revista redactada por comunistas y no comunistas, colocada fuera de la discusión orgánica partidaria, que pudiera actuar sobre el partido como un centro de fermentos ideales, de debate y de crítica, posibilitando a las fuerzas renovadoras que creíamos existentes en su interior la tarea de llevar adelante una reconstrucción teórica en condiciones más favorables. (Aricó, 1986: 24)

No projeto inicial da revista se encontravam Oscar del Barco, Samuel Kiecskovsky, Héctor Schmucler e José Aricó, na cidade de Córdoba. Em Buenos Aires, Juan Carlos Portantiero acompanhava o projeto e, num intercâmbio de cartas com Aricó, ambos sugerem, ao mesmo tempo, o mesmo nome para o empreendimento: *Pasado y Presente* (Aricó, 1986: 24).

Portantiero lembra que não conheceu pessoalmente Aricó até 1962, quando por fim se encontraram, depois de um encontro fracassado em 1960. Aricó era na época Secretário Político da *Federación Juvenil Comunista* (FJC) (*"Fede"*, no jargão dos comunistas) da Província de Córdoba, cumprindo suas funções como funcionário do partido. A partir de então começou uma relação que foi duradoura:

...A partir de ahí vivimos desde el interior de la Juventud Comunista todo el período de ruptura con el partido, en el momento en que, efectivamente, esa mezcla extraña de Guevara, de Mao, de Gramsci y Togliatti, armaba un discurso con el cual nos queríamos oponer al discurso oficial del PC... (Portantiero, 1992: 34)

O impacto do XXII Congresso do PCUS ocupou um lugar destacado nas decisões pela renovação dentro do partido. Se a intervenção soviética na Hungria, em 1959, tinha colocado um freio na discussão das primeiras denúncias da era stalinista, acontecidas no XX Congresso do PCUS, em 1962, ano do XXII Congresso, não existia nada que impedisse o pleno desenvolvimento da discussão sobre os estragos da época stalinista; *"la tragedia del stalinismo aparecía desnuda ante nuestros ojos ávidos de entender"*, lembra Aricó (1986: 24).

La actitud del PCA, que intentó frenar la discusión sobre la significación real de los hechos denunciados en el XXII Congreso y la corresponsabilidad en ellos de todos los comunistas, junto a otros sucesos que mostraban que la distancia entre lo que se decía ser y lo que se era realmente, nos llevaron a pensar la necesidad de emprender la tarea de transformación del partido *desde el interior* del propio partido. Deslumbrados por la experiencia de la revolución cubana (por la que la dirección comunista no podía ocultar su animadversión), críticos de la respuesta que daba el mundo comunista al problema del estalinismo, convencidos de la necesidad de pensar la forma teórica del marxismo a partir de la indicaciones de Gramsci,

llegamos a la conclusión de que debíamos emprender la aventura de una población autónoma de la dirección del partido. (Aricó, 1986: 24)

A aparição de *Pasado y Presente*, em março de 1963, contou num primeiro momento com o apoio do Partido Comunista de Córdoba, e o dinheiro para o financiamento dos primeiros dois números veio de contribuintes financeiros do partido. É importante levar em conta este fato, que comprova que a revista não era pensada como um instrumento de “ruptura” com o Partido Comunista, mas como um elemento de transformação interna nos marcos do próprio partido. Nem existia, de parte do grupo fundador, qualquer espírito de ruptura com a organização. Por outro lado, a iniciativa e – o que é mais importante –, o “espírito renovador” da iniciativa contavam com o apoio pelo menos implícito de Héctor Agosti, uma figura relevante da direção do Partido. Portanto, longe de ser pensada no espírito de ruptura, a empreitada era vista pelo grupo editor como parte de um movimento mais amplo de renovação partidária. Segundo lembra um dos fundadores da revista, “*entonces decíamos, si Agosti nos guiña es porque hay un movimiento también arriba*” (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996).

Ainda sobre os objetivos e expectativas da revista, dizia Aricó numa entrevista realizada em agosto de 1991, pouco tempo antes da sua morte:

...Había que descomponer la historia tal como la habíamos compuesto, cambiar la caracterización del mundo peronista y señalar una diferencia fundamental entre el juicio sobre el gobierno de Perón y el efecto de nacionalización de masas que creó esa experiencia histórica. Para eso era necesario un rearme ideológico del partido y una modernización del instrumental que permitiera ponerse en condiciones de establecer un diálogo productivo con las ciencias sociales como parte del proceso de conquista de los nuevos intelectuales... (Aricó, 1991: 58)

A aparição da revista constituiu-se no segundo fato crítico de “inspiração gramsciana” que se produziu no interior do Partido Comunista. Gramsci, de fato, fornecia o “fundamento teórico” da empreitada.

La teoría de la hegemonía de Gramsci nos obligaba a reencontrarnos con la historia argentina (...) La lectura de Gramsci, si era hecha como lo fue en nuestro caso, a plena conciencia, nos llevaba irremisiblemente a poner en duda un conjunto de seguridades que había sostenido nuestra formación Comunista”. (Aricó, 1986: 24)

O conteúdo do primeiro número, principalmente o editorial assinado por Aricó, foi a gota d’água para a expulsão desse núcleo crítico do PCA – sobre o qual, como já vimos, pesavam as consequências do debate deflagrado por del Barco na revista *Cuadernos de Cultura*.

Cuando salió el Nº 1 de Pasado y Presente nosotros le decíamos a Pancho [Aricó] que el partido no se iba a tragar ese editorial, “nos van a echar, Pancho”. El nos decía “pero no, si eso está dentro de la línea del partido”. Pancho era muy ingenuo. Todos éramos ingenuos en verdad. Y el Nº 1 en efecto no se pudo distribuir normalmente, querían confiscarlo. Lo repartimos igual y hubo problemas! (del Barco, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Com efeito, Julio Cesar Moreno, um militante que vendia o primeiro número da revista depois da proibição oficial, foi duramente agredido por militantes do Partido. Mas a aparição desse primeiro número tinha sido considerada pela organização estadual como uma produção partidária legítima, e foi saudada pela direção estadual do Partido, que reuniu o grupo editor e lhe ofereceu um coquetel para festejar a iniciativa.

Então, o que tinha a revista que ofendesse tanto o espírito dos dirigentes comunistas? Tinha muito. Tanto que, se acreditarmos na falta de vocação de ruptura, deveremos assinar a tese de ingenuidade indicada por del Barco. Contudo, o realmente irritante para os comunistas se encontrava no editorial assinado por Aricó.

Uma das questões mais atacadas posteriormente pelos comunistas foi o fato de Aricó colocar a intervenção da revista como parte de um problema “*generacional*”. Reivindicando-se como parte de uma geração emergente, reconheceu-a como uma “geração sem mestres locais”. Não importou muito que Aricó se houvesse distinguido daqueles que pretendiam ocultar as questões “de classe” atrás das questões relativas às “gerações”, o Partido acusou a revista de se referenciar em Ortega e Gasset e não em Marx.

Nem sempre aparecia uma “nova geração”, afirmava Aricó. Elas se reconheceriam por seu inconformismo e seu espírito renovador, e as evidências pareciam mostrar essa emergência na Argentina de começo dos 60.

Una generación que no reconoce maestros no por impulsos de simplismo negativista sino por el hecho real de que en nuestro país las clases dominantes han perdido desde hace tiempo la capacidad de atraer culturalmente a sus jóvenes mientras el proletariado y su conciencia organizada no logran aún conquistar una hegemonía que se traduzca en una coherente dirección intelectual y moral. (Aricó, 1963a: 2)

Nada assegurava que a história caminharía na direção desejada e que a nova geração emergente se soldaria às lutas do proletariado; sempre existiria, na opinião do editorialista, a possibilidade de que as classes dominantes, mediante manobras “transformistas”, desviassem as tendências reformadoras dessa nova geração. Dado que o grupo editor se encontrava já influenciado pelo “historicismo absoluto” gramsciano, essa possibilidade era fundamentada com

elementos teóricos da mesma linha de argumentação que del Barco havia colocado no seu debate em *Cuadernos de Cultura* e que não tinham como agradar à cúpula comunista.

La historia no es el campo de leyes inexorables, sino la resultante de la acción de los hombres en permanente lucha por la conquista de los fines que se plantean, aun cuando condicionados por las circunstancias con que se encuentran. Todo depende en última instancia del juego de fuerzas en pugna... (Aricó, 1963a: 3)

O editorial da revista construía uma linhagem própria que, remontando-se a uma tradição que chegava às revistas *Nosotros*, *Revista de Filosofía*, *Martín Fierro*, *Claridad*, *Amauta* (de J. C. Mariátegui) e até *Sur*, destacava a revista *Contorno* como seu referente mais imediato e mais importante e a qualificava como “la revista más ‘avanzada’ de lo que ha dado en llamarse *izquierda independiente argentina*”. Deve-se levar em conta que a revista *Contorno* tinha sido criticada pelo PCA como parte do que denominava pejorativamente a “neo-esquerda”, num número especial da revista *Cuadernos de Cultura* intitulado “*Que es la izquierda*”¹⁰. De outra parte, na linhagem que *Pasado y Presente* estabelecia, não se encontravam revistas importantes vinculadas à tradição cultural do PCA.

Escrito integralmente em códigos gramscianos, o texto programático da revista indicava a necessidade histórica da “*presencia hegemónica del proletariado*” (insuficiente ainda devido à existência de “*demasiados residuos corporativos, prejuicios, incrustaciones de ideologías provenientes de otras clases*”) e da conquista de “*una unidad raigal y profunda del intelectual con el pueblo*” como condições para “*la estructuración del nuevo bloque histórico de fuerzas necesario para encarar la reconstrucción nacional*” (Aricó, 1963a: 3).

Se a revolução de que a revista declarava ser partidária “*no puede extraer su sentido del pasado, sino de la proyección crítica de ese pasado hacia un futuro concebido en términos de una sociedad sin clases*”, então essa crítica do passado deveria afetar também o partido que propunha essas transformações.

¹⁰ Um conjunto importante de novas entidades e intelectuais se destacou na segunda metade dos anos 50, conjunto que desde a esquerda comunista era designado – dada a impossibilidade de ser tratado pura e simplesmente como mais uma variante de “direita” – como “neo-esquerda”. Silvia Sigal (1991), a partir do livro “*Qué es la izquierda*”, editado em separata pelo PC a partir dos artigos originais em *Cuadernos de Cultura* Nº 50, elabora a seguinte lista de nomes significativos do novo panorama, na cultura não peronista:

REVISTAS: *Contorno*, *El Popular*, *El grillo de papel*, *Situación*, *Soluciones*, *Estrategia*, *Gaceta Literaria*. Entre elas a revista *Contorno* terá um lugar e papel principal. **INDIVÍDUOS:** Silvio Frondizi, Jorge Abelardo Ramos, A. A. Latendorf, Noé Jitrik, Oscar Massota, J. R. Laforgue, Francisco Romero, Rodolfo Mondolfo, Ismael Viñas, E. Martínez Estrada, John William Cooke, O. Seiguerman, David Tieffenberg, Juan José Hernández Arregui.

Es lógico que debamos buscar en el pasado –especialmente en el pasado más reciente– las razones que impidieron la concreción de una voluntad colectiva nacional de tipo revolucionario (...) Debemos indagar, por ejemplo, las causas que obstaculizaron la plena expansión del marxismo en el seno del proletariado, las trabas que mediaron para que su inserción en la realidad nacional fuese débil y tardía, partiendo del criterio de que esas trabas no provenían exclusivamente de la clase o del país, sino también del propio instrumento cognoscitivo, o mejor dicho, de la concepción que de él se tenía y de como se entendía la tarea de utilizarlo como esquema apto para una plena comprensión de la realidad nacional. (Aricó, 1963a: 5)

Era óbvio que a crítica era dirigida à trajetória do Partido Comunista, e seus dirigentes não deixariam de notar isso, como não perdoariam tampouco a caracterização de “dogmático” para o uso do marxismo adotado pela esquerda, incluindo, obviamente, o próprio PCA. Criticando o marxismo copiado da experiência soviética, fechado sobre si mesmo e resistente ao diálogo com outras tendências culturais da época, e entendendo-o “*en forma absolutamente historicista*” como “*conciencia crítica de la acción transformadora*”, afirmava-se que ele próprio deveria submeter-se a uma “*permanente y despiadada auto-crítica*”. Portanto, afirmava ainda Aricó (1963a: 12), “*más que de un prematuro ‘envejecimiento’ del marxismo hoy convendría hablar, con mucha mayor precisión, de una verdadera crisis del pensamiento dogmático*”.

Colocando para si a tarefa de, a partir do marxismo, ser ponto de arranque de “*una verdadera política de unificación cultural destinada a otorgar al proletariado la plenitud de su conciencia histórica*”, a revista se propunha ao mesmo tempo um trabalho que “*tienda a facilitar, tornándolo más claro y consciente, el proceso de ‘enclasmiento’ de la intelectualidad pequeñoburguesa en los marcos de la clase portadora del futuro*”. Tudo isso na perspectiva da “*conquista de una unificación cultural verdaderamente nacional y popular*” (Aricó, 1963a: 10-11).

Para essa tarefa, a revista pretendia um estilo “*que no caiga en el enciclopedismo inútil y que para ello tenga siempre presente su función de arma de combate*”, e uma prática teórica que não excluísse a participação de intelectuais de outras tendências teóricas, conservando “*pemanentemente abiertas las páginas de la revista a la confrontación de opiniones*”. Tal ousadia era possível pela “*convicción profunda de que la autonomía y la originalidad absoluta del marxismo se expresa también en su capacidad de comprender las exigencias a las que responden las otras concepciones del mundo*” (Aricó, 1963a: 17). Convicção que estava fundada, como quase todas as posições teóricas mais ousadas dos editores da revista, e em particular de Aricó nesse documento programático, no pensamento gramsciano. Que outra referência senão a

gramsciana encontramos na seguinte posição, incrivelmente aberta ao confronto, numa situação na qual a esquerda fechava cada vez mais suas fileiras na defesa de posições cada vez mais radicalizadas?

No es abroquelándose en la defensa de las posiciones preconstituidas como se avanza en la búsqueda de la verdad, sino partiendo del criterio dialéctico que las posiciones adversarias, cuando no son meras construcciones gratuitas, derivan de la realidad, forman parte de ella y deben ser englobadas por una teoría que las totalice. Sólo así podremos dejar a un lado la actitud puramente polémica, que corresponde a una fase primaria de la lucha ideológica del marxismo, cuando aún el proletariado es una clase subalterna, para pasar a plano crítico y constructivo (...) Para esto es preciso saber penetrar en el **interior** de los puntos de vista del adversario ideológico, desmontar paso a paso las construcciones ficticias, mostrar sus contradicciones internas, sus presupuestos metafísicos, sus métodos abstractos, sus deducciones incorrectas. Pero al mismo tiempo extraer todo lo que de verdad, de conocimiento, ellos expresen. Es así como el marxismo deviene fuerza hegemónica, la filosofía del mundo moderno... (Aricó, 1963a: 17)

Enfim, era óbvio que as posições de desafio à cultura dos comunistas que esse editorial trazia não passariam sem muita resistência de parte do partido. O questionamento principal veio da direção nacional do Partido, fundamentalmente de Rodolfo Ghioldi¹¹, um dos seus principais dirigentes. Numa crítica publicada noutra das revistas do partido, a *revista Nueva Era*, Nº 6, Rodolfo Ghioldi escreve:

Una revista cordobesa "de ideología y cultura", en la que figuran publicitariamente conocidos renegados, aspira en nombre de la "intelectualidad" a la eliminación del leninismo, al que ni siquiera nombra ni una vez a lo largo de sus muchas páginas de metafisiqueo, y ello claro está, so capa de marxismo crítico, como si después de 45 años de revolución socialista resultara lícito o admisible un marxismo fuera del marxismo-leninismo. (Em *Pasado y Presente* Nº 2-3, "Nota de la redacción", pág. 236)

Pouco depois da condenação de Ghioldi à revista, a direção nacional ordenou a dissolução do grupo e a suspensão imediata da publicação, o que foi recusado pelo grupo editor.

Naturalmente que nos negamos a acatar ese ultimátum y de inmediato excluyeron a los primeros cuatro redactores bajo el cargo de pertenecer a una revista "antimarxista y anticomunista". (Aricó, 1988: 44)

O grupo expulso tinha a simpatia de uma parte importante da organização dos jovens comunistas. Quase todo o chamado *Setor Universitário* do partido saiu da organização quando o grupo editor da revista foi expulso. O personagem político central do movimento que nascerá a partir da saída do PC é José Aricó.

¹¹ Rodolfo Ghioldi foi um dirigente de grande respeito e poder dentro do PC, e uma figura com um halo mítico depois da sua participação na "Coluna Prestes" e de ter sido torturado e encarcerado na prisão de Fernando de Noronha junto com os presos brasileiros.

...El centro era sobre todo Pancho, que era el que en algún sentido, "hacía política", el que se reunía con gente, que tenía un grupo acá otro allá, sin que todo esto fuera organizado. Más bien lo venían a consultar, porque acá era el hombre que más sabía de marxismo, era el hombre que más experiencia había tenido en el PC y de una gran apertura y de una gran capacidad de convicción de la gente. (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

No seu número 66 de janeiro-fevereiro de 1964, a revista *Cuadernos de Cultura* publicou uma edição totalmente dirigida à crítica de *Pasado y Presente*, cheia de frases duras e mordazes, das quais o artigo de Abel García Barceló, denominado "*El marxismo-leninismo y la denominada 'totalización' del marxismo*" é um exemplo paradigmático. Feito na linguagem irônica que uma certa tradição de esquerda (que transcende os comunistas) cultivou na polêmica contra inimigos, adversário e amigos, já apontada aqui, Barceló começou tratando o grupo rebelde como "*ciertos jóvenes, en los que la eventual buena fe no los redime de haberse procurado el propio aniquilamiento político*" (García Barceló, 1964: 12). "Auto-aniquilamento" era o que significava para o autor da crítica a saída do Partido. Fora do Partido não existia caminho possível e, portanto, sair do Partido era como morrer politicamente. Com efeito, dizia García Barceló na forma de conselho para os jovens rebeldes:

Para ellos, les repetiremos la vieja fórmula de que el camino del marxismo y la revolución pasa, exclusivamente, por el Partido leninista, que solamente es en ese Partido donde la rebeldía puede convertirse en transformación revolucionaria del mundo, y que dejen la iracundia y el desencantamiento fácil para los que ofician en actividades más privadas y domésticas. (García Barceló, 1964: 12)

De algum modo a ameaça tinha um sentido forte, já que não era coisa simples no ambiente da esquerda ser um "renegado" do Partido. Havia uma série de efeitos sociais desmoralizantes, como não ser mais cumprimentado na rua pelos velhos amigos, não ser recebido em certos ambientes, etc. Isto é, a imagem pública dos dissidentes era deteriorada até o ponto de uma verdadeira "morte civil", pelo menos nos ambientes onde a influência dos comunistas funcionava.

A dura reação da direção do Partido Comunista tinha bons motivos: *Pasado y Presente* abria uma época de retrocesso da influência do PCA no âmbito juvenil e de repetidos fracionamentos internos. Assim, durante 1963, outro grupo dissidente, comandado por Juan Carlos Portantiero, separou-se do Partido em Buenos Aires, mas o perfil dessa dissidência se construía a partir do distanciamento e conflito entre a URSS e a China comunista. Embora Portantiero colaborasse intelectualmente com *Pasado y Presente*, não existiam vínculos

orgânicos entre uma e outra experiência. Contrariamente ao grupo *cordobês*, que permaneceu – veremos que de um modo um tanto traumático – como um grupo de perfil mais cultural que político, o grupo de Portantiero – que também propunha uma renovação interna e resultou também expulso – formaria uma nova organização política denominada *Vanguardia Revolucionaria (VR)*. A experiência da VR durou pouco, como indica Portantiero lembrando a época da ruptura com o PCA:

...De esa primera aventura -que terminó en un efímero grupo político [VR] sin mayor trascendencia- lo único que quedó fue la empresa que hizo Pancho, en Córdoba, que fue Pasado y Presente, a la cual nosotros contribuíamos desde Buenos Aires. (Portantiero, 1992: 34)¹²

Fora do campo dos comunistas, as novas rupturas foram saudadas pela revista *Izquierda Nacional*, órgão de difusão de uma variante de esquerda crítica à cultura dos comunistas, dirigida por Jorge Abelardo Ramos, e próxima às posições “nacionalistas populares” – particularmente as surgidas com o advento do peronismo. No artigo “*Gramsci y los Gramscianos*”, assinalava o autor, Ricardo Videla:

Característica del presente es el surgimiento de una nueva conciencia en un sector de la juventud argentina (...) Las posiciones divergentes son múltiples. Desde el “maoísmo” de los entusiastas defensores de la posición china al “gramscianismo” de algunos intelectuales (...) El surgimiento de una corriente intelectual de inspiración gramsciana en la Argentina forma parte de este proceso de esclarecimiento que divide a la intelectualidad marxista. (Videla: 1963, 22)

Os textos citados são justamente artigos de Portantiero na revista *Táctica*, órgão de difusão da *Vanguardia Revolucionaria*, e de Aricó em *Pasado y Presente*, e o surgimento da corrente gramsciana foi vista como uma expressão de “autoconsciência” do fracasso da direção do Partido Comunista. “*Para donde van los jóvenes gramscianos?*”, perguntava-se Videla, respondendo no final do artigo:

Ello depende de la influencia que como grupo de opinión sean capaces de ejercer. En la inteligencia de ellos esta alcanzar el sentido del momento histórico actual para superar los antagonismos de un pasado que muere y que sepultará con él a toda la cipayería¹³ en sus diversos matices; de ellos depende que la asimilación de uno de los grandes teóricos del marxismo no sea una nueva variante cipaya, un eclipse de la mentalidad semicolonial frente a las producciones de la inteligencia

¹² Embora pouco transcendente em termos da própria produção política, a VR será o berço de vários importantes dirigentes da “nova esquerda” no começo dos anos 70.

¹³ Cipayería, de “Cipayo”: nome dado em espanhol ao nativo a serviço de uma potência estrangeira.

européia sino una asimilación creadora para ponerla al servicio de las nuevas tareas del socialismo nacional y latinoamericano. (Videla: 1963, 22)¹⁴

Um balanço da empreitada dos "jovens gramscianos", do modo com que assumiriam alguns dos desafios apontados por Videla e outros, é o tema que desenvolveremos nas próximas páginas.

2.2.1. O marxismo "gramsciano" da revista *Pasado y Presente*

A partir da expulsão do núcleo editor do PCA, a revista *Pasado y Presente* será expressão de uma renovação no mundo da esquerda política que se desenvolverá vinculada à crescente luta do movimento social cordobês, o mais expressivo por aqueles anos. A revista conseguiu alcançar uma influência nacional desconhecida para uma publicação que não pertencesse ao centro cultural do país, Buenos Aires. No livro de James P. Brennan, *El Cordobazo*, uma das mais completas e documentadas pesquisas sobre aquela insurreição urbana, o autor assinala:

El *ethos* rebelde de la ciudad, que ocasionaba su venerable rivalidad con Buenos Aires, estaba impregnado por corrientes intelectuales de la época y produjo la más distinguida publicación marxista del país, la gramsciana *Pasado y Presente*. (Brennan, 1996:166)

Se a revista alcançou essa dimensão nacional foi pela junção de vários fatores: em primeiro lugar, devido à publicidade no ambiente de esquerda do episódio a que deu lugar a publicação da revista: a expulsão do grupo editor do PCA, que originou o primeiro fracionamento no interior desse partido depois das últimas divisões dos anos 20-30. Tratava-se da primeira divisão da era pós-peronista e iniciava uma série de rupturas dentro do partido. Em segundo lugar, devido à qualidade, à originalidade e à diversidade do material publicado por *Pasado y Presente*, o que a tornava um caso inédito no ambiente das revistas de esquerda. E, em terceiro lugar, mas não por isso menos importante, pela cidade onde era editada: a cidade de Córdoba, a cidade das rebeldias estudantis do começo do século, que ainda conservava essa aura e que, como vimos, tinha-se

¹⁴ Segundo Aricó, o qualificativo de "gramscianos argentinos" foi usado pela primeira vez por Ricardo Videla neste artigo. Porém, nele Videla nunca usa o termo na forma em que Aricó o coloca. Videla usa a expressão "jóvenes gramscianos", que Aricó toma como "gramscianos argentinos". O mesmo erro formal comete Terán (1991: 96), seguramente acompanhando o texto de Aricó. A expressão "gramscianos argentinos" foi inaugurada no exílio mexicano. No México, intelectuais vinculados ao grupo ainda os mencionam com aquele apelido. Sobre o autor do artigo em *Izquierda Nacional*, pergunta-se Aricó (1988: 67) várias décadas depois: "Por qué me empecino en creer que detrás del seudónimo pudo haber estado la persona de mi amigo Ernesto Laclau, por esos años integrado a la revista?"

tornado na época da publicação da revista uma grande cidade industrial, com um movimento operário denso e um sindicalismo crescentemente combativo, objeto do desejo de todas as organizações da esquerda política. Os acontecimentos posteriores, particularmente o “Cordobazo”, acabaram por completar a imagem de rebeldia da cidade. Sobre essa condição “cordobesa” da revista, reflete Aricó:

Creo que buena parte de la gravitación que alcanzó la revista debería ser rastreada aquí. Un grupo de intelectuales y militantes de izquierda, comunistas y no comunistas, universitarios y otros que no lo eran, protagonizaba una experiencia insólita. Reflexionaba sobre los problemas políticos y culturales de la izquierda desde un sitio alejado de la Gran Ciudad donde históricamente cristalizó la función de pensar. (Aricó, 1988: 70)

A diversidade temática e de enfoques que a revista trazia, traduzindo de diversas línguas autores de diversas correntes, embora conservando o perfil de uma revista genericamente “marxista”, tornou-se um ponto crucial do seu sucesso. Segundo aponta o próprio Aricó (1988: 65), *“lo insólito en nuestro caso era el hecho de que pudiéramos sustentar una amplitud de intereses y un desenfado ante la cultura ‘burguesa’ que no era común”*. E no fundo dessa busca, desse desprezo por dogmas e estereótipos, estava permanentemente a influência do pensamento gramsciano.

Estuvimos así en condiciones de recibir y analizar a partir del marxismo corrientes tales como el existencialismo sartreano y la fenomenología de Husserl, Claude Lévi-Strauss y el estructuralismo, Braudel y la nueva historia, y hasta las corrientes modernas del psicoanálisis que giraban en torno de un sol apenas conocido por estas tierras: Jacques Lacan. Y pudimos hacerlo porque encontramos en el marxismo italiano, y en Gramsci en particular, un punto de apoyo, el suelo firme desde el cual incursionar, sin desdecirnos de nuestros ideales socialistas y de la confianza en la capacidad crítica del marxismo, en las más disímiles de las construcciones teóricas”. (Aricó, 1988:64-65)

Gramsci era uma espécie de “pano de fundo teórico” sobre o qual acontecia uma história com práticas às vezes antagônicas às logicamente decorrentes de suas idéias, como veremos; mesmo assim, uma história que conservava uma espécie de *bússola* gramsciana. O Gramsci que a revista e o grupo tomavam era um Gramsci “peneirado” ou moldado pela experiência histórica concreta, que se fundia com outras tendências da época. Por exemplo, o Gramsci que apareceria vigoroso nessa primeira etapa da revista e do grupo foi o Gramsci da questão nacional-popular, um Gramsci que lhes permitia pensar a trágica separação entre o sentimento e o movimento das classes subalternas na sociedade argentina e o pensamento socialista, e repensar sua atuação na sociedade enquanto intelectuais que encontravam, na causa da libertação das classes proletárias, o

leitmotiv de suas ações e de sua vida, sem, necessariamente, pertencer a essa classe. Assim, afirma Aricó (1988: 78), “*fue el Gramsci ‘nacional-popular’ quien en 1965 nos ayudó a plantear la cuestión de la caducidad de una forma histórica de pensar la soldadura de los intelectuales con los trabajadores. Y digo plantear, no resolver, porque la pregunta no tuvo respuesta*”.

Mas talvez o mais importante da orientação teórica da revista seja o fato de que, a partir dessa âncora gramsciana, a revista filiou-se à tradição – que nascia na época – de um marxismo sem fronteiras rígidas, um marxismo em diálogo entre suas diversas correntes e entre ele próprio e outras correntes do pensamento contemporâneo, atitude no extremo oposto à praticada no Partido Comunista e até em outras variantes de esquerda, velha ou nova, teoricamente mais abertas que aquele.

En la posición de Pasado y Presente (...) más que todo había un clima de heterodoxia, una conciencia pluralista alimentada de la certeza de que una cultura de izquierda sólo podía realizarse a través del debate, de la discusión y de la libre circulación de las ideas (Aricó, 1986: 24)

...El saber marxista del que buscó apropiarse y que defendió el grupo *Pasado y Presente* era aquel en condiciones de soportar un diálogo productivo con el mundo y la cultura del presente. Esta visión desprejuiciada, no ideológica, o, para decirlo mejor, laica del marxismo contribuyó a hacer de **nuestro grupo una experiencia marginal, inclasificable e incómoda de la cultura de izquierda en la Argentina**. (Aricó, 1988: 81. Negritos, RB)

Como veremos a seguir, esse “clima de heterodoxia” teve seu *clímax* político, nesse primeiro momento, na aproximação com a experiência guerrilheira instalada na província de Salta: por um lado, a ancoragem teórica gramsciana; por outro, algumas justificações teóricas e algumas práticas políticas que sustentavam essa concepção elitista da revolução representada pela prática *foquista*.

2.2.2. Os vínculos com o *Ejército Guerrillero del Pueblo* (EGP)

Em 1963 se instalou no noroeste argentino o que seria a primeira guerrilha marxista na Argentina, o *Ejército Guerrillero del Pueblo* (EGP). Não foi exatamente a primeira experiência guerrilheira, já que as primeiras organizações desse tipo na Argentina apareceram em 1959-1960: um grupo denominado *Unión de Guerrilleros Andinos* (UGA), na região de Mendoza, e um grupo denominado *Uturuncos*¹⁵, na região de Tucumán e Santiago del Estero. Formados

¹⁵ Oscar Terán (1991: 126) indica dezembro de 1958 como a data da aparição pública do grupo *Uturuncos*. Gillespie indica os anos 59-60. James não arrisca data, mas indica a influência da revolução cubana (1º de janeiro de 1959).

predominantemente por jovens peronistas, sua atividade estava vinculada de algum modo à “Resistência Peronista”, movimento popular iniciado logo depois da derrubada do governo do General Perón no golpe de Estado de setembro de 1955. O movimento se colocava contra a ditadura do General Aramburu e pelo retorno ao poder de Juan Domingo Perón. Ambas as experiências foram breves e terminaram dissolvendo-se por problemas internos e pela ação da repressão estatal, ainda antes de iniciar efetivamente as operações militares (James, 1990: 205-206; Gillespie, 1987: 64).

A guerrilha que se instalou na região de *Orán*, na província de Salta, foi promovida a partir de Cuba e encabeçada pelo jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti^{Nota 1}, de codinome guerrilheiro “Comandante Segundo”. A organização da guerrilha era concebida dentro dos planos de Ernesto Guevara para o cone sul da América Latina¹⁶ e contava entre seus primeiros combatentes com alguns cubanos e argentinos, dentre eles o ex-militante comunista Ciro Bustos. Foi através deste último que o grupo de *Pasado y Presente* se vinculou à experiência guerrilheira. O contato se realizou casualmente entre Ciro Bustos e Oscar del Barco, segundo lembra este último.

En el 64 entramos en aquello del EGP. Yo lo encuentro a Ciro Bustos en Bell Ville y entramos en contacto. El grupo entra en esa aventura. Después ellos financian un número de la revista y nosotros publicamos el artículo de Debray¹⁷. Yo me entusiasmo mucho con todo aquello, Pancho [Aricó] no. Es que voy a Bell Ville y un amigo me dice “mirá, aquí hay un delegado del Che”; y eso era mucho. Allí lo conozco a Ciro Bustos que era delegado de Masetti, el “Comandante Segundo”. Después él viene a Córdoba y lo conoce la otra parte del grupo. Nosotros participamos bastante. Había un tal de Hermes, que era uno de los cubanos que habían venido al Noroeste. Con él teníamos que ver lo de llevar la comida y organizar el transporte. (Oscar del Barco, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Alguns membros do grupo fundador de *Pasado y Presente* e militantes que o rodeavam participaram do apoio logístico às operações da guerrilha e o grupo foi atingido pelas consequências desse envolvimento. Um dos membros fundadores da revista, Samuel Kieckzovsky, foi preso em Córdoba sob a acusação de fazer parte do grupo guerrilheiro e trasladado para a Cidade de Salta, onde

¹⁶ Castañeda (1993) trata de forma relativamente extensa o tema da guerrilha comandada por Masetti, para defender várias hipóteses biográficas em torno de Che Guevara, entre elas a de um certo desconforto de Guevara na sua permanência em Cuba e a decisão, já em 62-63, de montar o foco guerrilheiro na Argentina. A conclusão de Castañeda é que Guevara iria se incorporar à guerrilha quase imediatamente depois de instalada, em 1964. O próprio “nome de guerra” de Masetti indicaria que o “Comandante Primeiro” seria Guevara.

¹⁷ Régis Debray, *El Castrismo: la gran marcha de América Latina, Pasado y Presente*, Nº 7-8, março de 1965.

ficou cerca de um ano na cadeia. Outros ativistas vinculados à revista também foram presos.¹⁸

O vínculo do grupo com a guerrilha não foi homogêneo; uns se comprometeram mais do que outros, uns estavam mais animados com a experiência do que outros, e os motivos e pulsões que os levaram a embarcar nessa experiência foram também matizados. Por exemplo, na lembrança de um dos dirigentes da revista:

...Todos esos fueron, de algún modo hechos "fortuitos". Claro que había un clima y si el EGP hubiera sido un grupo fascista no hubiéramos entrado, eso es evidente. Pero al EGP, nos vinculamos de pura casualidad, por razones, por un lado "éticas", y por el otro por razones "lúdicas". Había un gran elemento lúdico. Pero en términos éticos razonábamos "cómo vamos a dejar en la estancada a compañeros revolucionarios!" Todavía teníamos esta idea. Hoy de ninguna manera la tengo, en el sentido de que mediaría una gran discusión de cosas, pero todavía estábamos cargados de ese clima, la impronta cubana, etc. Entonces, no es que haya sido completamente fortuito, había una cadena de hechos: este amigo de Oscar sabía que nosotros éramos críticos, sabía que nosotros nos habíamos inspirado mucho en la revolución cubana, etc. Y nosotros por esa especie de "deber moral", incorporamos alguna gente vinculada con nosotros. Y se daban otras circunstancias, aquí en Córdoba ya había gente preparándose para la lucha armada, etc. Pero, inmediatamente comenzó nuestra crítica al EGP, crítica que no fue ruptura. (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Com efeito, parte dessa atitude "crítica" foi a intervenção de José Aricó, de algum modo "delegado" do grupo para se entrevistar em Salta com o chefe da guerrilha, o Comandante Segundo¹⁹. O conteúdo da mensagem que levava Aricó, segundo os entrevistados, era de preocupação com o andamento dos acontecimentos.

Pancho subió a hablar con el Comandante Segundo para decirle "oiga esto no va", porque les decíamos que era un desastre y así fue desgraciadamente, por los muertos que hubo. (Schmucler, entrevista concedida ao autor, dez. de 1996)

¹⁸ Outro ativista próximo do grupo que foi preso foi Delfo Rey. Rey, que tinha sido militante da Juventude Comunista, foi solicitado por membros da direção de *Pasado y Presente* para dirigir uma camionete desde Córdoba até Salta, com provisão para a guerrilha, mas foi capturado na cidade de Salta antes dos suprimentos chegarem à guerrilha.

¹⁹ Da viagem de Aricó a Salta, que poderia ter sido entre setembro de 63 (data aproximada em que Masetti chegou à região) e março de 64, Aricó não fala nem em seus textos nem em nenhuma das entrevistas a que tivemos acesso. Nem sequer na última da sua vida, que é na qual mais fala do seu vínculo com o EGP. Dos dados que conseguimos até agora, fica pouco claro se Aricó conseguiu falar com Masetti. Aparentemente sim, disse-nos Portantiero em entrevista. O mesmo Portantiero acrescenta a seguinte visão daqueles fatos:

"...La ruptura con el PC significaba también la primera vinculación con una experiencia terrible y dolorosa que culminaría en la tragedia de los 70. Fue entonces, en los 60, la vinculación que esa ruptura tuvo con la guerrilla en Salta, lugar hasta donde llegó Pancho para entrevistarse con el "Comandante Segundo" y traernos la versión de lo que estaba pasando, una versión que ya nos indicaba la convicción de que eso iba a terminar muy mal, como efectivamente terminó" (Portantiero : 1991, 34).

A experiência guerrilheira durou pouco, sendo derrotada em março de 1964, com um resultado nulo em termos políticos. Supõe-se que Jorge Ricardo Masetti foi morto, já que seu corpo jamais foi encontrado. Ciro Bustos, que conseguiu escapar, voltou à ativa na guerrilha comandada diretamente por Che Guevara, na Bolívia, onde foi preso posteriormente junto com Régis Debray.^{Nota ii}

Mas os compromissos assumidos pelo grupo continuariam não apenas através da solidariedade com os companheiros presos. Duas das mais evidentes marcas da etapa guerrilheira do grupo e da revista podem ser encontradas no editorial do número 4 de *Pasado y Presente*, assinado por José Aricó, e na publicação – pela primeira vez em espanhol –, no número 7-8 da revista editada em março de 1965, do mencionado documento-proclama escrito por Régis Debray intitulado *El castrismo: la gran marcha de América Latina*²⁰.

No número 4 da revista (janeiro-março de 1964), *Pasado y Presente* fazia aniversário, o que ocasionou um balanço de Aricó sobre esse ano de agitada polêmica com o PCA, numa longa reflexão em resposta às críticas vindas do Partido no Nº 66 de *Cuadernos de Cultura*. Mas a novidade e particularidade desse editorial é que, embora nele aparecesse a referência à centralidade da questão operária no processo revolucionário, sustentada desde o primeiro número da revista, tal questão –seguramente marcada pela experiência concreta do grupo nesse preciso momento, o engajamento com a guerrilha de Salta –, foi matizada por afirmações de cunho guevarista-debrayano. Assim, as massas camponesas exploradas do noroeste do país constituíam “o elo mais fraco da corrente de dominação burguesa” (Aricó, 1964: 262) e, portanto, a centralidade operária deveria ser compartilhada com a luta no que Aricó denomina o “hinterland” (interior) argentino.

En nuestro país, el proletariado urbano y rural podrá triunfar si sabe acompañar su actividad con la acción de las masas explotadas del noroeste del país, que constituyen el eslabón más débil de la cadena de la dominación burguesa (...)

En nuestra opinión, el postulado leninista de la alianza obrero-campesina, se traduce en las condiciones nacionales en la unidad del proletariado urbano y rural

²⁰ A primeira versão em francês foi publicada na revista *Les temps modernes*. Numa nota de rodapé da redação da revista, aparece a seguinte advertência:

“Este trabajo [...] tiene entre otros el mérito de construir una coherente visión de conjunto de los problemas latinoamericanos. Si bien es cierto que algunas de las afirmaciones vertidas nos parecen discutibles y que las soluciones postuladas pueden parecer demasiado simplificadas, el valor general, casi paradigmático de una determinada perspectiva de resolución de la revolución latinoamericana, lo convierten en un interesante punto de partida para la discusión que deseamos iniciar en este número de *Pasado y Presente*.” (*Pasado y Presente*, Nº 7-8, octubre de 1964-marzo de 1965). Não fica muito claro qual discussão abriria o artigo. Seja qual for, será mais uma das várias promessas que a revista *Pasado y Presente* deixará de cumprir nesta primeira época. Por exemplo: no Nº 4 promete uma discussão sobre a formação dos intelectuais na Argentina; no Nº 7-8, esta discussão, supostamente sobre a Revolução latino-americana, e no Nº 9, uma discussão sobre “a condição operária”, dentre outras.

con las masas campesinas y semiproletarias del "hinterland" colonial. (Aricó, 1964: 261-262)

Como vemos, o referencial argumentativo principal é Lenin; o Gramsci da "questão meridional" aparecerá para pensar a questão dos intelectuais no meio rural. Mas esse posicionamento não significa que a centralidade da questão proletária tenha sido absolutamente abandonada. Assistimos, neste editorial, a uma espécie de "desencanto" passageiro com o movimento da classe operária. Apesar de afirmar que *"la función hegemónica es un producto (...) de una tenáz labor ideológica y política de la izquierda revolucionaria en el seno de la fábrica (revalorizándola como núcleo central de su actividad política...)"*, as grandes fábricas são consideradas o fundamento da hegemonia burguesa. Os operários das grandes indústrias são considerados como "aristocracia operária", por causa dos salários altos comparativamente aos outros contingentes de classe (Aricó, 1964: 260). Portanto, o eixo revolucionário se desloca para o noroeste argentino.

Después del proletariado urbano y rural de la zona capitalista, las masas rurales del "interior" del país –fundamentalmente del noroeste– constituyen el elemento social más revolucionario de la sociedad argentina (...) La sincronización de la acción revolucionaria en la ciudad y en el campo exige como tarea previa la destrucción del bloque agrario-terrateniente que centraliza y domina esa sociedad "tradicional" en beneficio del capitalismo monopolista, lo que a su vez demanda la organización en forma autónoma e independiente de las masas explotadas del "hinterland" semicolonial. (Aricó: 1964, 262)

Ou seja, assistimos, no momento em que o grupo se encontrava engajado na experiência guerrilheira, a uma justificação teórica que, por um lado, não levou suficientemente em conta o movimento real da classe operária que estava acontecendo debaixo do seu nariz, na cidade de Córdoba e, por outro lado, realizou uma invenção arbitrária: a caracterização, como "revolucionário", de um setor da sociedade – certamente "explorado" e potencialmente rebelde –, numa região do país que nem sequer se conhecia o suficiente, mas era o local escolhido para início do foco guerrilheiro. Azar da revista que, no exato momento da aparição do se Nº 4, o foco fosse dissolvido sem que a mínima fração desse *"elemento social más revolucionario"* – as supostas massas radicalizadas – assomassem na "cena revolucionária".

Apesar desse editorial ter sido a marca mais indelével da etapa "guerrilheira" do grupo, no número 7-8 da revista apareceria ainda o peso dos compromissos assumidos, com a publicação do texto de Debray. A própria edição da revista foi financiada com fundos vindos justamente dos vínculos com

o grupo de Masetti. Deste financiamento nunca fala Aricó nos textos que conhecemos. Segundo a opinião de Schmucler:

Yo antes te hablaba de lo fortuito y de lo lúdico, porque yo no se cuanto influyó para la publicación del artículo de Debray, que era la primer edición en español, el hecho de que estábamos muy necesitados de plata. Sin estar en contra, te vuelvo a repetir, porque no hubiéramos publicado un manifiesto fascista, pero también era un estímulo, porque ellos tenían plata y eso nos aseguró sacar un número. Digo "también" puede haber influido... Porque estaba eso otro que te decía, aquel sentimiento ético. (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Um dos aspectos mais interessantes, para nosso trabalho, desse episódico contato com a guerrilha, é a discussão em torno da questão de como um grupo que se constituiu e desenvolveu sob o eixo do pensamento gramsciano se envolveu com uma experiência guerrilheira do tipo caracterizado pela guerrilha de Masetti. O fato nos fala dos limites difusos entre o "espírito" gramsciano do grupo e o "clima da época".

É bastante instigante observar, na história desses fatos – o que talvez indique a relação complicada dos participantes com tais acontecimentos –, a quase inexistente referência a eles no livro de algum modo "historiográfico" de Aricó, *La cola del Diablo*. Nele há apenas uma breve referência a "*el desaliento que sucedió al fracaso de la guerrilla castrista de mediados de los sesenta*" (Aricó, 1988:75-76). Pouco para a relevância dos fatos. Claro que o próprio Aricó se reporta transversalmente à problematidade do ponto quando, referindo-se a certas orientações gramscianas que considera centrais na história da revista, observa auto-criticamente:

Estas dos ideas centrales²¹ contenían un potencial crítico que nos permitió mantener siempre una distancia, **que como hemos visto estuvo más en el plano teórico que en el plano práctico**, respecto de las vertientes castristas-guevaristas, peronistas o maoístas o aun socialdemócratas. (Aricó: 1988, 80. Grifos, RB)

Posteriormente, na última entrevista da sua vida, Aricó falará um pouco mais sobre aquela experiência, "*el encuentro con la guerrilla*", sobre a qual afirma que "*tuvo una importancia decisiva*".

Ahí se produce una cosa que muestra hasta que punto nosotros éramos más una hoja arrastrada por la tormenta que un centro ideológico formulador de política. Muestra la debilidad intrínseca de ese grupo que había surgido para una función que no podía cumplir...

²¹ As duas "idéias" em questão eram: "a) La preocupación por el **examen del contexto nacional** desde el cual deben pensarse los problemas de la transformación y de la perspectiva socialista; b) el reconocimiento pleno del **socialismo concebido como um processo que se despliega a partir de la sociedad**, de las masas y de sus propios organismos e instituciones". (Aricó: 1988, 80. Negritos, RB)

Creo que en la historia de *Pasado y Presente* ese fue un momento de apartamiento de cierta idea de constitución de un grupo político-cultural, que luego vuelve a reconstituirse en los números posteriores (...). El editorial del número cuatro está absolutamente dictado por la necesidad de fundar la posibilidad de existencia de un movimiento guerrillero. No autosuficiente, sino en esa vieja idea guevarista de que el pequeño motor dinamiza los otros (...). Esa editorial es casi como escrita por encargo... (Aricó, 1991b)

Perguntado pelo entrevistador sobre a existência, no mesmo editorial, de “duas visões estratégicas”, a “foquista” e “una que encuentra el núcleo de la dinámica social progresista y de la transformación en el mundo fabril”, afirma Aricó:

Con un elemento que vincula a ambas en la construcción del editorial: el privilegiamiento del voluntarismo político. Es interesante porque muestra la clave voluntarista en que veíamos y podíamos leer la visión política de Gramsci. Esto es lo que permitía compatibilizar o mezclar dos cosas que no tenían nada que ver...

Creo que esa fue una idea que perjudicó la labor. La perjudicó porque el movimiento social estaba creciendo, se estaba armando como un gran movimiento y había una funcionalidad del grupo que podía haber desempeñado una gran función en Córdoba. (Aricó, 1991b)

Estas reflexões de Aricó são bastante significativas, colocando o “voluntarismo político”, forçado pelo clima de época, como nexos lógicos entre perspectivas “que no tenían nada que ver”. Oscar Terán analisa este aspecto da seguinte forma:

Era evidente que el voluntarismo gramsciano resultaba congruente con el deseo de revolución mediante el cual el grupo de *Pasado y Presente* compartía el aroma espiritual del humanismo generalizado de la época, centrado en la convicción de que las injusticias acumuladas en la historia pueden ser borradas por el esfuerzo consciente de la voluntad humana organizada... (Terán, 1991: 96-97)

O problema das relações entre “mundo fabril” e “ação revolucionária da vanguarda” voltará sob outras formas nas complicadas relações de *Pasado y Presente* com o grupo armado Montoneros, na segunda etapa da revista em 1973, como veremos nos próximos capítulos.

2.2.3. *Pasado y Presente* e a questão operária

Recuperada do “desvio” focuista – cujas marcas se registravam ainda no número imediatamente anterior, na publicação do artigo de Debray, no Nº 9, aparecido em setembro de 1965, e que será o último número desta primeira etapa –, coloca-se em destaque na revista o tema da “questão operária”. Numa seção central intitulada “*La condición obrera*”, foram publicados um ensaio de José Aricó sobre o tema e um “informe preliminar” sobre um longo conflito

trabalhista na fábrica FIAT de Córdoba, textos apresentados como “bases mínimas para uma discussão sobre o conflito” que a direção da revista se propunha realizar em janeiro de 1966 com os dirigentes operários. A introdução ao “informe” continha também a promessa de que as conclusões dessa discussão seriam publicadas no número da revista que deveria aparecer em julho de 1966. A promessa de retomar a questão não será cumprida senão em abril de 1973, na breve segunda etapa da revista, mas já em outras condições históricas.

No ensaio de Aricó (*“Algunas consideraciones preliminares sobre la condición obrera”*), a centralidade da questão operária é plena. O texto está marcado pelos acontecimentos que, desde julho desse ano, mudavam a vida da cidade de Córdoba, colocando o movimento operário em seu conjunto no centro da vida social e política. No artigo, Aricó volta a tratar teoricamente do problema da “aristocracia operária” como fenômeno que, através de uma série de benefícios para os operários dessas empresas como resultado das altas taxas de lucro alcançadas, instaura um espírito “conservador” nos operários das grandes indústrias modernas, no seu contraste com os operários das indústrias tradicionais. Embora desta vez acrescente que esse espírito conservador, na verdade, *“se plantea sobre todo en los niveles político e ideológico y puede ir de la mano de una considerable combatividad y firmeza organizativa en el plano de las conquistas estrictamente económicas”*, esta combatividade é apenas o modo de garantir seus privilégios.

O interessante do artigo é que, já no parágrafo seguinte ao citado, ainda reconhecendo que tais características da “aristocracia operária” podem ser encontradas nas grandes empresas cordobesas, a situação do movimento operário é, afirma Aricó (1965: 54), *“mucho más contradictoria de lo que se deduciría de lo antes expuesto”*. O que não se entende muito bem é a insistência nesses conceitos quando a realidade se mostrava “contraditória” – e o seria muito mais ainda no decorrer da década, quando os operários das grandes empresas metal-mecânicas se transformarão nos destacamentos mais combativos do movimento operário. Ou, melhor, só se entende como a permanência, ainda que residual, do “espírito” da etapa anterior. Contudo, em contraste com o Nº 4, quando a verificação deste fenômeno da “aristocracia” era usada para fundamentar a importância dos “setores sociais revolucionários” do noroeste argentino, aqui as “contradições” empurram o raciocínio para dentro da fábrica.

Si no se puede dirigir al proletariado hacia objetivos de transformación revolucionaria permaneciendo fuera de la fábrica (ésta es la tragedia de la izquierda

argentina), si la acción política no puede comenzar allí donde terminan las relaciones de producción, so pena de escindir-se completamente de la clase, una conclusión se nos impone con fuerza de indiscutible verdad: la necesidad de revalorizar el lugar de producción, la fábrica, como nudo central de la formación de la conciencia política obrera. (Aricó, 1965: 55)

Um fato notável na revista é que esta virada teórica, ao contrário do que seria de se esperar numa revista que já tinha colocado o acento no uso de um marxismo "*absolutamente historicista*" e radicalmente autocrítico, não registra nenhum esboço crítico ou pelo menos reflexivo sobre as orientações teóricas e políticas vertidas no Nº 4. Nem sequer estabelece um maior distanciamento crítico das posições de Debray, aparecidas no número anterior de *Pasado y Presente*, que podem ser consideradas uma grande justificativa histórica da necessidade da instauração dos focos guerrilheiros e da luta armada na América Latina - uma versão mais "sociológica" de *La guerra de guerrillas*, de Guevara. Contudo, o contraste é explícito. Se, antes, aqueles direcionamentos táticos exigiam como tarefa "prévia" uma efetiva coordenação revolucionária entre a cidade e o campo - "*la destrucción del bloque agrario-terrateniente que centraliza y domina esa sociedad "tradicional" en beneficio del capitalismo monopolista*" -, e isso demandava "*la organización en forma autónoma e independiente de las masas explotadas del "hinterland" semicolonial*", o que obviamente deveria ser entendido como prioridade para a prática da esquerda, agora, essa dupla face da linha sustentada pela revista se resolvia numa direção definida pela centralidade do mundo industrial.

El problema central para la izquierda revolucionaria argentina es recoger el contenido político anticapitalista que subyace implícitamente en toda lucha sindical para replantear permanentemente el tema del socialismo: su preocupación esencial debe ser cómo poner en el centro de la conciencia obrera el problema del poder, en la fábrica y en la sociedad. Es por ello que el significado último de una política revolucionaria *socialista* no puede ser otro que el de partir de la fábrica, de la alienación que sufre el trabajador en el proceso productivo, para relacionarla con la alienación que el trabajador sufre en la sociedad. (Aricó, 1965: 55)

Este privilégio do trabalho na fábrica permite retomar a questão da relação entre intelectuais e povo na direção já esboçada pelo Nº 1 da revista. Deve-se lembrar que a destruição prévia do "bloco agrário terratenente", que se estabelecia no Nº 4, exigia também a desarticulação do seu mundo cultural e, portanto, o processo devia "*ser reforçado, acelerado por la acción inteligente y audáz que deben realizar el proletariado urbano y sus aliados, en especial la intelectualidad de avanzada*", indicando, assim, um direcionamento do trabalho intelectual dirigido à transformação do mundo rural. Não por acaso o texto

recorre ao Gramsci da questão meridional para definir o papel dos intelectuais na transformação do bloco agrário.

Como afirma com agudeza Gramsci, "la experiencia de muchos países... ha demostrado que si los campesinos se mueven por impulsos 'espontáneos' los intelectuales comienzan a oscilar y, recíprocamente, si un grupo de intelectuales se coloca sobre una nueva base de política filocampesina concreta, ella concluye por arrastrar consigo a fracciones de masa cada vez más importantes. Se puede afirmar sin embargo que, dada la dispersión y el aislamiento de la población rural y de las dificultades para concentrarla en sólidas organizaciones, conviene iniciar el movimiento por los grupos intelectuales..." (Aricó, 1964: 263)

Já neste número final de *Pasado y Presente*, busca-se estabelecer um diálogo íntimo entre o mundo dos setores subalternos e o mundo dos intelectuais a partir da fábrica. Assim, "*los obreros de las grandes empresas –vale decir, el proletariado de las áreas de más elevado desarrollo capitalista – se nos presenta como el sector clave para proyectar en términos de futuro la tarea que nos proponemos realizar*". Portanto, assinala Aricó, estabelecendo uma linha editorial para a revista que não se aplicará nesta etapa:

El campo de acción de *Pasado y Presente* debe girar fundamentalmente alrededor del análisis del nuevo mundo industrial, del mundo de las grandes fábricas, de los cambios técnicos y organizativos producidos en su interior y de las modificaciones de las relaciones de trabajo, del nexo cada vez más estrecho entre fábrica y sociedad, de la oposición siempre más profunda de este proceso de socialización del trabajo y apropiación privada del productor social. (Aricó: 1965, 48)

Isto é, assistimos ao triunfo da *alma leninista-gramsciana* sobre a posição *maoista-guevarista* na linha da revista justamente no momento em que ela desaparece. Contudo, se a nova abordagem sobre a classe operária possibilitava uma referência mais cômoda a Gramsci, por parte de Aricó, particularmente o Gramsci da etapa dos conselhos de fábrica, essa referência é inexistente em seu artigo, embora sejam citados outros intelectuais italianos filo-gramscianos. Ou seja, paradoxalmente, usa-se uma citação de Gramsci para justificar a participação intelectual numa estratégia foquista (no Nº 4 da revista), mas ele não é citado quando se está construindo uma perspectiva "conselhista". Conforme já indicamos, a referência aos textos de Gramsci para justificar uma intervenção na fábrica como centro do processo transformador é encontrada apenas na breve reaparição da revista em 1973.

Embora o voluntarismo da época (guevarista ou gramsciano) possa ser utilizado por Aricó (e por Terán) para explicar a coexistência de posições conflitantes e as oscilações do comportamento político do grupo, ele não pode explicar a própria existência dessas posições, nem pode ser argüido para explicar

a conexão lógica entre essas idéias ou perspectivas contraditórias. Isto pode ser melhor explicado levando em conta, primeiro, que se tratava de um sujeito político e cultural em formação, no qual conviviam diversos enfoques, não necessariamente compatíveis, unidos pelo “aroma” ou “clima” espiritual da época. Segundo, que o prisma teórico com que *Pasado y Presente* observava a realidade era conformado, como já indicamos, por essa mistura de Lenin, Gramsci e Guevara (e alguns “ares” maoístas) que, necessariamente, constituía um discurso um tanto “esquizofrênico” (a existência de várias “almas”) que respondia ao “espírito da época”.

2.2.4. O final da primeira etapa da revista

O próprio Aricó volta sobre essas peripécias teóricas e políticas do grupo e da revista, refletindo da seguinte maneira sobre esse périplo:

Desde la tentativa inicial de trabajar en el interior del Partido Comunista para contribuir a renovarlo o, luego de nuestra expulsión, el descubrimiento de la potencialidad revolucionaria alojada en la sociedad argentina en condiciones de ofrecer una base de sustentación para la izquierda colocada objetivamente *fuera* del sistema, hasta finalmente el reconocimiento de la emergencia del clasismo en las empresas fabriles cordobesas y los problemas que nos planteaba en términos de anclaje “orgánico” de una izquierda intelectual en el mundo de los trabajadores, *Pasado y Presente* fue la expresión ideológica y cultural de un grupo que recorría contradictoriamente un camino que le permitiera individualizar un interlocutor de clase. (Aricó, 1988:75-76)

Isto é, essa posição particular de *Pasado y Presente* na cultura da esquerda argentina dos anos sessenta não se constrói sem traumas. Aquela advertência de Garcia Barceló em *Cuadernos de Cultura* sobre as dificuldades que um grupo de intelectuais radicalizados teria fora da organização partidária tinha um certo grau de realidade, com a qual o grupo e a revista se confrontaram rapidamente.

Cuando desde el segundo número de la revista estuvimos colocados en la situación de un grupo que no tenía destinatarios, excepto la sociedad en su conjunto, vivimos esa situación con un sentimiento de culpa que creíamos poder apagar buscando desesperadamente un anclaje político. **Creo que la vida de la revista estuvo marcada por este deambular detrás del sujeto político.** Basta recorrer las notas dedicadas a la reflexión política para encontrar en ellas los vaivenes del grupo y también su **imposibilidad de pensarse como un grupo autónomo cultural, instalado en la reflexión crítica y constituyendo como tal, en sí mismo, un grupo político, una forma de organización política.** (Aricó, 1986: 25. Negritos, RB)

O funcionamento desse tipo difuso de organização é um ponto complicado na determinação daquilo que tenha sido a experiência de *Pasado y Presente* em sua primeira etapa. Como já anunciamos na introdução, é polêmica até entre os

próprios membros fundadores a definição dos limites da experiência. Contudo, a questão mais relevante do ponto de vista histórico e político é o fato de que se constituiu, em torno do núcleo originário, um verdadeiro “movimento” cultural e político, no qual se sentia representada uma grande quantidade de jovens com inquietações políticas, que viam no grupo fundador uma verdadeira “direção”, apesar da pouca vontade deste em cumprir essa função. Esses jovens não apenas se sentiam identificados mas também incluídos no movimento; sentiam-se militantes de *Pasado y Presente*. Discordando da opinião de pelo menos dois dos fundadores (del Barco e Schmucler), cada um com seus matizes, de que nunca teria existido algo como um “grupo” - no sentido orgânico de objetivos claros e definidos que constituiriam uma organização política -, Horacio Crespo, um claro exemplo daqueles que na época se sentiam integrados no movimento “*pasadopresentista*”, disse-nos em entrevista:

Yo definitivamente estoy en desacuerdo absoluto con eso. Yo creo que Pancho [Aricó] no estaría tampoco de acuerdo en esto. Había, como te digo, un núcleo duro, un núcleo no de “dirección”, sino de elaboración, que son ellos. Pero Pasado y Presente irradia de una manera mucho más amplia (...) Apesar de que en sentido estricto, ellos tienen razón al decir que Pasado y Presente son aquel núcleo que rompe con el PC en el 63, me parece que eso no recoge lo que era Pasado y Presente en un sentido mucho más amplio. Es innegable que [Jorge] Tula era de Pasado y Presente, es innegable que todos los jóvenes que los rodeábamos estábamos influenciados por Pasado y Presente, es innegable que nuestra filiación en el momento aquel es Pasado y Presente. Uno se sentía integrado, contenido, por Pasado y Presente. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Com efeito, tanto Aricó como outros dois militantes do difuso grupo de *Pasado y Presente* na época reafirmam, com diversos matizes, a opinião de Crespo. Por um lado, Aricó, na entrevista já citada com Carlos Altamirano, indica a relação complicada entre o grupo editor e essa espécie difusa de agremiação de fato:

A partir de nuestra expulsión, cerca de un 60 % del sector universitario deserta del Partido Comunista y se mueve en la esfera de discusión de la revista. **Se crea un estado de disponibilidad de fuerzas que reclama de la revista pasos más políticos. Pero también sucede que la revista no estaba dispuesta a dar eso (...) Nunca imaginamos ni pretendimos la construcción a partir de la revista de un movimiento autónomo, separado. Queríamos funcionar como un grupo ideológico, y hasta el cuarto número funcionó como tal**²². (Aricó, 1991b. Negritos, RB)

A idéia de que os fundadores nem “imaginaram” nem “pretenderam” conformar um grupo político autônomo é marcante na opinião de del Barco e Schmucler e, indiretamente, de Portantiero:

²² No Nº 4, como vimos, se manifesta fortemente a passagem do grupo pela experiência do EGP.

Puede ser que la gente se dijera de Pasado y Presente, pero lo que yo te puedo asegurar es que ni el Oscar, [Idel Barco], ni Toto [Schmucler], ni Pancho [Aricó] los organizaban. Yo creo que había una presencia que era el eco de una revista que había sido muy importante, con gente muy significativa y que entonces habría estudiantes y gente más joven que se referenciaban en la revista, no que toda esa gente era organizada por la gente de la revista, ahí yo creo que tienen razón Toto o Oscar. (Portantiero, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998)

É interessante comparar também a idéia de “não pretender” ser um grupo político autônomo com as declarações de Aricó transcritas na citação da página 78, sobre a “impossibilidade de pensar-se como um grupo autônomo”. Tudo indica que essa “impossibilidade” era decorrente daquela “não pretensão”. E essa não pretensão advinha do desejo de “*funcionar como un grupo ideológico*”, cultural, como expressa Aricó na citação acima e os outros “fundadores” nas entrevistas realizadas.

Não obstante, a partir de outra perspectiva, em entrevistas do autor com Jorge Tula e María Tereza Poyrazián, encontramos a afirmação desta agregação espontânea de militantes que se auto-definem como “grupo” não apenas ideológico, mas também de “atuação” política.

Formábamos de hecho un grupo, un grupo de opinión más que político. Un grupo amorfo donde, de alguna manera la revista Pasado y Presente era una especie de referente ideológico de quienes actuábamos en la universidad. (Jorge Tula, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho 1998).

Hubo un grupo, y se conocía un “grupo de Pasado y Presente” y yo ahí incluiría también a la gente que estaba aledaña del núcleo central de la revista. Yo creo que efectivamente es muy difícil de definir, porque era un grupo que se agrandaba y se achicaba, que cambiaba de gente. Puede ser que o hubiera un grupo “orgánico” pero yo creo que podríamos hablar de “la gente de Pasado y Presente” que integra a ese movimiento que se dio alrededor de la revista. (María Tereza Poyrazián, entrevista concedida ao autor Buenos Aires, julho 1998)

Isto é, parece inegável que *Pasado y Presente*, apesar de apresentar uma forma difusa de organização que encontrou seus limites na vida política, no momento crucial de fermentação e formação da “nova esquerda argentina” jogou um papel intermediário, de “passagem”. De passagem para a guerrilha de Salta, de passagem para outras organizações políticas que viriam. Mas a passagem por *Pasado y Presente* marcou a história das pessoas que participaram desse movimento.

A difusa nucleação de militantes assumia a forma de círculos concêntricos, de modo que encontrávamos: 1- o núcleo fundador, basicamente os editores expulsos do PC; 2- o conselho de redação da revista: pessoas próximas ao núcleo central com o perfil de intelectuais formados; 3- um setor de colaboradores nas

tarefas da revista e dirigentes do movimento estudantil, que estabeleciam suas políticas em consulta, em diálogo com o núcleo central, sem que isto significasse uma “direção política” no sentido estrito da palavra; 4- uma “massa” de militantes, principalmente do mundo estudantil, próxima ao grupo ou simplesmente simpatizantes, influenciados, por *Pasado y Presente*.

Contudo, a perplexidade do grupo, na época, nos meandros da relação entre a cultura e a política, acompanha a reflexão dos fundadores até hoje. A resistência principal que ainda encontramos neles é sobre a possibilidade de *Pasado y Presente* ser qualificada como mais uma das inúmeras organizações passageiras da esquerda política. O contraste com o caso da *Vanguardia Revolucionaria*, de Juan Carlos Portantiero, é claro. A *Vanguardia Revolucionaria* era um grupo político; *Pasado y Presente*, surgido na mesma época e com alguma relação de parentesco, não: era outra coisa, “uma experiência inclassificável”, dirá Aricó, mas não um grupo ou organização política.

De fato, depois da saída do PC, este grupo de intelectuais militantes de um projeto revolucionário começa a odisséia em busca do que Aricó chama uma *ancoragem política*. É que, apesar de ter construído um importante espaço cultural e político próprio, apesar de ter conquistado um espaço na militância universitária radicalizada e de ter tido acesso a alguns vínculos importantes com dirigentes do movimento dos trabalhadores cordobeses, *Pasado y Presente* nunca se propôs constituir-se num partido político, antes lutou por conservar-se como grupo cultural que atuava em política. Essa particularidade do grupo e as angústias dessa situação estão registradas nestas reflexões de Aricó:

...El desaliento que sucedió al fracaso de la guerrilla castrista de mediados de los sesenta y la caída del gobierno radical del Doctor Illia nos obligó a reconocer un hecho evidente: el **extremo aislamiento de un grupo colocado, en definitiva, fuera del terreno concreto de la acción política**. (Aricó, 1988:75-76. Negritos, RB)

Mas, se o grupo não enxergava nenhuma organização de esquerda à altura dos desafios da época, também não apostava na capacidade do peronismo em transformar-se numa força capaz de conduzir as transformações revolucionárias de que o país precisava. E se nem a esquerda existente nem o peronismo podiam ser considerados como forças produtoras de mudanças revolucionárias, isso apenas acrescentava graus de incerteza.

Que porvenir tenía un grupo de intelectuales socialistas descreídos de una salida en el peronismo? Todas las vicisitudes del itinerario político del grupo tiene como fondo su incapacidad de dar respuesta a esta encrucijada”. (Aricó, 1986: 25)

É importante retomar a expressão de Aricó citada anteriormente: "*fuera del terreno concreto de la acción política*", isto é, estavam fora da política entendida em sentido restrito, da política "imediata"; desenhavam os contornos de uma nova idéia, mais ampla, de intervenção política, que de algum modo "superava" (embora não fosse entendido deste modo na época), "excedia" a prática política dos partidos. Porém, essa concepção ampla de intervenção política conduzia a um "extremo isolamento". O caráter "político" da intervenção de *Pasado y Presente* não conseguiu, na época, ser pensado como tal. Na prática, o grupo não suportou a "pressão" da política em sentido restrito. Os militantes reclamavam "passos políticos", mas *Pasado y Presente* "não estava disposta a dá-los", afirma Aricó. Novos grupos de esquerda apareceram e a militância difusa de *Pasado y Presente* foi atraída por essas novas organizações claramente políticas. A forma difusa de intervenção, que hoje poderíamos pensar através de diversas categorias organizativas nessa área limítrofe entre a cultura e a política, fora "insuportável" na época, e a primeira etapa da experiência da revista se dissolveu.

O fim da revista – com o Nº 9, de setembro de 1965 –, parece ter a ver muitíssimo mais com os problemas decorrentes da forma de intervenção do grupo do que das novas condições criadas com o golpe militar de junho de 1966, como se poderia supor. Entre o último número da revista e o golpe ocorreram nove longos meses, e apesar de que a revista tivesse já o costume de se atrasar na edição e publicar números duplos, o atraso, que desta vez seria definitivo, estava relacionado com as debilidades internas do grupo. Isto fica mais ou menos claro nesta frase de Aricó:

Quando en su primera época (1963-1965) la revista no logró resolver de manera fructuosa el problema del anclaje político, y **las debilidades del grupo impidieron continuar con su tarea de recomposición de la cultura de izquierda**, se abre la alternativa de los *Cuadernos*". (Aricó, 1986: 25. Grifos, RB)

Isto é, por um lado, o grupo não define seu lugar político numa situação social cada vez mais complicada e radicalizada; e, por outro, fica enfraquecido por diversas situações pessoais dos seus membros. Nessas circunstâncias, por iniciativa fundamentalmente de Aricó, começará a gerar-se um novo modo de intervenção, mais especializado, que será aquele que surge com os *Cuadernos de Pasado y Presente*, rapidamente tornados um mito. Mas isto veremos no próximo capítulo. Por enquanto, finalizamos esta seção com a reflexão de Aricó, um "balanço" em torno dos objetivos e da atuação da revista na primeira etapa:

La revista (...) pretendía organizar una labor de recuperación de la capacidad hegemónica de la teoría marxista sometiéndola a la prueba de las demandas del presente. Desde esta preocupación, y aunque ello no fuera muchas veces expuesto de manera rotunda en sus contribuciones, cuestionábamos el llamado "marxismo-leninismo" como patrimonio teórico y político fundante de una cultura de transformación. Lenin era, para nosotros, la demostración práctica de la vitalidad de un método y no una suma de principios abstractos e inmutables; su filosofía no debía buscarse allí donde se creía poder encontrarla sino en su acción práctica y en las reflexiones vinculadas a ésta. No en *Materialismo y empiriocriticismo*, sino en las *Tesis de Abril...* (Aricó, 1988: 62-63).

En su primera etapa de existencia (1963-1965), Pasado y Presente fue expresión política y cultural de la izquierda cordobesa, con fuerte prestigio entre ciertos medios intelectuales y vinculada a las corrientes leninistas castristas. De otras corrientes similares surgidas en el interior del Partido Socialista, o producto de fraccionamientos del comunismo, o de raíces católicas, nos diferenciaba nuestra filiación gramsciana (...) Eramos una rara mezcla de guevaristas togliattianos. Si alguna vez esta rara combinación fue posible, nosotros la expresamos. (Aricó, 1988: 75)

Este balanço é interessante também porque explicita mais uma vez a identificação ideológica (teórico-política) do grupo nesta primeira etapa: tratava-se de um "leninismo-castrista", no qual o filão do pensamento gramsciano atuava como diferenciador, como particularidade da reflexão do grupo. Juan Carlos Portantiero acrescenta a esta identidade desenhada por Aricó outros elementos ideológicos que confluíam sobre a experiência grupal:

Es que no se trataba sólo de Gramsci. Nosotros hacíamos una especie de cóctel, donde Gramsci convivía con Guevara y la Revolución China. En ese conjunto nosotros veíamos posibilidades de articulación, con un discurso historicista y voluntarista frente a otro que nos parecía especulativo y cientificista. Cualquiera de esas tres entradas (el culturalismo, Gramsci, o Guevara) nos ayudaba a pensar las cosas de esa manera. Aunque utilizábamos más a Gramsci, por sus análisis sobre la cultura y las clases subalternas. (Portantiero, 1991: 8)

O final da revista abria a possibilidade de um período mais frutífero da experiência que estudamos. Como resposta crítica à etapa anterior, abre-se ao grupo a possibilidade de, parafraseando o texto de Aricó, "pensar-se como um grupo cultural autônomo, instalado na reflexão crítica e constituindo em si mesmo, portanto, uma forma particular de agremiação política que atua no plano cultural". Esta conclusão é evidente, por exemplo, na contundência com que Aricó se nega, em 1967-68, a ocupar um posto de direção no nascente *Partido Comunista Revolucionario* (PCR), apesar de sua participação ser reclamada duramente por ex-camaradas e amigos (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996). Desta vez o "clima de época" não conseguiu constituir um direcionamento para a lógica política mais evidente e imediata que era a da

constituição do “partido da revolução”. Longe disto, a decisão foi outra: “*se abre la posibilidad de los Cuadernos*”, diz-nos Aricó, indicando que está definida uma estratégia de intervenção cultural na vida política que será a marca das futuras ações do grupo. Esta estratégia será definida pelo próprio Aricó como “*labor de recuperación de la capacidad hegemónica de la teoría marxista*” (Aricó, 1988: 63), como parte de uma mais geral “*tarea de recomposición de la cultura de izquierda*” (Aricó, 1986: 25). Neste modo de intervenção, nesta “estratégia”, encontraremos o produto mais importante daquilo que tenha sido *Pasado y Presente*.

2.3. Algumas abordagens interpretativas

Já indicamos a insuficiência de estudos em torno da especificidade da experiência de *Pasado y Presente*, apesar de ser evidente sua influência sobre a cultura política argentina e latino-americana. A mais importante das análises existentes é o texto de Aricó *La cola del Diablo*, que estamos citando largamente. Outros dois livros tratam com alguma relevância da experiência da primeira etapa da revista *Pasado y Presente*: o livro de Oscar Terán, *Nuestros anos sesentas* (o plural é de Terán), e o livro de Silvia Sigal, *Intelectuales y poder en la década del sesenta*, editados em 1991.

Ambos os estudos, por caminhos e metodologias diversas, dirigem-se à investigação do universo intelectual constituído entre os anos 55 e 66 – a partir da derrubada do governo de Perón pela chamada *Revolución libertadora* até o golpe militar do General Juan Carlos Onganía, que derrubou o governo de Arturo Illia –, em particular ao estudo do caminho que levou à radicalização de uma densa camada intelectual nesses anos.

O livro de Sigal, a partir de uma metodologia emprestada de Bourdieu, que exige uma nítida diferenciação entre o *campo da cultura* (definido sinteticamente: esfera de atuação dos artistas e intelectuais) e o *campo da política* (esfera das práticas políticas em sentido restrito, especializado, dos partidos e instituições específicas), mostrará como diversas camadas intelectuais, marginalizadas das instituições nas quais se organiza a política, confinadas às esferas corporativas, em particular a universidade, construíram nessa década um caminho que as levou da cultura à política através de uma politização crescente de sua prática intelectual.

Contudo, as decisões pertinentes a essa passagem, segundo a autora, longe de serem um abandono do campo cultural, ou uma submissão incondicional da

cultura à política, representaram, ao contrário, decisões tomadas a partir da autonomia do campo cultural no sentido assinalado.

...Sería apresurado concluir, de la decisión de supeditar las prácticas culturales a los objetivos políticos, que la cultura o, mejor dicho, los artistas e los intelectuales vean disuelta su entidad en la esfera de la política y hayan perdido su autonomía cultural como cuerpo. Al contrario. En las condiciones de la sociedad argentina a fines de los '60 y comienzos de los 70 la decisión de dar el primado a lo político fue expresión de la más absoluta y vertiginosa autonomía de los intelectuales (Sigal, 1991: 253).

La manera como se explicitaba en la época la nueva tarea del intelectual no lleva, entonces, a concluir que la autonomía del campo cultural haya sido liquidada y que la figura del intelectual haya desaparecido, puesta al servicio de la política. Al menos en la Argentina de esos años, *la voluntad de someter lo cultural a lo político constituyó un ejemplo extremo de capacidad de elaboración cultural autónoma, erigiendo e imponiendo criterios políticos forjados por los agentes culturales mismos*. La proliferación de los partidos o proyectos políticos de la intelectualidad recortaba un campo ideológico que era, en verdad, tan autónomo de la política como lo era el campo cultural.... (Sigal, 1997: 251-252)

Embora marcada, na primeira etapa da revista, pela busca de uma “ancoragen política”, a experiência de *Pasado y Presente* é um caso paradigmático dessa “capacidade de elaboração autônoma” que assinala Sigal, e poderia ter sido muito mais explorada pela autora. Porém, Sigal refere-se brevemente a *Pasado y Presente*, centrando sua referência na mencionada introdução de Aricó à investigação sobre a greve da FIAT, aparecida no Nº 9, o último do primeiro período. Baseando-se nessas posições, ela usará algumas citações do texto de Aricó para mostrar a “opção pela fábrica” de *Pasado y Presente*.

Porém, o destaque de tais posições, nas quais efetivamente a questão operária é colocada num lugar central, não leva em conta as vicissitudes das posições da revista e das atitudes dos editores e militantes circundantes no curto período que vai de maio de 63 até setembro de 65, quando aparece este Nº 9. É que o tipo de trabalho de Sigal, uma costura de citações utilizadas muitas vezes sem levar em conta o contexto e o período histórico da enunciação, expõe-se a este problema. Este modo textual de construir os argumentos leva ao perigo de que, na lógica que se constrói, os fatos históricos fiquem desfigurados^{Nota iii}. Portanto, embora suas teses sobre a autonomia dos atores culturais sejam interessantes para dialogar com nosso objeto de estudo, quanto ao estudo concreto da experiência de *Pasado y Presente* o trabalho de Sigal pouco nos ajuda.

O livro de Terán é também construído a partir de um delicado costurado de citações, uma filigrana de posições encontradas basicamente nas principais revistas nas quais se expressavam os jovens que iriam formar uma nova geração de intelectuais, que denomina “a nova esquerda intelectual argentina”, e que jogará um papel fundamental no processo de radicalização de grandes contingentes juvenis a partir, fundamentalmente, do golpe de Estado de 1966²³. Terán anuncia do seguinte modo seu objeto de estudo, que se trata, aliás, de um “sujeito”:

...El sujeto aquí construido remite a una historia de las ideas que circula en el interior del universo de los intelectuales, y por ende descarta otro tipo de objetos de análisis, como los que componen la trama de una historia de las mentalidades o de la cultura popular. Dentro de dicho universo se trazaron a su vez fronteras móviles que permitieron agrupar una fracción de intelectuales definidos en sus intereses por la fuerte direccionalidad de sus discursos hacia los aspectos sociales y políticos de la realidad argentina; en esa empresa escrituraria ellos constituyeron una serie de objetos teóricos recurrentes que concluyeron por diseñar un mapa temático que los identificó, y para tramitar el desarrollo de esos temas apelaron a un archivo de categorías cuyas adscripciones ideológicas aquí estudiadas contribuyen a precisar el perfil del actor cultural en cuestión. (Terán, 1991: 9)

Portanto, a partir da “costura” de posições já mencionada, Terán tentará construir os contornos desse ator cultural que, na verdade, constitui-se de muitos atores culturais que se identificarão justamente: 1- na “*fuerte direccionalidad de sus discursos hacia los aspectos sociales y políticos de la realidad argentina*”; 2- na construção de “*una serie de objetos teóricos recurrentes que concluyeron por diseñar un mapa temático que los identificó*”; 3- na recorrência, para a construção desses objetos, a “*un archivo de categorías*” com “*adscripciones ideológicas*” de características determinadas.

Terán está consciente de alguns dos perigos deste tipo de construção textual e explicita-os. “*No habré mutilado indevidamente la producción global del período y por lo tanto sobredimensionado la importancia de la fracción considerada?*”, pergunta-se. “Na verdade não”, responde. “Não”, porque se trataria de um recorte relevante do universo discursivo que permitiria diagramar “*un espacio cultural en la Argentina de entonces*” significativo “*en cuanto a su eficacia para la definición de ciertas marcas sobre el campo intelectual y para la*

²³ É interessante destacar o fato de que esta abordagem metodológica através da análise das revistas para descrever a trajetória de certas camadas intelectuais era indicada por José Aricó, seguindo, é claro, uma metodologia herdada de Gramsci, no editorial do Nº 1 da revista *Pasado y Presente*: “*No es por ello desacertado buscar en las revistas el desarrollo del espíritu público de un país, la formación, separación o unificación de sus capas intelectuales (...) El estudio de los procesos que conducen a la diferenciación dentro de la estructura social determinada de una categoría de hombres que desempeñan vitales funciones de organización y conexión*”. (Aricó, 1963: 1 e 9)

promoción de los modelos de intelectuales que concentraron para sí la mayor representatividad (...) hasta cubrir un modelo que me atrevo a calificar como hegemónico", embora, esclarece, *"hegemónico, es cierto, no significa exclusivo"* (Terán, 1991: 9).

O resultado final da construção de Terán mostrará o panorama de um agudo processo de radicalização deste "sujeito cultural" envolvido num *"amplio fenómeno de politización de la cultura [que] fue siguiendo los mismos clivajes de radicalización que los enfrentamientos políticos"* (Terán, 1991: 147). Mas, apesar da evidência desta tendência, apesar de que *"sin duda existió un entramado discursivo que ofreció condiciones articulables con semejante drenaje desde las prácticas culturales hacia la política",*

...Tampoco cabem dudas de que estas condiciones fueron tan necesarias como insuficientes, y de que dicha suficiencia fue aportada por la ruptura del orden constitucional y por el tratamiento acordado desde el nuevo gobierno a la cuestión cultural". (Terán, 1991: 159)

Isto é, na hipótese de Terán, sem a ruptura do regime constitucional e sem o que denomina *"el bloqueo tradicionalista"* realizado pelas tendências conservadoras da cultura, talvez tivesse sido possível a continuidade do processo de constituição de um campo intelectual autônomo que permitisse articular essas tendências críticas da nova intelectualidade para dentro do próprio campo da cultura, sem que se vissem obrigadas a extravazar para o campo da política radicalizada, com as conseqüências conhecidas por todos na sociedade argentina.

Para exemplificar a possibilidade de um projeto cultural autônomo desta nova intelectualidade, Terán (1991: 160) trabalhará, já no final do livro, com duas *"publicaciones de la nueva izquierda cultural"*, significativas para sua tentativa de *"tornar verosímil la existencia de proyectos de autonomía intelectual que fueron bloqueados por el tradicionalismo contenido en el golpe de Estado de 1996"*: as revistas ***Cuestiones de filosofía*** e ***Pasado y Presente***, que nos interessa centralmente. Tratando-se, esta última, do produto de *"um conjunto de intelectuales que provienen de la práctica militante dentro del Partido Comunista (...) um grupo cuyo movimiento abre un camino que conduce desde el campo político hacia el intelectual"*, esta experiência se torna adequada para observar *"el modo en que autodefinió el estatus del intelectual y construyó su relación entre política y cultura"* (Terán, 1991: 160).

Dado que o breve ensaio de Terán (nove páginas de seu livro) representa a única aproximação teórica de peso à experiência de *Pasado y Presente* depois do

trabalho de Aricó em *La cola del diablo*, vejamos suas principais teses sobre a revista:

1- A revista coloca a necessidade, para a construção de uma alternativa socialista, da convergência de intelectuais e classe operária, constituindo este dois setores os dois elementos centrais do público ideal para o qual se dirige a revista.

Esta tese deveria ser tomada com reservas. É que, apesar das intenções dos editores, o gramscismo da revista (que, como afirma Terán (1991:161), "*protege a la publicación del antiintelectualismo*") não consegue protegê-la de uma forma inadequada para chegar aos setores operários e de um estilo teórico complexo, caindo muitas vezes em vícios intelectuais dificilmente aceitáveis por um leitor operário – como o de citar em outras línguas sem traduzir o texto, usar desnecessariamente alocações latinas, ou abusar do "intertexto", etc. Isto é, pelo seu estilo, a revista dificilmente poderia alcançar o público operário, salvo, talvez, alguma parte da militância operária de esquerda. É mais plausível que este fosse o público almejado pela revista. De fato, porém, o público maior da revista se concentrava na militância crítica emergente, principalmente nas universidades.

2- Neste sentido, e "*en el registro de la táctica política*", a revista privilegiava o mundo industrial, e em particular a fábrica, e o referente teórico para pensar essa intervenção era Gramsci. Terán reconhece, não obstante, a intervenção problemática de outros "registros" táticos:

...La publicación [estuvo] atravesada por la tentación del modelo cubano de lo cual quedan marcas en la escritura como la referida a la invención de un sector social ubicado en el interior rural que podría officiar como un motor de la revolución o la publicación del (...) artículo de Debray sobre el castrismo... (Terán, 1991: 162)

Mas, dado que os registros táticos "guevaristas" se encontravam em convivência contraditória com princípios basais da revista - os "*ideologemas gramscianos*", segundo a expressão de Terán -, estes "*debían alcanzar una mayor expansión*" nos momentos de aumento da combatividade da classe operária cordobesa. O triunfo dos princípios gramscianos apareceria de fato no último número da revista, em 1965. Quando as fábricas de automóveis se tornaram cenário de lutas inéditas, a revista recuperaria seu gramscismo de base.

Contudo, como vimos, pouco Gramsci *explícito* se encontra no texto de Aricó no número final da revista. Gramsci se "*autonomizará*" mais à frente, na história de *Pasado y Presente*. Por um lado, o Gramsci "conselhista" que seria adequado na temática deste último número da revista deverá esperar até 1973 para pensar a questão operária; por outro lado, deverá esperar também até o N^º

19 dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, em 1970, para ganhar um exemplar dedicado a seu pensamento dentro da coleção. Portanto, embora esteja claro que é aprimorada uma análise que vai-se aproximando de uma leitura mais adequada do revolucionário italiano, a leitura da época continua a ser aquela mistura já mencionada nas falas de Aricó e Portantiero, dominada pelo “clima da época”: um Gramsci passado pelo prisma leninista e, posteriormente, levemente contaminado pelo estruturalismo althusseriano (por exemplo, no Nº 4 dos *Cuadernos*, como veremos no próximo capítulo).

3- Com a revista se assiste à emergência de um novo modelo de prática intelectual e de relações entre intelectuais e política, que substituirá o modelo de “intelectual engajado” que, através principalmente da influência sartreana, tinha caracterizado a reflexão e a política dos intelectuais críticos: emergirá através de *Pasado y Presente* o modelo de “intelectual orgânico”.

De fato, embora o conselho de redação da revista mostre que, segundo a definição de Terán, *“la mayoría de sus integrantes se hallan ubicados en alguna instancia de la ‘carrera del talento’”*, de suas intervenções se deduz que essa capacidade deverá ser efetivada na interação estreita, na fusão com os núcleos mais avançados da classe operária. Contudo, como vimos, o grupo nunca conseguiu construir este perfil para ele próprio de forma satisfatória e permanente. Perambulará atrás da ancoragem política que lhe permita assumir a “organicidade” postulada. Porém, o modelo de intelectual orgânico introduzido por *Pasado y Presente* vigorou até o golpe de Estado de 1976.

4- A revista se coloca como portadora de uma leitura particular do marxismo que lhe permite ser *“protagonista de una ‘reforma’ estricta dentro de su ámbito doctrinario”*, dado que *“acceden a los textos originales sin aceptar las versiones talmúdicas de la Academia de Ciencias de la URSS, y devienen así los representantes de la modernidad dentro del marxismo”*. A força espiritual para encarar tão destemida tarefa a encontram os editores, segundo Terán, *“en la inusitada confianza que la publicación trasunta respecto de la cuasi infinita capacidad del marxismo para dialogar y aun devorar cuanto de nuevo y estimulante apareciera bajo el sol de la teoría”* (Terán, 1991: 165). E, deveríamos acrescentar, na “perspectiva gramsciana”, que será a que permite questionar o universo da cultura de esquerda sem abandonar o campo do marxismo.

5- Portanto, nessa prática discursiva da revista, constrói-se uma complexa definição do lugar do intelectual: *“um plexo de fuerzas entre práctica política y teórica”* que Terán caracteriza como *“tensión fundacional”* da revista.

Que esa tensión es fundacional lo revela esta misma estratégica presentación programática firmada por Aricó [no primeiro número da revista] que parece oscilar entre la afirmación de una mayor autonomía de la teoría y una concepción donde la filosofía, la psicología y las demás disciplinas sociales deben servir como herramientas de transformación. (Terán, 1991: 164)

Assim, segundo Terán, um dos elementos mais relevantes no conjunto da produção da revista será o fato de que esta *tensão* entre “teoria” e “política” “se mantenga como tal sin resolverse en ninguno de los polos” (Ibid).

Com as ressalvas feitas, estas teses de Terán argumentam a favor desse particular modo de intervenção na política através da intervenção na cultura (em particular no aspecto especializado da “teoria”), que, embora se consolide posteriormente, encontra-se já difusamente definido na primeira etapa da revista *Pasado y Presente*. Essas “duas almas”, segundo a expressão de Terán, que habitavam e conviviam na revista, estão identificadas nessa tensão entre cultura e política que percorre sua produção.

La notable tensión que atravesó esta valiosa experiencia de la nueva izquierda argentina era difícilmente pacificable, y allí definió su compleja colocación entre los mandatos de la política y los derechos de la inteligencia a los que nunca quiso legítimamente renunciar. (Terán, 1991: 169)

Todavía, no modo de intervenção da revista, o terreno da política imediata, *a política em sentido restrito*, era apenas aludido através das intervenções teóricas, com o qual a tensão indicada por Terán parece resolver-se nesta primeira etapa predominantemente na direção da cultura. Certamente, como já vimos, intervindo na cultura para produzir algum tipo de efeito político.

É que, no tratamento da questão das relações entre cultura e política na revista *Pasado y Presente*, deveríamos levar seriamente em conta o fato de que a própria revista não se coloca como revista de *política*, no sentido restrito já especificado. No subtítulo pode-se ler “*Revista de ideología e cultura*”, registrando alguma intenção específica dos editores de permanecer no campo da “prática teórica”. É evidente que temos três e não apenas dois termos em questão: entre a *política* em sentido restrito e a *cultura*, encontramos a *ideología*. É claro também que o termo ideologia não tem aqui o sentido clássico marxista, de “falsa consciência”: por um lado, no sentido comum na linguagem política da época, significa cada uma das posições que se enfrentam no embate de idéias entre as classes e setores partícipes da luta social²⁴; por outro lado, Gramsci

²⁴ Uma característica do discurso teórico da esquerda marxista argentina no uso do termo “ideología” é que o sentido marxista de “falsa consciência” foi deslocado pelo uso leninista anotado de “sistema de idéias”, sendo especializado, ocasional e muito raro o uso no primeiro dos sentidos.

fornecia nos *Cadernos do Cárcere* um novo sentido para "ideologia", que a designava como "argamassa", como "solda", como *conteúdo cultural* de um bloco histórico determinado. Este conjunto de idéias, que representa as posições teóricas que sustentam e argumentam as posições políticas e as leituras da realidade dos grupos partícipes do confronto político, que explica seu tipo de atuação histórica, é a *ideologia*, no sentido do subtítulo da revista.

Assim, a revista aparece para intervir na *política* a partir de sua participação no debate *ideológico* e em um diálogo e interferência permanentes com o campo da *cultura*. Neste sentido, pouco fala dos fatos da *política imediata*. Na revista não aparece o *acontecer político*, nem geral nem da esquerda. Ela não se preocupa em realizar um acompanhamento das políticas do governo, do sindicalismo ou dos partidos²⁵. Ela não é, *em sentido restrito*, uma revista **de política**. De fato, tirados a capa de rosto e alguns anúncios, alguns dos números dificultariam a vida de um leitor desprevenido para saber o seu país de origem, já que, salvo alguns breves interlúdios, nunca desce ao terreno da prática política no sentido restrito que indicamos.

Eis alguns exemplos das suas poucas intervenções nesse terreno: 1- no Nº 1 da revista aparece a que pode ser considerada a única "análise política conjuntural" propriamente dita: o artigo de J. C. Portantiero "*Política y classes sociales en la Argentina actual*"; 2- no Nº 2-3, uma *Nota da Redação* denuncia que quatro dos editores da revista tinham sido expulsos do Partido Comunista e critica a atitude; 3- no Nº 4, denuncia-se a prisão e tortura de um dos fundadores da revista, o Doutor Samuel Kieckovsky, acusado de participar do fugaz foco guerrilheiro criado em Salta²⁶; 4- no Nº 9, publica-se o "*informe preliminar sobre el conflicto de FIAT*", que representa a única intervenção direta da revista na política concreta.

Vejamos o tipo de intervenção "política" que a revista defende para si. No Nº 2-3, abre uma nova seção "*Mundo contemporaneo*". Esta seção, indica Aricó no começo de uma matéria de abertura, "*será dedicada al examen de los grandes*

²⁵ Como já vimos, em várias ocasiões Aricó faz referência a essa situação da revista e do grupo "*fuera del terreno concreto de la acción política*" e como esse conjunto difuso de militantes que se conforma ao seu redor "*reclama de la revista pasos más políticos*", passos que a revista, assinala, não estava disposta a dar.

²⁶ O caso da prisão de Kieckovsky é um exemplo da atitude da revista em torno da prática política em sentido restrito. A revista denuncia o fato, mas não convoca à prática política clássica nesses casos: comícios, abaixo-assinados, reclamações na justiça, chamados à solidariedade, etc. Simplesmente anuncia que "*Pasado y Presente suma su voz a la exigência de libertad para el Doctor Kieckovsky que un núcleo numeroso de intelectuales de Córdoba hiciera llegar al Ministro del Interior*". Isto é, as atividades políticas de solidariedade, as práticas políticas concretas da militância, que seguramente se deram, por exemplo no trabalho para esse abaixo-assinado, não ecoam na revista.

problemas de la hora actual y que de una u otra manera inciden sobre nuestra realidad, vale decir, **será ante todo una sección fundamentalmente política**" (Aricó, 1963b: 195. Negritos, RB). Ora, esta seção *fundamentalmente política* tratará sucessivamente dos seguintes temas: Nº 2-3, uma discussão de intelectuais italianos sobre o XXII Congresso do PCUS; Nº 4, uma discussão em torno das lutas no "terceiro mundo" e o conflito sino-soviético; Nº 5-7, uma discussão em torno do planejamento da economia em Cuba; Nº 7-8, uma discussão em torno do socialismo e o partido único na África. No Nº 9 desaparece esta seção. O que interessa basicamente à revista dessas discussões é como elas influenciam num determinado direcionamento da teoria e da prática política, sinteticamente, da "cultura política" da esquerda.

Observando o aspecto "ideologia" da revista constataremos, como já indicamos, que ela pretende renovar o pensamento da esquerda e construir um novo tipo de cultura política. O seu adversário principal nesta disputa é manifesto: *a leitura dogmática do marxismo*. O debate não se coloca na disputa entre *reforma* e *revolução*, mas entre *marxismo dogmático* e *marxismo crítico*. A revista não está muito preocupada, como acontecia com outros grupos da época, com a denúncia do *reformismo* de tal ou qual partido mas em desvendar as condições teóricas e as práticas que conduzem a uma atitude revolucionária, e as condições que as inibem.

O terceiro aspecto mencionado, o aspecto "cultural", é o outro ponto forte da revista. O conceito de *cultura* embutido na experiência é também um conceito *restrito*. Se levarmos em conta os materiais publicados, deveríamos entender *cultura* como área especializada de atuação intelectual, no sentido estreito do termo, de produções eruditas em áreas especializadas da intervenção intelectual. Encontramos nesta rubrica as mais diversas contribuições: psicologia, antropologia, sociologia, filosofia, crítica literária, algumas delas encontrando-se, nalgum momento, com a política, mas outras, como bem indica Terán, permanecendo no terreno dificilmente redutível da produção teórica erudita²⁷.

²⁷ "Existieron también en esta revista con vocación política intervenciones que sostuvieron la irreductibilidad de la tarea intelectual, avalando la hipótesis de que sin el golpe militar de 1966 el campo intelectual podría haber resistido las posteriores e inmoderadas invasiones de la política que terminaron en muchos casos por desdibujar la figura misma del intelectual" (Terán, 1991: 168). Esta hipótese de Terán é, pelo menos, arriscada. O "espírito" da nova esquerda política e intelectual era "revolucionário", sob a inspiração principal da revolução cubana, e outras, como a argelina e chinesa. Não é fácil imaginar que a inexistência do golpe de Estado de 1966 e desse "bloqueio" dos setores conservadores da cultura pudessem evitar o furacão da radicalização que soprava cada vez mais forte. Poderia, talvez, ter atenuado o ritmo dessa radicalização, mas não evitá-la. A lógica da luta de classes da época (nacional e internacional) empurrava os atores políticos para esse destino.

Contudo, embora de modo mais restrito, a revista também veicula uma literatura na qual a cultura, longe de ser entendida como área especializada de intervenção erudita, é compreendida e trabalhada como “experiência” popular e nacional, construída no desenvolvimento histórico numa complexa relação entre intelectuais e não intelectuais. Os editores estavam também familiarizados com o desenvolvimento da antropologia nesses anos, nos quais um particular conceito de cultura começava a ser construído. Vários artigos na revista forneciam informação a respeito, como “*Trabajo, símbolo y evolución humana*” de Enrique Revol, o clássico “*Para el estudio de las clases subalternas*”, de Erik Hobsbawn, ou a detalhada discussão sobre o pensamento de Claude Lévi-Strauss que realiza Oscar del Barco no artigo crítico “*El pensamiento salvaje, de C. Lévi-Strauss*”, sem falar da nutrida bibliografia gramsciana e filo-gramsciana a que tinham acesso. Encontramos um momento “cultural”, neste sentido amplo, no Nº 1 da revista, com dois artigos em torno da cultura argentina: “*Peculiaridades del ser argentino*”, de Gregorio Berman, e “*Acerca del europeísmo de la cultura argentina*”, de José Carlos Chiaramonte.

Portanto, da análise sintética dos três elementos mencionados, *política* em sentido restrito, *ideologia* e *cultura*, mais do que um “equilíbrio entre política e cultura”, como afirma Terán, o que encontramos fundamentalmente na revista são diversas *abordagens teóricas* sobre temas de política e temas de cultura. Abordagens que visam a um trabalho de transformação no universo teórico e cultural da esquerda, **constituindo um novo modo de intervir na política, em sentido amplo**. No texto programático da revista, Aricó assinala:

Pasado y Presente, en cuanto aspira a convertirse en una expresión de la izquierda real argentina, parte de la aceptación del marxismo como la filosofía del mundo actual y asume los deberes que esa aceptación le plantea. Será por ello una revista “comprometida” con todas las fuerzas que hoy se proponen la transformación revolucionaria de nuestra realidad. Comprometida con todo el esfuerzo liberado del hombre. Será por ello una revista “política” en el más amplio y elevado sentido de la palabra. (Aricó, 1963a: 8)

Sobre esta ambição da revista expressada na frase de Aricó, Terán elabora a seguinte reflexão que, em função do que colocamos acima, não podemos fazer menos do que assinar embaixo.

En el preciso instante en que se argumenta que *Pasado y Presente* “será por ello una revista política” se agrega inmediatamente que lo será “en el más amplio y elevado sentido de la palabra”, con lo cual no es desatinado suponer que esta amplitud con que se dota a la política es un modo de expandirla hasta soldarla con la cultura. (Terán, 1991: 163)

O que temos, portanto, marcando a fogo a originalidade da experiência, é ***uma revista que pretende produzir política intervindo de um modo particular na cultura***. Um primeiro e predominante aspecto dessa intervenção da revista se concentra na luta por transformar a cultura política da esquerda. Um marxismo crítico, aberto, antidogmático, seria o único capaz de vencer os desafios da época; só com base em tal pilar doutrinário seria possível constituir uma vontade revolucionária concordante com os tempos revolucionários que se abriam com Cuba, Argélia, a Revolução Cultural na China, etc. O marxismo de Gramsci (convivendo com o de Lenin e o de Guevara) seria o componente teórico que permitiria as posições mais ousadas da empreitada.

Um segundo aspecto dessa particular intervenção *política*, no sentido amplo apontado, remete-nos ao papel das diversas manifestações eruditas já mencionadas, que estabelecem um diálogo com as camadas intelectuais oriundas dos setores médios da sociedade que a revista almejava atingir e envolver na construção de um projeto de transformação: a contribuição para o que Aricó chama o "*enclasmiento*" dessa intelectualidade. Isto nos remete justamente à questão dos complexos caminhos do vínculo dos intelectuais com a política transformadora. A busca de um "*vínculo raigal*" entre intelectuais e *classe operária*, ou como posteriormente dirá Aricó, de uma "*ancoragem de classe*", seria um dos principais *leitmotiv* da revista, introduzindo com isto, como mencionamos, a figura do intelectual orgânico. Por outro lado, as figuras de certos intelectuais envolvidos com a luta libertadora de seus povos, como Henry Wallon e Frantz Fanon²⁸, sem falar na figura onipresente de Che Guevara, esboçavam os perfis do intelectual que pretendia construir a pré-dica da revista. O desenvolvimento deste vínculo permitiria o reencontro com a cultura nacional e popular e a superação dos abismos entre a esquerda marxista e o povo, referenciado politicamente no ideário peronista. O Gramsci da questão nacional-popular, como mais de uma vez indica Aricó e é possível detectar na produção da revista, forneceria os elementos adequados para essa operação. Só na conjuntura do começo da década de 70 esta tese se aproximará de uma

²⁸ **Henry Wallon**, médico e psiquiatra francês, aproximou-se do marxismo através dos seus estudos psicológicos. Durante a ocupação nazista, incorporou-se à Resistência. Sendo procurado pela Gestapo, não deixou o trabalho intelectual. Em 1942 se filiou ao Partido Comunista Francês. Aos 83 anos morreu em Paris, em 1962. A revista, no seu Nº 1, rende-lhe homenagem através de um artigo assinado por Mauricio Hessen. **Frantz Fanon**, médico argelino, morto em 1962 no combate pela libertação da Argélia, cujo livro *Les damnés de la terre* (*Os condenados de la tierra*, na versão em espanhol), editado em 1961 com prólogo de Jean Paul Sartre, foi extremamente influente nas tendências "*tercermundistas*" na Argentina. *Pasado y Presente* critica sua "teoria da revolução", mas reivindica sua figura de intelectual combatente num artigo assinado por Francisco Delich, no Nº 4 da revista.

realização concreta, nas relações entre uma crescente radicalização das massas populares peronistas e uma bem sucedida aproximação ao mundo popular de uma densa camada de intelectuais também radicalizados. Contudo, esta solução será provisória e superficial, deixando lugar a uma nova ruptura de conseqüências trágicas. Serão os “anos *montoneros*”, e teremos oportunidade de discuti-los no capítulo 4. Por enquanto, no próximo capítulo veremos como, por um lado, se configurará uma nova situação na sociedade argentina - que muitos qualificaram como “situação revolucionária” -, e, por outro, como, no interior desse processo, *Pasado y Presente* se constituirá num verdadeiro “fornecedor de idéias” para tal universo radicalizado.

Notas suplementares do capítulo 2

¹ Página 89

Jorge Ricardo Masetti, jornalista da rádio *El Mundo* de Buenos Aires, entrevistou Che Guevara na *Sierra Maestra* em 1958, no que foi considerado pelo jornalista e escritor Rodolfo Walsh uma verdadeira "façanha jornalística" (*Cuadernos Marxistas*, Nº 7, janeiro de 1998). Masetti deixou registro escrito daquele período no livro "*Los que luchan y los que lloran*". Permaneceu em Cuba depois do triunfo da revolução e fundou a agência cubana de notícias *Prensa Latina*. Em 1961, demitiu-se da *Prensa Latina* e passou a trabalhar junto a Guevara em torno da revolução argelina. Como já indicamos, na sua biografia de Che Guevara, Castañeda (1993) realiza uma importante pesquisa sobre o papel de Masetti nos últimos anos de Guevara. Desse texto tomamos as principais informações, que a seguir resumimos para o leitor.

No final de 1961, Masetti negocia um embarque de armas para a Argélia. Em 10 de janeiro de 1962, o barco cargueiro cubano *Bahía del Nipe* chega a Casablanca com armas para o FLN e ele é o encarregado de receber o barco. Masetti fica vários meses na Argélia até a independência e volta por poucos meses a Cuba. Possivelmente durante o período da sua estada em Cuba realiza uma primeira viagem à Argentina para estabelecer os primeiros contatos com os futuros participantes argentinos no foco guerrilheiro que se estabelecerá em Salta, para cujo comando tinha sido destacado por Guevara. Em novembro do mesmo ano, parte novamente para a Argélia onde, embora já tivesse algum treinamento e alguma experiência de combate em Cuba, receberá novo treinamento militar, visando a aprimorar sua preparação para comandar a guerrilha argentina. No começo de julho de 1963, encontra-se com Guevara na Argélia e em agosto ou setembro desse ano os novos guerrilheiros entram na Bolívia, sob o disfarce de pertencer a uma delegação comercial argelina.

Junto com Masetti, que assume a chefia do grupo sob o pseudônimo de "Comandante Segundo", Guevara destaca outros dois de seus homens de confiança: Hermes Peña, e Alberto Castellanos. Outros dois cubanos participaram diretamente da preparação da guerrilha: José María Martínez Tamayo, *Papi*, e Abelardo Colomé Ibarra, *Furri*, um estreito colaborador de Raúl Castro desde os tempos da *Sierra Maestra* até os dias de hoje. Dentre os argentinos destacados já em Cuba, além de Masetti, Castañeda apenas menciona o pintor Ciro Roberto Bustos, que atuará na tarefa de recrutamento de novos contingentes guerrilheiros. Mas Castellanos (1998: 75) indica vários argentinos, com os quais se encontra em Tarija: Jouvét, Goycochea, Federico Méndez e Lerner, e outros que se incorporam depois, Federico Frontini, Oscar del Hoyo, Jorge e Diego.

Embora o primeiro grupo de Masetti já tivesse realizado, entre setembro e dezembro, várias incursões em território argentino, a expedição guerrilheira parte definitivamente de Tarija, território boliviano na fronteira com a Argentina, entre dezembro de 1963 e janeiro de 1964. O primeiro assentamento guerrilheiro se estabelece na região chamada *La Toma* e fica até o final de fevereiro quando, visando às primeiras ações armadas, divide-se em dois grupos: um deles comandado por Masetti e outro sob o comando de Castellanos. O grupo de Castellanos é capturado em 4 de março de 1964. Hermes Peña e outro guerrilheiro, Jorge, são mortos em meados de abril. Nada se conhece sobre o destino de Masetti. Supõe-se que tenha sido morto e enterrado em algum lugar da selva de Salta. O motivo do desaparecimento do corpo teria sido o de ocultar um roubo de 20.000 dólares que Masetti teria com ele no momento da captura.

O resultado da tentativa guerrilheira foi um completo fracasso. Segundo a avaliação de Castañeda:

Nunca pudieron reclutar más allá de un pequeño grupo formado por jóvenes inexpertos, abnegados pero totalmente ineptos para la lucha guerrillera. Su saga repercutirá en la opinión pública argentina sólo lo suficiente para alertar a las fuerzas armadas: no despertará simpatía alguna (...) La guerrilla de Masetti se hunde en la desgracia y la tragedia. A base de ajusticiamientos internos y de un feroz aislamiento con las ciudades y ante el

retorno a la democracia representativa en Argentina en Octubre de 1963 a través de la elección a la presidencia de Arturo Illia, cae fácil presa de las fuerzas armadas (...) la columna fue destruida después de haber sido debilitada por sus propias divisiones y excesos, por las infiltraciones y la persecución militar, y por la agresividad del medio ambiente. (Castañeda, 1997: 304-307)

ii Página 71 Dos principais componentes do núcleo da guerrilha, o cubano José María Martínez Tamayo, e Ciro Bustos (que se encontrava em tarefas de recrutamento fora de Salta) conseguem escapar. Tamayo, posteriormente, cairá em combate na guerrilha boliviana comandada por Guevara. O cubano Alberto Castellanos ficará preso até ser liberado em 14 de dezembro de 1967.

Ciro Bustos será convocado novamente à ação no começo de 1967 para participar da guerrilha boliviana comandada por Che Guevara. Depois de uma visita ao acampamento de Guevara, em 20 de abril, é capturado junto com Régis Debray, com quem compartilhará por mais de três anos a prisão de Camiri. Ambos são julgados e condenados a 30 anos de prisão, mas são liberados em 1970 quando Juan José Torres chega ao poder na Bolívia.

Mas Bustos ocupa um lugar central na narrativa de Castañeda por motivos menos nobres. Segundo a tese defendida por Castañeda, um dos golpes mortais recebidos pela guerrilha de Guevara se deveu às delações de Bustos aos seus interrogadores. Gustavo Villoldo, um dos cubanos anti-castristas da CIA que participaram da caçada ao Che, confirma a versão da responsabilidade de Bustos no assunto. Bustos foi para o Chile depois de sair da prisão e posteriormente para Malmo, Suécia, onde mora até hoje.

iii Página 85 É o que acontece num pequeno confronto de posições que a autora estabelece entre a posição de Aricó que citamos e certas posições de J. C. Portantiero na revista *Táctica*, órgão de difusão da *Vanguardia Revolucionaria*. A revista aparece em fevereiro de 64 e a autora crê encontrar nela algumas divergências na “perspectiva de intervenção” que poderia se observar a partir do texto de Aricó. Na citação que a autora faz do texto, Portantiero sustenta a seguinte posição:

Las potencialidades del proletariado se conservan en el seno de la empresa, lugar donde el sistema muestra toda su explotación, y donde, por lo tanto, la izquierda revolucionaria encuentra los datos de la contradicción fundamental que con su lucha quiere superar (...) El nudo que determina las relaciones entre la clase y su destacamento de vanguardia está fijado en la capacidad de éste para realizar un análisis correcto, histórico, de la estructura económico-social de un país, de las correlaciones entre las clases y de las contradicciones fundamentales y derivadas que emergen de la sociedad nacional... (Portantiero, J. C. “Crisis en la izquierda argentina”, revista *Táctica*, Ediciones V. R., núm. 1, enero/febrero de 1964. Em Sigal, 1991: 244)

Nesta citação, a autora pensa encontrar um indício de como, a partir da mesma caracterização do lugar central da fábrica, Aricó e Portantiero tiravam conclusões diversas: Portantiero privilegiando o caminho do partido (as referências ao destacamento de vanguarda) e Aricó, privilegiando um caminho independente, de base. Esta posição se apoiaria numa citação do mesmo artigo no N° 9 da revista onde Aricó se pergunta:

Cerrado el camino de un partido de izquierda como la única vía de aproximación a la clase trabajadora, cual es la posibilidad que se le ofrece al joven intelectual proveniente de las capas medias de fundirse con la clase obrera? (Aricó, 1965: 55)

O contraste mostra-se falho em pelo menos dois pontos: em primeiro lugar, em março de 64, quando aparecem as declarações de Portantiero citadas por Sigal, Aricó fundamenta, como vimos no N° 4 da revista, uma perspectiva que, embora destaque a importância da fábrica no

processo revolucionário, privilegia a luta no campo. Isto significa que se trata de um período de vertiginosos vaivéns intelectuais, de ajustes de conceitos, de amadurecimento de uma perspectiva. Em segundo lugar, em termos de conteúdo explícito das citações utilizadas, é bastante difícil encontrar nelas este contraste marcante entre os autores que Sigal está propondo. O ponto não é extremamente importante para continuar seu tratamento, mas, dado que se trata de um dos poucos textos que trabalham o tema, é útil levá-lo em conta, para mostrar como é possível construir uma caracterização limitada do grupo se se levarem em conta apenas, e de forma isolada, algumas das diversas posições sustentadas nesses poucos mas frutíferos anos.

Capítulo 3

Idéias para a revolução. O trabalho editorial como intervenção política

3.1. O golpe de Estado de junho de 1966 e a recomposição do movimento popular

O golpe de Estado de 28 de junho de 1966, comandado pelo General Juan Carlos Onganía e autodenominado de "*Revolución Argentina*", marcará o final de uma etapa histórica de particular riqueza na constituição de uma grande camada de intelectuais comprometidos com um projeto transformador da sociedade. De algum modo, em 66 acabam os anos 50, a etapa "formativa" dessa intelectualidade, e começam os anos 60 na Argentina, um período de agitação revolucionária.

A ditadura do General Juan Carlos Onganía suprimiu toda forma de participação popular, fechou o Congresso, proscreeu os partidos políticos, fechou as universidades e colocou a vida cultural e intelectual do país num nível mínimo de atividade, através de formas repressivas violentas¹.

As medidas econômicas da ditadura, peça chave de sua política e de seu discurso, visavam a um aprofundamento do projeto desenvolvimentista, inserindo a Argentina na ordem econômica internacional, numa estreita associação com o capital multinacional. A política econômica, dirigida pelo Ministro da Economia Adalberto Krieger Vasena, afastava-se assim da tentativa do governo radical de Arturo Illia de promover o desenvolvimento do país incentivando o crescimento do mercado interno e apoiando a pequena e média indústria. Em troca, a modernização que propunham os militares deveria ser alcançada eliminando os entraves para a acumulação do capital (legislação trabalhista, etc.), reduzindo o gasto público e incrementando a produtividade do trabalho. Isto é, exigia, por um lado, a extinção da democracia representativa e, por outro, a necessidade de disciplinar o poderoso movimento operário

¹ Em 29 de julho de 66 o governo de Onganía promulgou a Lei Nº 16.192, que revogava a autonomia universitária e de fato colocava a universidade sob intervenção militar. Às 22 horas desse dia, o Corpo de Infantaria assaltou a Faculdade de Ciências Exatas. O Diretor (*Decano*) da Faculdade, Rolando García, foi ferido. Vários professores e mais de duzentos alunos foram detidos. Na mesma hora, outros destacamentos da infantaria assaltavam a Faculdade de Filosofia e Letras com resultados similares. A repressão ficou conhecida como *La noche de los bastones largos* (Anguita y Caparrós, 1997: 88).

argentino, formado e dirigido majoritariamente pelo Movimento Peronista, complicado mosaico político dirigido por Juan Domingo Perón de seu exílio espanhol.²

Num primeiro momento, o movimento militar contou com o consentimento e até o apoio entusiasmado da cúpula sindical e do próprio Perón. O Presidente Illia, na sua tentativa de quebrar a hegemonia peronista no movimento operário, impulsionando a democratização das práticas sindicais e um novo sindicalismo, tinha-se colocado contra a poderosa *Jerarquía Sindical* (como a cúpula da CGT era conhecida na época), dirigida por Augusto Timoteo Vandor, anos mais tarde assassinado pela emergente "esquerda armada". As duas facções principais do movimento operário, lideradas por Vandor e José Alonso, também peronistas, saudaram o novo governo. Em 29 de junho (um dia depois do golpe), a CGT publicou um documento com sugestões políticas para o novo presidente, demonstrando sua clara disposição de colaborar com o regime militar.

Porém, além das duas facções dominantes no movimento operário, de caráter nitidamente peronista, tinha começado a se constituir uma nova corrente sindical, de caráter independente, mas com traços ideológicos definidos: politicamente "*anti-imperialista*", na prática sindical propugnava a democracia e o pluralismo. Córdoba foi o lugar onde esse novo sindicalismo cresceu e se desenvolveu como em nenhum outro lugar, e onde perdurou até ser destruído, com o advento da ditadura de 1976. Agustín Tosco e seu sindicato, *Luz y Fuerza*, colocaram-se frente à ditadura de Onganía como a voz dissidente no movimento operário do país e constituíram o centro desse novo sindicalismo por quase uma década.

Além do novo sindicalismo, em Córdoba se produziu uma radical rebelião estudantil contra a ditadura, confronto que levou à morte de Santiago Pampillón, estudante e operário da IKA-Renault, numa das primeiras manifestações estudantis contra o regime militar, em 7 de setembro de 1966. A figura de Pampillón seria estandarte de uma produtiva fusão dos movimentos operário e estudantil, que alcançou em Córdoba sua máxima expressão e que teria uma relevância fundamental na conformação das novas correntes de esquerda na Argentina.

² Os militares não acreditavam na possibilidade de aplicar tal plano através de governos civis. Duas décadas mais tarde, será o governo peronista de Carlos Menem que levará estes princípios à frente, no auge da euforia neoliberal, que transformará os princípios econômico-sociais do governo militar daquela época em paradigma dominante dos 90.

Apesar das simpatias e expectativas demonstradas pela burocracia sindical, o governo militar logo começou uma grande ofensiva sobre os direitos dos trabalhadores. Dois meses depois do golpe, o governo aprovou a Lei Nº 16.936, que estabelecia a arbitragem obrigatória do Estado nos conflitos laborais e eliminava de fato o direito de greve. Ao mesmo tempo, entraram em vigor uma série de medidas para a "racionalização" das empresas do Estado, significando demissões maciças, re-categorização de tarefas e o fechamento de indústrias. Pouco depois, com o Decreto Nº 699, suspendiam-se as *Comissões Paritárias*, eliminava-se a negociação coletiva e estabelecia-se o congelamento dos salários por um período de vinte meses.

As medidas mostraram rapidamente o caráter nocivo da política da ditadura para o movimento operário. Apesar dos esforços dos hierarcas sindicais em evitar um rompimento com o governo, no "*Congresso Normalizador*" de 20 de outubro de 1966 (orquestrado pelo governo para reestruturar a CGT em função de seus planos), os esforços dos dirigentes dos sindicatos mais afetados pelas medidas anti-operárias do governo forçaram a convocatória de uma greve geral para o dia 14 de dezembro, greve que seria organizada de modo intencionalmente ineficiente pela burocracia sindical, mas que se constituiria na primeira resposta da sociedade, em nível nacional, contra o governo de Onganía. O governo militar respondeu com intransigência e, apesar de uma nova greve geral em março de 1967, conseguiu manter sufocado o movimento operário até o surgimento de um novo sindicalismo combativo no seio da CGT, no início de 1968. 1967 foi um ano de domínio relativamente tranqüilo da ditadura. Como ponto culminante do espírito de derrota do movimento transformador, em outubro Ernesto Guevara foi assassinado na selva boliviana.

No decorrer de 68, essa depressão do movimento começou a ser superada e deram-se avanços substanciais na reorganização do movimento operário. De 28 a 30 de março desse ano se produziu uma divisão no seio da *Confederación General de los Trabajadores* (CGT), que deslocou o setor colaboracionista com o regime militar, dirigido por Augusto Timoteo Vandor, e fortaleceu o papel do setor combativo, liderado por Raimundo Ongaro. Em 28 de março de 1968, num congresso chamado para a reorganização sindical em torno da CGT (dispersa depois dos golpes da ditadura em 1967), os sindicatos da linha combativa forçaram uma ruptura com a burocracia de Vandor e conseguiram a maioria para dirigir a CGT. A ala renovadora era conduzida por um jovem dirigente dos trabalhadores gráficos de Buenos Aires, Raimundo Ongaro, que contava, depois de um encontro em Madri pouco antes do congresso de março, com o apoio e a

ordem expressa de Perón para assumir o controle da CGT, apoiando-se nos sindicatos combativos. A ala "*vandorista*" se retirou do congresso e este elegeu Ongaro secretário geral da CGT em 29 de março. O congresso de março produziu a divisão do movimento operário em duas CGTs: a CGTA (CGT dos Argentinos), ou CGT de Ongaro, e a CGT *Azopardo* (indicando a rua onde funcionava a central operária), dirigida por Vandor.³

A divisão do movimento operário rapidamente se espalhou pelo país, reordenando as forças sindicais entre "*ongaristas*" e "*vandoristas*", entre sindicalismo combativo e burocracia sindical. Agustín Tosco, seu sindicato e o sindicalismo combativo cordobês se transformaram rapidamente no núcleo mais dinâmico da CGTA, organizando o apoio das províncias à nova central. De fato, a força da CGTA tinha base nas centrais provinciais, de modo que a rebelião da CGTA foi de algum modo uma rebelião das províncias contra Buenos Aires, no âmbito do sindicalismo.

O surgimento da CGTA colocou em um novo patamar o significado e o papel do sindicalismo cordobês, em particular a figura de Agustín Tosco. Mas, principalmente, colocou Córdoba no epicentro político do país⁴, fato que será elevado até o lugar de mito um ano depois. Um fato demonstrativo do lugar de Córdoba no sindicalismo nascente se encontra na resolução do Comitê Executivo da CGTA de localizar em Córdoba o discurso de Ongaro no ato do 1º de maio de 1968, no qual se pretendia lançar uma ofensiva do "*ongarismo*" contra a CGT de Vandor. No discurso, conhecido posteriormente como "*Programa del 1º de mayo*", Ongaro ratificou seu repúdio às práticas sindicais autoritárias e reivindicou uma prática sindical combativa, democrática e pluralista. Em 7 de maio, uma assembléia geral da CGT cordobesa votou maciçamente a favor da filiação à CGTA.

Mas a luta no interior da CGT era, ao mesmo tempo, uma luta desenvolvida no interior do peronismo, e isso significava que a mão de Perón se encontrava por trás da cena. No seu jogo pendular entre direita e esquerda, entre combativos e burocratas, Perón sacrificava as peças necessárias sem se importar muito com as promessas nem com os compromissos assumidos. Afinal, ele era o Chefe, imune às obrigações dentro de *seu* movimento. Assim, a ascensão e auge de Ongaro duraram pouco. A luta pelo poder entre Vandor e ele durou até a

³ As fontes principais para as referências históricas desta etapa foram as seguintes: Anguita e Caparrós, 1997 e 1998; Brennan, 1996; Gillespie, 1987; James, 1990)

⁴ Segundo um dos principais especialistas no tema: "*Córdoba fue incuestionablemente el epicentro de la rebelión del movimiento obrero contra el gobierno, Vandor y los caciques sindicales*" (Brenan, 1996: 160).

reconciliação entre Perón e Vandor no começo de 1969, quando Perón ordenou-lhe esforços para reunir novamente o movimento operário. Ao mesmo tempo, ordenou a Ongaro que dissolvesse a CGTA.

Não obstante, o ano de 1968, a CGTA, seus programas e mobilizações, deixaram um rastro indelével no movimento popular. Seu produto mais acabado e duradouro foi, além dos elementos programáticos e fragmentos de uma nova cultura sindical, o núcleo cordobês da CGTA. Córdoba seria, a partir de então, a *Meca* do movimento transformador argentino. Em Córdoba se realizou, em maio de 68, o primeiro congresso do "*Movimiento de Sacerdotes del Tercer Mundo*" – um movimento de características similares às da Teologia de Libertação, surgido depois da Conferência dos Bispos Latino-Americanos em 1966, na cidade de Mar del Plata, Argentina. Em Córdoba, o novo sindicalismo patrocinou o *Congreso del Peronismo Combativo*, contribuindo para a radicalização em marcha dos setores da esquerda do peronismo. Finalmente, em Córdoba se verificaram dois fatos relevantes: por um lado, o vínculo estreito entre movimento operário e movimento estudantil; por outro lado, o reencontro entre movimento operário e esquerda política. Este conjunto de acontecimentos terá importância decisiva na conformação do quadro político argentino dos anos subseqüentes, em particular na produção do acontecimento mais importante da Argentina no final da década: a rebelião popular-urbana conhecida como o "*Cordobazo*".

Precedida de uma intensa luta popular que se espalhou pelo país inteiro⁵, em 29 de maio de 1969, explodiu em Córdoba a insurreição popular que deu começo a um dos mais intensos períodos de conflitos sociais na Argentina. As mobilizações em solidariedade aos estudantes reprimidos em *Corrientes*, das quais participaram estudantes, sindicatos, Sacerdotes do Terceiro Mundo, partidos políticos, e sociedade em geral acabaram, em 23 de maio, com barricadas e confrontos com a polícia no bairro-dormitório estudantil da Cidade, *Clínicas*. Em 25 de maio, Tosco pronunciou um discurso na Universidade que estabeleceu publicamente a aliança entre operários e estudantes.

As pressões das bases haviam obrigado as duas CGTs a convocar uma greve geral de 24 horas para o dia 30 de maio. Em Córdoba se decidiu estender o protesto para 48 horas, iniciando a greve um dia antes. No dia 29 a cidade parou. Colunas de operários, estudantes e povo em geral se deslocavam dos bairros

⁵ Em 15 de maio, uma mobilização estudantil na *Universidad del Nordeste*, província de *Corrientes*, foi violentamente reprimida pelo exército, resultando na morte do estudante Juan José Cabral e vários feridos. Estes acontecimentos foram a faísca que acendeu um movimento de protesto operário-estudantil que rapidamente se espalhou pelo país, fundamentalmente em La Plata, Rosario, Tucumán e Córdoba.

para o centro da cidade, onde aconteceriam os atos definidos pela coordenação operário-estudantil. A mobilização pacífica se transformou em rebelião espontânea quando a polícia perdeu o controle e disparou contra uma das maiores colunas, de vários milhares de pessoas, ferindo muitos e matando Máximo Mena, a primeira das vítimas. A violência policial, longe de amedrontar a população, levou a cidade às ruas e o protesto tomou as características de insurreição popular. Na noite de 29 de maio, a destruição tinha tomado conta da cidade e o exército, uma vez superada a força policial, preparava-se para reprimir. A violenta repressão do exército acabou no final da noite de 30 de maio, com um saldo oficial de doze mortos – em torno de sessenta, extra-oficialmente –, centenas de feridos e mais de mil pessoas detidas, entre elas a maioria dos dirigentes sindicais. Não exagera J. P. Brennan ao assinalar o seguinte sobre aqueles acontecimentos:

El cordobazo se erige como uno de los acontecimientos y divisorias de aguas históricas genuinamente seminales de la Argentina del siglo XX. Su efecto político inmediato fue desacreditar a la dictadura de Onganía y debilitar los fundamentos de lo que otrora parecía el más fuerte de todos los regímenes posperonistas (...) No obstante, más que el de precipitante de una nueva crisis política y otro cambio de régimen, el legado más significativo del Cordobazo fue el de un símbolo. El efecto del levantamiento sobre la clase obrera local y la izquierda argentina fue nada menos que revolucionario. Rápidamente mitologizado por ambas, se convirtió en la piedra de toque, el hito mediante el cual la izquierda peronista y las organizaciones y los partidos marxistas, así como determinados sectores del movimiento obrero, evaluaron todas las movilizaciones obreras ulteriores... (Brennan, 1996: 180-181)

O *Cordobazo* foi logo seguido pelo *Rosariazo*, o *Choconazo*, o *Rocazo*, etc. que, em conjunto, quebraram a estrutura política da ditadura. Não por acaso, durante anos a esquerda revolucionária interpretou o *Cordobazo* como o ponto de partida da revolução socialista na Argentina. Numa época marcada pela violenta transformação dos valores e da cultura, com os efeitos do “Maio Francês” pairando sobre o mundo juvenil, com os efeitos da gesta e da morte de Che Guevara na Bolívia, para uma grande parte da juventude esses acontecimentos demonstravam a iminência da revolução e transformavam-se em um chamado e uma disposição em trabalhar ativamente por ela. Ocorreu uma onda de radicalização de grandes contingentes juvenis que alimentou o espectro de esquerda da sociedade, em particular o que ficou conhecido como a “nova esquerda” argentina.

Um elemento relevante em torno do “*Cordobazo*”, como já indicamos, é o fato de ser um exemplo de mobilização civil centrada numa particular aliança ou coordenação operária-estudantil. Se na porção operária o lugar inédito de

Córdoba na política sindical argentina estava sustentado na formação de um sindicalismo independente, combativo, classista, no começo, e finalmente com definições socialistas no início dos anos 70, centrado nas figuras de dirigentes como Agustín Tosco e René Salamanca na ala filo-marxista e Atilio López na ala peronista de esquerda, na porção estudantil as particularidades não eram menos relevantes.

De longa tradição acadêmica, a cidade é sede de uma das universidades mais antigas do continente⁶ e sua população contava, em 1966, com uma comunidade estudantil de quase 10% da população (uns 60.000 estudantes). No quadro das lutas sociais deste século, a Universidade de Córdoba entrou para a história com o movimento da Reforma Universitária, e a fama e estigma de rebeldia permaneceram unidos a seu nome durante longo tempo⁷. A respeitada e forte *Federación Universitaria de Córdoba* (FUC) era, também de longa data, o centro da rebeldia estudantil, sendo que uma parte do núcleo militante formado no período anterior ao golpe de Estado foi a direção principal nas jornadas que levaram ao "*Cordobazo*", conduzindo as lutas durante o mesmo.

O fato é relevante para nosso trabalho, dado que é na FUC que encontramos provavelmente o espaço de maior relevância da influência de *Pasado y Presente*. Apesar de, como nos lembra Aricó, a história do grupo nesta primeira etapa estar marcada pela busca de uma "ancoragem" social na classe operária, a sua principal influência se dará no movimento estudantil e em setores da intelectualidade. Deve-se lembrar que uma consequência importante da expulsão do PCA dos quatro principais editores da revista *Pasado y Presente* foi a saída da maior parte do chamado "setor universitário" da *Federación Juvenil Comunista* (FJC) cordobesa, da qual José Aricó, a *Alma Mater* do grupo e do movimento que se conformará ao seu redor, era na ocasião o *Secretário Político* (isto é, a máxima autoridade).

Depois da saída do PC, o grupo de professores e estudantes universitários que saiu junto com os editores da revista conservou-se vinculado à universidade. Del Barco e Schmucler eram professores e parte do núcleo "*pasadopresentista*", assim como havia também um núcleo estudantil que expressava a voz do grupo

⁶ A Universidade de Córdoba nasce do Colégio Máximo dos Jesuítas, em 1613, ano no qual a faculdade recebe a autorização de outorgar títulos acadêmicos. Leve-se em conta que a primeira universidade da América ibérica foi a *Imperial e Pontifícia de Santo Domingo*, fundada em 1538, e a primeira da América anglo-saxônica, a Universidade de Harvard, só será fundada em 1650.

⁷ Até, poderíamos afirmar, a universidade ser reprimida e sucateada, junto com o conjunto da universidade argentina a partir de 1975, com a chamada Missão Ivanissevich, e depois, em forma mais radical, no período da ditadura militar. Ivanisevich era Ministro de Educação do retrógrado governo de M. E. Martínez de Perón e representante da ala mais clerical e de direita da sociedade argentina.

junto à massa dos estudantes. Esta "organicidade" na universidade fica clara neste depoimento de Horacio Crespo. Consultado sobre sua militância de origem, afirma:

Yo soy de *Pasado y Presente*. Es decir, yo nunca fui afiliado al PC porque cuando yo entro en la universidad, en el 65, ellos [o grupo editor da revista] ya se habían ido. Yo me incorporo muy rapidamente a la militancia estudiantil porque en el 64 tenía relaciones con gente que había tenido que ver con el EGP en Salta y entonces, más o menos rapidamente me conecto de entrada en la facultad con todo el grupo de Abraham Kosak, el grupo que orientaba *Pasado y Presente* en la universidad, me meto al CEFYL [*Centro de Estudiantes de Filosofía y Letras*]. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

O grupo vinculado a *Pasado y Presente*, encabeçado por Abraham Kosak, contava, segundo Crespo, com um núcleo dirigente composto por Julio César Moreno, Juan Carlos Chiarabino, Jorge Tula, Osvaldo Tatián, "Palito" Cabral e Santiago Funes, e era um núcleo que influenciava um setor importante da esquerda estudiantil.

El tipo más ideólogo, en el sentido de más teórico, era "Morenito", Julio Cesar Moreno, que es ahora el editorialista político de *La voz del interior*. El venía del PC y forma parte del grupo más restringido. Hay una historia muy célebre que él fue uno de los que el PC reprime, lo golpean en la cabeza, lo hieren feo, cuando repartía el primer número de *Pasado y Presente*. Él es quien retrasmite las directivas, aunque Pancho [Aricó] tenía reuniones con todo el grupo. No quiere decir que esto era una organización política, ellos te lo habrán aclarado muy bien seguramente, pero se recibía instrucciones, discusiones, orientaciones generales. Este grupo era el dominante en la FUC, marcadamente anti-PC y muy pro-cubano en ese momento. Ahí estaba [Jorge] Tula también, del núcleo duro de este grupo Kosakista-*Pasado y Presente*, que fue presidente del CEFYL. Era una especie de agrupación estudiantil universitaria vinculada a *Pasado y Presente*. Pancho era además un hombre de consulta general, iba mucha gente a verlo a él. Su casa en el barrio Iponá era su sede. Esto es el año 65-66 y es un período muy importante porque mucho de lo que va a pasar en el 69 tiene referencia en esos años. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996).

Isto é, a FUC, a respeitada e poderosa central dos estudantes, encontrava-se, segundo este testemunho (e outros, como veremos a seguir), sob uma decisiva influência de *Pasado y Presente*.

As relações de *Pasado y Presente* com o movimento estudiantil estruturado em torno da FUC começaram logo depois da expulsão do Partido Comunista. Embora a fundação da revista, ainda nos marcos do PCA, tenha a ver com um processo de esquerdização do movimento estudiantil, o peso dos comunistas no novo movimento estudiantil era escasso. Depois da crise do movimento que apoiou Frondizi em 58, a influência da geração da direção estudiantil "anti-

peronista” – a chamada “geração *gorila*”⁸ do reformismo universitário –, diminuiu e surgiu uma nova geração que se desenvolveu ao calor da nova época. A Revolução Cubana seria a referência obrigatória, matizada com um forte sentimento anti-Partido Comunista. Entre 61 e 62, essa nova geração se empenhou num processo de reorganização da Federação estudantil, desorganizada depois de 58. Junto com o enfraquecimento da estrutura organizativa estudantil, a partir de 1958 tinha-se fortalecido uma força católica de direita conhecida como *Integralismo*, que pregava o apoliticismo. Portanto, essa nova tendência de esquerda independente que trabalhava pela reorganização da FUC se enfrentava ideologicamente, por um lado, com o Partido Comunista e, por outro, com a tendência *integralista*⁹.

A saída de *Pasado y Presente* do PCA criou as condições para uma aproximação entre o grupo dirigente da renovação estudantil cordobesa e o novo grupo de intelectuais marxistas “independentes”. Segundo nos indica um protagonista fundamental daqueles acontecimentos, Abraham Kosak¹⁰:

Cuando en el 63 aparece Pasado y Presente, ellos comienzan a hacer contacto con nosotros. Y como nosotros no teníamos “intelectuales” de peso ellos pasan a ser, no digo “ideólogos”, pero si los tipos que nos explican cosas sobre el marxismo etc. Porque había una gran inquietud por saber todo eso que ellos traían. Nosotros teníamos un “antiimperialismo” y un marxismo medio intuitivos. Así que nosotros organizábamos los cursos internos y Pasado y Presente ponía los intelectuales y la teoría. (Kosak, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998)

Até a chegada da ditadura militar, em junho de 66, houve uma intensa relação política e teórica entre a FUC e *Pasado y Presente*. O trabalho junto à FUC possivelmente facilitou os vínculos do grupo com o mundo sindical. Segundo Kosak, “*la gente de Pasado y Presente se relaciona con el movimiento sindical a través de la FUC, porque la FUC hacía un gran trabajo con los sindicatos, un trabajo de relaciones institucionales, con la línea progresista de Atilio López e*

⁸ “Gorila” é, na Argentina, um sinônimo de “anti-peronismo”.

⁹ Como mais uma amostra das surpresas com que nos defronta a história (as “astúcias da história”, segundo a expressão hegeliano-marxista), da radicalização dessa tendência católica de direita surgirão as organizações armadas vinculadas ao peronismo, que confluíram finalmente na organização Montoneros. Embora seja errado afirmar, como faz Silvia Sigal (1991: 263), que a maioria das organizações radicalizadas tivessem uma origem católica, já que esta opinião despreza o peso de tendências com origem na esquerda marxista, o certo é que a radicalização do mundo católico foi fundamental nesta história, em particular na cidade e na província de Córdoba.

¹⁰ Abraham Kosak é uma figura central nos acontecimentos da época. Oriundo de uma primeira militância no Partido Radical, nos seus primeiros anos universitários, virou à esquerda com as influências do *Partido Socialista Argentino* e o *Partido Socialista de Vanguardia*, inspirados na Revolução Cubana. Sem vínculos partidários definidos, foi um dos dirigentes principais da corrente universitária da esquerda independente que reorganizou a FUC. Entre abril de 64 e abril de 66, anos cruciais no desenvolvimento da experiência de *Pasado y Presente*, Kosak exerceu a presidência da FUC, construindo laços estreitos com os intelectuais do grupo de *Pasado y Presente* que se conservam até hoje.

Petrucci". Certamente outros caminhos de acesso ao movimento sindical existiram, mas estas relações foram sem dúvida importantes.

O golpe de Onganía decretou a abolição das estruturas da organização estudantil – centros acadêmicos, federações, confederações. Imediatamente depois das primeiras lutas de rua contra o golpe de Estado, em setembro de 1966, o governo fechou a FUC, dismantelando a estrutura institucional da Federação (Casa do Estudante, Restaurante, Cine Clube, etc). Na crise inaugurada pela ditadura surgiram outras instâncias organizativas. As assembléias de estudantes tornaram-se as principais instâncias de mobilização, e a resistência estudantil passou a ser conduzida principalmente pela *Coordinadora Estudiantil en Lucha*, composta por estudantes das Faculdades de Arquitetura, Filosofia e Arte. A radicalização católica vinculada ao peronismo se expressava na *Frente Estudiantil Nacional* (FEN), no seu início marcadamente de direita. Contudo, a militância estudantil viu-se enfraquecida até o início de um novo ciclo, quando a FUC se recompôs ao calor das novas orientações do movimento operário originadas pelo surgimento da CGTA de Ongaro, em março de 68. Um ano depois, a coordenação operário-estudantil será a força motriz do *Cordobazo*.

Brennan (1996: 186) assinala a importância política do movimento estudantil na gestação desta movimentação popular, indicando como "*su número y su poder latente hicieron posible la alianza obrero-estudiantil que llegaría a su apogeo en el Cordobazo*", e como "*hacia comienzos de 1969 las facultades de la calle Obispo Trejo y de la cercana Ciudad Universitaria eran los centros extraoficiales de la oposición local al régimen*". Contudo, no livro de Brennan se nota um claro desequilíbrio entre a importância conferida ao movimento estudantil e o pouco esforço dedicado a analisá-lo.

Quanto ao papel de *Pasado y Presente* no movimento que levou ao *Cordobazo*, podemos encontrar rastros em duas direções. Em primeiro lugar, na fase editorial: em março de 68 havia-se inaugurado a edição dos *Cuadernos de Pasado y Presente*. Em segundo lugar, no grau de influência direta que o grupo teve durante longo tempo no movimento universitário da cidade.

Em maio de 69, data do *Cordobazo*, já circulavam amplamente sete números dos cadernos, alguns deles de extraordinária ressonância no mundo estudantil, segundo o depoimento de Horacio Crespo: o *Cuaderno* Nº 4, "*La filosofía como arma de la revolución*", uma seleção de vários trabalhos de Louis Althusser; o Nº 7, uma coletânea de textos de Cerroni, Magri e Johnstone sobre a questão da organização revolucionária, intitulada "*Teoría marxista del partido político/1*"; e, fundamentalmente, o *Cuaderno* Nº 6, uma coletânea de textos de André Gorz,

Ernest Mandel e outros, sobre o "Maio Francês", denominado "*Francia 1968: una revolución fallida?*". Sobre a influência das idéias veiculadas pelo grupo sobre o movimento, afirma Crespo:

La influencia de Pasado y Presente se expresa a través de un Cuaderno de Pasado y Presente sobre mayo del 68. Se discute muchísimo el artículo de André Gorz. Nosotros estábamos atentísimos a aquello, emocionados y motivadísimos. Eso se transporta en lo que leíamos en el 69. Se mete la discusión sobre mayo, se mete la discusión del Cuaderno de Pasado y Presente sobre los problemas de organización [Cuaderno Nº 7]. Y después un libro que edita Galerna que cumple un papel muy importante, que se llama *Los movimientos estudiantiles en el mundo*. No es el grupo Pasado y Presente pero son jóvenes colaterales del grupo de Pasado y Presente que meten esta discusión en el movimiento estudiantil en todo el proceso del 69. De allí sale la Corriente de Izquierda Universitaria (CIU), sale esta idea muy metida de los Consejos, la idea de la representación directa, de los delegados, de las coordinadoras. Y en eso está también, claramente, la influencia de Pancho [Aricó]. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Mas o tipo "difuso" de organização e influência de *Pasado y Presente* complica a análise na hora de tratar desta possível influência do grupo nas jornadas do *Cordobazo*. Oscar del Barco guarda a seguinte lembrança a respeito:

Ni siquiera en lo del *Cordobazo* tuvimos nada que ver, nosotros que éramos de Córdoba!! Recuerdo que Pancho y yo estábamos en Buenos Aires y en el viaje de vuelta nos agarra lo del *Cordobazo* en Villa Maria. Estaba cortado el camino. Así que nos fuimos a comer a la casa de una tía de Pancho. (Del Barco, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Horacio Crespo novamente discorda radicalmente desta opinião de Del Barco. Não do fato de Aricó ou del Barco estarem ausentes ou presentes nas jornadas, mas do fato de *Pasado y Presente* ter participado ou não.

Oscar está equivocado. El 13 o 15 de mayo la FUC organiza una asamblea en el comedor universitario. Ya habían empezado los problemas en Corrientes [as mobilizações dos estudantes da *Universidad del Noreste*]. Yo hablo en la asamblea por los egresados de la facultad, me prendo en la *Coordinadora de Arquitectura, Filosofía y Arte* [*Coordinadora Estudiantil en Lucha*], que es la izquierda que se expresa en el movimiento estudiantil en el momento inicial de la movilización del *Cordobazo*. Era una coordinadora de delegados de las tres facultades, estudiantes y egresados, que iniciaba en ese momento toda una experiencia. Hablo con Pancho [Aricó] y nos metemos en el proceso. Estaba muy fresco lo del mayo del 68 que nos pegó durísimo. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Deveria levar-se suficientemente em conta a mistura explosiva destes ingredientes no mundo estudantil e intelectual da época: a mobilização operária, a radicalização da esquerda, o "Maio Francês" e a imolação de Che Guevara pairando no ar, e uma ditadura militar, caracterizada como "fascista", para derrubar. Neste mundo radicalizado cordobês, as idéias veiculadas pelos

primeiros *Cuadernos de Pasado y Presente* foram parte dos elementos catalisadores da radicalização maciça que estava acontecendo.

Uma outra testemunha da época, o historiador Osvaldo Coggiola, atualmente professor da Universidade de São Paulo (USP), confirmando a importância da influência do grupo na universidade e na política cordobesa, indica-nos um fato histórico de relevância para o tema que nos ocupa: o *Encuentro de Intelectuales* realizado em Córdoba, em abril de 1970, organizado pela corrente universitária vinculada a *Pasado y Presente* (a CIU). O encontro reuniu as tendências políticas de esquerda da época para a discussão dos caminhos a seguir na transformação da sociedade argentina. O “caráter e as vias da revolução” era o eixo da discussão que se instaurou no encontro, lembra Coggiola (Entrevista concedida ao autor, São Paulo, nov. de 1996). Um dos coordenadores do encontro era justamente Horacio Crespo, que confirma a opinião de Coggiola em torno da importância do evento.

Efectivamente yo creo que aquella reunión de inicio del 70 fue la última donde la izquierda debatió franca y abiertamente los proyectos políticos. Fue un momento muy particular donde se discuten todos los proyectos, donde cada uno expresa muy libremente sus propuestas. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

A reunião foi convocada por militantes da chamada *Corriente de Izquierda Universitaria* (CIU), criada em agosto ou setembro de 69, a partir do que fora a primeira forma organizativa do momento inicial da mobilização que acabou no *Cordobazo*, a *Coordinadora Estudiantil en Lucha*¹¹. Ainda neste momento, segundo o depoimento de Crespo, um grupo estudantil independente, vinculado a *Pasado y Presente*, participava na CIU:

¹¹ “De ahí surge esto que al principio es una corriente que engloba a todo el mundo. Sobre finales del año 69 se separa lo que va a ser el LAP-GRS (*Línea de acción popular-Grupo revolucionario socialista*). Era un grupo que venía trabajando de antes de formarse la *Corriente*, se integran a la CIU y después vuelven a salir. En realidad hasta la salida de ellos eran dos grupos, dos organizaciones distintas, que trabajaban en conjunto bajo un mismo nombre” (Crespo, entrevista concedida ao o autor, Córdoba, dez. de 1996).

A la salida del LAP-GRS (Línea de acción popular-Grupo revolucionario socialista) queda una alianza entre gente del PCR y tipos independientes¹². Entonces en el CIU estábamos Bernardo Rabinovich ya afiliado al PCR, yo todavía independiente, vinculado a *Pasado y Presente*, y a mí se me ocurre la idea de este Encuentro de Intelectuales. (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

A realização do encontro visava, na concepção estratégica radicalizada dos organizadores¹³, a partir do enorme poder de convocatória do movimento social cordobês depois do *Cordobazo*, a gerar um grande acontecimento político que permitisse ao movimento estudantil crescer, aproximando e recrutando novos militantes.

O encontro foi realizado no começo de 1970 no auditório da Faculdade de Arquitetura de Córdoba, e o debate se dividiu em três comissões de trabalho: Política Geral, Problemas Universitários e Movimento Estudantil e Arte e Literatura. A maioria das tendências de esquerda da época, exceto o Partido Comunista e simpatizantes, encontravam-se na reunião. Se o tema central era, segundo os depoimentos de Crespo e Coggiola, "o caráter e as vias da revolução", dado que se descartava a possibilidade de uma "via pacífica", a discussão era basicamente resumida na definição de que tipo de "via armada" seria necessária:

En el tema de "la vía", lo pacífico estaba fuera de cuestión. La cosa era, "armada", la cuestión era "de que manera": Insurrección? Grupo de guerrilla en el campo? Guerrilla urbana? Esto es lo que se plantea y los dos ejes centrales eran: "insurrección popular" o "grupos especiales". Pancho [Aricó] matiza más la discusión, mete lo de los sindicatos, lo de la clase obrera, el insurreccionalismo, el consejismo. [Daniel] Open expresa la línea de El combatiente [PRT-ERP] y Ratzer [PCR] habla de la insurrección. Y el debate era seguido apasionadamente por cientos de estudiantes durante tres días. (Crespo, entrevista concedida ao autor, dez. de 1996)

¹² Na verdade, apesar de definir-se como militante estudantil independente vinculado a *Pasado y Presente*, Crespo já se encontrava muito próximo ao PCR. Segundo seu próprio depoimento: "*En el PCR hay un proceso de discusión muy dura, porque todavía hay atisbos muy fuertes de guerrillerismo, todavía no se había hecho el Primer Congreso -estaba en marcha el congreso-, donde se va a desprender el ala dura, guerrillera, del PCR, que termina haciendo parte de las FAL. Durante tiempo ellos retrasan mi afiliación al PCR porque no querían contaminar a todo este grupo mío, con esa discusión interna. Realmente nos afiliamos después del primer congreso, realizado a finales del 69*" (Crespo, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996). Outra testemunha da época, Jorge Tula, assinala a respeito desta influência do PCR: "*En el 67 se había dado en el PC el más grande desprendimiento que va a dar en el PCR. En aquella época van a Córdoba tres dirigentes de ese desprendimiento, el principal era el flaco Ratzer, y se hace una reunión en mi casa. Estaban Oscar [del Barco], Toto [Schmucler], Pancho [Aricó], yo, y creo que Horacio Crespo y algunos otros. Ellos traían la idea de que nos sumáramos a la formación de un nuevo partido. Pero ninguno de nosotros se suma a esa propuesta salvo, posteriormente, los jóvenes: el Palito Cabral, Horacio Crespo*" (Jorge Tula, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998).

¹³ Para amostra desta radicalização da CIU, basta mencionar que o periódico da corrente universitária levava o nome de *Insurrección*.

Um ponto a destacar é o fato de que, junto com a discussão política em torno da revolução, nesta reunião encontramos as pegadas da outra influência marcante de *Pasado y Presente*: a questão cultural. Segundo Crespo, o outro grande debate produzido ocorreu na Comissão de Arte e Literatura, onde se encontravam intelectuais importantes como David Viñas, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano e outros.

El debate que se da sobre el arte y la literatura es una cosa interesante porque de nuevo aparece el hecho de que los chicos influenciados por *Pasado y Presente* con la cosa de que el debate de la política tiene que ir acompañado de un debate sobre el arte la literatura. Y por eso la otra comisión importante del encuentro, además de la de política, es esa, donde están todos esos intelectuales. (Crespo entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Poderia pensar-se este *Encontro de Intelectuais* como a última expressão visível da influência política direta que *Pasado y Presente* conseguiu exercer de um modo “independente” na Córdoba dos anos sessenta. Já estavam colocados sobre a mesa os ingredientes fundamentais da nova cena política: as armas, a violência armada e suas conseqüências para a vida política. Já não havia espaço para um discurso independente como até então havia sido possível para essa organização político-cultural “difusa” conhecida como *Pasado y Presente*. Era o momento da política armada. No encontro de Córdoba se fazia presente boa parte da “nova esquerda” argentina, cujo retrato trataremos de esboçar, em grandes pinceladas, na seqüência.

3.2. A “nova esquerda” argentina

A formação da chamada “nova esquerda” argentina está estreitamente relacionada com processos ocorridos principalmente dentro de duas grandes correntes políticas, ideológicas e sociais da Argentina da segunda metade do século: o peronismo e as velhas correntes de esquerda nascidas no campo do marxismo - comunistas, socialistas, trotskistas.

Apesar de não ser fácil datar processos históricos dinâmicos, é possível indicar alguns marcos fundamentais no processo global de formação dessas novas correntes: a derrubada do governo do General Juan Domingo Perón, em setembro de 1955, a Revolução Cubana, em janeiro de 1959, e o golpe de Estado contra o governo do presidente Arturo Illia, em 1966.

A derrubada do governo de Perón deflagrou dois processos diversos mas posteriormente confluentes. Por um lado, o nascimento de um longo périplo histórico das forças sociais vinculadas a Perón para restaurar o governo do líder

derrubado (que durou 18 anos e ficou conhecido como a "Resistência Peronista"), que culminará com o retorno do peronismo ao poder em maio de 1973. Em segundo lugar, um largo processo de reflexão dentro das forças liberal-democráticas e da esquerda em torno do processo histórico que levou ao distanciamento entre elas e as massas populares, na sua absoluta maioria adeptas de mente e alma ao peronismo, suas doutrinas e seus mitos.

Estes dois processos políticos e culturais intensos, confluentes na medida em que se aproximavam os anos 60, terão um primeiro momento de encontro em torno da constituição do bloco de forças que levará ao governo Arturo Frondizi, da então recentemente formada *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI), nascida de uma ruptura de "esquerda" dentro da *Unión Cívica Radical* (UCR). Frondizi e a UCRI serão vistos por esse espectro amplo de forças como os elementos de uma possível superação do impasse cívico argentino, e terão o apoio ativo, por um lado, de parte da esquerda e, por outro, do peronismo, expressado através do chamado "Pacto Perón-Frondizi", de janeiro de 1958.

As expectativas deste bloco de forças liberal-democrático e popular viram-se frustradas pelo que ficou conhecido como "a traição de Frondizi". Pressionado pelos setores mais retrógrados da sociedade argentina, entre os dois blocos, Frondizi optou por aceitar as pressões de direita, desonrou os compromissos assumidos, lançou uma série de medidas econômicas e culturais reacionárias e deflagrou uma onda de repressão conhecida como CONINTES (*Conmoción Interna del Estado*), dirigida principalmente contra o peronismo e o comunismo.

A frustração, pela "traição de Frondizi", de uma importante geração de jovens da ala liberal-democrática, da esquerda, e dos jovens peronistas formados no momento inicial e mais duro da chamada "*Resistencia Peronista*", viu-se, finalmente, atravessada por um fenômeno internacional de enorme transcendência: a Revolução Cubana. A Revolução Cubana, a figura central do argentino Ernesto Guevara, e os vínculos imediatos dos setores dirigentes destas correntes argentinas com a citada revolução atuaram como catalisadores violentos do processo que conduziria à formação desta nova franja do espectro político denominada "nova esquerda".

Vistos *a grosso modo* estes grandes condicionamentos históricos, vejamos agora um breve desenho da constituição dos novos agrupamentos.

A rigor, podemos encontrar as primeiras "formas organizativas", primeiras "aglutinações" do que será a "nova esquerda", nos grupos intelectuais e revistas que se conformaram na década de 50, particularmente na sua segunda metade, nos quais se produzia uma reflexão que fundia as tentativas de entender o

fenômeno peronista, de interpretar os problemas do marxismo e da esquerda para atingir os setores populares, hegemonizados pelo peronismo, e de encontrar caminhos para uma relação produtiva entre os dois mundos. Dessa reflexão participavam diversas leituras marxistas críticas da velha esquerda, em particular do PCA, junto com novas produções teóricas de autores que optaram por uma aproximação com o mundo peronista, como os trabalhos de Rodolfo Puiggróss (origem: PCA), Juan José Hernández Arregui (origem: UCR) ou Jorge Abelardo Ramos (trotskista, fundador de *Izquierda Nacional*). Este conjunto complexo foi criticado pelo Partido Comunista, que lhe deu o nome genérico de *Neo-esquerda*, e uma abordagem relativamente ampla do processo cultural e político da sua formação se encontra nos livros de Oscar Terán e Silvia Sigal, já mencionados nos capítulos anteriores.

Junto a esses novos agrupamentos, já nos anos 50 apareceram as primeiras formas de ruptura nas organizações da velha esquerda. Em 1954, uma pequena fração do Partido Socialista, dirigida por Enrique Dickman, rompe com o partido e forma um pequeno partido de orientação pró-peronista, o *Partido Socialista de la Revolución Nacional* (PSRN). O PSRN foi dissolvido por lei em 1956. Uma nova divisão no Partido Socialista aconteceu já sob influência da Revolução Cubana. Em 1959, o socialismo se dividiu em *Partido Socialista Democrático* (PSD) e *Partido Socialista Argentino* (PSA), o qual adotou uma posição pró-cubana. Do PSA surgiu pouco tempo depois uma nova fração de esquerda, o *Partido Socialista de Vanguardia* (PSV). Por sua vez, o dirigente e teórico trotskista Nahuel Moreno formou, no final dos anos 50, uma pequena organização trotskista, *Palabra Obrera*, de orientação filo-peronista, que editava um boletim do mesmo nome apresentado como "*órgano del peronismo obrero revolucionario*" (Hilb, 1984: 26).

Já no lado peronista, a radicalização da *Resistência Peronista* gerou novos elementos no quadro político. Sob a condução do delegado de Perón para a direção do movimento na Argentina, John William Cooke, a *Resistência* criou algumas práticas de comando e formas armadas, de certa forma improvisadas e espontâneas, dentro do movimento peronista¹⁴. Ainda na trilha da *Resistência*, mas sob forte influência da Revolução Cubana, em 1959 se formava a primeira

¹⁴ Richard Gillespie (1987: 61-62) nos traz os seguintes dados extraídos da revista *Confirmado*: entre 1956 e 1961, os grupos da *Resistência* teriam sido responsáveis por 1.022 explosões, por 104 casos de incêndio contra edifícios públicos, instalações industriais e vagões de ferrovia, e por outros 400 ataques de diversos tipos (agressões a policiais, etc.).

organização guerrilheira argentina: *Uturuncos*, que ficou como um precedente importante no processo de radicalização do peronismo.

Em 1961, na província de *Santiago del Estero*, os irmãos Mario Roberto e Asdrúbal Santucho saíram do PSA e formaram a organização *Frente Revolucionário Indoamericano Popular* (FRIP), de orientação trotskista. Em 1962, surgiu, dentro da organização de ultra-direita *Tacuara*, uma tendência de esquerda, o *Movimento Nacionalista Revolucionário* Tacuara dirigido por José Luis Nell, Joe Baxter, Jorge Caffatti, do qual surgiu uma parte do núcleo fundador dos *Montoneros* e de outros grupos armados. Uma tendência interna deste grupo, dirigida por José Luis Nell, organizou o que é, segundo Gillespie (1987: 77), "*la primera operación de guerrilla urbana digna de ese nombre*" em 22 de agosto de 1963¹⁵. O núcleo da guerrilha foi destruído em 1964 com a detenção da metade dos seus membros.

Em 1963, uma dissidência pró-guerrilha dirigida por Ángel Bengoechea formou, dentro da organização trotskista *Palabra Obrera*, o *Comando Buenos Aires*, que seria destruído em 1964, quando explodiu o arsenal do grupo na casa de Bengoechea.

No mesmo ano de 1963 se produziram as primeiras dissidências dentro do Partido Comunista. Como já vimos, com a expulsão do núcleo editor de *Pasado y Presente*, na cidade de Córdoba, saiu do partido um setor importante da militância do seu Setor Universitário¹⁶. Pela mesma época, em Buenos Aires, outra fração, encabeçada por Juan Carlos Portantiero e Juan Gelman, e que contava com Antonio Caparrós, Roberto Quieto, Eduardo Jozami, etc., despreendeu-se do PCA para organizar o agrupamento denominado *Vanguardia Revolucionaria* (VR)¹⁷, já mencionado. Ainda em 1963 se instalava em Salta a guerrilha do EGP (também já mencionada no capítulo anterior), dirigida por Jorge Masetti e desmontada pela ação militar, em março de 1964.

¹⁵ Tratou-se de um assalto em que o grupo conseguiu 100.000 dólares que pensava utilizar para financiar uma invasão nacionalista nas ilhas Malvinas.

¹⁶ Tanto Gillespie como Hilb desconhecem, ou não dão nenhuma importância a esta dissidência. Nem sequer a mencionam no seus textos.

¹⁷ *Vanguardia Revolucionaria* terá algum sucesso na luta estudantil e, em particular, nas eleições do Sindicato de Jornalistas (1965) de Buenos Aires, quando Eduardo Jozami passa a ser seu Secretário Geral e Roberto Quieto (um dos mais importantes dos futuros Chefes Montoneros) seu assessor jurídico (Gillespie, 1987: 269). Juan Carlos Portantiero lembra a experiência sem nenhum tipo de admiração. Osvaldo Coggiola nos informa, numa entrevista concedida em 1995, que *Vanguardia Revolucionaria* rapidamente se dividiu e, enquanto Portantiero privilegiava sua relação com o grupo cordobês de *Pasado y Presente*, outro grupo da VR participa da fundação de uma nova organização trotskista: *Política Obrera*.

Na mesma época, nasceu a organização *Política Obrera* (PO) que se apresenta como uma versão “revolucionária” das tendências trotskistas, crítica das organizações anteriores do mesmo signo ideológico. A formação do PO se reporta à ruptura, em 1961, de um núcleo de militantes encabeçado por Jorge Altamira com o grupo intelectual filo-trotskista *Praxis*, de Silvio Frondizi. O grupo de Altamira foi o ponto de acumulação que levará, primeiro, à formação do *Movimiento de la Izquierda Revolucionaria Argentina* (MIRA), depois, ao grupo *Reagrupar*, em 1962, para chegar a formação de *Política Obrera*, no começo de 1964. (Fonte: Coggiola, 1986)

Em 5 de agosto de 1964, num encontro com 2.000 delegados, fundava-se o *Movimiento Revolucionario Peronista*, organização filo-guerrilheira encabeçada por Gustavo Rearte, dirigente da *Juventud Peronista Revolucionaria*, que contou com o beneplácito inicial de Perón. Como parte de suas manobras para contrabalançar o peso ora da direita, ora da esquerda, dentro de seu movimento, Perón apoiou a iniciativa em 5 de agosto e retirou o apoio vinte dias depois. Um novo encontro realizado em fevereiro de 1965 contou com apenas 118 delegados, mas o fato é importante no processo de radicalização dentro do movimento peronista.

Em 1965, fundiram-se os partidos *Palabra Obrera*, de Nahuel Moreno, e FRIP, dos irmãos Santucho, formando o *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT), antecedente imediato do ERP (*Ejército Revolucionario del Pueblo*). No mesmo ano, a partir do PSV surgia uma fração filo-maoista, a *Vanguardia Comunista* (VC).

Todo este processo de radicalização se viu acentuado como reação ao golpe de Estado de junho de 1966. A repressão à Universidade acelerou o processo de esquerdização dos setores juvenis provenientes das camadas médias e a formação de novos agrupamentos. Nos primeiros meses de 1966, a partir de militantes oriundos do PSV e da VR (Eduardo Jozami, Roberto Quieto), começou a se formar uma organização pensada como apêndice do *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) da Bolívia, e que se propunha a convergir com o projeto da guerrilha de Che Guevara¹⁸. A derrota da guerrilha guevarista frustrou a tentativa, mas o desenvolvimento desta organização embrionária conduziu à formação da

¹⁸ Hilb e Lutzky (1984: 117) mencionam esta organização como ELN. Gillespie (1987: 94) indica o nome como *Sector 2, ELN*. Castañeda (1997: 438) informa que Jozami viajou para a Bolívia em fevereiro de 1967 para se informar da marcha da experiência guerrilheira, mas não chegou a se encontrar com Guevara.

organização *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR), sob a condução de Carlos Enrique Olmedo, em 1970.

Em 1967 aconteceu a maior dissidência no interior do PCA, dando lugar à formação do *Partido Comunista Revolucionario* (PCR), de orientação filo-maoísta. Já em 1965 havia-se formado no Setor Universitário da FJC a *Coordinadora Nacional de Recuperación Revolucionaria* (CNRR) que pretendia uma transformação interna do partido, de sentido revolucionário. Mais uma vez a tentativa fracassou e conduziu à ruptura, levando à saída de um grande setor da organização juvenil e do partido. Em 1968, o PCR sofreu uma cisão, formando-se a organização armada *Fuerzas Armadas de Liberación* (FAL)¹⁹.

Em 1968/69 o processo de radicalização se agudizou com a clara definição, por parte de várias organizações, da luta armada como via principal das transformações sociais. Em 1968 foram fundadas as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP)²⁰, com uma concepção tanto rural quanto urbana da luta de guerrilha, que sofreram rapidamente vários golpes mas conseguiram se reorganizar para desenvolver uma intensa campanha militar em 1970. No mesmo ano de 1968 fundava-se o *Comando Descamisado*, dirigido pelos futuros líderes montoneros Horacio Mendizábal e Norberto Habegger. Pouco tempo depois, o militante nacionalista Dardo Cabo, famoso por ter comandado, em 1966, uma invasão fracassada às ilhas Malvinas, assumiu a chefia do grupo. Os *Descamisados*, sob o nome de *Ejército Nacional Revolucionario* (ENR), foram responsáveis pelos assassinatos dos dois principais hierarcas sindicais peronistas, Augusto Timoteo Vandor, em 1969, e José Alonso, em 1970.

Em 1968, no 4º Congresso da organização, o PRT se dividiu entre a ala de Mario Roberto Santucho e Luis Pujals (linha *El combatiente*, que era o nome do periódico da corrente) e a ala dirigida por Nahuel Moreno (linha *La verdad*, também nome do jornal do grupo). Em 69 começaram as operações armadas do grupo de Santucho e em 1970, no 5º Congresso do PRT, foi formado o *Ejército Revolucionário del Pueblo* (ERP) – a mais atuante das organizações armadas de orientação marxista – como braço armado do partido.

¹⁹ Gillespie (1987: 269) informa que nesta organização participaram Roberto Quieto e Eduardo Jozami, que vinham da VR (1963) e do grupo do ELN (1966). Quieto passaria posteriormente às FAR, mas se reencontraria com Jozami em 1974, quando uma fração das FAL, os *Comandos Populares de Liberación* (CPL), foi incorporada à organização *Montoneros*.

²⁰ Segundo Gillespie (1987: 78), as FAP eram a continuidade genealógica principal do *MNR Tacuara*, de Nell e Baxter, através de Jorge Caffati, que se uniria ao grupo depois de fugir do cárcere. Contava com militantes experimentados como El Kadri e Carlos Caride (fundadores em abril de 1958 da *Juventud Peronista*). A concepção militar das FAP era acompanhada com uma certa preocupação por construir uma força própria no nível fabril. Assim, em 1970, junto com sindicalistas veteranos da CGTA, as FAP formam uma organização peronista revolucionária de caráter sindical, o *Peronismo de Base* (PB).

Em 1969 o grupo de Carlos Olmedo, *Sector 2, ELN*, iniciou sua guerra urbana²¹ junto com um processo de “*peronización*”, e em julho de 1970, já sob o nome de *Fuerzas Armadas Revolucionarias* e anunciando o nascimento desta nova organização, ocupou a pequena localidade de *Garín*, a 40 km de Buenos Aires. (Hilb, 1984: 119)

Em 29 de maio de 1970, com o seqüestro do General Aramburu, a organização armada *Montoneros*, que será o mais importante grupo guerrilheiro argentino, anunciava seu nascimento, embora suas origens possam ser encontradas vários anos antes, nas chamadas organizações proto-montoneras (Gillespie, 1987: 73). A aparição dos *Montoneros* completaria, no essencial, o quadro da “nova esquerda” na política argentina.

Pasado y Presente faz parte, sem dúvida, desse turbulento movimento que conformou a “nova esquerda” argentina. Contudo, a sua intervenção tem a particularidade de ter definido uma singular estratégia de intervenção no mundo da política através da cultura, estratégia na qual a atividade editorial se transforma, como veremos na próxima seção, em seu principal veículo de expressão.

3.3. *Pasado y Presente* e a experiência editorial como intervenção política

Para o universo político e cultural novo e complexo desenhado nas páginas anteriores, *Pasado y Presente* se colocará como um “fornecedor de ideologia”. Como o próprio Aricó (1986: 25) assinala, frente ao fracasso de construir uma “âncora social” na classe operária e sem a idéia de se constituir como grupo político autônomo, “*se abre la alternativa de los Cuadernos [Cuadernos de Pasado y Presente]*”.

O projeto de editar livros e folhetos tinha acompanhado a edição da revista *Pasado y Presente* desde quase o primeiro momento. No número 2-3 da revista, de julho-dezembro de 1963, aparece o primeiro anúncio de uma publicação própria: o folheto *Arte y partidismo*, com prólogo de Héctor Schmucler e dois textos, de Vittorio Strada e Rossana Rossanda, criticando um discurso de Nikita Krushchev sobre “partidarismo em literatura”. O anúncio indica “*Ediciones Pasado y Presente*”. Nesta primeira publicação já está colocado o perfil das futuras edições: problemas de cultura e política e a influência dos marxistas italianos.

²¹ O chamado *Sector 2, ELN* reconheceu a autoria dos atentados contra o grupo de supermercados *Minimax*, durante a visita ao país de Nelson Rockefeller, seu proprietário.

No número 5-6 da revista, de abril-setembro de 1964, *Ediciones Pasado y Presente* anunciava a aparição, entre dezembro de 1964 e janeiro de 1965, de duas publicações: *Problemas del marxismo contemporáneo (A propósito del éxito de los escritos "juveniles" de Marx)*, de Aldo Zanaldo, e *El marxismo de Hegel*, de Lucio Colletti. No número 7-8, outubro de 1964-março de 1965, a revista trazia um anúncio das *Ediciones Pasado y Presente* que não mencionava os títulos prometidos no número 5-6 (o que poderia indicar que afinal não foram editados), e anunciava, na coleção chamada "*Ensayos*", os textos: *Clave de la dialéctica histórica* e *Ensayo sobre la dialéctica*, de Galvano Della Volpe; *Moral y sociedad*, de Jean-Paul Sartre y outros (ambos os livros com a indicação "en prensa"); *La estructura lógica de El capital*, de Giulio Pietranera; *El marxismo como sociología*, de Lucio Colletti. Na coleção denominada "*Breves Tratados Marxistas*", anunciava-se: *Formaciones económicas precapitalistas* e *Introducción a la crítica de la economía política*, de Karl Marx. Aparentemente este anúncio não era mais do que um "projeto" de próximas edições, já que não há evidências de que estes textos tenham sido publicados.

Finalmente, no número 9, abril-setembro de 1965, o último desta primeira série da revista, no espaço dedicado às Edições de *Pasado y Presente*, agora sob o nome de *Colección "Clásicos del marxismo"*, apareceram apenas os dois títulos de Marx: *Formaciones económicas pre-capitalistas* (anunciando que aparecerá em março de 66) e *Introducción a la crítica de la economía política* (com o anúncio *Volumen en preparación*). Isto é, mantinha-se a promessa sobre esses dois textos de Marx e nada se dizia a respeito dos outros anúncios aparecidos nos números anteriores da revista.

É bastante difícil saber quais textos foram realmente concluídos para a venda nesta primeira fase editorial, partindo apenas desses anúncios na revista *Pasado y Presente*. Nas entrevistas realizadas, os entrevistados não lembram ou lembram alguns dados imprecisos. Contudo, o que realmente importa é que já aparece não apenas a vocação e o perfil editorial do grupo, mas a decisão de realizar esta tarefa em grandes proporções. A oportunidade de desenvolver este trabalho num novo patamar aparecerá na parceria com a *Federación Universitaria de Córdoba*, como veremos a seguir.

3.3.1. A editora Eudecor

A especialização de *Pasado y Presente* no plano editorial começa a ficar clara na experiência da editora **Eudecor** (*Editorial Universitaria de Córdoba*).

Como vimos, depois da expulsão do PCA, houve uma aproximação entre o núcleo dirigente da FUC e o grupo de *Pasado y Presente*. O período 64-65 foi também uma etapa de crescimento organizativo da FUC. Dentre os diversos empreendimentos, destacou-se a implantação da imprensa da Federação Universitária, denominada IMPRECOR. Na gráfica da FUC se imprimiam diversos materiais, como apostilas, panfletos, documentos, etc. Com a aproximação dos dirigentes da FUC com *Pasado y Presente*, apareceram alguns empreendimentos de maiores proporções. Com o objetivo de instituir uma editora vinculada à FUC que aproveitasse o potencial da imprensa da organização estudantil, decidiu-se, numa primeira etapa, a publicação de uma série de folhetos denominados *Cuadernos da FUC*. O primeiro documento publicado foi o famoso discurso de Che Guevara na Argélia, em 25 de fevereiro de 1965, que marcou o rompimento de relações entre Guevara e os dirigentes soviéticos. Segundo nos informa o na época presidente da Federação Universitária, Abraham Kosak:

Nosotros publicamos ese discurso del Che -donde critica a la URSS porque vende las armas igual que el imperialismo y que las armas hay que regalarlas, etc.- para molestar al PC, -porque te repito nuestro punto referencial era mucho el PC, para ser contra-, pero no por estar tan de acuerdo con las cosas que decía el Che. Claro que ahí ya estaba la gente de *Pasado y Presente*, que era los que nos daban ese tipo de material y de orientación. (Kosak, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998)

No seu número 9, a revista *Pasado y Presente* já anunciava a aparição de cinco Cadernos²². Estas publicações da FUC abriram a perspectiva de um empreendimento de mais fôlego. No final de 1965 foi decidida a instituição de uma editora em forma de cooperativa. O principal associado era um velho militante comunista, já mencionado no começo deste trabalho, Gregorio Berman. Depois de uma viagem pela China, ainda nos marcos do PCA, Berman tinha ficado impressionado e fortemente influenciado pela revolução chinesa, o que o levou finalmente ao afastamento do partido. Nessa nova situação, Berman se transformou num entusiasta colaborador das iniciativas surgidas no mundo estudantil de esquerda. Do acordo entre a FUC e Berman saiu a cooperativa editorial **Eudecor** [*Editorial Universitaria de Córdoba*].

Cuando constituimos la cooperativa, en Buenos Aires estaba muy de moda EUDEBA [*Editorial de la Universidad de Buenos Aires*], así que decidimos ponerle un nombre parecido, **Eudecor**. Pancho [Aricó] se transforma en gerente de Eudecor, con

²² Os Cadernos anunciados eram: 1- Ernesto Che Guevara, *Socialismo y subdesarrollo (discurso en Argelia)*; 2- Fidel Castro, *Crisis de Vietnam*; 3- Emile Braundí, *El movimiento obrero y el tercer mundo*; 4- Espartaco, *Crítica del modelo económico de la "izquierda oficial"*; 5- Espartaco, *Reforma o revolución en América Latina*.

un sueldo y yo quedo como gerente administrativo, el proveedor de fondos, digamos. Pancho vivía en Villa María; viajaba todos los lunes y volvía a su casa los viernes. La editorial funcionaba en el local que teníamos en la Galería Siderama. (Kosak, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, 1998)

Os dois primeiros livros publicados por **Eudecor** em 1966, segundo a informação de Kosak, foram *"El hombre y la bestia"*, de Gelbard Right, e *"Televisión y cultura de masa"*, de Theodor Adorno. Estes primeiros textos eram livros pequenos, mais próximos do folheto. O primeiro livro de porte que **Eudecor** publicou, no primeiro semestre de 1966, foi *"El modo de producción asiático"*, de Maurice Godelier, que tinha sido publicado em francês em 1964. A seleção dos textos para publicação era realizada basicamente por *Pasado y Presente*, através de Aricó. Segundo o depoimento de Kosak: *"Yo no tenía la menor idea de que se trataban esos libros. Eso venía de la gente de Pasado y Presente"*.

Depois do golpe de Estado de junho de 66, as estruturas da FUC foram abaladas pela proscrição das organizações e da militância estudantil. Diante destes problemas, um empresário cordobês, simpatizante do trabalho editorial de **Eudecor**, Natalio Kejner, propôs a compra do fundo editorial e salvou a editora da falência. Dentre os textos publicados entre 67 e 68 se encontra o romance de Oscar del Barco intitulado *"Memoria de aventura metafísica"*, publicado em 1968. Dois textos são assinalados por Osvaldo Coggiola como pertencentes a este esforço editorial, os livros *Formaciones económicas pre-capitalistas*, de K. Marx, e *Las Vanguardias artísticas del siglo XX*, de Mario de Michellis. A edição do livro de De Michelis - que depois foi reeditado pela *Editorial Alianza* - foi a primeira em língua espanhola e, segundo a opinião de Coggiola, talvez a primeira edição fora da língua italiana. O livro de Marx, como já vimos, havia sido anunciado no Nº 5-6 da revista *Pasado y Presente* como futura publicação da editora do mesmo nome. A publicação não aconteceu senão até a edição do texto por **Eudecor**. Posteriormente, o livro de Marx foi reeditado no Nº 20 dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, em 1971. A editora **Eudecor** foi dissolvida em 1968.

3.3.2. A editora Garfio

Entre a dissolução de **Eudecor** e a fundação da editora *Pasado y Presente*, encontramos uma experiência editorial com algo de *picaresca*, as publicações da *Editorial Garfio*²³, que serviu como pseudônimo de *Pasado y Presente* para a

²³ "Gancho", em português. O nome faz referência ao *gancho* dos piratas, indicando a origem "pirateada" das edições, sem pagamento de nenhum tipo de direitos autorais.

edição de dois textos do Marquês de Sade, em 1968. A edição dos textos de Sade, segundo a lembrança de Oscar del Barco, serviu para financiar a publicação do primeiro dos *Cuadernos de Pasado y Presente*:

Al primer número de los cuadernos lo bancamos con la venta de la edición que habíamos hecho de *La filosofía del tocador*, de Sade. Como era todo robado, menos la traducción que efectivamente la hicimos -además era la dictadura y Sade era pecaminoso- inventamos una Editorial **Garfio**, mofándonos del robo. (del Barco, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996)

Pela mesma editora foi publicada outra obra do Marques de Sade, *Filosofía de la perversión*. A experiência é interessante não apenas pelo fato de ter servido como modo de financiamento da edição do primeiro número dos *Cuadernos*, mas porque, nessa época de ditadura militar e de uma dura repressão, da aparição da esquerda armada, de domínio absoluto da política, um grupo de intensos vínculos com esse mundo radicalizado realizava tal esforço editorial no plano da literatura, publicando um autor “maldito” para a cultura argentina daquele tempo. Novamente o encontro peculiar de cultura e política que marcou a experiência do grupo. Como lembra del Barco num texto de homenagem póstuma para Aricó:

Publicamos mucho de política, pero también la *Filosofía del Tocador* del Marqués de Sade, y el *Igitur* de Mallarmé; junto con la *Introducción del 57* de Marx sacábamos textos de Derrida, de Lévi-Strauss o de Burroughs... Vivíamos bajo el signo político de Gramsci y bajo la influencia por ese entonces arrebatadora de *Rayuela* [Amarelíha, de Julio Cortazar]. Queríamos cambiar el mundo y al hombre, como los surrealistas, como el viejo y querido Bataille, y dedicábamos nuestras horas y días para lograrlo. Es claro que fue un sueño, un sueño casi totalmente loco... (del Barco, 1991: 27)

Observa-se que aquele intuito original de que cultura e política mantivessem uma relação íntima e produtiva tem uma explicitação prática no trabalho editorial da época. Sade e Burroughs eram escritores que conspiravam contra a mesmice, o preconceito e o espírito conservador e clerical do regime militar. Destacar o esforço de tradução e edição de textos proibidos numa época de ditadura é relevante porque indica uma decisão sobre a importância política atribuída a um fato cultural. Isto é, não é ocasional nem apenas uma curiosidade. Afinal poderiam ter editado algum autor de importância política imediata. Trata-se, portanto, de uma concepção, pelo menos embrionária, sobre o papel da cultura na transformação da política, concepção que será consagrada pelo projeto dos *Cuadernos* editados pela editora *Pasado y Presente*, como veremos a seguir.

3.3.3. A editora *Pasado y Presente*. Surgimento dos *Cuadernos de Pasado y Presente*

Em 1968, José Aricó, Oscar del Barco, Juan José Varas²⁴ e Santiago Funes fundaram a editora *Pasado y Presente*. O produto principal do trabalho desta editora foi a publicação dos *Cuadernos de Pasado y Presente*. Em março de 1968, na cidade de Córdoba, aparecia o primeiro dos 98 números da coleção dos *Cuadernos*: a largamente prometida *Introducción a la crítica de la economía política*, escrita por Karl Marx em 1857. O último dos *Cuadernos*, "*Aníbal Ponce: el marxismo sin nación*", de Oscar Terán, apareceria, exatamente 15 anos mais tarde, em março de 1983 (ver Apêndice 2). Doze números foram publicados na Cidade de Córdoba e distribuídos em outras cidades. O último número da etapa cordobesa saiu em agosto de 1969. Posteriormente, em 1970, os editores se mudaram para a cidade de Buenos Aires, transformada agora, novamente, no mais dinâmico centro da vida política argentina, deslocando lentamente o relativo esplendor político da Córdoba do final dos 60. O primeiro número da etapa portenha, o Nº 13, será publicado em maio de 1970.

A edição dos *Cuadernos* é sem dúvida a marca mais indelével do trabalho cultural de difusão da literatura marxista crítica realizado por *Pasado y Presente*. Historiar a influência dos *Cuadernos* é um trabalho que está fora das possibilidades desta pesquisa. Os *Cuadernos* se difundiram pela América Latina, reeditando-se sucessivamente com tiragens surpreendentes para o que hoje é a editoração de esquerda. O Nº 1 dos *Cuadernos*, por exemplo, foi reeditado 24 vezes até setembro de 1996, chegando em 1974 a uma tiragem de 10.000 exemplares. O *Cuaderno* Nº 4 ("*La filosofía como arma de la revolución*", de Louis Althusser), reeditado vinte vezes até janeiro de 1994, alcançaria em 1974 a tiragem de 6.000 exemplares. O Nº 13 dos *Cuadernos* ("*Huelga de masas, partido y sindicatos*", de Rosa Luxemburg), editado cinco vezes até julho de 78, alcançou uma tiragem de 14.000 exemplares pela sucursal espanhola de *Siglo XXI*. As publicações realizadas em Buenos Aires dificilmente desciam da cifra de 4.000 exemplares. Números enormes para edições de livros que apareciam em média a cada 45 dias, entre 1968 e 1976. No total, podemos estimar que foram editados em torno de 900.000 exemplares dos *Cuadernos*. Observando o quadro de suas edições, podemos inferir que, até a conjuntura que desembocou no golpe de

²⁴ Juan José Varas havia sido Ministro de Economia da Província de Córdoba na época do governo de Obregón Cano, da tendência de esquerda do peronismo, o primeiro democraticamente eleito depois da ditadura. Em 1974 foi assassinado junto com Atilio López, principal dirigente do sindicato *Unión Tranviarios Automotor* na época do *Cordobazo*, e Vice-Governador de Córdoba também no governo de Obregón Cano.

Estado na Argentina, em março de 1976, a maioria dos *Cuadernos* foram reeditados. Os números aparecidos depois desta data, basicamente publicados no México, conservaram-se com apenas uma edição. Contudo, o público fundamental já não seria o leitor argentino, dado que entre 76 e 83 essas publicações eram proibidas na Argentina, sendo material perigoso para quem o portasse. Depois de 76, a partir desse lugar de encontro em que se transformou o México, o público passou a ser o leitor latino-americano em geral.

É realmente um trabalho à parte, uma tese particular fora das possibilidades de nosso trabalho de pesquisa, a tarefa de realizar uma análise crítica da coleção dos *Cuadernos*. Um dos problemas difíceis de resolver é o de reunir a coleção completa, que não se encontra nem na sede editorial de *Siglo XXI*, onde faltam mais de vinte números. A variedade de temas e abordagens é tão ampla que até a tarefa de traçar hipóteses de trabalho é um desafio. Quem sabe, provisoriamente, possamos levar em conta o seguinte balanço realizado por Aricó do aporte dos *Cuadernos* para a cultura política latino-americana:

La propuesta de los *Cuadernos*, vista a la luz de los casi cien números publicados, resulta bastante coherente. Puso en escena las polémicas que comprometieron a los marxistas en distintas épocas y lugares de la historia del movimiento obrero y socialista en el mundo: la experiencia de la Segunda Internacional y de la Tercera, el problema de la organización política, la teoría de la acción de masas, el problema nacional y colonial, la teoría del valor, etcétera. Este conjunto de asuntos, que dentro de cierta tematización vinculada a la experiencia de la Tercera Internacional en su fase estalinista fue estructurada como un cuerpo cerrado y homogéneo de doctrina: el marxismo-leninismo, a lo largo de los *Cuadernos* fue sometido a un trabajo de desagregación que resultaba de la distinción de situaciones, figuras y teorías diferenciadas. Ya no emergían solamente aquellos nombres que habían pertenecido a los salvados por la tradición, sino también los vencidos, los que desaparecieron, los olvidados, los denostados (los Bernstein, Kautsky, Pannekoek, Bauer, Grossmann, Korsch, Chayanov, Borojov, Gramsci, etc.). Con otras palabras aparecía un mundo de figuras que expresaron la heterodoxia de la Tercera Internacional. Fue una especie de panóptico en el que la historia del movimiento socialista dejaba de ser la del enfrentamiento entre la verdad y el error, entre el bien y el mal, entre una internacional buena y otra mala; aparecían historias discontinuas y fragmentarias, momentos de iluminación e momentos de ceguera, problemas que el debate no clausuraba, etcétera. (Aricó, 1986: 25)

O definitivamente relevante para nosso trabalho é mostrar como aquela estratégia de intervenção cultural na política, de transformação da cultura marxista para uma mudança na política de esquerda, teve na edição dos *Cuadernos* um instrumento que se mostrou adequado, tornando-se um veículo permanente do debate marxista heterodoxo, disponibilizando, para o interessado, um conjunto de textos que contribuíram decisivamente para o amadurecimento de importantes camadas da intelectualidade de esquerda.

Pensados originalmente para um diálogo com a esquerda argentina, os *Cuadernos*, por uma série de circunstâncias que mostraremos mais adiante, tornaram-se rapidamente "latino-americanos", alcançando o público tanto de fala hispana como de fala portuguesa.

Embora sem um levantamento específico com um número expressivo de intelectuais brasileiros em torno da significação dos *Cuadernos* na sua formação teórica e política, os dados coletados durante este trabalho de pesquisa são indicativos de uma importante circulação das edições de *Siglo XXI* no Brasil no período da ditadura militar. Através dessas edições, dentre as quais se encontravam os *Cuadernos*, a intelectualidade brasileira de esquerda teve uma fonte importante de acesso a uma literatura proibida pelo regime militar. Por outra parte, vários dos telegramas de condolências de intelectuais brasileiros recebidos pela viúva de Aricó, quando da morte deste, indicam expressamente o papel cumprido pelos *Cuadernos* e outros empreendimentos editoriais dirigidos por Aricó em *Siglo XXI* na formação intelectual dos remetentes. Um fato assinalado igualmente pelos telegramas de condolências de vários intelectuais de fala hispana. Junto com a tradução dos *Gründrisse* e a nova tradução crítica de *O capital*, de Marx, os *Cuadernos* foram um instrumento importante de formação e transformação de um novo universo marxista latino-americano, diferente daquele produzido na primeira metade do século pela tradição dos velhos partidos comunistas e socialistas.

3.3.4. Revista *Los libros*

Héctor Schmucler, um dos fundadores de *Pasado y Presente*, tinha partido para a França em 1966, em viagem de estudos, antes do golpe de estado de Onganía. Voltou à Argentina no final de 1968 e foi convidado pelos recentes fundadores da editora *Pasado y Presente* para integrar-se à mesma. Mas os planos de Schmucler estavam em Buenos Aires, onde fundou, no começo de 1969, a revista *Los libros*. Sub-intitulada "*Para una crítica política de la cultura*", em *Los Libros* se expressou, durante seus mais de cinco anos de existência, uma vanguarda cultural que tinha uma relação estreita com a política. O Conselho de Redação da revista estava composto, além do Diretor Héctor Schmucler, por Carlos Altamirano e Ricardo Piglia, mais tarde reconhecido internacionalmente por sua obra literária.

La revista *Los Libros* era una revista importante en aquella época, porque era como la presencia de toda la vanguardia del pensamiento en aquellos años y por donde deben haber pasado todos los nombre célebres: desde Verón a Tomás Eloy

Martínez y desde Portantiero o Pancho Aricó a varios de los dirigentes culturales de hoy. Y fue eso, fue el estructuralismo primero haciéndose posteriormente más política. De todas maneras éramos en el 69-70 una vanguardia intelectual, a los que los peronistas le llamaban "intelectuales no comprometidos con el pueblo". (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996).

A revista - publicada pela editora *Galerna* - era uma referência no ambiente intelectual da época, e nas instalações da editora, também uma livraria na famosa *Avenida Corrientes*, nas quintas feiras se realizavam encontros de debate. No livro de Anguita y Caparrós aparece a seguinte lembrança desse ambiente:

Ahí se juntava Héctor Schmucler, el director de la revista, con Ricardo Piglia, David e Ismael Viñas, Germán García, Beatriz Sarlo y varios otros. Las discusiones sobre literatura, crítica literaria, ideología y conocimiento estaban muy llenas de política... (Anguita, 1997: 399)

Apesar da experiência de **Los Libros** não levar a rubrica de *Pasado y Presente*, deve, no nosso entender, ser tomada como parte dessa experiência editorial mais ampla que estamos abordando nesta seção, não apenas porque o editor da revista vem do cerne do grupo de *Pasado y Presente*, mas também porque, no início dos 70, simultaneamente à edição de **Los Libros**, encontrar-se-á novamente junto com Aricó e del Barco na fundação da editora *Signos*, antecedente imediato da *Siglo XXI* da Argentina. Por outro lado, a revista **Los Libros** era percebida como um empreendimento do grupo *Pasado y Presente* por intelectuais vinculados a outras tendências. Por exemplo, da parte dos intelectuais vinculados ao universo peronista na Universidade de Buenos Aires, Alcira Argumedo (1991: 13) lembra, sobre as discussões com as pessoas do grupo da revista *Pasado y Presente*, que "...Ellos nos hacían ciertas críticas, básicamente en la revista *Los Libros*".

3.3.5. A editora *Signos*

Um dos dois núcleos que originariam a editora *Siglo XXI Argentina* se encontra na editora **Signos** fundada em 1970. Na fundação se encontravam José Aricó e Héctor Schmucler e dois historiadores portenhos, Juan Carlos Garabaglia e Enrique Tandeter.

Signos se funda a partir del fondo editorial de los *Cuadernos de Pasado y Presente*, que eran un invento cordobés y ya eran un mito. Garabaglia y Tandeter tenían algún dinero, se juntó todo y se fundó esa editorial que tuvo una vida más o menos corta porque **Signos** sirvió de núcleo de base para fundar *Siglo XXI Argentina* (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996).

O fundo editorial principal de **Signos** eram os *Cuadernos de Pasado y Presente*. Junto com os *Cuadernos*, a editora **Signos** publicou alguns poucos livros²⁵ e rapidamente foi substituída por *Siglo XXI*. Num dos livros publicados por **Signos**, "*Cartas del Yagé*", aparecido em março de 1971, encontramos na primeira página do livro o cabeçalho "*Pasado y Presente literatura*", mostrando uma característica editorial que se estenderá no tempo: o de deixar a marca de *Pasado y Presente* independente qual fosse a editora que produzisse a edição do livro. Uma característica que indicava o objetivo de preservar a identidade do grupo editor e a origem das edições, mas também o de *estabelecer a continuidade de um projeto cultural*.

3.3.6. A editora *Siglo XXI* da Argentina

Em 9 de março de 1966 foi fundada oficialmente, no México, a editora *Siglo XXI Editores*. Segundo Jaime Labastida (1996: 3), a fundação da editora foi "*acaso la primera respuesta organizada de la sociedad civil, a un acto arbitrario de autoridad*" do governo mexicano. Em 9 de novembro, Arnaldo Orfila Reynal tinha sido afastado da direção da editora *Fondo de Cultura Económica*, que exercia desde 1948, devido à publicação de dois textos que desagradaram às autoridades: os livros "*Escucha Yanky*", de Wright Mills, e "*Los hijos de Sánchez*", de Oscar Lewis. Em poucos dias se organizou um movimento de solidariedade a Orfila Reynal que anunciava, em 18 de novembro de 1965, que seria fundada uma nova editora. Um ano depois seriam fundadas uma sucursal na Espanha e uma distribuidora de *Siglo XXI* na Argentina, dirigida por Norberto Pérez.

Em 1971, *Siglo XXI* já era uma das principais ou a principal editora da América Latina. Seu diretor, Arnaldo Orfila Reynal, de origem argentina, que já trabalhava no objetivo de criar uma sucursal argentina da editora, numa de suas

²⁵ **Signos** publicou, na sua curta existência, além de alguns dos *Cuadernos*, uns treze livros, segundo nos indica Norberto Pérez a partir do primeiro catálogo de *Siglo XXI*, em 1971: Esses livros são: "*Crisis y potesta social. Córdoba, mayo de 1969*" e "*Tierra y conciencia campesina en Tucumán*", de Francisco Delich; "*Clase obrera y peronismo*" de C. Durruty; "*Reacción y revolución en una sociedad industrial*", de E. Pinilla de las Heras; "*Los marxistas argentinos del 90*", de J. Ratzer; "*La alienación como concepto sociológico*", de Rieser, Seeman, Vidal, Kon, Amiot e Touraine; "*El movimiento de mayo o el comunismo utópico*", de A. Touraine; "*Los gatos, de Baudelaire*", de Jacobson e Lévi-Strauss; "*Estudios sobre el capital*", de Dobb, Pietranera, Poulantzas, Rieser e Banfi; "*Capitalismo y subdesarrollo en América Latina*", de A. G. Frank; "*Las lágrimas de Eros*", de G. Bataille; "*Las cartas del Yagé*", de W. Burroughs e A. Ginsberg; "*Igitur o la locura de Elbenhon*", de S. Mallarmé. Num exemplar das "*Cartas del Yagé*", de março de 1971, aparecem também como publicados por **Signos** os livros "*El amor absoluto*" y "*El otro Alceste*", de Alfred Jarry. **Signos** tinha comprado os direitos para a publicação dos livros "*Lo normal y lo patológico*", de Georges Cangilhem e "*La multitud en la historia. Los disturbios populares en Francia e Inglaterra, 1730-1848*", de George Rudé, que foram publicados finalmente por *Siglo XXI Argentina Editores*.

freqüentes viagens à sua terra natal, conheceu o grupo da editora *Signos* e propôs a fusão com a distribuidora de *Siglo XXI* na Argentina, para formar a nova empresa. O resultado foi a empresa ***Siglo XXI Editores S. A.*** Para a fundação de ***Siglo XXI Argentina***, como ficou conhecida, constitui-se uma Diretoria com figuras de prestígio do âmbito intelectual como José Luis Romero e outros. Leopoldo Portnoy foi designado presidente, Enrique Tandeter gerente geral e Norberto Pérez gerente administrativo. José Aricó exerceu o cargo de gerente de produção e, nos primeiros tempos, Héctor Schmucler se desempenhou como gerente editorial (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, dez. de 1996; Pérez, entrevista concedida ao autor, Bs. As., jul. de 1998).

Durante sua existência - antes do fechamento pela ditadura militar em 2 de abril de 1976 -, foram publicados os *Cuadernos* até o Nº 65, o último que tem datação na Argentina²⁶. Segundo a opinião de Aricó:

En su etapa argentina, la colección tuvo cierto anclaje en una realidad política en vertiginoso cambio, logró canalizar ciertas temáticas nuevas como la de los consejos obreros, los efectos de la división social del trabajo, la neutralidad o no de la ciencia. En tal sentido, *Cuadernos* fue una publicación que acompañó, y con sus medios, estimuló, el acceso de la sociedad civil que a fines de los sesenta se planteó problemas que giraban en torno a su autonomía política, al cuestionamiento de las estructuras de dirección clásica del movimiento obrero, a diversas formas de autoorganización de masas. Hasta se podría afirmar que indagando en los *Cuadernos* y en sus sucesivas condensaciones temáticas, se podría, de alguna manera, reconstruir no sólo el itinerario de un grupo sino también el modo en que se transfiguraban en debates teóricos problemas de la vida real. Una vez que abandonamos el país, en 1976, y la serie debió continuarse en México un año después, esta relación entre vida nacional y teoría de transformación se vió, por razones obvias, fuertemente afectada, y los últimos materiales pertenecerán a registros más estrictamente teóricos que políticos. (Aricó, 1986: 25)

Junto com a edição dos *Cuadernos*, os dois maiores esforços editoriais de ***Siglo XXI Argentina*** encabeçados por José Aricó foram a publicação de uma nova tradução da obra central de Marx, *O capital*, e a primeira tradução ao espanhol dos *Grundrisse* (*Elementos fundamentales de la crítica de la economía política*). O trabalho de tradução foi realizado pelo uruguaio Pedro Scaron. Osvaldo Coggiola observa a respeito:

O impacto dessa retradução foi extraordinário. No prólogo, Aricó diz que a difusão do pensamento de Marx esteve comprometida até pela tradução que a obra de Marx teve. Suas idéias teriam sido deturpadas, Fizeram com que Marx dissesse o

²⁶ Na verdade, a última data argentina dos *Cuadernos* é a do Nº 63, de fevereiro de 1976. Acontece que, na edição dos *Cuadernos*, a ordem da numeração não acompanha a ordem das datas. Assim, o Nº 65 é datado de janeiro de 76. O primeiro número mexicano dos *Cuadernos* será o Nº 64, datado de novembro de 1976. Ver apêndice Nº 2.

contrário do que Marx realmente dizia. (Coggiola, arguição em exame de qualificação, Campinas, nov. de 1996)

Ambas as obras não foram apenas um sucesso de vendas de *Siglo XXI*, também ganharam respeito pela qualidade editorial. Além dos defeitos de tradução aludidos por Coggiola, é interessante ter presente os seguintes elementos que, segundo Aricó, justificaram essas edições.

Si recorremos la historia de la constitución de la teoría marxista -o de algo que era reconocido por una mayoría como tal- observamos hasta qué punto las querellas se sucedieron desde muy temprano. A la exacerbación de aquellas querellas sirvió además la manera tenebrosa en que se publicó el legado de Marx. Sólo desde hace pocos años han comenzado a editarse sus obras completas en alemán (...) y ya apenas muerto Engels se sucedieron interminables disputas sobre lo que debía o no ser reconocido como "marxista" en la montaña de papel escrito que nos dejó el autor de *El Capital*. Contar esa historia -vuelvo a decir, tenebrosa- es mostrar la existencia de un problema. Porqué Marx no pudo ser publicado en su integridad en la Unión Soviética a pesar de que Riazánov ya se había propuesto hacerlo en 1919? Porqué ciertas obras fueron publicadas en ediciones reducidas y fuera del contexto de otras que eran privilegiadas como marxistas? Porqué algunas obras nunca fueron publicadas en los países socialistas? Porqué cada obra más o menos sistemática de Marx que se publicó después de su muerte -obras importantes en la historia de su itinerario intelectual- provocó una querella de interpretaciones? Bien, desenterrar estos hechos, trabajar en ellos, es también una manera de reconstruir -desde un costado un tanto impúdico- la historia de un movimiento que tuvo siempre una relación conflictiva con el hombre al que reconoció como su tutor ideológico. Se evidenciaba así que entre Marx y el marxismo hubo siempre problemas y que nunca hubo una interpretación sino muchas acerca de la naturaleza de su obra y de lo que de ella podía extraerse. La exhumación de ciertas obras fundamentales de Marx permitía, por tanto, contribuir a definir mejor el terreno de confrontación de los diversos marxismos. Así, a partir de esta posición, comenzamos a trabajar en ciertas obras que nos parecían de excepcional importancia, como los *Grundrisse* y una edición científica de *El capital*, que desde 1971 comenzó a publicar Siglo XXI de Argentina. Estas fueron dos grandes experiencias editoriales, de muy buen éxito. (Aricó, 1986: 25-26)

Estas reflexões retrospectivas de Aricó são relevantes porque explicam as motivações das tarefas enormes que demandaram seis anos de esforços da sucursal argentina de *Siglo XXI* para serem completadas, porque explicitam a tradição teórica que se pretendia confrontar e porque mostram uma história de deturpação das idéias do fundador do marxismo, que *Pasado y Presente* se dispôs a lutar para corrigir. "Contar de novo uma história tenebrosa", "desenterrar" os fatos, "reconstruir" a história verdadeira das idéias e polêmicas marxistas, eis os parâmetros que balizam os desafios de *Pasado y Presente* como projeto editorial. Os quase cem números dos *Cuadernos*, as obras fundamentais da tradição socialista editadas na coleção *Biblioteca del Pensamiento Socialista*, que Aricó dirigia em *Siglo XXI*, ou os próprios trabalhos individuais dos

intelectuais vinculados ao grupo (*Marx e América latina* e *La cola del diablo*, de Aricó; *Los usos de Gramsci*, de Portantiero; *Esbozo de una crítica a la teoría y la práctica leninista*, de Oscar del Barco, etc.) são os testemunhos materiais da contribuição de *Pasado y Presente* à empresa de reconstrução do patrimônio cultural do marxismo na América Latina.

Neste capítulo que concluímos, vimos como, numa situação política na qual o universo de esquerda se radicaliza e amplia-se surpreendentemente, *Pasado y Presente* define um tipo de intervenção política marcada pela tentativa de modificar o arcabouço teórico da esquerda através, principalmente, da publicação de um conjunto amplo e complexo da "heterodoxia" marxista (o marxismo não atrelado à tradição dos partidos comunistas pró-soviéticos). Seja pela resistência ao regime autoritário instalado em junho de 1966, seja pela adesão ao espírito revolucionário latino-americano inaugurado pela Revolução Cubana e de rejeição crítica às práticas "reformistas" da velha esquerda, aparecerão novos e inusitados contingentes de esquerda (como os oriundos da radicalização do mundo católico e até do nacionalismo de direita, o caso do grupo escindido do direitista *Tacuara*). Para este universo *Pasado y Presente* publica idéias revolucionárias, mas, como vimos, articulando o pensamento da política com o campo da cultura, atitude que é dotada, portanto, de uma inusual significação para a constituição de uma estratégia de transformação social. Em torno da difusão do pensamento gramsciano, nessa ofensiva heterodoxa do trabalho editorial, o esforço de publicação não privilegiou, como poderia se esperar, o pensamento do revolucionário italiano. Sem perder a aura gramsciana, o grupo sustenta um Gramsci que se mistura, nesta etapa, na pluralidade do marxismo heterodoxo.

Se esta estratégia cultural surge na luta contra a ditadura e no contexto de estruturação de uma nova tradição da esquerda; se se trata de "idéias para a revolução" que virá; quando a revolução toca na porta de casa, quando a política exige uma escrita de emergência, *Pasado y Presente* responde a esta exigência com a publicação de uma nova série da velha revista cordobesa, na qual aparecerá com um peso significativo o *Gramsci dos conselhos de fábrica* e uma mais clara influência de seu pensamento para o desenho de uma nova estratégia política, adequada a esse novo momento e ao movimento social radicalizado que se havia constituído. As condições que levaram à crítica conjuntura política na qual se produz esta breve segunda etapa da revista e a intervenção da mesma nesta conjuntura serão trabalhadas no próximo capítulo.

SEGUNDA PARTE.

OS ANOS 70: O FRACASSO DA EXPERIÊNCIA ARMADA E A CRÍTICA DA REVOLUÇÃO

Capítulo 4.

Os anos “*montoneros*”.

4.1. A transição à democracia, 1970-1973¹

Três grandes processos históricos dominam a transição da ditadura, iniciada em 1966, à democracia, reconquistada em março de 1973: 1- as grandes ações das massas populares, permanentes no país a partir do *Cordobazo* e, em particular, o papel central, nessas mobilizações, dos setores operários radicalizados; 2- o surgimento, especialização e crescimento no período, das organizações armadas e da luta de guerrilha urbana; 3- a discussão em torno do lugar do peronismo na política nacional e, em particular, a luta e o empenho das mais diversas vertentes do peronismo para o retorno, à Argentina e ao governo, de Juan Domingo Perón, exilado na Espanha.

As grandes lutas urbanas entre maio e junho de 1969 abalaram a estrutura política da ditadura e iniciaram um processo irreversível de crises no governo militar. O motor mais evidente dessa deterioração se encontrava, como já mostramos, na crescente organização e combatividade da classe operária. As linhas mais dinâmicas desses movimentos iam se constituindo em três grandes correntes: 1- as correntes anti-burocráticas, centradas no sindicalismo independente liderado por Agustín Tosco, com uma disposição ideológica filo-marxista e filo-socialista, com uma postura política anti-imperialista e com uma posição, no mundo sindical, centrada na luta anti-burocrática, por uma democracia sindical de base; 2- as correntes conhecidas como “classistas”, constituídas em torno das lutas dos operários das indústrias FIAT Argentina, na cidade de Córdoba, organizados nos sindicatos SITRAC (*Sindicato de Trabajadores de Concord*) e SITRAM (*Sindicato de Trabajadores de Materfer*) e posteriormente do SMATA (*Sindicato de Mecánicos e Afines del Transporte Automotor*) - rodeado e influenciado por correntes da nova esquerda revolucionária, em particular o *Partido Revolucionário de los Trabajadores* (PRT) no caso do SITRAC-SITRAM e o PCR no caso do SMATA, o “classismo” será portador das posições mais radicalizadas nas lutas operárias da época; 3- as correntes vinculadas ao chamado “peronismo combativo”, a esquerda do

¹ Os elementos historiográficos utilizados foram tomados das seguinte fontes: Brennan (1996); Anguita e Caparrós (1997 e 1998); Gillespie (1987); James (1990); Bonasso (1997), particularmente dos dois primeiros textos mencionados.

movimento operário peronista: essas correntes colocar-se-ão contra as práticas clássicas da burocracia sindical peronista e tentarão constituir um movimento de base combativo e participativo, vinculando-se finalmente às mais importantes organizações armadas peronistas: as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP) – relacionadas intimamente com a corrente denominada *Peronismo de Base* (PB) –, e os *Montoneros* – vinculados às correntes juvenis mais radicalizadas, e que constituirão, no âmbito sindical, a corrente chamada *Juventud Trabajadora Peronista* (JTP).

Em janeiro de 1970, como resultado de uma intensa campanha solidária, foi libertado o dirigente Agustín Tosco – preso durante as jornadas do *Cordobazo*. Imediatamente convocou-se um congresso operário nacional para o dia 31 de janeiro, no qual Tosco propunha elaborar um “plano de libertação nacional”. O congresso foi proibido e, em 4 de fevereiro, o sindicato de Tosco, *Luz y Fuerza*, foi atacado a tiros pelo Exército e colocado novamente sob controle do governo (recuperaria sua personalidade jurídica em setembro de 1971), obrigando à realização do congresso na clandestinidade. Mas as conseqüências mais sonoras dos acontecimentos dar-se-iam num lugar distante de Córdoba. Em fevereiro de 70, trabalhadores da construção civil da represa hidroelétrica *El Chocón*, na província de Neuquén, repudiando a decisão do seu sindicato de expulsar os dirigentes de base que tinham assistido ao congresso clandestino convocado por Tosco, ocuparam as obras durante vários dias. O movimento, conhecido posteriormente como o *Choconazo*, transformou-se na primeira das grandes lutas anti-burocráticas desse novo período de lutas sociais.

Em março de 1970, em repúdio ao que se considerava uma direção sindical “traidora” dos interesses dos trabalhadores, os trabalhadores da fábrica FIAT Concord, organizados no sindicato de empresa SITRAC, iniciaram uma das experiências mais originais do movimento operário argentino: um movimento espontâneo e autônomo das bases do sindicato, encabeçado por líderes jovens sem nenhum tipo de experiência sindical prévia, destituiu a direção colaboracionista do sindicato, que tinha participação nula na vida sindical da militante Córdoba, e inaugurou uma experiência de autonomia operária que duraria dezoito meses, mas cuja influência política se espalharia muito além desse período.

Frente à recusa da empresa em atender suas reivindicações e cansados da morosidade do Ministério do Trabalho para responder a seus constantes requerimentos, os operários rebeldes da FIAT Concord tomaram as instalações da fábrica durante três dias, entre 14 e 17 de maio de 1970, e só a desocuparam

quando conseguiram a renúncia por escrito da direção "pelega" do sindicato e a convocatória imediata para novas eleições.

A rebelião das bases operárias do SITRAC aconteceu nos dias em que a CGT cordobesa preparava um plano de luta, centrado numa greve geral, para comemorar o primeiro aniversário do *Cordobazo*, em 29 de maio.

As lutas dos trabalhadores das empresas FIAT, com ocupações das empresas, com reféns, etc., coincidiram com as lutas dos operários de uma das fábricas das indústrias IKA-Renault, a Perdriel, uma fábrica de ferramentas e matrizes. Encabeçados por militantes do *Partido Comunista Revolucionário* (PCR), os operários da Perdriel ocuparam a fábrica em 12 de maio, fazendo trinta reféns, vários deles supervisores de nacionalidade francesa. A ocupação acabou com algumas concessões negociadas entre o sindicato SMATA e a empresa. As concessões, porém, não satisfizeram os trabalhadores da Perdriel e o sindicato se viu obrigado a convocar uma greve em todas as fábricas do complexo IKA-Renault. Em 3 de junho os trabalhadores ocuparam a maioria das instalações da empresa e fizeram alguns reféns. Além disso, a CGT local declarou uma greve geral em apoio aos grevistas do SMATA.

No clima dessas jornadas de lutas operárias e seguindo o exemplo dos operários da FIAT Concord, os trabalhadores do outro grande complexo das indústrias FIAT Argentina na cidade de Córdoba, Materfer, organizados no sindicato de empresa SITRAM, com uma direção da mesma qualidade "pelega" que seu parente próximo, o SITRAC, realizaram sua própria ocupação das instalações da Materfer, provocando a renúncia da direção do sindicato, em 3 de junho. Os operários da FIAT Concord ocuparam novamente as instalações da empresa em solidariedade aos operários do SMATA e Materfer.

A cidade de Córdoba se encontrava de novo à beira de uma insurreição operária. Em 4 de junho, a polícia invadiu as instalações da Perdriel, prendendo 250 operários, obrigando a direção sindical a desocupar as outras instalações do complexo IKA. Contudo, foi mantida a greve durante o restante do mês.

Esses graves conflitos operários em Córdoba novamente assumiram importância nacional e, como continuidade natural do golpe recebido em maio do ano anterior, os conflitos de maio de 70 resultaram no "nocaute" final do governo do General Onganía. O Exército, dirigido pelo General Alejandro Agustín Lanusse, destituiu Onganía e nomeou Roberto M. Levington, um general relativamente desconhecido, adido militar em Washington, como novo Presidente.

Junto com a destituição do governo de Onganía, as lutas do “novo maio cordobês” trouxeram o surgimento de uma nova corrente sindical nas figuras dos sindicatos de empresa SITRAC-SITRAM, rapidamente envolvidos pela militância de esquerda. A experiência ganhou logo uma definição ideológica no chamado “classismo”, denominando um tipo de militância operária de fábrica, anti-burocrática e radicalmente combativa. Para mostrar a rápida radicalização do movimento, basta mencionar que, em fins de 1970, a palavra de ordem do sindicato em discursos públicos e panfletos era “*Ni golpe ni elección, revolución!*”

Dentro do movimento operário peronista, como oposição à recomposição conservadora que se tinha operado em nível nacional depois do assassinato de Augusto Timoteo Vandor – símbolo do burocratismo conciliador naquele período –, num congresso da CGT em julho desse ano, afirmava-se a figura – emergente já nas jornadas da CGTA – de Atilio López como principal porta-voz de uma corrente peronista combativa. López e seu sindicato, a *Unión Tranviario Automotor* (motoristas) de Córdoba, apareciam como possibilidade e espaço de encontro da militância sindical, estudantil e política da esquerda peronista que vinha formulando um projeto que combinava as reivindicações de um sindicalismo realmente representativo e combativo com as lutas pela volta à democracia, pelo retorno de Perón e pela formulação de um projeto político que visava à “libertação nacional” e a um “objetivo socialista para a Argentina”.

Assim, em meados de 1970, junto com a primeira grande manifestação da crise política da ditadura expressa na substituição de Onganía, estavam nitidamente delineadas as três grandes tendências anti-burocráticas e combativas do movimento operário, de importância capital no período posterior.

Contudo, apesar da importância central das grandes mobilizações operárias, não seriam apenas elas as estrelas desse período. As ações das organizações armadas emergentes ocupariam um lugar relevante, ganhando a atenção da mídia e da opinião pública nacional e internacional.

Já em junho de 1969, no calor das lutas de maio em Córdoba, nas mobilizações em várias cidades no aniversário da ditadura de Onganía (Córdoba, Rosario, Tucumán, La Plata e Buenos Aires), as organizações armadas deram os primeiros sinais de atividade na nova etapa. Quatro dias depois da explosão dos treze supermercados da cadeia Minimax pelo *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) (Setor II) – posteriormente *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) –, em 30 de junho, foi assassinado, pelo chamado *Ejército Nacional Revolucionario* (ENR) – pseudônimo dos *Comandos Descamisados* –, Augusto T. Vandor, que meses

antes havia conseguido o apoio e a ordem de Perón para reorganizar o movimento operário em torno da sua direção. A mesma organização assumiu o assassinato de outro dos principais dirigentes das tendências burocráticas, José Alonso, em agosto de 1970.

Não obstante, as ações mais marcantes desse período de deterioração da ditadura foram: o seqüestro do General (reformado) Pedro Eugenio Aramburu, no 1º aniversário do *Cordobazo*, pela organização *Montoneros* – que, como já mencionamos, anunciou com esta ação seu nascimento político –; a ocupação da localidade de La Calera, província de Córdoba, em 1º de julho, pelos mesmos *Montoneros*; e a ocupação da localidade de Garín, província de Buenos Aires, em 30 de julho, pela organização FAR, que também se deu a conhecer com esta operação. Tais operações relativamente bem sucedidas foram particularmente importantes, mas outras organizações guerrilheiras também estavam operando com relativo sucesso. As *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), depois de pequenas escaramuças fracassadas em 1968 e 1969, conseguiram se reorganizar e desenvolver uma atividade intensa em 1970. Igualmente, comandos do que viria a ser o *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) – criado pelo 5º Congresso do PRT, em agosto de 1970 – começavam suas atividades: por exemplo, a fracassada tentativa de liberação, em fevereiro de 70, do dirigente máximo da ala pró-guerrilha do PRT, Mario Roberto Santucho – preso desde novembro de 69 – ou a também fracassada tentativa de ocupação da 20ª Delegacia de Polícia de Rosario. As *Fuerzas Armadas de Liberación* (FAL) tinham-se destacado na mídia ocupando a guarita da vigilância do quartel militar do *Campo de Mayo*, em Buenos Aires, em 19 de abril de 1969.

O fato é que a saída provisória da crise política, com a substituição de Onganía por Levington, nascia sitiada e teria pouco fôlego. Em 11 de novembro, vários dos principais partidos políticos argentinos nucleados em torno do peronismo e o Partido Radical assinaram uma declaração pública, exigindo o fim do regime militar e eleições diretas imediatas, com plena participação do movimento peronista. O pacto foi batizado de "*La hora del Pueblo*". No dia seguinte, a CGT coordenou uma greve geral por 24 horas, marcada por mobilizações populares violentas nas províncias de Salta e Tucumán. No mesmo mês se constituiu a aliança de esquerda *Encuentro Nacional de los Argentinos* (ENA), reunindo parte da esquerda não-armada nucleada em torno do *Partido Comunista Argentino*, exigindo o fim da ditadura. Em 29 de dezembro, o General Lanusse, chefe do Exército, falou pela primeira vez de uma saída política, excluindo expressamente a possibilidade da participação de Perón.

Ao mesmo tempo, no final do ano, Córdoba começava novamente a agitar-se. Em 26 de novembro, os sindicatos SITRAC-SITRAM iniciaram um novo plano de lutas por reivindicações imediatas. O Comitê Executivo do SITRAC e seu advogado Alfredo Curutchet começaram uma greve de fome, rapidamente apoiada pelas organizações sindicais, estudantis e eclesiásticas da cidade de Córdoba. Em 14 de janeiro de 1971, a FIAT demitiu sete trabalhadores, entre eles três da Executiva do SITRAC. O sindicato respondeu com uma nova ocupação da Fiat-Concord. O próprio Presidente Levington intimou o sindicato a desocupar imediatamente a fábrica. O sindicato se negou e a crise se espalhou pela cidade com uma nova greve geral.

Com o intuito de domesticar Córdoba, justamente no momento em que as organizações operárias se preparavam para um novo protesto, o Presidente Levington nomeou, em 1º de março, o oitavo Governador designado da Província: José Camilo Uriburu, de família aristocrática e ultra-direitista, com fama de intolerante e intempestivo. No dia seguinte, uma greve geral da CGT local paralisa a cidade. Em 7 de março, Uriburu pronunciou um discurso numa festa tradicional da oligarquia cordobesa no qual prometia *"cortarle la cabeza a la víbora venenosa que anida en Córdoba"*. A resposta operária à ameaça do Governador foi imediata.

Em 12 de março, a polícia reprimiu uma manifestação dos trabalhadores da Concord e Materfer, matando o operário Alfredo Cepeda e despertando novamente a ira da população cordobesa. Em 14 de março, dez mil cidadãos acompanharam o funeral de Cepeda. No dia seguinte, milhares de irados trabalhadores da FIAT abandonaram seus locais de trabalho e marcharam sobre Córdoba. Outros sindicatos se somaram, com diversos tipos de protesto. Nas primeiras horas da tarde, a cidade estava novamente envolvida numa onda de destruição, que resultou ainda maior que o *Cordobazo* em termos de danos à propriedade e talvez também em perdas de vidas humanas, e só acabou no dia seguinte, com uma dura repressão das brigadas anti-guerrilheiras enviadas especialmente de Buenos Aires. Em 17 de março, o Presidente Levington destituiu o Governador Uriburu, colocou a província sob intervenção militar e reinstaurou a pena de morte no Código Penal argentino. No dia seguinte, a CGT realizou uma greve geral e Córdoba foi declarada zona de emergência.

Finalmente, como resultado principal dessa nova onda de conflitos conhecida como o *Segundo Cordobazo* ou *"viborazo"* – em referência à ameaça do Governador Uriburu – e do clima insurrecional que pairava em Córdoba, uma nova crise política no seio do poder militar levou à destituição do próprio

Presidente Levington e à sua substituição pelo homem forte das Forças Armadas, o general Lanusse, que seria o encarregado de conduzir a última fase da transição à democracia política. Novamente os acontecimentos políticos na cidade de Córdoba tinham sido decisivos para a derrubada do governo central.

Apesar das novas medidas repressivas ordenadas pelo governo de Lanusse, o estado de mobilização e de luta da classe operária cordobesa continuou. A CGT regional realizou greves gerais em 2, 15 e 29 de abril. Para tentar impedir a greve de 29 de abril, o Presidente Lanusse viajou a Córdoba e incrementou as ações repressivas contra os dirigentes sindicais. Mas a greve se realizou segundo o planejado. Em 1º de maio, da mesma cidade de Córdoba, o General Lanusse anunciou o denominado *Gran Acuerdo Nacional* (GAN), uma proposta de transição para um governo civil que incluía uma retirada estratégica dos militares do poder político central para concentrar-se no combate às lutas operárias e à crescente insurgência guerrilheira.

Como resposta à proposta de transição monitorada pelo Exército, os sindicatos das três tendências do sindicalismo cordobês – o peronismo de esquerda, os “classistas” de SITRAC-SITRAM, e os independentes de Tosco – convocaram um congresso nacional de sindicatos combativos que reuniu, em 22 e 23 de maio, 117 sindicatos e aprovou um programa de oposição ao governo militar. Um novo congresso do sindicalismo combativo foi realizado em 28 e 29 de agosto pelos sindicatos da FIAT, SITRAC e SITRAM. Deste congresso não participaram apenas sindicalistas, mas também representantes da maioria dos partidos marxistas do país. De maneira semelhante ao acontecido com os estudantes que assistiram ao Encontro de Intelectuais, no começo do ano anterior, também em Córdoba, os trabalhadores presentes viram-se envolvidos em longos debates sobre as posições estratégicas da esquerda revolucionária, fato que originou críticas de outras correntes sindicais².

A experiência “classista”, comandada pelos sindicatos SITRAC e SITRAM, seria desarticulada numa manobra conjunta do Estado e da direção da FIAT, em outubro do mesmo ano de 1971. A repressão militar, a demissão de todo o ativismo sindical e o relativo isolamento dos sindicatos “classistas” das outras representações sindicais conseguiram dar um fim a esta original experiência

² A condução de SITRAC-SITRAM era criticada pelo seu sectarismo e esquerdismo pelas outras vertentes do sindicalismo combativo. De fato, estes sindicatos foram-se distanciando crescentemente dos outros setores do sindicalismo cordobês, movimento extremamente mais complicado, até ficarem numa situação isolada no momento da ofensiva estatal-patronal contra as direções “classistas”.

operária e domesticar o movimento dos trabalhadores das empresas FIAT³. Contudo, a experiência "classista" seria, durante anos, o paradigma de estratégia para o movimento operário dos movimentos radicalizados da esquerda.

Até as eleições de março de 1973, Córdoba continuou a ser o centro da construção de um movimento sindical combativo e objetivo estratégico dos agrupamentos de esquerda de todas as tendências. Uma aliança entre os peronistas combativos de Atilio López e a linha de Tosco ganhou a direção da central operária cordobesa em 9 de abril de 1972, configurando um exemplo das possibilidades de fusão no seio do movimento operário entre o peronismo e a tendência filo-marxista. Por outro lado, nas eleições realizadas entre 26 e 28 do mesmo mês para a direção do poderoso sindicato SMATA, a *Lista Marrón*, de clara identificação "classista" e marxista, triunfava sobre a lista peronista. O dirigente René Salamanca, novo Secretário Geral do sindicato, militante do PCR, e a nova experiência classista do SMATA, converter-se-iam rapidamente em importantes personagens da cena política argentina.

A impossibilidade de domesticar o movimento operário cordobês mudou as características da transição sonhada por Lanusse e também por Perón. O desenvolvimento de um peronismo combativo no movimento operário, de grandes conseqüências para a história posterior, fugiu do controle do velho líder, apesar dos enormes esforços por brecá-lo.

Por outro lado, a força e as ações das organizações guerrilheiras não paravam de crescer. A partir de 1971, o ERP se transformou na mais atuante das organizações guerrilheiras. No mesmo ano, as diversas organizações armadas peronistas criaram um órgão coordenador chamado *Organizaciones Armadas Peronistas* (OAP), que desenvolveu várias ações bem sucedidas e outras fracassadas. Seqüestros, fuzilamentos, destruição de propriedades por bombas, etc., fizeram parte do dia a dia na última etapa da transição. Como bem assinala Richard Gillespie:

Al crear un clima de inseguridad y de desorden social, la actividad guerrillera (...) llegó a ser sin duda un factor determinante en la decisión de los militares de volver a los cuarteles y buscar una solución política a la crisis argentina. (Gillespie, 1987: 145)

³ A direção sindical do SITRAC e SITRAM continuou disputando na Justiça a personalidade jurídica do sindicato e a continuidade da sua condução. O conflito encontrou seu fim quando, em 21 de março de 1972, o ERP seqüestrou o presidente italiano da Fiat, Oberdan Sallustro. As esperanças de uma saída legal acabaram quando Sallustro morreu, em 10 de abril, num tiroteio entre os guerrilheiros e a polícia.

Mas não apenas o movimento operário cordobês e a guerrilha abalaram a vida política argentina. Vários movimentos populares confluíram no golpe final à ditadura. Em abril de 72, uma violenta rebelião popular aconteceu na cidade de Mendoza, na fronteira com o Chile, deflagrada por um aumento desproporcionado das tarifas de energia elétrica. Durante quatro dias, entre 2 e 6 de abril, Mendoza viveu em clima insurrecional. A repressão causou três mortos e centenas de presos. O Governador da província renunciou e o novo governo precisou rever o aumento de tarifas.

Em várias regiões do país os movimentos populares se animavam. Em San Miguel de Tucumán, província de Tucumán, e em General Roca, província de Rio Negro, revoltas populares paralisaram as cidades. Nesta última cidade, durante a rebelião popular conhecida como o "*Rocazo*", a população local expulsou o Prefeito e instaurou durante alguns dias um governo popular autônomo.

Como contrapartida, nos últimos meses da ditadura militar aumentaram as ações repressivas do Estado. Os para-estatais *Esquadrões da Morte* assassinavam dirigentes populares e colocavam bombas; nas prisões, a tortura aos presos políticos corria solta e, em meados de agosto de 72, produziu-se um dos mais revoltantes atos da repressão militar: em 15 de agosto, guerrilheiros das organizações *Montoneros*, ERP e FAR, presos na penitenciária de Rawson, no extremo sul do país, ocuparam a prisão em um plano de fuga coordenado do exterior. Dos 25 fugitivos apenas seis conseguiram chegar ao avião que os esperava. Os dezenove restantes foram fuzilados em Trelew, em 22 de agosto. Três dos militantes metralhados conseguiram sobreviver ao chamado "Massacre de Trelew".

Neste clima de permanente tensão se iniciava o caminho para as eleições de 11 de março de 1973. Os *Montoneros*, em estreita relação com a *Juventud Peronista* que tinham fundado em meados de 72, cresciam em força e simpatia popular durante as mobilizações em torno da primeira visita de Perón à Argentina desde 1955, em novembro deste mesmo ano de 73, e durante a campanha eleitoral que conduziu Héctor J. Cámpora, candidato pelo *Partido Justicialista*, ao triunfo no primeiro turno das eleições.

O final da ditadura militar, com a assunção de Cámpora à presidência em 25 de maio de 1973, encontrará nos *Montoneros* a mais poderosa organização político-militar, com capacidade de mobilização de dezenas de milhares de militantes, com influência direta em vários governos provinciais, com deputados próprios, com um importante peso no movimento operário, nos movimentos de

favelados e organizações de bairros, e com um enorme peso no movimento universitário e secundarista. Seriam os “*anos montoneros*”.

4.2. Os peronistas “gramscianos”. A disputa entre “*Cátedras Nacionales*” e “*Cátedras Marxistas*”

Pouco depois do golpe militar de junho de 1966, o governo militar decretou a intervenção nas Universidades, cujas atividades foram regulamentadas através de uma nova Lei de Educação, destinada a domesticar o mundo universitário. Em repúdio à nova situação, milhares de professores da Universidade de Buenos Aires – em torno da metade dos docentes permanentes – renunciaram a seus cargos. Junto com aqueles que a intervenção havia demitido, produziu-se um vazio que as novas autoridades designadas pelo governo militar tentariam preencher com professores simpáticos ao regime. Um boa parte deles proviriam de meios intelectuais vinculados à Igreja Católica. Mas isso acontecia em um momento em que um original processo de radicalização do mundo católico estava em marcha na Argentina e na América Latina. Era o movimento que conduziria, em algumas instâncias de direção da Igreja, ao “Movimento de Bispos do Terceiro Mundo” e à “Teologia da Libertação” e, nas bases da Igreja, a inúmeras formas de “movimentos eclesiais de base”, que foram-se radicalizando paulatina e crescentemente na década seguinte.

Na Argentina essa radicalização conduziria a várias experiências relevantes, em particular: ao “Movimento dos Padres do Terceiro Mundo”, que se espalhou nas regiões mais pobres e abandonadas do interior do país e das grandes cidades; o movimento das “Ligas Agrárias”, vinculadas originariamente ao Movimento Rural de Ação Católica (MRAC) e posteriormente desenvolvidas como organizações independentes dos camponeses e operários rurais pobres da Região Nordeste da Argentina; à radicalização da juventude católica, da qual surgiriam as primeiras organizações que levariam à fundação da organização armada mais importante da história argentina, os *Montoneros*. Estas primeiras organizações de corte nacionalista e cristão - conhecidas na área específica de estudos como *proto-montoneras* - formar-se-iam predominantemente a partir de jovens seminaristas, estudantes da Universidade Católica e militantes de base da Ação Católica Argentina.

Dentre os docentes que ingressaram na Faculdade de Filosofia e Letras da UBA no processo de intervenção militar, encontravam-se dois professores vinculados a essa nova corrente do mundo católico que desempenhariam um

papel singular no período imediatamente posterior. O ex-padre Justino O'Farrel ocuparia a *cátedra* ("disciplina", na linguagem universitária argentina) *Sociología Sistemática*. Gonzalo Cárdenas – que tinha estudado na Bélgica, num dos centros teóricos dos "Padres Progressistas" da Igreja Católica – lecionaria *Historia Social Latino-Americana*. Três anos depois, em 1969, O'Farrel seria promovido a diretor da *Carrera de Sociología* (Curso de Sociologia) e Cárdenas ocuparia a direção do *Instituto de Sociología*. Estes controvertidos personagens da vida universitária, nomeados pela ditadura e, portanto, com uma pesada carga política e ideológica a carregar, iniciariam uma experiência pedagógica excêntrica e curiosa: as chamadas "*Cátedras Nacionales*"⁴. Para a definição desta experiência político-pedagógica, podemos utilizar a caracterização que, a partir dos testemunhos dos participantes, realizam Anguita e Caparrós no livro sobre a militância revolucionária da época.

Las Cátedras Nacionales eran un conjunto de cátedras, muchas de ellas paralelas a las cursadas [curricularmente], que compartían cierta tentativa de inscribir la enseñanza universitaria en el clima político de la época: el tema de la "liberación nacional" era central, y la idea de que la tradición intelectual europea debía ser revisada desde los países periféricos, donde no era operativa porque las realidades son diferentes. Había un sector más "sociológico", que quería usar una sociología más o menos clásica para estudiar temas que la sociología liberal no trataba. Y una corriente "filosófica", mas fundamentalista, que buscaba una forma de pensar las ciencias sociales que correspondiera a la movilización popular y a las tradiciones y textos peronistas. Una forma de pensar que "superara al marxismo" en lo que el marxismo tenía de eurocéntrico y dogmático. Para lo cual leían a Hernández Arregui o a Jauretche pero también a Hegel, a Sartre, a Fanon, a la Escuela de Frankfurt y los primeros libros de Habermas e Foucault. (Anguita e Caparrós, 1997: 318)

E a Gramsci, que os autores da caracterização acima não mencionam, mas que terá, como veremos, senão um destaque excepcional, pelo menos uma curiosa participação na história das tentativas de interpretação do peronismo e das ríspidas disputas com as chamadas "*Cátedras Marxistas*", no início dos anos 70. Para um perfil das principais figuras deste movimento intelectual, vejamos a seguinte descrição de um dos participantes:

⁴ Segundo o relato de um dos participantes da época: "La intervención nombra a dos cristianos, uno que es un sacerdote, Justino O'Farrel, y el otro que era Cárdenas, que era un cristiano de la Doctrina Social de la Iglesia. Yo era el presidente del Centro de Estudiantes en la época, y empezamos a cuestionarlos. Hasta que tuvimos charlas con ellos y vimos que ellos comenzaban a cortar con la intervención, a plantear una especie de marxismo nacionalista o nacionalismo marxista. Y establecimos muchos contactos con ellos. Las propias Cátedras Nacionales son una alianza de un sector del movimiento estudiantil con estos dos tipos que venían del onganiato. O podría ser puesto como una fractura dentro de la intervención de Onganía -porque los demás profesores de la intervención empezaron a enfrentar a estos dos a los cuales nosotros empezamos a apoyar. Ahora, estos tipos, delante de nuestros ojos se radicalizaban, y nosotros también". (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Esas cátedras [*"Cátedras Nacionales"*] son vistas como una especie de salvajismo anti-intelectual, pero no era así, basta ver los participantes. Gunnar Olson, sueco, que después muere en México, era un refinado intelectual europeísta, un gran lector y expositor de Hegel y conocía bien a Gramsci. Justino era un cura converso, medio ininteligible, y su sociología era un funcionalismo que curiosamente hacía coincidir con el peronismo, pero provenía de la "sociología de los ángeles", digamos, que es donde había estudiado. Cárdenas, que después se volvió loco, era un discípulo de la "economía humana" del Padre Lebray, em Lovaina, un tipo muy bien preparado. Alcira Argumedo tenía un historicismo latinoamericanista. Y Roberto Carri, que posteriormente será un oficial montonero, era el más político y era fundamentalmente un gran ensayista. Esas eran las principales figuras. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Devemos rastrear uma das particularidades dessa experiência no processo de aproximação crítica ao marxismo por importantes setores oriundos do peronismo. Um primeiro momento desta aproximação é encontrado na "*peronização*" de uma série de pensadores marxistas, como Rodolfo Puiggrós, Abelardo Ramos e outros. Por outro lado, ocorreu um processo de "*marxização*" de importantes quadros peronistas depois da derrubada de Perón em 55, o mais importante dos quais foi John William Cooke, que se aproximou intimamente da Revolução Cubana, iniciando uma tradição revolucionária no peronismo referenciada claramente no seu nome. Contudo, esse processo de aproximação entre o mundo da esquerda e o mundo peronista não foi tão simples como imaginava o Partido Comunista. Este pensava o "*giro à esquerda*" do peronismo como um puro e simples abandono, pelas massas, do mundo peronista, marchando ao encontro das "verdadeiras" idéias proletárias alienadas pela ideologia burguesa do General Perón. O "*giro à esquerda*" real da massa influenciada pelo peronismo se operava dentro mesmo do movimento peronista, e cada movimento à esquerda dos setores progressistas implicava em um movimento à direita dos setores reacionários. No centro desse balanço estava o líder do movimento, Juan Domingo Perón. Nem de direita nem de esquerda, mas na "Terceira Posição". Todo esse movimento todo se complicou ainda mais depois do golpe de 1966, quando a radicalização alcança setores da direita vinculados à Igreja Católica.

Portanto, o movimento de esquerdização da sociedade argentina se desenvolveu numa dramática confusão, na qual os inimigos mortais se encontravam dentro do mesmo partido, dirigidos pelo mesmo chefe, enquanto os militantes das mesmas causas, em partidos rivais, enfrentavam-se como inimigos mortais, e as idéias que poderiam fundamentar um projeto comum se encontravam no campo ideológico como mundos antagônicos. As chamadas

"Cátedras Nacionales" representam uma acabada expressão intelectual, na universidade, do processo que estava acontecendo no seio do peronismo a partir de 1966: a ampliação do processo de radicalização, com o ingresso de amplos setores vinculados, até o golpe de Estado do General Onganía, a uma tradição nacionalista genericamente associada à direita argentina. Uma tradição clerical, fortemente anticomunista e, por extensão, fóbica da esquerda. Diferentemente do acontecido em outros países da América Latina, nos quais a radicalização dos setores chamados "progressistas" da Igreja Católica acontecia vinculada a setores próximos à esquerda e ao marxismo, a radicalização de tais setores, na Argentina, aconteceu a partir de posições nacionalistas de direita.

Nesse jogo de reflexos distorcidos, tais setores eram vistos pela esquerda marxista como adeptos de um nacionalismo retrógrado, associado ao clericalismo da ditadura de Onganía e, portanto, da sua mesma linhagem ideológica e política. Tratava-se de inimigos ideológicos criados pela ditadura que era necessário criticar e substituir.

A oportunidade chegou com a derrubada do General Levington, em 1971. A assunção do General Lanusse à presidência tinha-se traduzido também em mudanças no âmbito universitário. Como resultado das pressões da época, o governo de Lanusse abria espaço para uma série de reformas, com o objetivo de instaurar uma transição controlada à vida civil, entre elas a abertura de concursos para o ingresso de professores nas universidades. Na Faculdade de Filosofia e Letras, o novo interventor, Alfredo Castelán, coordenou o processo. A radicalização em termos ideológicos e as práticas pedagógicas desse setor das "Cátedras Nacionales" desgostava a intervenção militar, que trabalhou para sua substituição.

...Nosotros teníamos casi toda la facultad con nuestras cátedras insoportables para los militares, tomábamos exámenes de otra manera⁵, leíamos a Mao Tse Tung, apoyábamos a la guerrilla y estábamos en contra de Onganía, y cuando se hacen los concursos nos encontramos con que los jurados de los concursos son todos

⁵ Em termos pedagógicos, as "Cátedras Nacionales" "se planteaban cambiar la relación entre docentes y alumnos; abandonaron los exámenes clásicos, empezaron a tomar exámenes colectivos que debían dar debates y no interrogatorios, que muchas veces desbordaban sobre temas de actualidad o de la política general; y algunos terminaban a los gritos..." (Anguita e Caparrós, 1997: 318). Segundo a lembrança de González, "lo que generaba mucha polémica era el modelo pedagógico que se imprimía, que era un cuestionamiento al examen, a la forma clásica del examen. Aunque es algo sin salida. Ni Foucault puede superar al examen!" (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996).

adversos a la "línea nacional". Pero igual decidimos presentarnos. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)⁶

Paradoxalmente, tratando-se de intervenção do governo militar, extremamente macarthista, o setor beneficiado pela nova situação era o setor da esquerda da universidade, que aproveitou a circunstância para avançar posições. A experiência da única disciplina para a qual o grupo das "*Cátedras Nacionales*" aceitou prestar concurso contém elementos valiosos para nossa pesquisa, envolvendo *Pasado y Presente* numa polêmica duradoura. O titular de fato (indicado pela ditadura) da disciplina *Sociología Sistemática*, Justino O'Farrel, perdeu a titularidade (o concurso para titular foi declarado sem candidatos) e, no concurso de professores adjuntos, Roberto Carri, das "*Cátedras Nacionales*", e Juan Carlos Portantiero pleiteiam a disciplina.

El concurso se realizaba en el aula mayor llena de gente asistiendo el concurso, allí se hacen las dos exposiciones. El jurado era un jurado destinado a hacerle perder el concurso a Carri, ante el escándalo del movimiento estudiantil que era en ese momento mayoritariamente de las Cátedras Nacionales. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

A banca examinadora aprova Portantiero, iniciando o conflito entre as duas orientações acadêmicas: as "*Cátedras Nacionales*", hegemônicas até esse momento, e as "*Cátedras Marxistas*", que irrompem com o triunfo de Portantiero.

Entonces, ellos [Portantiero e grupo] vienen sospechados de ser apoyados por Lanusse y así pasaron ante nuestras consignas, como formando parte de una maniobra lanusista en la universidad. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Contudo, entre os envolvidos na disputa, chegou-se a um acordo que daria origem a uma experiência curiosa. Numa discussão com a participação do movimento estudantil, decidiu-se que, num primeiro momento, ambos os corpos docentes (o grupo comandado por O'Farrel e o grupo comandado por Portantiero⁷) encarregar-se-iam da disciplina⁸. Posteriormente, no decorrer das

⁶ "Nosotros éramos todos profesores conchabados y este Castelán propone hacer concursos. Era la vía – que nosotros llamábamos la "vía liberal" – para que, con concurso, con jurados, todo perfecto, nos sacaram a todos de ahí. Nosotros nos opusimos a los concursos, pero uno aceptamos: el de titular de Sociología Sistemática, que era el núcleo de las Cátedras Nacionales. Ahí estábamos todos y el que daba la materia era Justino [O'Farrel]. Y entonces, alrededor de ese concurso se desarrolló toda la polémica entre (...) dos perspectivas del mundo, de la historia y de la política argentina." (González, , 1991: 14-15)

⁷ No grupo de professores se encontravam, junto com Portantiero: Isidoro Cheresky, Oscar Landi, Maria Braun.

aulas, ir-se-iam realizando votações nas quais os estudantes escolheriam quem ficaria lecionando nas partes teóricas e nas chamadas partes "práticas" da disciplina, que eram coordenadas por um professor "auxiliar". Portanto, de fato existiam duas disciplinas, com dois programas diferentes, submetidos a *referendum* dos estudantes. O resultado desse processo foi a escolha majoritária do programa e do time encabeçado por Portantiero e o paulatino deslocamento do programa e do grupo das "*Cátedras Nacionales*", encabeçado por O'Farrel⁸.

O conteúdo da polêmica entre as duas orientações teóricas é um problema complexo, já que esta curiosa experiência acadêmica no *Curso de Sociología* da Universidade de Buenos Aires se desenvolveu numa conjuntura política na qual a esfera de expansão da influência do pensamento marxista alcançou a máxima expressão histórica na Argentina: na Universidade, nas experiências "classistas" no movimento operário, nas organizações armadas, etc. Na polêmica em questão se misturavam várias ordens de problemas teóricos e políticos, envolvendo grupos diversos que não poderiam ser definidos apenas por pertencer ou não a uma ou outra "cátedra".

No interior das próprias "*Cátedras Nacionales*", isto é, no interior das correntes peronistas que se deslocavam para a esquerda, a polêmica em torno do marxismo vinha de longe.

Este debate alrededor de la relación entre peronismo y marxismo [si el peronismo tenía una potencialidad teórica autónoma o requería del marxismo para su explicitación] ya venía desde la época de Cooke (...) Las Cátedras Nacionales que habían surgido siendo, digamos, más "jauretcheanas" se dividieron entre

⁸ "Entonces, Justino daba un teórico, Portantiero daba el otro; y en las veinte o treinta comisiones que había (porque había como dos mil o tres mil alumnos) había dos profesores: uno de un sector otro del otro." (González, 1991: 15)

⁹ "Poco a poco se iba a votando quien quedaba con el curso. Era una cosa muy original. Por ejemplo donde estaba yo, que era en un práctico, duré tres clases. Creo que la que quedó fue María Braun. Justino duró un poco más que yo, pero se hizo una asamblea y ganó Portantiero. Y ellos iban ganando porque era bastante obvio que los alumnos no iban a votar por una materia que no existía en el cuadro oficial de las materias. Los estudiantes sabían que si votaban a Justino iban a quedar dando una materia inexistente, porque no había ganado el concurso. Fue una cosa muy descabellada, muy original. Ahora, en algunas comisiones se hicieron acuerdos. Por ejemplo, Guillermo Gutierrez, que era de la Cátedras Nacionales pero estaba vinculado al Peronismo de base y nos veía a nosotros medio como 'loquitos ideológicos peronistas', medio 'fundamentalistas' se diría hoy, hizo un acuerdo con Oscar Landi - del PCR, que era el otro ayudante. Esos acuerdos se hacían sobre la base de compromisos programáticos firmados, tipo 'el sujeto social es el proletariado', o 'el frente único debe estar hegemonizado por el proletariado', etc. Entonces el práctico tenía un acuerdo político de esa índole. Y nosotros le recriminamos a este Gutierrez 'estás con nosotros o te vas con ellos?' Y él defendía la posición de 'su organización'. Porque detrás de las 'materias', eran 'orgas' [organizações políticas] que estaban disputando espacio político. Carri creo que también duró poco. Y todos fuimos desapareciendo a medida que se iba poniendo medio pesada la cosa y los estudiantes querían tener una materia y votaban en contra". (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

jauretcheanos y cookistas¹⁰ (...), es decir entre aquellos que seguían pensando que había una capacidad autónoma del pensamiento popular de dar las líneas teóricas de interpretación de los procesos sociales y aquellos que pensaban que para que esto fuera realmente viable requería del instrumental teórico-metodológico del marxismo. (Alcira Argumedo, 1991: 13)

Temos portanto duas séries de polêmicas: uma, no interior do próprio grupo de tendência peronista em torno da maior ou menor necessidade de utilizar o marxismo como ferramenta de análise; a outra, desta corrente com as tendências marxistas, em torno de que tipo de leitura marxista seria a pertinente para pensar uma revolução de profundas raízes nacionais e populares. A polêmica ideológica interna no peronismo universitário avançaria para se transformar em ruptura entre uma linha mais “nacional” – mais próxima aos mandamentos do General Perón –, e uma linha mais “marxista”, que foi para a qual se deslocou paulatinamente a organização *Montoneros*, até acabar na ruptura política definitiva com seu velho líder em maio de 1974. Já no debate “externo”, o adversário era o tipo de marxismo veiculado pelo grupo de Portantiero, que era associado, pelo menos na visão de alguns dos participantes da polêmica da época, a *Pasado y Presente*. *Pasado y Presente* se “atualizava” não apenas na continuidade do “mito” originário da revista *Pasado y Presente* da Córdoba rebelde dos anos 60, mas na presença e no prestígio dos participantes da experiência, bem como no sucesso dos seus diversos empreendimentos editoriais, em particular dos *Cuadernos de Pasado y Presente*.

Yo tenía la idea de que discutíamos con ese “grupo”, con *Pasado y Presente*, y tenía la idea de inferioridad de condiciones intelectuales; inferioridad de condiciones editoriales, etc. Una posición minusválida, digamos (...) Teníamos polémicas teóricas y políticas terribles. Y administrativas también, porque la Facultad no existía, existían los feudos: lo nacional popular y la izquierda. Es decir la Facultad estaba reduplicada en dos grandes esferas autónomas, dos grupos que tenían legalidad propia, aunque

¹⁰ **Arturo Jauretche** (7-1974) foi um dos fundadores e principal animador de FORJA (Fuerza de Orientación Radical para la Joven Argentina), um movimento de corte nacionalista, anti-imperialista e latinoamericanista, surgido no seio do partido Unión Cívica Radical com o objetivo de recuperar a tradição do pensamento nacional do presidente Hipólito Yrigoyen. Depois de 1945, o núcleo fundamental de FORJA se soma ao movimento fundado por Juan Domingo Perón, sendo suas idéias as inspiradoras principais do ideário que construiriam para si as novas camadas juvenis radicalizadas do peronismo nas décadas de 60 e 70. **John William Cooke**, (1920-1968), influenciado pelo pensamento nacionalista de Yrigoyen, anti-imperialista por convicção, soma-se desde o primeiro momento ao movimento fundado por Perón e, em 1946, é eleito deputado. Desde o início se mostra crítico das práticas burocráticas dentro do movimento peronista e partidário da mobilização popular de corte revolucionário. Por sua atuação na luta contra o golpe militar que o derrubou e na reorganização do partido e do movimento, Perón o designa, em 1956, Chefe da “*Resistencia Peronista*” e seu “*delegado personal*” na Argentina e na América Latina, cargos dos quais o próprio Perón o destitui em 1959, pelos excessos revolucionários do movimento por ele conduzido. Em 1960, viaja a Cuba, encontra-se com Guevara, a revolução e o marxismo, e em 62 combate a tentativa de invasão organizada pelos EEUU. O pensamento e a obra de Cooke foi a principal fonte inspiradora do chamado *Peronismo Revolucionario* das décadas de 60 e 70.

uno tenía también la legalidad formal de la institución, que era el grupo de la izquierda. Nosotros habíamos sido fuertes en la época de Onganía. Pertenecíamos al mismo campo de ascenso político que los Montoneros, que ascienden medio en el clima cristiano, comunitarista y de revolución nacional de Onganía. Después pasamos a una situación más marginal. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Mas o fato se torna particularmente interessante em torno dos elementos teóricos envolvidos. Segundo González, o debate teórico principal entre as leituras da realidade feitas pelo grupo das "*Cátedras Nacionales*" e pelo grupo das "*Cátedras Marxistas*" girava em torno da disputa entre "historicismo" e "estruturalismo".

La polémica, trasladada a los términos de la época, era entre *historicismo* y *estructuralismo*. El programa nuestro era un programa absolutamente historicista. Un programa de historia de las ideas en Europa y en América Latina, con lecturas de Marx, pero con lecturas de Jauretche. Y el programa de la cátedra con la que disputábamos era un programa influido no ya por Gramsci, sino por Althusser; era un programa muy estructuralista. La gran discusión era, y en ese momento era novedad, que el análisis concreto debía ser un análisis de las estructuras, de las fracciones de clase, etc. Era todo un lenguaje nuevo. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Juan Carlos Portantiero discorda desta opinião sobre os eixos do debate, destacando uma outra perspectiva de interpretação:

Horacio está equivocado. Yo era Gramsciano. Y te digo más yo siempre fui anti-Althusser. El único Althusser que a mi me interesaba era el de "Contradicción y sobredeterminación". Metíamos si a Poulantzas, pero más bien lo metíamos críticamente. Trabajábamos mucho Gramsci. Yo creo que la diferencia era otra: la diferencia era que nosotros seguíamos planteando que el marxismo tiene un núcleo vivo muy importante y permitía pensar cosas que no permitía el discurso tercermundista "fanoniano" que tenían las "*Cátedras Nacionales*". Me parece que la polémica era más bien, Fanon vs. Gramsci, más que Gramsci vs. Althusser. Pero ellos en cambio eran más Mao, Fanon, Jauretche, Perón, todos esos autores que nosotros no trabajábamos. (Portantiero, entrevista concedida ao autor, Bs. As., julho de 1998)

Como já indicamos, a caracterização sobre o tipo de diferenças com o grupo das "*Catedras Marxistas*" depende do interior de qual das duas orientações dentro das "*Cátedras Nacionales*" se opina. Para Alcira Argumedo – outra das animadoras das "*Cátedras Nacionales*" – posicionando-se a partir de uma perspectiva que tenta valorizar a possibilidade da produção de um pensamento surgido do íntimo do mundo peronista, o tipo de debate se conformava nos termos que o próprio Portantiero indica. Para González, que reconhece as possibilidades de um diálogo mais abrangente com as tendências marxistas, as diferenças naturalmente tinham que se processar entre as diversas variantes do marxismo já mencionadas.

Não obstante, para poder entender a posição de Gonzalez, é preciso levar em conta o tipo de conteúdo veiculado nos *Cuadernos de Pasado y Presente*, que eram um material difundido nos cursos das Ciências Humanas e um produto autêntico do grupo de *Pasado y Presente*. E o fato é que os N^{os} 4 e 8 dos *Cuadernos* ("*La filosofía como arma de la Revolución*" e "*Materialismo histórico e materialismo dialéctico*", respectivamente) foram dedicados ao pensamento de Althusser. Ambos os textos foram reeditados na época, completando o N^o 4 cinco edições até outubro de 72. Embora não se possa falar de "althusserianismo", *Pasado y Presente* não deixava de expressar uma forte simpatia pelos textos de Althusser, o que, somado à forte influência veiculada através dos textos do marxista francês editados pela editora *Siglo XXI México*, e da larga difusão na Argentina desde 1965 (e reeditados posteriormente por *Siglo XXI Argentina*), poderiam explicar a opinião de González. Na apresentação do N^o 4 dos *Cuadernos*, por exemplo, expressam os editores sobre a obra althusseriana:

Aunque estamos, sin duda, frente a un pensamiento teórico en proceso de elaboración (...) ya podemos verificar los enormes efectos positivos que ha provocado en el actual debate teórico marxista. Pero además (...) aunque las elaboraciones se mantienen en el plano epistemológico, concitan la adhesión y hasta el entusiasmo de los jóvenes intelectuales revolucionarios. (*Pasado y Presente*, 1989: 8)

E ainda acrescentam à apresentação, citando um texto aparecido no suplemento cultural do jornal *Times*: "*Una nueva generación de rebeldes necesita una nueva versión de la ideología revolucionaria, y Althusser es esencialmente un 'duro' que desafía el ablandamiento político e intelectual que lo rodea*" (Sem dados de edição na citação. Em *Pasado y Presente*, 1989: 8)

Haveria que levar suficientemente em conta a influência que teve a crítica do althusserianismo ao historicismo de tipo gramsciano sobre a intelectualidade universitária argentina, como a de praticamente toda a América Latina. O mexicano Arnaldo Córdova, por exemplo, indica como, uma vez esgotados os volumes da Editorial *Lautaro*, as novas gerações de fins dos anos 60 conheceram Gramsci através dos textos críticos althusserianos. As escolas francesas ganharam nesses anos um destaque particular: Lévi-Strauss, Foucault, Althusser eram leituras obrigadas. No único número dos *Cuadernos de Pasado y Presente* integralmente dedicado ao pensamento gramsciano (dentre os mais ou menos 25 publicados até meados de 1971), o N^o 19 – *Gramsci y las ciencias sociales* –, a advertência dos editores evidencia este fato:

Las críticas de Althusser a un historicismo absoluto que aparecería en el trasfondo del pensamiento gramsciano y que desbordaría a la herencia de Marx,

disminuyendo, además, las posibilidades científicas de la obra del político italiano al disolver la teoría en la praxis, marcan el punto más alto de un período de reexamen crítico del pensamiento de Gramsci, tras el gran impulso de entusiasmo que sus escritos tuvieron en el movimiento socialista desde mediados de la década del 50... (*Pasado y Presente*, 1987b: 5)

Contudo, já no Nº 8 dos *Cuadernos*, junto com os textos principais de Alain Badiou e Louis Althusser, os editores publicam, sob o título "*Discusión sobre el pensamiento de Antonio Gramsci*", uma polêmica entre Althusser e intelectuais italianos em torno da leitura althusseriana de Gramsci. Na introdução ao livro, advertem os editores:

Algunos textos que muestran que las relaciones entre la posición althusseriana y las elaboraciones de uno de los teóricos marxistas más renovadores de este siglo, nos referimos a Antonio Gramsci, no pueden ser estudiadas con la parcialidad con que lo hace el pensador francés en uno de los capítulos más importantes de su obra, dedicado a demostrar la oposición entre historicismo y marxismo. (*Pasado y Presente*, 1987: 8)

Como é óbvio, nessa tentativa "pan-marxista" presente na estratégia de edição dos *Cuadernos*, encontramos essa tensão entre tendências marxistas nem sempre compatíveis, mas que os editores tentavam difundir sem discriminação, como parte do universo marxista heterodoxo. É o caso da publicação dos textos de Althusser. Portanto, embora não seja estranha essa idéia de "althusserianismo" que González assinala como associada na época ao perfil ideológico do grupo, é necessário acrescentar o caráter de algum modo contingente dessa componente. Se o suporte ideológico de *Pasado y Presente* era aquele "coquetel de ideologias" – como o define Portantiero –, onde Gramsci convivía com Mao, Lenin e Guevara, a marca registrada do grupo continuava vinculada aos conceitos gramscianos.

Por sua vez, o setor das "*Cátedras Nacionales*" mostrava também um perfil ideológico complexo, que incluía vários registros do universo teórico que freqüentava *Pasado y Presente*.

En nuestro caso siempre fuimos, me parece, un intento de pensar con la experiencia de la izquierda del siglo, digamos, Gramsci y también Adorno. Yo estaba en la cátedra de Sociología Argentina con Ernesto Villanueva y ahí utilizábamos bastante a Gramsci. Lo que usábamos de Gramsci en ese momento eran los elementos de política, para analizar la historia del radicalismo y del peronismo. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Segundo o depoimento de Alcira Argumedo:

Nosotros éramos como un punto de contacto entre el Gramsci de lo nacional-popular del cual nos apropiamos y Mao (...) Mao era más nuestro que de ellos. Ellos

eram más gramscianos, más leninistas, digamos así; nosotros éramos más maoistas... (Alicia Argumedo, entrevista en El Ojo Mocho, 1991: 14)

A questão se enriquece ainda mais quando levamos em conta como era percebida a ancoragem teórica deste grupo por alguns membros do grupo “adversário”. Héctor Schmucler, membro fundador de *Pasado y Presente*, diretor da revista *Los Libros* e participante das disputas da época, assinala em torno do uso de Gramsci por uns e outros:

El peronismo, el peronismo montonero, el peronismo de base, todo el peronismo más de izquierda fue gramsciano, tomó el marxismo gramsciano. Tomó dos cosas básicamente, el marxismo gramsciano y Mao. Y no casualmente. Es que los dos trabajaban con sectores populares que evocaban un poco al movimiento social que estaba en el peronismo; los dos tenían - con las diferencias conocidas- la voluntad teórica expresa, de pensar lo “propio”, lo “nacional”, y por lo tanto entraban muy bien en ese pensamiento. Y ese peronismo de izquierda, “montonero” o “de base”, puso a Gramsci como motor activo infinitamente más de lo que lo haya hecho jamás el Partido Comunista, que en vez de usar a Gramsci era anti-gramsciano. Y mucho más que nosotros. Entonces Gramsci se difundió en un gran sector en aquella época no por la “vía marxista”, digamos, sino por la vía populista peronista. (Schmucler, entrevista concedida ao autor, Córdoba, Dez. de 1996)

Apesar de o uso de Gramsci, por parte dos intelectuais vinculados à experiência de *Pasado y Presente*, não parecer ter sido tão escasso como sugere Schmucler, aparece no seu depoimento a importância relevante que, pelo menos no seu ponto de vista, deveria ser atribuída ao gramscismo difundido por um setor do peronismo nesta etapa. Portanto, encontramos-nos novamente diante de uma “disputa por Gramsci”. Se em 1963 os dissidentes do PC disputaram Gramsci com um partido pouco interessado no seu legado teórico, nesta nova época os peronistas de esquerda das “*Cátedras Nacionales*” reivindicavam sua particular apropriação do pensamento gramsciano¹¹.

Nesta disputa, se o principal texto “gramsciano” publicado por *Pasado y Presente* foi o mencionado Nº 19 dos *Cuadernos, Gramsci y las ciencias sociales* – aparecido em outubro de 1970 e reeditado 8 vezes até 1987 –, no setor das *Cátedras Nacionales* observaremos uma intervenção curiosa: a publicação, no final de 1971, do livro *El príncipe moderno y la voluntad nacional-popular*, de Antonio Gramsci, que hoje poderia ser considerado como uma raridade editorial. Tratava-se da primeira parte da compilação de textos de Gramsci reunidos por

¹¹ Posteriormente, em meados dos 80, uma nova disputa pelo legado de Gramsci aparecerá publicamente na Argentina, por parte da esquerda marxista. Como na ocasião da disputa da esquerda peronista, a esquerda marxista defenderá um Gramsci “revolucionário” frente a um Gramsci “socialdemocrata” supostamente difundido por *Pasado y Presente* (ver capítulo 7).

Palmiro Togliatti e traduzidos para o espanhol sob o nome de *Notas sobre Maquiavelo, la política y el Estado moderno*. Segundo o editor do livro:

En una maniobra que hoy los académicos de la semiología llamarían *operación semiológica*, le cambiamos el nombre al libro de Editorial Lautaro. Si Togliatti le había puesto el nombre que se le antojó, porque nosotros no podíamos hacer lo mismo? Con un amigo que se llamaba Miguel Kurtz, y era editor, inventamos una editorial y un aspecto para ese libro. Era un libro muy precariamente editado. A la editorial le pusimos *Puente Alsina*. Ese fue el único libro de la *Editorial Puente Alsina*. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Dado que estava dirigido à grande população estudantil, a tiragem do livro era de dimensões importantes, "3.000 ou mais", informa González, transformando-se num fato cultural de peso. Um dos objetivos explícitos da publicação do livro era a polêmica com *Pasado y Presente*.

El libro, y el prólogo que yo hice partían de la idea de disputar sobre la base de Gramsci con el grupo con el cual discutíamos, el grupo de *Pasado y Presente*. Y había un deseo de demostrar que salía del peronismo nuevo un intento de discusión leyendo, utilizando los textos que tenían un sello editorial y una apropiación explícita, que era la izquierda oficial argentina. O aún, en el caso de los gramscianos, la izquierda más interesante que había en la Argentina. (González, entrevista concedida ao auto, Bs. As., dez. de 1996)

O livro tinha um prólogo escrito pelo próprio Horacio González, intitulado "*Para nosotros, Antonio Gramsci*", que tentava uma apropriação do pensamento gramsciano em códigos peronistas – peronistas revolucionários. "*Prisionero, Gramsci piensa en el poder*", diz no início do seu prólogo, indicando a direção de suas indagações: o problema da conquista do poder político. O fato de as notas dos *Cadernos do Cárcere* serem, segundo González (1970: 3), "*notas abiertas, dimensiones preparatorias de una estrategia orgánica, completa y total para ocupar el poder*", consistirá na principal característica da obra gramsciana reconhecida pelo autor, que se empenhará em destacá-la e defendê-la das leituras políticas que denominava "neo-reformistas" ou "social-democratas". Seus argumentos para defender um Gramsci "revolucionário" não diferiam dos argumentos atuais da esquerda marxista contra uma leitura social-democrata de Gramsci, e não é preciso insistir neles.

O que tem interesse em torno do tipo de leitura gramsciana realizada é a crítica que González descarrega sobre o próprio Gramsci por desqualificar a estratégia "oriental" do "assalto" nas sociedades complexas do capitalismo moderno e propor a estratégia da guerra de posições. Não apenas a estratégia do "assalto", mas a prática dos golpes de audácia dos pequenos grupos de assalto ("*arditismo*", na passagem do italiano para o português ou o espanhol) é

questionada por Gramsci (1980: 70) na sua análise das relações da luta política e luta militar como estratégia válida para a luta das classes subalternas, e González não admite a validade desta posição gramsciana para a luta dos povos do Terceiro Mundo:

El "arditismo", es decir, los cuerpos de voluntarios arriesgados, o más simplemente, los "comandos" o "formaciones especiales" es un método de la clase dominante. Con esta argumentación incorrecta, que la experiencia político-militar de las revoluciones del Tercer Mundo desmiente terminantemente, Gramsci concluye que no hay moda más tonta que oponer el "arditismo" al "arditismo". (González, 1970: 10)¹²

Contudo, apesar de sublinhar que acha incorreta esta posição de Gramsci, para González não é este aspecto do seu legado que mais interessa na hora de pensar uma estratégia política:

La voz más profunda de Gramsci, la más seria e insistente, la que tiene (...) mayor poder de convocatoria, es la que desplaza todo problema estratégico hacia el único marco capaz de darle significado: la voluntad nacional-popular o lo que es lo mismo, la organización política, cultural, moral e intelectual del pueblo. (González, 1970: 1)

Portanto, se o primeiro aspecto destacado é o de ser um pensamento revolucionário, o segundo grande aspecto é que essa revolução tematizada por Gramsci é uma revolução "nacional", fundida nos moldes da história nacional do povo. *"Para Gramsci, el carácter nacional de la revolución es su centro preciso, su motivo central. Es centro y eje, no accidente o complemento"* (González, 1970: 12).

Vários são os adversários do pensamento de Gramsci que González ataca no seu trabalho: os "sociólogos" neo-reformistas e as deformações sociológicas do pensamento gramsciano; os "políticos social-democratas"; o "cientificismo" e "filo-estruturalismo" althusseriano e, finalmente, o *"gramscismo vergonzante"* de *Pasado y Presente*, não mencionado como tal, mas sugerido em referências figuradas (por exemplo, *"Cuadernos de laboratorio"*, aludindo ironicamente aos *Cuadernos de Pasado y Presente*). Diante das críticas anti-historicistas do "cientificismo" althusseriano, assinala González:

Frente a esta manía de explicar la revolución por medio de categorías epistemológicas burguesas, levanta Gramsci su concepción de político como filósofo

¹² Deveria lembra-se que, dentro da esquerda peronista, já estava instalada a discussão sobre o modo de proceder com as organizações armadas. As "formações especiais" já eram uma tradição desde a época da "Resistência" e apareciam novamente na construção da moderna organização guerrilheira. Não é de surpreender então a defesa do "arditismo" por parte de González.

real, convertido en "el hombre activo que modifica el conjunto de relaciones de las que el hombre forma parte". (González, 1970: 16)

Sobre o grupo de *Pasado y Presente* e suas publicações, que considera genericamente "althusserianas", sem destacar os vieses ou as advertências e críticas aparecidas nos textos (por exemplo, no Nº 8 já mencionado), González descarrega a seguinte crítica:

Son gramscianos vergonzantes, sin embargo, porque en definitiva están de acuerdo con el intento althusseriano de convertir a Gramsci en la prehistoria del estructuralismo (...) Esta discusión que tiene como enemigo al historicismo de Gramsci, no nos convoca como defensores ni como fiscales, pero no se debe dejar de señalar el empeño mezquino de quienes, desde sus Cuadernos de Laboratorio atacan a los Cuadernos de la Cárcel por su escasa cientificidad y su excesivo apego a los aforismos de las tesis sobre Feuerbach... (González: 1970: 16-17)

Finalmente, González vai desenhando o Gramsci que visualiza como interlocutor da sua corrente nas "*Cátedras Nacionales*" na universidade. Este Gramsci "peronista" exigia "*superar la tentación de participar en las polémicas europeas entre los gramscianos*" e se apresentava mais do que como um "modelo", "*por los anuncios vigorosos de una estrategia nacional que sintetice política, cultura, filosofía y organización popular*". Assinala a importância dos conceitos do "nacional-popular" e de "vontade nacional-popular", que qualifica de "*poderoso instrumento*" analítico. Dentre as questões polêmicas do debate italiano em torno de Gramsci, na época, destaca-se a temática da volta aos "conselhos" de fábrica. González rejeita a importância atribuída ao tema e opina que se trata de uma etapa superada de Gramsci, o que torna o debate "neo-reformista". Um sujeito revolucionário mais complexo, que inclui diversas vertentes das classes subalternas, e constituído como "vontade nacional-popular", corresponderia à nova etapa histórica.

Por diversas razones, quienes auscultan las modificaciones internas del capitalismo para elaborar una nueva estrategia para la réplica, vuelven a situar el marco fabril como único universo de la política (...) De esta forma se lo hace volver a Gramsci a los Consejos de Fábrica; el poder se resolvería dentro de la fábrica, porque la situación en la fábrica resume la situación de poder en toda la sociedad. Como respuesta a los nuevos desarrollos del capitalismo, no parece adecuado tomar desfiguradamente el planteo del primer Gramsci. En 1919 creía, probablemente, que el poder se resolvería dentro de la fábrica. (González, 1970: 7-8)

Portanto, acrescenta, trata-se de construir uma relação particular com Gramsci, uma espécie de diálogo não comprometido, uma visita à sua problemática que não signifique uma instalação no mundo gramsciano. Por isso,

afirma, *"se trata de no ser gramscianos entre nosotros"*, e argumenta em clara referência crítica a *Pasado y Presente*:

Quienes lo son, esgrimieron a Gramsci como explicación –en su momento– del “desencuentro de los intelectuales con el pueblo”, y eso produjo algún breve y fugaz temblor en ciertas ortodoxias de comités. Pero los que así comenzaron, se dedicaron luego a un grosero mimetismo sociológico con las categorías gramscianas. El peronismo se convierte, por ejemplo, en el “cesarismo progresista”, concepto más elegante que el bonapartismo de uso diario, pero fabricado con el mismo material de utilería con que hacen todos sus modelos cientificistas. El Gramsci que piensa las teorías movilizadoras queda convertido así en un Gramsci de madera balsa para uso de los sociólogos pedantillos y antiperonistas. (González, 1970: 19)

Em troca, reconhece um Gramsci presente *"por medio de una comunidad temática de acción"* na obra política de John William Cooke, onde *"es posible reconocer (...)no pocos 'temas' gramscianos pero disueltos en forma llana, esparcidos silenciosamente y alisados en un ejercicio de pensamiento solidamente crecido desde abajo"* (González, 1970: 19).

Assim, a “nação” é pensada (tentando uma aproximação com a conceitualização de Gramsci), não como “uma etapa evolutiva” na evolução da revolução burguesa, mas como uma *"propuesta sintetizadora de la conciencia popular"*; a “cultura popular”, como *"una manifestación concreta de la lucha de la clase trabajadora"*, e o peronismo como o *"próprio proyecto hegemónico"* da classe trabalhadora. *"Para nosotros, peronistas – finaliza González – el Gramsci que exigimos, que elegimos y traducimos aparece como disolvente para el propio ritualismo gramsciano"*.

Nuestras fuerzas en actividad con su horizonte de pensamiento revolucionario, colectivo, nacional, popular, proletario y nuestro Viejo General en Batalla perciben interesados la meditación penetrante de este político encarcelado, con su impotencia terrible, con su carga aleccionadora de anticipaciones, con su inteligencia conmovedora obligada –entonces sí, ante la mirada carcelaria– a llamar “investigaciones” a sus reflexiones plenas y directas sobre la revolución. (González, 1970: 21)

Portanto, no bojo das disputas ideológicas entre peronistas e marxistas na universidade, encontramos esta disputa por Gramsci também pela esquerda do peronismo. Anos mais tarde, os “gramscianos” de *Pasado y Presente* enfrentarão novamente as acusações de “reformistas” e “socialdemocratas”. Contudo, nessa nova época, como veremos, a proximidade com a socialdemocracia será real. Mas, nesta etapa prévia, a acusação de “neo-reformismo” encontrada no texto de González não procede sob nenhuma circunstância. De fato, enquanto *Pasado y Presente* se aproximava das forças mais radicalizadas do peronismo, o grupo

das "*Cátedras Nacionales*" se dividia entre "*revolucionarios*" e "*leales a Perón*", e estes últimos, na sua tentativa de fidelidade ao velho líder, foram considerados pelos *Montoneros* como parte das organizações sustentadas pela ultra-direita do peronismo.

González, a partir desta perspectiva "*peronizante*", tentava aproximar Gramsci do pensamento militar de Perón, como nos explicou em entrevista:

Nosotros en vez de en Maquiavelo, pensábamos en Perón, el *príncipe moderno* era Perón, y la *voluntad nacional-popular* era el populismo nacionalista de izquierda. Claro que no era muy adecuado porque el *leitmotiv* de Gramsci no iba con el Perón de *Apuntes de historia militar*, que era el libro que nosotros leíamos y que era un libro prusiano, que pensaba en las batallas, en el conductor, en el jefe, y en la voluntad¹³. Y los peronistas mismos se escandalizarían, nos verían como bichos raros. Pero era el Gramsci que mencionábamos en las "*Cátedras Nacionales*". Tal como lo veo hoy era un intento imposible de conjugar el pensamiento militar de Perón con el pensamiento de Gramsci -que se prestaba también para un pensamiento militar dado sus reflexiones sobre el modo occidental de proceder en la sociedad civil, a través de la guerra de posiciones y otras metáforas militares. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Derrotada na fase acadêmica por aqueles que tinham-se colocado como adversários ideológicos na universidade (os intelectuais vinculados às "*Cátedras Marxistas*"), no final de 1971 chegava ao fim a experiência das "*Cátedras Nacionales*". Mas a disputa no terreno político em torno da proximidade com o "peronismo montonero" continuaria.

Os eixos do debate político da época, no interior da esquerda vinculada ao peronismo, colocavam-se em torno de três pontos principais: 1- a mencionada discussão sobre o papel do marxismo no arcabouço teórico usado para pensar a realidade política e as estratégias futuras; 2- o tipo de estrutura organizativa que deveria ser adotado pela militância revolucionária ligada ao peronismo: as clássicas formas "movimentistas" próprias do peronismo, ou as "formações especiais", preparadas para encarar as condições da luta armada; 3- as relações das novas camadas de militantes revolucionários com a política, as estratégias e a figura do velho líder do movimento, Juan Domingo Perón.

Em torno do primeiro dos pontos, como já mencionamos, os integrantes das "*Cátedras Nacionales*", havia tempo, estavam divididos. Contudo, nesse período, as divergências aumentaram com a crescente "marxização" dos *Montoneros*, que chegaria a um ponto definidor em 13 de junho de 1973, na assinatura, junto

¹³ Por exemplo, indicam Anguita e Caparrós (1997: 518), "a fines del 71 (...) Horacio [González] escribió un largo artículo, *Humanismo y estrategia en Juan Perón*, donde trataba de convertir ciertos escritos del General en el embrión de una filosofía popular... Lo publicó en *Envido*."

com as FAR, do documento "*Construir poder popular*", no qual se evidenciava a adesão ao "marxismo-leninismo". Em torno do segundo ponto, ao tempo em que uma parte da militância peronista se aproximava dos *Montoneros* como organização armada, outros iam-se definindo por uma participação "movimentista", e outros, ainda, as duas coisas, isto é, aproximavam-se dos *Montoneros* com o intuito de ajudar a fortalecer o vínculo dessa organização com o movimento popular. O terceiro ponto, que será verdadeiramente um divisor de águas, só aparecerá em forma violenta depois de junho de 1973, quando, na recepção a Perón, no dia de seu retorno definitivo ao país, a direita do partido deflagra um massacre de militantes de esquerda no chamado "massacre de Ezeiza"¹⁴. No caso dos intelectuais vinculados às "*Cátedras Nacionales*",

Nuestra evolución dentro de las "*Cátedras Nacionales*" nos llevaba a quedar con una crítica a la evolución que simultáneamente hacían los montoneros en dirección a un marxismo de tipo althusseriano. Por lo tanto yo me acuerdo que veía la paradoja de que era más bien el grupo que no era peronista en la Universidad, el grupo de las cátedras donde estaba Portantiero, que finalmente se encontraba con *Montoneros*, y nosotros, que en los años anteriores habíamos hecho el "campo intelectual" de los *Montoneros*, de algún modo éramos más periféricos... (González, 1991: 13)

O ano de 1973 será definidor no desfecho desta polêmica. Depois do triunfo do peronismo nas eleições de 11 de março desse ano, o grande prêmio da *Juventud Peronista*, dirigida pelos *Montoneros*, foi a Universidade. Na maior universidade do país, a UBA, foi eleito para o cargo de Reitor uma figura eminente do peronismo de esquerda, o marxista Rodolfo Puiggrós. Na Faculdade de Filosofia, entrou como *Decano* (Diretor), nos ombros da JP, o fundador das "*Cátedras Nacionales*", Justino O'Farrel, "*el Decano Montonero*". Mas já era uma outra época.

Cuando Justino entra en andas en medio de los bombos y es el "*Decano Montonero*", ya el propio grupo de las "*Cátedras Nacionales*" estaba metido en todo el dilema del movimientismo, de la pelea con Perón. Estábamos todos en esa tensión: que hacer con Perón, si seguir o no con la lucha armada... (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

¹⁴ Em 19 de junho de 1973, Juan Domingo Perón voltou ao país definitivamente. Para a recepção, o peronismo convocou uma grande manifestação na área próxima ao aeroporto internacional de Buenos Aires, situado na localidade de Ezeiza. Falou-se na época de cifras entre 1 e 4 milhões de pessoas vindas de todos os cantos do país para receber o velho líder. Seja qual for a cifra, foi a maior concentração popular da história argentina. A direita do peronismo deflagrou, na concentração, uma matança de militantes dos setores revolucionários que, segundo as fontes de esquerda, teria alcançado 200 mortos. As versões oficiais da época indicaram 13 mortos e 365 feridos (Anguita e Caparrós, 1998: 81).

É que o vertiginoso ano de 73 comprimía os tempos políticos e apressava a tomada de posición. Uma série de fusões de organizacións armadas, sob a hegemonía dos *Montoneros*, xunto con a cada vez máis acirrada luta entre dereita e esquerda dentro do movemento peronista, ía aglutinando a esquerda do movemento en torno deses grupo, ao mesmo tempo en que súa virada "marxista" se completaba. Da perspectiva das "*Cátedras Nacionales*", afirma González:

En aquel momento *Montoneros* consideró que el grupo con el cual había que trabajar era el grupo de *Pasado y Presente*. Y nosotros que durante todos los años anteriores hicimos el papel de peronistas, quedamos descolocados. Firmenich había empezado con un discurso marxista. Y nosotros empezamos a ser peronistas, peronistas de Perón. Un poco lo éramos y otro poco nos atribuyeron eso. Un grupo de las "*Cátedras Nacionales*", por el lado de [Roberto] Carri (que casi había abandonado la vida intelectual para convertirse en un alto dirigente militar) y otros, terminaron más en el aparato *Montonero*. Nosotros, el grupo inicial de "*Cátedras Nacionales*", quedamos más peronistas, más atados al precedente de Perón, el precedente bismarckiano, el precepto de la conciencia del jefe. Y es una paradoja bastante interesante que nosotros, que nos considerábamos adentro de *Montoneros*, fuéramos desplazados, y que *Montoneros* haya terminado aceptando con más benevolencia a los "verdaderos" gramscianos. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

Duas revistas universitarias estaban asociadas à experiencia das "*Cátedras Nacionales*". A revista *Envido*, dirigida por Alfonso Armada, e a revista *Cuadernos Antropológicos del Tercer Mundo*, dirigida por Guillermo Gutierrez. No proceso de virada para o marxismo, *Montoneros* foi-se distanciando destas publicacións¹⁵.

El grupo de la revista *Pasado y Presente* en el año 73 pasó a ser el grupo que Firmenich estima más que el grupo de la revista *Envido*, que expresaba las posiciones de las "*Cátedras Nacionales*", donde todos escribíamos (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996).

¹⁵ *Envido* era "una 'revista de política y ciencias sociales' peronista (...), donde colaboraban [González e seus colegas das Cátedras nacionales] junto con José Pablo Feinmann, Juan Pablo Franco y Oscar Sbarra Mitre, entre otros" (Anguita e Caparrós, 1997: 518). Segundo a lembrança de González, "nosotros, de la revista *Envido* éramos más movimientistas. *Antropología del Tercer Mundo*, que sacaba Guillermo Gutierrez que era de antropología no era montonera y tampoco era movimientista. Era un viejo clasismo de Peronismo de Base. En el número 10 de *Envido* eliminamos los nombres, publicamos en forma anónima pensando en una especie de autor colectivo, con escritura de urgencia, ensayística de urgencia, y la revista no le gustó a Montoneros. Cuales eran las mayores diferencias con Montoneros en ese momento? Me parece que era la valoración de Perón, que era más movimientista. En la polémica entre 'formaciones especiales' y 'organización político-militar' no decidimos, más bien postulábamos un acuerdo, un entendimiento con Perón. Nunca muy explícito, porque la verdad es que era muy difícil explicitar algo en esa época. La revista sugería creo, el cese de las acciones armadas. Es decir, sostenía lo mismo que posteriormente fue motivo de sucesivas auto-críticas de Montoneros. Al final, era una revista de intelectuales sensatos" (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996).

Como veremos detalhadamente na próxima seção, em junho de 73 apareceu o primeiro número da segunda fase da revista *Pasado y Presente*, com uma densa análise política que, junto com a afirmação da necessidade de pensar um projeto de esquerda no interior de um movimento operário e popular politicamente situado dentro do peronismo, destacava a centralidade, no processo, do movimento popular, em particular do movimento operário cordobês. Já no segundo número, publicado em dezembro desse mesmo ano, acontecida a fusão de FAR e *Montoneros* em 12 de outubro, a revista dava destaque ao fato, qualificando a fusão das duas organizações armadas como um acontecimento destinado a ter uma importância particular no futuro imediato das lutas, assinalando uma situação de maior “simpatia” com as posições das organizações armadas. Contudo, nada indica que a revista, como tal, tivesse vínculos expressos (de financiamento ou orientação editorial) com a organização *Montoneros*. Havia de fato, no grupo editor, pessoas críticas desta organização política e próximas a outras tendências do peronismo. Porém, começava nessa etapa uma nova configuração política, filo-marxista, dentro dos *Montoneros* que poderia aproximá-los tematicamente da revista.

...Hacia marzo del 73 se arma una conjunción por la cual la unificación entre Montoneros y las FAR hace que las FAR empiecen a tener un predominio ideológico de orientación marxista sobre el conjunto de Montoneros (...) En junio del 73 sale el famoso “documento verde” [*Construir poder popular*] de los Montoneros que es su autodefinition como marxistas-leninistas (...) un documento que tenía una fuerte definición marxista leninista en las influencias... Esta misma definición ideológica va a hacer que aquellos que veníamos de una tradición peronista, que hacía 7 o 8 años que estábamos militando en el peronismo, empezáramos a romper con Montoneros, justo en el momento en que cierta gente, que venía del marxismo, entra a acercarse a los *Montoneros* que se han definido como marxistas. (Argumedo, 1991: 14)

As diferenças crescentes levaram finalmente à ruptura entre os grupos da esquerda “leais a Perón” e os grupos da esquerda revolucionária críticos do velho líder. Segundo a mesma Argumedo (1991: 14): “*nuestra identificación era más como peronistas, no como Montoneros (...) Esto, de alguna manera, llevó a una ruptura dolorosa y drástica dentro de las ‘Cátedras Nacionales’*”.

Por sua parte, González nos confirma a dramaticidade dos fatos. Mais uma vez as águas rompiam por cursos que confundiriam tragicamente o espectro ideológico.

Nos fuimos mal de Montoneros. La pelea con Perón era más fuerte que lo que nosotros pensábamos y algunos nos tomamos más en serio a Perón nos quedamos con un grupo llamado *Lealtad*, que fue un grupo muy mal visto, aún hasta hoy. Y a ese grupo, *Montoneros* le atribuyó que era el grupo de las “*Cátedras Nacionales*”. En ese momento la discusión teórica había desaparecido. Nosotros leímos el documento

de *Montoneros* y era un documento marxista primitivo, que no nos convencía. Era más bien de un maoísmo primitivo que no tenía ningún interés como reflexión teórica. (González, entrevista concedida ao autor, Bs. As., dez. de 1996)

O desenlace da história se dará no caminho da ruptura definitiva dos *Montoneros* com Perón, que se efetivará em 1º de maio de 1974, na última grande manifestação popular de que Perón participará antes da sua morte, em 1º de Julho do mesmo ano.

A falta de uma adequada discussão sobre os temas envolvidos, o desfecho violento que teve a polêmica entre as correntes marxistas e peronistas dentro do peronismo, e o cruento final do período histórico com a ditadura de 1976, deixaram o debate truncado. Parte do balanço final desta disputa de idéias, que passou à história como o debate entre “*Cátedras Nacionales*” e “*Cátedras Marxistas*”, possivelmente se realizou fora do país, quando o México acolheu no exílio uns e outros. Nos encontros da vida no exílio, e nos debates da revista *Controversia* (que veremos no próximo capítulo), nascida por iniciativa do grupo de Aricó, algumas das polêmicas da década foram retomadas, num clima mais propício, por alguns dos participantes das velhas brigas. Contudo, o desfecho do debate na própria *Controversia* mostrou as dificuldades de chegar a acordos provisórios. A polêmica continuou se refletindo depois da retomada da democracia numa série de congressos e encontros, em particular no interior de uma corrente de “pensamento latino-americano” que desenvolveu um intenso trabalho na época. Parte da polêmica foi retomada também como debate institucional na reabertura democrática da Universidade depois da ditadura militar, no ano de 1984. Intelectuais de um ou outro centro de estudos – velhos partidários dos debates “marxistas” ou da “linha nacional” – impuseram sua marca nos programas e na linha acadêmica nascente. Alguns recomeçaram por Althusser e a epistemologia francesa, outros por uma temática mais “nacional e popular”, embora o pensamento dominante nessa época, na Argentina, fosse a chamada “escola analítica”.

Todavía, muitos dos temas polêmicos não foram superados e estão ainda no ar. Em 1996, Alcira Argumedo publicou um livro intitulado “*Los silencios y las voces en América Latina. Notas sobre el pensamiento nacional y popular*”, no qual se propõe a retomar explicitamente aquelas velhas polêmicas. O livro é dedicado “*Al recuerdo de mis compañeros de las Cátedras Nacionales*” e, sobre a origem dos problemas abordados no livro, expressa Argumedo:

Las ideas que aquí se desarrollan, tienen su origen en una tarea que hace más de veinte años iniciamos un grupo de jóvenes militantes y profesores universitarios,

Apesar de a revista aparecer em Buenos Aires, o endereço oficial continuava em Córdoba. A distribuição era realizada através de *Siglo XXI Argentina* e, como "colaboradores na preparação" de ambos os números da revista, aparecem: José Aricó (editor responsável), Oscar del Barco, Jorge Feldman, José Nun, Juan Carlos Portantiero, Juan Carlos Torre e Jorge Tula, a maioria deles participantes, de um modo ou outro, da experiência anterior da revista.

O primeiro número da segunda fase da revista, centrado no problema da "revolução socialista na Argentina", contém três artigos nucleares: um longo e denso editorial do grupo editor, um estudo das relações entre forças sociais, que Juan Carlos Portantiero realiza sob uma perspectiva analítica nitidamente gramsciana, e um texto de José Aricó introduzindo uma série de textos de Gramsci em torno do problema que a revista visualizava como central nessa etapa: as relações entre movimento social e direção política no processo revolucionário que se considerava em curso. Diferentemente do segundo número, onde podemos notar uma escrita em códigos "táticos e estratégicos" – na forma de "linha política" –, neste primeiro número se fala em códigos predominantemente teóricos.

"*Tras ocho años de silencio, PASADO Y PRESENTE vuelve a aparecer*", sentencia no início o editorial cujo título anuncia o tipo de trabalho analítico que encontraremos: "*La 'larga marcha' al socialismo en la Argentina*". Os objetivos desse retorno são explicitados pelos editores retomando o último número da etapa cordobesa da revista (Nº 9). Naquele artigo, já examinado, ("*Algunas consideraciones preliminares acerca de la condición obrera*"), para uma série de problemas em torno da relação entre intelectuais e classe operária (colocados como centrais para uma definição correta das relações entre a nova centralidade adquirida pela *indústria* e uma definição moderna de *cultura*), Aricó prometia respostas numa "segunda parte" do trabalho. A oportunidade dessas respostas será a nova edição da revista.

Esta reaparición actual de PASADO Y PRESENTE supone "la segunda parte de nuestro trabajo", centrada en un objetivo: contribuir, desde nuestro plano, al proceso de discusión que se desarrolla actualmente en la sociedad argentina acerca de las condiciones nacionales de constitución de una fuerza revolucionaria socialista...

PASADO Y PRESENTE no pretende transformarse en un sustituto de la práctica política ni colocarse por encima de ella. **Reivindica para sí, en cambio, un espacio que considera legítimo, aunque el mismo sea mucho más ideológico-político que político a secas:** el de la discusión, abierta a sus protagonistas activos, de las iniciativas socialistas en el movimiento de masas, de los problemas que, en la "larga marcha", plantea cotidianamente la revolución. (*Pasado y Presente*, 1973a: 29. Grifos, RB.)

A revista se coloca, portanto, novamente o papel de “fornecedores de ideologia”, mas desta vez em um novo patamar. Se na etapa cordobesa, entre 63 e 65, a busca de um lugar *entre a cultura e a fábrica* estava marcada pelo “trauma” de serem “rebeldes”, “renegados” de uma força política reconhecida da esquerda, pela falta de uma “ancoragem” política de classe, já na etapa portenha a posição é radicalmente outra. O lugar conquistado na cultura política argentina e a posição construída entre as forças políticas da nova esquerda (em particular a aproximação com a esquerda peronista) os colocavam em uma situação privilegiada, na qual esse “espaço legítimo” de tratamento teórico das “iniciativas socialistas no movimento de massas” e o lugar do “intelectual orgânico” certamente se aproximavam.

Finalmente, ainda sobre a questão dos “objetivos” da revista na nova fase, é necessário mencionar o papel que reclama para si *Pasado y Presente* em torno do esclarecimento da relação entre “peronismo” e “revolução” na Argentina. A revista parte de uma definição taxativa:

...Es necesario impulsar el desarrollo de la conciencia socialista a partir de las luchas de una clase políticamente situada en el interior de un movimiento nacional-popular (...) Se trata de articular una dialéctica correcta entre movimiento de masas y prácticas socialistas que no niegue que el punto de partida político de los grandes sectores populares en la Argentina no es la “virginidad” de que hablaba Lenin, sino la adhesión al peronismo. (*Pasado y Presente*, 1973a: 20-21)

Definida deste modo a questão, os editores assinalam que a discussão detalhada de tal “dialética” é outro dos objetivos básicos desta segunda etapa de *Pasado y Presente*.

Portanto, podemos resumir os objetivos a que se propõe *Pasado y Presente* a partir da posição relativamente privilegiada alcançada, do seguinte modo: 1- discutir, numa postura “aberta aos protagonistas ativos”, as iniciativas socialistas no movimento de massas e os problemas que coloca quotidianamente nesse terreno a prática da revolução socialista; 2- contribuir com o processo de discussão em torno das condições nacionais para a constituição de uma força revolucionária socialista na Argentina; 3- aprofundar a discussão sobre a relação entre “movimento de massas” e “socialismo” a partir da identidade peronista das massas como premissa e, portanto, do fato de que a possível passagem das massas às posições socialistas só se produzirá a partir da sua situação de “peronistas”.

Estes objetivos serão fundamentados pela revista numa pormenorizada análise do processo político argentino, a partir da derrubada de Perón, em 1955,

e cujas principais conclusões políticas e teóricas – algumas das quais encontraremos posteriormente nos trabalhos teóricos da etapa mexicana – podemos expor através das seguintes teses:

1- iniciando a análise, fundamenta a possibilidade de revolução socialista num país periférico. Pela primeira vez na história, afirmam os editores, o sistema capitalista aparece “esgotado”; não porque seja incapaz de assegurar desenvolvimento e crescimento econômico, mas porque representa um obstáculo para o pleno desenvolvimento das “potencialidades” existentes. Neste sentido, *“la experiencia de la acumulación en escala mundial demuestra que es errónea la tesis de Marx según la cual el capitalismo habría de unificar y homogenizar al mundo. El imperialismo unifica creando y manteniendo el subdesarrollo”,* e, portanto, *“ninguna zona puede ya ser ‘inmadura’ para la revolución; ningún proletariado, de la ciudad o del campo, puede ya ser excluido. Construir una revolución que destruya la explotación del hombre por el hombre y que esté fundada en las masas no sólo es necesaria, sino también posible”;*

2- o proletariado, como *“expresión de la única contradicción verdaderamente insalvable del capitalismo en cuanto modo de producción”,* é o sujeito histórico que poderá articular a convergência de forças revolucionárias em nível local e mundial. Mas, apesar do proletariado ser o “suporte” dessa contradição, “não há coincidência automática” entre tal circunstância e a “tomada de consciência” que fará dessa contradição o elemento que possibilite e motive a ação revolucionária. Portanto, superando a velha concepção “pedagógica” dos partidos comunistas, entendendo por tomada de consciência *“no un mero acto intelectual de captación de una verdad cerrada y externa al proceso, sino el desarrollo de la capacidad de crítica teórico-práctica de la contradicción”* (Pasado y Presente, 1973a: 7), essa “tomada de consciência” será o próprio processo de “atividade consciente e organizada”, sublinhando a imanência do processo e a autonomia do grupo social dirigente;

3- o papel da “atividade consciente e organizada” do proletariado na experiência de auto-constituição de uma nova sociedade, genuinamente socialista, supõe necessariamente uma modificação dos conceitos fundamentais da ação revolucionária. A saber:

a) um conceito de revolução crítico do “catastrofismo” econômico ou político:

Sustentar el criterio de que en las condiciones actuales de desarrollo del capitalismo, y en sociedades industrialmente desarrolladas, la Argentina incluida, la revolución no puede ya ser el resultado de una inevitable tendencia del sistema a su

derrumbe económico, ni la prolongación de tendencias maduras en la sociedad capitalista, ni la consecuencia inesperada de la desesperación o la rebelión elemental, ni el producto de una "vanguardia organizada de la clase". (...) (*Pasado y Presente*, 1973a: 7)

b) uma idéia não "etapista" da história e a idéia do socialismo como um "projeto" e não como uma necessidade histórico-natural:

El socialismo no es (...) la consecuencia del desarrollo 'racional' de las fuerzas productivas (...) El comunismo (...) no es un grado superior del progreso histórico, sino aquella subversión de la historia que el capitalismo hizo posible. (*Pasado y Presente*, 1973a: 10)

c) uma idéia de socialismo crítica do autoritarismo que se constituiu nas sociedades do chamado "socialismo real":

Socialismo y autoritarismo son conceptos excluyentes, aunque todas las experiencias socialistas conocidas aparezcan de una u otra manera como "autoritarias" (...) Una perspectiva socialista sólo aparece como realizable si es capaz de estimular y asegurar la irrupción de las masas en la política. (*Pasado y Presente*, 1973a: 8)

d) a crítica do "vanguardismo" e da revolução concebida como "ação de minorias", e a necessidade de superação das formas hierárquicas da estrutura social e política:

Una toma del poder que fuera resultado de la acción de minorías iluminadas, que actúan en nombre, por cuenta y sustituyendo a las masas, no podría estar en condiciones de resolver ninguno de los problemas históricos que legitiman una revolución (...) Una fuerza que aspire a la conquista del poder del Estado podrá legítimamente definirse como socialista y revolucionaria sólo si plantea al mismo tiempo transformar la estructura misma del poder político, si se lucha desde un comienzo por crear las condiciones más favorables para que desaparezca la división entre gobernantes y gobernados. (*Pasado y Presente*, 1973a: 8)

e) a idéia, extremamente avançada à época no âmbito da esquerda política e numa situação considerada como "revolucionária", de que o "poder" não é alguma coisa a ser "tomada", mas relações sociais que devem ser modificadas num complexo processo de transformação social:

...El poder no se 'toma' sino a través de un prolongado período histórico, de una "larga marcha", porque no constituye una institución corporea y singular de la que basta apoderarse para modificar el rumbo de las cosas. El poder capitalista constituye un sistema de relaciones que es preciso subvertir en sus raíces para que la nueva sociedad se abra paso. En sociedades complejas como la nuestra la revolución socialista no puede ser un hecho súbito, sino un extenso y complicado proceso histórico que hunde sus raíces en las contradicciones objetivas del sistema, pero que se despliega en el cuestionamiento del conjunto de sus instituciones (*Pasado y Presente*, 1973a: 12);

4- a formação de um “bloco de poder alternativo” pressupõe a elaboração de um projeto consciente, de uma alternativa programática fundada na transformação global do sistema. Mas esta “alternativa programática” deve ser um produto do próprio processo da praxis histórica das massas:

Si es verdad que la revolución no es un resultado ineluctable y que en las condiciones del capitalismo moderno dejaron de tener validez las estrategias tradicionales de la izquierda que superponían la estrategia de poder de una vanguardia jacobina a la rebelión espontánea y elemental de las masas, no es concebible la formación de un movimiento de masas que cuestione el sistema en cada sector, sin un proyecto general alternativo que dé sentido a las luchas parciales y que eluda el peligro de la corporativización. Y aunque la elaboración de esa alternativa plantea un conjunto de problemas teóricos de difícil resolución, es a las masas a quien corresponde en primer lugar resolverlos (*Pasado y Presente*, 1973a: 10);

5- uma alternativa deste tipo requer uma nova relação entre movimento de massas e direção política unitária e unificadora:

Unificar los movimientos de luchas aparentemente tan diversos como los del campo y de la ciudad, de los ocupados y de los desocupados, de los obreros y de los estudiantes, de las villas miserias y de los intelectuales, no puede significar entonces convertirlos en simples correas de transmisión de objetivos políticos no suficientemente comprendidos por las masas y elaborados por un “Estado mayor de la revolución”. Este es el error fundamental de las corrientes extremistas que creen factible unificar la multiplicidad de acciones reivindicativas únicamente en el momento en que se tornan explosivas adosándoles la consigna, abstractamente política, de la toma del poder (...) En nuestra opinión, unificar el movimiento significa elaborar objetivos de lucha de masas que sean visualizables como comunes por los distintos componentes sociales y que para ser conquistados requieran de una ruptura del equilibrio político, y que al mismo tiempo, tengan un valor prefigurador tal como para expresar acabadamente el potencial revolucionario del movimiento (*Pasado y Presente*, 1973a: 13);

6- apesar de, na Argentina de 1973, observarem-se transformações no comportamento de grandes contingentes que já não correspondem linearmente às decisões e planos das classes dominantes, desta “não disponibilidade” das massas para os objetivos do bloco dominante não é possível deduzir “la existencia en la masa de una consciente voluntad política hacia la realización de objetivos de revolución socialista”. Portanto, para que as manifestações autônomas das massas possam se transformar em “antagonismo político”,

...Es preciso que exista una fuerza política (no importa la forma que adquiera su estructura organizativa) capaz de unificar todos los componentes de las luchas sociales en una estrategia común y capaz, por lo tanto, de definir claramente un programa de alternativa socialista. Y es precisamente la existencia de esa fuerza la que prueba que la situación política está colocada en el terreno del antagonismo y de

que la no disponibilidad de las masas no podrá estar sujeta a las reacciones del propio sistema. (*Pasado y Presente*, 1973a: 12)

Na Argentina de junho de 1973, *Pasado y Presente* apontava, justamente na ausência dessa "força política dirigente", a falta de "*condiciones instrumentales para la instauración de un poder socialista*". Veremos mais à frente que, no final desse ano (no número de dezembro), a situação se modificaria, na visão da revista;

7- mas, se é assim, de onde partir para a construção desta força? Na visão do grupo editor da revista, "*partir de la fábrica para elaborar una estrategia socialista tiene para nosotros el valor de una fórmula paradigmática*".

La aparición de un poder obrero en la fábrica (ambiguo, transitorio, pero esencialmente autónomo) estará indicando que en la sociedad se opera un proceso de desplazamiento de las luchas del plano económico-reivindicativo al de la superestructura política. (*Pasado y Presente*, 1973a: 14)

Trata-se de afirmar, portanto, a "autonomia" operária como eixo das futuras construções políticas. O desenvolvimento desta autonomia "*rechaza el confinamiento corporativo en el ghetto de la fábrica*" e "*parte de la lucha por el control social del proceso productivo para cuestionar la estructura social en su conjunto*". Assim, este movimento articulado "*a través de una soldadura a nivel social del conjunto de tendencias implícitamente convergentes que rechazan la lógica del capitalismo*" poderia ser o eixo através do qual poderia constituir-se "*un nuevo bloque histórico revolucionario, capaz de sostener un programa de transformación de la sociedad*" (*Pasado y Presente*, 1973a: 16);

8- mas, sendo este o ponto de partida, resulta impossível, segundo *Pasado y Presente*, pensar na unificação política do conjunto de movimentos que nascem da lógica concreta de condições sociais determinadas e diversas "*sin la existencia de una estructura organizada del movimiento capaz de elaborar plataformas, de coordinar iniciativas, de dirigir en todos los niveles las conquistas obtenidas, de vincular la lucha de los distintos sectores cada vez que la situación lo exija*" (*Pasado y Presente*, 1973a: 16).

A necessidade de uma organização "se torna imprescindível" para que o movimento cresça e não se desagregue. Mas esta organização não pode ser nem a do sindicato nem a do partido.

El sindicato se mueve institucionalmente dentro de un horizonte contractual que lo obliga a respetar ciertas compatibilidades (...) Por otra parte, fuera de la fábrica el sindicato tiene una estructura burocrática semejante a la de los partidos...

En cuanto al rol de los partidos, tampoco ellos pueden sustituir la necesidad organizativa del movimiento de masa...

El partido, o en las condiciones presentes de la Argentina, las vanguardias en general, son esenciales para las luchas dentro y fuera de la fábrica, para combatir su momento corporativo, estimular su desarrollo político, la toma de conciencia de los nexos generales y también para esbozar su desembocadura política a niveles más generales. Pero sólo pueden realizar esta labor orientadora *desde el interior de un movimiento de masa que debe ser esencialmente autónomo, unitario y organizado.* (Pasado y Presente, 1973a: 17)

Assim, o raciocínio, de estrita construção gramsciana, conduz à fundamentação de uma estratégia "conselhista". A estrutura organizativa própria e autônoma do movimento *"no puede ser otra que una red de comités y de consejos (o sea, de organismos reivindicativos y políticos a la vez) que en cuanto órganos de democracia directa puedan ser controlados por las masas y expresen al conjunto de los sectores de lucha* (Pasado y Presente, 1973a: 17);

9- a insolúvel crise social deflagrada pela derrubada do governo populista de Perón foi levando a um crescente processo de radicalização e organização alternativa e autônoma de grandes massas sociais, especialmente as massas operárias, junto com uma crescente definição ideológica de caráter anti-imperialista e anti-capitalista. Numa Argentina que se considera *"madura para iniciar un proceso socialista"*, e na qual a classe operária é considerada como a *"única capaz de liderá-lo (págs. 3-4), é necessário levar em conta a "existencia de una realidad 'rebelde' que condiciona todo discurso político en nuestra sociedad: la identificación con el peronismo de la mayoría de la clase obrera y, en general, de todas las clases explotadas"*. Portanto,

La paradoja política que deben resolver los revolucionarios en la Argentina consiste en que manteniéndose (...) la necesidad de una fuerza que esté más allá de la inmediatez de la clase (es decir una "dirección conciente" que a partir de la espontaneidad organice a las masas para fines socialista) sus tareas deben realizarse en el interior de una clase obrera políticamente situada (...) En la Argentina de hoy la "cuestión obrera" no puede ser separada de la "cuestión peronista". Se trata de un *fato, no de una teoría* (Pasado y Presente, 1973a: 19);

10- Pressupondo a tese de que, por mais enérgica e extensa que seja a atividade das massas populares em geral e operárias em particular, a sua luta reivindicativa imediata não pode conduzir evolutivamente à destruição da organização capitalista da sociedade, não é possível, assinala Pasado y Presente, *"renunciar al carácter de salto cualitativo o 'violento' del momento revolucionario, ni a la necesidad de una organización política de vanguardia"* que se estabeleça como dirigente do conjunto do movimento.

La dificultad en transformar una crisis orgánica, como la que vive la Argentina, en crisis revolucionaria nos lleva a una conclusión obvia: las clases populares carecen todavía de una fuerza organizada que unifique sus movilizaciones anti-capitalistas,

que organice (esto es que dé permanencia) a sus rebeldías “espontaneas” para permitir que ellas superen la etapa de hostigamiento al enemigo y transformen sus movilizaciones en fuerza estratégica. La constitución y fortalecimiento de esa fuerza aparece, pues, como la condición para que la “impasse” se resuelva... (*Pasado y Presente*, 1973a: 18)

Já vimos, no ponto 5 desta exposição, as condições para que esta direção política do movimento, este partido “de vanguarda” não caia numa atitude “vanguardista”, que é criticada;

11- *Pasado y Presente*, dentro da lógica “conselhista” e autonomista predominante no primeiro número desta nova etapa, indica uma possibilidade de solução para a “dificuldade” que encontra no ponto mais alto das lutas sociais argentinas do período: o conjunto complexo do sindicalismo combativo cordobês:

El bloque sindical conformado por los sectores hegemónicos de la CGT cordobesa forma una sólida barrera de contención (*la más sólida* imaginable en la actual coyuntura política) para las clases dominantes, porque a la vez que unifica el movimiento de masas aprovechando todo el vigor del movimiento nacional-popular, prepara las condiciones para el avance de la conciencia y organización autónoma de la clase obrera. De ese modo concreto anticipa la constitución de una fuerza socialista, implantada profundamente en las grandes concentraciones obreras y capaz de unificar todos los componentes de las luchas sociales y políticas en una estrategia revolucionaria y socialista. (*Pasado y Presente*, 1973a: 28)

No número seguinte da revista (Nº 2-3, dezembro de 1973), a solução para esta questão – a direção do movimento transformador em seu conjunto – encontrará um novo curso em torno de uma perspectiva organizativa que depositava fortes expectativas na fusão das organizações *FAR* e *Montoneros*. Contudo, a revista continua com a temática do movimento operário, focalizando o problema da autonomia e o controle operário da produção. Vejamos brevemente as considerações que fundamentavam essa posição esperançosa nas possibilidades políticas da fusão das organizações da esquerda peronista, contidas no principal documento político deste número, o editorial assinado pelo coletivo de *Pasado y Presente*:

1- O triunfo do peronismo em 11 de março de 73 representou a aliança provisória de dois projetos antagônicos de sociedade – um projeto nacionalista burguês, dos setores da direita do peronismo, e outro revolucionário popular, dos setores radicalizados da esquerda do movimento. Portanto, a luta social para a viabilização de cada um destes projetos se desloca fundamentalmente para o interior do movimento peronista. “*La guerra declarada en el interior del peronismo y agudizada hasta el paroximo desde el regreso de Perón, es una de*

las manifestaciones más importantes, de la lucha abierta y frontal por la dirección de las massas", na perspectiva de uma ou outra saída para a crise política argentina.

2- O massacre de militantes da esquerda do movimento produzido em Ezeiza por parte da ultra-direita do peronismo, no dia do retorno de Perón, a renúncia do Presidente eleito Héctor Cámpora, fruto das pressões violentas desse mesmo setor e, finalmente, a anuência do próprio Perón a essa política de controlar os setores radicalizados, deslocando o movimento para a direita, indicam que o chefe do movimento estava decidido a barrar o projeto revolucionário a partir da nova presidência que assumiria em 12 de outubro.

3- Portanto, a sorte do processo revolucionário estava nas mãos e na sabedoria com que a esquerda do peronismo soubesse conduzi-lo.

...Hoy la posibilidad del socialismo atraviesa el movimiento peronista y sobre las espaldas de los peronistas revolucionarios recae la posibilidad de que esa posibilidad no se frustre. (*Pasado y Presente*, 1973b: 192)

Sobre los grupos revolucionarios del peronismo recae hoy una gran responsabilidad política por cuanto constituyen el núcleo originario de constitución de un dirección del proceso revolucionario en la Argentina. En la perspectiva de la construcción de una organización de masas con objetivos socialistas, la discusión de la que son protagonistas fundamentales representa el hecho político más importante de la actualidad (...) El desafío que ahora recogen es el de consolidar y profundizar esa inserción en la clase trabajadora y en el pueblo sin caer en el ultraizquierdismo, como lo pretendería la izquierda vanguardista y la derecha peronista. Esto es sin dilapidar el capital primero que los hizo crecer, colocándose fuera de la identidad política básica de las grandes masas trabajadoras. (*Pasado y Presente*, 1973b: 188)

Ou seja, a revista instava à esquerda a permanecer dentro do movimento peronista e resistir à tentação de passar de vez para a luta revolucionária armada, para a qual outras forças da esquerda revolucionária convocavam a esquerda peronista. O objetivo das chamadas "*organizaciones armadas hermanas*" era forçar a cisão do peronismo revolucionário e formar uma alternativa revolucionária unitária. Diante de tais propostas, que a revista qualifica de "*concepción absolutamente esquemática de la lucha política*", de "*estimación vanguardista del desarrollo de la lucha política*", *Pasado y Presente* convoca as organizações da esquerda revolucionária peronista para:

La profundización de la lucha de masas, el pleno despliegue de toda su capacidad de cuestionamiento del capitalismo, la consolidación de las direcciones reconocidas por ellas, la creación de organismos reivindicativos y políticos a la vez controlados por las masa y que expresen al conjunto de los sectores en lucha. (*Pasado y Presente*, 1973b: 191)

4- O objetivo central do movimento, longe da construção de uma “vanguarda” revolucionária, deveria ser, segundo o editorial, a construção de um movimento político “de massas”.

Si la revolución ya no puede ser concebida como el acto simple de la toma del poder (...) es preciso concebir al movimiento de masas, al partido político y a la hipótesis revolucionaria de manera distinta de como la sigue concibiendo una izquierda que se niega a aprender de los hechos y continua atada a los parámetros teóricos y políticos de la III Internacional. La revolución es hoy un extenso y complicado proceso de cuestionamiento de todas las instituciones, en el que se van conformando, sucesivamente, nuevas instituciones; es el crecimiento en el interior de la sociedad capitalista de un contrapoder de masa que se expresa como un movimiento multifacético, que rechaza en sus raíces la organización productiva del capitalismo y la división del trabajo social sobre la que se basa, un movimiento que (...) tiende a cuestionar al sistema mismo, creando de ese modo un estado de crisis social que se expande junto con la expansión del movimiento. Este movimiento de masas anticapitalista se ha de sostener sobre una amplia gama de organizaciones político-reivindicativas de masas, que se planterán a su vez tareas de preparación militar del conjunto de los trabajadores. (*Pasado y Presente*, 1973b: 196)

Como vemos, considerando o clima de agudíssimas lutas sociais e políticas que imperava na Argentina do momento, quando começava uma crise política de características inéditas – que, nos parâmetros da análise leninista, era qualificada por alguns como “situação revolucionária”, ou como “pré-revolucionária” por outros, mas que, de qualquer forma, correspondia a uma enorme crise social –, a revista escrevia numa prosa de urgência, para preparar o desfecho revolucionário. Assim, indicava:

Los movimientos de masas, apoyados en una estructura organizativa de base de carácter político, reivindicativo y militar, pueden arrancar conquistas parciales y hasta posiciones de poder (...) El crecimiento de movimientos de esta naturaleza significa la aparición de un dualismo de poder destinado a crear en el cuerpo social una crisis social y política. (*Pasado y Presente*, 1973b: 196)

5- Nesta perspectiva é que devia ser pensada a criação de “una organización política que se considere verdaderamente revolucionaria”. Essa nova organização deveria aceitar o desafio da nova relação com um movimento de massas politizado e autônomo, aceitando, portanto “un cuestionamiento de su propia concepción organizativa, una reformulación de su propuesta estratégica, de su vinculación con las masas, de su estructura organizativa”. Portanto, a revista sugere um novo tipo de partido.

...El “partido de la revolución” no puede ser considerado como un presupuesto de la acción sino como un resultado de esas luchas (...) Las vanguardias políticas solo pueden realizar una labor orientadora desde el interior de un movimiento de masas autónomo y organizado en una red de estructuras organizativas reivindicativas y políticas a la vez, estimulando el desarrollo político de ese movimiento, combatiendo

su momento corporativo, elevando la toma de conciencia de las vinculaciones entre la lucha local y el movimiento general, vale decir generalizando las experiencias de lucha y creando condiciones para nuevos avances. (Pasado y Presente, 1973b: 195).

6- Finalmente, a revista insiste em que esse grande movimento social devia estar hegemonizado pela porção "operária" fundada na centralidade econômica e política da "fábrica". A "*consigna de la centralidad de la fábrica*" é colocada como o princípio geral sobre o qual *Pasado y Presente* se dispõe a insistir até o cansaço, devido a que, a partir desse princípio, "*pueden fusionarse la lucha antiimperialista [que condensa a "contradição principal" do processo] con la lucha socialista*". E é justamente neste ponto crucial que se fundamenta essencialmente a escolha estratégica da esquerda peronista. Assim, se "*la lucha por la hegemonía obrera en el movimiento nacional pasa en lo político centralmente en el interior del peronismo*", será no desenvolvimento do enorme potencial do movimento de massa vinculado à esquerda peronista, e em particular à esquerda comandada por *Montoneros*, que a revista fundamentará sua estratégia. No desenvolvimento da organização operária, centrada na *Juventud Trabajadora Peronista* (JTP); da organização camponesa, centrada na Ligas Agrárias do nordeste argentino; das organizações de bairro, centradas nas organizações regionais da *Juventud Peronista* (JP) e nas organizações de favelados coordenadas pelo *Movimiento Villero Peronista*; nas lutas estudantis, residia a possibilidade de expandir o movimento transformador. Assim, uma enorme responsabilidade recaía sobre as organizações revolucionárias do peronismo. A elas adverte a revista nas últimas linhas do último editorial:

La dureza con que se plantea la lucha de clases, requiere cuotas enormes de audacia y de imaginación, junto con la serenidad y firmeza suficientes como para poder construir una alternativa socialista para la clase obrera sin automarginarse de un movimiento nacional que sigue siendo el espacio donde se refleja la unidad política de las grandes masas. (Pasado y Presente, 1973b: 203)

No marco destas definições políticas é que se realiza uma avaliação da fusão das organizações FAR e *Montoneros* (acontecida em 12 de outubro de 1973, dia em que o general Perón assume pela terceira vez a Presidência da República), que terá larga repercussão na história posterior do grupo, e que fundamentará a opinião daqueles que adjudicam ao grupo a tarefa de ser porta-voz dos *Montoneros*.

La reciente unificación de FAR y Montoneros, las dos más importantes organizaciones político-militares, desarrolladas y fogueadas paralelamente con la profundización de la conciencia de la clase obrera y de los trabajadores y más particularmente de la juventud, constituye un hecho destinado a tener una profunda significación en la historia futura de la lucha de clases en Argentina. Su trascendencia

reside en que por primera vez aparece un polo organizativo revolucionario sostenido sobre una propuesta estratégica correcta y una gravitación ponderable en las masas. (Pasado y Presente, 1973b: 192)

O grau de comprometimento político que se observa neste editorial exige a seguinte pergunta: se *Pasado y Presente* tinha alcançado esse lugar destacado na relação com a possível força condutora da revolução, por que a revista deixou de aparecer justamente no momento em que a crise se agudizava? Os participantes da experiência entrevistados não têm uma resposta definitiva. Segundo Juan Carlos Portantiero, a segunda etapa da revista tinha aparecido para intervir na política numa conjuntura que se modificava tão rapidamente que fez a revista perder a razão de continuar existindo. A revista tinha dito o que queria dizer e não tinha mais o que falar.

De fato, o período que vai da assunção de Perón até o comício de 1º de maio de 74 – quando Perón expulsa os *Montoneros* da *Plaza de Mayo*, marcando a ruptura definitiva com o velho líder e o início de um processo de luta fratricida no interior do movimento peronista, longe da ansiada paz social que iria trazer o *Velho General em Batalha*, como o definia González – representa o começo de um processo de lutas sociais intensas e extremamente violentas. Junto com as mobilizações e reivindicações de um enorme e transformador movimento social de massas, intensificaram sua presença as forças da direita mais obsoleta da sociedade argentina (atuando através dos grupos para-policiais e para-militares e conspirando na economia e nas Forças Armadas) e as organizações revolucionárias armadas, que recomeçaram as ações suspensas depois do triunfo de Héctor J. Cámpora, em 11 de março de 1973.

Como ratificam os entrevistados, as relações políticas de *Pasado y Presente* com a organização *Montoneros* se estabeleceram basicamente através das relações pessoais que vários dos membros do grupo tinham com Roberto Quieto, velho camarada no Partido Comunista e parceiro de cisão de Portantiero, no grupo *Vanguardia Revolucionaria*. A tendência de Quieto representava, para os membros do grupo, a possibilidade de o movimento se encaminhar numa direção que não abandonasse as profundas relações conquistadas com o movimento de massas revolucionado.

No es que nosotros diéramos un apoyo incondicional a Montoneros. Es que enfatizábamos y apostábamos en la otra corriente que había en Montoneros, que era la comandada por Quieto, que trataba de diseñar una línea política más cercana a la vieja tradición gramsciana de base, digamos: aquella que tenía en cuenta los consejos obreros, etc. La idea, fantástica se podría decir, era la de que uno podía intervenir en esa discusión que había en el seno de las organizaciones armadas, influyendo para que el proceso se encaminara en esta línea y no en la línea militarista

em que efectivamente se encaminó. (Tula, entrevista concedida ao autor, Bs. As., Julho de 1998)

A nova etapa de *Pasado y Presente*, diversamente da primeira, está orientada para uma participação ativa na ação política imediata. O próprio subtítulo muda, já não será "*Revista de ideología y cultura*", mas apenas "*Revista trimestral*". De fato, não encontramos nenhuma intervenção na área especializada da "cultura". Desta vez, *Pasado y Presente* é uma revista "política": mergulha no acontecer político, informa, analisa, delinea políticas e estratégias. Em particular o editorial do último número desta segunda fase, diferente do primeiro, que tem uma intervenção mais "teórica", tem toda a forma de documento estratégico de um partido: analisa a conjuntura, estuda as forças em conflito, avalia as diversas posições e possibilidades de cada força e esboça uma estratégia para aquela que estima poderá dirigir o processo. Contudo, realiza este trabalho tentando conservar seu lugar independente de intervenção na política sem formar parte de nenhum grupo político organizado, embora declare sua preferência pela esquerda do peronismo e, dentro desta, pela ala organizada em torno da aliança entre *Montoneros* e FAR. Não obstante, essa valoração da importância da fusão dessas organizações não representa uma filiação institucional da revista e do grupo aos *Montoneros*.

De fato, quando com a radicalização crescente do clima político se esgotaram as possibilidades desse tipo de intervenção "à distancia", como conselheiros, no processo político que estava acontecendo no interior da esquerda do peronismo, esta nova breve fase da revista se encerra. É que, apesar da forte proximidade com a política imediata que aparece na segunda série da revista *Pasado y Presente*, o mais relevante parece ser o fato de o grupo nunca ter-se decidido a abandonar a intervenção predominantemente cultural e se constituir numa força política autônoma. A necessidade de passar a uma atuação e comprometimento político mais relevantes talvez tenha sido um dos motivos da retirada de cena da revista em sua segunda fase.

O trabalho na editora *Siglo XXI*, que continuará ainda durante dois anos, será a atividade grupal mais evidente. Neste último esforço editorial na Argentina, em 1974 e 1975, acaba-se a preparação da edição crítica de *O Capital* (embora os dois últimos dos oito tomos só serão publicados no México, a partir das matrizes preparadas na Argentina) e publicam-se em torno de quinze novos *Cuadernos*. Em 2 de abril de 1976 a sede da editora é fechada e dois de seus membros, Alberto Díaz e Jorge Tula, são presos. O primeiro é libertado um mês depois. Jorge Tula, depois de estar um mês na qualidade de "desaparecido", é

reconhecido como preso político e , em fevereiro de 1977, o governo lhe concede a opção de partir para o exílio. No México se encontravam os velhos companheiros, Aricó, Del Barco, Portantiero e outros, exilados desde maio de 1976.

4.4. Desenlace. A “voragem de violência”

No período 1963-1973, num multifacetado movimento social transformador, as tendências de base para a autonomia operária e o pensamento socialista tiveram um encontro fecundo que o desenrolar dos acontecimentos não deixou progredir. Frente ao agravamento da crise política a partir da ofensiva da ultra-direita em junho de 73 e a derrubada do governo de Cámpora, um mês depois, a luta armada se impôs como método de luta da organização *Montoneros* (afastando-se, na adesão ao caminho militarista, da sua enorme base de massas) e de grupos menores – embora importantes militarmente –, como o ERP. Finalmente, a derrota da luta armada pelos militares e a ditadura mais sangrenta que o país conheceu puseram fim ao período.

Nesta etapa, a relação entre as duas tendências mais dinâmicas dentro do movimento revolucionário de conteúdo socialista que se desenvolvia crescentemente – a tendência de base, oriunda principalmente dos setores sindicais, que visava a um processo transformador a partir do movimento operário e popular de características autônomas, e a tendência que visava à tomada do poder através da luta armada –, é complicada. Encontramos a diferença de metodologia diante da crise, por exemplo, na seguinte posição de Agustín Tosco, um dos mais prestigiados dirigentes sindicais desse período, diante do assassinato, em 25 de setembro de 1973, do líder sindical José Rucci, à época seu principal adversário no seio da CGT. Criticando a ação guerrilheira, declarava Tosco:

Nuestro gremio denunció permanentemente a la burocracia sindical cuyo principal exponente era José Rucci. Mas ello no lo llevó ni lo llevará nunca a la acción de los atentados personales para desembarazar al sindicalismo argentino de tráfugas y traidores. **Sólo la lucha por una plena democracia sindical de base se considera camino apto para la autodeterminación de los trabajadores.** (Em Lannot et alli., 1984: 35-36. Grifos, RB)

Indagando retrospectivamente sobre as possibilidades de uma outra resolução para o conflito social argentino da época, Carlos Altamirano, num artigo recente sobre o *Cordobazo*, se pergunta:

Cuál hubiera sido el curso de las cosas si aquello que el cordobazo liberó -el clasismo, para decirlo con una palabra de entonces- hubiera tenido como complemento otra izquierda. Quiero decir, una izquierda menos hechizada por la aventura del partido armado, menos prisionera del espíritu de dominación, menos entregada a las simplificaciones del maniqueísmo político. O sea, una izquierda más abierta a la novedad del acontecimiento, más interesada en asociar la autonomía obrera con la democracia política, más preocupada por hacer de esa autonomía el núcleo de un vasto movimiento de reformas sociales. (Altamirano, 1994: 23)

Esta reflexão é interessante porque mostra a ineficácia histórica do tipo de pensamento político de esquerda que, por exemplo, expressava-se no editorial do primeiro número da segunda fase da revista *Pasado y Presente*. O grupo poderia ter desempenhado esse papel fundador de uma esquerda diferente, pela qual pergunta Altamirano? Existia o espaço político para essa outra esquerda, a esquerda que assinala Altamirano como desejo, a esquerda da "autonomia operária" e da "democracia política"? Podemos registrar que, pelo menos, existiam certos sujeitos históricos, coletivos e individuais, que sustentavam em parte essa prática: o movimento operário organizado na CGTA, Agustín Tosco, Atilio López, etc. Por outro lado, em termos de cultura política e teoria da transformação social, Gramsci já estava à disposição de um grupo experiente na disputa ideológica e política, com vínculos com a esquerda, com o movimento operário, etc. Segundo a opinião do historiador Osvaldo Coggiola a respeito do problema,

La lógica de ellos [*Pasado y Presente*] tendría que haber sido la de formar una especie de partido eurocomunista. Lo que pasa es que no hubo margen política para que ellos hicieran eso. Por varios motivos. En primer lugar, los agarró la dictadura de Onganía. Y ahí los partidos que se fortalecieron en la lucha contra la dictadura de Onganía, no eran ni podían ser eurocomunistas. Era la radicalización, se fortalecían los grupos políticos radicales. Por otro lado, el grupo de *Pasado y Presente* tenía contacto también con la extrema izquierda. Entonces había una contradicción, por un lado Gramsci, y por otra lucha armada. De todos modos, en las condiciones del 66 al 76 en la Argentina no hubo ni la menor oportunidad de organizar un partido eurocomunista. (Coggiola, entrevista concedida ao autor, São Paulo, nov. de 1996)

Sobre as posições na segunda etapa, quando o grupo de *Pasado y Presente* se vincula à organização *Montoneros*, numa situação na qual "*creyendo ser actores de um proceso que marchaba en el sentido de nuestros ideales revolucionarios, sólo éramos las ciegas víctimas de una guerra civil en ciernes*", Aricó destaca os reparos do grupo diante do rumo dos acontecimentos:

La revista mantuvo fuertes reservas frente a un movimiento que militarizaba siempre más la política con todas las consecuencias nocivas que este deslizamiento acarrearba: la substitución de los instrumentos políticos que le posibilitaron conquistar un espacio de relativa importancia, por una estrategia terrorista tendiente a golpear el corazón del estado; la consolidación de una estructura organizativa

groseramente autoritária y el desprecio cada vez más evidente por aquel movimiento social y político que contribuyeron primero a crear y que no ayudaron luego a preservar de su aniquilamiento. (Aricó, 1987: 77)

Por sua vez, sobre este segundo período, quando a constituição de uma alternativa para a sociedade se relacionava com a capacidade demonstrada pelo peronismo para manter a classe operária no seu interior, depõe Portantiero:

Más que una apuesta al peronismo, era una apuesta a que en el interior del peronismo surgieran movimientos de recomposición política orientados al socialismo. Era una fusión de clasismo Sitrac-Sitram con un escenario cultural para la clase obrera que nos parecía colocado en el interior del peronismo. Una apuesta que estaba equivocada. Y todo esto en el marco de una cultura política generalizada que apostaba a la guerra y al partido armado. Cuando Sebreli dice que *Pasado y Presente* era un órgano oficioso de Montoneros está macaneando, porque nosotros nunca nos colocamos allí (...) Pero por otro lado debo decir que de alguna manera todos fuimos Montoneros, no literalmente, sino como elección de una cierta inflexión histórica. El que no era Montonero, en ese sentido metafórico, era del otro partido armado que había en la Argentina.¹⁷ Gramsci servía para apuntar ciertos elementos existentes en la clase obrera peronista, una experiencia de clase con perspectivas consejistas y de democracia de base, conceptos que sacábamos de la obra gramsciana para interpretar el conflicto social argentino. Por otra parte, el número de *Pasado y Presente* donde aparece la mayor referencia a montoneros, está dedicada al tema de los consejos de fábrica. Así que nosotros teníamos un discurso que realizaba un "zurcido" de una cantidad de cosas, un "paquete" de ideologías. (Portantiero, 1991: 8)

Finalmente, perguntando-se sobre a influência real do grupo de *Pasado y Presente*, e argumentando sobre a necessidade de um balanço de sua experiência, Aricó (1988: 67) assinala que *"el balance crítico todavía no ha sido hecho, pero debería imponérsenos como una exigencia porque fuimos parte activa de ese proceso incontrolado que condujo a la sociedad argentina a una increíble espiral de violencia"*.

Neste capítulo e no anterior, apresentamos uma série de elementos para este balanço crítico em torno da participação de *Pasado y Presente*. É claro que qualquer tentativa de avaliação crítica de uma experiência particular na história argentina daqueles anos seria fracassada se não se levasse em conta que ela deve ser inscrita nos marcos de uma revisão histórica crítica que só agora, vinte anos depois, está começando a ser produzida. Por outra parte, dado que o grupo colocou sua participação principal no processo político por meio de uma

¹⁷ Concordando com estas posições de Portantiero, no mesmo lugar em que critica os erros dos Montoneros, sublinha Aricó (1988: 77-78): *"Y sin embargo, estábamos en el mismo bando. De nada sirve introducir un juicio retrospectivo que silencia el clima de época en el que se produjo la aproximación y el encuentro de una izquierda intelectual con el movimiento peronista de izquierda dirigido por Montoneros. En los años setenta, algunos más, otros menos, fuimos todos montoneros"*.

estratégia de intervenção cultural, de intervenção através das idéias, é neste ponto que a avaliação deve ser encarada.

Então, o que poderíamos provisoriamente afirmar quanto a esta questão? Como já indicamos, *Pasado y Presente* inscreve sua participação num mundo social marcado pela idéia de "revolução", uma revolução já madura e esboçada na trama histórica das lutas sociais mas que, na velha linguagem leninista, não conseguia constituir seu "fator subjetivo": as idéias e a direção política adequadas para a construção de um projeto socialista de sociedade que se inscrevesse na história nacional das lutas populares. A velha esquerda tinha fracassado nesta tarefa e seria a função da nova esquerda revolucionária encontrar as vias apropriadas.

Nesta direção, *Pasado y Presente* teve vários méritos. Publicou, como indicamos, "idéias para a revolução", mas de um modo aberto à heterodoxia, híbrido, generoso, dentro do mundo marxista. Esta abundância de idéias fica expressa nos sessenta números dos *Cuadernos de Pasado y Presente* publicados até o exílio do grupo editor, nos quais se encontra um mundo de idéias transformadoras que poderia ter fundamentado a criação de uma esquerda mais lúcida, ou "aberta ao acontecimento", como expressa Aricó, se o trágico desfecho da crise política não tivesse abortado o processo.

Por outra parte, na outra grande participação teórico-política da época, a segunda etapa da revista *Pasado y Presente*, o que encontramos, com as limitações do período, é, por um lado, uma análise adequada da conjuntura nacional e, por outro lado, baseada nessa análise, uma *aposta* numa direção na qual os acontecimentos não se encaminharam. O debate para estabelecer se a "linha política" desenhada pelo editorial do segundo número de *Pasado y Presente* (ou qualquer outra linha política da época) era correta está destinado a "patinar no vazio" enquanto não se consiga construir um certo consenso em torno do processo histórico que culminou no golpe de 1976 – sobre os acontecimentos históricos, sobre os atores sociais e políticos e suas respectivas posições, etc. O trabalho historiográfico em torno dessa etapa está ainda na sua fase liminar, embora, como já indicamos, tenha surgido nesta década um esforço teórico nesta direção. Contudo, os elementos analíticos encontrados na segunda série da revista e brevemente expostos, utilizados para a explicitação do processo político e para a fundamentação da linha estratégica sugerida, são extremamente valiosos, e neles reside o valor da intervenção. Encontraremos vários desses elementos analíticos, posteriormente, num texto importante da corrente gramsciana na América Latina, "*Los usos de Gramsci*", de Juan Carlos

Portantiero, publicado pela primeira vez no Nº 54 dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, em 1977, no México (embora o corpo fundamental deste texto estivesse acabado em 1975, segundo nos informou Portantiero em julho de 1998).

Se dois de nossos pressupostos iniciais em torno da experiência de *Pasado y Presente* ficam claramente confirmados até a culminância desta etapa histórica no golpe militar genocida de março de 1976, a saber, a *definição de uma estratégia de intervenção cultural na política* e a *construção de uma identidade histórica de Pasado y Presente, através do fio vermelho gramsciano e centrada na mitológica Córdoba dos anos sessenta*, com a emergência do golpe militar aparece a substância histórica da terceira das nossas hipóteses centrais: dentre as tantas rupturas históricas, culturais, políticas e individuais a que o golpe militar deu lugar, em torno do pensamento gramsciano, particularmente, abrir-se-á uma brecha cultural profunda entre a geração intelectual formada antes do golpe e as novas gerações que irromperam na vida política com a abertura democrática em 1983-1984. Enquanto este importante patrimônio teórico e político da esquerda tem um desenvolvimento fora do país, e os próprios intelectuais gramscianos argentinos se destacam no debate teórico latino-americano, na Argentina praticamente desaparece esta variante da cultura política da esquerda. Os mais ricos debates da intelectualidade da esquerda argentina ocorrerão em outros países da Europa ou da América. No caso de *Pasado y Presente*, acontecerão no exílio mexicano, e veremos alguns de seus desenvolvimentos no próximo capítulo.

Capítulo 5.

O exílio mexicano e a revolução conceitual da esquerda

5.1. O lugar do México na elaboração de uma nova virada renovadora no pensamento da esquerda latino-americana nos anos 70-80

O México, país de contornos políticos internos extremamente controvertidos, na sua política exterior tem-se destacado por ser um país que abrigou generosamente diversas tendências de exilados políticos. Em particular, a esquerda de vários países latino-americanos, afetados pela trágica etapa das ditaduras militares, encontrou no México uma acolhida amável, convertendo-se este, a partir da segunda metade dos anos 70, num ponto nevrálgico do movimento transformador da América Latina. Numa América do Sul submergida em ditaduras militares sanguinárias, com a democracia política imperando em uns poucos países e com uma América Central explodindo em movimentos revolucionários, o México (fundamentalmente, mas não só: Venezuela, Cuba, Costa Rica jogaram um papel similar, mas de menor peso) foi caixa de ressonância e lugar privilegiado de observação, estudo e discussão dos processos em marcha nas sociedades latino-americanas, e suas universidades e institutos de pesquisa espaços freqüentados por uma plêiade de intelectuais vinculados à esquerda das diversas variantes que cresceram nesses anos turbulentos. O México foi, ao mesmo tempo, um lugar destacado na publicação de textos vinculados à cultura socialista e ao marxismo em particular.

Para entender plenamente o significado e a importância da “circunstância mexicana” no processo de renovação do pensamento de esquerda, é necessário levar em conta, embora brevemente, alguns aspectos econômicos, políticos e culturais do México dos anos 70, em particular da segunda metade dessa década.

Do ponto de vista econômico, o México (e também a Venezuela) teve um lugar central na nova organização da economia mundial depois da chamada crise do petróleo, deflagrada com a autonomização dos países da OPEP. O petróleo mexicano e o venezuelano serão a contrapartida organizada a partir dos EEUU para enfrentar a desarticulação da economia mundial provocada pela política dos países árabes. É a época do “boom” petrolífero, da afluência de capitais, do desenvolvimento acelerado da economia mexicana. Um “boom” econômico, é bom lembrar, que foi não apenas breve, já que acabou numa crise radical em

1982, mas também nunca realmente estável, já que conviveu permanentemente com a crise capitalista mundial e com a própria crise mexicana¹. O crescimento econômico mexicano não fugiu da estratégia do capitalismo central de aliviar sua própria crise através de mecanismos que levaram ao endividamento generalizado dos países do chamado Terceiro Mundo e à chamada “crise da dívida externa”. Contudo, o importante é que o *boom* do petróleo mexicano se expressou no mundo cultural numa “época de ouro” das universidades, que contavam com enormes recursos para a pesquisa e a publicação e com possibilidades inéditas de financiar as visitas de renomados intelectuais do mundo naquele momento. Como nos lembrava o Professor Gabriel Vargas, da Universidade de Puebla, “*la UNAM se transformó en una especie de Sorbona: estaba Foucault en un lado, Ricoeur, Buci-Glucksmann en otro, etc*” (Gabriel Vargas, entrevista concedida ao autor, México D.F., abril de 1997).

Do ponto de vista político, iniciava-se, em 1976, o sexênio de José López Portillo, período particularmente rico da vida política mexicana. De 1970 a 1976, e como consequência de um intenso período de lutas sociais e políticas, a crise do modelo político dirigido pelo PRI desde 1929 levou o governo de Luis Álvarez Echeverría à abertura do período da “reforma política” (Lei Orgánica de Partidos Políticos y Elecciones - LOPPE-, de 1971). No final de seu mandato, junto com um aumento substancial nos gastos sociais, destinados a desarticular a mobilização social, o governo iniciou uma série de medidas democratizadoras, a chamada “abertura política”. Extremamente limitada na época de Echeverría, a reforma iniciou, contudo, um novo período que se desenvolveria intensamente no sexênio de Lopez Portillo, gerando uma espécie de reverdecer da vida política.

Um dos componentes centrais dessa nova etapa política se encontra no fato de que, a partir de 1976, a esquerda mexicana iniciou um intenso período de reorganização – com a consequente intensificação da discussão política, da busca de novos caminhos e paradigmas – que teve entre suas mais relevantes consequências a dissolução do tradicional *Partido Comunista Mexicano* (PCM) e a criação de um novo e amplo partido, o *Partido Socialista Unificado Mexicano* (PSUM), em 1981.

¹ “...Entre dichos problemas se hallaban una inflación creciente, una deuda externa enorme, altas tasas de interés y déficits en la balanza de pagos. La crisis de 1976-1977 produjo un drástico programa de austeridad y condujo a una mayor influencia del Fondo Monetario Internacional en los asuntos económicos de México. Como parte de las medidas de estabilización económica que se pusieron en práctica en 1976-1978, los salarios reales y los niveles de vida de la mayoría de los trabajadores mexicanos sufrieron un duro ataque”. (Barry Carr, *La izquierda mexicana a través del siglo XX*, México: Era, 1996, pág. 281)

Do ponto de vista da cultura política, tanto o processo democratizador como o original processo de reorganização da esquerda significaram uma enorme mudança. A resposta democratizadora do governo às lutas sociais e à insurgência dos grupos guerrilheiros do final dos anos 60 teve sua contrapartida numa intensa discussão dentro da esquerda sobre sua própria estratégia política. A centralidade que a vida democrática adquiriu no novo panorama político produziu, por exemplo, uma aproximação do PCM aos debates dos partidos do chamado "eurocomunismo" e, portanto, a uma radical rediscussão dos conceitos, paradigmas e posicionamentos políticos internacionais. O correlato teórico se encontra numa maior aproximação e uso do arcabouço conceitual gramsciano. Segundo um analista mexicano da esquerda latinoamericana, num trabalho que analisaremos mais detalhadamente neste capítulo,

La posición oficial del partido comunista Mexicano (PCM) y luego del Partido Socialista Unificado de México (PSUM), desde finales de los años setenta hasta su desaparición en 1987, fue básicamente eurocomunista (...) La corriente eurocomunista rechazó el carácter vanguardista del partido y rechazó que la clase obrera fuera el sujeto exclusivo de la lucha política, desarrollando una propuesta que se orientara a recoger la voluntad colectiva, nacional y popular, de acuerdo con los planteamientos de Antonio Gramsci. (Kim Park, 1996: 147)

Por outro lado, estavam em andamento, no terreno da teoria, transformações relevantes que modificariam, por sua vez, a própria política. O velho marxismo de origem soviética é posto em xeque pelas novas tendências do chamado "marxismo ocidental", que tinha ingressado no universo intelectual mexicano com toda a sua força a partir de meados dos anos 60. Primeiramente Althusser, depois Gramsci.

En el 65, empieza a difundirse la obra de Althusser. Antes se había difundido la obra de Marcuse, la Escuela de Frankfurt, Erich Fromm, etc. De todas formas, del 65 al 75 la influencia de Althusser fue importantísima. Aquí Althusser fue la figura fundamental. Se reformaron los planes de estudio de las universidades para leer el Capital. En fin se transformó todo. Hubo un "althusserianismo". La intelectualidad teórica de izquierda se dividió entre "althusserianos" y "anti-althusserianos". En fin hay un largo y gran debate sobre Althusser y sus temas, y creo que entre el 65 y el 75 la escuela soviética queda anulada, queda desplazada por el debate epistemológico. (Gabriel Vargas, entrevista concedida ao autor, México D.F., abril de 1997)

Essa "althusserianização" da cultura política da esquerda, como nos lembra Arnaldo Córdova, foi ao mesmo tempo o principal canal pelo qual Gramsci, de um modo "perverso" (segundo sua colocação), foi introduzida na cultura mexicana desses anos. Assim,

O marxismo vulgar e esquemático derivado do stalinismo continuou dominando durante grande parte dos anos 60, e ainda nos anos 70 havia numerosos

seguidores desta característica perversão do socialismo científico. Porém Gramsci já estava disponível no México desde fins dos anos 50, mediante as edições (realizadas pela editora Lautaro, da Argentina) dos *Quaderni* em sua primeira versão editorial e também da primeira edição das *Cartas do Cárcere*. Mas Gramsci foi apenas uma raridade editorial e nada mais. Evidentemente, os poucos que o liam não encontravam nele nenhuma inspiração (...)

A esquerda militante finalmente conheceu Gramsci de maneira mais ou menos generalizada, mas isso ocorreu de modo muito lamentável. Em 1967 começou a ser publicada no México a obra de Louis Althusser (...) Althusser fez com que Gramsci se tornasse moda no México, e é provável que isso também tenha ocorrido em outras partes da América Latina. O lamentável de tudo aquilo consistia em que as obras de Gramsci ainda não estavam disponíveis em espanhol, depois de que as edições de Lautaro se tinham convertido em raridade de livraria (...) Como se pode imaginar, quando Gramsci finalmente caiu nas mãos dos militantes de esquerda estava irremediavelmente precedido de uma péssima fama, não apenas de "croceano" e "historicista", mas até de "reformista". (Córdova, 1988: 98-99)

Veremos, ainda neste capítulo, como essa caracterização "perversa" do pensamento gramsciano não passará sem conseqüências na hora de avaliar o pensamento renovador da esquerda. Para além da avaliação que mereça o papel da difusão desses novos modelos de pensamento e a relação entre eles, o importante neste ponto é a questão do novo momento cultural não apenas no campo relativamente estreito da esquerda política mas, fundamentalmente, no terreno mais amplo da vida intelectual e universitária, na qual ingressaria em cheio a intelectualidade argentina exilada. O mais importante é que essa intelectualidade, forjada em vinte anos de um debate teórico extremamente rico, chegou ao México num momento em que a reflexão sobre a sua própria história intelectual e derrota política poderá se enlaçar na reflexão que os mexicanos iniciavam sobre si mesmos, num clima cultural de abertura política e democrática. Era, sem dúvida, como será confirmado pelas produções teóricas da época, uma conjunção histórica extremamente produtiva.

Vale a pena destacar que uma boa parte desta difusão e discussão das idéias de esquerda se realiza, nessas circunstâncias, amparada e promovida pela "institucionalidade" universitária. Vários importantes seminários jogaram um papel relevante nesta difusão e discussão. Ficaram particularmente afamados os seguintes encontros: as *Jornadas* sobre o tema "*El Estado de transición en América Latina*", Puebla, Outubro de 1978²; o *Colóquio* de Culiacán, Sinaloa, sobre Mariátegui, em 1980; o seminário de Morelia, Michoacán, dedicado à discussão da funcionalidade metodológica e política do conceito de hegemonia, também em 1980. Em particular este último seminário foi concebido nessa

² O debate foi publicado no livro *Movimientos populares y alternativas de poder en Latinoamérica*, ICUAP-Editorial Autónoma de Puebla, 1980.

interseção problemática de política e teoria, e não por acaso foi Gramsci o elo aglutinador. Com um lamentável atraso de cinco anos, em 1985, aparece um livro com as principais intervenções no seminário³. O texto tem uma introdução de Julio Labastida, o principal organizador do evento, e um prólogo de José Aricó. O fato de ser ele quem prefacia o texto que melhor expressa o lugar alcançado pelo conceito de hegemonia na América Latina é indicativo do lugar por ele conquistado na vida intelectual mexicana. No prólogo ao livro originado pelo seminário, reflete Aricó:

El objetivo del seminario era romper esta suerte de brecha abierta entre análisis de la realidad y propuestas teóricas y políticas de transformación. Para ello era preciso tender a buscar una aproximación a la política que, sin desvirtuar la naturaleza de un seminario de cientistas sociales donde se discute sobre teoría política, pugnara por encontrar un nivel de mediación con la realidad en la que las fronteras demasiado rígidas entre lo "académico" y lo "político" se desdibujaran (...) El seminario, (...) no se propuso analizar cómo y a través de qué caminos se impuso históricamente la hegemonía de las clases dominantes en las naciones latinoamericanas, sino, más bien, cómo y a través de qué procesos y recomposiciones teóricas y prácticas puede construirse una hegemonía proletaria, o popular (...) capaz de provocar una transformación radical acorde con las aspiraciones democráticas de las clases trabajadoras del continente. **Es precisamente esta perspectiva de las clases populares la que se deseaba subrayar...** (Aricó, 1985: 11-12. Negritos RB)

Por sua vez, Julio Labastida, coordenador do livro e Diretor, na época do seminário, do *Instituto de Investigaciones Sociales* da UNAM, entidade que organizou o evento, expressa na introdução ao livro:

Ante la ausencia de una teoría capaz de unificar en el campo de la reflexión política los momentos democráticos y socialistas, las corrientes marxistas han insistido en la concepción clásica según la cual, y a partir de un arco de alianzas de clases dirigidas por el proletariado, el movimiento reivindicativo-corporativo de las masas será capaz de generar una crisis social y, en virtud de la presencia de una organización política determinada, podrá conducir a trastocar el poder existente. El objetivo central de las clases populares, según esta concepción, se expresa en una política llamada de "acumulación de fuerzas" que prepare el momento de la toma del poder. En la medida en que dicha acumulación de fuerzas es concebida esencialmente como una mera unificación instrumental y no como la expresión consciente de una hipótesis estratégica y de una teoría de la transición, no puede unificar en un proyecto social único al conjunto heterogéneo de las clases populares.

Los procesos políticos que condujeron en el pasado a una transitoria conquista del poder por no haber sido el resultado de una real y efectiva unificación social y política de las masas populares, se mostraron inmaduros para resolver las difíciles tareas que presupone la total transformación económica, social y política de un país, no lograron mantener el pleno consenso de las masas populares y condujeron rápidamente a soluciones autoritarias. El hecho de que en el análisis de estas

³ *Hegemonia y alternativas políticas en América Latina*, Siglo XXI, México, 1985.

experiencias frecuentemente las izquierdas socialistas tiendan a hacer recaer sobre factores "externos" al propio processo la responsabilidad fundamental del fracaso, revela las limitaciones de las hipótesis estratégicas. En última instancia, a un extremo voluntarismo de la teoría corresponde una práctica que dicotomiza las propuestas democráticas y socialistas.

En este sentido, el objetivo del seminario fue reflexionar sobre las posibilidades de establecer un campo de análisis integrado para lo que en la realidad y en la teoría aparece desarticulado y hasta contrapuesto. Ello supone la reconsideración crítica de las categorías analíticas utilizadas hasta el presente. (Labastida, 1985: 9-10)

Embora não seja possível discutir adequadamente as diversas posições defendidas no seminário, é necessário indicar a relevância teórica dos intelectuais reunidos em Morelia e suas propostas de trabalho. Não foi apenas pelo tema da convocatória, mas pela qualidade e variedade de posições dos trabalhos apresentados que o seminário se transformou num marco histórico do debate da questão da hegemonia na América Latina⁴.

A importância do seminário e de suas conclusões radica em que, por um lado, expressava um marco de máxima expansão da influência do pensamento gramsciano entre a intelectualidade latino-americana, estabelecendo um código de leitura integral de Gramsci centrado num conceito que permitia articular adequadamente o conjunto dos seus escritos, do cárcere e anteriores. Por outro lado, a madura reflexão em torno da problemática da hegemonia abriu uma perspectiva adequada para a esquerda recuperar para si um conceito precioso da tradição socialista que tinha sido abandonado e doado irresponsavelmente à "ideologia burguesa": o conceito de democracia.

⁴ No debate da primeira parte do seminário, "*Problemas teóricos de conceptualización*", encontramos os seguintes trabalhos: **Ernesto Laclau**, "*Tesis acerca de la forma hegemónica de la política*"; de **Liliana de Riz e Emilio de Ipola**, "*Acerca de la hegemonía como producción histórica*"; **Carlos Martínez Assad**, "*La hegemonía como ejercicio de la dominación*"; **Norbert Lechner**, "*Aparato de Estado y forma de Estado*"; **Carlos Pereyra**, "*Hegemonía y aparatos ideológicos del Estado*"; **Chantal Mouffe**, "*Hegemonía, política e ideología*". Na segunda parte dos trabalhos, denominada "Recomposición política y crisis de hegemonía": **Jordi Borja**, "*Sobre la izquierda y la hegemonía en los países de Europa del sur*"; **Lundolfo Paramio e Jorge Reverte**, "*La crisis de hegemonía de la burguesía española*"; **Luis Maira**, "*Racionalidad y límites de las construcciones ideológicas en la política de los Estados Unidos hacia América Latina*"; **Fernando Fajnzylber**, "*Sobre la restructuración del capitalismo y sus repercusiones en América Latina*". Na última parte, denominada "*Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*", encontra-se a maior parte das intervenções: **Sergio Zermeno**, "*Los referentes históricos y sociológicos de la hegemonía*"; **Juan Carlos Portantiero**, "*Notas sobre crisis y producción de acción hegemónica*"; **Héctor Béjar**, "*Aproximación a nuevos puntos de partida para la izquierda en América Latina*"; **Teodoro Petkoff**, "*Alternativa hegemónica en Venezuela*"; **Julio Cotler**, "*Democracia, movilización popular y Estado militar en el Perú*"; **Manuel Antonio Garretón**, "*Problemas de hegemonía en regímenes autoritarios*"; **Fernando Henrique Cardoso**, "*Los partidos políticos y la participación popular en un régimen de excepción*"; **Regis Castro de Andrade**, "*Política social y normalización institucional en el Brasil*"; **René Antonio Mayorga**, "*Empate histórico y debilidad constructiva: la crisis del proceso de democratización en Bolivia*"; **Edelberto Torres-Rivas**, "*El Estado contra la sociedad: las raíces de la revolución nicaragüense*"; **Pablo González Casanova**, "*Los trabajadores y la lucha por la hegemonía en América Latina*"; **Rolando Cordera campos**, "*Política económica y hegemonía*"; **Francisco Delich**, "*Estructura agraria y hegemonía en el despotismo republicano*".

A possibilidade de recuperação do conceito de democracia em códigos que superassem a limitada interpretação liberal apareceu vinculada a esta nova elaboração em torno do conceito de hegemonia, acontecida nesses anos. Em conjunto, o processo de crítica do paradigma anterior de transformação – o paradigma “leninista” da “revolução” –, de adoção da crítica gramsciana através da complexa elaboração do conceito de hegemonia, e de “re-apropriação” do conceito de democracia constitui o núcleo fundamental daquilo que denominamos a “nova virada renovadora” do pensamento da esquerda latino-americana.

Contudo, esta noção de “nova virada renovadora” não é isenta de interpretações discordantes e exige um trabalho específico de esclarecimento. Por que é “nova” esta virada? Qual é essa “esquerda” que afirmamos realizar uma virada renovadora no seu pensamento? Qual o conteúdo dessa “virada”? Discutiremos a seguir alguns dos diversos problemas que se nos colocam neste ponto.

Existem muitos trabalhos escritos sobre a crise e renovação do pensamento de esquerda, particularmente depois da crise do chamado “mundo socialista”⁵. Contudo, parece-nos interessante e adequado, para abordar estas questões – dada a proximidade com nosso trabalho e a relativa amplitude com que aborda o tema –, estabelecer um diálogo crítico com uma tese de doutorado defendida em 1996 na *Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Ciencias políticas y Sociales, Instituto de Estudios Latinoamericanos*. A tese, intitulada “*Pensamiento renovador de la izquierda latinoamericana en el contexto neoliberal*”, de Ki-Hyum Kim Park, foi realizada sob a orientação da Prof. Raquel Sosa. A abordagem crítica do texto de Kim Park se torna uma oportunidade adequada para trabalhar as idéias centrais de um texto-chave da época: *Los usos de Gramsci*, de Juan Carlos Portantiero⁶.

Depois de analisar, nos quatro primeiros capítulos da tese, o “contexto neoliberal”, Kim Park dedica os três últimos ao que denomina o “pensamento renovador” da esquerda latino-americana na sua relação com o pensamento neo-

⁵ Só para mencionar alguns desses textos, podemos indicar os seguintes trabalhos consultados durante a elaboração desta investigação: Lundolfo Paramio, *Tras el diluvio. La izquierda ante el fin de siglo*, México: Siglo XXI, 1989; Augusto de Franco, Marco Aurélio García, Tarso Genro e outros, *La renovación de la izquierda latinoamericana*, México: Nuestro tiempo, 1992; Norberto Bobbio, *Direita e esquerda*, São Paulo: Editora UNESP, 1995; Giancarlo Bosetti (comp.), *Izquierda punto cero*, México: Paidós, 1996; David Miliband (org.), *Reinventando a esquerda*, São Paulo: Editora UNESP, 1997.

⁶ Publicado pela primeira vez como introdução à coletânea de textos políticos de Gramsci, no Nº 54 dos *Cuadernos de Pasado y Presente* editado no México em 1977, o texto é datado de 1975. Posteriormente foi reeditado, como parte de uma coletânea de trabalhos, no livro *Los usos de Gramsci*, México: Folios, 1981.

liberal. Uma série de equívocos históricos e teóricos permitirão ao autor traçar uma imagem distorcida das características e do conteúdo desta *"renovación do patrimônio teórico"* da esquerda, como a denomina Aricó e, portanto, desconhecer a importância política dessa renovação teórica para a prática transformadora. Contudo, a abordagem ampla que Kim Park faz do problema nos permite assistir a um detalhado relato das críticas que foram produzidas por esta parte da esquerda que se auto-denomina como *"revolucionária"*, resistente ou, pelo menos, temerosa, frente à renovação do seu universo conceitual.

Em primeiro lugar, o autor faz daquilo que é um *"proceso"* histórico complexo, heterogêneo na sua constituição e resultado da história da esquerda política latino-americana, o resultado do trabalho de um grupo delimitado, e ainda forçado por condições perversas. Encontra o que chama o *"núcleo originário"* do pensamento renovador da esquerda latino-americana num grupo que reunia cientistas sociais do Cone Sul *"específicamente surgidos en la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO)-Chile después del golpe de Estado de 1973"*, cujas propostas *"fueron el punto de partida de toda la transformación posterior de la izquierda de esta región"* (Kim Park, 1996: 130).

Este fenômeno, que identifica situado historicamente em 1973, e centrado nesse grupo, não seria consequência de processos imanentes à experiência prática e teórica de esquerda, mas fruto de elementos externos perversos. Assim,

Un hecho muy importante que debemos considerar en esa renovación de la izquierda es que esa transformación (...) es el resultado de la represión de los regímenes autoritarios a la ideología revolucionaria y radical y de la crisis de las ciencias sociales latinoamericanas". (Kim Park 1996: 218)

Isto é, temos no Chile, por um lado, como produto da repressão desencadeada pela ditadura de Augusto Pinochet, o disciplinamento de uma camada de intelectuais que formará esse *"núcleo originário"*, formado por *"intelectuales no perseguidos o retornados del exilio"* que, fruto dessa repressão, dispuseram-se a *"moderar su visión para sobrevivir en medio de la represión"*. Por outro lado, *"el cierre de los principales centros e institutos de ciencias sociales dió lugar[...] al surgimiento de centros privados, ajenos al presupuesto estatal y financiados principalmente por agencias gubernamentales de países europeos y por fundaciones privadas de Estados Unidos"*, que levaram a *"una institucionalización conservadora de las ciencias sociales"*. Essa institucionalização, financiada por fundações internacionais, levou finalmente à imposição externa da agenda teórica: *"se subordinó al manejo externo de los temas de actualidad"* (Kim Park, 1996: 131-132).

O que temos, portanto, é que a “renovação do pensamento de esquerda” teria sido, na verdade, um produto de um grupo de intelectuais coagidos, forçados pela ditadura a trabalhar em instituições financiadas por fundações estrangeiras que impuseram sua agenda teórica, seus conceitos e seus métodos. Isto não é uma opinião solitária de Kim Park. Expressa, no seu conteúdo principal, uma opinião difundida pela esquerda auto-denominada “revolucionária”.

O autor apóia suas observações em posições de dois conhecidos autores pertencentes a esta tendência: o mexicano Agustín Cueva e o norte-americano James Petras (mas a lista dos críticos de “esquerda” é mais ampla, incluindo, entre os mais renomados da América Latina, o mexicano Pablo González Casanova, o argentino Atilio Borón, e outros). Segundo Petras, *“la investigación conducida por institutos latinoamericanos [...] revela un marco ideológico densamente influido por las agendas políticas de las agencias de financiamiento externo”*. O objetivo da política dessas agências era o de *“establecer la hegemonía ideológica entre los intelectuales latinoamericanos, dado que éstos sirven como un importante terreno de reclutamiento para la clase política de centro-izquierda”* (Petras, 1988, em Kim Park, 1996: 132)⁷.

O texto de Cueva que Kim Park cita tem um teor ainda mais ofensivo para os intelectuais da esquerda supostamente “cooptados” em massa pela “ideologia dominante”:

Perseguida por los militares y otros entes de derecha, y desde luego por las fuerzas más retrógradas del imperio, aquella elite no tardó, empero, en enrolarse en ciertas instituciones y organismos internacionales, así como en conseguir el apoyo de fundaciones de los mismos Estados Unidos y, con mayor razón, de Europa Occidental. Hacia finales de los años setenta no sólo había ya infinidad de proyectos financiados por dichas fundaciones, sino que además los centros patrocinados por ellas brotaban por doquier. Si hasta hace un lustro el sueño de todo sociólogo sudamericano había sido el de convertirse en guerrillero, ahora, su mayor anhelo consistía en montar su proyecto y, de ser posible, abrir su centro de investigación. (Agustín Cueva, *“Sobre exilios y reinos. (Notas) críticas sobre la evolución de la sociología sudamericana”*, *Estudios Latinoamericanos*, Vol III, Nº 4, México: CELA, 1988. Em Kim Park, 1996: 132)

⁷ James Petras, “La metamorfosis de los intelectuales latinoamericanos”, *Estudios Latinoamericanos*, México, Vol III, 1988. Um texto de Petras de conteúdo similar foi publicado na Argentina (“La desertión de los intelectuales”, 1990), e o alvo central da publicação se encontrava no grupo comandado por Aricó e Portantiero, os “revisionistas gramscianos” que “proporcionaron la defensa intelectual del régimen de Alfonsín”, segundo Petras (1990: 7). No próximo capítulo trataremos da questão.

Os intelectuais fundadores de tal movimento de renovação “perversa” do pensamento de esquerda, serão a(ou de?)nunciados claramente no texto que estamos analisando:

Mientras algunos de los científicos sociales más radicales del Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO) de la Universidad de Chile, por ejemplo: Theotonio dos Santos, Vania Bambirra y Ruy Mauro Marini, se exiliaron en otros países, específicamente en México, otros más moderados no estaban en condiciones de resistir al proyecto ideológico del régimen militar. Permanecieron en Chile, expulsados de las universidades y buscaron un nuevo trabajo en las instituciones académicas privadas preexistentes o nuevas.⁸

En este proceso, Norbert Lechner, Manuel Antonio Garretón, Tomás Moulián y José Joaquín Brunner, quienes habían estado adscriptos anteriormente al Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN) de la Universidad Católica de Chile, formaron un equipo de trabajo muy productivo en la FLACSO, junto con Enzo Faletto y Angel Flisfisch, quienes habían sido miembros originales del mismo organismo y juntos formaron el núcleo originario del pensamiento renovador. (Kim Park, 134-135)

Embora no último parágrafo da seção em que faz estas colocações o autor indique que *“este contexto institucional y el financiamiento externo no pueden explicar todo lo que ocurrió en las ciencias sociales latinoamericanas después del golpe militar en Chile* (assinalando, não obstante, que *“son factores sumamente importantes”*), estes são os únicos fatores mencionados na tese, determinando, portanto, as características do objeto estudado.

A datação dessa “deserção” (como Petras denomina o fenômeno) é extremamente deficiente no trabalho de Kim Park, já que apenas indica que é depois do golpe de Estado de Pinochet, em setembro de 1973, e não utiliza nenhuma fonte da época, mas textos de 1983 e 1985 de alguns dos intelectuais comprometidos na “renovação”⁹. O que é claro e preciso na afirmação de Kim Park é o resultado desse fenômeno:

⁸ É impossível deixar de anotar a idéia embutida tranqüilamente neste parágrafo sobre o suposto “revolucionarismo” daqueles que saíram do país e a também suposta “fraqueza ideológica” daqueles que decidiram ficar, apesar das evidentes dificuldades que encontrariam. Do modo como é exposto, “ficar no país” significa “convivência” com o regime, e sair do país uma atitude mais radical. Pelo menos no caso argentino, a importância dos movimentos internos de confronto na derrubada da ditadura ainda precisa ser estudada com precisão; até agora é sublinhada excessivamente a “auto-dissolução” do regime autoritário a partir da crise deflagrada pelo então presidente General Leopoldo F. Galtieri na invasão das Ilhas Malvinas. Desta forma, descuida-se do lento e cáustico trabalho dos movimentos sociais internos, particularmente os vinculados com os direitos humanos, o movimento sindical e as organizações políticas que continuaram operando ilegalmente no país, assim como da intelectualidade que, apesar dos perigos e das angústias, decidiu ficar no país.

⁹ Os textos citados são os seguintes: “Entrevista a José Joaquín Brunner, Angel Flisfisch y Norbert Lechner”, *David y Goliath*, Año XVIII, Nº 53, Buenos Aires: CLACSO, ag-set. de 1988; “El surgimiento de una nueva ideología democrática en América Latina”, *Crítica y Utopía*, Nº 9, Buenos Aires, maio de 1983; “De la revolución a la democracia. El debate intelectual en América del Sur”, *Opciones*, Nº 6, Chile, mai-ag. de 1985; Norbert Lechner, *La conflictiva y nunca acabada construcción del orden deseado*, Madrid: Siglo XXI, 1986.

...La transformación derechista del pensamiento renovador de la izquierda ha sido uno de los elementos determinantes que permiten la consolidación del neoliberalismo... (Kim Park, 1996: 127)

Não obstante a preeminência que atribui ao “núcleo originário” chileno na conformação do “pensamento renovador”, o autor da tese reconhece que houve “*otros grupos del pensamiento renovador en el cono sur*”. Em primeiro lugar, menciona “*algunos científicos sociales argentinos identificados con esta línea de reflexión*”, a saber:

Juan Carlos Portantiero, Emilio de Ipola, José Nun y José Aricó, quienes también contribuyeron a difundir la ideología del posibilismo democrático en toda América Latina, como sus colegas de FLACSO-Santiago de Chile. Primero en FLACSO-México, donde se exiliaron después del golpe militar en Argentina y luego en su propio país, al que regresaron después de la democratización, estos científicos sociales lograron una influencia muy significativa para la formación regional de las ideas sobre la democracia. (Kim Park, 1996: 136)

Em segundo lugar, Kim Park identifica o grupo do *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO) que, a partir da sua sede de Buenos Aires, expandiu-se pela América Latina. As publicações de CLACSO, “*David y Goliath*” e “*Crítica y Utopía*”, teriam sido, segundo Kim Park (1996: 137), “*puntos de referencia obligada sobre la ideología de la izquierda renovada*”. Fernando Calderón e Mario R. dos Santos são os dois principais intelectuais vinculados a este grupo. A pesquisa centrada no problema do Estado latino-americano, coordenada por estes dois intelectuais no final da década de 80, em vinte países da América Latina, cuja conclusão se encontra nas “*Veinte tesis sociológicas y un corolario*”¹⁰, representa para Kim Park (1996: 137) a síntese de “*las varias ideas de la izquierda renovada sobre este tema*”.

Finalmente, dentre os “outros grupos”, o autor assinala, no Brasil, Fernando Henrique Cardoso e Hélio Jaguaribe como intelectuais que “*desarrollaron un programa basado en la ideología democrática de la izquierda renovada y el pragmatismo liberal*” (Kim Park, 1996: 137).

Diferentemente deste esquema confuso e equivocado, propomo-nos analisar o que denominamos “a nova virada renovadora” no pensamento de esquerda como parte do processo histórico de construção de um projeto transformador dos setores subalternos na América Latina. Longe de ser um fenômeno deflagrado por um “núcleo originário” e fundado em condições

¹⁰ Fernando Calderón, Mario R. dos Santos, “*Hacia un nuevo orden estatal en América Latina. Veinte tesis socio-políticas y un corolario de cierre*”, em *La Ciudad Futura*, Nº 23/24, jun/set. 1990.

perversas externas, deve ser abordado como um *processo imanente* à história destes setores.

Se uma perspectiva ampla permite interpretar a *tradição da esquerda* (anarquista, sindicalista revolucionária, socialista e comunista) e algumas variantes da *tradição populista* como as fontes originárias do processo de construção de um projeto transformador vinculado aos setores subalternos e, em particular, às classes trabalhadoras, a *nova esquerda* dos anos 60-70, a *esquerda revolucionária*, representa a tentativa de superar a herança de ambas as tradições.

Que é que traz de novo a "esquerda revolucionária"? Várias coisas, mas principalmente uma: propõe-se decididamente a realizar o que as velhas gerações não conseguiram fazer, uma **revolução**. Se, mais do que "reformista" (no sentido de que não se propunha a promover *reformas*), a velha esquerda era "incompetente", incapaz de ações revolucionárias, a nova esquerda objetivará acabar a tarefa que aquela começou, incorporando os setores influenciados pela experiência populista em vários países latino-americanos. Assim, a Revolução Cubana, a primeira experiência triunfante de uma nova geração de esquerda, iniciará um processo que se espalhará crescentemente. A América Latina entra num processo de tentativas revolucionárias. Influenciada principalmente pelo caminho cubano que propicia o *voluntarismo político*, a nova esquerda revolucionária privilegiará a via armada da revolução.

É claro que outros fenômenos acompanharam esta principal característica – a decisão revolucionária: 1- crítica ao dogmatismo teórico da velha esquerda e abertura para diversas correntes marxistas; 2- crítica à rígida ligação à URSS e referência em novas experiências, principalmente Cuba, China e Vietnam; 3- crítica ao estilo autoritário e sectário dos velhos partidos da esquerda, principalmente os comunistas, mas também os socialistas, os trotskistas, etc.

O resultado da intervenção crítica da esquerda revolucionária foi que, de uma ou outra forma, levou à exaustão o velho paradigma revolucionário jacobino reformulado em torno do processo revolucionário russo (1905-1917) e resumido no chamado "leninismo".¹¹

Ora, é necessário sublinhar que, se o surgimento da "nova esquerda revolucionária", nos anos 60, deu-se a partir de uma **ruptura** teórico-política, mas também orgânica, de uma geração emergente de militantes com a velha

¹¹ Para Gramsci, este paradigma se constitui no processo histórico que vai de 1789 até 1848 – 1850 e logo é reformulado em torno do processo da Revolução Russa.

esquerda, o novo processo de renovação que nos ocupa aparecerá como **reflexão autocrítica** dessa mesma geração - que levou a sério o paradigma revolucionário leninista passado pelo prisma cubano -, como **consciência de seu próprio fracasso**.

Mas, como o fracasso da nova esquerda revolucionária é ao mesmo tempo e num grau superlativo o fracasso, a derrota, de um "modelo de revolução" na maioria dos países da América Latina, a reflexão autocrítica em torno do fracasso político se torna rapidamente crítica dos fundamentos teóricos dessa perspectiva, crítica do paradigma teórico-político que orientou essa tentativa de construção de um projeto revolucionário dos setores e classes subalternas.

Portanto, por um lado, a "nova virada renovadora" é resultado de um complexo processo histórico. Por outro lado, longe de ser pensado em bloco como um fragmento do pensamento neo-liberal, deve ser tratado a partir da importância radical que tem para a história de uma perspectiva socialista, isto é, do movimento pela superação do capitalismo na América Latina. Dado que este é um processo complexo e heterogêneo, as diversas posições devem ser analisadas particularmente, caso a caso. Se uma suposta "cooptação" teórica e política pela ideologia neo-liberal se detecta, esta complexidade exige que a análise seja feita deslindando o que é fruto legítimo do processo autocrítico e o que poderia ser uma importação ilegítima do pensamento liberal. É a perspectiva que propomos para esta aproximação, que se encontra, como é visível, em oposição à aproximação adotada por Kim Park e a tendência "esquerdista" em geral.

Os problemas da abordagem que criticamos e a explicitação da abordagem que propomos ficarão mais claros na discussão de alguns conteúdos fundamentais da "nova virada renovadora". Este trabalho, centrado na contribuição teórica dos intelectuais argentinos do grupo de *Pasado y Presente*, ocupar-nos-á na próxima seção.

5.2. A releitura de Gramsci e a "descoberta da América Latina"

De maneiras diversas foram situando-se alguns dos intelectuais exilados no novo país anfitrião. José Aricó seria acolhido imediatamente pela editora *Siglo XXI* como diretor da *Biblioteca Latinoamericana de Ciencias Sociales* e da *Biblioteca del Pensamiento Socialista*, ao mesmo tempo em que continuaria a parceria da editora *Pasado y Presente* com *Siglo XXI* para a edição dos *Cuadernos de Pasado y Presente*; Juan Carlos Portantiero chegou à *Escuela Latinoamericana de Ciencias Sociales*, assim como Atilio Borón. FLACSO

incorporou a outros, como Emilio de Ipola, Ernesto Lopez e os próprios Aricó e Portantiero como colaboradores. A UNAM e a Universidad Autónoma de Puebla (UAP) foram ponto de encontro, entre outros, para Oscar Terán, Liliana de Riz e Oscar del Barco. Aricó também foi um visitante assíduo da UAP.

Certamente outros lugares do mundo serviram de refúgio: José Nun, no Canadá, na Universidade de Toronto, visitará assiduamente o México; Ernesto Laclau (que havia saído do país muito antes do golpe de Estado) se radicará na Inglaterra; França, Itália e particularmente Espanha acolherão outra plêiade de intelectuais. Mas, no caso do grupo de *Pasado y Presente*, o México foi um lugar central, ponto de observação e reflexão privilegiado para descobrir e pensar a América Latina e repensar as posições políticas próprias e alheias.

Dos noventa e oito números dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, trinta e sete foram publicados no México, sob a direção de Aricó, pela matriz mexicana de *Siglo XXI*. Por outra parte, como já mencionamos, o México transformou-se numa espécie de laboratório teórico no qual se amadureceram temas, opiniões e teorias, longe da militância política e do trabalho teórico feito à exigência da hora, que tinham ocupado vinte anos da vida de vários desses intelectuais. O México oferecia um tempo mais calmo para refletir sobre essa história e sobre a magnitude do fracasso do movimento transformador e suas razões. Sobre a importância do México nessa reflexão, assinala Juan Carlos Portantiero, falando sobre a influência da etapa mexicana no pensamento de Aricó:

...En México suceden por lo menos tres cosas importantes en su vida: una, el descubrimiento de América Latina, el descubrimiento que muchos compartimos con él, pero que él llevó más allá que todos nosotros; otra, la reflexión sobre la crisis del marxismo y la revalorización de la relación entre democracia y socialismo; y por fin, muy personal, pero muy significativo, la posibilidad de Pancho de encontrarse a sí mismo, ya no como un editor, sino como un investigador metódico.

De estas tres dimensiones, sobre todo la última, que es la fundante de todas, hay pruebas muy grandes de lo que México significó y hasta que punto México fue un corte, un corte hacia adelante, importantísimo en su vida. La vuelta a Buenos Aires de México, le permite, de alguna forma, ir recuperando, precisando todavía más lo que ya se había insinuado en esa estadía mexicana. De esa estadía mexicana vienen sus trabajos sobre Mariátegui, de esa estadía mexicana vienen sus primeros borradores sobre Juan B. Justo, de esa estadía mexicana viene su libro más importante, *Marx y América Latina*, en donde toda esa obsesión trata de condensarse. Y vienen también los apuntes para su último libro, el que traza el itinerario de Gramsci en América Latina. (Portantiero, 1995: 65-66)

Por outro lado, uma importante parcela da produção do próprio Portantiero em torno de Gramsci vem também do exílio mexicano¹². Outros autores – por exemplo, Oscar Terán – também têm uma grande dívida com a estadia no México, por sua produção teórica, particularmente a incluída nos livros *Discutir Mariátegui* (Universidad de Puebla, 1985) e *En busca de la ideología argentina* (Catálogos, 1986).

Encontramos um elemento central dessa renovação teórica na nova leitura da obra de Gramsci (que apresentaremos na análise do texto de Portantiero *Los usos de Gramsci*), que coloca o acento no Gramsci teórico da hegemonia, deslocando, reordenando ou completando os dois principais códigos de leitura da etapa argentina, a saber: o Gramsci da temática “nacional-popular” e o Gramsci “conselhistas”. Podemos registrar outros dois elementos teóricos fundamentais, primeiro, na nova teorização do pensamento de Mariátegui e, segundo, na revisão crítica do pensamento marxista sobre a América Latina que Aricó realiza no seu principal trabalho teórico na época: o livro *Marx y América Latina*, publicado em 1980. Sobre estes três pontos, essenciais para entender o tipo de “renovação” construído pelos intelectuais vinculados ao itinerário de *Pasado y Presente*, trabalharemos a seguir.

5.2.1. Uma nova estratégia “revolucionária” e o papel do pensamento gramsciano na sua formulação

A reflexão sobre a derrota do projeto socialista no Chile, a partir da derrubada do governo de Salvador Allende, teria levado o “núcleo originário” distinguido por Kim Park ao abandono da estratégia revolucionária: a *crítica das armas*, a “descoberta” dos *direitos humanos*, a *crítica do determinismo marxista* e a *descoberta de sujeitos transformadores múltiplos*, com o decorrente deslocamento da importância da classe operária, seriam os elementos mais explícitos desse “abandono”.

Depois de uma série de citações de Norbert Lechner, em que este assinala o processo de autocritica a que as posições anteriores foram submetidas – através do qual se produz “*una nítida ruptura con la estrategia guerrillera*”, que permitirá a Lechner afirmar que “*la gran enseñanza de los golpes militares es que el socialismo no puede (no debe) ser un golpe*” –, Kim Park (1996: 141) conclui que

¹² Em espanhol foram editados dois livros-coletâneas de artigos de J. C Portantiero demonstrativos da sua produção “mexicana”: a edição da Editorial Plaza y Valdes-Folios do livro *Los usos de Gramsci*, México, 1987; e o livro *La producción de un orden*, Buenos Aires: Nueva Visión, 1988. Dez dos treze artigos incluídos nestes dois livros pertencem ao período mexicano.

"la tarea principal de la izquierda renovada se volvió rechazar la visión de asumir la revolución como la vía de alcanzar el socialismo". Isto constitui, para o autor, um abandono do marxismo (que o autor identifica completamente com o chamado marxismo-leninismo) por parte da "esquerda renovada".

O abandono do marxismo-leninismo, assinala corretamente Kim Park, produz-se através da recuperação do pensamento gramsciano. Para discutir este ponto, Kim Park reserva uma seção da tese, denominada *"Del leninismo al gramscianismo"*, que começa paradoxalmente afirmando que *"la corriente renovadora de la izquierda que abandonó el marxismo-leninismo, empezó a peregrinar por los vários paradigmas, consultando a Weber, Foucault, Habermas, Bobbio y, desde luego Gramsci..."*. E, para fundamentar sua tese, cita Lechner, que lembra *"las lecturas de Gramsci o Foucault"*, mas afirma imediatamente: *"En mi caso, mantengo mi simpatía estudiantil por los 'francfortianos', especialmente Habermas, pero me impresionaron igualmente Hannah Arendt, Marcel Gauchet, Norbert Elías o Bobbio"*. Em resumo, Gramsci sim, entre outros. Pouco para demonstrar o "gramscianismo" do grupo chileno.

Para completar o paradoxo, quase imediatamente afirma que, *"apesar de la explícita predominancia de Gramsci en el entonces pensamiento renovador de la izquierda* [devemos lembrar sempre que se refere ao grupo de Lechner em primeiríssimo lugar] *no debe omitirse el encuentro de la izquierda renovada con la teoría clásica liberal"*, e cita extensamente Flisfisch quando este assinala como, no debate com o neo-liberalismo, o grupo a que pertencia descobriu que havia elementos relevantes na teoria política clássica, úteis para pensar a partir de uma perspectiva própria (isto é, a velha – e marxista – apropriação crítica da cultura burguesa).

Que temos então? Temos um fato "explícito", evidente: a consagração do pensamento gramsciano girando em torno do conceito chave de "hegemonia", que ficou claramente manifesto em 1980 no seminário de Morelia. Consagração que é resultado de um importante trabalho de difusão e discussão, tanto na América espanhola quanto no Brasil. Só que, segundo transparece nas citações que o autor escolheu, aquele grupo que designa como o "núcleo originário" da esquerda renovada, em particular sua figura mais importante, Norbert Lechner, e que teria passado "do leninismo ao gramscismo", não parece reconhecer em Gramsci sua filiação teórica mais marcante, mas sim na Escola de Frankfurt (especialmente em Habermas) e outros.

Então, como se explica o fato de que Gramsci se tornasse um articulador fundamental da renovação teórica da esquerda? Como se explica que, como o

próprio Kim Park (1996: 159) assinala, "en el pensamiento renovador de la izquierda Gramsci se elevó al nivel que ocupó el leninismo en el pensamiento revolucionario de los años sesenta"? Explica-se possivelmente porque o grande impulso gramsciano não vinha do "grupo chileno originário" mas, pelo menos numa parte substancial, da influência que tinham alcançado outros grupos que confluíram no complexo mosaico da "esquerda renovada". Dentre deles, e em primeiríssimo lugar, o grupo de *Pasado y Presente*, que nos ocupa nesta pesquisa. Mas a importância de Gramsci no subcontinente seria inexplicável sem levar em conta também o trabalho de difusão do pensamento gramsciano realizado no Brasil por diversos grupos de intelectuais, dentre os quais é necessário mencionar o trabalho de difusão encabeçado por Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira e as publicações da editora *Civilização Brasileira*.¹³

Não por acaso, quando tem que responder à pergunta que ele próprio se coloca sobre "de que modo foi assumido o pensamento gramsciano?", o chamado para responder é Aricó, em *La cola del Diablo*. Vejamos a citação de Aricó que transcreve Kim Park (1996: 159), para responder a sua pergunta:

Si en los años sesenta el pensamiento de Gramsci aparecía en realidad como un 'corrector' del discurso leninista, hoy podríamos afirmar que entra todo entero en un marxismo en reformulación, en el que están cuestionados sus elementos religiosos. Las ideas de Gramsci forman parte de una propuesta más general de renovación de la cultura política de la izquierda socialista, que aspira a restituirle su capacidad perdida de dar cuenta de fenómenos reales de la sociedad y arranque, por lo tanto, de las experiencias, tradiciones y luchas concretas de una pluralidad de sujetos para los cuales tienen significación concreta los ideales de libertad y de igualdad que define el socialismo. Desde esta perspectiva, que concibe al socialismo como un movimiento interno al proceso mismo de constitución de los sujetos políticos y que pugna por llevar a la práctica los valores de autonomía y de autoconstitución que lo definen como corriente ideal, el marxismo puede seguir cumpliendo una función propulsiva en la medida que esté en condiciones de poner permanentemente a prueba sus hipótesis fundamentales. (Aricó, 1988: 114-115)

A conclusão de Kim Park sobre esta citação é surpreendente: "este tipo de uso de Gramsci nos muestra un explícito antileninismo e, incluso, antimarxismo". O leitor pode reler o contexto completo da citação no livro de

¹³ A nossa pesquisa sobre o tema nos permite afirmar que o caso mais exemplar de *incorporação nacional* dos conceitos gramscianos na América Latina é encontrado no Brasil, num processo que poderíamos demarcar entre as primeiras publicações da Civilização Brasileira (1966) e a incorporação, em 1991, como "estratégia política", no programa de um dos partidos de esquerda mais importantes e bem sucedidos da América Latina: o Partido dos Trabalhadores. A estratégia política definida pelo primeiro Congresso do PT em novembro de 1991, centrada no processo de "construção de hegemonia", é a mais explícita e, ao mesmo tempo, mais bem sucedida incorporação da estratégia elaborada por Gramsci num partido não europeu. Mais à frente voltaremos sobre a questão.

Aricó, como pode, aliás, ler o livro inteiro, e não encontrará esse “anti-marxismo”. Ainda neste capítulo veremos como, no principal trabalho teórico de Aricó, *Marx y América Latina* (1980), encontramos, junto com uma detalhada crítica da incompreensão da realidade latino-americana por parte de Marx, uma fundamentada defesa de seu pensamento crítico por parte de Aricó. Quanto ao “anti-leninismo”, deveríamos lembrar a forma paulatina, complexa e até traumática como Aricó descreve esse “abandono do leninismo”, processo que envolveu quinze anos de experiências políticas e teóricas e do qual já tratamos em capítulos anteriores.

O autor da tese não desconhece a importância do conceito de hegemonia, para cuja discussão dedica uma seção do trabalho (*“La lucha por la hegemonía”*), mas, como a maioria dos críticos da esquerda “de esquerda”, interpreta o conceito de um modo tão deficiente que acaba deformando seu conteúdo. Para Kim Park (1996: 219), em termos gerais, a atração que o pensamento gramsciano teve sobre a “pensamento renovador” da esquerda provinha do fato de que os conceitos gramscianos definiam uma estratégia que *“podía evitar una confrontación con los regímenes militares y, desde luego, su represión”*.

Ou seja, a complexa idéia de hegemonia como estratégia integral (como conteúdo do que Gramsci chama metaforicamente a “guerra de posições”) fica reduzida à possibilidade de burlar a repressão através de um trabalho “gradual”. Os intelectuais comprometidos com a renovação do pensamento da esquerda teriam sido levados a adotar a estratégia gramsciana não pela complexidade da sociedade, mas pelo terror. Assim, afirma Kim Park (1996: 219), *“la estrategia de cambio social gradual a través de la lucha por la hegemonía en la sociedad civil, se considera como una alternativa posible de la lucha socialista bajo regímenes autoritarios”*.

Apesar de sua interpretação tão limitada, Kim Park consegue distinguir vários elementos importantes desta nova concepção estratégica:

Las propuestas de la izquierda renovada sobre el cambio social bajo la lucha por la hegemonía fueron: fortalecer la sociedad civil por medio de la autoconstitución de sujetos autónomos, y al mismo tiempo, desvalorizar el papel de los partidos políticos¹⁴. Aumentar la capacidad de resistencia de la sociedad civil al poder estatal y ampliar el control democrático de estos sujetos sociales autónomos en la gestión pública. (Kim Park, 1996: 219)

¹⁴ Sobre o tema da “desvalorização dos partidos políticos” por parte de uma tendência da esquerda renovada, voltaremos no próximo capítulo.

Contudo, como boa parte dos críticos da esquerda “de esquerda”, não considera que esta estratégia sirva ou permita construir as condições para a luta por uma transformação radical da sociedade, digna do nome “revolução social”, mas a vê como mera *atitude tática*.

Así [la hegemonía] no aparece como un desafío inminente al poder estatal. De esa manera, la lucha por la hegemonía podría considerarse como una estrategia alternativa posible para la izquierda bajo las dictaduras militares. (Kim Park, 1996: 169)

É notável esta cegueira da esquerda autodenominada “revolucionária” frente às potencialidades do novo paradigma de transformação social elaborado por Gramsci (e apropriado pela vertente renovadora da esquerda), que a coloca atrás dos analistas da direita norte-americana e latino-americana. Como veremos mais extensamente no próximo capítulo, a XVIIª Conferência dos Exércitos Americanos, realizada em Mar del Plata em 1987, e o chamado Documento de Santa Fé II (*Uma estratégia para a América latina nos anos 90*), de 1989, seguidos por um coro de direitistas latino-americanos, alertaram sobre o potencial revolucionário da execução de uma estratégia de esquerda de tipo gramsciana. Será apenas histeria macarthista ou será que temos alguma coisa de substancial nesses alertas dos guardiões da nova ordem? Para mostrar vários elementos substanciais desse temor da direita, nada melhor, no contexto deste capítulo, que “revisitar” a interpretação da estratégia gramsciana que Juan Carlos Portantiero realiza em *Los usos de Gramsci*.

Como bem observa Aricó, o ponto de partida analítico de Portantiero é o conceito gramsciano de “tradutibilidade” das linguagens científicas¹⁵. Com relação à possibilidade de algumas experiências históricas, políticas e sociais acharem equivalências em outras realidades, destaca:

Si la traducibilidad supone que una fase determinada de la civilización tiene una expresión “fundamentalmente” idéntica, aunque el lenguaje sea históricamente distinto por cuanto está determinado por las tradiciones específicas de cada cultura nacional y todo lo que de ellas se desprende, **Gramsci podía ser traducido en clave**

¹⁵ “La traducibilidad presupone que una determinada fase de la civilización tiene una expresión cultural “fundamentalmente” idéntica, aunque el lenguaje es históricamente distinto, determinado por la particular tradición de cada cultura nacional y de cada sistema filosófico, por el predominio de la actividad intelectual o práctica, etcétera...” (Gramsci, 1984b, T4: 318)

“La unidad de la historia, o sea lo que los idealista llaman unidad del espíritu, no es un presupuesto, sino un continuo hacerse progresivo. Igualdad de realidad efectiva determina identidad de pensamiento y no viceversa. De ahí se deduce además, que toda verdad, aun siendo universal, y aun pudiendo ser expresada por una fórmula abstracta, de tipo matemático (para la tribu de los teóricos), debe su eficacia a ser expresada en los lenguajes de las situaciones concretas particulares: si no es expresable en lenguas particulares es una abstracción bizantina y escolástica, buena para pasatiempo de los rumiadores de frases.” (Gramsci, 1984b, T4: 45)

latinoamericana si era posible establecer algún tipo de similitud o sintonía histórico-cultural entre su mundo y el nuestro. (Aricó, 1988: 88. Grifos, RB)

Na tentativa de pensar a possibilidade desta "tradução", Portantiero coloca em dúvida a idéia, difundida principalmente na Europa, de que o uso dos conceitos gramscianos é pertinente apenas, ou privilegiadamente, nas sociedades capitalistas avançadas, no "centro" do mundo, no "ocidente" desenvolvido; isto é, a estigmatização de Gramsci como o "teórico da revolução no ocidente", *naquele* "ocidente".

Afinal, se se considera Gramsci o grande formulador da revolução nas sociedades ocidentais desenvolvidas e complexas, a manobra teórica de usar seus conceitos nessa mistura de "ocidentalidade" e de "orientalidade" que constitui as sociedades latino-americanas seria, pelo menos, problemática. Portantiero questionará essa interpretação de Gramsci, tornada clássica pelo livro de Maria Antonieta Macciocchi¹⁶ e por uma larga tradição, baseado numa distinção que o próprio Gramsci estabelece, nas sociedades capitalistas européias, entre um "capitalismo avançado" e um "capitalismo periférico". Assim, Portantiero propor-se-á demonstrar que a problemática gramsciana "se evade de esos límites rígidos y nos alcanza":

Su obra, para nosotros, implica una propuesta que excede los marcos de la teoría general para avanzar, como estímulo, en el terreno de la práctica política. Sus preguntas se parecen a nuestras preguntas, sus respuestas se internan en caminos que creemos útil recorrer. (Portantiero, 1977: 66-68)

Os porquês da "evasão" desses "limites rígidos" os encontrará Portantiero numa "matização" do conceito de "ocidente" que o próprio Gramsci autoriza e utiliza¹⁷. A pergunta é: qual é o "ocidente" sobre o qual Gramsci deflagra o cerne

¹⁶ Maria Antonieta Macciocchi, *Gramsci y la revolución en occidente*, Siglo XXI, México 1980 (1a. ed. 1974).

¹⁷ Apesar de extremamente conhecida, é importante lembrar a distinção gramsciana entre "oriente" e "ocidente":

...En oriente el Estado era todo, la sociedad civil primitiva y gelatinosa; en occidente, entre Estado y sociedad civil existía una justa relación y bajo el temblor del Estado se evidenciaba una robusta estructura de la sociedad civil. El estado sólo era una trinchera avanzada, detrás de la cual existía una robusta cadena de fortalezas y cazamatas (...) Los Estados más avanzados donde la "sociedad civil" se ha convertido en una estructura muy compleja y resistente a las "irrupciones" catastróficas del elemento económico inmediato (crisis, depresiones, etc): las superestructuras de la sociedad civil son como el sistema de trincheras en la guerra moderna... (Gramsci, 1986a: 81-83)

Portantiero adverte contra uma leitura "topológica" destas palavras. Trata-se, segundo ele, de "metáforas para operar fenómenos históricos":

...Oriente no es para Gramsci (...) una zona geográfica, sino la metáfora para aludir a una situación histórica, equivale a "las condiciones generales económicas-culturales-sociales de un país donde los cuadros de la vida nacional son embrionarios y desligados, y no pueden transformarse en trinchera o fortaleza"... (Portantiero, 1977: 19)

da sua análise? Portantiero esboça a resposta apoiando-se no próprio Gramsci. Num dos seus últimos trabalhos pré-carcerários¹⁸, Gramsci tematiza uma diferença entre países europeus de capitalismo avançado e uma série de países que chamou de "Estados periféricos".

...Estas observaciones, naturalmente, deben ser perfeccionadas y expuestas en forma sistemática. De todas maneras, creo posible extraer una conclusión: realmente nosotros entramos en una fase nueva del desarrollo de la crisis capitalista. Esta fase se presenta en formas distintas en los países de la periferia capitalista y en los países de capitalismo avanzado. Entre estas dos series de estados, Francia y Checoslovaquia representan los dos anillos de unión. En los países periféricos se plantea el problema de la fase que he llamado intermediaria entre la preparación política y la preparación técnica de la revolución. En los otros países, y aun en Francia y Checoslovaquia, creo que el problema es todavía el de la preparación política. (Gramsci, 1977: 287)

Portanto, diz Portantiero (1977: 67), a partir destas indicações Gramsci autoriza a pensar na existência de dois grandes tipos de sociedades "ocidentais", definidas principalmente em termos de *"las características que en ellas asume la articulación entre sociedad y estado, dimensión que de manera nítida aparece en Gramsci como privilegiada para especificar diferenciaciones dentro de la unidad típica de un modo de producción"*. Temos assim, por um lado, um "ocidente puro", ocidente "em sentido clássico", ou seja:

...Aquella situación en la que la articulación entre economía, estructuras de clases y estado asume forma equilibrada, como anillos entrelazados de una totalidad. Se trata de un modelo fuertemente societal de desarrollo político en el que una clase dominante nacional integra el mercado, consolida su predominio en la economía como fracción más moderna y crea al estado. La política toma la forma de un escenario reglamentado en el que las clases van articulando sus intereses, en un proceso creciente de constitución de su ciudadanía a través de expresiones orgánicas que culminan en un sistema nacional de representación que encuentra su punto de equilibrio en un orden considerado como legítimo a través de la intersección de una pluralidad de aparatos hegemónicos... (Portantiero, 1977: 67)

E, por outro lado, outro tipo de "situação ocidental", um ocidente "periférico" no qual, diferentemente do "Oriente" clássico, poderia falar-se de:

...formas desarrolladas de articulación orgánica de los intereses de clase que rodean, como un anillo institucional, al estado, pero en la cual la sociedad civil así conformada, aunque compleja, está desarticulada como sistema de representación, por lo que la sociedad política mantiene frente a ella una capacidad de iniciativa mucho mayor que en el modelo clásico. Sociedades, en fin, en las que la política

Note-se, portanto, que, apesar de "oriente" e "ocidente" serem expressões metafóricas, a passagem à figura de "sociedade de tipo oriental" e a identificação das características correspondentes permitem a explicitação dos elementos que a metáfora anuncia e, portanto, permitem enunciar o conceito.

¹⁸ "Un examen de la situación italiana", julho-agosto de 1926. Na sua versão espanhola, o texto foi publicado no Nº 54 dos Cuadernos de *Pasado y Presente*, 1977. Em italiano, a primeira parte do texto foi publicado em 1928 (*Stato Operaio*, março de 1928) e na íntegra em *Rinascita*, de 14 de abril de 1967.

tiene una influencia enorme en la configuración de los conflictos, modelando de algún modo a la sociedad, en un movimiento que puede esquematizarse como inverso al del caso anterior. Aquí, la relación economía, estructura de clases, política, no es lineal sino discontinua. (Portantiero, 1977: 67)

Concluindo sua argumentação sobre este ponto, Portantiero observa que, na verdade, a proposta analítica gramsciana está pensada muito mais com esta segunda perspectiva que com a primeira: *"basta repasar las características de la Italia de los 20 y de los 30 sobre las que él trabajó, para confirmar esta obviedad no siempre advertida por los comentaristas que lo sacralizan como el teórico del 'occidente' más desarrollado"* (Portantiero, 1977: 67).

Na sua "tradução" do argumento para o caso latino-americano, Portantiero coloca uma série de sociedades latino-americanas na situação desse segundo "ocidente".

Sociedades con más de siglo y medio de autonomía política, con una estructura social compleja, en las que, además, han tenido vigencia movimientos políticos nacionalistas y populistas de envergadura y en las que existe una historia organizacional de las clases subalternas de larga data, las latinoamericanas no entran sino por comodidad clasificatoria en la categoría general de "tercer mundo", categoría residual que quizá pueda describir mucho mejor a algunas sociedades agrarias de Asia y Africa.

Comparables por su tipo de desarrollo, diferenciables como formaciones históricas "irrepetibles", estos países tienen aún en ese nivel rasgos comunes: esa América Latina no es "Oriente", es claro, pero se acerca mucho al "Occidente" periférico y tardío. Más claramente aún que en las sociedades de ese segundo "Occidente" que se constituye en Europa a finales del siglo XIX, en América Latina es el estado y la política quienes modelan a la sociedad. Pero un estado -y he aquí una de las determinaciones de la dependencia- que si bien trata de constituir la comunidad nacional no alcanza los grados de autonomía y soberanía de los modelos "bismarkianos" o "bonapartistas". (Portantiero, 1977: 69-70).

Contudo, Portantiero limita a sua caracterização a um certo tipo de países latino-americanos, evitando uma generalização "tipológica" inadequada para um universo complexo e diferenciado.

Nuestro discurso abarca, dentro de ese conjunto, a aquellos países que han avanzado en un proceso de industrialización desde principio de siglo y más claramente tras la crisis de 1930, con todas sus consecuencias sociales conocidas: complejización de la estructura de clases, urbanización, modernización, etc. Estos países, Argentina, Brasil, Colombia, Chile, México, Uruguay y últimamente por las consecuencias notables de su "boom" petrolero, Venezuela, unificados entre sí porque todos ellos se insertan en la economía mundial a partir de un proceso de industrialización, conforman también sistemas hegemónicos específicos, caracterizados por el modo particular de articulación entre sociedad y estado. (Portantiero, 1977: 69)

A partir de tais constatações, demonstrada a pertinência desta “traductibilidade” da análise gramsciana para algumas situações particulares da América Latina (compartilhadas, vale a pena anotar, por outros dois dos mais renomados gramscianos latino-americanos, Carlos Nelson Coutinho e José Aricó¹⁹), Portantiero trabalha a pertinência de uma série de conceitos gramscianos para, por um lado, explicar a dinâmica das sociedades latino-americanas e, por outro, pensar estratégias nacionais de transformação social adequadas a essas dinâmicas.

Se “*el antieconomicismo es el principio teórico ordenador de sus cuadernos de la cárcel*” (Portantiero, 1977: 29), a unidade do conjunto da obra de Gramsci está definida, segundo Portantiero (1977: 17), por “*una concepción sobre la revolución y desde este punto de vista (y no al revés) debe ser leído su aparato conceptual...*”

A concepção gramsciana sobre a revolução é tratada por Portantiero neste texto como a mais conseqüente elaboração de estratégia política que, depois das derrotas no ocidente da Europa, começou a ser elaborada nos III e IV Congressos da Terceira Internacional. Neles se tentava “*explicitar en las sucesivas ‘tesis*

¹⁹ O brasileiro C. N. Coutinho adere à posição de Portantiero em torno deste tema. Diz Coutinho em seu trabalho “As categorias de Gramsci e a realidade brasileira”: “Em seu excelente ensaio sobre Gramsci, Juan Carlos Portantiero coloca-se também a questão da caracterização da América Latina como ‘oriental’ ou ‘ocidental’. Partindo de uma aguda distinção entre dois tipos de ‘ocidente’ em Gramsci, Portantiero afirma a impossibilidade de tratar como sociedades ‘orientais’ os países mais desenvolvidos da América Latina (...), que são para ele caso típicos de um ‘ocidente’ periférico e tardio. Estou inteiramente de acordo com esta conclusão. Mas creio que o fato indubitável da ‘ocidentalização’ desses países não exclui que, num certo período da sua história, eles tenham apresentado traços predominantemente ‘orientais’, ainda que – como tento demonstrar para o caso brasileiro – estejamos diante de um ‘oriental’ bastante peculiar, dada a presença, desde a Independência, de elementos ‘ocidentais’...” (Coutinho, 1988: 120).

Por sua parte, Aricó (1988: 91-92) acrescenta que “...Es en torno a las formas nuevas de articulación entre sociedad y estado en países de industrialización tardía y ‘postera’ como la Argentina, el Brasil, Colombia, Chile, México y Uruguay, donde el pensamiento de Gramsci parece poder expresarse en ‘lenguas particulares’ concretas transformándose, de tal modo, en un estímulo útil, en un instrumento crítico capaz de dar cuenta de los pliegues más complejos de lo real.

Falando da revolução mexicana, que qualifica de “solução intermédia” entre oriente e ocidente”, diz Aricó:

“...La ‘solución’ mexicana nos vuelve a remitir a la eterna querella clasificatoria y a la provisoriedad de todo juicio que sobre la base de aquellos dos grandes paradigmas de Oriente y Occidente pretenda incluir, y desde allí explicar, procesos diferenciados. Es indudable que por muchas razones no podemos considerar como ‘orientales’ a las naciones latinoamericanas (...) Toda la aventura de América se perfila como la expresión y prolongación de ese gigantesco proyecto de modernización que se abre en Europa con las guerras religiosas. A su vez, la conquista violenta de la independencia política profundizó aceleradamente un proceso de occidentalización de las formas políticas, económicas y sociales bajo las que se produjo la construcción de los estados nacionales. Y sin embargo, las anomalías del proyecto nos remiten a determinaciones que resultan oscuras en la teoría y duramente resistentes en la práctica. Más allá de las explicaciones de tipo estructural o económico (y las teorías del subdesarrollo o de la dependencia, de innegable raíz marxista, apelan preferentemente a ellas) está el hecho cierto de un proceso de occidentalización cuyo impulso no estaba vinculado estrechamente a un desarrollo económico local, sino que era un reflejo del desarrollo internacional que, como dice Gramsci, ‘manda a la periferia sus corrientes ideológicas’” (Aricó, 1988: 105-106. Negritos, RB).

sobre táctica', el viraje que era necesario producir, 'del asalto al asedio'..." (Portantiero, 1977: 18), isto é, tentava-se superar a dogmatização do "modelo insurreccional"²⁰ e produzir uma nova reflexão estratégica. Depois da morte de Lenin, em 1924, esta nova visão, que se pensava necessária para a nova etapa, foi abandonada pela Internacional, mas não por Gramsci: "toda la obra de Gramsci, desde entonces hasta el momento de su muerte, ha de estar fijada en esa matriz...", afirma Portantiero (1977: 18).

Portanto, longe de constatarmos um abandono da "estratégia revolucionária", encontramos no trabalho de Portantiero justamente o contrário, a afirmação da pertinência, para a América Latina, de um novo modelo de "revolução" construído na trilha do pensamento gramsciano, em que o lugar central é ocupado pelo conceito de **hegemonia**. Mas, para poder interpretar corretamente este novo modo de pensar o processo transformador, Portantiero nos convida para uma adequada compreensão dos conceitos gramscianos de *Estado, poder e crise*²¹.

Em primeiro lugar, temos em Gramsci uma elaboração teórica na qual, do ponto de vista institucional, o Estado capitalista é integrado por "*el conjunto de instituciones vulgarmente llamadas 'privadas', agrupadas en el concepto de sociedad civil y que corresponden a las funciones de hegemonía que el grupo dirigente ejerce en la sociedad*". Portanto, o Estado deverá ser compreendido como "*el complejo de actividades prácticas y teóricas con las cuales la clase dirigente no sólo justifica y mantiene su dominio, sino también logra obtener el consenso activo de los gobernados...*" (Portantiero, 1977: 56-57).

Em segundo lugar, a partir destas premissas iniciais, é possível assinalar dois elementos básicos da concepção gramsciana de *poder*, segundo a interpretação de Portantiero. Primeiro, o *poder* é um conjunto de relações sociais, portanto, permeia o conjunto social. Ou seja, o *poder* deve ser concebido como "*una relación de fuerzas sociales a ser modificada, y no como una institución que debe ser 'tomada'...*" (Portantiero, 1977: 22). Segundo, o *poder* não é um "lugar",

²⁰ Portantiero chama de "modelo insurreccional" àquele conjunto de teorizações que Gramsci denomina como "revolução permanente", "teoria da permanência", etc. Na sua versão extremada, esta concepção foi transformada muitas vezes numa concepção "golpista" da conquista do poder. É possível consultar os materiais dos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista nos números 43 (I e II congresso) e 47 (III e IV Congresso) dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, editados ambos em novembro de 1973.

²¹ É pertinente indicar que encontramos vários destes novos elementos para a construção de uma nova concepção do *Estado* e do *poder*, embrionariamente, na segunda fase da revista *Pasado y Presente*, em 1973, quando o grupo se encontrava ainda mergulhado na construção de uma estratégia revolucionária vinculada à organização *Montoneros*. Já tratamos, no capítulo anterior, de alguns desses elementos na exposição sobre os editoriais da segunda etapa.

um aparato ou conjunto de aparatos a ser "tomado" através de um "assalto", porque ele *"no está concentrado en una sola institución, el estado-gobierno, sino que, está diseminado en infinidad de trincheras..."* (Portantiero, 1977: 20).²²

Em terceiro lugar, Portantiero destaca a relação dos pontos anteriores com uma nova "teoria da crise". Partindo da premissa gramsciana de que *"en las sociedades capitalistas en donde la sociedad civil es compleja y resistente y sus instituciones son como 'el sistema de las trincheras en la guerra moderna', la ruptura del sistema no se produce por el estallido de crisis económicas..."*, afirma:

La concepción gramsciana del estado no aparece en toda su dimensión si no se vincula con su concepción de la crisis (...) Cuando se puede decir que un sistema ha entrado en crisis? Sólo cuando esa crisis es social, política, "orgánica". Sólo, en fin, cuando se presenta una crisis de hegemonía, "crisis del estado en su conjunto"... (Portantiero, 1977: 58)

Contudo, assinala Portantiero (1977: 58), em Gramsci a presença de uma crise de hegemonia não garante a revolução, *"sus resultados pueden ser diversos, dependen de la capacidad de reacción y reacomodamiento que tengan los distintos estratos de la población, en suma de las características que adopte la relación de fuerzas..."*.²³

Portanto, temos uma interpretação mais adequada à complexidade do real do processo de decomposição das velhas estruturas sociais, da "crise" da sociedade, que permite a elaboração, por parte de Gramsci, de uma teoria da revolução como *proceso de construcción de una nova hegemonía* e de reorganização total da vida social a partir da crise orgânica do sistema, o que

²² Neste ponto é interessante anotar que Kim Park desconhece, ou não levou em conta, este trabalho fundamental de Portantiero que estamos analisando. Deste autor, apenas cita na tese um pequeno artigo de 1989, na revista venezuelana Nueva Sociedad, enquanto exemplifica as novas posições em torno do Estado e do poder com uma citação de quem até hoje é considerado o principal gramsciano mexicano, Carlos Pereyra. É óbvio sublinhar a semelhança das seguintes posições defendidas por Pereyra em 1982 e 1986, com as sustentadas por Portantiero em 1977 e que estamos trabalhando nesta seção.

"El estado no es, por tanto una cosa o instrumento que alguna clase posea en propiedad, sino un campo de relaciones. Se trata, es evidente de un campo de relaciones objetivado en un complejo y diversificado aparato institucional" ("En la hora del PSUM. Partido y sociedad civil", Revista Nexos, Nº 49, 1982. Em Kim Park, 1996: 165).

Em torno da questão do poder, afirma Pereyra: *"El poder es una relación social, no una cosa. No está ni en la punta del fusil ni en el cajón del escritorio. Si bien las relaciones de poder se condensan en el Estado y particularmente en los órganos de gobierno [...] lo cierto es que se trata de relaciones sociales"* ("Democracia y revolución", revista Nexos, Nº 97, 1986).

²³ Portantiero assinala em Gramsci quatro possíveis saídas para a crise: 1) se as relações de forças sociais e os instrumentos políticos necessários estão constituídos, a crise pode conduzir a uma "revolução das classes subalternas"; 2) se isto não acontece, e nenhuma força social está ou se considera apta para assumir a condução de uma saída para a crise, pode conduzir ao "cesarismo"; 3) a crise pode acabar na "reconstrução pura e simples do controle que tinham os antigos representantes das classes dominantes"; 4) por último, a resposta pode ser uma saída de tipo "transformista", isto é, *"la capacidad que las clases dominantes poseen para decapitar a las direcciones de las clases subalternas y para integrarlas a un proceso de revolución-restauración..."* (Portantiero, 1977: 58).

exige a construção de um novo *bloco social intelectual e moral*, capaz de dar forma a uma nova sociedade, um novo *bloco histórico*. Por isso, indica Portantiero, para Gramsci:

La revolución es así un proceso social, en el que el poder se conquista a través de una sucesión de crisis políticas cada vez más graves, en las que el sistema de dominación se va disgregando, perdiendo apoyos, consenso y legitimidad, mientras que las fuerzas revolucionarias concentran crecientemente su hegemonía sobre el pueblo, acumulan fuerzas, ganan aliados, cambian, en fin, las relaciones de fuerza... (Portantiero, 1977: 20)

Portanto, não se trata de “tomar o poder em pedacinhos”, como pretendem os críticos da estratégia gramsciana, nem de uma gradualidade homeopática nas ações transformadoras, mas de uma prática política que se instala na lógica da crise do sistema, nas suas tendências desagregadoras mais profundas, para levá-las à sua consumação e à constituição de uma outra formação social. Assim, segundo Portantiero (1977: 59), *“la teoría de la crisis se enlaza [...] con la estrategia para la constitución de un “bloque histórico” alternativo, capaz de sustituir la dominación vigente e instalar un nuevo sistema hegemónico...”*.

Um outro conjunto de problemas que Portantiero aborda diz respeito aos fatores “subjetivos” da transformação. Neste sentido, temos em Gramsci um novo modo de pensar o problema das relações entre os grupos que podem participar da construção de um novo tipo de sociedade, resumido nos conceitos de **bloco social intelectual e moral, grupo hegemônico e bloco histórico**.

...La hegemonía tiene como espacio de constitución la política: grupo hegemónico es aquel que representa los intereses políticos del conjunto de los grupos que dirige (...) Hegemonía y alianzas se complementan así en una unidad conceptual: todo bloque supone la articulación política entre clases fundamentales y clases auxiliares. Más aún: el eje de la estrategia de la clase subalterna fundamental consiste en desplazar hacia el interior de un bloque hegemónico por ella a quienes actúan como clases auxiliares del bloque en el poder... (Portantiero, 1977: 60)

Logo, no caso do grupo postulante a uma nova hegemonia, o eixo de sua estratégia se constitui ao redor da capacidade que tenha para *“construir un programa de transición que implique un nuevo modelo de sociedad y que articule la totalidad de las prácticas institucionales de las clases, fracciones, categorías y estratos de la población que conforman en una etapa histórica dada, al ‘pueblo’...”* (Portantiero, 1977: 79). Assim, a hegemonia aparece como *“la capacidad para unificar la voluntad disgregada por el capitalismo de las clases subalternas, (que) implica una tarea organizativa capaz de articular diversos niveles de conciencia y orientarlos hacia un mismo fin...”* (Portantiero, 1977, 30).

De outra parte, longe de um abandono da idéia de centralidade da classe operária em favor de outros sujeitos em igualdade de posições na construção da estratégia transformadora, Portantiero ainda neste texto se ajusta à letra gramsciana e conserva a centralidade radical da classe operária no novo bloco revolucionário.

...El bloque político de las clases subalternas incluye como principio ordenador de su estructura, la capacidad hegemónica de la clase obrera industrial sobre el conjunto del pueblo (...) Sin hegemonía el bloque no existe, porque este no es tan sólo una agregación mecánica de clases... (Portantiero, 1977: 60)

Mas, nessa hegemonia da classe operária, uma nova relação entre as instituições organizativas das classes subalternas é desenvolvida. Segundo Portantiero, esta concepção, baseada nas formas organizativas presentes nos setores subalternos, supõe em Gramsci uma **nova teoria da organização**, uma *"teoría de la articulación orgánica de las distintas formas institucionales en que se agrupan las clases populares"* que, como tal, coloca-se como crítica à velha teoria da organização revolucionária leninista, clássica desde o *"Que fazer?"*. Teoria que, segundo Portantiero (1977: 32-33), *"está en las antípodas de la metodología de la organización revolucionaria que subestima la autonomía de las instancias no partidarias de las clases populares"*:

...Esa concepción se basa en que partido y sindicatos no pueden abarcar a la totalidad del pueblo, y sin la participación de las multitudes encuadradas en instituciones específicas, la revolución es imposible... (Portantiero, 1978: 52)

Segundo a leitura de Portantiero (1977: 31), o partido e os sindicatos, enquanto instituições "privadas", mantêm com o "novo Estado" relações de autonomia: não serão absorvidas pelo novo Estado, mas deverão manter-se "autônomas", como "órgão de propulsão" (o partido) e "órgãos de controle" (os sindicatos). Os "conselhos", como entidades "públicas", representam a "relação de Estado" mais importante. Assim, indica Portantiero (1977: 31), *"la importancia que Gramsci le otorga a los consejos (y no sólo a los de fábrica) es porque ellos han de constituir la trama del estado, como organismos que abarcan la totalidad de las clases populares"*.

Assim, se o partido é o principal impulso político, as organizações de massa devem ser *"la trama compleja en el interior de la cual la totalidad de las clases populares desarrollan su iniciativa histórica"*. Neste ponto, indica Portantiero, podemos encontrar o que denomina *"el aporte más original de Gramsci"* a respeito dos "fatores subjetivos" da transformação. A saber:

...Su teoría acerca de la autonomía de los movimientos de masas frente al partido y su caracterización de la revolución como un hecho "social" antes que "político" (...) **En relación con el resto de los aparatos sociales que nuclean al pueblo, su papel [del partido] es secundario, porque la trama institucional del nuevo estado está en aquellos y no en los partidos.** (Portantiero, 1977: 80. Negritos, RB.)

La teoría del partido, así, no es teoría de su organización técnica sino de su relación con la clase y con el pueblo (...) La teoría de la organización en Gramsci es mucho más que una teoría del partido: es una teoría de las articulaciones que deben ligar entre sí a la pluralidad de instituciones en que se expresan las clases subalternas... (Portantiero, 1977: 52)

Portanto, observa Portantiero, *"el modelo de articulación organizacional propuesto por Gramsci aparece como la forma más realista de abarcar las energías de las masas en una lucha constante por modificar las relaciones de fuerzas"*:

Este abanico institucional abarca desde los instrumentos para realizar la hegemonía obrera (partido, consejos de fábrica, fracciones sindicales) hasta el resto de los movimientos de masas "no obreros" (barriales, estudiantiles, agrarios, etc.) articulándolos en un movimiento único a través del cual "el pueblo" reconstruye su propia historia y supera la fragmentación en la que lo colocan las clases dominantes... (Portantiero, 1977: 79)

Ainda sobre o problema da centralidade da classe operária na estratégia gramsciana baseada no conceito de hegemonia, é conveniente fazer mais algumas observações. Em primeiro lugar, a posição de Portantiero em *Los usos de Gramsci* se ajusta, na nossa opinião, à letra e ao espírito do pensamento gramsciano. Para Gramsci, a classe operária era o sujeito coletivo fundamental do processo revolucionário. Qualquer tentativa de diluir a importância que para ele tinha esse setor social na construção de uma nova hegemonia fundada nas classes subalternas forçará indevidamente seus conceitos. O que Gramsci oferece é uma nova lógica para pensar a questão, que possibilita a extensão para uma *teoria geral da hegemonia* que não precise sustentar a centralidade de nenhum sujeito privilegiado. Esta será, por exemplo, a proposta de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, como veremos mais à frente.

Em segundo lugar, Gramsci nos oferece um modo de pensar a forma com que a classe operária e as organizações a ela vinculadas (fundamentalmente: conselhos, sindicatos e partidos) ocupam esse lugar e exercem essa função privilegiada, forma que está em oposição ao modo estabelecido por Lenin e sacralizado pela tradição stalinista do "marxismo-leninismo". Este novo modo de exercer sua função, que Gramsci continua pensando como central, condensa-se *politicamente* no conceito de hegemonia e *organicamente* no que Portantiero denomina acertadamente "modelo de articulação organizacional", ou

“articulação orgânica” das classes subalternas, e que se condensa, por sua vez, nos conceitos gramscianos de “bloco social intelectual e moral” e “bloco histórico”.

Em terceiro lugar, foi esta concepção gramsciana em torno da organização do bloco transformador vinculado às classes subalternas que possibilitou novos desenvolvimentos que levaram, posteriormente, a “enfraquecer” relativamente a centralidade da classe operária no processo transformador. Esse “enfraquecimento” da centralidade operária no mundo do pensamento filo-gramsciano, não é, como muitas vezes se afirma, de forma equivocada, decorrente da “diminuição” do tamanho deste setor social no mundo contemporâneo. Não é apenas uma reação externa às modificações acontecidas no mundo da produção. Esse enfraquecimento é imanentemente decorrente de um aprofundamento deste “modelo” organizacional.

O conceito-chave de “autonomia” e as reflexões em torno dos “interesses diferenciados” mas não antagônicos, que em Lenin eram pensados como “aliança”, são abordados como parte de uma construção hegemônica, isto é, fundada principalmente na “direção intelectual e moral” e no “consentimento ativo” dos dirigidos (embora sem descartar o momento da coerção, inerente à hegemonia, mas visivelmente secundário na conceituação gramsciana). Esta conceituação permitiu que, na sua flexibilização e generalização, a idéia de hegemonia se adequasse para pensar fenômenos contemporâneos de “ativação” dos papéis de diversos sujeitos sociais coletivos que jogaram e jogam funções relevantes nos processos de transformação das relações sociais. Organizações e movimentos de gênero ou raça e outros setores discriminados (movimentos urbanos dos setores carentes; movimentos orientados a “fins éticos universais”: direitos humanos, movimentos pela paz, movimentos ambientalistas e ecologistas, movimentos contra a violência e pela qualidade de vida, etc.), são exemplos de uma série de novos sujeitos coletivos com diversas, mas eficientes, possibilidades transformadoras.

Quem mais longe levou o raciocínio gramsciano de “articulação organizacional”, tornando central no seu modelo a idéia de “articulação”, foram, nos anos 80, Chantal Mouffe e Ernesto Laclau, teorizando sistematicamente as idéias de “sujeitos múltiplos” e a idéia de uma multiplicidade de “posições de sujeito” e sua interrelação, através de novos conceitos como o de “articulações hegemônicas”. Neste modelo mais amplo sugerido por Mouffe e Laclau, a classe operária não perde sua importância e atributos *específicos* mas sim a centralidade, o privilégio da “articulação hegemônica”. Neste modelo, as ações

anti-capitalistas que visam a um socialismo pensado como “radicalização da democracia” podem ser hegemonizadas (isto é, dirigidas e coordenadas intelectual, moral e até organicamente) pelo segmento subalterno que, eventualmente, pelo jogo das relações de força sociais, encontre-se em condições de ocupar esse lugar.

Finalmente, podemos indicar modelos classicamente gramscianos de construção de um projeto hegemônico centrado no papel fundamental da classe operária como setor subalterno fundamental, encontrados na Europa, no caso italiano, e na América Latina, no caso do Partido dos Trabalhadores (PT), no Brasil.

Com referência ao “projeto hegemônico” que postula e constrói o PT, encontramos uma teia complexa de relações relativamente autônomas e, ao mesmo tempo, relativamente subordinadas a um projeto unitário. O papel fundamental do movimento operário (organizado na *Central Única dos Trabalhadores*, CUT) e do partido como articulador de diversos interesses é evidente na experiência petista. Mas uma série de outros movimentos fundamentais dos setores subalternos se encontram vinculados, “articulados” a esse projeto: o Movimento dos “Sem Terra” (MST) e uma parcela importante dos movimentos populares urbanos das grandes cidades em primeiro lugar, mas também uma série de outras expressões de interesses de setores subalternos (movimento negro, movimentos femininos, deficientes físicos, etc.) também encontram ou lutam por encontrar um lugar nesse projeto.

Por outro lado, o partido coordena objetivos “de Estado” em várias instâncias: Câmaras de Vereadores, Assembléias Legislativas Estaduais, Câmara e Senado Federais; prefeitos, governadores e as sucessivas e expressivas tentativas de alcançar a presidência na nação. A simples leitura dos jornais evidencia a existência e crescimento de um projeto hegemônico vinculado a este partido. A construção política descrita se aproxima do modelo elaborado por Portantiero no texto que estamos analisando.

Da análise desenvolvida, fica claro que este influente texto de Juan Carlos Portantiero, escrito entre 1975 e 1977 e publicado nesse último ano (isto é, no meio do período de formação do novo pensamento transformador de esquerda), continua o trabalho de produção teórica começado na etapa argentina ainda na perspectiva de uma estratégia “revolucionária” para a esquerda e conserva, no centro dessa estratégia, o papel fundamental da classe operária, tal como em Gramscí. Longe, então, dos “abandonos” enunciados por Kim Park e a esquerda “de esquerda”.

Portanto, este texto evidencia a passagem do terreno de Lenin para o de Gramsci nestas questões. O ajuste de contas com a concepção leninista da organização, constituída a partir do livro *Que Fazer?* em dogma da esquerda, tem uma longa história no trabalho do grupo, que começa com a publicação dos *Cuadernos de Pasado y Presente* Nº 7 e Nº 12 (*"Teoría marxista del partido político"* 1 e 2), ambos de 1969, alcança um momento crítico importante com a publicação do ensaio *"La concepción del partido revolucionário en Lenin"*, do italiano Antonio Carlo, no Nº 2/3 da *Revista Pasado y Presente*, aparecida em dezembro de 1973²⁴, e acaba de se conformar no texto que estamos analisando, onde Portantiero apresenta uma coerente "teoria gramsciana da organização".

Assim, as reflexões de Gramsci nos brindam, segundo Portantiero (1977: 18-20) *"el diseño de una estrategia no reformista ni insurreccionalista de la conquista del poder..."*, uma estratégia que *"implica una modificación de los instrumentos clásicos de la acción política..."*. Esta nova compreensão da transformação social implica em uma crítica à compreensão instrumentalista, reificada, do poder e tem como resultado uma concepção da revolução como o processo complexo de construção de uma nova sociedade.²⁵

Assim, por um lado, o socialismo gramsciano que apresenta Portantiero neste texto não só não pode ser pensado como um ato transcendental de alguma "vanguarda", mas se coloca como o produto da "realização de uma vontade coletiva nacional e popular", como uma realização do povo. Por outro lado, longe

²⁴ Na apresentação desse número da revista, os editores indicam que *"El artículo de Antonio Carlo reivindica los aspectos más valiosos de esa herencia teórica y política, pero marca a su vez sus límites y peligros: su inclusión apunta a precisar la actitud de Pasado y Presente frente a los aportes del gran revolucionario: una actitud que no supone obsecuencia sino rescate crítico de su legado histórico"* (*Pasado y Presente*, Nº 2/3, 1973, pág. 178). No seu texto, A. Carlo realiza uma pormenorizada crítica às posições do livro *Que Fazer?*, e descreve as várias viradas teóricas e políticas de Lenin sobre a questão da organização revolucionária da classe operária. Criticando a adesão a-crítica da esquerda ao *Que Fazer?*, cujas posições, indica, foram *"superadas por la historia e relegadas por el mismo Lenin"*, orienta os leitores a, em primeiro lugar, descobrir o Lenin dos conselhos, o *"Lenin más auténtico"*, que é também o Lenin *"protagonista de dos grandes revoluciones"* (1905-1917). Por outro lado, orienta a "nova esquerda" para uma "elaboração autónoma" da questão.

²⁵ Pensando também a partir do universo conceitual gramsciano, Carlos Nelson Coutinho elabora uma concepção processual da revolução para o Brasil que denomina "reformismo revolucionário": "ela é reformista no plano da tática, mas é revolucionária no plano da estratégia". É revolucionária porque "tem como objetivo último não melhorar o capitalismo, mas efetivamente superá-lo no sentido de uma sociedade socialista". Nessa estratégia, exposta, leve-se em conta, não em termos puramente teóricos, mas aplicados à realidade concreta, Coutinho observa duas tarefas básicas: "Primeiro, fortalecer a sociedade civil; para isso, trata-se de organizar a população, de organizar partidos realmente representativos, de fortalecer o movimento sindical, os aparelhos privados de hegemonia em geral. Nesse nível, é possível e necessário um acordo e um entendimento com os setores liberais modernos. E uma segunda tarefa fundamental é a de construir um bloco das esquerdas, interessado em transformações sociais profundas, que mudem a correlação de forças no sentido da progressiva conquista do aparelho de Estado pelo conjunto das forças ligadas ao mundo do trabalho" (Coutinho, 1986: 133-134).

de ser um fato de caráter essencialmente econômico, "*el socialismo aparece como una nueva cultura, como un hecho de conciencia sostenida por la historia de cada pueblo-nación...*" (Portantiero, 1977: 30). Portanto, encontramos em Gramsci a "lenta construção" de:

...Una visión de la política cuyos ejes serán la voluntad histórica, el papel de las ideas como sustentadoras de grandes emociones colectivas, el respeto a los sentimientos profundos de las masas, **la definición del socialismo como un tipo nuevo de vida moral...** (Portantiero, 1977: 23. Negritos, RB).

Este quadro conceitual forneceu os elementos teóricos fundamentais para uma nova abordagem da "questão democrática" que mencionamos anteriormente. Mas isto será abordado em detalhe no próximo capítulo. Vejamos agora como estes elementos teóricos gramscianos se fundiram com a crítica do marxismo dominante na esquerda latino-americana e a redescoberta do "primeiro marxista da América", o "Amauta"²⁶, José Carlos Mariátegui.

5.2.2. A descoberta de Mariátegui. Mariátegui e Gramsci

Um fato relevante do processo de renovação, de abertura do pensamento de esquerda, é a inédita difusão e discussão da obra do marxista peruano José Carlos Mariátegui, morto prematuramente em 1930 com 36 anos e uma das figuras centrais da história peruana deste século, junto com Victor Raúl Haya de la Torre. Enquanto que este último e a *Alianza Popular Revolucionaria Americana* (APRA) encarnaram as tendências "nacionalistas" próximas ao populismo, Mariátegui encabeçou a formação das primeiras organizações socialistas do Peru orientadas pelo pensamento marxista, tornando-se assim uma figura unificadora do pensamento e do sentimento da esquerda política peruana, à margem das diferenças intensas que a dividiram ao longo de décadas.

Por diversas razões, Mariátegui foi escassamente difundido e discutido, até os anos 70, nos demais países da América Latina. Mas a sua descoberta trouxe um impulso renovador ao pensamento da esquerda política, em particular quando conjugado com o florescente pensamento gramsciano desses anos.

Sobre as relações entre os dois pensadores no contexto latino-americano, é esclarecedor este texto de Aricó:

...No deberíamos olvidar que el ajuste de cuentas con las formas que adquirió el marxismo en nuestra región se nutrió fundamentalmente de Gramsci y también de Mariátegui para llevar adelante una tentativa de actualización (...)

²⁶ "Mestre", em quichua. Apelido com que é conhecido e chamado Mariátegui.

...Ambos evidencian ser productores de un cierto tipo de marxismo -no reductible al leninismo- cuya vocación es radicarse en realidades nacionales que se admiten como específicas y expresarse en una práctica teórica y política diferenciada. A esta motivación fundamental deben ser agregadas otras, aún de biografías personales y de itinerario intelectual, que aproximan de manera sorprendente a ambas figuras y que las convierten, entre nosotros, en una suerte de vasos comunicantes en una reflexión más general sobre las notas distintivas del marxismo latinoamericano. Una evoca irresistiblemente a la otra, de un modo tal que si en el Perú el reavivamiento del debate en torno a Mariátegui hizo irrumpir la figura de Gramsci, en cambio, es muy posible que haya sido la difusión del pensamiento del autor de los *Cuadernos de la Cárcel* la que contribuyera decisivamente a redescubrir a Mariátegui (...)

...Tengo la sospecha de que la "insularidad" en que por motivos ideológicos y políticos estuvo encerrada la figura del Amauta sólo pudo ser rota en América Latina -y no en todas partes; en Brasil es todavía un hecho reciente- merced al efecto erosionante sobre la tradición firmemente constituida que tuvo el conocimiento de Gramsci. (Aricó, 1988: 123-125)

A pesquisa em torno dos efeitos teóricos e políticos do que Aricó denomina "o encontro afortunado na posteridade" destes dois autores ainda está por realizar-se, embora uma boa parte do trabalho teórico básico tenha começado a partir dos trabalhos pioneiros de Robert Paris. Segundo o mesmo Aricó:

Los trabajos de Paris marcaron una perspectiva de búsqueda que fue seguida por um conjunto de investigadores y ensayistas latinoamericanos, de filiación gramsciana o asiduos lectores de sus escritos, y que constituyeron un verdadero centro de irradiación a toda la región de las ideas del autor de los 7 *ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Y no fue por azar que desde ese sitio privilegiado del exilio intelectual en que se convirtió México desde los años setenta, se pudiera organizar en Culiacán, con el auspicio de la *Universidad Autónoma de Sinaloa* el primer Coloquio internacional sobre "Mariátegui y la revolución latinoamericana" en abril de 1980. (Aricó, 1988: 126)

Estudioso do fascismo italiano e conhecedor de Gramsci, Paris muda um projeto de tese destinado ao pensamento gramsciano a partir da tradução do primeiro texto de Mariátegui para o francês, em 1964, e produziu seu primeiro texto relevante sobre Mariátegui: "*La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*", em 1970²⁷. Além de diversos artigos sobre o pensador peruano, Paris produzirá um texto no qual tentará o que chama de uma "*aproximação contrastante*" entre o pensamento de Gramsci e o pensamento de Mariátegui²⁸. Os estudos de Paris são um lugar fundamental para conhecer a "formação italiana de Mariátegui" nos anos de sua estadia na Itália, entre 1920 e 1923, seu

²⁷ Existe uma tradução deste texto para o espanhol: Robert Paris, "*La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*", *Cuadernos de Pasado y Presente* N° 92, México: Pasado y Presente/Siglo XXI, 1981.

²⁸ Robert Paris, "*Mariátegui y Gramsci: prolegómenos a un estudio contrastado de la difusión del marxismo*", em *Socialismo y Participación* N° 23, Lima, 1983.

encontro com a experiência de *L'Ordine Nuovo* e os pontos de possíveis encontros com o pensamento gramsciano.

A obra do próprio Aricó é de interesse fundamental nesta direção. A perspicaz introdução à sua compilação de textos *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*²⁹ é, em si mesma, uma peça que merece uma atenção especial. A importância que Mariátegui tem para Aricó, que dedicou seu trabalho teórico principal ao estudo das peripécias do marxismo na América Latina, transparece nas seguintes apreciações:

Los 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana (...) constituyen el mayor esfuerzo teórico realizado en América Latina por introducir una crítica socialista de los problemas y de la historia de una sociedad concreta y determinada (Aricó, 1978: iv) (...) Con todos los errores o limitaciones que puedan contener, **los 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana siguen siendo, a cincuenta años de su publicación, la única obra teórica significativa del marxismo latinoamericano**". (Aricó, 1978: xix. Negritos, RB.)

Na tentativa de fundamentar esta tese central, Aricó faz uma viagem teórica por problemas muito diversos: da formação cultural de Mariátegui na Itália (na época da experiência de *L'Ordine Nuovo* e a influência de Piero Gobetti e Georges Sorel) às intrigas e conflitos dentro da III internacional; das polêmicas com o populismo de Haya de la Torre e o APRA à conflituosa relação de Mariátegui com os Partidos Comunistas da Seção Latino-Americana da III Internacional; das inúmeras incursões jornalísticas e literárias de Mariátegui às relações com as organizações indigenistas peruanas e à formação da Central dos Trabalhadores Peruanos, em 8 de julho de 1919³⁰. Enfim, Aricó aproveita o texto sobre Mariátegui para sua própria tentativa de acertar contas com a tradição dogmática do marxismo latino-americano. O texto é, desta perspectiva, uma peça fundamental.

Novamente o ponto nevrálgico da crítica de Aricó girará em torno do modo dogmático com que o marxismo latino-americano (e da III Internacional em geral) estabelece e pensa o nexo entre cultura e política. Se Mariátegui pôde construir uma visão adequada da realidade peruana, ao ponto de ser considerada a "*única obra teórica significativa del marxismo latinoamericano*" foi, substancialmente, pelo fato de ter conseguido resolver adequadamente "*el viejo y siempre actual problema del carácter autónomo del marxismo*" ou, dito em outros termos, o

²⁹ José Aricó (Org. e introdução), *"Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano"*, Cuadernos de Pasado y Presente, Nº 60, 1978.

³⁰ Chamada originariamente *Federación Obrera Regional Peruana*.

problema das “*relaciones entre el marxismo y la cultura contemporánea*”. Com efeito, destaca Aricó:

...La razón más poderosa de la actual crisis del movimiento socialista (que en el plano de la teoría aparece como la “crisis del marxismo”), reside en la tenaz resistencia de la tradición comunista a admitir el carácter crítico, problemático y por tanto siempre irresuelto de la relación entre marxismo y la cultura de la época, a la que la tradición califica genericamente como “burguesa”. (Aricó, 1978: xii)

Se a “figura excepcional” de Mariátegui conseguiu se elevar ao ponto que poucos conseguiram, foi pelo fato de ter assumido uma relação adequada com a cultura da época; se “*el marxismo de Mariátegui extrajo su inspiración renovadora precisamente de la parte más avanzada y moderna de la cultura burguesa contemporánea*”, então “*la discusión nos permite comprender el hecho paradójal que significa determinar la presencia del marxismo de Mariátegui precisamente allí donde los marxistas pretendieron rastrear sus vacilaciones frente a las ‘ideologías del enemigo de clase’*” (Aricó, 1978: xiv).

Estas características particulares do marxismo de Mariátegui o colocam num lugar privilegiado na história do marxismo como tal e não apenas do “marxismo latino-americano”.

Al igual que otros heterodoxos pensadores marxistas, él pertenece a la estirpe de las *rara avis* que en una etapa difícil y de cristalización dogmática de la historia del movimiento obrero y socialista mundial se esforzaron por establecer una relación inédita y original con la realidad. Es por esto y no sólo por su formación italiana, aunque ésta fue decisiva, o por su muerte prematura o sus limitaciones físicas, por lo que su figura evoca irresistiblemente la de ese gran renovador de la teoría política marxista que fue Antonio Gramsci. (Aricó, 1978: xii)

A obra prima de Mariátegui, “*7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*”, é uma verdadeira amostra dessa heterodoxia e de sua original forma de interpretação marxista da realidade. Em primeiro lugar, a própria estrutura do texto, os sete ensaios, indicam que se está diante de uma visão multifacetada da realidade social. Apenas os títulos dos ensaios já mostram claramente isto: *Esquema de la evolución económica; El problema del indio; El problema de la tierra; El proceso de la instrucción pública; El factor religioso; Regionalismo y centralismo; El proceso de la literatura*.

Mas, se uma característica marca a fogo sua originalidade, é o tipo de solução que Mariátegui encontra para a questão das forças sociais e das “fontes históricas” para o socialismo peruano. Desafiando uma tradição de que não conseguiram escapar seus congêneres latino-americanos, não colocava o socialismo como resultado histórico de um necessário e prévio desenvolvimento

do capitalismo interno, de um “progresso liberal” do desenvolvimento da indústria, que levaria à formação da classe operária, “portadora” e construtora histórica do socialismo. Mariátegui distinguiu na terra e na ancestral cultura agrária do império dos **Inkas** (o **Tawantinsuyo**) o “terreno orgânico” do seu desenvolvimento; nos índios e na tradição incaica, as forças motrizes históricas do socialismo peruano; e na “comunidade rural” (o **Ayllu**), a instituição fundamental dessa transformação socialista. Assim, indica Mariátegui, “*el socialismo aparece en nuestra historia no por una razón de azar, de imitación o de moda, como espíritus superficiales suponen, sino como una fatalidad histórica*” (Mariátegui, 1987: 38), isto é, decorrente da própria trama histórica peruana.^{Nota 1}

É compreensível como esta verdadeira “descoberta” de Mariátegui se amalgamou, no seio da discussão que o México propiciava, na construção de uma nova visão do marxismo, do socialismo, da esquerda, das futuras construções políticas, centradas numa releitura da história nacional, numa nova relação entre cultura nacional e política e em particular entre as construções estratégicas dos setores subalternos e os intelectuais “*en cuanto que representantes de toda la tradición cultural de un pueblo*” (Aricó, 1978: li). A descoberta de Mariátegui, portanto, terá para a intelectualidade empenhada nesse debate a força de um achado que se assemelha à descoberta de Gramsci numa época anterior.

Portanto, no centro dessa “descoberta da América Latina” que se concretiza radicalmente no México, encontra-se a agigantada figura de Mariátegui. Além dos já mencionados trabalhos de Robert Paris e José Aricó, diversos autores trabalharam esse cruzamento teórico de Gramsci e Mariátegui, dentre eles, **Francis Guibal**, no texto *Gramsci, filosofía, política, cultura* (Ed. Tarea, Lima, 1981). Guibal, de grande prestígio no Peru, junto com Paris e Aricó, foi dos mais influentes na difusão de Gramsci e do próprio Mariátegui nesse país. Um dos capítulos do livro de Guibal leva o sugestivo título: “*Mariátegui, un Gramsci peruano?*”. Também são significativos: **Cesar Lévano** – “*Gramsci y Mariátegui*”, em *Regionalismo e Centralismo*, Lima: Amauta, 1979; **Alfonso Ibañez** – *Gramsci y Mariátegui: la recreación del marxismo revolucionario*, Lima: Tarea, 1979; **Sinesio Lopez** – *Mariátegui y la teoría de la hegemonía cultural*, Lima : Marka, 1979; e

outros³¹. Os diversos autores que trabalharam as relações entre o peruano e o italiano parecem coincidir na idéia de que *"el conocimiento de Gramsci servirá siempre para una más integra comprensión de Mariátegui"*.

No meio do clima de "crise do marxismo", a descoberta de Mariátegui como produtor de um marxismo e um socialismo originais, enraizado na experiência concreta do povo peruano, juntava-se então com a releitura de Gramsci para a promoção de uma dura crítica à leitura dogmática do marxismo e de uma renovação desta corrente de pensamento. No marco desta crítica, e como parte desta renovação, José Aricó empreenderá uma investigação meticulosa sobre as possíveis causas da incompreensão de Marx acerca da realidade latino-americana e do "desencontro" entre a doutrina marxista e tais realidades. A pesquisa de Aricó, como veremos a seguir, conduzirá a uma verdadeira redescoberta do próprio Marx.

5.2.3. Aricó: *"Marx y América Latina"*

Nesta nova abordagem de Marx, Aricó irá trabalhar a diferença entre o tipo de marxismo que se constituiu e difundiu através dos movimentos socialista e comunista e uma série de conceitos de Marx, que, incomprendidos por estes, fundamentariam uma nova concepção do processo histórico. Segundo a observação de Portantiero sobre o significado da obra de Aricó:

Quizás la mejor síntesis de la búsqueda de Pancho, la búsqueda madura de Pancho, su búsqueda teórica, ha sido la de intentar separar Marx del marxismo. En que sentido?: intentar redescubrir a un intelectual, político, que sintió la enorme necesidad de someter a la realidad y a la conceptualización de la realidad, a las teorías de su tiempo, a una crítica radical. Alguien que, como Marx, vivió al capitalismo como el producto de una humanidad fetichizada y que, en ese sentido, instituyó para su análisis el principio de la crítica. A diferencia del marxismo, esa operación intelectual de finales del siglo XIX donde de alguna manera, dando vuelta las cosas, en lugar de esa crítica radical, lo que aparecía era una construcción de teorías montadas sobre un principio de absoluto... (Portantiero, 1995: 65-66)

Este trabalho de "desincrustação" da matriz "marxiana" dos detritos perversos do "marxismo" (usando a diferenciação de termos adotada por Aricó) se realiza, curiosamente, num texto que, sob o grande *leitmotiv* da investigação dos motivos do "desencontro" entre os conceitos marxistas e os movimentos

³¹ Encontramos outros trabalhos que influenciaram na retomada de Mariátegui nos seguintes textos: **Estuardo Nuñez**, *La experiencia europea de Mariategui*, Lima: Marka, 1978; **Antonio Melis**, *Mariategui, el primer marxista de América*, em *"Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano"*, *Cuadernos de Pasado y Presente*, Nº 60, 1978; **Heráclio Bonilla**, *Mariátegui y la originalidad de su pensamiento*, Lima: Marka, 1979; **Rafael Roncaglio**, *Gramsci, marxista y nacional*, Lima: Que Hacer, 1980. **Oscar Terán**, *Discutir Mariátegui*, Universidad Autónoma de Puebla, 1985.

historicamente concretos das classes subalternas na América Latina ou, dito de outra forma, da ineficácia histórica desses conceitos para pensar a realidade de nosso sub-continente, dirigir-se-á criticamente ao próprio Marx e suas conhecidas posições depreciativas relativas aos povos, à sociedade e às lideranças políticas (em particular Simón Bolívar) dos jovens Estados nascidos depois da independência da Espanha: o livro *Marx y América Latina*³². Segundo indica o próprio Aricó (1982: 34), “o que nos preocupa é indagar as razões que puderam levar Marx a não prestar atenção ou a manter uma certa atitude de indiferença diante da natureza específica, própria das sociedades latino-americanas”.

Aricó (1982: 34) chama de “paradoxo marxiano” o fato de Marx ter essa atitude com a América Latina “no mesmo momento em que empreendia a complexa tarefa de determinar a especificidade do mundo asiático ou, mais exatamente, as formações não capitalistas típicas”. Dado que a resposta mais corriqueira para explicar a posição de Marx foi a postulação de uma ideologia “eurocentrista”, Aricó, suspeitando da futilidade dessa resposta, dedicar-se-á à crítica desta posição e à determinação de razões mais adequadas para tal desatenção por parte de Marx.

A solução que Aricó construiu como resposta ao “paradoxo” assinalado levará, em primeiro lugar, a uma revisão crítica da constituição do “marxismo”, no final do século passado

O “marxismo”, isto é, a “ideologia que os social-democratas europeus do final de século” constituíram, segundo Aricó, com base em fragmentos do pensamento marxista, baseou-se nos poucos textos de Marx publicados na época: O *Manifesto Comunista*, o *Prólogo à Contribuição à Crítica da Economia Política*, o tomo I de *O Capital* e o *Anti-Düring*. A origem do conceito de “marxismo” e a sua definição estão vinculadas ao trabalho de sistematização do pensamento de Marx realizado por Karl Kautsky e a ele – e ao trabalho de transformação deste “marxismo” em “ideologia de partido” pelos social-democratas alemães – estariam associadas não apenas a “dogmatização” das idéias de Marx como “sistema”, mas a inclusão nesse sistema de um conjunto de conceitos que “desfigurariam” e contradiriam “aquilo que realmente foi escrito e pensado por Marx” (Aricó, 1982: 48).

³² Publicado em Lima: Cedep, 1980. Dado que existe tradução ao português, utilizaremos aqui esta versão do texto. A edição em questão: *Marx e a América Latina*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Na fundamentação desta perspectiva, Aricó estuda um conjunto de trabalhos de Marx referentes às áreas periféricas do sistema capitalista (escritos referidos à Espanha, Rússia e Irlanda, principalmente estes dois últimos), nos quais se verifica uma “virada” no seu pensamento e que permitem estabelecer a existência de novos códigos para uma leitura de Marx, distante daquela sistematizada em forma de doutrina, primeiramente, pelo “marxismo” do final do século XIX e, depois, pelo “marxismo-leninismo” como “filosofia oficial do Estado soviético”. Aricó toma esta tese de Renato Levrero (num texto publicado nos *Cuadernos de Pasado y Presente*, no México), de quem faz uma longa citação que reproduzimos parcialmente:

Os trabalhos sobre a Irlanda [...] significam uma *virada decisiva*, explícita e sem equívocos na concepção marxista de revolução proletária [...] Observando a evolução do pensamento de Marx em relação à questão irlandesa, podemos ver, de maneira muito clara, o nascimento de um momento que será fundamental ao desenvolvimento da política revolucionária do proletariado”. (Em Aricó, 1982: 50)³³

Na sua excelente introdução crítica ao livro de Aricó, o peruano Carlos Franco realiza um trabalho de síntese dos principais elementos da “virada” no pensamento de Marx que se encontram no texto de Aricó, cuja meticulosidade e correção nos facilita o trabalho de exposição:

a) Recusa da tentativa de transformar sua teoria acerca da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-filosófica que prevê os processos de desenvolvimento de todas as sociedades e em qualquer situação histórica em que se encontrem...

b) Reconhecimento do caráter desigual e contraditório do desenvolvimento econômico do mundo ocidental e não ocidental e da interdependência conflitiva dos mesmos. Reconhecimento, portanto, da subordinação do processo de acumulação dos excedentes nos países não europeus com relação aos europeus e do caráter colonial do vínculo entre eles.

c) Previsão do deslocamento do centro do processo revolucionário do mundo ocidental ao mundo não ocidental e constituição da revolução nacional dos países dependentes condicionados à (RB: erro de tradução: “como condição para a”) revolução social dos países europeus.

d) Exame da possibilidade histórica da passagem das sociedades não capitalistas ao socialismo sem a necessária passagem pelo estágio capitalista.

e) Identificação, especialmente para o caso da Rússia, de instituições comunitárias camponesas como eixo da passagem de sociedades não capitalistas a socialistas.

f) Percepção dos diferentes sujeitos históricos do movimento revolucionário nas sociedades asiáticas e/ou coloniais (campesinato, intelectuais, pequena burguesia, classe operária embrionária) em comparação com aqueles das sociedades européias e capitalistas.

³³ O texto de Levrero na versão espanhola, *Marx y Engels y la cuestión colonial*, encontra-se em Marx y Engels, *Imperio y Colonia. Escritos sobre Irlanda*, Cuadernos de Pasado y Presente, Nº 72, México: Siglo XXI, 15.

g) Afirmção da natureza distinta das tarefas necessárias à transformação das sociedades asiáticas e/ou coloniais (independência política, revolução agrária, proteção industrial e comercial) em comparação com aquelas a serem realizadas em sociedades européias e capitalistas. (Em Aricó, 1982: 22-23)

Destacando estes elementos como constituintes da “virada” do pensamento de Marx, Aricó indica de que forma os textos que contêm esta transformação conceitual foram “relegados ao abandono”, considerados como “textos circunstanciais”, conjunturais e pouco rigorosos. Ou, em um tom mais crítico, “tergiversados, desqualificados ou claramente silenciados pela *intelligentzia* ‘marxista’” (Aricó, 1982: 50), tais textos não contribuíram para oferecer uma leitura mais complexa do universo teórico de Marx, evitando, ou pelo menos flexibilizando, a leitura simplista e mecanicista construída desde a sistematização social-democrata. Ao contrário, diz Aricó, apesar de O Capital ser pensado pelo autor como uma “obra aberta de múltiplos sentidos”,

...serviu, não obstante, na leitura feita pelo movimento socialista, como fundamentação teórica de uma visão teleológica da evolução das sociedades, a partir da qual cada uma emergia da anterior seguindo um esquema unilinear que desembocava inexoravelmente no triunfo do socialismo. Por isso, uma obra que era concebida por Marx como o maior golpe teórico contra a burguesia [...] converteu-se, nos países atrasados, no livro dos burgueses, isto é, no mais sólido fundamento para a aceitação da necessidade e progressividade do capitalismo tal como se configurou concretamente na Europa ocidental (Aricó, 1982: 62).

Assim, afirma Aricó (1982: 63), “uma perspectiva crítica como a que colocamos supõe, necessariamente, uma releitura global da obra marxiana”, da qual emergirá um Marx que “estaria bastante distante da imagem estereotipada e ‘científica’ a que nos habituou o marxismo oficial”.

Como é óbvio, este trabalho crítico não soluciona o que o próprio Aricó definiu anteriormente como o “paradoxo marxiano” e que constitui o núcleo do seu trabalho. Ao contrário, torna-o mais evidente ao livrar-se de hipóteses erradas em torno da sua solução. Seu trabalho crítico, na verdade, vai mostrar que, se Marx não compreendeu a América Latina, não foi por “eurocentrismo” e por não ter categorias analíticas adequadas, ou por ter “informações deficientes”. Ou, ainda, no caso da interpretação preconceituosa e equivocada que Marx faz do *Libertador* Simón Bolívar, por estar influenciado por opiniões que desacreditavam a figura de Bolívar. Mas esta incompreensão se dá por outras razões, vinculadas à formação teórica e à visão da política de Marx.

Na busca dos “obstáculos subjetivos e objetivos” que impediram Marx de “ver algo que necessariamente deveria ver”, Aricó (1982: 92) detectará dois elementos principais: primeiro, a “dificuldade de abandonar por completo a

herança hegeliana", principalmente a temática embutida no binômio hegeliano de "nações (ou "povos") históricas" ou "vitais", e "nações (ou "povos") sem história". Segundo, vinculado à noção crítica de Estado, central na sua teoria, Aricó localizará no que denomina "o exacerbado *antibonapartismo* de Marx" as "razões políticas que provocaram a ressurreição da noção [de 'povos sem história'] e essa espécie de cegueira sofrida pelo pensamento marxiano" frente ao tipo de formações nacionais centradas no Estado que se constituíam na América Latina.

Sem poder admitir teoricamente a "produtividade" do Estado latino-americano que estava constituindo "por cima" a "sociedade civil" e a própria nação, Marx não conseguia perceber no processo latino-americano mais do que arbítrio e autoritarismo. Nas palavras de Aricó:

...se, como afirma reiteradamente e volta a repetir em suas observações a Maine, "a suposta existência independente e suprema do Estado só é aparente e [...] em todas suas formas é uma excrescência da sociedade", sua visão da sociedade civil latino-americana, como o primado do arbítrio, implicava, necessariamente, a desqualificação dos processos de construção de Estados que ali se operavam (Aricó, 1982: 87-88)³⁴.

Portanto, Aricó encontra, no raciocínio de Marx, um círculo vicioso que o levará a essa cegueira para entender os processos latino-americanos e as forças em ação. Através da afirmação do caráter arbitrário, absurdo e irracional do processo latino-americano; impossibilitado de visualizar nele a presença de uma luta de classes que fosse expressão de algum movimento real e que portanto permitisse o tipo de aproximação teórica fundado na sua sistematização lógico-histórica, Marx se viu obrigado a recolocar a noção, "sempre presente no fundo do seu pensamento", de "povos sem história". Pode-se postular, afirma Aricó (1982: 105-106), que, "sobre esta forma hegelianizante de percepção do processo, operou o segundo princípio que assinalamos, ou seja, o da resistência de Marx a reconhecer no Estado uma capacidade de 'produção da sociedade civil e, por extensão, da própria nação'".

Estes fatos teóricos, junto com as conseqüências ideológicas da manobra francesa na América Latina no século passado (a invasão do México pelas tropas francesas comandadas por Maximiliano, arquiduque da Áustria, foi uma de suas

³⁴ As citações de Marx que faz Aricó correspondem, segundo indica, a observações de Marx ao livro de H.S. Maine "*Consideraciones acerca del origen das instituições*" e são tomadas da "*Introducción a las Notas Etnológicas de Karl Marx*", de Lawrence Kradner, *Nueva Antropología*, año III.10: 71, México, abril de 1979). O fato de Aricó, para explicitar a posição de Marx sobre o Estado, tomar um texto de uma fonte secundária não deixa de ser curioso, dada a erudição de Aricó sobre a obra de Marx, e é sintomático do pouco escrito por Marx sobre a questão do Estado.

manifestações mais importantes), que visava a hegemonizar uma recomposição das nações “latinas” (isto é, os povos de fala francesa, portuguesa, italiana e espanhola), levaram Marx, segundo Aricó, à associação indevida de Bolívar e o conjunto da elite independentista latino-americana com o desprezado Luís Bonaparte.

Assim, não encontrando na América Latina códigos racionais de interpretação histórica, não achando mais do que a arbitrariedade e a confusão próprias dos povos que não se constituíram ainda em nações, e observando nas lideranças e no Estado latino-americano nada mais do que autoritarismo bonapartista – elementos que conformaram uma ótica falsa, uma “visão preconceituosa” –, Marx viu-se impedido de aplicar à análise dos processos que aconteciam nestes territórios os novos elementos teóricos que construíra principalmente a partir dos casos irlandês e russo.

Portanto, temos neste texto de Aricó um movimento teórico que se configura da seguinte maneira:

1- partindo do evidente equívoco das análises marxistas sobre a América Latina, Aricó busca explicitar as razões desta “cegueira” diante da realidade latino-americana;

2- questiona e critica a tradicional explicação desta “cegueira” baseada na idéia do “eurocentrismo” de Marx. Marx teria superado o natural eurocentrismo das suas teorias ao descobrir a unidade do processo de construção capitalista do “mercado mundial” e ao perceber, nesse novo momento do desenvolvimento do capital, novas regularidades da luta revolucionária que destacavam as possibilidades transformadoras de povos não europeus (como a China ou os povos turcos) ou europeus “periféricos” (como a Irlanda ou a Rússia);

3- assinala, nas novas pesquisas marxistas sobre tais casos, uma série de novas posições teóricas (já resumidas antes), que conformam em conjunto uma “virada” no pensamento de Marx que distanciaria o próprio Marx do “marxismo” tanto da II quanto da III Internacional;

4- portanto, as explicações do que denomina o “paradoxo marxiano” encontram outros cursos. As razões da “cegueira” de Marx serão localizadas numa mistura de “sistema teórico” e “herança hegeliana” que, constituídos em preconceito, somam-se ao seu profundo “anti-bonapartismo”, culminando numa visão ideológica da realidade latino-americana.

Contudo, um resultado fundamental deste trabalho teórico – crítico da visão marxista da América Latina –, é, surpreendentemente, uma reivindicação do pensamento de Marx. O trabalho crítico levou à emergência ou à descoberta do

que Aricó chama de “um filão do pensamento marxiano oculto durante muitos anos”. Uma descoberta que mostra “certos núcleos problemáticos em que os pontos de fuga do sistema marxiano aparecem como oferecendo maiores possibilidades de perseguir uma linha de busca mais aderente ao espírito de Marx”. Deste modo,

o resultado alcançado, ainda que se baseie, talvez exageradamente, mais no não dito que no explicitamente afirmado por Marx, poderá contribuir em parte a restituir-nos a heterodoxia de uma pensamento que um movimento histórico de extraordinária magnitude, como é o socialismo, insistiu em ver apenas como uma verdade incontestável. (Aricó, 1982: 116-117)

Isto é, estes novos elementos poderiam contribuir para desmontar a construção do marxismo como “sistema fechado”, como dogma, recuperando a obra de Marx como uma obra aberta, flexível, dinâmica.

Criticando o “positivismo” embutido nas idéias, tão caras, durante muito tempo, ao movimento socialista da América Latina, da necessária “progressividade” do “desenvolvimento das forças produtivas” e do papel fundamental do “Estado” nesse desenvolvimento, Aricó reivindica “esse filão democrático e popular do marxismo”. Assim, criticar a forma adotada pelo marxismo da II Internacional (e as deformações posteriores na mesma trilha)

é introduzir um novo ponto de partida, uma nova perspectiva ‘de baixo’ dos processos históricos, nos quais a consideração das massas populares, de seus movimentos de constituição e de fragmentação, de suas formas expressivas, de suas vinculações com as elites intelectuais ou políticas, de sua homogeneidade interna, de seus mitos e valores, de seu grau de opressão ou autonomia, deveria ser reivindicada como o único e verdadeiro critério marxista. (Aricó, 1982: 116)

Frente a uma tradição que dogmatizou a teoria marxista (ou marxiana, como prefere Aricó) como “lei” ou “verdade científica”, Aricó (1982: 117) reivindica “a vitalidade de uma doutrina capaz de sustentar uma confrontação produtiva com a realidade e com a cultura contemporânea”. Sendo deste modo, ganha um novo sentido a chamada “crise do marxismo”. Se “crise do marxismo, desenvolvimento do movimento [social de transformação], e crise capitalista constituem um nexos orgânico que não permite situar, na teoria, as razões do seu avanço ou estagnação e que, ao contrário, referem-se, sempre, e de maneira bastante complexa, às vicissitudes do próprio movimento”, então, conclui Aricó (1982: 40), “a crise do marxismo não é sinal de sua morte inevitável, mas o indicador de sua extrema vitalidade”, isto é, sua capacidade de acompanhar o movimento do real, de colocar em crise seu sempre provisório sistema de conceitos, quando a realidade produz mudanças inéditas.

Essa “vitalidade” se expressaria, portanto, na constante adequação crítica das categorias marxistas ao momento histórico. Assim, partindo de uma tese que toma de Rosa Luxemburgo, Aricó (1982: 41) afirma que “o processo de apropriação do arsenal teórico marxiano só se realiza ‘à medida que nosso movimento entra em estágios cada vez mais avançados e enfrenta novas questões práticas’”³⁵. Portanto, neste sentido, “crise” significa que, quando o movimento passa de um patamar para outro, certas categorias deixam de ser úteis e outras passam a ser as adequadas. Nas palavras de Aricó (1982: 41), “é através do desenvolvimento do movimento que começam a valorizar-se novos fragmentos isolados da doutrina de Marx”.

Portanto, enfatizando que “falar hoje de marxismo é mencionar, simbolicamente, uma pureza inexistente” (Aricó, 1982: 39), e defendendo a multiplicidade das abordagens “marxistas” (para cuja reapropriação pelo pensamento e pela prática transformadora tanto fez através da edição desse verdadeiro compêndio do pensamento marxista deste século que são os *Cuadernos de Pasado y Presente*), afirma a seguinte posição diante da chamada “crise do marxismo”:

Analisar a “crise do marxismo” dentro da perspectiva aqui colocada, isto é, da possibilidade e necessidade de reconquistar a unidade política e intelectual entre ciência e classe operária (massas), não pode significar uma submissão da teoria à prática política, como hoje ocorre, mas sim uma reelaboração da teoria no próprio processo de reelaboração política do movimento social. (Aricó, 1982: 122)

A “crise do marxismo”, pois, significa menos uma crise de um paradigma do que “a crise de uma modalidade de ação política do movimento social baseada na aceitação da separação entre o ‘econômico’ e o ‘político’, da dicotomia do ‘político’ com o ‘social’, e, por que não?, do ‘teórico’ com o ‘prático’” (Aricó, 1982: 123).

Como se vê, longe do “abandono do marxismo” que Kim Park encontra em Aricó, o que temos é uma inusitada reivindicação do pensamento e da obra de Marx. Longe de “anti-marxismo”, naquele crucial momento latino-americano do começo da década de 80, quando se iniciava o movimento que deflagraria uma nova discussão sobre a “questão democrática”, o que temos, no pensamento de Aricó neste trabalho fundamental, é a síntese de um longo percurso editorial,

³⁵ A citação de Rosa Luxemburgo corresponde ao texto “*Altos y Progresos del Marxismo*”, em Friedrich Engels et al., “*Karl Marx como Hombre, Pensador y Revolucionario*”, Barcelona: Editorial Crítica, 1976, pág. 75.

político e teórico no qual chega à maturidade um conjunto de posições construídas num cruzamento virtuoso de tradições referenciadas em Marx.

Seria um exercício cansativo e, por óbvio, desnecessário, mostrar quanto de Gramsci encontramos no corpo e nas entrelinhas deste texto de Aricó; ou insistir em como se justifica claramente essa caracterização de Mariátegui como “primeiro marxista da América” (e talvez único, já que Aricó não parece encontrar-lhe sucessores) no contraste entre sua fundamentação da construção do “socialismo peruano” a partir da “comunidade rural”, fundamento do “comunismo incaico”, e os textos de Marx reivindicando o papel da comuna rural russa. Contudo, é necessário indicar, para finalizar esta seção, como neste breve período do exílio mexicano a amálgama entre a releitura de Gramsci em torno do fundamental conceito de “hegemonia”, a descoberta do “socialismo índio” de Mariátegui e o descobrimento de um Marx diverso daquele estabelecido pela herança “marxista”, permite construir uma visão radicalmente nova e produtiva da realidade latino-americana e de sua transformação. Uma visão que, pela magnitude das mudanças de perspectiva, representa, como tentamos mostrar ao longo do capítulo, uma verdadeira revolução conceitual dentro do universo teórico e político do marxismo latino-americano.

Na próxima seção veremos como esta transformação conceitual e também política se expressa, no caminho da auto-reflexão sobre o fracasso político da “esquerda revolucionária”, na descoberta teórica, mas fundamentalmente política da democracia como inerente ao patrimônio cultural do movimento socialista. Este movimento de recuperação terá um início vigoroso nas polêmicas da revista *Controversia*.

5.3. A revista *Controversia*: da “revolução” à “democracia”

Em outubro de 1979 aparece no México uma revista destinada a ter uma importância particular no debate de parte dos exilados argentinos: a revista *Controversia para el examen de la realidad Argentina*.³⁶

A revista foi apresentada no primeiro editorial como a consequência necessária de um “novo estado de ânimo” que começava a surgir entre pelo menos uma parcela dos exilados argentinos. A revista, partindo da convicção de “convertir este exilio ‘en una experiencia positiva’”, deveria oferecer, ao mesmo tempo, informação sobre o país e iniciar uma “severa pero lúcida reflexión” que,

³⁶ Foram publicados treze números da revista, acabando a série com o Nº 14, de agosto de 1981. Esta numeração foi um erro, tratando-se na verdade do Nº 13 da série. No número de aniversário (Nº 9-10), de dezembro de 1980, indicava-se que tinham participado nesse ano setenta e dois colunistas.

como se assinala na apresentação dos artigos do primeiro número, tentaria “*reflexionar críticamente sobre temas centrales para la reconstrucción de una teoría política que pueda dar cuenta de una transformación sustancial de nuestro país*” (Controversia, Nº 1, out. 1979: 2).

Uma característica importante da revista era a tentativa de reunir, no próprio conselho de redação, nos temas e nos colunistas, opiniões das duas grandes vertentes da esquerda argentina da década: a esquerda marxista e a esquerda peronista, num momento em que, vale a pena lembrar, na Argentina a organização peronista *Montoneros* desenvolvia uma desastrosa tentativa de retomada das atividades militares na chamada “contra-ofensiva de 1979”, que acabou com muitos mortos e nenhum resultado político na luta contra a ditadura. Marcou sim, o declínio definitivo dessa organização.

Portanto, a tentativa de reunir intelectuais desses espectros num debate sobre a experiência passada e sobre as perspectivas do futuro se sabia arriscada. E assim era reconhecida pelos editores.

No es una tarea fácil. Lo sabemos (...) Educados muchos de nosotros en una izquierda dogmática y de discutible suerte y eficacia en la historia política de nuestro país, provenientes otros de un movimiento popular en cuyas estructuras reinaba el autoritarismo, instalados todos lejos de la patria, nos resultará difícil comprender la necesidad de iniciar prácticas distintas, en las que, de una vez por todas, empecemos a prefigurar, con nuestros actos, la sociedad que, afirmamos, queremos construir. (Controversia, Nº 1, out. 1979: 2)

No editorial se prefigurava também um caminho que, para uma parte dos editores, seria sem retorno: a crítica radical às posturas políticas anteriores:

Muchos de nosotros pensamos, y lo decimos, que sufrimos una derrota, una derrota atroz. Derrota que no sólo es la consecuencia de la superioridad del enemigo sino de nuestra propia incapacidad para valorarlo, de la sobrevaloración de nuestras fuerzas, de nuestra manera de entender el país, de nuestra concepción de la política. Y es posible pensar que la recomposición de esas fuerzas por ahora derrotadas será tarea imposible si pretendemos seguir transitando el camino de siempre, si no alcanzamos a comprender que es necesario discutir incluso aquellos supuestos que creemos adquiridos de una vez para siempre para una teoría y práctica radicalmente transformadora de nuestra sociedad. (Controversia, Nº 1, out. 1979: 2)

No conselho de redação da revista encontramos alguns velhos conhecidos de *Pasado y Presente*, como José Aricó, Juan Carlos Portantiero, Héctor Schmucler, Jorge Tula, ao lado de outros vindos do peronismo, como Nicolás Casullo e Rubén Sergio Caletti. A lista do conselho se completava com Oscar Terán e Ricardo Nudelman.

Junto com a análise conjuntural da situação argentina, alguns temas centrais marcavam o perfil da revista: a discussão sobre a “esquerda” e os

porquês da derrota sofrida; a discussão da “crise do marxismo”, em voga naquele momento no México e na Europa, que continha, entre outros aspectos, o debate sobre o chamado “eurocomunismo”; o debate sobre a “questão democrática”, em particular das relações entre socialismo e democracia; o debate acerca das relações entre peronismo e marxismo ou, de maneira mais geral, entre populismo e socialismo.

Uma simples revisão das matérias da revista e a qualidade dos temas e dos autores revelam a importância que esses quase dois anos de debates tiveram na vida intelectual do grupo que dava vida à experiência. Se se comparar o clima intelectual da época e do lugar em que se realizava a experiência de *Controversia* com as possibilidades de reflexão na Argentina, pode-se explicar, pelo menos em parte, a larga avenida que iria separar a “esquerda exilada”, seus temas e reflexões, dos temas e problemas da esquerda argentina pós-ditadura, como veremos no próximo capítulo.

A experiência de *Controversia* permitiu ao grupo de intelectuais que estudamos saldar as contas, pelo menos em boa parte, com sua consciência anterior. Os debates sobre a democracia e sobre o peronismo, tratados especialmente nos números 9-10 e 14, constituem possivelmente o melhor exemplo dos resultados alcançados.

O resultado da tentativa teórico-política de *Controversia* é variado. Na questão do debate das diferenças entre “peronistas” e “marxistas”, as posições ficaram possivelmente no mesmo patamar no qual entraram na disputa. Ou, pelo menos, não avançaram muito mais. Isso fica relativamente claro no debate “*La democracia como problema*”, no Nº 9-10 da revista e particularmente no debate do último número, intitulado “*Polémica sobre populismo y socialismo*”, sobretudo no contraste entre os artigos “*El socialismo que cayó del cielo*”, dos peronistas Nicolás Casullo e Rubén S. Caletti, e o artigo “*Lo nacional-popular e los populismos realmente existentes*”, de Emilio de Ipola e Juan Carlos Portantiero. Resumindo: da leitura dos textos, podemos afirmar que cada parte ficou mais ou menos com as mesmas idéias com que entrou no debate, mostrando, ao mesmo tempo, a complexidade aparentemente infinita do tema em questão.

Por um lado, Casullo e Caletti (1981: 7) denunciavam “*un nuevo discurso que se define socialista [que] se ha hecho presente entre nosotros, y en gran parte a través de las páginas de esta revista*”, mas que não teria nada de novo: seria “*el viejo socialismo que entra por la ventana, vestido con los harapos del profeta, para pensar y promulgar la clásica política del socialismo criollo*”. Esse

"socialismo" era denunciado pelos intelectuais peronistas como *"un insistente renunciamiento a la creación de un discurso teórico propio que de cuenta de las profundas especificidades de nuestro proceso"*. Dado que *"nuestra historia popular tiene referencias propias"*, Casullo e Caletti (1981: 9) postulavam a exigência de uma *"permanente génesis teórica nacional de nuestras crisis y nuestras derrotas, de las muchas dificultades, contradicciones, desencuentros e interrogantes que mostró el movimiento de masas, el peronismo..."*.

Por seu lado, Portantiero e De Ipola, a partir de uma análise construída completamente sobre conceitos gramscianos, tentavam demonstrar *"la única tesis de estas notas [...]: ideológica y políticamente no hay continuidad sino ruptura entre populismo y socialismo"*. Tal ruptura se expressaria numa multiplicidade de aspectos:

La hay en su estructura interpelativa; la hay en la aceptación explícita por parte del primero del principio general del fortalecimiento del estado y en el rechazo, no menos explícito de ese mismo principio por la tradición teórica que da sentido al segundo. Y la hay en la concepción de la democracia y en la forma del planteamiento de los antagonismos dentro de lo "nacional-popular": el populismo constituye al pueblo como sujeto sobre la base de premisas organicistas que lo reifican en el estado y que niegan su despliegue pluralista, transformando en oposición frontal las diferencias que existen en su seno, escindiendo el campo popular en base a la distinción entre "amigo" y "enemigo". (Portantiero e De Ipola, 1981: 11)

Portanto, como mostram estas poucas porém significativas citações, com poucos acordos teóricos e políticos encerrou-se no número 14 da revista *Controversia* a tentativa de aproximar peronismo e marxismo no exílio mexicano, transmitindo-se as diferenças, os desencontros e as rixas para o momento do retorno à democracia política, dois anos mais tarde.

No debate da "questão democrática", duas questões sobressaem como conclusão para os intelectuais do grupo socialista: em primeiro lugar, a importância da questão da democracia política como o problema central a ser encarado e resolvido numa futura superação da fase ditatorial. E não apenas nesta dimensão conjuntural, mas numa dimensão mais essencial da relação entre socialismo e democracia.

...El ideal socialista se sostiene como tal sólo a condición de admitir al método democrático como camino de su efectivación. Sólo así el mundo incontenible de lo diverso y de lo complejo puede abrirse paso de una manera no negativa, sino positiva, como una nueva forma de vida moral y cultural de masas (...) La pluralización de lo social y por lo tanto el método democrático de resolución de las diferencias en eterno proceso de aparición y desaparición (los "nuevos sujetos sociales"), aparecen así como los fundamentos sobre los cuales el socialismo puede abrirse paso. (Aricó, 1980: 16)

Em segundo lugar, mas na mesma direção, a necessidade de superar os elementos corporativistas conservados como herança do movimento peronista no interior dos segmentos subalternos da sociedade, principalmente dentro do movimento operário. Este ponto fica extremamente claro nesta fala do próprio Aricó:

....La debilidad fundamental de la democracia argentina está en el *propio interior del movimiento* que constituye su nervio, es decir en el propio interior del movimiento obrero argentino, en su incapacidad de reconocerse a sí mismo en el sector social decisivo (...) Sin embargo, una estrategia de transformación supone una transformación de los objetivos, de la naturaleza, de los contenidos, de la participación y movilización de las masas, del sindicalismo argentino. (Aricó, 1980: 17)

A conclusão central para a prática política que emergirá do grupo a partir da experiência mexicana será a da antecedência *sine qua non* da democracia política sobre qualquer outro tipo de raciocínio sobre o social. Esta será a marca da proximidade do grupo com a experiência de governo do primeiro Presidente pós-ditadura, Raúl Alfonsín.

Finalmente, interessa-nos destacar um outro elemento histórico importante que remete à experiência mexicana: a formação, anunciada no N° 8 de *Controversia*, do chamado *Grupo de Discusión Socialista* (GDS). Na declaração de fundação do grupo se diz a respeito dos seus objetivos:

Reconociendo el fracaso de todas las experiencias partidarias dirigidas hacia la construcción de una alternativa socialista en nuestro país, el GDS se propone centralmente examinar y discutir las perspectivas concretas para la concreción de tal objetivo. (*Controversia*, N° 8, set. 1980, pág. 31)

O GDS é o antecedente mexicano do que será, já na etapa argentina pós-ditadura, o *Club de Cultura Socialista*, e dele trataremos extensamente no próximo capítulo.

5.4. Profetas em terras alheias: a escassa incidência na Argentina

Enquanto esse processo de renovação cultural florescia no México e outros lugares, o momento político-cultural interno na Argentina ficava preso a duas circunstâncias fundamentais:

1- era derrotado o movimento transformador mais extenso e profundo que, a partir dos setores subalternos, tinha-se desenvolvido por vinte anos (desde meados dos anos 50, depois da derrubada de Perón em 1955), movimento que tinha alcançado seu máximo esplendor entre os anos 69 e 74. A conjunção dos velhos ideais socialistas e da radicalização vinda, principalmente, do exemplo

cubano, com o movimento de massas vinculado ao peronismo – expressa numa palavra de ordem cantada por milhares de manifestantes nesses anos: “*Perón, Evita, la patria socialista*” – na construção de uma força política transformadora de enormes proporções, viu-se frustrada ainda antes de desenvolver algumas de suas potencialidades mais evidentes. Essas potencialidades estavam, em primeiro lugar na possibilidade de plasmar a unidade, embora provisória e instável, dos setores sociais mais dinâmicos com as correntes políticas transformadoras da época, sob um programa comum;

2- a derrota desse enorme movimento social e político, que tinha envolvido uma importante parte da intelectualidade, foi perpetrada através da mais trágica repressão militar e para-militar que a história argentina conheceu. O terror político, o silêncio público e um período de obscurantismo arrasaram a cultura argentina de um modo avassalador. O estudo do marxismo e disciplinas como Antropologia e Psicologia foram banidos das universidades; o tomismo e neotomismo invadiram as Faculdades de Filosofia; a Sociologia e a Ciência Política foram esvaziadas; os intelectuais formados nesses vinte anos de crescimento de diversos projetos transformadores foram expulsos das universidades e do país, quando não mortos ou desaparecidos. As editoras foram censuradas³⁷ e os livros foram arrancados das bibliotecas e queimados nos pátios das universidades. A imprensa e a mídia em geral foram silenciadas ou despidas de qualquer conteúdo social avançado. O preço de sair-se da norma era a tortura, a morte ou o desaparecimento.

É verdade que nem todo mundo saiu do país e nem todo mundo ficou em casa. Houve um trabalho de resistência desde os primeiros momentos da repressão. A reconstrução histórica dessa resistência é uma difícil tarefa teórico-política, talvez das mais complicadas, que deve reconstituir o conjunto de ações sociais que confluíram na série de fatos que levaram à restauração da democracia política, mas que, sem dúvida, não poderá contestar o irreversível

³⁷ Além do fechamento de *Siglo XXI*, que já comentamos, foi devastada a editora e biblioteca *Constancio C. Vigil*, de Rosario, e seu fundo editorial foi destruído. Foi fechada a editora *Ediciones de la flor* e detido seu diretor Daniel Divinsky. Foi fechada a revista e editora *Crisis*, dirigida por Eduardo Galeano. Foram liquidadas as editoras *Tiempo Contemporáneo* e *Periferia*. Foi censurada a editora *Centro Editor de América Latina* e seu editor, Boris Spivacow, perseguido. Foi esvaziada a editora EUDEBA e foi fechada a tradicional *Librería Hernández*, entre outras. (Fonte: Norberto Perez, “*El cierre de una editorial (postal de la dictadura)*” matéria no jornal *Página 12*, 21 de abril de 1996)

retrocesso cultural de massas que significou a repressão de Estado entre os anos de 1975 e 1982.³⁸

As observações anteriores, embora falem de fatos extremamente conhecidos, são absolutamente necessárias no contexto do tema que tratamos, para visualizar com maior nitidez a traumática fissura entre o pensamento da esquerda política que se processava no interior do país, na convivência cotidiana com as condições autoritárias, e a renovação cultural que acontecia no exterior. Esta fissura se expressará dramaticamente nos primeiros anos da abertura democrática, partindo novamente, em caminhos diferentes, o universo da esquerda.

Vários dos mais relevantes representantes do pensamento gramsciano se reuniram em torno do projeto democratizador do Presidente Raúl Alfonsín. Por exemplo, é fato conhecido que uma das fontes teóricas do projeto democrático alfonsinista se encontrava no texto de J.C. Portantiero e Emilio de Ipola "*Crisis social y pacto democrático*", publicado na revista *Punto de vista*, No. 21, Bs As, agosto de 1984. No próximo capítulo trataremos do assunto com mais detalhes, mas o que nos interessa neste ponto é destacar o contraste de idéias entre os recém-chegados do exílio e as expectativas da esquerda no país que apenas saía do autoritarismo. Sobre aquelas circunstâncias, sobre as expectativas primeiras e o desencanto posterior em relação aos "estrangeiros", é extremamente ilustrativo o diálogo da revista *El ojo mocho* com J. C Portantiero. Consultado sobre um certo "desencanto" do movimento estudantil a respeito das expectativas que se haviam formado em torno da sua figura ao voltar à Argentina, Portantiero responde o seguinte:

...Hubo un período de 7 años, en los cuales no sólo yo, sino parte de esa generación -vos nombraste a de Ipola, también Aricó, una pila de gente-, que en los años 70 actuamos más o menos juntos, discutíamos mucho. Nadie sabe, o nadie tiene por qué saber qué estábamos discutiendo en México; no había por qué imaginar qué habíamos pensado durante esos 7 años. Ocurre que sobre lo que un grupo de gente pensó durante todo ese período hay testimonios, pero éste es un país que no recupera su memoria. Durante ese tiempo sacamos una revista, Controversia, con Casulo, Toto Schmucler, Caletti, yo, Emilio, Aricó. **Todo ese debate aparece aquí cuando llegamos, pero nosotros ya lo habíamos procesado. Si, efectivamente, hay una sorpresa, es porque la fotografía mía y la de todo el grupo estaba congelada en el 73; bueno, nadie tiene la culpa de que hayan pasado 11 años en los que hicimos la rediscusión de toda la cuestión política e intelectual argentina.** (Portantiero, 1991: 7. Negritos, RB.)

³⁸ Os anos 1982 e 1983, apesar de serem um período ainda repressivo, caracterizam-se por constituírem um período de transição, que se inicia com a 1ª grande greve geral da CGT em 30 de março de 1982 e com a imediata tentativa de recuperação das Ilhas Malvinas, em 2 de abril, fato que mudará radicalmente a história do período.

Por sua vez, Alberto Adrianzen lembra os problemas de Aricó ao retornar do exílio:

Cuando regresó a su país, luego de la dictadura, a Pancho [Aricó] no le fue bien. Acusado de reformista y/o socialdemócrata, encontró poco apoyo de la comunidad académica. Fueron unas becas del gobierno y el apoyo solidario, entre otros, de Fernando Calderón y Mario dos Santos, de FLACSO, que lo ayudaron, en parte, a volver a vivir en su país. (Adrianzen, 1995: 22)

Estes elementos nos mostram não apenas a distância entre os que “saíram” e os que “ficaram” no país, mas o abismo aberto entre as gerações anteriores e as posteriores ao período autoritário de 1976-1983. No período anterior ao golpe de Estado, não cremos exagerado dizer, os intelectuais “gramscianos” cumpriam tarefas em certo grau “orgânicas” a um complexo movimento transformador expansivo dos setores subalternos. No período posterior, quebra-se essa relação, separa-se o movimento real dos setores subalternos da reflexão desses intelectuais. Separada a reflexão pela distância histórica e teórica, quebrado o elo cultural, a primeira reação das novas gerações estudantis ávidas de transformação é o “desencanto” e depois a crítica acirrada.

De outra parte, o “peso específico” da intelectualidade universitária e da própria universidade tinham-se modificado dramaticamente nos anos do autoritarismo. Segundo o próprio Portantiero:

Cuando volví de México, ya en ese momento las ciencias sociales ocupaban en el debate político un lugar mucho menos significativo que el que tenían hasta 1974. La materia que yo daba en el '72, '73, tenía 1500 alumnos, y la carrera de sociología era multitudinaria. Luego del '83, eso quedo muy reducido, y no vemos la entidad que tuvo en el período anterior, y que nunca va a volver a recuperar. (Portantiero, 1991: 6)

Neste novo universo cultural, as possibilidades de difundir, estudar e discutir Gramsci e as idéias trabalhadas no exílio mexicano foram limitadas ao círculo mais próximo e, principalmente, aos ambientes universitários da cidade de Buenos Aires. Ao contrário da experiência brasileira, onde o processo de difusão do pensamento gramsciano teve uma continuidade que, com altos e baixos, prolongou-se desde fins dos anos 60 até nossos dias, tanto no âmbito das universidades como em alguns âmbitos da vida político-partidária.

Um certo sucesso político na proximidade com a equipe do Presidente Alfonsín e um papel relativamente importante na reconstrução do campo cultural argentino – portenho em particular – pós-ditadura, deram aos intelectuais vinculados ao itinerário de *Pasado y Presente* um “período de ouro”, tão breve e fulgurante quanto pouco eficaz em relação à constituição de uma nova teoria e

prática política da esquerda, que tinha configurado o cerne de sua larga influência na América Latina na década anterior. Os "gramscianos argentinos", que saíram do país como "revolucionários", voltavam ao país pós-ditadura como "reformistas" e "alfonsinistas", como predicadores do "realismo político", da luta pelo "possível" frente a um movimento social que simpatizava crescentemente com as posições das *Madres de Plaza de Mayo*, as quais não se conformavam com o "possível", mas exigiam o irreal, o ilusório, o "impossível": "*aparición con vida de todos los desaparecidos*", daqueles que, poucos duvidavam, já não existiam senão como bandeiras de luta.

Assim, apesar de terem sido participantes destacados de uma renovação fundamental do pensamento latino-americano, autores de várias peças centrais da produção teórica da época, figuras reconhecidas na América Latina, na Argentina o essencial do pensamento teórico destes intelectuais ficará esquecido, desconhecido do grande público e, como grupo, serão repudiados pela esquerda política no início do novo período democrático. Enfim, profetas em terras alheias.

Como vimos ao longo do capítulo, assistimos, neste breve período histórico do exílio no México, a uma vertiginosa experiência de transformação conceitual que vai das posições "revolucionárias", no início do ciclo, a uma reformulação do conceito de "revolução" como fruto da reflexão autocrítica sobre a experiência política anterior – sob a orientação teórica do conceito gramsciano de "hegemonia", da descoberta do marxismo de Mariátegui e das novas leituras de Marx –, para chegar, no final do período, a uma reapropriação teórica do conceito de "democracia". Na sua fase mais imediatamente política, já na Argentina, esta "virada teórica" significará um distanciamento da esquerda "revolucionária" e uma aproximação com o projeto político social-democrata para a América Latina, encarnado na Argentina pela corrente política encabeçada por Raúl Alfonsín. Algumas das particularidades da relação dos intelectuais vinculados a *Pasado y Presente* com a experiência alfonsinista serão vistas no próximo capítulo.

Mariátegui e o socialismo peruano. Segundo Mariátegui (1987: 48), “el progreso del Perú será ficticio, o por lo menos no será peruano, mientras no constituya la obra y no signifique el bienestar de la masa peruana que en sus cuatro quintas partes es indígena y campesina”. Portanto, a nova sociedade peruana deveria construir-se a partir de uma solução adequada ao problema da “terra” e ao problema do “índio”, que, de fato, segundo ensina Mariátegui, são um mesmo e único problema.

Começando por declarar “absolutamente superados los puntos de vista humanísticos y filantrópicos” no tratamento da questão indígena, e criticando as respostas “étnica”, “moral”, ou de “educação”, indica o tipo de solução que propõe, sob uma ótica socialista. O socialismo, diz-nos Mariátegui (1987: 36) “*nos ha enseñado a plantear el problema indígena en nuevos términos. Hemos dejado de considerarlo abstractamente como problema étnico o moral para reconocerlo concretamente como problema social, económico y político*”. E o ponto de partida central do novo modo de colocar o problema “*consiste en buscar el problema indígena en el problema de la tierra*” (Mariátegui, 1987: 44).

A sociedade do “comunismo incaico” (de mais de dez milhões de pessoas, reduzidas pela colônia a menos de um milhão), que Mariátegui denomina também de “comunismo agrário”, constituía-se a partir das seguintes características:

Propiedad colectiva de la tierra cultivable por el **ayllu** o conjunto de familias emparentadas, aunque dividida en lotes individuales intransferibles; propiedad colectiva de las aguas, tierra de pastos y bosques por la **marca** o tribu, o sea la federación de **ayllus** establecidos alrededor de una misma aldea; cooperación común en el trabajo; apropiación individual de las cosechas y frutos”. (Cesar Antonio Ugarte, “*Bosquejo de la Historia Económica del Perú*”, em Mariátegui 1987: 55)

Desarticulada esta sociedade pela colonização espanhola, “*sobre las ruinas y los residuos de una economía socialista, echaron las bases de una economía feudal*” (Mariátegui, 1987: 14); criaram latifúndios, praticamente escravizaram os índios e, fundamentalmente, separaram-nos da terra à qual estavam unidos religiosamente.

A Independência e a República não significaram para o camponês indígena nenhum tipo de modificação da sua situação. Ao contrário, muitas vezes lhes foi pior. “*La república ha significado para los indios la ascensión de una nueva clase dominante que se ha apropiado sistemáticamente de sus tierras*”, indica Mariátegui (1987:47). Diante do quadro social herdado, ele rejeita o que denomina uma possível “solução liberal” para o problema da terra (o possível fracionamento dos latifúndios em favor da pequena propriedade), saída que denomina “capitalista e burguesa”.

Yo pienso que la hora de ensayar en el Perú el método liberal, la fórmula individualista, ha pasado ya [...] Considero fundamentalmente este factor incontestable y concreto que da un carácter peculiar a nuestro problema agrario: la supervivencia de la comunidad y de elementos de socialismo práctico en la agricultura y la vida indígenas. (Mariátegui, 1987:54)

Baseado na sobrevivência, através dos séculos, desta forma cultural fundamental que é a comunidade rural indígena no Peru, o “socialismo peruano” deveria fundar-se nela, que se “recriaria” a partir do socialismo. Se a cultura do comunismo incaico e sua principal instituição sócio-econômica, a comunidade (o **ayllu**), serão os pilares desse socialismo peruano, se o caminho ao socialismo passa pela solução do problema da terra (e a solução do problema da terra é a solução do problema do índio), e, finalmente, se “*la solución del problema del indio*

tiene que ser una solución social" na qual *"sus realizadores deben ser los propios indios"* (Mariátegui, 1987: 49), então fica claro o papel que corresponde à majoritária massa indígena na construção da futura sociedade socialista e, com isto, a absoluta originalidade do *socialismo peruano* de Mariátegui.

La fe en el resurgimiento indígena no proviene de un proceso de "occidentalización" material de la tierra quechua [outro nome da cultura *incaica*. RB]. No es la civilización, no es el alfabeto del blanco, lo que levanta el alma del indio. Es el mito, es la idea de la revolución socialista. La esperanza indígena es absolutamente revolucionaria. (Mariátegui, 1987: 35)

TERCEIRA PARTE

OS ANOS 80: LOUVOR DA DEMOCRACIA

Capítulo 6

Os gramscianos argentinos e a transição democrática

6.1. A “questão democrática”

A experiência do “*largo, pródigo y doloroso*” exílio mexicano – segundo as palavras de Oscar del Barco numa homenagem póstuma a Aricó – marcou a fogo os novos rumos teóricos e políticos dos intelectuais vinculados ao itinerário de *Pasado y Presente*. Uma descoberta teórica e política particular foi determinante para esses novos rumos, como eixo de reflexão, como matriz teórico-política e como *leitmotiv* de toda experiência coletiva: o papel central da democracia político no processo de transformação da sociedade. A importância que esta descoberta teve no tipo de intervenção cultural e política do grupo exige que abordemos de forma relativamente ampla esta questão.

Três ordens de reflexões se processavam sob este grande *leitmotiv*: 1- a reflexão crítica e autocrítica sobre a experiência imediatamente anterior da esquerda argentina; 2. a reflexão crítica em torno do marxismo e os resultados históricos das práticas com ele relacionadas; 3. a reflexão em torno da evidente abertura de um processo de “transição democrática”, na Argentina e em outros países da América Latina.

Os dois primeiros pontos tinham sido larga e profundamente debatidos no México. Não apenas nos inúmeros eventos da vida acadêmica e política nos quais tais debates eram freqüentes no México da segunda metade dos anos 70, mas, como já vimos, entre a comunidade de exilados argentinos e as instituições que formaram no exílio – no caso particular dos intelectuais de *Pasado y Presente*, nos marcos da revista *Controversia*. Os inúmeros vieses da questão da transição à democracia, que seriam motivo de um distanciamento radical entre este grupo de intelectuais e outros segmentos da esquerda argentina, tinham como fundamento – ou pelo menos como referência obrigatória – as conclusões, por provisórias que fossem, do debate anterior em torno dos primeiros dois pontos anotados.

A revista “*Controversia*” parece representar um divisor de águas no processo de construção do pensamento do grupo. Deve-se lembrar que os intelectuais vinculados a *Pasado y Presente* saíram para o exílio envolvidos no movimento revolucionário argentino dos anos 70. A partir das posições que adotaram na revista *Controversia*, passaram a ser qualificados como “reformistas” pela esquerda exilada autodenominada “revolucionária”. Contudo,

já vimos no mais expressivo texto da época, *Los usos de Gramsci*, de Portantiero, o tipo de construção que o raciocínio do grupo tinha alcançado, com a ajuda da elaboração gramsciana, em torno de uma redefinição do conceito de “revolução”. Deve-se lembrar, por outro lado, que “*Los usos de Gramsci*” não apenas não foi abandonado ao esquecimento depois de sua primeira edição em 1977, mas adquiriu vida própria como livro independente em 1981, indicando, pelo menos em princípio, já que não era acompanhado por nenhuma indicação em contrário do autor, que Portantiero continuava a sustentar as posições construídas no livro. Portanto, a grande virada acontecida na época de *Controversia*, a já mencionada “re-significação” do conceito de *democracia*, deve ser pensada juntamente, pelo menos na época, com a “re-significação” do conceito de *revolução* que encontramos no livro de Portantiero. Trata-se em suma, de um modo de pensar o processo de transformação socialista que destaca a centralidade tática e estratégica do conceito e da prática da democracia.

Deveríamos lembrar também que, a partir de outra ala importante do pensamento gramsciano latino-americano, no Brasil, a “re-significação” do conceito de democracia se destacava no livro de Carlos Nelson Coutinho “*A democracia como valor universal*”, de 1980, onde a “renovação democrática do conjunto da vida nacional”, segundo o autor, “não pode ser encarada como um objetivo tático imediato, mas aparece como o conteúdo estratégico da etapa atual da revolução brasileira” (Coutinho, 1984: 20).

Ainda no Brasil, em 1980, no mesmo ano em que aparecia o livro de Coutinho, era fundado, a partir do movimento concreto dos trabalhadores metalúrgicos do ABC paulista, o Partido dos Trabalhadores (PT), que colocará de um modo absolutamente original na esquerda política latino-americana as relações entre democracia e socialismo. Num dos documentos pré-fundacionais do partido – “Pontos para a elaboração do programa”, de 10/2/1980 –, a Comissão Nacional Provisória do Movimento Pró-PT expressava uma apropriação e defesa do conceito de *democracia*. Não é apenas porque “o PT nasce numa conjuntura em que a democracia aparece como uma das grandes questões da sociedade brasileira” que o partido se disporá a lutar “pela construção de uma democracia que garanta aos trabalhadores, em todos os níveis, a direção das decisões políticas e econômicas do país”, mas fundamentalmente pelo caráter “estratégico” do conceito. A democracia que o PT nasce postulando será uma “nova democracia”: “uma forma de democracia cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade, e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias”; uma democracia que se identifica com o futuro socialista da sociedade.

Assim, sendo o PT "um partido que almeja uma sociedade socialista e democrática...", definirá uma fórmula que se mantém até hoje: "O PT afirma seu compromisso com a democracia plena exercida diretamente pelas massas, pois **não há socialismo sem democracia, e nem democracia sem socialismo** (Em Pedrosa, 1980: 107-108; 79; 61. Negritos, RB).

No capítulo anterior, vimos como, na nova estratégia desenhada pela esquerda renovada, a questão da democracia se transformou num elemento central e, portanto, exigiu um tratamento que não tinha sido desenvolvido porque, no pensamento anterior, *a democracia estava subsumida na questão do socialismo*. Ou, mais claramente, a questão democrática estava mediada teórica e temporalmente pela conquista do poder e o processo de transição ao socialismo e seria desenvolvida plenamente na sociedade socialista, regime no qual a "verdadeira" democracia poderia aparecer e vigorar.

Na nova visão estratégica, a questão democrática é nuclear. Dado que a hegemonia de um projeto de sociedade referenciado nas classes e setores subalternos somente pode ser construída a partir da sociedade organizada através de seus movimentos e suas instituições autônomas, que estes apenas se efetivarão se se basearem na participação consciente e também autônoma dos cidadãos e que, finalmente, esta posição autônoma-crítica não será uma dádiva estatal, mas fruto de um profundo processo de "reforma intelectual e moral", isto é, de elevação cultural e política das massas, então a questão da democracia política, dos mecanismos democráticos de participação dos movimentos sociais dos setores subalternos nos destinos da sociedade, e a questão da democracia interna desses movimentos e suas relações com as diversas formas institucionais das classes subalternas são radicalmente centrais.

O que temos, portanto, é uma conjuntura histórica onde se constitui, na esquerda intelectual e política, um novo modo de pensar a relação entre *democracia* e *socialismo*. E esta nova relevância do conceito de democracia, portanto, não pode ser considerada apenas fruto de uma "cooptação" dos intelectuais da esquerda renovada pelo pensamento neo-liberal em expansão na época, mas como uma reapropriação autêntica do conceito pela esquerda política latino-americana. Embora ainda não totalmente definida, estava surgindo a idéia do **socialismo como radicalização da democracia** e uma variante da esquerda renovada que poderíamos definir como *radical-democrática*.

No caso de *Pasado y Presente*, dado o modo de sua intervenção, essa nova relevância vamos encontrá-la também na fase editorial. Com efeito, ela se manifesta na publicação de um velho livro do marxista alemão Arthur

Rosemberg, *"Democracia y Socialismo"*¹, nos *Cuadernos de Pasado y Presente*, no qual, como afirma Gian Enrico Rusconi (1981: 11) na introdução ao livro, Rosemberg *"se aproxima a un análisis sistemático y comparativo de las formas y de las realizaciones de la democracia"*. No seu livro, Rosemberg, *"guiado positivamente por la idea de la democracia revolucionaria"*, estabelece uma tipificação das formas de democracia, na qual o próprio socialismo é pensado como uma forma particular do "movimiento democrático"².

Rosemberg lembra as figuras de Marx e Engels como "comunistas democráticos"³, conceito do qual afirma: *"es una reunión de nombres que actualmente es muy insólita, pero que entonces [1846] era absolutamente normal para todo militante revolucionario"*. Rosemberg lembra também que Engels apresentou Marx para Louis Blanc como *"jefe de nuestro partido, o bien, de la fracción más avanzada de la democracia alemana"*, e afirma que, *"si no se toma en cuenta el movimiento democrático masivo de los años 1846-1847, toda la doctrina marxista de la revolución se presenta carente de sentido. Sería como especular sobre el mejor modo de navegar sin disponer de agua"* (Rosemberg, 1981: 91), indicando assim a questão democrática como o ambiente natural da constituição da doutrina marxista. Finalmente, afirma Rosemberg, o próprio Lenin e os bolcheviques *"pertenecen a la historia de la democracia moderna"*.

¹ *"Democracia y socialismo. Historia de los últimos ciento cincuenta años (1789-1937)"*, Cuadernos de Pasado y Presente, Nº 86, México: Pasado y Presente/Siglo XXI, 1981 (1ª ed. em Alemão: Amsterdã, 1938).

Arthur Rosemberg (1889-1943), influenciado fortemente pela Revolução Russa, filia-se ao Partido Comunista Alemão (KPD) e, em 1927, por causa de profundas discordâncias com a política estalinista, abandona o movimento comunista, onde havia militado junto aos chamados "ultra-esquerdistas" Karl Korsch, Ruth Fischer, etc. Ao chegar o nazismo, emigra para a Inglaterra e depois para os Estados Unidos. Segundo Gian Enrico Rusconi, *"el Rosemberg de Democracia y Socialismo forma parte [...] de las posiciones teóricas y prácticas de la 'izquierda' socialdemócrata de lengua alemana que va desde Paul Levi [...] hasta Max Adler [...] y Otto Bauer..."* (Rusconi, 1981: 11).

² Dado que *"la democracia como una cosa en sí, como una abstracción formal, no existe en la vida histórica: [...] es siempre un movimiento político determinado, apoyado por determinadas fuerzas políticas y clases que luchan por determinados fines"* (Rosemberg, 1981: 335), a democracia, como "movimiento político", *"se descompone en democracia socialista y democracia burguesa"*. A "democracia socialista", como movimento que aponta para *"el autogobierno de las masas, en el que los medios de producción socialmente importantes deben estar en manos de la colectividad"*, afirma Rosemberg (em 1937, lembremos), *"no ha sido [...] hasta ahora todavía capaz de apoderarse del poder de un estado"* (isto é, desconsidera a União Soviética como um Estado de "democracia socialista"). A "democracia burguesa", ao contrário, *"ha conquistado en los tiempos modernos el poder en una serie de estados"* (Rosemberg, 1981: 336). A "democracia social", aquela que *"pretende mantener el principio de la propiedad privada, pero apunta al poder de las masas trabajadoras en el Estado"* (Rosemberg, 1981: 336), é a forma mais avançada da democracia burguesa. Por outra parte, afirma, *"el pensamiento liberal en su esquema general de valores [...] -si se prescinde de cualquier política particular de partido- expresa el derecho del individuo a su libre desarrollo, y pertenece al patrimonio más precioso de la civilización humana"* (Rosemberg, 1981: 342).

³ Neste sentido, Rosemberg destaca uma mensagem publicada em *The Northern Star*, assinada *"Por los comunistas democráticos alemanes de Bruselas, el comité: Engels, Ph. Gigot, Marx. Bruselas, 17 de julio de 1846"* (Em Rosemberg, 1981: 85).

O livro de Rosemberg, segundo a apresentação de *Pasado y Presente* (seguramente escrita por Aricó), mereceu a publicação não apenas porque "*la historiografía marxista contemporánea no ha producido desde entonces una contribución del mismo nivel sobre el tema*", mas também porque "*los acontecimientos históricos más recientes no han dejado de poner al orden del día el problema teórico-práctico capital de la relación democracia-socialismo*" (*Pasado y Presente*, 1981: 7).

Temos assim, na última etapa do exílio mexicano, uma crescente imersão dos intelectuais vinculados a *Pasado y Presente* no tema da *democracia*, num esforço de compreensão da questão que se instaura como linha de trabalho imanente às preocupações construídas por um trabalho teórico próprio. O caminho que levou até este novo momento passou, lembremos, da posição *revolucionária* com que, na metade dos anos 70, abandonam o país, para uma crítica gramsciana do conceito de *revolução* através do conceito de *hegemonia*, chegando, na época da publicação do texto de Rosemberg, a uma predominância teórica da *questão democrática*.

Na construção da nova discussão democrática na América Latina são mencionados freqüentemente alguns marcos históricos importantes (obviamente entre outros): a) a Conferência "*Las condiciones sociales de la democracia*" organizada por CLACSO na Costa Rica, 1978⁴; b) o mencionado Seminário "*Hegemonia y alternativas políticas en América Latina*", organizado pelo Instituto de Investigaciones Sociales da UNAM, 1980; c) o colóquio "*Caminos de la democracia en América Latina*", organizado pela *Fundación Pablo Iglesias*, em 1983, na Espanha. Este evento na Espanha, por exemplo, é visto como uma tentativa da social-democracia europeia para intervir no debate latino-americano. A Internacional Socialista (IS) teria sido na época um dos principais mecanismos de mediação para a ampliação da influência econômica dos capitais europeus e política da social-democracia europeia na América Latina. Assim, a questão teórica da democracia teria sido uma porta importante para essa influência política e econômica.

Portanto, quando a crise econômica global – traduzida na América Latina principalmente na chamada "crise da dívida externa", que estoura em 1982 –, impulsionou o debate intensivo da questão democrática, a partir dos problemas que começavam a enfrentar os regimes autoritários e dos vislumbres de um

⁴ Norbert Lechner (1986) indica esta conferência (cujos materiais foram publicados nos N^{os} 1, 2 e 4 da revista *Crítica & Utopía*) como o início do debate sobre a democracia em nível regional.

processo de transição para o chamado "Estado de direito" e a vigência da democracia política, o debate encontrava-se direcionado pelo tipo de discussão que já estava em andamento desde, pelo menos, 1978.

Ora, na mesma época em que *Pasado y Presente* processava do modo descrito a questão *revolução-socialismo-democracia* e no Brasil o movimento social e parte importante do pensamento teórico gramsciano trabalhava a questão numa direção similar, a problemática da transição dos regimes autoritários à democracia institucional na América Latina complicava o panorama teórico. A perspectiva "institucional" imediata da transição deslocaria a posição de alguns dos atores do debate das colocações integrais (políticas e sociais) e estratégicas (*democracia e socialismo*) para uma abordagem predominantemente *institucional*, que deveria fornecer os elementos teóricos para uma transição segura a partir dos regimes militares instaurados no sub-continente.

No final do regime militar, já engajados na nova discussão sobre a futura transição democrática, os intelectuais vinculados ao itinerário de *Pasado y Presente*, de regresso a Argentina, vincular-se-iam ao candidato à presidência pelo partido *Unión Cívica Radical*, Raúl Alfonsín, e adeririam a uma posição fortemente *institucionalista* da ação política. O caso mais exemplar foi a participação de consagrados gramscianos, como Juan Carlos Portantiero e Emilio de Ipola, no assessoramento do governo de Alfonsín, descuidando teórica - e depois praticamente - os conteúdos sociais da democracia, postulando um novo *contratualismo*, e ainda sob a forma de *pacto*, fórmula gasta pelas elites latino-americanas viciadas no chavão de "pacto social" em tempos de crise. Contudo, o que se torna evidente é que, contrariamente às posições simplistas da esquerda "de esquerda" a respeito do tema que nos ocupa nesta seção, a resposta à questão dos porquês desse "desvio" das posições do grupo não se encontra numa "cooptação" pelas agências internacionais de financiamento que simplesmente teriam imposto uma "agenda democrática" contra uma suposta "agenda revolucionária". Premissas teóricas, históricas e políticas complexas devem ser levadas em conta para entender rigorosamente a questão, antes que "deserções", "cooptações" e outras simplificações sejam esgrimidas.

Este nosso posicionamento não significa que ingenuamente pensemos que não existiu e continue existindo nenhum tipo de ingerência política e teórica das instituições internacionais de financiamento. O que tentamos mostrar é que, quando intelectuais como James Petras ou Agustín Cueva ou o mais jovem Kim Park, explicam as enormes mudanças no pensamento da esquerda política apenas como parte de uma manobra estratégica dos EEUU ou da social-

democracia europeia através de suas agências privadas ou estatais de financiamento da pesquisa, incorrem numa flagrante simplificação que tem como grave consequência ocultar contribuições legítimas para o pensamento transformador latino-americano. É claro que a crítica da esquerda "revolucionária" apresenta elementos realmente existentes de uma abordagem filo-liberal que, no processo de transição à democracia na América Latina, instaurou-se no debate de esquerda e permanece em várias direções de trabalho. Mas é preciso ao mesmo tempo assinalar que, por um lado, essa superestimação da democracia política por parte da esquerda renovada, *Pasado y Presente* incluído, corresponde a um enorme e legítimo esforço de uma parte da intelectualidade liberal-democrática e de esquerda por construir um caminho firme de transição da sociedade autoritária para formas democráticas de governo.

Longe de uma única e generalizada *tendência neo-liberal* na esquerda renovada latino-americana, o que verificamos é um período extremamente rico de busca e produção de novas perspectivas políticas. O universo de esquerda foi completamente reformulado nesse período. Se nas décadas de 60 e 70 a divisão da esquerda se estabelecia, fundamentalmente, entre a esquerda "revolucionária" e a "reformista", no novo período este critério de demarcação seria superado pela discussão teórica mas, fundamentalmente, pela experiência histórica. Esta reformulação adquiriria uma definição mais nítida nos anos 90, particularmente depois da crise do "socialismo real", no processo que decorreu da queda do *Muro de Berlim*, em 1989, até o fim da União Soviética, em 1991. Na América Latina, a derrota nas urnas da *Frente Sandinista de Libertação Nacional* (FSLN), na Nicarágua, os acordos de paz em El Salvador entre a *Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional* (FMLN) e o governo, e as dificuldades enormes do *modelo cubano* colocaram em crise definitiva a perspectiva "revolucionária".

Assim, uma *nova visão da política* aproximou uma das alas do movimento renovador de esquerda à prática e à teoria dos chamados "novos movimentos sociais", caracterizados, entre outras coisas, pela construção de novas identidades transformadoras e pela autonomia em relação ao Estado e aos partidos políticos com que esses movimentos se apresentavam na cena social. Dentro desta tendência, uma posição fortemente *autonomista*, apostava no poder transformador dos movimentos sociais e criticava a prática dos partidos políticos – inclusive os de esquerda. Mas, como já vimos, outras posições se constituíram na direção daquelas proposições que Portantiero (1977: 79) denominava "*el modelo de articulación organizacional de las clases subalternas propuesto por Gramsci*" e que "*aparece como la forma más realista de abarcar las energías de*

las masas en una lucha constante por modificar las relaciones de fuerzas". O exemplo da articulação de um conjunto de forças, instituições e práticas políticas que se organizaram no Brasil em torno do *Partido dos Trabalhadores*, a partir da sua constituição em 1980, representa, na nossa opinião, o exemplo prático mais relevante e bem sucedido desta posição.

Certamente outra das alas do debate nascido em começo dos anos 80, em boa parte devido às circunstâncias históricas concretas da transição (pensando, por exemplo, na transição democrática na Argentina e no Chile, a partir de regimes militares altamente repressivos e sanguinários), e em parte pelos paradigmas teóricos que privilegiou, apostou numa teorização e numa prática fortemente "institucionalista" que a aproximou das propostas social-democratas para a América Latina. Foi este o perfil predominante, embora heterogêneo e atribulado, com que os "gramscianos argentinos" participaram da experiência "alfonsinista".

Portanto encontramos na década de 80 um complexo universo de esquerda renovada. Embora o esquemático das classificações seja sempre perigoso, podemos distinguir as seguintes variantes mais ou menos definidas: a) uma tendência "institucionalista", que colocará em primeiro lugar os aspectos político-institucionais da transição à democracia e será mais sensível aos temas que colocava a agenda neo-liberal. Essa tendência se aproximou politicamente da social-democracia latino-americana; b) uma tendência "movimentista", que destacará a importância dos *novos movimientos sociales* que emergem na cena política latino-americana no bojo da crise dos regimes autoritários. Esta tendência terá, por sua vez, duas variantes fundamentais: a variante "autonomista", que propõe uma intervenção independente dos movimentos sociais e posiciona-se crítica dos partidos políticos, e uma variante "articuladora", mais próxima da teorização gramsciana, que assinala a necessidade de uma intervenção coordenada das diversas formas organizativas dos setores subalternos.

No caso dos gramscianos argentinos, dos quais se esperaria, pela sua trajetória, uma abordagem próxima a esta última versão, encontramos uma aproximação à posição "institucionalista" num processo complexo e não isento de traumatismo, que podemos resumir nas seguintes etapas: (a) passagem da concepção teórica e política construída no exílio, isto é, a "idéia gramsciana de transformação social revolucionária", definida pela temática gramsciana da *hegemonia*, para (b) o deslocamento da idéia de "revolução" e o privilégio do conceito de *democracia* no processo transformador e, finalmente, para (c) a "superlativação" da democracia política e o esforço da sua construção

institucional em torno de temas como “pacto social”, “reforma política”, “governabilidade”, etc., no marco político dos processos de transição democrática na América Latina. A transição democrática na América Latina e o processo de transição na Argentina se apresentam para estes intelectuais como fenômenos de características predominantemente institucionais.

O triunvirato de diretores da revista *La Ciudad Futura*, – Aricó, Portantiero e Jorge Tula –, depois da derrota nas urnas do presidente Alfonsín frente ao peronista Carlos Menem, em junho de 1989, reconhece plenamente seu erro “politicista” no editorial do Nº 17-18 (jun/set de 1989) intitulado “*Y Ahora que?*”:

Seguramente la ansiedad de muchos de nosotros por construir un régimen democrático de gobierno en la Argentina, tras décadas de autoritarismo, nos hizo caer en una exageración “politicista”, en un desdén por los hechos sociales estructurales sacrificados a una visión demasiado autónoma de la política. Fue un error. (*La Ciudad Futura*, 1989 N17-18: 3)

Juan Carlos Portantiero, muito depois, num reconhecimento menos incisivo que o realizado por este editorial de *La Ciudad Futura*, fazendo uso de um modo de reflexão auto(?)crítica um tanto complacente, que consiste em criticar posições assumidas como se não tivessem sido próprias, sem mencionar a responsabilidade pelas mesmas e suas conseqüências⁵, tomará distância destas posições. Com efeito, no Nº 2 da revista *sociedad*⁶, de maio de 1993, escreve Portantiero:

A principios de la década de 80, cuando en el cono sur de América Latina los autoritarismos militares se manifestaban (salvo el caso chileno) como incompetentes para resolver los gravísimos problemas que la crisis de la deuda había desatado, sucesivamente se abrían los llamados procesos de transición, sometidos cada uno de ellos a las modalidades históricas de los países involucrados aunque reconociendo algunos rasgos comunes. El más importante de estos últimos era la persistencia de la convicción acerca de que la reconstrucción posautoritaria era exclusivamente un hecho político-institucional. El descrédito público frente a los fracasos militares alimentaba, como reacción, un fuerte apetito por la recuperación de las libertades cercenadas -que habían sido sacrificadas a cambio de nada- y de los mecanismos del estado de derecho. Quiero expresar con ello que al ser privilegiada de tal manera, casi excluyente, la construcción de un régimen democrático de gobierno, no se advertía que el tránsito debía incluir, necesariamente y con el mismo peso, la reorganización de la economía. Una consigna emblemática del entonces presidente constitucional

⁵ Esta é uma prática que já apontamos no texto de Aricó *La cola del Diablo*, em torno de algumas conseqüências das decisões políticas tomadas pelo grupo durante os anos 60. Com respeito a um caso particular das posições do grupo (em torno à guerra das Malvinas), León Rozitchner realiza a seguinte crítica: “Un intelectual tendría que dar cuenta de sus tránsitos y sus desvíos, para que comprendamos sus nuevas propuestas (...) Si lo explicara, ayudaría a comprender un poco mejor en qué estamos, y podría ayudarnos también a comprender nuestras propias dificultades en el pasado, como quizás comprender también las suyas, y eso es lo importante” (Rozitchner, 1990: 17).

⁶ A inicial minúscula é do próprio nome da revista.

argentino, Raúl Alfonsín, sintetiza bien ese fugaz clima de época: “con la democracia se come, con la democracia se cura, con la democracia se educa”. De hecho todos aquellos primeros turnos de liderazgo posautoritario subestimaron o encararon con gruesos errores de cálculo las relaciones entre política y economía y debieron pagar el precio, al concluir sus períodos, de que sus mandatos no fueran revalidados. Así, en Argentina, Bolivia, Brasil, Perú y Uruguay los partidos que respondían al oficialismo fueron derrotados inapelablemente en las urnas.

Durante esta fase, preponderantemente “política”, en que la democracia aparecía como panacea universal ante el colapso del autoritarismo, la economía era vista como un subproducto. Dicho de manera más precisa: la reforma del estado era vista desde una perspectiva estrechamente institucional y no como cambio de una modalidad de regulación entre aquél y la esfera económico-social. La democracia quedaba como un tema de cultura política o de marco jurídico constitucional sin avanzar demasiado más allá de esos límites... (Portantiero, 1993: 19-20)

Contudo, e como reconhece *La Ciudad Futura*, o grupo – e em primeiríssimo lugar o próprio Portantiero –, não apenas foi partícipe desse “fugaz clima de época”, como teve um papel relevante na formulação do caráter fortemente “institucional” das políticas de “reconstrução pós-autoritária”.

Sem pretender ser exaustivos, podemos arriscar algumas hipóteses explicativas deste novo posicionamento do grupo: a) a influência dos processos de transição na Europa (Espanha, Portugal, Grécia) e das discussões teóricas européias, com as quais estavam profundamente ligados, particularmente as discussões italianas e toda a questão do “euro-comunismo”; b) o tipo de vivência e as marcas que deixaram, nestes intelectuais, a ditadura, a repressão e o exílio, levando em conta que eles próprios foram partícipes do processo de violência e que amigos, parentes e companheiros foram presas da violência e do terror estatal e para-estatal: essas marcas fomentaram, na maioria deles, um repúdio radical as formas violentas, autoritárias e corporativas da política; c) a imersão – como continuação natural de seu próprio processo autocrítico –, num processo de crítica à esquerda política que acentuava, em parte com razão, em parte em excesso, a ignorância, o “atraso” e o dogmatismo daquela, crítica que os levou, na sua radicalização, ao privilégio da relação com a social-democracia; d) o desgaste no grupo das idéias de “povo” e de “transformação por baixo”, que na Argentina estão relacionadas com a longa e persistente relação sentimental e política do “povo” com o heterogêneo movimento fundado por Juan Domingo Perón.

Este último ponto é de fundamental relevância. Já citamos as indicações de Aricó em *Controversia*, criticando a própria classe operária pela permanência, nela, das concepções corporativistas e autoritárias que a mantiveram cativa dos projetos burgueses e impediram-na de se transformar em classe dirigente de um

projeto autônomo de transformação social. Aderidas política e sentimentalmente ao projeto do Partido Justicialista (peronista), as massas argentinas, o "povo" mostrava-se, aos olhos destes intelectuais, como incapaz de impor um processo efetivo e estável de transição democrática. Assim, apostaram numa saída de tipo institucional baseada socialmente na influência que o projeto do chamado "alfonsinismo" alcançou nos setores médios da população.

Evidências deste "deslizamento" para o privilegio das *formas institucionais estatais* da política no momento da transição democrática, poderiam ser indicadas, de forma indireta e sem dúvida controversas, também na fase editorial, no contraste entre dois textos relevantes publicados sob a direção de Aricó: o texto de Giacomo Marramao "*Lo político y las transformaciones*" (*Cuadernos de Pasado y Presente*, Nº 95, 1982), e o livro "*El concepto de lo político*", de Karl Schmitt, publicado em 1984 na coleção "*El tiempo de la política*", dirigida por José Aricó na editora *Folios*⁷. No contraste dessas publicações parece-nos possível perceber, a partir da perspectiva do "ampliação" do conceito de "o político", uma certa aproximação ao universo conceitual do "decisionismo" schmittiano. Pelo menos no fato de que é impossível dissociar o nome de Karl Schmitt da problemática "decisionista" como forma da ação política.

O texto de Marramao se propõe submeter a uma prova rigorosa se o modo marxista de compreender a política consegue dar conta das transformações que o capitalismo experimentou, no centro do sistema, na crucial etapa dos anos 20 aos 30. Partindo de uma posição "*contraria a la deducción de la crítica de la política a partir de la crítica de la economía política*", Marramao (1982: 17) tenta mostrar os limites epistemológicos que reduziram "*la gran idea-innovación marxiana de la crítica*" a limites mecanicistas.

Se "o econômico" se constituiu no século XIX –através da tradição liberal –, numa verdadeira "ciência do poder" da época, a crítica marxista da Economía Política, construída principalmente em *O Capital* e nas *Teorias da Mais-Valia*, descobre e põe em crise as funções legitimadoras dessa forma do pensamento burguês da época, "*mostrando el surgimiento de lo 'político'*" (Marramao 1982: 25).

Contudo, o potencial crítico que se encontrava nessa abordagem marxista teria sido amortecido "*por una idea clásica (galileano-newtoniana) de ciencia en*

⁷ A editora *Folios* surge associada ao projeto cultural da livraria *Ghandi*, no México, em 1981. Com o retorno da democracia na Argentina, o projeto *Ghandi* é reproduzido também na Argentina com a instalação de uma grande livraria que até hoje é a mais importante do país. *Folios* também é instalada na cidade de Buenos Aires. O trabalho de tradução e edição do texto de Schmitt teria começado no México, mas será publicado em Buenos Aires, em julho de 1984.

que la determinación de las 'leyes del movimiento' [...] afincaría sus raíces en la distinción tradicional entre 'núcleo esencial' y 'formas fenoménicas'". Dado que, ancorado nessa tradição "dezenovista", para Marx "toda transformación puede y debe convertirse en objeto de explicación causal a través del recurso a la 'esencia' del modo de producción", nesse esquema "la crisis de la política se presenta como una variable dependiente de la crisis de la relación de producción" e, portanto, "la crítica de la política es considerada como una emanación directa de la crítica de la economía política". Assim, "la fase política se configura entonces como violencia concentrada y como instrumento (conjunto de aparatos de represión) del dominio de clase, o bien [...] como expresión lineal de una relación de fuerzas ya consolidada dentro de la esfera económico-productiva" (Marramao 1982: 22). Logo, conclui Marramao,

En Marx, la falta de una teoría y de un análisis positivo de las formas institucionales y de las funciones de lo político no señala, pues, una falta o una "laguna" del sistema global, sino que es más bien la consecuencia de las modalidades peculiares en que se "construyó" el sistema mismo (Marramao, 1982: 22-23).

Marramao se remeterá a uma análise schmittiana sobre esta questão para apoiar a "confiabilidade" desta hipótese de leitura. Numa conferência de 1929⁸, analisando o movimento da cultura ocidental, Schmitt descobre nela uma dinâmica de "âmbitos centrais" ou "esferas espirituais" que condicionaram "existencialmente" o desenvolvimento das sociedades ocidentais. No século XIX teria sido "o econômico" esse *âmbito cultural* no qual se processam e (em termos schmittianos) se "neutralizam" e controlam as tensões conflituosas (assim como haviam sido "o teológico", "o metafísico" ou "o moral" em épocas anteriores).

Nesse "*sugestivo cuadro schmittiano*", Marramao encontra uma ilustração indireta da "*función histórica efectiva de la crítica marxiana*", a saber: que a contribuição central de Marx "**radica en su carácter -en sentido fuerte- político: su crítica inmanente de la 'ciencia' económica desquicia el 'ambito central' propio del siglo XIX, poniendo en evidencia el carácter antagónico de sus relaciones constitutivas**" (Marramao 1982: 24. Negritos, RB).

O próprio caráter de centralidade que o econômico ocupara no século XIX teria acabado por condicionar inclusive o projeto crítico marxista, "*dejando enredado entre sus mallas las enormes posibilidades de desarrollo de ese 'descubrimiento'*" de Marx. Se esta limitação levou a que se descuidasse, no

⁸ "*Das Zeitalter der Neutralisierungen und Entpolitisierungen*", incluída no livro *El concepto de lo político*, comentado brevemente neste capítulo, como "*La época de las neutralizaciones y de las depolitizaciones*".

sistema marxista, de *"la riqueza de interrelaciones que unen la política a lo político institucional, los sujetos sociales a la esfera estatal, con sus múltiples articulaciones y con su compleja dimensión de 'legitimación'"*, uma releitura adequada permitiria recuperar para o marxismo o espaço dessas outras determinações da vida social, o espaço do propriamente "político", que deveria ocupar um lugar fundamental. O texto de Marramao trazia, portanto, uma abordagem de "o político" que sublinhava o caráter "societal" da ampliação do conceito, e ia ao encontro dos fenômenos de democratização da vida social que começavam a se manifestar fortemente na época.

Se o texto de Marramao se inscreve na tradição do pensamento italiano que o grupo cultivava, o texto de Schmitt, publicado sob a direção de Aricó em *Folios*, pertence a uma tradição antagônica e as razões que levaram à sua publicação deviam ser explicitadas. Na apresentação do texto, Aricó mesmo coloca a questão da *"necesidad insoslayable de justificar la presencia en una editorial democrática de quien es considerado como un pensador político nazi"*, e informa que o problema foi colocado e discutido no conselho editorial de *Folios*.

Várias razões são esgrimidas por Aricó nessa "justificação". Em primeiro lugar, apesar de ser um crítico de direita da sociedade burguesa, *"um pensador reaccionario que considera a las conquistas humanistas como errores gravemente perniciosos para la humanidad"*, Schmitt se situa – embora, diz Aricó, com propósitos radicalmente opostos – *"en el pleno reconocimiento de lo que para nosotros caracteriza la contribución epocal que Marx produjo: la determinación esencialmente política de la economía"* (Aricó, 1984: XII. Negritos, RB). Ninguém pense que erramos na transcrição do texto. Na trilha do pensamento de Marramao, Aricó descobre e destaca que o original na crítica marxista não é a "determinação do político pelo econômico" mas, ao contrário, o fato de que, através da crítica da economia política, Marx faria aparecer o político em toda sua magnitude.

En aquello que la Economía Política se empeñaba en presentar como "no político", en la neutralidad del cambio entre capital y fuerza de trabajo, Marx descubría la emergencia de lo político: la antítesis de clase y su consiguiente lucha". (Aricó, 1984: XII)

Em segundo lugar, a elaboração schmittiana é consultada, segundo indica Aricó (1984: XIV) para a elucidação daquilo que seja propriamente a categoria do "político", que *"no puede en nuestra época ser confundida con la de lo 'estatal'"*, visando a melhor compreensão de um período em que se verifica *"la consumación de un proceso que ya no puede impedir la irrupción de nuevos*

sujetos” e no qual “la generalización inaudita de la política marca un momento de traspaso de época histórica”.

Finalmente, assinala Aricó (1984: 20), é imprescindível que o pensamento transformador, *“para estar a la altura de las demandas de nuestro mundo histórico, para aferrar de manera productiva los nudos centrales del debate en torno al significado actual de la crisis del estado y de lo político”,* saiba medir-se com *“la gran cultura burguesa”*: Nietzsche, Weber e também Schmitt. Por isto, e para que *“deje de ser patrimonio exclusivo de la derecha, o de la academia, para que entre en el debate de la izquierda de manera plena y para que ésta pueda medirse con los grandes enemigos de sus propuestas, y no con mediocres escribas”,* argumenta, é que incluirá Karl Schmitt na coleção que dirigia na editora Folios.

Contudo, embora devamos concordar com suas justificativas para a publicação do texto, nos parece que Aricó aceita, neste texto introdutório ao livro de Schmitt, sem uma suficiente fundamentação crítica, fundamentais conceituações do autor. Por exemplo na exposição que Aricó faz da oposição amigo/inimigo como definidora daquilo que seja *“o político”*. Se a referência ao Estado não é suficiente para fundar um caráter específico distintivo daquilo que represente este conceito, então, afirma Aricó:

Es la definición schmittiana de *amigo y enemigo* la única que puede ofrecer una definición conceptual, o sea un criterio y no simplemente una definición exhaustiva o una explicación del contenido. [...] La contraposición/distinción amigo y enemigo debe no obstante ser asumida en su significado concreto, existencial y no como una metáfora o un símbolo [...] Enemigo es sólo un conjunto de hombres que, al menos virtualmente, o sea dentro de una posibilidad real, *combate* y se contrapone a otro agrupamiento semejante”. (Aricó, 1984: XIV)

Dada a falta de uma abordagem crítica adequada não fica claro no texto se é apenas uma exposição do texto ou tem concordância teórica de Aricó. Os acréscimos explicativos de Aricó na citação acima não parecem suficientes para essa diferenciação. Em geral falta no texto um aparato crítico para este e outros problemas que discute o texto de Schmitt (ou problemas mais gerais vinculados ao universo teórico schmittiano, por exemplo a questão do *“decisionismo”*, já mencionado). Contudo, o que nos parece fundamental para nossa argumentação é que a própria publicação deste texto é demonstrativa do tipo de preocupações que atravessavam o pensamento do grupo na época (esse *“deslizamento”* para um tipo de pensamento que prioriza os fatores institucionais e a *“decisão*

política”⁹ na formulação de políticas de transformação) e que emergiriam mais claramente com as posições que o grupo assumiria no período que estava começando em 1984 com a assunção do presidente eleito Raúl Alfonsín. Ao mesmo tempo, este conjunto de posições teóricas poderia explicar o relativo deslocamento que o pensamento gramsciano teria na política concreta do grupo neste mesmo período.

O código de interpretação das posições adotadas por estes intelectuais na conjuntura dos primeiros anos da transição democrática, apresentado nas páginas antecedentes, nos parece mais consistente que a simples idéia de “deserção”. Não existindo nenhuma construção relevante da esquerda, descrentes da capacidade do peronismo para conduzir a transição num caminho realmente democrático, sem possibilidades nem vontade de uma construção partidária autônoma, a qual, lembremos, nunca tentaram, re-introduziram-se no quadro político argentino da maneira definida no projeto constituído no final dos anos 60: a intervenção na política através de formas culturais. Assim, com a idéia-força de *democracia* para uma renovação radical do *socialismo*, juntamente com outros intelectuais aglutinaram-se no *Club de Cultura Socialista* que, nos seus primeiros tempos, aproximou-se em bloco do partido *Unión Cívica Radical* do presidente Raúl Alfonsín.

6.2. Os vínculos com o projeto e a experiência *alfonsinista*

A estratégia de intervenção na política através de formas culturais, definida no final da primeira época da revista *Pasado y Presente*, terá um momento florescente nos primeiros anos da nova democracia argentina.

Num depoimento de novembro de 1996, o historiador Osvaldo Coggiola realizava a seguinte avaliação da importância assumida pelo núcleo intelectual vinculado ao itinerário de *Pasado y Presente* no início do novo período democrático:

O grupo de *Pasado y Presente* tinha uma enorme influência cultural nos anos 80. A expressão que eu usaria é a seguinte: o grupo de *Pasado y Presente* “tomou o poder nos anos 80”. Tomou, é claro, não o poder político, tomou o poder que eles queriam tomar, que era o poder cultural, o poder ideológico. Esse poder eles tomaram. Que se discutia nos bares da Avenida Corrientes? Se discutia o que eles

⁹ Segundo a correta descrição de Aricó (1984: XIII): “*La acción política para Schmitt es sobre todo opción, riesgo, decisión: ‘producción de un mito’ que no deja espacio libre y que compromete al sujeto imponiéndole la elección*”. Muitas vezes será invocada essa “falta de espaço”, essa “imposição da eleição”, essa determinação irremediavelmente trágica da história, para justificar as decisões do presidente Alfonsín na questão da resolução da “questão militar” em relação às violações dos direitos humanos durante a ditadura militar, como veremos mais adiante.

impunham como referência. Claro, não controlavam o poder político, mas o máximo a que pode chegar um intelectual em política conservando seu lugar de intelectual é ser o conselheiro do rei, certo? E quem eram os conselheiros do rei naquela época? Eram Portantiero, De Ipola e o grupo deles. Então, em primeiro lugar, escreviam os discursos de Alfonsín, ou seja, eram os conselheiros do Príncipe. Segundo, controlavam as principais revistas de criação intelectual e as que mais vendiam: *Punto de Vista* e *La Ciudad Futura*. Terceiro, tinham uma influência fundamental na Faculdade de Filosofia e Letras: Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano eram chefes aí. Do mesmo modo Leandro Gutierrez, da turma deles, em história. Quarto, a mais importante livraria de Buenos Aires, a *Ghandi*, está vinculada de algum modo com eles, um vínculo que vem do México. Quinto, o *Club de Cultura Socialista*, que reunia vários dos principais intelectuais argentinos daquele momento. Claro que a essa altura a fisionomia do grupo é diferente e está dividido. Mas, para um grupo que não tem como pretensão estruturar um movimento social, mas exercer uma influência no nível ideológico, maior sucesso e influência do que o grupo de *Pasado y Presente* teve nos anos 80 na Argentina, é impossível. (Coggiola, arguição em exame de qualificação, Campinas, novembro de 1996)

Uma avaliação possivelmente exagerada em alguns aspectos, mas não carente de verdade em seu conjunto e que, na sua condensação, permite vislumbrar a influência que *coletivamente* este grupo de intelectuais conseguiu construir.

Um fato de grande relevância foi a proximidade com o primeiro governo democrático instituído depois da ditadura militar. Durante vários anos, desde o início da etapa democrática em outubro de 1983, o grupo dos "gramscianos" apoiou, de modos diversos, o projeto político que levou adiante o primeiro governo eleito democraticamente, comandado por Raúl Alfonsín. Um dos modos relevantes deste apoio se deu através do trabalho de assessoramento do chamado "*Grupo Esmeralda*", no qual se destacavam as figuras de J. C. Portantiero e E. de Ipola¹⁰. O *Grupo Esmeralda* participou da elaboração do conceito de democracia que proporia Raúl Alfonsín, em meio de um extenso processo de discussão sobre o tipo de regime democrático que deveria substituir a ditadura militar. O projeto de democracia e de transição que o presidente Alfonsín tentou desenvolver era uma versão particularizada da concepção liberal, centrada numa prática política baseada em "regras de jogo" universalmente aceitas e respeitadas, que superasse uma situação de interferências corporativas que haviam constituído a vida política argentina, pelo menos a partir de 1930. Alfonsín expressou do seguinte modo a sua visão dos condicionamentos históricos da nova democracia:

¹⁰ O nome provém da rua na qual funcionava a equipe de colaboradores do presidente Alfonsín. Não foi um nome "oficial", o apelido foi usado pela imprensa e ficou como uso costumeiro.

La historia argentina ha sido en gran medida, y particularmente desde 1930, la de una nación desintegrada cuyos distintos sectores sociales -con sus respectivas expresiones políticas y corporativas- vivían virtualmente incomunicados entre sí y reclusos en sistemas cerrados, cuyos valores, objetivos e intereses eran específicos de cada grupo. En una sociedad así configurada, los intereses de las partes tienden a prevalecer sobre los del todo y no alcanzan a cobrar vigencia normas y valores que sean universalmente reconocidos. Resulta inevitable entonces que, a falta de una normatividad común que regule las relaciones intersectoriales, estas tiendan a desarrollarse en términos de fuerza. De ahí que los militares, como titulares de la fuerza, terminaran por desempeñar en la Argentina un papel que desbordó la natural función castrense en una democracia integrada, pero cuyo origen no debe ser buscado en la específica naturaleza de la institución armada sino en la incapacidad de la sociedad global para desarrollar relaciones intersectoriales sujetas a normas generales. (Alfonsín, 1987: 136-137)

Assim, partindo desta espécie de “estado de natureza”, propôs um novo “contrato” para o qual sustentava, numa mistura de Gramsci e Locke, a necessidade de realizar:

...Una gigantesca reforma cultural que instaure entre nosotros un respeto general por normas de convivencia que garanticen los derechos civiles, que generalicen la tolerancia, resguarden las libertades públicas, destierren de la sociedad argentina el miedo. Todo eso se llama democracia. La única alternativa a una cultura de ajuricidad es una cultura democrática. (Alfonsín, en Moneta e otros, 1985: 224)

Um conjunto sistematizado das idéias fundadoras desta interpretação foi publicado, em 1984, no artigo de Juan Carlos Portantiero e Emilio de Ipola, *Crisis social e pacto democrático*. No argumento central do ensaio, afirmam os autores:

La única metáfora fundadora de un orden político democrático a la altura de la diversidad de los proyectos que en su estallido constituyen la crisis, es la clásica: la del pacto. En esta dirección, la democracia se coloca, rigurosamente, como una utopía. Pero no como una utopía de sociedad perfecta, transparente, sino como una utopía de conflictos, de tensiones y reglas para procesarlos. **En eso consiste el orden democrático, como esfera autónoma, irreductible a la esfera económico-social,** aunque pueda predicarse una mayor afinidad entre ciertos órdenes económico-sociales y la democracia. Pero la relación no es necesaria sino contingente. (Em Portantiero, 1988: 175. Negritos, RB)

Nesta autonomização da esfera política, na definição da “irreducibilidade da esfera política à esfera socioeconômica”, foi paulatinamente perdida até a simples relação “contingente” do mundo político com aquilo que, citando Gramsci, poderíamos denominar o “terreno permanente e orgânico” do mundo econômico-social. Era esperável a resistência e a crítica que se deflagrariam sobre esta versão, as quais atingiram o conjunto do grupo dos “gramscianos”, embora nem todos pensassem da mesma maneira.

O presidente Alfonsín expôs uma versão acabada e extremamente influente do seu projeto democrático no discurso denominado “*Convocatoria para una*

convergencia democrática", em 1º de dezembro de 1985, conhecido posteriormente como *"Discurso del Parque Norte"*. Nele, que também contou com a colaboração dos intelectuais reunidos no *Grupo Esmeralda*, o presidente Alfonsín apresentou ao país o desenho de um projeto de uma democracia avançada, nos padrões da experiência da social-democracia européia. Para viabilizar tal projeto, Alfonsín propunha basear a ação *"en un trípode fundamental: participación, modernización e ética de la solidaridad"*. Assim, propunha a construção de uma nova *democracia participativa* que, sem se contrapor à democracia formal, possibilitaria *"la participación de la ciudadanía en las decisiones políticas"* e, através de uma *"ética de la solidaridad"*, permitiria *"imaginar y construir un sistema de equidad social en la organización democrática de la sociedad y de igualdad en la búsqueda de la realización personal"*. Como forma de superar os velhos corporativismos, o discurso conclamava ao estabelecimento de um novo *"Pacto Democrático"*. Avançando um pouco em relação à formulação teórica aparecida no artigo de Portantiero e de Ipola, no discurso se partia do princípio de que *"hay que enriquecer [...], redefinir la noción tradicional de ciudadano – o de ciudadanía –, reconociendo que ella abarca, además de la igualdad jurídico-política formal, otros muchos aspectos conectados con el ser y el tener de los hombres, es decir, con la repartición natural de las capacidades y con la repartición social de los recursos"*. Portanto, existindo *"una distribución natural desigual"* das capacidades e *"una distribución social e histórica desigual de las riqueza, status y réditos"*, um pacto democrático sustentado nesta *ética da solidariedade* deveria supor *"la decidida voluntad de que esté sustentado en condiciones que seguren la mayor justicia social posible y, consecuentemente, reconoce la necesidad de apoyo a los más desfavorecidos"* (Alfonsín, 1987: 34. Negritos, RB). O projeto modernizador alfonsinista se sustentava nestas premissas.

Na época áurea do início da nova democracia, o projeto de Alfonsín representava sem dúvida uma atraente proposta social-democrata de democracia avançada. Mas a crise econômica global, intensificada a partir de 1982, e as pressões militares para brevar o processo de julgamento e punição dos horrores cometidos durante a ditadura militar se interpuseram nas expressões de desejo contidas no discurso. Estes condicionamentos definiam os marcos do "possível", palavra tantas vezes declamada pelo grupo próximo ao presidente Alfonsín.

Colocada como uma expressão de "realismo político", a definição concreta daquilo que seria o "possível" passou a ser determinada como um resultado mais da chantagem dos militares e das forças conservadoras que da pressão dos

setores democráticos. Com o decorrer do processo, o “possível” foi-se reduzindo de tal modo que descaracterizou completamente as potencialidades do projeto apresentado por Alfonsín e seu grupo de assessores. Assim, não apenas a luta pela equidade nunca saiu do papel, como também as possibilidades do “pacto” foram desastrosamente processadas, em particular as que diziam respeito às relações com os setores sindicais. Mas, acima de tudo, o resultado final relativo ao mais importante elemento da política democrática do presidente Alfonsín – o julgamento dos responsáveis pelos crimes acontecidos durante a ditadura militar –, foi um frustrante retrocesso e submissão às pressões militares, como veremos mais adiante.

É importante indicar, a respeito das relações dos intelectuais vinculados à trajetória de *Pasado y Presente* com o governo de Alfonsín, que estas não eram homogêneas. Enquanto Portantiero e outros postulavam e exerciam uma participação mais engajada com o governo, Aricó e outros conservaram, durante algum tempo, uma posição mais independente e crítica. As diferenças entre estas posições são públicas e apontadas por vários dos observadores diretos daqueles debates entrevistados nesta pesquisa. Embora os meandros dessas posições estejam ainda por ser completamente deslindados, é possível apontar alguns elementos que permitem estabelecer algumas posições divergentes.

Em agosto de 1986 nasceu, do ventre do *Club de Cultura Socialista*, a revista *La Ciudad Futura*, sobre a qual voltaremos mais à frente. Abrindo uma seção da revista denominada “*Suplementos*”, o primeiro número traz o *Suplemento N° 1*, intitulado “*Una nueva República?*”, que discute elementos centrados na proposta de uma nova República lançada pelo presidente Alfonsín em 15 de abril desse mesmo ano, na qual propõe uma ampla reforma do Estado. No mesmo suplemento, um ensaio de Portantiero critica a esquerda, que chama de anacrônica e “pré-gramsciana”, pela recusa em discutir a *reforma do Estado* proposta por Alfonsín. A *reforma* era vista pela esquerda como uma “cortina de fumaça” para não discutir os problemas estruturais do poder econômico. Numa abordagem que se inclina pelo apoio à proposta alfonsinista, Portantiero expõe a questão das relações entre desigualdade social e democracia participativa nos seguintes termos:

Desde alguna izquierda suele decirse que plantear los problemas de la democracia participativa sin resolver previamente la desigualdad económica y social es un acto vano. Pero como señala Macpherson, se trataría de un círculo vicioso: es cierto que una condición de la democracia participativa es la reducción de la desigualdad, pero, a la vez, parece poco probable que ello se consiga sin una participación más fuerte. [...] Para los socialistas, que conciben la transición desde el

autoritarismo hacia la democracia como proceso de cambios y no como restauración, el desafío está planteado en esos términos. (Portantiero, 1986: 18)

No artigo, Portantiero induz a resolver o “círculo vicioso” em favor do aspecto da democratização política.

No Nº 2, um artigo de Aricó voltava ao tema indicando uma posição pouco otimista a respeito das possibilidades da proposta de Alfonsín. Partindo da necessidade de construção de uma “*democracia social avanzada*” altamente participativa e de uma “*profunda democratización del poder y una mayor socialización de la vida económica*”, Aricó colocava em dúvida as possibilidades dessa construção na realidade argentina. “*Siendo necesaria y deseada una reforma de nuestra vida pública, es posible en las actuales circunstancias?*”, perguntava-se Aricó. E respondia com uma negativa: “*no creo que exista en la sociedad, en sus instituciones representativas, en sus estamentos políticos e institucionales, en sus dimensiones ideológicas y culturales, el suficiente consenso, la necesaria voluntad, el perdurable compromiso político que torne viable las necesarias reformas institucionales y estructurales que el país requiere*”. A sociedade, segundo Aricó, não estava preparada para tanto, nem ciente dos obstáculos que tinha pela frente. Obstáculos que, considerava, possivelmente fazendo referência à persistência dos mitos da justiça social do primeiro peronismo, “*se alimentan de un pasado consolidado como creencia*” e “*de un presente plegado pasivamente a la presión de las cosas*” – referindo-se possivelmente às dificuldades em que esbarrava já nessa época o governo de Alfonsín. Assim, critica, “*se quiere lo que no se tiene, pero se descree de poder lograrlo. El presente subvertido se proyecta fantasiosamente al futuro y se desencadena así todo o reprimido, pero nada se hace para comprender la realidad del presente y transformarlo. Se sueña con los ojos abiertos y se soporta con rabia lo que existe*” (Aricó, 1986b: 36. LCF 2).

Num discurso dirigido à “classe política” argentina (incluído o próprio oficialismo radical), reclama transformações mais amplas e profundas e uma vontade política mais decidida:

Cuando se afirma que los cambios son necesarios pero que es preciso esperar momentos de mayor tranquilidad para hacerlos, se supone que se puede alcanzar la “tranquilidad” sin el cambio. En mi opinión esta es una de las formas de soñar con los ojos abiertos porque se afirma en una creencia que rechaza las lecciones de los hechos y desplaza a un futuro imprevisible una necesidad del presente. **Es difícil imaginar la consolidación de un estado de derecho en la Argentina sin introducir cambios en la estructura del estado y de la sociedad que den respuestas a las formas complejas de nuestra sociedad actual y a las demandas de intervención colectiva que**

Criticando também as incompreensões da esquerda política, Aricó apresentava uma aproximação ao projeto alfonsínista mais crítica que a posição de Portantiero e do grupo que assessorava Alfonsín. A realidade deu razão ao pessimismo de Aricó. A força da "pressão das coisas" sobre um presente que se amoldava passivamente a tal pressão foi superior às posições transformadoras declamadas.

Não é nosso objetivo estudar minuciosamente as relações, os acordos e contradições entre o grupo intelectual estudado e a política e a trama organizativa em torno do presidente Alfonsín. De certo podemos afirmar que, em relação ao problema medular da democracia política, havia no pensamento do grupo a confiança em que o apoio a Alfonsín era o único caminho adequado. Mas, se o problema do "hiper-politicismo" existiu na política de Alfonsín, estes intelectuais partilharam da expectativa nas possibilidades da operação política. Era, se se pode expressar deste modo, uma doença de conjunto.

Um momento-chave na história das relações do grupo reunido no *Club de Cultura Socialista* com o governo de Alfonsín foi o período marcado pela série de incidentes políticos e militares que levaram às controvertidas abdições políticas do Partido Radical frente às pressões dos militares na Páscoa de 1987 (o levante dos chamados "*carapintadas*") e a sanção das denominadas "*Ley del punto final*" (oficialmente, "*Ley de extinción de causas*") e "*Ley de la obediencia debida*", mediante as quais o presidente, cedendo àquelas pressões, colocava fim às investigações e ao julgamento de violações dos direitos humanos durante a ditadura militar, limitando o julgamento e a condenação aos generais membros das juntas militares que conduziram o chamado "Processo", deixando sem julgamento milhares de subalternos responsáveis diretos pelas torturas, desaparecimentos e diversas violações aos direitos humanos e às leis cíveis, sob o argumento de que teriam "obedecido ordens superiores".

Esses eventos puseram fim não apenas à época áurea do governo de Alfonsín e da nova democracia, mas também à unidade interna do grupo de intelectuais reunidos no *Club de Cultura Socialista*. No Nº 3 da recém-fundada *La Ciudad Futura*, um artigo de Héctor Leis deflagrou o debate sobre a "*Ley del punto final*", que colocava um limite ao processo de denúncias e julgamento dos crimes acontecidos durante a ditadura militar, processo deflagrado pelo próprio presidente Alfonsín com a sua decisão, em 12 de dezembro de 1983, de julgar os nove membros das três *Juntas Militares* que tinham governado o país durante o

período de exceção. A medida legal proposta, afirmava Leis (1986: 3), “*es antidemocrática y anuncia un futuro de incertidumbre para los ciudadanos y ciudadanas de este país*”. O editorial deste Nº 3 mostra as ambigüidades das posições de um grupo que, por um lado, quer pensar *a partir da sociedade civil* mas que, por outro lado, vê-se obrigado a se colocar no lugar do *Príncipe*, da “*Razão de Estado*”. Assim, diz a revista, a medida é “*inacceptable desde el punto de vista simple, implacable, maniqueo, ‘irresponsable’ si se quiere, de la ética*” e do fato de que “*su implementación no cumpliría con los fines de fortalecer la frágil democracia que transitamos*”. Mas imediatamente perguntam os autores do editorial: “*pero la verdad de las cosas es la misma cuando se la mira desde el vértice del poder que cuando se lo hace desde el seno de la sociedad civil?*”. A resposta se coloca no lugar da “*Razão de Estado*”: “*existem lógicas distintas. Y también responsabilidades disímiles. Percepciones encontradas. Exigencias no siempre aceptables por quienes estamos alejados de las responsabilidades de gobierno [...] La necesidad de fortalecimiento del sistema político haría necesaria tan drástica determinación...*” (La Ciudad Futura Nº 3, 1986: 4). Assim, o editorial, embora não seja um apoio aberto, induz a uma vaga, embora inconformada, complacência com a medida.

No Nº 4 da revista, aparecido em março de 1987, a polêmica aparece abertamente. Destacamos duas matérias mais relevantes para esclarecer os acontecimentos que comentamos. O primeiro é um abaixo-assinado repudiando a “*Ley del punto final*”, subscrito por um conjunto de intelectuais, muitos deles membros do *Club Socialista* e de *La Ciudad Futura*: José Aricó, Jorge Tula, José Nun, Carlos Altamirano, Jorge Dotti, Maria Tereza Gramuglio, Hilda Sabato, Elizabeth Jelin, Héctor Leis e outros. Isto é, tratava-se de um grupo misto, composto por parcela dos intelectuais vinculados a *Pasado y Presente*, a maioria dos intelectuais vinculados à revista *Punto de Vista* – embora faltasse a assinatura da sua diretora Beatriz Sarlo –, e vários “independentes”. O segundo é um artigo assinado por Emilio de Ipola que, embora também se manifeste contra a lei, critica tanto o artigo de Leis como o abaixo-assinado. A crítica de de Ipola tem duas direções: por um lado, indica o que ele coloca como a falta de “argumentos” em ambos os textos; por outro lado, referindo-se em particular ao abaixo-assinado, afirma que “*los autores saben bien que [...] hay un problema que encarar y si es posible superar; que ese problema no es de facil solución y que hasta hoy nunca pudo ser solucionado satisfactoriamente*”. Referia-se ao problema da integração das Forças Armadas na sociedade democrática. Repete mais uma vez a dinâmica do editorial do Nº 3 de *La Ciudad Futura*, isto é: o

"*punto final*" é uma medida desagradável, ruim, mas é necessária para solucionar a questão militar.

Poucos dias depois, nos primeiros dias de abril, durante a Páscoa de 1987, o levante dos "*carapintadas*" colocava novamente em xeque a frágil democracia argentina. A sociedade civil respondeu de um modo exemplar nessas circunstâncias: centenas de milhares de pessoas saíram às ruas para defender a democracia e apoiar o regime democrático do presidente Alfonsín. Uma vigília popular em todo o país acompanhou o processo de negociações até o desfecho no dia 5 de abril, domingo de Páscoa. Nas mobilizações populares, a sociedade propunha correr riscos, mas avançar até derrotar sem condições os militares golpistas. O governo Alfonsín, sob o argumento de poupar o sangue do povo argentino, cedeu às pressões e optou por um acordo com a instituição militar, frustrando uma grande expectativa popular para o fortalecimento da democracia sem tutela militar. As pressões militares levaram Alfonsín a apresentar a chamada "*Ley de la obediencia debida*". Os compromissos em torno desta lei com os militares amotinados sufocaram a rebelião militar.

Os acontecimentos da chamada "crise da Semana Santa" e as posições adotadas pelo grupo de intelectuais vinculados a Aricó e Portantiero, que se tornava hegemônico no *Club Socialista* e na revista *La Ciudad Futura*, acabaram por deslanchar uma crise que seria irreversível na estrutura dessas instituições. O desfecho da crise tinha quebrado definitivamente o acordo entre os dois grandes grupos que formaram o *Club Socialista*. Este se dividiu, separando-se o grupo da revista *Punto de Vista*, além de outras pessoas próximas do núcleo gramsciano, como José Nun, Héctor Leis e outros, que discordavam das posições assumidas.

Em fevereiro de 1988 aconteceu uma nova insurreição militar, de proporções menores que a do ano anterior, no qual foi tomado o *Aeroparque* da cidade de Buenos Aires. Se o levante pôde ser sufocado, sugeria o editorial de *La Ciudad Futura* Nº 10, isso se deveu ao clima favorável criado pela legislação alfonsinista entre os militares. Assim, ficava totalmente clara e sem ambigüidades a posição do grupo dirigente do *Club Socialista* a respeito do controvertido tema. Se em torno da polêmica "*Ley del punto final*" tinha existido uma certa discrepância dentro do grupo vinculado, os acontecimentos da Semana Santa acabaram por aproximar as posições em torno da idéia de que era a única saída possível. Isto fica claro no editorial do Nº 10 da revista:

Debe la izquierda olvidar la ética -los terribles crímenes del terror de estado- y aceptar servilmente la iniciativa del presidente Alfonsín? Hay acá un dilema entre el confort de la ética y la incomodidad del pragmatismo? No, la clave tal vez consista en no desplazar de ninguna manera los principios, pero también en no dejar de lado el

análisis de la realidad tal cual ella se manifiesta [...] En medio de la delicada guerra de posiciones que el poder civil libra frente a los militares, **la reciente crisis avaló de hecho -no de derecho ni moralmente- la necesidad de que hubiera un instrumento como la discutible Ley de obediencia debida. De no ser así, no nos engañemos, se hubiera reeditado el curso de Semana Santa [de 1987]**". (*La Ciudad Futura*, Nº 10, 1988: 2. Negritos, RB)

No Nº 11 de *La Ciudad Futura*, modifica-se seu comitê editorial, evidenciando a separação do grupo crítico. Esta separação homogeneizou uma posição mais tranqüilamente pró-alfonsinista que durou até que, em junho de 1989, a derrota do alfonsinismo nas urnas e o triunfo do peronista Carlos Saúl Menem abrissem uma nova situação política no país.

A relativa complacência diante da política do presidente Alfonsín – no que se refere à aceitação das pressões da corporação militar visando à preservação da estabilidade política do país na transição à democracia –, abalou a imagem pública do grupo muito mais fortemente do que aquela acusação de "social-democratas" com a qual tinham reaparecido na Argentina depois do exílio. A crise econômica e política ocorrida no país no começo de 1989 levou o governo de Alfonsín a um final abrupto, com a realização antecipada de eleições que deram a vitória a Carlos Menem. Obviamente os passageiros do barco afundado do presidente sofreram as conseqüências da crise. Entre eles, o grupo de intelectuais reunidos em torno das figuras de Aricó e Portantiero, no *Club de Cultura Socialista* e em *La Ciudad Futura*.

6.3. O Club de Cultura Socialista

Ampliado a partir da estadia no México, embora conservando no seu núcleo as figuras principais da etapa portenha de *Pasado y Presente* nos primeiros anos dos 70, o grupo se reintegra à vida política e cultural argentina, conservando um perfil relativamente autônomo, na experiência do *Club de Cultura Socialista* e da revista *La Ciudad Futura*.

A fundação do *Club Socialista*, em julho de 1984, foi o resultado da fusão de dois dos principais núcleos formadores de opinião da época: o grupo da revista *Punto de Vista* (dirigida por Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano), que agregava intelectuais que tinham ficado no país, e o grupo "mexicano" de *Pasado y Presente* (que se havia "ampliado" nas experiências da revista *Controversia* e do *Grupo de Discusión Socialista* – GDS –, já registrados anteriormente). Além desses dois grupos, reuniram-se no *Club* outros intelectuais "independentes".

É interessante assinalar brevemente as modificações de perspectivas desde o GDS até o *Club Socialista*, através das declarações de princípios de ambos. Dado que em ambas as declarações se reconhece a mão de Aricó, nelas se encontra um registro das mudanças no pensar a questão da "construção do socialismo". Talvez as modificações mais relevantes entre uma e outra declaração sejam: a) o papel central se desloca do conceito de "socialismo", na primeira, para o conceito de "democracia", na segunda; b) na primeira, ainda se coloca como tarefa relevante a de uma "crítica da consciência anterior", enquanto que na segunda esta crítica se encontra consumada, e já se trabalha sobre as conclusões alcançadas. Por exemplo, na declaração do GDS se diz:

Quienes lo integran se sienten identificados por su adhesión a la causa del socialismo y pretenden abordar críticamente, a través de la confrontación democrática, los problemas que plantean en Argentina y en el mundo las diversas instancias de la lucha por la **construcción del socialismo**...

...Identificados todos por su común adhesión a la **causa del socialismo como propuesta de transformación de la sociedad de clases en una sociedad sin clases**, igualitaria, democrática y pluralista en la República Argentina.... (Em *Controversia* Nº 8, setembro 1980, pág. 31. Negritos, RB)

Enquanto nesta declaração se acentua a perspectiva de "construção" do socialismo, na declaração de fundação do *Club de Cultura Socialista* encontramos operando uma lógica teórico-política modificada, uma outra perspectiva que enfatiza o papel central da democracia política e suas instituições como modo de atualizar a tradição socialista e na qual a perspectiva socialista aparece como "horizonte utópico".

Provenientes de diferentes experiencias y tradiciones políticas, encaramos esta iniciativa con la certidumbre de que las posiciones socialistas no superarán su colocación periférica en el escenario nacional ni su reiterada tendencia a la disgregación e incapacidad política si no se abren paso a una nueva reflexión teórica y a una nueva cultura política en el área de la izquierda...

La democracia y la transformación social estarán en el centro de las preocupaciones del Club (...) El lugar privilegiado que le conferimos a la **cuestión democrática** tiene para nosotros un doble significado. En primer término el del reconocimiento de que sólo en un contexto democrático puede expandirse un movimiento social de izquierda que impulse la transformación y adquiera una presencia relevante y hasta determinante en la vida de la sociedad argentina. En segundo término, el de la reafirmación de nuestra certidumbre de que el conjunto de libertades civiles y políticas asociadas con el funcionamiento de la democracia constituyen un patrimonio irrenunciable para una perspectiva socialista, aunque ese patrimonio requiera en forma imprescindible de su innovación y enriquecimiento (...) Esta afirmación conlleva la ruptura más clara con todas aquellas concepciones que reducen dichas libertades a instrumentos indisociables del capitalismo, con un valor apenas contingente e instrumental, y a los que se deberá renunciar en nombre de

finés considerados superiores y absolutos... (*Club de Cultura Socialista, Declaración de Principios*, 1984: 1 e 2. Negritos, RB)

Além disto, se no texto do GDS ainda se encontram idéias como “transformación de la sociedad de clases en una sociedad sin clases” ou “validar la potencialidad crítica y revolucionaria de la doctrina [marxista]”, no texto do *Club Socialista* os conceitos de “classe” ou “revolução” não são mencionados. A idéia clássica de “revolução” aparece associada, na crítica que transcrevemos abaixo, às idéias de “violência” e “guerra”. Em seu lugar, passam a ser usadas as idéias de “transformación social” e “cambio histórico”.

...Pensamos que alrededor de estos problemas debe discutir una izquierda que quiera avanzar proponiendo opciones y sin la ilusión de que su hora sólo puede abrirse paso con el fracaso del curso democratizador abierto en el país. Por eso **rechazamos enfáticamente a aquellas posiciones que fetichizan a la violencia como instrumento de los cambios históricos y que proponen una reducción de los temas de la política a los temas de la guerra...**(*Club de Cultura Socialista, Declaración de Principios*, 1984: 3 e 4. Negritos, RB)

Portanto, podemos descrever o percurso do perfil teórico-político do grupo, desde o período do GDS até a fundação do *Club Socialista*, através do peso crescente do conceito de democracia, até chegar à afirmação deste “lugar privilegiado” do conceito nos primórdios da nova etapa argentina.

Ora, se estes são os elementos teóricos norteadores da sua fundação, o *Club* também nasce com a pretensão de participar ativamente da vida política e cultural do novo país. Segundo lembra um dos membros fundadores do *Club*:

Cuando se decide formar el Club Socialista, había básicamente dos ideas, que son las que yo percibí cuando fui invitado a participar de la fundación del grupo y a la que me sumé activamente: 1- la idea de crear un grupo de intelectuales, sin identificación partidaria, con capacidad de formar opinión en la argentina en el momento fundamental de la transición; 2- por otro lado, un grupo que al mismo tiempo que crease opinión, diera esa opinión en una línea política bien definida, apoyando a las fuerzas que en su momento fuesen más convenientes. (Leis, entrevista concedida ao autor, Florianópolis, março de 1999)

Com essas posições teóricas e “operativas”, o grupo e os novos companheiros de viagem se inseriam no contexto político argentino pós-ditadura disputando um lugar na esquerda do espectro político, mas aproximando-se intimamente, como já vimos, do Partido Radical do presidente Raúl Alfonsín.

Embora o grau dessa aproximação não tenha sido homogêneo o *Club*, institucionalmente, apostou de início na experiência alfonsinista. Se, por um lado, indica Leis, “la más alfonsinista era la línea de Portantiero e de Emilio de Ipola”, por outro lado, “en el comienzo, todos de alguna manera fuimos alfonsinistas”.

Um dado importante da configuração do *Club Socialista* é que não existia um componente peronista ou pelo menos “filo-peronista”: alguém que defendesse as posições peronistas frente ao processo de transição. Isto é mais uma amostra do que já vimos no capítulo anterior: o fracasso da tentativa da revista *Controversia* de aproximar as interpretações peronistas de esquerda e marxistas do processo político argentino. Leis lembra sobre o ponto que:

El grupo de Casullo y otros estuvieron dando vueltas, pero nunca entraron directamente y después de unas pocas reuniones a las que participaron, yendo de un poco informal, se fueron definitivamente. Es cierto que ellos también tenían su proyecto político y su proyecto de revista, que fue la revista “Unidos”, pero nada hubiera impedido, en principio, también estar en el Club Socialista, si el Club no hubiera asumido un perfil de una cultura en cierta forma anti-peronista. (Leis, entrevista concedida ao autor, Florianópolis, março de 1999)

Contudo, nessa primeira etapa – uma verdadeira “época de ouro” do *Club Socialista* nos anos iniciais da nova democracia argentina –, a proximidade com o oficialismo não impedia a circulação aberta das idéias e a crítica.

Lo interesante de observar es que en el momento en que todas las cosas van bien en el alfonsinismo, nadie era obligado a tomar posición, y el Club podía marchar produciendo ideas. Las cosas que se discutían eran más incisivas, las personas estaban menos definidas, conservaban un espíritu crítico fuerte, más allá de los amigos o de las circunstancias. Se podía criticar hasta a la propia “tribu”. (Leis, entrevista concedida ao autor, Florianópolis, março de 1999)

Certamente por causa da proximidade apontada, as idéias produzidas na experiência coletiva do *Club Socialista* nutriam principalmente o Partido Radical e sua força juvenil na universidade, a “*Franja Morada*”, mas não era uma relação orgânica declarada, não existia um compromisso direto e automático com o alfonsinismo. Os problemas, como já vimos, apareceram quando, a partir da resistência militar ao tratamento do tema dos direitos humanos pelo governo, este se viu obrigado a recuar da sua política sobre a matéria até reduzir seus trunfos à condenação dos membros das juntas militares que comandaram o país durante o período da ditadura. A situação obviamente obrigou a uma tomada de posição e a postura *oficialista* de figuras proeminentes do *Club*, veiculada através de *La Ciudad Futura*, indicava o pró-alfonsinismo que estava se configurando e que levou, finalmente, à ruptura do acordo que tinha levado à sua fundação. As posições que pregavam autonomia frente às políticas do governo, reclamando o espírito originário do *Club*, não prosperaram.

En ese momento se comienza a conformar la siguiente situación: por un lado los que pensábamos que el Club es un club de cultura, de ideas, y por lo tanto podía haber cualquier persona, comprometida con cualquier partido político, ya que, como Club no había ninguna posición “oficial” y se podía criticar lo que cada uno quisiera;

por otro lado, la posición alfonsinista, encabezada por Portantiero y de Ipola, que ya estaban trabajando en una línea de asesoramiento a Alfonsín. Lo que me parece que es más importante es que en el Club ya había estas dos líneas enfrentadas en el momento en que se da la cuestión de los derechos humanos. (Leis, entrevista concedida ao autor, Florianópolis, março de 1999)

O primeiro intelectual de peso a abandonar o *Club* foi José Nun. Logo o seguiriam outros, até o *Club* ficar em mãos da fração mais oficialista, comandada por Portantiero e apoiada por Aricó.

O *Club de Cultura Socialista*, na sua primeira etapa (os dois anos e meio que vão da sua fundação até a crise militar que acabou na Páscoa de 1987), foi uma tentativa bem sucedida de criação de um espaço que permitisse àquele grupo de intelectuais de esquerda, formados no período anterior ao golpe militar, uma intervenção relevante na cultura e na política. Contrariando um modelo da época, o *Club de Cultura Socialista* conservou sua independência econômica, sem depender de financiamento externo, estatal ou de algum partido político. Desde a sua fundação, o *Club* foi financiado com a contribuição dos sócios, procedimento que se conserva até hoje. A publicação, nas páginas de *La Ciudad Futura*, dos documentos da Internacional Socialista, e outros documentos da social-democracia, não significou, pelo menos até onde nossa pesquisa pôde enxergar, a subvenção permanente do *Club*. Confirmando este ponto de vista, Héctor Leis, que hoje se encontra afastado da atividade permanente do Club, mas que já foi membro da Comissão Diretora, questionado sobre os possíveis financiamentos externos, declarou o seguinte:

Nunca se precisó hacer eso. Yo fui de la Comisión Directiva, y hoy tengo estas críticas que te apunto, pero eso nunca sucedió. Las cuentas del Club siempre se pagaron con los aportes de los socios, que se mantuvieron más o menos en la cifra de 100. El Club no fue ningún invento extranjero. El Club es un invento típicamente argentino, en el sentido de que un grupo de personas con una serie de ideas comunes deciden formar algo. En ese sentido el Club fue la única experiencia importante en la Argentina pós-dictadura (lo que muestra las limitaciones de Argentina), de crear un espacio de producción de ideas fuera de instituciones financiadas por fundaciones extranjeras, partidos o universidades, o lo que sea. Eso es una cosa notable. (Leis, entrevista concedida ao autor, Florianópolis, março de 1999)

A influência cultural e política do núcleo intelectual reunido no *Club Socialista* adquiriu a sua fisionomia definitiva com a aparição da revista que, de fato, ocuparia o lugar de porta-voz das suas posições, a revista *La Ciudad Futura*.

6.4. A revista *La Ciudad Futura*

Em agosto de 1986 aparece o primeiro número de um novo empreendimento editorial encabeçado por José Aricó: *La Ciudad Futura – Revista de Cultura Socialista*. Na direção da revista, junto com Aricó aparecem dois velhos companheiros da última fase de *Pasado y Presente*: Juan Carlos Portantiero e Jorge Tula.

Como aquela, *La Ciudad Futura* tomou seu nome em referência a Gramsci¹¹, e retomaria vários fios condutores da experiência do grupo, centrados, nesta nova etapa, na *idéia-força* da democracia. Os adversários também apareciam explicitamente enunciados no primeiro número da revista: a **direita** reacionária, “cavernícola”, e a **esquerda**, não menos atrasada que aquela, segundo os editorialistas.

La Ciudad Futura aspira ser un terreno crítico de confrontación de las distintas voces que animan un proyecto de reconstrucción de la sociedad argentina sobre bases democráticas y socialistas. Se concibe, por tanto, como **una de las formas de organización de una presencia cultural de izquierda**, que en las condiciones del país y del mundo requiere de un profundo y radical cuestionamiento de toda su tradición y de sus instrumentos de análisis.

A nadie se le escapa que las categorías de “socialismo” y de “izquierda” apelan a una multiplicidad de propuestas y de experiencias, muchas de las cuales aparecen hoy ante nosotros como negadoras en la práctica de un movimiento que hizo de la emancipación humana la razón de su existencia. Ni el ideal socialista ha dado lugar a transformaciones sociales que permitan definir caminos ciertos para la conquista de una sociedad libre e igualitaria, ni la cultura de izquierda demuestra ser capaz de medirse con los problemas de sociedades complejas. Y la nuestra lo es. El ideal socialista y la cultura de izquierda están en crisis; es hora ya de reconocerlo si se quiere salvar al socialismo como proyecto y como movimiento.

Esto es lo que discute la izquierda en el mundo; esto es lo que deberíamos discutir aquí si se pudiera erosionar el inmovilismo de una izquierda detenida en el tiempo, congelada en viejas propuestas que no pueden dar cuenta de una realidad distinta.

...Para la izquierda argentina –la de matriz socialista o comunista, pero también aquella de origen nacionalista o populista– nada es peor que el demonio socialdemócrata (...) La iglesia y los polizontes, los militares cavernícolas del proceso y los gremialistas manésicos, los fascistas y los comunistas, los intelectuales de izquierda y los de derecha. Que conmovedora unanimidad! Sirios y troyanos exorcizando juntos al demonio! Pero, en realidad, qué es lo que los une? Una común

¹¹ Em fevereiro de 1917, Antonio Gramsci, militante socialista e redator da edição turinesa do jornal *Avanti*, foi responsabilizado, pela Federação de Jovens Socialistas do Piemonte, pela edição de um periódico de cultura operária dedicado aos jovens. Gramsci diagramou e escreveu inteiramente o único número daquele jornal, chamado *La Città Futura*. Encontramos a referência no Nº 5 da revista *La Ciudad Futura* onde, como homenagem a Antonio Gramsci, republica-se um dos artigos daquela raridade editorial. Os artigos incorporados na revista, segundo os editorialistas de *La Ciudad Futura*, “llevan todos la impronta de una esperanzada confianza en la posibilidad de ‘acelerar el porvenir’” e oferecem “el primer cuadro orgánico del conjunto de cuestiones filosóficas y políticas en torno a las cuales se articula el pensamiento de Gramsci” (*La Ciudad Futura*, Nº 5, 1987: 36).

irritación contra la Argentina que cambia, un mismo deseo que aquello que irrumpió en octubre de 1983 no se consolide, una idéntica definición de la nueva mayoría política como ilegítima. No somos alfonsinistas, ni radicales, ni socialdemócratas. Somos simplemente socialistas que tenemos una convicción compartida (...) (La Ciudad Futura, N° 1, pág. 3. Negritos, RB)

Junto com a constituição do *Club de Cultura Socialista*, a revista foi a principal realização do grupo dos "gramscianos" na nova etapa, ainda que envolvesse pessoas de diversas correntes de pensamento *democrático e socialista*.

Dado que, como vimos, o *Club* era formado pela junção do "grupo mexicano" e o grupo da revista *Punto de Vista*, que circulava desde 1977, poderia pensar-se que esta era a revista do *Club* até o surgimento de *La Ciudad Futura* ou, depois, pensar-se que o *Club* tinha duas revistas como "porta-vozes". Mas, as coisas não parecem ter funcionado deste modo. *Punto de Vista* é um empreendimento do grupo dirigido por Beatriz Sarlo e conservou-se autônoma ainda na melhor época do *Club*. Este, como já vimos, sustentava-se em um acordo entre tais vertentes, que se mantinham relativamente autônomas, como "tendências internas" do *Club*. Apesar de Aricó e Portantiero serem, até hoje (Aricó a título honorário), membros do Conselho Editorial de *Punto de Vista*, a sua linha editorial e as decisões relevantes continuaram sempre como patrimônio do grupo originário, em particular Sarlo. A presença de Aricó e Portantiero expressava mais uma fórmula de compromisso, ou simbólica, que uma participação real nas definições editoriais da revista.

Com *La Ciudad Futura* acontecia algo semelhante. Apesar desta ter surgido do *Club Socialista*, como coletivo, nasceu fundamentalmente como uma iniciativa de **um grupo** do *Club*. Embora vários dos intelectuais de *Punto de Vista* fizessem parte (até a crise da "*obediencia debida*") do Conselho Editorial, a linha editorial era conduzida basicamente pelo triunvirato de diretores: Aricó, Portantiero e Tula. Contudo, diferentemente de *Punto de Vista*, *La Ciudad Futura* era percebida pelo público como *a revista do Club Socialista*. De fato, a idéia da revista nasce no México. Jorge Tula nos informa o seguinte a respeito dos projetos que deram origem a ela:

La Ciudad Futura ya estaba pensada en México. Tanto es así que yo había diseñado una tapa de *La Ciudad Futura* que conservé hasta hace poco tiempo. El nombre, recordaba esa revista que hizo Gramsci. Siempre estaba este tipo ahí atrás. La idea era sacar una revista más tipo libro, más parecida a *Pasado y Presente*. Sólo que esa primera idea de revista tenía la intención de ser una revista más "socialista", digamos. Cuando la establecimos acá la pensamos como una revista que iba a

intervenir más en el mundo de la política que *Punto de Vista*. (Jorge Tula, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998)

O próprio Tula havia sido, na etapa mexicana, o responsável pela edição da revista *Controversia* e continuaria a ter, em *La Ciudad Futura*, um papel central no trabalho pesado de edição da revista.

Contudo, *La Ciudad Futura* se colocava desde o início como expressão do *Club Socialista* enquanto empreendimento coletivo. Nela se refletiam e refletem as tensões teóricas e políticas do que lá acontece. Neste sentido, como já indicamos, no Nº 11 de *La Ciudad Futura* (apesar de que a separação efetiva tinha acontecido antes), regularizou a situação e a revista registrou as modificações políticas no *Club*. O antigo *Consejo Editorial*, do qual participavam os membros de *Punto de Vista*, é substituído por um *Consejo Asesor*, composto pelo grupo que se tornava dominante e até hoje dirige o *Club* e a revista.

Observando a etapa em que ambas as revistas apareciam representando as distintas idéias que circulavam no *Club*, e a influência que exerciam estes empreendimentos que trabalhavam o nexo entre cultura e política (*Punto de Vista* enfatizando o primeiro dos termos e *La Ciudad Futura* o segundo), não parece exagerado o peso que atribui Osvaldo Coggiola, na fala citada (página 258), ao grupo de intelectuais concentrados no *Club Socialista*.

6.4.1.- A luta pelo espaço de esquerda e a descoberta da *centro-esquerda*

A revista *La ciudad Futura* vinha, explicitamente, disputar uma parte do espaço de “esquerda”, e isto é declarado desde o editorial do primeiro número da revista:

Procuraremos ser un elemento activo en la construcción de una democracia social avanzada no porque hayamos renunciado a nuestros ideales socialistas, sino porque es la única forma de mantenerse fieles a ellos.

...El socialismo no puede ser la liquidación de la democracia, sino su plena realización. Sólo en un contexto democrático puede expandirse un movimiento social de izquierda que impulse la transformación y gravite en la vida nacional. Y ninguna redención futura deberá apartarnos de ese patrimonio irrenunciable del socialismo que son las libertades civiles y políticas. (*La Ciudad futura*, No. 1, agosto 1986: 3)

A partir de então, começava uma longa luta pelo conceito e pelo espaço de “esquerda”, no contraste com as idéias da esquerda “revolucionária”, luta que ocupou muitas páginas em quase vinte números da revista.

Vistos de hoje, a quantidade de material e tempo gasto pela revista na luta pelo espaço de esquerda parece desproporcional, levando em conta a escassíssima influência que a esquerda “revolucionária” tinha (e tem) na vida

política nacional. Um motivo possível para o prolongado debate sobre a esquerda é que esta foi o espaço de incorporação dos intelectuais vinculados ao *Club Socialista* à vida política do país. Nascidos como tendência “revolucionária”, em luta contra as posições “reformistas” da velha esquerda argentina, encontravam-se agora na posição de “réus” da sua própria história, acusados de “social-democratas”, uma situação que demoraram em assumir sem culpas nem complexo.

A conjuntura 89-90 se configurou como um momento de virada na política argentina. Transcendentes fenômenos econômicos, políticos e ideológicos aconteceram. Uma hiperinflação descontrolada dominou a vida econômica e política e obrigou o presidente Raúl Alfonsín a abandonar o governo antes do final do mandato, conduzindo a uma apressada sucessão presidencial que colocou Carlos Saúl Menem, candidato do Partido Justicialista, na condução da nação. Numa imediata e surpreendente manobra transformista, o “menemismo” ocupou o lugar discursivo do seu velho rival ideológico, o conservadorismo oligárquico, que na Argentina (como em outros lugares) se autodenomina “liberal”. Assim, com o voto de suas bases populares, fiéis por mais de quarenta anos, e desconhecendo as promessas eleitorais e o conteúdo do voto recebido, o presidente Menem se transformou em pouco tempo no líder político do neoliberalismo argentino, conduzindo o país na trilha desse projeto.

Por sua vez, produziram-se na esquerda e centro-esquerda novos arranjos de forças que buscavam captar o descontentamento popular, em primeiro lugar das bases peronistas, frustradas pelo abandono de Menem aos velhos compromissos sociais do peronismo, mas também daqueles prejudicados pelas consequências da aplicação do plano neoliberal.

É necessário destacar também que a época foi marcada ao mesmo tempo pelas profundas transformações no “mundo socialista” – que encontraram um ponto culminante no fracasso do golpe de estado de setembro de 1991 na Rússia e na virada ao capitalismo nos países resultantes do colapso do campo socialista –, e pelo novo panorama político na América Latina.

Com o fracasso do “alfonsinismo” nas eleições, apareceu em *La Ciudad Futura*, no final do ano de 1989, um novo posicionamento: o chamado à construção de uma força de “centro-esquerda”, como espaço de acumulação estratégica, privilegiando as alianças entre os tradicionais *Partido Socialista Democrático* e *Partido Socialista Popular*.

O novo espaço político, de perfil “democrático e socialista”, mostrou-se adequado para este grupo não estritamente partidário que, por um lado, tinha

levado adiante uma dura polêmica com a esquerda “revolucionária” e, por outro, estabeleceu vínculos com a social-democracia europeia e latino-americana, rastros dos quais se encontram, como já indicamos, na publicação permanente na revista dos documentos da Internacional Socialista, dos partidos social-democratas europeus, das fundações ligadas à social-democracia (como a Fundação Friedrich Ebert), etc., e nos estreitos laços com o grupo de Raúl Alfonsín e seu partido, a *Unión Cívica Radical*. Ainda nas eleições de maio de 1989, apesar da crise em que mergulhou o governo de Alfonsín, a revista convocou seus eleitores a votar pelo Partido Radical.

Assim, a “luta pela esquerda” encarada por *La Ciudad Futura* parece acabar no entardecer dos anos 80. No começo da nova década, a discussão de *La Ciudad Futura* centrava-se nas possibilidades de construção do espaço político de “centro-esquerda”. Num artigo que inaugura esta questão, uma entrevista com o ex-dirigente democrata-cristão Carlos Auyero, a pergunta de abertura indagava ao entrevistado como construir uma alternativa de centro-esquerda frente às duas grandes forças políticas clássicas, o radicalismo e o peronismo (*La Ciudad Futura*, Nº 19, out-nov. 1989). No Nº 20 da revista (dez. 1989-jan. 1990: 6), Javier Fronze, membro do Conselho Editorial, no seu artigo “*Centroizquierda: ese ambiguo objeto de deseo*”, afirma causticamente que “*el espacio de centroizquierda [...] se ha vuelto, por estos días (...) el más perfecto objeto de deseo: inapresable, inencontrable e insatisfactorio*”. Não obstante, no Nº. 22 (abr-mai. de 1990), *La Ciudad Futura* dedicará o *Suplemento 8* à discussão das “*Posibilidades e limites del centroizquierda en Argentina*”. Na apresentação do debate, afirmam os organizadores:

El actual debate sobre las posibilidades de construcción de una corriente política de centroizquierda arranca de una comprobación imposible de ocultar: las profundas limitaciones del radicalismo y del peronismo para implementar políticas de reformas de claro sentido progresista. Pero la creación de una corriente que aspire a ocupar el espacio de una gran fuerza reformadora supone asumir el desafío de elaborar programas, propuestas y estrategias a la altura de un vertiginoso cambio de época. Sin esta profunda y radical reconstrucción cultural de la izquierda democrática argentina resulta imposible un proyecto capaz de romper con la lógica del esquema bipartidista y crecer como un factor gravitante en la formación de un bloque social y político alternativo. (*La Ciudad Futura*, Nº 22, 1990: 9)

Finalmente, portanto, *La Ciudad Futura* define seu lugar no espectro de esquerda como **esquerda democrática** – esquerda “reformista”, sem traumas –, e estabelece o espaço político de centro-esquerda como o âmbito natural do seu apelo e esforço político.

En verdad nos consideramos como reformistas y lo asumimos, porque sabemos que hay pocas tareas más difíciles y más duras que la de intentar reformar una sociedad salvajemente capitalistas como lo es Argentina [...] Con toda la cuota de utopía que sea menester para no convertirnos en estériles, seguimos siendo, si se quiere, "realistas", "posibilistas" [...] La Ciudad Futura ha de seguir en la brecha de proponer a la consolidación de la democracia como su tarea prioritaria. Sin abandonar la identidad socialista, sólo pensable en ese marco, habrá de insistir en lo ya planteado en otras ediciones: la necesidad perentoria de un gran compromiso democrático para servir a un proyecto de transformación que no abdique de los valores de la justicia y la libertad. (*La ciudad Futura* Nº17-18, 1989: 4)

Do ponto de vista das afinidades político-partidárias, três grupos de simpatias foram encontrando seu espaço no novo período do *Club Socialista* nos anos 90: o grupo próximo ao *radicalismo*, à *Unidad Socialista* e à *Frente Grande*, esta dirigida pelo ex-peronista Chacho Álvarez. Levando em conta esta nova configuração de posições dentro do *Club*, a atualidade política do final dos anos 90 poderia ilustrar a influência que o *Club de Cultura Socialista* e a revista *La Ciudad Futura* conseguiram construir nestes quinze anos de vigência da democracia política. Neste período, acabado o "reinado" de Carlos Menem, a centro-esquerda se expressa num fenômeno político chamado "*Alianza*", surgido da composição de forças da *FREPASO* (*Frente del País Solidario*)¹² e a *Unión Cívica Radical*. Esta força política, que se constitui hoje como a única capaz de disputar a direção do processo político com o peronismo, apresenta um perfil político similar ao que se constituiu desde o começo dos anos 90 no *Club de Cultura Socialista* e na pré-dica de *La Ciudad Futura*. Portanto, talvez ainda vejamos a estrela do grupo de intelectuais aí reunidos brilhar próximo ao poder político na Argentina. Claro que seria uma outra história, na qual, porém, o passado não seria indiferente aos desdobramentos do presente.

¹² O FREPASO é formado pela *Frente Grande* e a *Unidad Socialista*, junção dos maiores desdobramentos históricos do velho *Partido Socialista*: o *Partido Socialista Popular* e o *Partido Socialista Democrático*.

Capítulo 7

Gramscismos e gramscianos na Argentina: a disputa pelo legado de Gramsci

7.1. Realidade e mito da influência gramsciana na Argentina dos anos 80

Com a retomada da democracia política, produz-se uma nova difusão do pensamento gramsciano, em consequência do regresso do exílio e reinserção na universidade de uma série de intelectuais vinculados a esta corrente de pensamento. O fenômeno é particularmente relevante na mais importante das universidades argentinas, a Universidade de Buenos Aires (UBA). A redemocratização do país favorecerá essa difusão em função do lugar que o grupo dos "gramscianos argentinos" ocupará, como vimos, no espaço político próximo ao presidente Raúl Alfonsín.

Na época, em torno desta corrente apareceram duas principais frentes de polêmica: uma delas, com a direita mais reacionária, deslocada do poder com o advento da democracia política, que denunciou o perigo de uma "conspiração gramsciana"; a outra, com a esquerda "revolucionária", que criticou o que considerava um "abandono do marxismo" e uma "falsificação" do pensamento de Gramsci.

A primeira frente da polêmica dos "gramscianos argentinos" pode ser retratada em artigos e declarações de conspícuos representantes da ultra-direita do espectro político argentino.

Em declarações à *Rádio Continental*, em novembro de 1985, o bispo da Diocese de San Juan, Monsenhor Ítalo Di Stéfano, figura emblemática do conservadorismo dominante na Igreja Católica da Argentina, pronunciou-se contra o uso de elementos ideológicos marxistas no curso introdutório à universidade, denunciando "*la propagación de las ideas de ese comunista llamado Antonio Gramsci*" (em Aricó, 1988: 165). Estas declarações podem possivelmente ser tomadas como o começo de uma prolongada campanha pública contra Gramsci e os gramscianos.

Por sua vez, em 16 de maio de 1987, um dos principais responsáveis pelas atrocidades acontecidas durante a ditadura 76-83, o General Ramón J. Camps

declarava no jornal *La Prensa*, num artigo denominado "*La república invadida*", que "*el fantasma gramsciano es una realidad en la Argentina contemporánea*", e acrescentava a afirmação de que o próprio Poder Executivo era exercido por "*un típico representante del gramscismo nativo, aunque un tanto primitivo*". Segundo a paranóica declaração, a partir da assunção do presidente Alfonsín, os intelectuais gramscianos haviam-se apropriado das estruturas do poder político, e esta corrente de pensamento era retratada como "*la retaguardia de la subversión*".

Não se deve esquecer que se tratava de um clima de preocupação da direita política ainda nos marcos da guerra fria, e em plena "época Bush". Nesse clima, a *XVIIª Conferência dos Exércitos Americanos* (Mar del Plata, 1987) prevenia sobre os efeitos da difusão das idéias de Gramsci, apresentando-as como o novo perigo ideológico da época. Mas talvez o texto político mais revelador desse desmedido temor da direita política em torno do "perigo gramsciano" seria publicado no final da década, no chamado *Documento de Santa Fé II*¹. Na seção denominada "A ofensiva cultural marxista", afirmam os autores:

O principal teórico marxista inovador que reconheceu a relação entre os valores que o povo tem e a criação do regime estatizante foi Antonio Gramsci (1881-1937). Gramsci argumentou que a cultura ou a rede de valores na sociedade primam sobre a economia. Segundo Gramsci, os trabalhadores não conquistariam o regime democrático, mas os intelectuais sim. Para Gramsci, a maioria dos homens ostenta os valores comuns de sua sociedade, porém não estão conscientes do porquê de suas opiniões nem de como as adquiriram. Desta análise se deduziu que era possível controlar ou formar o regime mediante o processo democrático se os marxistas fossem capazes de criar os valores comuns hegemônicos da nação. Os métodos marxistas e os intelectuais marxistas podiam conseguir isto dominando a cultura da nação, processo que requer uma grande influência em sua religião, escolas, meios de comunicação e universidades. Para os teóricos marxistas, o método mais eficaz para criar um regime estatista em um meio democrático era através da conquista da cultura da nação. Seguindo este padrão, todos os movimentos marxistas na América Latina têm sido dirigidos por intelectuais e estudantes, e não por trabalhadores. (Comitê de Santa Fé, 1989: 75)

Apesar das injustiças com o pensamento gramsciano, o texto é exemplar da visão da direita norte-americana que, ao mesmo tempo, orienta o pensamento da direita latino-americana mais conservadora. Esta espécie de histeria coletiva que

¹ "*Uma estratégia para a América Latina nos anos 90*", elaborado pelo grupo de assessores do presidente George Bush, denominado *Comitê de Santa Fé*, integrado por L. Francis Bouchey, Roger W. Fontaine, David C. Jordan e o General Gordon Sumner, foi publicado no boletim AGEN Nº 139 de 9/2/1989 e reproduzido pela revista *Teoria e Política* Nº 13, São Paulo: fevereiro de 1990. O *Comitê de Santa Fé* foi estabelecido pelo presidente Ronald Reagan para assessorá-lo em questões latino-americanas e ficou conhecido pela produção, em maio de 1980, do chamado *Documento de Santa Fé* – "*Uma nova política Interamericana para a década dos oitenta*" –, que deveria orientar a política norte-americana para a América Latina nessa época.

contagiou a direita argentina chegou ao auge na apresentação à Câmara dos Deputados, em maio de 1989, de um projeto de Lei redigido por um deputado do Partido Justicialista, Horacio Cabareri, que propunha declarar a ilegalidade e dissolução de *"todo partido o agrupación política de filosofía marxista, trotskysta, guevarista, sandinista, maoista o gramsciana"* (*La Ciudad futura*, Nº 19: pág. 24).

Mas qual era a realidade da inscrição do pensamento gramsciano na conjuntura argentina do começo da abertura democrática? Dado que, segundo a denúncia da direita, o "surto gramsciano" se localizava principalmente na universidade, é importante constatar a magnitude da influência gramsciana neste âmbito.

A campanha da direita se fundava no temor da *influência direta* dos intelectuais gramscianos no espaço universitário. Contudo, sem ser irrelevante, esta influência de um grupo relativamente pequeno de professores no marco de uma universidade do porte da UBA não significou a configuração de um "gramscismo" generalizado na Universidade de Buenos Aires, menos ainda na universidade argentina como um todo. Esta influência, como dissemos, estava restrita fundamentalmente à Universidade de Buenos Aires, onde se concentravam os intelectuais gramscianos. Em algumas universidades importantes do país, como a *Universidad Nacional de Rosario* (UNR), Gramsci foi um desconhecido, pelo menos na década de 80.

Por outro lado, na hipótese desse "surto gramsciano" na universidade ter acontecido, deveríamos registrar um crescimento importante da bibliografia gramsciana, decorrente da relevância cultural do movimento. Nessa direção, em julho de 1995, realizamos uma pequena pesquisa bibliográfica em três das principais universidades argentinas: UBA (*Universidad de Buenos Aires*), UNC (*Universidad Nacional de Córdoba*), UNR (*Universidad Nacional de Rosario*). Encontramos uma escassíssima presença de Gramsci nas bibliotecas universitárias. Na UNR, Gramsci praticamente não existia. Na biblioteca da *Facultad de Humanidades y Artes*, na qual se incluem as escolas de História, Letras, Filosofia, Antropologia e Belas Artes, não encontramos nenhum livro, nem próprio nem de comentadores. Na *Facultad de Ciencias Políticas* havia um livro só: *Notas sobre Maquiavelo, la política y el Estado moderno*, nenhum de comentadores. Na UNC, na biblioteca central da universidade, que conserva o magnífico nome colonial de *"Biblioteca Mayor"*, havia três livros de Gramsci: *Los intelectuales y la organización de la cultura*; *El materialismo histórico y la Filosofía de B. Croce* e as *Notas sobre Maquiavelo, a política e o Estado*

moderno. Só com a inauguração da *Biblioteca José M. Aricó* (localizada em frente da "Mayor"), em janeiro de 95, Gramsci alcançou uma presença mais significativa, que seguramente crescerá com o tempo (a Biblioteca Aricó só estaria plenamente disponível em 1998). Na UBA, na biblioteca da *Facultad de Sociología*, dirigida na época por Juan Carlos Portantiero, figuravam: *El materialismo histórico...* e *Notas sobre Maquiavelo...*, da edição togliattiana, e os quatro tomos da edição crítica em espanhol que chegou a publicar a editora mexicana ERA. Pelo menos existiam sete livros de comentadores. Entre os notáveis ausentes, *La cola del diablo*, de Aricó. Na biblioteca da *Facultad de Filosofía* desta universidade, encontramos todos os livros da edição togliattiana e seis de comentadores.²

Os dados simples e crus mostram que a expansão, na época, desta corrente de pensamento não se expressou nem foi sustentada numa "corrida bibliográfica" das bibliotecas universitárias para o "mundo gramsciano".

Poderia pensar-se ainda que esse "surto gramsciano" na universidade poderia fundar-se numa extensa edição de textos gramscianos que, por algum motivo, não teriam chegado às bibliotecas universitárias. Não é o caso. Nenhum fenômeno editorial em torno do pensamento gramsciano aconteceu na época. Os três livros mais importantes de intelectuais próximos ao grupo estudado, com temas *gramscianos*, foram publicados no final da década: *La cola del diablo*, de José Aricó (Puntosur: 1988); *La producción de un orden*, de Juan Carlos Portantiero (Nueva Visión, 1988); *La rebelión del Coro*, de José Nun (Nueva Visión: 1989). Alguns poucos artigos publicados nestes livros tinham sido publicados em revistas nos anos anteriores, mas o fato não altera o quadro geral. Outros livros sobre Gramsci de autores de outras tendências aparecem a partir de 1987.

O certo é que a denúncia do surto gramsciano na universidade não passou de um reflexo paranóico da direita mais conservadora, causado pela democratização do mundo universitário, dominado pelo obscurantismo durante o período ditatorial.

² Os dados que apresentamos foram tirados de fichas catalográficas e de bancos de dados *on line*, quando disponíveis. Estes dados, por si mesmos significativos, ganham sentido maior quando se colocam em algum tipo de perspectiva comparativa. Por exemplo: o acervo bibliográfico gramsciano compilado por John Cammett (hoje facilmente acessível na Internet) conta com 10.350 registros entre livros e artigos em revistas especializadas. Em língua espanhola: 430; em italiano: 6.077; em inglês: 1.206; em francês: 506, só para mencionar os textos nas línguas mais correntes do uso acadêmico ocidental. Mas podemos aproximar ainda mais a perspectiva comparativa mencionando, por exemplo, a bibliografia gramsciana da *Universidade Estadual de Campinas* (UNICAMP), onde encontramos em torno de 150 textos entre livros, dissertações e teses, ou na bibliografia compilada pelos organizadores do *site "Gramsci e o Brasil"*, na Internet, onde encontramos catalogados cerca de 180 livros e artigos.

A grande influência cultural do grupo dos “gramscianos argentinos”, sua “época de ouro” se configurou nos primeiros três anos da nova democracia em torno do conjunto de iniciativas do grupo que examinamos no capítulo anterior: o *Club de Cultura Socialista*, a revista *La Ciudad Futura*, e sua influência intelectual no entorno político do presidente Raúl Alfonsín. Essa época de ouro entrou em crise a partir dos problemas colocados na cena política pelos levantes militares de abril de 1987. Com o fracasso estrondoso do projeto *alfonsinista* no final dos anos 80, o cenário político foi absolutamente hegemonizado pelo discurso e política neo-liberais.

No meio desse furacão neo-liberal apareceu, pela primeira vez na vida político-cultural argentina, um certo uso “perverso” das idéias gramscianas – que não parece ter continuado posteriormente –, realizado por intelectuais do grupo *menemista*, no começo da gestão de Carlos Menem, em julho de 1989. O principal porta-voz desta tendência foi Jorge Castro, membro da cúpula ideológica do *menemismo* nascente. “Antonio Gramsci, uno de los grandes pensadores políticos del siglo reúne todas las condiciones para convertirse en un clásico; como tal no pertenece a nadie en particular, sino que [es] patrimonio general de la cultura de nuestro tiempo”, afirmava Castro (1989a: 14) numa matéria no jornal *El Cronista Comercial*, de outubro de 1985. Castro defendia deste modo um uso dos conceitos gramscianos que sabia alheio ao universo cultural e político do autor.

Assim, em torno do regresso ao país dos restos mortais de Juan Manuel de Rosas, personagem fundamental e controvertido da história argentina e figura mito-fundadora do universo cultural nacionalista e populista argentino, afirmava Castro (1989a: 14): “el regreso de los restos de Rosas, y su aceptación por el consenso general y político, es, en síntesis, una operación gramsciana de gran categoría...”.

Em termos mais gerais de “projeto político”, esta breve passagem gramsciana da política menemista – hoje uma curiosidade – partia das seguintes premissas:

El progresismo pequeño burgués se ha apoderado del *sentido común* de la Argentina (...) En esta lucha vital por el dominio cultural los argumentos técnicos y pragmáticos no son relevantes, lo esencial son las posiciones políticas históricas, geopolíticas y éticas que puedan sostenerse, porque no se trata de demostrar una ecuación sino de construir *una nueva hegemonía*... (Castro, 1989b: 17)

Como se expressaria na vida política imediata tal hegemonia? Mediante um novo reagrupamento das forças políticas, hegemonizado pelo peronismo

menemista, conformando deste modo *"un bloque histórico, político, económico, social, en que el justicialismo (...) coincida con la corriente sustancial del liberalismo y los partidos provinciales en un proyecto común (...) que puede denominarse conceptualmente con precisión "revolución conservadora"* (Jorge Castro, 1989b: 17). De fato, foi o que aconteceu na Argentina nos dez anos de ação do projeto menemista, embora as referências a Gramsci tenham desaparecido há muito tempo do arcabouço teórico da cúpula intelectual do Partido Justicialista.

Mas a menção deste uso de Gramsci pela direita argentina nos interessa não apenas pela excepcionalidade deste tipo de discurso, como também pelas possíveis e mais profundas conseqüências na complicada questão da constituição de uma cultura política democrática estável na sociedade argentina. Para esclarecer o ponto é relevante lembrar as colocações de José Aricó no ensaio *"Gramsci y la cultura de derecha"*, no livro *La cola del diablo*. Nele, Aricó propõe uma visão comparativa entre a atitude política *"moderna"*, *aggiornata*, da direita européia, e a cultura política *"cavernícola"*, autoritária, da direita argentina. Para tanto, criticando as já mencionadas atitudes reacionárias da direita argentina mais conservadora, Aricó confronta-as com *"ciertos cambios que se están operando en culturas del mismo tipo en Europa y que las distancian de sus filones más conservadores y reaccionarios"*. Assim, indica Aricó:

Abandonando el proyecto de ocupación violenta del Estado en sociedades a las que se reconoce cada vez más estables y en condiciones de neutralizar las demandas sociales de poder, cierta derecha cultural europea, o por lo menos aquella que a partir de la experiencia francesa se llama hoy *"nueva derecha"*, intenta protagonizar un movimiento de modernización y de innovación radical (...) Su propósito es el de promover un renacimiento cultural que rompa el enclaustramiento en el que por tanto tiempo se mantuvo el pensamiento conservador y esté en condiciones de confrontarse con las ideologías igualitarias hoy en crisis. Se trata, por tanto, de la refundación de una concepción del mundo renovada en sus dimensiones tradicionales y en condiciones de experimentar un proyecto de hegemonía cultural y social antes que política. (Aricó, 1988: 168)

Diante dos insuperáveis obstáculos que, nas sociedades européias modernas, impossibilitariam as estratégias golpistas ou neofascistas de aceder ao poder do Estado, *"se fue constituyendo y ocupando un espacio siempre mayor, una derecha de nuevo tipo"*.

Revelli³ a define como *"hegemónica"* porque *"persigue, gramscianamente, la conquista de la hegemonía en la sociedad civil"* (...) Los ideólogos de la *"nueva*

³ Marco Revelli, *"La cultura della destra"* em *Il pensiero político contemporáneo*, Vol I, Milán, Franco Angeli, 1985.

derecha" europea prefieren denominarse "Gramscianos de derecha". (Aricó, 1988: 169)

Concluindo este contraste entre a direita reacionária argentina, que encontra uma "conspiración gramsciana" em qualquer empreendimento crítico, e a nova direita européia, que "*cree poder encontrar en Gramsci motivaciones para pensar los nuevos caminos de acceso a esa Konservative Revolution irrealizada*", afirma Aricó:

Aceptar el terreno de la confrontación significa en cierto modo admitir que entre la cultura de la derecha y la cultura de la izquierda hay un punto de encuentro, la común necesidad de responder críticamente a la "anarquía del mundo burgués". En torno de los nudos cruciales de aquellos umbrales críticos de la modernidad, de las que Bobbio llama "promesas incumplidas de la democracia" se abren los espacios comunes de confrontación y de intercambio entre las culturas de derecha y de izquierda. (Aricó: 1988, 173)

Portanto, se estas colocações têm algum grau de realidade, se é possível afirmar que "*el pensamiento de Gramsci cumplió en algunas partes el papel de mediador en un cruce de culturas irreconciliablemente separadas*", seria possível investigar se as mencionadas colocações de Jorge Castro nessa delicada conjuntura da transição democrática argentina poderiam ser consideradas algum tipo de "ampliação virtuosa" da cultura política da direita argentina, fruto inesperado da "operação gramsciana" sobre a cultura política dos anos 80.

La Ciudad Futura, sob a mão de Fabián Bosoer, registra a novidade deste novo discurso, assinalando como alguns intelectuais da direita política reatualizaram seus discursos e incorporaram-se ao debate cultural com uma "*fuerza insospechada*". Tanto é assim, afirma Bosoer, que "*se encuentran hoy en el cenit de su reflexión como ideólogos de la 'nueva hegemonía cultural' encarada por Carlos Menem de la mano de la 'revolución conservadora' autóctona que no cesa de sorprender a propios y ajenos*":

Aunque el pensador italiano jamás haya imaginado semejantes discípulos en sitio tan recóndito del planeta, la Argentina tiene hoy un gobierno con ministros que hablan de la 'formación de un nuevo bloque de poder social, político, económico y hasta militar', voceros periodísticos que afirman que "estamos en presencia de una lucha cultural por el sentido común" (...) Al menos, el fantasma de Gramsci ha dejado de sobrevolar amenazante sobre nuestras cabezas. Esa también es nuestra conquista. Y la suya, por supuesto. (Bosoer, 1989: 25)

Na segunda das frentes de polêmica, os "gramscianos argentinos" foram dura e repetidamente criticados pela esquerda "revolucionária" como "social-democratas", "reformistas", "renegados", etc., pelo abandono de suas velhas idéias revolucionárias e por seu apoio a um tipo de pensamento e prática política

que ficou conhecido na época como a “política do possível”, ou “*possibilismo*”. A novidade mais relevante em termos teóricos e políticos será a decisão da esquerda “revolucionária” de encarar uma **disputa por Gramsci**.

Esta decisão ficou claramente expressa em torno da comemoração dos 50 anos da morte de Gramsci, em 1987, com a publicação, pela Revista *Fin de Siglo*, de um “Dossiê Gramsci”, no qual escreviam intelectuais filiados a essa tradição, tentando resgatar Gramsci para sua perspectiva de análise. O *dossiê* da Revista *Fin de Siglo* é dedicado, como veremos oportunamente neste capítulo, à crítica do que se considerava uma leitura “social-democrata” de Gramsci feita pelos intelectuais que rodeavam o presidente Raúl Alfonsín. Embora sem novidades teóricas, a polêmica é indicativa da intenção da esquerda “revolucionária” de começar a trabalhar de um modo mais amplo com os conceitos gramscianos para pensar o novo período.

Apesar das muitas expressões críticas da época, possivelmente nenhum texto expresse melhor o conteúdo das críticas da esquerda “revolucionária” que o artigo de James Petras, “*La deserción de los intelectuales*”, publicado pelo jornal *Sur* (um empreendimento vinculado ao Partido Comunista Pós-16º Congresso), em 20 de maio de 1990. Na América Latina, diz Petras, a “deserção” desses intelectuais anteriormente engajados para posições liberais “*toma la forma de empalmar citas de Gramsci entre defensas del régimen electoral que cohabita con militares torturadores, y en empaquetar el conjunto como ‘realismo democrático’, mientras descalifican como ‘jacobina’ a la oposición popular*”. Na Argentina em particular,

los revisionistas gramscianos proporcionaron la defensa intelectual del régimen de Alfonsín, el mismo que redujo los ingresos de los trabajadores en un 50%, aplicó el plan del FMI y las políticas de libre mercado, y exculpó a centenares de policías y militares implicados en graves violaciones a los derechos humanos. (Petras, 1990: 3)

Assim, de acordo com este intelectual da esquerda norte-americana, uma das principais vítimas da “apostasia ideológica” é Antonio Gramsci. Numa operação que, segundo Petras (1990: 3), é talvez “*la pieza más acabada de reducción deshonesto y de distorsión*”, através de citações fora de seu contexto histórico, “*los escritos revolucionarios socialistas de Gramsci se ponen al servicio de regímenes políticos neoliberales*”.

Finalmente, Petras afirma que, num sentido amplo, a ascensão do que chama “os intelectuais institucionais” e a decadência dos “intelectuais orgânicos” que prosperaram nas décadas de 60 e 70, representam uma “contra-

revolução cultural", um grande salto atrás, configurando-se, portanto, um novo campo de atuação intelectual:

Es el mundo del intelectual como "asesor político interno", administradores de la conformidad política, o, en su lenguaje, del consenso político. Para los intelectuales ex radicales arrepentidos, los que se convirtieron de una vocación política a una vocación institucional, la esencia de la política es la burocracia. El eje de la política gira alrededor de estrechos intereses institucionales, desarrollando lazos con los caciques de los centros de poder burocrático. En este contexto, la principal preocupación intelectual es la renovación del formalismo y el legalismo y la marginalización de la política sustantiva. (Petras, 1990: 3)

As posições de Petras, que tiveram uma importante influência na esquerda "revolucionária" argentina no final dos 80, resumiam os sentimentos desta corrente na época.

O processo de intervenção da esquerda "revolucionária" no "debate gramsciano", do qual tradicionalmente não havia participado, será produto também de um complexo movimento de reflexão autocrítica sobre sua atuação na década anterior, por parte das organizações políticas que conformam esta variante de esquerda, e de um importante esforço, embora nem sempre bem sucedido, de adequar as velhas concepções ao novo tempo. Assim, tem lugar um importante processo de crítica ao dogmatismo e ao autoritarismo das concepções anteriores, ao tipo de organização política fundado nessas concepções, e de busca de novos elementos políticos e teóricos para fundar uma nova prática.

No momento de um balanço da presença de Gramsci na cultura política argentina dos anos 80, talvez devamos levar muito mais em conta tanto a nova disposição da esquerda "revolucionária" de retomar para si os conceitos de Gramsci e a inusitada expansão do pensamento gramsciano para o espectro de direita que a pretendida universalização de Gramsci nos meios universitários. Longe de uma larga e profunda influência do pensamento gramsciano nas novas gerações universitárias pós-ditadura, o que a realidade dos anos 80 nos mostrou foi o profundo corte entre as gerações pré e pós-ditadura em relação à apropriação desta corrente de pensamento. Corte que, é claro, é apenas um aspecto do abismo cultural que a ditadura militar deixou de herança à sociedade argentina.

O espaço conquistado pela figura de Gramsci na cultura *progressista* da Argentina dos 80 foi baseado, fundamentalmente, no prestígio intelectual dos "gramscianos argentinos", na relevância e eficácia cultural e política que seus empreendimentos, o *Club de Cultura Socialista* e a revista *La Ciudad Futura*,

alcançaram nos primeiros anos da nova democracia e no lugar político que ocuparam em torno da figura do presidente Alfonsín. Assim, no bojo da discussão democrática e da crise de paradigma da esquerda "revolucionária", Gramsci se introduz na cultura política argentina da década de 80 sem a estridência e a magnitude denunciadas pela direita mas com conseqüências aparentemente duradouras, como veremos, para a constituição de novos projetos de transformação para a sociedade argentina.

7.2. A disputa por Gramsci: redescobrimento de Gramsci pela esquerda "revolucionária"

Um exemplo da decisão da esquerda "revolucionária" de se apropriar da herança teórica gramsciana se encontra no dossiê publicado no quinquagésimo aniversário da morte de Gramsci pela revista *Fin de Siglo*, em 1987, já mencionado. O dossiê da revista publica a transcrição de uma mesa redonda em homenagem a Gramsci, organizada pelo chamado "*Encuentro Nacional de Intelectuales por la Democracia y la Liberación*"⁴.

Na apresentação do dossiê, os organizadores afirmam que "*la importancia del pensamiento gramsciano, como fundamento de una auténtica transformación social, a la par de la desvirtuación que sufre por una parte de la intelectualidad argentina*", motivam a publicação de tais depoimentos.

Atilio Borón, no começo de sua intervenção, denominada "*Indignación ante el despojo*", afirma que "*el sentimiento que a uno lo embarga cuando habla de Gramsci, a los cincuenta años de su muerte, es de indignación ante el despojo siniestro del que ha sido objeto*". O discurso gramsciano, diz Borón, foi popularizado na América Latina "*de la mano de aquellos que abandonaron el marxismo por considerarlo 'superado'*". Por isto, em óbvia referência ao grupo de *Pasado y Presente*, afirma: "*Los principales propagandistas o 'usuarios'*⁵ *del gramscismo en la Argentina no tienen nada que ver con él, pertenecen a otro universo teórico que no es el marxismo*" (Borón, 1987: 3).

É necessário destacar que Borón assinala que aqueles que "*no tuvieron nada que ver con él*" são justamente "*los principales propagandistas o 'usuarios'*" do pensamento gramsciano. A fala deixa claro, em contraposição, que aqueles que supostamente "*teriam a ver com ele*" (a esquerda

⁴ Evento promovido por: *Fundación de Investigaciones Sociales y Políticas* (Fisyp); *Instituto de Estudios Sociopolíticos y de Acción Comunitaria* (DONAC); *Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales* (CICSO); *Centro de Investigaciones y Estudios de la Realidad Argentina* (CIERA).

⁵ Referência irônica a "Los usos de Gramsci", de J. C. Portantiero.

"verdadeiramente marxista", podemos supor), pouco "usaram" ou propagandearam suas idéias. Embora este fosse o ponto mais relevante a ser debatido, o artigo não diz nada em torno das razões históricas ou teóricas do escasso uso, pela esquerda "revolucionária", do pensamento gramsciano.

Lamentavelmente, este modo "indignado" de abordar o problema impediu Borón de realizar uma abordagem teórica mais aprofundada. Poderia, por exemplo, ter explorado os elementos críticos que trabalhou, ainda no exílio mexicano, junto com Óscar Cuéllar, no artigo *"Apuntes críticos sobre la concepción idealista de la hegemonía"*, um denso documento publicado na Revista Mexicana de Sociología (Nº 4 de out/dez de 1983), no qual submetem a uma longa análise algumas das comunicações discutidas no seminário *"Hegemonía e alternativas políticas en América Latina"*, Morelia, 1980. Nessa análise, os autores defendiam a continuidade substancial e sem fissuras entre Lenin e Gramsci e a vigência da idéia da "ditadura do proletariado" no próprio conceito de hegemonia⁶. Embora naquele artigo, dedicado fundamentalmente a criticar as posições de Ernesto Laclau, tomadas como paradigmáticas do novo debate, nada se avançasse na direção de um desenvolvimento criativo da teoria da hegemonía, pelo menos nele se discutiam elementos teóricos relevantes, que permitiam diferenciar posições, demarcar os espaços teóricos e políticos e abrir um debate sobre conceitos e não apenas sobre o bom ou mau comportamento de tal ou qual intelectual ou grupo de intelectuais. No texto publicado por *Fin de Siglo*, Borón se dedica fundamentalmente a criticar o grupo dos "gramscianos".

Todo este operativo de falsificar a Gramsci tiene que ver con la necesidad de elaborar una teorización que, en cierta forma, posea el atractivo de provenir del ámbito de la izquierda, pero que esté completamente depurado de todos los

⁶ Com efeito, a seção denominada *"La dialéctica hegemonía-ditadura"* se dedica a demonstrar a relação necessária entre uma e outra. Interpretando por "ditadura" o componente da supremacia de uma classe sobre as outras, que Gramsci denomina "coerção" (a componente "força"), afirmam Borón e Cuéllar (1983: 1173): *"Algunas interpretaciones del tema de la hegemonía han desnaturalizado este concepto al considerarlo independientemente de su contraparte, la dictadura, sin la cual aquel se vacía de contenido"*, servindo este raciocínio para construir a equivalência entre hegemonía e ditadura do proletariado. É interessante mencionar que, poucos anos mais tarde, Martha Harnecker, trabalhando a mesma "equivalência", mas levando em conta o descrédito da idéia de ditadura, propõe num texto de 1991 um uso da expressão "hegemonía" para designar a idéia de "ditadura", uma espécie de "camuflagem", que usa a palavra gramsciana para designar o conteúdo leninista, utilizando, propositadamente ou não, o prestígio e a difusão do conceito de hegemonía: *"Yo creo que el término dictadura del proletariado es una palabra que debe ser abandonada, porque las palabras sirven para comunicarse y cuando uno usa el término y nadie entiende lo que uno está diciendo o entienden otra cosa diferente a lo que uno pretende decir, qué sentido tiene usarlo? (...) Quizá lo más conveniente para evitar confusiones sin renunciar a la concepción marxista del estado sea hablar de estado con hegemonía burguesa y de estado con hegemonía popular. Por un lado nos evita los equívocos propios del término dictadura y, por otro, nos permite reflejar mejor el sujeto social actual de la revolución en América Latina..."* (Harnecker, 1991: 31-32).

ingredientes que pudiesen llevar a impulsar un proyecto de carácter revolucionario.
(Borón, 1987: 4)

Diante desta “falsificação”, Borón (1987: 4) diz que *“conviene hacer un encuentro para recuperar a Gramsci”*. Uma “recuperação” de Gramsci que, sem deixar de levar em conta que nos seus escritos existem *“oscilaciones conceptuales y terminológicas (...) producto de la censura que tenía que burlar”*, destaque o fato de que Gramsci, diz Borón, retomando sua posição de 1983, *“realmente ha hecho una reflexión fundamental para entender la forma como en el capitalismo se ejerce la dictadura de la burguesía, que no es la clásica, que es muy diferente y va encaminada hacia el control psicosocial de los individuos, y que se resume en la cuestión de la hegemonía”*.

Mas, então, o que diferencia esta versão de *hegemonia* da temática “clássica” do puro e simples domínio ideológico das massas por parte da burguesia? Qual a novidade de Gramsci? Nada diz Borón a respeito. Simplesmente assinala que esse Gramsci *“recuperado, reinterpretado y puesto en contacto con nuestra realidad”* poderia ser a base interpretativa sobre a qual seria possível *“comenzar a articular una praxis realmente revolucionaria”*. Borón também nada diz sobre as características desta “reinterpretação” capaz de produzir modificação na ação política da esquerda. Mas, pelo menos, apresenta a disposição de usar Gramsci para esta tarefa.

Por sua vez, num outro artigo do dossiê, Ernesto Villanueva coloca a emergente utilização dos conceitos gramscianos por uma parte da militância política como fenômeno “perverso” (confusão dos militantes), mais do que como algum tipo de “virtuosismo” da época:

En la actualidad, al escuchar a los militantes políticos, es fácil advertir que en buena parte de la jerga cotidiana se emplean una serie de conceptos, tomados del lenguaje de Gramsci. Resulta corriente escuchar hablar de “bloque histórico” y, más aún, de “hegemonía”. Hace unos quince años atrás, expresiones como “campo del pueblo” o “contradicciones secundarias” (términos y categorías relacionadas con el pensamiento maoísta), constituían el modo acostumbrado del lenguaje militante. Esas categorías tenían su correlato con el tipo de actividad políticas que se planteaba en aquel entonces. Por el contrario, que predominen conceptos y categorías gramscianas en la actualidad, tiene una relación más directa con interrogantes y dudas. En este sentido la propia vigencia de las ideas gramscianas no expresa, en sí misma, una cultura, un contenido positivo, sino que muchas veces refleja simplemente confusión. (Villanueva, 1987: 4)

Contudo, Villanueva sublinha a possibilidade de utilizar o pensamento gramsciano na elucidação das condições que teriam levado à derrota um

movimento operário organizado, experiente e de longa tradição como o argentino.

Num outro artigo do mesmo dossiê, Abel Garcia Barceló – que mais de vinte anos antes havia criticado os gramscianos de *Pasado y Presente*, no N° 66 (jan/fev de 1964) da revista cultural do PCA *Cuadernos de Cultura*, dedicado integralmente a polemizar com a então recentemente surgida *Pasado y Presente* (ver capítulo 2) –, escreve mais uma vez em crítica ao grupo dos gramscianos. Desta vez, de uma posição mais cômoda, do lado da esquerda “revolucionária”:

...Se trata así, de “usar” a Gramsci para apuntalar ese posibilismo anémico, cabalmente definido por Aricó: “es probable que haya entrado el recato en la sociedad argentina y se pelee por aquello que es posible lograr”. Sólo lo inmediato, lo pragmático, que oculta y en definitiva realiza, el objetivo final de la dependencia. (García Barceló, 1987: 9)

Aldo Ferreres é o participante do dossiê que propõe a abordagem que talvez seja a mais adequada à realidade da esquerda “revolucionária” argentina. No seu artigo intitulado “*Por que Gramsci Hoy?*”, depois de indicar que é necessário resgatar Gramsci “*de una apropiación ilegítima*”, afirma que, se é verdade que a esquerda sofrera uma derrota e um debilitamento inédito no período da ditadura militar, “*no menos deletéreo ha sido el efecto de los sucesivos dogmatismos, de las certezas escolásticas y de las verdades de ‘aparato’*” que sofreram as organizações de esquerda. Então, conclui Ferreres (1987: 2), Gramsci é necessário “*porque hay que salir del retraso teórico que afecta no sólo a la izquierda sino al movimiento revolucionario en su conjunto*”.

O Dossiê Gramsci da revista *Fin de Siglo* tem a singularidade e a relevância de ser o primeiro documento público coletivo de intelectuais vinculados a organizações políticas da esquerda “revolucionária” que tenta se apropriar do pensamento de Gramsci para a construção de políticas concretas e até, como indica Ferreres, para “sair do atraso teórico”.

Pela mesma época, a revista *La Ciudad Futura* (N° 6, agosto de 1987) publica, no seu Suplemento/4, o dossiê *Gramsci en América Latina*. Ao contrário do conteúdo de denúncia do dossiê de *Fin de Siglo*, o suplemento de *La Ciudad Futura* é marcado pela qualidade teórica de seu conteúdo. Artigos de Portantiero, José Aricó, Fernando Calderón, Arnaldo Córdova, Carlos Nelson Coutinho⁷, junto com um anexo de textos de Ernesto Sábato, Giacomo Marramao, Adriano Sofri e

⁷ J. C. Portantiero, “Gramsci en clave latinoamericana”; José Aricó, “Gramsci y el jacobinismo argentino”; Arnaldo Córdova, “Gramsci y la izquierda mexicana”; C. N. Coutinho, “Revolución Pasiva y transformismo. Nueva lectura del populismo brasileño”; Fernando Calderón, “Hegemonía y bloque social. El camino de la transformación en Bolivia”; Waldo Ansaldi, “Gramsci para historiadores”; Ernesto Sábato, “Epistolario de Gramsci” (1ª ed. 1947).

Rossana Rossanda (a maioria deles apresentados no colóquio de Ferrara, Itália, em 1985, e vários publicados também em português por Coutinho e Nogueira⁸), constituem um material obrigatório de consulta sobre o tema.

Uma exposição dos elementos teóricos trazidos pelo suplemento de *La Ciudad Futura* excede os limites de nosso trabalho. Não obstante, é relevante levar em conta, para a discussão que realizaremos na próxima seção, a seguinte colocação dos editores da revista na apresentação do mesmo:

A cincuenta años de su muerte, el interés por lo menos continuo y en algunos casos creciente de la obra de Gramsci parece desmentir a quienes hablan de su inactualidad, de su incapacidad para resistir el paso impiadoso de la modernidad. Mostraría, por el contrario, la validez de las contribuciones que desde su método y sus análisis se hacen y pueden hacerse en el estudio de la morfología y de las transformaciones de la sociedad contemporánea. (*La Ciudad Futura*, 1987, Nº 6: 11)

Estas afirmações sobre a “atualidade” e o “interesse crescente” por Gramsci são contraditórias com afirmações de membros do grupo sobre a “incapacidade” dos conceitos gramscianos para pensar a nova etapa democrática, como veremos a seguir.

7.3. *Cane Morto?* Aricó, Portantiero e a vitalidade da obra de Gramsci

Contrariamente a esta nova tendência da esquerda “revolucionária” a se aproximar do velho e abandonado Gramsci, por parte dos “gramscianos” acontece um certo questionamento sobre a utilidade do seu pensamento para o equacionamento adequado da realidade social argentina na transição democrática. Este posicionamento aparece publicamente no discurso do grupo em torno da primeira *Semana Gramsciana de Buenos Aires*, organizada pela *Fundación Juan B. Justo* nos dias 27 a 29 de abril de 1987. A questão envolve duas séries de problemas: (a) a crítica interna do pensamento gramsciano em torno da capacidade deste de passar incólume pela crítica contemporânea ao pensamento de origem genericamente marxista; (b) as possibilidades do pensamento gramsciano de servir para pensar a realidade política argentina na época da transição à nova democracia política nos anos 80.

Um modo pertinente de entrar nesta questão é discutir algumas posições, às vezes similares, às vezes em oposição, dos dois mais influentes representantes da corrente gramsciana na Argentina, Juan Carlos Portantiero e José Aricó, em

⁸ Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira (orgs), *Gramsci e a América Latina*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

torno das possibilidades do pensamento gramsciano para ajudar a pensar os problemas da transição e consolidação da democracia política nos países latino-americanos.

A melhor amostra desse questionamento pode ser encontrada no depoimento de Juan Carlos Portantiero para a revista *El ojo mocho*, em 1991:

Yo pienso que Gramsci es muy dúctil y versátil, y traté de decir eso en mi libro *Los usos de Gramsci*, titulado así con toda intención, pues ese discurso abierto, como es el gramsciano, admite interpretaciones nacional-populares, clasista-consejista, etc. Pero no me muestro tan dispuesto a aceptar que sirva para un discurso de la época del colapso de los socialismos reales. No es compatible, sin duda, con esta mundialización de los valores económicos y culturales capitalistas (...) Estos temas no sé si están en Gramsci (...) No forcemos todo para que siempre Gramsci sea nuestro guardaespaldas ideológico, en cualquier coyuntura. Yo sigo pensando que Gramsci es la figura más importante del marxismo de este siglo. Más que Lenin. Es un político fracasado, desde luego; pero él es el que readapta el marxismo a las realidades de la modernidad, confrontándolo permanentemente con la cultura de su tiempo. Para mí sigue siendo interesante como estímulo para pensar la relación política-cultura. Esta relación, de alguna manera, es la que me ha constituido intelectualmente. Eso lo sigo manteniendo. Pero no creo que sea necesario hacer gramscismo en estos momentos (...) No creí ni creo que se pueda pensar la transición democrática desde Gramsci. Allí parecen más adecuados los contractualistas Rawls y compañía. También Bobbio y su reivindicación del liberalismo político, dentro de una tradición democrática (...) Gramsci vivió en otro momento, un momento en donde efectivamente la democracia es el socialismo. Ahora, lo que se puede pensar es: ojalá que la democracia y el socialismo vayan juntos, pero no hay una razón de naturaleza esencial que así lo indique, sino que son producciones independientes. En Gramsci hay todavía simultaneidad, lo no democrático es lo no socialista. Así se pensaba. Pero hoy no podemos ver las cosas de este modo. Como texto, no creo que Gramsci pueda acompañar este período. De hecho, en Italia es *Cane morto*. (Portantiero, 1991: 9)

Por sua vez, encontramos a primeira referência a uma possível limitação sobre as possibilidades do pensamento gramsciano, por parte de Aricó, no livro de Mauricio Lebedinski, *Gramsci, pensador político e militante revolucionario*. No anexo, intitulado "*La semana gramsciana en Buenos Aires*", o autor se dispõe a criticar a intervenção de José Aricó na mesma, realizada de 27 a 29 abril de 1987. Na intervenção de Aricó, denominada "*Gramsci y la crítica de la política*", segundo a versão de Lebedinski:

Luego de referirse a que Gramsci es uno de los 250 autores más citados de la humanidad, afirmó que su pensar político está en declinación. Atribuye esa crisis a la declinación del "príncipe moderno" (es decir del Partido Comunista), del movimiento comunista en general. Y ello ocurre, a su criterio, por las transformaciones que se operan en el mundo, por la sociedad posindustrial. Además – agrega – no se puede identificar el régimen socialista con la modernización. Esta transformación mundial – añade – ha impuesto un límite histórico al pensamiento de Gramsci. Además, opina que se puso a prueba el concepto de hegemonía gramsciana, y éste ha fracasado en

Italia, Francia y España por ejemplo (...) Para Aricó la hegemonía es contraria a la democracia. Hizo alguna excepción con respecto a América Latina donde aún existe compatibilidad entre hegemonía y democracia (porque el proceso de modernización recién empieza). (Lebedinski, 1987: 116-117).

Embora devamos tomar com precaução esta interpretação que Lebedinski faz das palavras de Aricó, a idéia de “declínio” voltará a aparecer em *La cola del diablo*, mas em uma forma condicional e usada como plataforma para a defesa das possibilidades intrínsecas desta forma de pensamento. Nesse texto, apesar de compartilhar a idéia genérica de um *momento de “declínio”*, o pensamento de Aricó se distancia das posições de Portantiero quanto à utilidade das idéias gramscianas para pensar os novos problemas. Assim, embora no início do seu último livro, *La cola del diablo*, Aricó assinale que “*se debería admitir que también entre nosotros se ha iniciado una fase descendente de la gravitación de las elaboraciones gramscianas tal cual fueron éstas organizadas como ‘doctrina’ y difundidas no sólo aquí*” (Aricó, 1988: 13. Negritos, RB), avança a modo de resposta uma série de perguntas relevantes:

Y sin embargo, al liberarnos de sus respuestas nos liberamos también de los problemas que las motivaron? (...) Es posible concebir una transformación de la sociedad si se acepta como insuperable una forma de organizar la vida económica y social de los hombres que produce aquellos resultados que precisamente se quieren reformar? Se puede imaginar una democratización radical de la sociedad si no se incorpora la hipótesis-límite de otra sociedad en la que se vuelva innecesaria la existencia de gobernantes y gobernados?

Liberarnos de una lectura doctrinarista de Gramsci no significa por sí mismo aceptar el eclipse de su pensamiento, sino, por el contrario, reconocer sus limitaciones, restituirlo a su condición de pensamiento de una época. Pero el problema, en definitiva, sigue siendo el de todo aquello que se escapa de la determinación epocal, el de ese plus de significaciones irreductibles al tiempo histórico en el que las teorías se conformaron y que apuntan a problemas no resueltos, a demandas de realidad insatisfechas.

(...) En consecuencia, al preguntarme por las *razones* de la difusión de Gramsci he procurado articular algunas respuestas colocándome a resguardo de una querella que considero vana, sobre su actualidad u ocaso. (Aricó, 1988: 13-15)

Mais à frente, discutindo alguns dos problemas encontrados na transição à democracia em vários países da América Latina (particularmente com respeito aos problemas da relação entre democracia política e democracia social), e os problemas e exigências para a construção de uma esquerda capaz de dar conta das necessidades do presente complexo em que se transitava, Aricó chama a atenção sobre o fato de que,

Ponerse de cara a estos problemas, y no veo cómo el socialismo como ideal y como movimiento podría eludirlos si quiere ser algo más que un sueño estéril, es

reconocer la pertinencia, también para nosotros, de los grandes temas que se planteó Gramsci trabajando "para la eternidad". (Aricó, 1988: 116)

Na seqüência, depois de mencionar – através de uma citação de Robert Barros – a relevância de temas gramscianos, tais como "reforma intelectual e moral", a "crítica do senso comum", "hegemonia", construção de uma "vontade nacional-popular", uma concepção de democracia "*entendida como algo inseparable del proceso de autoconstitución de los sujetos populares históricos*" e do socialismo "*concebido como una ampliación y profundización del control democrático sobre la existencia real*"⁹, Aricó assinala que:

Es alrededor de estos temas que **la frecuentación de los textos de Gramsci (...) demuestra ser fructífera para encarar los complejíssimos procesos de democratización de la región** y pensar al mismo tiempo proyectos alternativos de transformación, en una perspectiva genérica de socialismo. (Aricó, 1988: 117. Negritos, RB)

Finalmente, é necessário indicar que, em 1991, pouco tempo antes da sua morte e pela mesma época em que Portantiero fazia as declarações citadas sobre a inadequação das idéias gramscianas para pensar os novos problemas da democracia, Aricó realizava o seguinte juízo sobre o pensamento de Gramsci, num artigo intitulado sintomaticamente "*Actualidad de un pensador original*":

Nuestra época es distinta de la que él vivió. Hoy no acordamos ni con su visión del partido ni con su esperanza en la revolución, tal como él y su mundo la concibieron. Pero su pregunta por quién y cómo dirige una sociedad, o de qué manera se crean las condiciones favorables para la superación de la distinción entre gobernantes y gobernados son las preguntas a las que debe responder una postura crítica que no acepta el mundo como es, porque cree que es posible y deseable cambiarlo. Aquí reside su "actualidad" y no seríamos ni justos ni sabios si la desconociéramos. (Aricó, 1991: 10)

Tivemos ocasião de discutir com Portantiero, em entrevista realizada em julho de 1998, sobre o diálogo implícito entre ele e Aricó, que construímos nestas páginas. Pela relevância para o tema, consideramos adequado transcrever algumas das passagens mais significativas dessa entrevista.

RB- En el Nº 1 de *El Ojo Mochó* vos hacés unas declaraciones donde afirmás que "Gramsci no sirve para pensar la transición democrática (...) Para esta etapa son más útiles Rawls o Bobbio" y terminás afirmando: "además, en Italia es *cane morto*". Aunque yo se que se trata de una entrevista, no de un meditado texto escrito, de todos modos está dicho y publicado y que yo sepa sin ninguna contestación de tu parte.

JCP- Sí, esta dicho ahí, es verdad. Un poco provocativamente debería agregar. Yo me estoy refiriendo allí a los procesos actuales de transición democrática frente a la dictadura y no a como, a partir de la profundización de la democracia, podés llegar

⁹ Robert Barros, "*Izquierda y democracia: debates recientes en América Latina*", *Zona Abierta*, No. 39-40, abril-set. 1986.

al socialismo. Eso es otra cuestión. Ahora, para analizar los procesos de transformación democrática, en donde el valor de la democracia formal frente a la dictadura aparece como un valor significativo, el propio contexto en que está hecho el discurso gramsciano no te sirve. Porque el discurso gramsciano todavía supedita la democracia al socialismo. En cambio, aquí, en estos procesos, el socialismo no tiene absolutamente nada que hacer. Para pensar esto Gramsci sirve poco. Bobbio dice más que Gramsci.

RB- El problema sería entonces el de la separación del proceso democratizador en “dos etapas”, digamos, una la de afirmación de la democracia formal frente a la dictadura, donde podría ayudar Bobbio y toda la tradición liberal que se acerca al socialismo y otra de procesos democratizadores que permitan colocar el factor “radicalización de la democracia” en perspectiva política genéricamente socialista, o por lo menos anticapitalista...?

JCP- Tal vez. En ese último caso es imprescindible Gramsci. Es lo único de la tradición viva del marxismo que yo rescataría hoy en día.

RB- Entonces esa diferencia – por lo menos de matices – que yo veo entre tu discurso y el de Aricó por la misma época podría pensarse como consecuencia de esos dos objetos a que hacen referencia?

JCP- Sí puede ser. Pero también hay que tener en cuenta que cuando la gente dice “como un intelectual gramsciano puede decir eso...?” yo les respondo “pero yo no soy un intelectual gramsciano”.

RB- Sin embargo vos hablás en *El Ojo Mochó* del “Gramsci que llevás puesto” como tu “modo de acercarte a las cosas”. Sin mencionar que sos autor de varias de las piezas más importante del pensamiento gramsciano latinoamericano...

JCP- Sí, pero a eso yo le meto Weber, le meto esto y aquello... Me pueden decir ecléctico. Y bueno, está bien, que me digan. El pensamiento hay que considerarlo como un arcón en el que vos tenés herramientas y hoy sacás una, mañana sacás otra.

RB- O sea que para vos en ese arcón las herramientas se encontrarían en igual disponibilidad? Aricó dice, contrariamente, algo así como: “yo mantengo hace treinta años una relación íntima con Gramsci y a él voy a consultarlo cada vez”.

JCP- Sí ahí hay una diferencia fuerte. Yo creo tener “puesto” un Gramsci, pero no acudo a él del modo como Pancho lo hacía. Yo digo en serio que no soy “gramscólogo” porque no me da el cuero para serlo. Conozco gramscólogos que conocen todo sobre Gramsci, yo no. Yo conozco Gramsci pero hago interpretaciones medio libres.

Nesta direção, devemos observar que, depois de “La cola del diablo”, o grupo dos “gramscianos argentinos” já não produz quase nada em torno de Gramsci¹⁰. Em troca, aparecem alguns livros reivindicando Gramsci a partir de outras variantes de esquerda.

¹⁰ J. C. Portantiero escreveu, em 1997, um novo artigo vinculado a Gramsci, “Gramsci y la crisis cultural del 900: en busca de la comunidad”, para o Convegno Internazionale di Studi “Gramsci e il Novecento”, organizado pela Fondazione Istituto Gramsci, em Cagliari, Itália, 15-18 de abril de 1997. Portantiero dedica a metade do artigo a trabalhar Gramsci. Partindo da idéia de que não existe uma “teoria da ação” no Materialismo Histórico, afirma Portantiero: “Sin haber dilucidado la complejidad de este problema teórico que todavía el pensamiento marxista no ha podido resolver, no quedan dudas que, dentro de esta tradición, es en la fuente gramsciana -incompleta, asistemática- donde podrán, sin embargo, encontrarse las claves más sugestivas para un programa de investigación colocado en la misma área en que la sociología del 900 buscó fundar una teoría no determinista de la acción social” (Portantiero, 1997: 20).

Ainda neste ponto da “vigência” do pensamento gramsciano, é importante inserir a intervenção de um intelectual próximo ao grupo dos “gramscianos”, em termos da afinidade teórica e amizade pessoal, mas que não trilhou o mesmo caminho: o historiador Waldo Ansaldi. Num texto escrito entre 1987 e 1991¹¹, Ansaldi faz uma avaliação positiva do uso do arcabouço gramsciano, argumentando “a favor de las posibilidades de utilización de las categorías analíticas gramscianas” para pensar os novos e velhos problemas da sociedade argentina:

Más allá de la intención original de Gramsci, sus propuestas teóricas y metodológicas para el análisis de la sociedad (incluyendo la historia), a menudo sin demasiada elaboración, apenas sugeridas, constituyen un utillaje formidable, especialmente en el campo de la política y de la historia política. (Ansaldi, 1991: 49)

Contudo, adverte Ansaldi, conclamando para um trabalho de leitura não talmúdica, “el instrumental forjado por Gramsci no se encuentra oculto en una lámpara y cuyos secretos se obtienen por acto de invocación”:

El genio escondido no aparece por frotamiento, sino apelando a un acto de recreación, innovación, modificación y hasta desechamiento. Entonces sí tiene sentido, conviene invocar al genio. Es decir, hay que estar dispuesto a admitir que no es un esclavo de nuestros deseos sino una aplicación de categorías eficaces de ser expresadas en los lenguajes de las situaciones concretas particulares. Siendo así, el genio no sólo es universal. También recibirá el mejor de los homenajes: el de su superación” (Ansaldi, 1991: 62)

Não obstante estas avaliações positivas sobre a capacidade do uso das “categorias” gramscianas, Ansaldi não é otimista em torno do que possa significar o “gramscismo” na Argentina dos 80 e 90. Numa entrevista realizada em meados dos 90, Ansaldi realiza a seguinte avaliação do universo gramsciano argentino:

Entre nosotros, nunca hubo una discusión del nivel de la polémica de los italianos, y aunque es cierto que Pancho [Aricó] y lo que podemos decir el primer Portantiero, hicieron bastante, eso nunca generó un tipo de interpretaciones contrastantes y polémicas como las que uno puede encontrar entre los italianos. Y tampoco me parece una relación tan interesante y finalmente exitosa como la del Raymond Williams en Inglaterra. Acá en Argentina hay un núcleo considerable que tiene una especie de embobamiento por Williams (que llega a través de Beatriz Sarlo en mediados de los 80), no siempre bien entendido. Pero, lo que uno podía haber sospechado, que, vía Williams, pudiera volver a haber una discusión de Gramsci o una interconexión, de hecho no se produjo. Si existe algo que se pueda llamar el

¹¹ “Conviene o no conviene invocar al genio de la lámpara? El uso de las categorías gramscianas en el análisis de la historia de las sociedades latinoamericanas”, apresentado no Coloquio Internacional Memoria y vigencia de una pasión política. Homenaje a Gramsci en el centenario de su nacimiento. Universidad Central de Venezuela, Caracas, 2-7 de dezembro de 1991. Uma primeira versão deste texto foi publicada no suplemento sobre Gramsci de La Ciudad Futura em 1987.

"gramscismo argentino", es una invención de Pancho, y en un momento de Portantiero también, pero yo tengo la sensación que lo que puede ser un campo de los gramscianos en Argentina es efectivamente muy limitado. Como una especie en extinción. (Ansaldi, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, Dezembro de 1996)

Entre os fatores que poderiam ter influência nessas limitações da expansão do pensamento gramsciano na nova etapa democrática, iniciada em outubro de 1983, Ansaldi realiza a seguinte crítica ao modo pelo qual os "gramscianos argentinos" se reintroduzem na vida cultural e política argentina pós-ditadura :

Una cosa que marca un corte es que buena parte de los exiliados, algunos de ellos próximos a Gramsci, cuando vuelven, prácticamente desertan. "Gramsci ya no nos sirve", "hegemonía tal como él la entendía ya no nos dice nada". Ahora, conviniendo que pueda ser que esto sea cierto, yo tengo la sensación que nunca nadie hizo un ajuste de cuentas: en el sentido de decir, "no sirve por esto y por esto otro..." En todo caso no se encuentran buenos argumentos para que uno diga "efectivamente, ya no sirve más". Entonces uno tiene la sensación de la abdicación lisa y llana. Por modas o simplemente por deslizamiento de campos de intereses o de modos de reflexión. Pienso, por ejemplo, en alguien del talento de Norbert Lechner, que en el 77 edita un libro formidable sobre la formación del Estado en América Latina donde Gramsci es asumido explícitamente, desarrollado, potenciado y que después se va deslizando hacia otro campo, no necesariamente por querer expresamente desertar de las categorías gramscianas, sino simplemente porque le interesan otras cosas. Y por tanto busca construir otras categorías. O Liliana de Riz, que tiene en el Seminario de Morelia un artículo importante con Emilio de Ipola, y hoy es alguien que ya no usa Gramsci para pensar la política. O Portantiero, con todas sus idas y venidas. Convengamos en que todos tienen ese derecho. Pero a mí, por ser del mismo campo, me gustaría conocer buenos argumentos para saber el porque de este cambio. (Ansaldi, entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, Dezembro de 1996)

Em 1993, Ansaldi publica um livro no qual sua sugestão em torno das possibilidades do uso dos conceitos gramscianos se concretiza. No livro *"Representaciones inconclusas. Las clases, los actores y los discursos de la memoria, 1912-1946"* (Bs. As.: Biblos, 1995), os organizadores, o próprio Ansaldi e Alfredo Pucciarelli, em suas respectivas intervenções, encaram uma tentativa de utilizar as ferramentas gramscianas para pensar o problema do poder nesse período particularmente rico da história argentina.¹²

¹² Ansaldi, no texto *"Profetas de cambios terribles. Acerca de la debilidad de la democracia argentina, 1912-1945"*, divide o período da história argentina considerado em duas etapas, uma primeira etapa dividida em duas fases, uma fase de *"hegemonia organicista"* (1880-1916) e uma fase de hegemonia *"pluralista"* (1916-1930), na qual as classes dirigentes constroem algum tipo de *proceso hegemónico*. Uma segunda etapa, a partir do golpe militar de 1930 até 1945 e a ascensão do regime do General Perón, um novo período marcado por sucessivas e irresolutas crises de hegemonia. Alfredo R. Pucciarelli e M. Cristina Tortti, no artigo *"El modelo (y la noción) de hegemonía compartida"*, analisam o período da primeira presidência de Hipólito Yrigoyen, no qual as classes subalternas protagonizaram uma certa independência que permitiu a construção de um regime democrático de base popular.

As intervenções de Aricó e Ansaldi em defesa da vigência e das possibilidades do pensamento gramsciano poderiam ser pensadas como uma tentativa de desafiar a idéia de declínio. Em todo caso, a dedicatória do trabalho de Ansaldi (1991) não deveria ser considerada apenas um elemento circunstancial: "*A Pancho Aricó, amigo, maestro, inconmensurablemente generoso*".

Além do posicionamento destes experimentados gramscianos, é possível registrar a defesa da vigência das idéias de Gramsci por parte de uma nova camada de intelectuais que se aproximam das idéias gramscianas. Deles vamos tratar brevemente na próxima seção.

7.4. Novos gramscianos?

Parte da mencionada tentativa de "recuperação" de Gramsci pela esquerda "revolucionária" parece ser uma série de publicações que se adentram no pensamento gramsciano sob diversas perspectivas. No âmbito da cultura ligada à nova etapa do PCA, a partir do 16º Congresso do partido, em 1986, no qual se criticam as passadas posições "reformistas", a revista *Margen Izquierdo*, fundada no início de 1990, em seu Nº 4 passa a se subintitular "*Revista de pensamiento contra-hegemónico*", numa evidente tentativa de se filiar à tradição gramsciana. Partindo da mesma tradição comunista (como o já mencionado texto de Lebedinski), encontra-se o livro de Ariel Bignami, *Antonio Gramsci, la conciencia de la revolución*, de 1993. O livro não pretende ser mais que um trabalho introdutório ao pensamento de Gramsci, de difusão de alguns elementos centrais de seu pensamento através de uma leitura ancorada numa simples, acrítica e repetida relação de continuidade entre Gramsci e a tradição genericamente leninista, sem levar muito em conta a enorme produção existente em torno da obra de Gramsci, até dos que pensam na mesma direção. Como exemplo desta orientação, já no final do livro, diz Bignami:

En la Argentina, Héctor Agosti jugó un papel fundamental en la difusión de Gramsci a través de la edición de casi todo el material de los *Cuadernos de la cárcel* y una recopilación de sus *Cartas*. Aunque no dedicó ningún trabajo suyo específico a Gramsci, varios de sus libros, en particular *Ideología y cultura*, abundan en ideas derivadas de él. **Los trabajos de Portantiero y Aricó, en nuestra opinión, se relacionan sobre todo con la utilización de Gramsci para la fundamentación de un giro a planteos de tipo socialdemocrático...** (Bignami, 1993: 85. Negritos, RB)

É, sem dúvida, uma leitura mesquinha da longa tradição gramsciana na Argentina, em particular da produção dos "gramscianos argentinos" vinculados

à experiência de *Pasado y Presente*. O único interesse histórico que tais textos (Lebedinski; Bignami) apresentam é o fato de expressarem um novo momento da tradição comunista – de recuperação do pensamento gramsciano numa época em que o PCA começava uma mudança de orientação política, crítica, pelo menos em tese, do velho dogmatismo.

Diferente juízo merece o livro assinado por Leandro Ferreyra, Edgardo Logiudice e Mabel Thwaites Rey, *Gramsci mirando al sur. Sobre la hegemonía en los 90*, de 1994. A partir de uma interessante introdução de Giuseppe Prestipino, diversos temas gramscianos são tomados como códigos de interpretação de alguns elementos da realidade latino-americana atual. Sublinhando as limitações do debate da década de 80 em torno de Gramsci, indica Mabel Thwaites Rey na sua intervenção:

Intensos debates se suscitaron en torno a su obra, hasta que los nuevos tiempos neoconservadores primero, y el derrumbe de los socialismos reales después, terminaron por eclipsar el interés por este teórico convencido de la conveniencia y la posibilidad de la transformación socialista de la sociedad. (Thwaites Rey, 1994: 18)

Portanto, acrescenta, voltar mais uma vez sobre a obra de Gramsci implica em um “grande desafio”. Por um lado, “*se trata de ser lo más fiel posible al propio autor, teniendo en cuenta tanto la letra como el contexto histórico de su producción y su pertenencia teórico-política a la tradición marxista*”. O resgate da dimensão histórica permite, segundo Thwaites Rey, evitar “*extensiones improcedentes de sus conceptos y categorías de análisis*”. Por outro lado, o sentido deste esforço radica, segundo afirma a autora, em:

Rescatar la fecundidad explicativa de los conceptos más sustantivos, aquellos cuya riqueza teórica otorga pistas interesantes para analizar la realidad presente de una sociedad como la nuestra, en un tiempo en que intentar pensar en cambios en la naturaleza opresiva de los capitalismos “realmente existentes” suena más utópico que nunca. No obstante creemos que vale la pena el desafío. (Thwaites Rey, 1994: 18)

Talvez estas novas abordagens ajudem a superar o desencontro entre diversas expressões da esquerda política – ainda com ressonâncias das velhas disputas que dividiam simplesmente o mundo entre “reformistas” e “revolucionários” – e, levando em conta as transcendentais mudanças da sociedade local e mundial, possa-se revitalizar uma nova discussão sobre Gramsci na Argentina que, por um lado, permita fechar o abismo teórico entre as gerações pré e pós-ditadura militar e, por outro, reconstituir a história real desta tendência teórica naquele país.

Não é possível indicar, por enquanto, se se desenvolverá com novo vigor uma rediscussão de Gramsci à luz da nova situação histórica, dos novos

problemas aparecidos com a expansão das políticas neo-liberais, etc. Mas é possível notar pequenos indícios, como as publicações mencionadas e outras, que autorizam a pensar que a caminhada de Gramsci na Argentina ainda não acabou.

Neste sentido, é interessante observar como foi-se modificando, no âmbito universitário, a situação da difusão do pensamento gramsciano, do começo da nossa pesquisa, em 1995, até o momento de sua finalização, em 1999.

Já vimos como, desde o que chamamos o “redescobrimento de Gramsci pela esquerda “revolucionária”, e particularmente desde o começo da década de 90, foi aparecendo um renovado interesse pelo pensamento de Gramsci. Em 1997, em torno das comemorações do sexagésimo aniversário da sua morte, esta nova situação parecia se expressar no fato de que a discussão do pensamento gramsciano deixou de ser patrimônio de uma elite de intelectuais, seja ela a dos “velhos intelectuais” formados nas décadas de 50-60 ou os “novos intelectuais”, filhos, basicamente, das décadas de 70-80, e passou a ser realizada de forma relativamente autônoma na “base” estudantil de esquerda.

Esta nova discussão de Gramsci está vinculada a uma revitalização do pensamento marxista no âmbito estudantil. “*Talleres*”, “*cátedras libres*”, revistas geradas por grupos “independentes” orientados para uma opção de esquerda, voltam a trazer um certo matiz “marxista” aos corredores de faculdades como Ciências Sociais, Psicologia ou Filosofia da UBA, UNR ou UNC.

É necessário destacar o matiz “independente” desta espécie de “revival” do pensamento marxista. Trata-se de grupos de estudantes e professores que não se identificam necessariamente com alguma das expressões políticas da esquerda. E é interessante ver como grupos mais vinculados a um pensamento de raízes peronistas – como o grupo *El mate* – ou grupos mais próximos de um pensamento de esquerda marxista – como a organização *El Viejo Topo* –, utilizam de algum modo o pensamento gramsciano.

Tanto o agrupamento *El mate* como *El Viejo Topo* organizaram seminários comemorativos da morte de Gramsci no ano de 1997. O fato torna-se mais interessante se levarmos em conta que estes foram os principais eventos comemorativos.

Vejamos o caso de uma série de eventos promovidos pela *Agrupación estudiantil El Viejo Topo*. No mês de julho de 1997, organizou um curso sobre Gramsci – “*Análisis de situación y correlación de fuerzas*” – e participou da organização da denominada “*Segunda Semana Gramsciana de Buenos Aires. Socialismo y revolución en el siglo XXI*”, realizada nos dias 2, 3 e 4 de julho de

1997¹³. Pela mesma época, publicou um caderno denominado *"Ficha de discusión"*, sobre o tema *"Crisis y protesta social. Una mirada a través de conceptos de A. Gramsci"*.

É interessante mencionar também um panfleto denominado *"Los usos de Gramsci"*, publicado em junho de 97, que, embora fosse um anúncio do mencionado curso sobre *"Análise de situação em Gramsci."*, era expressamente dedicado à crítica das posições do *Club Socialista*. Depois de afirmar que *"asistimos hoy a un desarme intelectual y moral del campo popular"*, no qual *"muchos intelectuales que en otras décadas buscaban pensar y teorizar sobre la transformación de esta sociedad (...) hoy buscan desesperadamente teorías ad hoc para mantener el sistema capitalista"*, *El viejo topo* destacava, em óbvia referência a Juan Carlos Portantiero, que a leitura de Gramsci que o grupo pretendia criticar é a leitura de *"aquellos intelectuales que introduciendo en su teoría conceptos provenientes de la teoría de los sistemas, eliminan dentro de su análisis los condicionamientos objetivos y estructurales, privilegiando la esfera estatal-institucional de la superestructura política"*

O panfleto ainda denunciava, já não implícita mas diretamente, *"La escuela del Club Socialista"*, de cujos membros dizia: *"a pesar de que se reivindican gramscianos, ellos están de un lado de la lucha de clases y Gramsci, frente a ellos, combatiéndolos para la construcción de una nueva sociedad"*. O notável nestas críticas dos novos atores é que, treze anos depois do retorno da democracia, a apropriação do pensamento de Gramsci deva se realizar em referência, embora crítica, ao grupo comandado por Aricó, evidenciando como a história de Gramsci na Argentina está profundamente marcada pela experiência do grupo.

Valha esta apresentação das posições da organização *El Viejo Topo* apenas como exemplo da aproximação ao pensamento gramsciano por novas gerações de militantes estudantis. Obviamente, é cedo demais para fazer quaisquer implicações sobre as possíveis dimensões e conseqüências desta nova difusão, mas é necessário e conveniente levar em conta as modificações acontecidas que nos permitem registrar, por exemplo, o seguinte depoimento de um jovem pesquisador da Faculdade de Ciências Econômicas da UBA:

El tema de Gramsci está cada vez en más cátedras. Hay una cátedra de Horacio Tarcus en la Facultad de Ciencias Sociales. Hay otro, Rodríguez Fernández, de

¹³ A *"Segunda Semana Gramsciana de Buenos Aires"* (2-4 de julho de 1997) foi organizada por: *Fundación Juan B. Justo, Fundación de Investigaciones Sociales y Políticas (Fisyp); Foro de Debate Socialista; Cursos de Sociología e de Ciencia Política da UBA; agrupamentos estudantis El viejo topo e El bloke.*

Ciencias Sociales, que está viendo Gramsci. Se está dando mucho en la Facultad de Comunicación Social, donde hay grupos de estudio. Hay grupos de estudio de Gramsci en Ciencias Sociales. Aquí todo grupo que se piense de avanzada está leyendo a Gramsci. Es un tema que está tocando todo el mundo. La cuestión hoy, diferente de poco tiempo atrás es que si quiero estudiar Gramsci, tengo un abanico grande de posibilidades e lugares. Se está volviendo uno de los personajes más comunes en teoría de construcción social, movimientos sociales, etc. (Claudio Casparrino, entrevista concedida ao autor, Bs. As., julho 1998)

Junto com os mencionados por Casparrino, devemos lembrar que Juan Carlos Portantiero, Waldo Ansaldi, Alfredo Pucciarelli, Hugo Calello¹⁴, Emilio de Ipola, José Nun¹⁵, Horacio Gonzalez, e outros, da geração anterior ao golpe de Estado de 76 e das novas camadas pós-ditadura, continuam a trabalhar com os textos gramscianos em suas aulas. A novidade, no entanto, parece estar em que o interesse das novas gerações estudantis por Gramsci excede o uso meramente acadêmico, estendendo-se para o equacionamento das questões políticas. Talvez, agora sim, um movimento "gramsciano" esteja surgindo realmente no mundo estudantil universitário.

7.5. Final: a morte de José Aricó e o fim do mito *Pasado y Presente*

Na introdução deste trabalho, indicando o papel central de José María Aricó na experiência que investigamos, afirmamos que o "sujeito" que evoca o nome *Pasado y Presente* se constitui em torno da figura de Aricó. No decorrer das páginas pensamos ter mostrado que a afirmação não é exagerada, manifestando, mais uma vez, a produtividade desse vínculo íntimo entre biografia e história, cujo conhecimento e compreensão, não por acaso, Wright Mills (1972) pensava como tarefa da "imaginação sociológica".

José Aricó foi uma espécie rara de intelectual. Ou, pelo menos, rara na nossa época. Um intelectual socialista, marxista, gramsciano, autodidata. Um

¹⁴ Hugo Calello chegou tardiamente à Argentina pós-ditadura. Passou longo tempo exilado na Venezuela, coordenando a *Área de Estudios Latinoamericanos* da *Universidad Central de Venezuela* (UCV). Nessa condição organizou, em dezembro de 1991, o já mencionado *Coloquio Internacional Memoria y vigencia de una pasión política. Homenaje a Gramsci en el centenario de su nacimiento*. Calello coordena também a edição do livro que compila as comunicações apresentadas no colóquio intitulado *Pasión y vigencia de un pensamiento*.

¹⁵ José Nun é autor de um dos mais importantes textos gramscianos da primeira metade da década de 80, o artigo "*Elementos para una teoría de la democracia: Gramsci y el sentido común*", apresentado pela primeira vez no Seminário "*Le trasformazioni politiche dell'America Latina: la presenza di Gramsci nella cultura latinoamericana*", Instituto Gramsci, Ferrara, Itália, 11-13 de setembro de 1985, publicado pela primeira vez na revista *Punto de Vista*, 1986, Nº 9. Este e outros textos importantes como "*La rebelión del coro*", "*El otro reduccionismo*" e outros foram compilados no livro *La rebelión del coro. Estudios sobre la racionalidad política y el sentido común*, Bs. As.: Nueva visión, 1989.

dirigente político sem partido. Um dirigente de empresas culturais em permanente e íntimo diálogo com a política. Não sendo graduado em nenhuma universidade, lecionou em universidades mexicanas e peruanas, foi pesquisador da principal entidade federal financiadora da pesquisa na Argentina, o CONICET e, tardiamente, incorporou-se à academia argentina, na Universidade de Buenos Aires. Se, como afirma Portantiero (1991: 34), "*vivió conflictivamente su frustrada experiencia universitaria*", ou, como diz Terán (1991: 29), "*vivió con angustia su autodidactismo*", na última fase de sua vida, como professor "notório saber", ganhou o direito de participar plenamente do mundo acadêmico na Argentina.

Foi, talvez como inúmeros intelectuais afirmam, "o maior marxólogo da América Latina", e, sem dúvida, seu maior difusor individual, desde as pioneiras traduções de Gramsci para a editora *Lautaro* no final dos anos 50, passando pelos quase cem números dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, as edições dos *Grundrisse*, a reedição de *El Capital*, até os quase sessenta títulos da *Biblioteca del Pensamiento Socialista*, que dirigiu na editora Siglo XXI.

Como autor, ainda não existe uma idéia clara de suas dimensões. Estão como testemunhas provisórias seus poucos, mas imprescindíveis livros publicados – *Marx y América Latina* e *La cola del Diablo*; o ainda inédito livro sobre o socialismo de Juan B. Justo, que deixou terminado, e os inúmeros artigos, entrevistas e introduções onde está exposto seu pensamento. Dentre estas últimas, ocupa um lugar destacado sua introdução ao texto (já mencionado neste trabalho) *Mariategui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. Uma compilação adequada dos seus escritos desde seu primeiro texto relevante, a introdução às *Notas sobre Maquiavelo*, da editora *Lautaro*, até seus últimos artigos em *La Ciudad Futura*, ainda está por realizar-se.

José Maria Aricó, conhecido pelos inúmeros amigos que conquistou na América Latina e Europa como "*Pancho*", nasceu em 1931 e morreu de câncer em Buenos Aires em agosto de 1991. As mais variadas definições em torno da pessoa de Aricó foram esboçadas em diversas homenagens. Jorge Halperín o definiu como "*una enorme fuente de proyectos*"; Francisco Delich lembrou-o como um "*uomo di cultura*"; Portantiero o registra como um "*creador de empresas imposibles*", Beatriz Sarlo caracterizou-o como "*el más italianizante de los comunistas argentinos*". Para seu amigo de muitas horas, Oscar del Barco, descrevendo essa capacidade imensa para as empresas coletivas, Aricó "*tenía algo de la naturaleza amorosa del imán*". Nós queremos destacar nesta caracterização sua irrenunciável vocação "gramsciana".

Os telegramas de condolências enviados à viúva de Aricó, Maria Tereza Poyrazián, junto com os aspectos afetivos, destacam o significado de *Pasado y Presente* na América Latina. Neles se evidencia não apenas a qualidade humana deste particular tipo de intelectual que foi Aricó, mas a função “pedagógica”, formativa, orientadora que tiveram, particularmente, os *Cuadernos de Pasado y Presente* e, em geral, as contribuições, coletivas ou individuais dos intelectuais vinculados ao grupo que indiscutivelmente Pancho Aricó comandava. Inúmeros artigos de homenagem póstuma delineiam também os contornos desta experiência cultural latino-americana. Talvez uma boa síntese desta caracterização seja esta passagem de um texto de homenagem escrito pelo intelectual peruano Sinesio López:

Antes de 1978, sabía de su existencia por la colección *Pasado y Presente* y por la edición pulcra de algunas obras fundamentales de Marx. Mediante esas publicaciones, **Aricó fue una especie de oculto guía espiritual de los jóvenes izquierdistas de mi generación en la década de 1960 y de varias generaciones socialistas en América Latina.** Esa ha sido la forma más común de relación del más destacado marxólogo latinoamericano con sus lectores. (López, 1995: 24. Negritos, RB)

Se, de uma ou outra maneira, *Pasado y Presente* era uma espécie de sinônimo de José Aricó, uma marca de cada empreendimento cultural no qual a mão de Aricó estava presente, com a morte deste, de algum modo se encerrou a história dessa espécie de “mito cultural” que foi *Pasado y Presente*. Recuperar os fragmentos dessa história, restituí-los como parte de uma prolongada tentativa de pensar a transformação profunda da sociedade argentina, na qual a unidade indivisível de cultura e política e a referência no pensamento gramsciano ocuparam um lugar central, foi a tentativa deste trabalho. Se o conseguimos terá sido nossa melhor homenagem.

Considerações finais

Como indicamos na introdução deste trabalho, nossa primeira e grande ambição era a de investigar e expor, de um modo relativamente exaustivo, as vicissitudes e resultados da difusão do pensamento de Gramsci na Argentina num périplo histórico que hoje completa mais de 50 anos. Nosso modo de aproximação foi a tentativa de observar essa história através do prisma histórico da experiência de *Pasado y Presente*. O modo da abordagem, mais do que uma “história das idéias” – que achamos limitada para a abordagem que pretendíamos –, foi desenvolvido na forma de uma “sociologia das idéias”, tentando vincular estreitamente vários conteúdos fundamentais do pensamento gramsciano com as experiências culturais, sociais e políticas que inspiraram ou às quais se vincularam, produzindo determinados efeitos históricos.

Mas a escolha do tema e as hipóteses que deram um determinado rumo à investigação certamente apontavam para além da exposição de uma história particular de apropriação do pensamento gramsciano e visavam, através da análise dessa história, investigar as conseqüências que ela teve para a vida política, especialmente a sua contribuição para a constituição do projeto, que se prefigura no conceito clássico de “socialismo”, de uma sociedade democrática, solidária, igualitária e profundamente libertária em todos os seus aspectos. Neste sentido, nossa investigação partiu da convicção, fundada num extenso trabalho prévio, acerca da importância decisiva do que denominamos em outro lugar a “interferência gramsciana na produção teórica e política da esquerda latino-americana”¹. A contribuição de *Pasado y Presente* nesta direção foi dupla: por um lado, através do amplo trabalho de difusão do universo teórico e político gramsciano; por outro lado, no trabalho teórico realizado, mediante o uso concreto dos conceitos gramscianos, no sentido da constituição de um novo projeto transformador.

Encontramos as condições de possibilidade da contribuição de *Pasado y Presente* no processo dessa transformação conceitual no que colocamos como sua particular e original forma de intervenção: a definição, no final dos anos 60,

¹ “La interferencia gramsciana en la producción teórica y política de la izquierda latinoamericana”, Revista Periferias, Año 2, Nº 3, Buenos Aires, 1997. Realizamos uma abordagem detalhada dos resultados da influência dos conceitos gramscianos nos projetos políticos de duas importantes forças políticas da América Latina, na investigação intitulada “As peripécias de Gramsci entre Gulliver e o Pequeno Polegar (Um estudo sobre os projetos políticos do PT e da FMLN)”, dissertação de Mestrado em Ciência Política, IFCH-UNICAMP, Campinas, 1994.

de uma estratégia de intervenção na política que alterava o padrão da prática política clássica da velha esquerda e também dos novos agrupamentos de esquerda surgidos na época. Percebendo a profunda e produtiva relação entre cultura e política, *Pasado y Presente* estabeleceu uma estratégia de intervenção cultural de longo alcance, na tentativa de transformar a cultura política da esquerda e, com isso, o modo de sua intervenção política – uma estratégia que não podia ser realizada no plano mesmo da prática política em sentido restrito, e devia ser construída no decorrer de um processo de “reforma cultural” na esquerda.

Como vimos, não se tratou de um projeto organizado e executado à maneira calculada dos velhos partidos leninistas. Surgido de uma tentativa de crítica às velhas estruturas teóricas e políticas do Partido Comunista, na busca de novos e mais certos caminhos para pensar a transformação, a empresa crítica foi tateando no chão de diversas expressões transformadoras heterodoxas da época: o *guevarismo*, o *maoísmo*, as experiências de autonomia operária. Tudo isto na convulsionada Córdoba dos anos 60. E vimos também como o primeiro momento desta busca, depois da expulsão do PC, foi vivido traumáticamente como um deambular atrás de um sujeito político no qual ancorar a experiência crítica.

Para tratar dos resultados da “estratégia” de *Pasado y Presente*, é necessário referir-nos mais uma vez às complexas relações entre cultura e política na prática da esquerda, e portanto às traumáticas relações entre intelectualidade e partido nas duas variantes mais expressivas dessa tradição política na Argentina: a esquerda marxista (a vertente socialista) e a esquerda “peronista” (a vertente nacional-populista). Em ambas as tradições, a cultura era vista como uma área especializada, erudita, secundária, da vida social, e os intelectuais, como habitantes dessa área secundária, vistos com desconfiança e considerados sempre, como princípio epistemológico fundamental da sua consideração, *sujeitos políticos vacilantes*. Como setor social, associados mecanicamente à pequena burguesia, um aliado instável; como grupo militante do partido, o ponto ideologicamente fraco da organização, o “calcanhar de Aquiles”, que deveria ser submetido permanentemente à adulta vigilância ideológica do setor operário ou “popular”.

Num mundo constituído deste modo, não havia espaço para um tipo de projeto político e cultural como o que começava a ser definido por esse grupo de jovens intelectuais socialistas, marxistas, revolucionários. Por um lado, seu projeto não cabia em nenhum dos partidos existentes, nem posteriormente nos

partidos da “nova esquerda”, que herdaram, com pequenas modificações, o estilo de organização leninista. Por outro lado, parecia impossível, no ambiente radicalizado dos anos 60, a criação de uma nova organização política construída sobre novas bases. Isto se expressou no que Aricó (1986: 25) menciona como o *“deambular detrás del sujeto político”* e a *“imposibilidad de pensarse como un grupo autónomo cultural, instalado en la reflexión crítica y constituyendo como tal, en sí mismo, un grupo político, una forma de organización política”*. Tal situação, definida como *“el extremo aislamiento de un grupo colocado, en definitiva, fuera del terreno concreto de la acción política”* (Aricó, 1988:75-76), foi vivida nesses anos *“con un sentimiento de culpa que creíamos poder apagar buscando desesperadamente un anclaje político”* (Aricó, 1986: 25).

Em outras partes do mundo, esta situação dos intelectuais socialistas se resolveu no que Perry Anderson (1989) denomina a “esquerda acadêmica” – constituída à margem e muitas vezes contra a esquerda política “oficial” –, ao redor da qual se configurou neste século o mais bem sucedido trabalho de desenvolvimento criativo do pensamento marxista. Na experiência argentina de *Pasado y Presente*, embora com um importante componente na universidade, esta corrente renovadora teve uma das máximas expressões individuais na figura de José Aricó, cuja história se desenvolveu fora do âmbito acadêmico. Sua participação no cotidiano universitário, como professor não titulado, acontecerá somente a partir da experiência mexicana, quando a *estratégia* de *Pasado y Presente* já estava plenamente desenvolvida.

Como vimos, as particularidades desta estratégia renovadora do campo cultural da esquerda começa a se configurar com a aparição da revista *Pasado y Presente*, que pretendia o *“rearme ideológico del partido y una modernización del instrumental que permitiera ponerse en condiciones de establecer un diálogo productivo con las ciencias sociales...”* (Aricó, 1992: 58), e perseguia o objetivo de *“organizar una labor de recuperación de la capacidad hegemónica de la teoría marxista sometiénola a la prueba de las demandas del presente”*. E isto significava questionar *“el llamado ‘marxismo-leninismo’ como patrimonio teórico y político fundante de una cultura de transformación...”* (Aricó, 1988: 62-63). Contudo, frustrada esta primeira tentativa, quando *“la revista no logró resolver de manera fructuosa el problema del anclaje político, y las debilidades del grupo impidieron continuar”*, o objetivo de “recomposição da cultura da esquerda” adquire a forma definitiva de uma estratégia na área da cultura política, sem redução à área política orgânica: *“se abre la alternativa de los Cuadernos”* (Aricó, 1986: 25). Esta é a estratégia que dá um sentido histórico de

longo alcance à experiência de *Pasado y Presente*, definida explicitamente por seu principal animador nas passagens que citamos.

Quais são os resultados principais de tal estratégia? Para responder a esta pergunta, podemos começar pela pertinente observação do peruano Carlos Franco no seu prólogo ao livro de José Aricó *Marx y América Latina*:

...Aricó considerou necessário socializar o conhecimento dos textos originais e do desenvolvimento das várias correntes de pensamento que se proclamam marxistas. Por isso desenvolveu, junto com o grupo de *Pasado y Presente*, o mais audaz e importante trabalho editorial já realizado na América Latina com relação ao pensamento marxista. Isso gerou uma massa crítica de informações e reflexões que, em pouco tempo, expressaram de uma nova forma, com um novo estilo, em uma distinta qualidade do pensamento marxista tanto em relação ao pensamento do próprio Marx como em relação à realidade do movimento sócio-político latino-americano. (Franco, 1982: 13)

Com efeito, encontramos um primeiro resultado na fundamental contribuição de *Pasado y Presente* para a renovação do marxismo latino-americano, através de um árduo trabalho de tradução, edição e crítica interna do pensamento marxista.

Mas se uma característica marcou essa "socialização" das várias correntes do marxismo foi a referência permanente, de uma ou outra forma, ao pensamento de Antonio Gramsci. Neste sentido, um segundo resultado fundamental se encontra na contribuição de *Pasado y Presente* para a ampla difusão do pensamento gramsciano na América Latina, entre outros esforços, é claro, mas em primeiríssimo lugar.

Um terceiro resultado desta estratégia podemos assinalar na contribuição de *Pasado y Presente* para o estabelecimento de uma nova compreensão da relação essencial entre cultura e política. Num texto fundamental para pensar as profundas mudanças no patrimônio teórico e político das forças transformadoras na América Latina, Evelina Dagnino faz a seguinte avaliação do resultado de uma nova compreensão das relações entre cultura e política construída, em grande parte, sob a influência gramsciana:

La nueva percepción del significado político de la cultura, de su imbricación constitutiva con la política, ha sido, en grado significativo, una consecuencia de cambios en la percepción general sobre el significado de la política misma: dónde, cómo, por quién y sobre qué la política debe ser hecha. Siendo éstos los interrogantes planteados, las nuevas respuestas provistas por teoría y práctica han implicado una nueva comprensión de las relaciones entre cultura y política. En la medida que el terreno de la cultura es reconocido como político y como *locus* de la constitución de diferentes sujetos políticos, cuando los cambios culturales son vistos como blancos de la lucha política, y la lucha cultural como instrumento para el

No processo de construção desta mudança de perspectiva a pioneira intervenção de *Pasado y Presente* foi destacada, não apenas pela ampliação do universo conceitual, para a qual tanto contribuiu a partir de suas publicações, mas também pela aplicação concreta de sua estratégia de intervenção na política, que enfatizou os aspectos culturais para sua transformação.

Finalmente, um quarto resultado se encontra na formulação de uma nova concepção da transformação social. A interferência decisiva das idéias de Gramsci se processou na experiência de *Pasado y Presente* através da crítica interna do universo cultural do chamado marxismo-leninismo, tanto da *velha* esquerda "reformista" quanto da *nova* esquerda "revolucionária", resultando na construção de uma nova estratégia de transformação social que, partindo da crítica da idéia de "revolução" como simples "assalto" ao poder político, conduziu a uma concepção processual de transformação revolucionária articulada pelo conceito gramsciano de hegemonia. Esta nova concepção – consumada no trabalho teórico da etapa mexicana –, junto com a recuperação do conceito de "democracia", por tanto tempo abandonado pela esquerda marxista, fundaram uma concepção "democrático-radical" da transformação social. Neste sentido, a contribuição histórica de *Pasado y Presente* deve ser pensada como uma parte expressiva do componente latino-americano de um esforço mundial para a produção do que poderíamos chamar, lembrando Gramsci, uma extensa "reforma cultural" no seio do que genericamente e com imprecisões denominamos "a esquerda".

Contudo, essas contribuições tão fundamentais pouco ecoaram na Argentina, país para o qual foram originariamente dirigidas. Um processo de extrema radicalização, do universo de esquerda, primeiro, e uma reação sanguinária do Estado depois, impediram um processamento adequado das novas posições. Em particular a nova concepção de transformação, elaborada no exílio mexicano, encontrava-se longe das possibilidades concretas de construção na realidade política argentina do período pós-ditadura. Tratava-se de fato de uma estratégia em busca de sujeitos que nunca encontrou, nem os *sujeitos sociais* nem os *sujeitos políticos*. Por um lado, como dissemos, os sujeitos sociais do projeto "democrático-radical" continuavam política e afetivamente vinculados às propostas do movimento peronista. Por outro lado, o possível espaço de um sujeito político adequado, o espaço de uma esquerda renovada, estava ocupado pelos remanescentes da esquerda "revolucionária", com discurso e projeto

absolutamente inadequados para abordar a nova etapa. Colocados novamente na situação de possuidores de “idéias sem sujeito”, os intelectuais que se reuniram, no recomeço da democracia argentina, no *Club de Cultura Socialista*, recusaram-se a somar passiva e acriticamente a esse universo de esquerda e dispuseram-se a lutar pela transformação desse espaço. Contudo, sem sujeitos sociais e políticos adequados, na urgência do posicionamento no processo de transição, somaram-se ao projeto político de ascendência social-democrata de Raúl Alfonsín, socialmente relacionado com os setores médios da sociedade argentina e politicamente assentado na proposta de uma democracia política duradoura. Nessa circunstância, foram acusados de social-democratas, renegados, desertores ou traidores de suas origens.

A situação deste importante grupo intelectual da esquerda argentina nos fala, mais uma vez, da sorte trágica do desencontro entre cultura e política na prática histórica das forças transformadoras na Argentina. Norberto Bobbio, na compilação de textos *Os Intelectuais e o Poder*, discute a questão da “traição” e da “deserção”, epítetos tantas vezes usados para qualificar outros tantos representantes deste grupo social controvertido e fundamental formado pelos intelectuais. O problema não está na simples e mera constatação de alguma “deserção” ou “traição”: é preciso identificar de quais posicionamentos políticos ou teóricos se está desertando ou a quais se está traindo. Desertor?, pergunta Bobbio. “Mas se trata de saber de qual batalha”, responde. A “traição” não será tal “quando o lado a que me agrego é aquele que realiza melhor os princípios em que acredito” (Bobbio, 1996: 77-78). A “deserção”, o abandono de certas posições não será indigno quando as posições das quais me afasto são nocivas para esses mesmos princípios. Neste sentido, mais do que traição ou deserção, o que deveria ser motivo de uma discussão séria são as consequências trágicas do persistente desencontro entre cultura e política – que continua a deixar seu rastro deletério –, para um projeto transformador vinculado às classes e setores subalternos na Argentina.

Portanto, uma conclusão em torno da participação dos intelectuais vinculados ao itinerário de *Pasado y Presente* no começo da transição democrática deve levar necessariamente em conta os elementos colocados acima para poder equacionar adequadamente o peso dos erros realmente existentes, discutidos no Capítulo 6 desta tese, mas em conjunto com a pobreza das perspectivas das forças transformadoras na Argentina da época. Outra teria sido a sorte do grupo e do projeto construído por ele, atrevemo-nos a afirmar, numa situação similar à brasileira no início dos anos 80, com um processo de

construção de novas formas de intervenção dos sujeitos populares e com uma nova forma de sujeito político como a representada pelo então nascente Partido dos Trabalhadores.

No Brasil, uma conjunção histórica fecunda de renovação do patrimônio teórico e político da esquerda com novas e dinâmicas formas do movimento social produziu a renovação radical do projeto transformador das classes e setores subalternos. Na Argentina, a enorme distância entre a esquerda “revolucionária”, que ficou presa às condições impostas pela ditadura militar, e os novos elementos conceituais produzidos no debate do exílio mexicano na década de 80, é apenas uma amostra do abismo cultural aberto pela ditadura. Em termos da difusão do pensamento gramsciano, já vimos como devemos falar em uma grande brecha cultural entre as gerações pré e pós-ditadura militar. Contudo, como fruto da presença cultural de Gramsci na década de 80, para a qual o grupo dos “gramscianos argentinos”, com seus erros e acertos, teve sem dúvida uma importância decisiva, novas perspectivas parecem ter surgido nos anos 90. Tanto a tentativa de apropriação do pensamento gramsciano pela esquerda “revolucionária” quanto as novas aproximações de setores independentes dos estudantes universitários, que examinamos no último capítulo da tese, parecem indicar uma ampliação inédita do universo gramsciano argentino. As dimensões e o porvir dessas novas posições são, obviamente, uma questão aberta, mas, não obstante, permitem vislumbrar as possibilidades de novas perspectivas para o movimento transformador.

Como vimos ao longo deste trabalho, *Pasado y Presente* forma parte do extenso movimento das classes e setores subalternos para construir uma nova sociedade, tendencialmente socialista, nos países latino-americanos. As vicissitudes de sua trajetória falam, a seu modo, das peripécias deste movimento transformador e sua relevância, neste sentido, verifica-se também na capacidade de representar, na sua própria história, as diversas passagens, frustrações e descobertas da experiência da esquerda latino-americana. Em função disto, pensamos no começo deste trabalho e o reafirmamos no seu final, tem valido a pena acompanhar esta história que, sendo local, fala, de uma ou outra maneira, do passado, do presente e, talvez, de algumas dimensões do futuro do pensamento e da prática social transformadora na América Latina.

APÊNDICES

Apéndice 1

Achamos importante, para fornecer ao leitor uma idéia mais acabada do conteúdo da revista e dado que se trata de um material de difícil alcance, oferecer o sumário completo, a estrutura da direção e os dados da publicação da revista nas suas duas fases.

PRIMEIRA ÉPOCA

PASADO Y PRESENTE

Revista trimestral de ideología y cultura

Año 1 Nº 1

Córdoba, abril-junio de 1963

Diretores: Oscar del Barco-Anibal Arcondo

Sumario

JOSE ARICO: *Pasado y presente*

JUAN CARLOS PORTANTIERO: *Política y clases sociales en Argentina*

CESARE LUPORINI: *Verdad y Libertad*

HÉCTOR SCHMUCLER: *La cuestión del realismo y la novela testimonial argentina.*

Polémica

A PROPOSITO DEL CARACTER DEL HISTORICISMO MARXISTA

CESARE LUPORINI: *Apuntes para una discusión entre filósofos marxistas en Italia*

LUCIO COLLETTI: *La relación Hegel-Marx*

NICOLA BADALONI: *La realidad objetiva de la contradicción*

GALVANO DELLA VOLPE: *Sobre dialéctica*

CESARE LUPORINI: *El círculo concreto-abstracto-concreto*

ALESSANDRO NATTA: *Para un desarrollo unitario de los estudios marxistas*

Documentos

KARL MARX: *El método de la economía política*

Notas y comentarios

ENRIQUE L. REVOL: *Elémire Zolla, crítico de las masas*

JOSE CARLOS CHIARAMONTE: *Acerca del europeísmo de la cultura argentina*

OSCAR DEL BARCO: *Carlos Marx y los manuscritos económico-filosóficos de 1844*

GREGORIO BERMANN: *Peculiaridades del ser argentino*

MAURICIO HESSE: *Homenaje a Henry Wallon*

Año 1 Nº 2-3

Córdoba, julio-diciembre de 1963

Diretores: Oscar del Barco-Anibal Arcondo

Secretario de Redacción: Héctor N. Schmucler

Sumario

LEON ROZITCHNER: *Marxismo y cristianismo*

ANTONIO BANFI: *El problema sociológico*

ENRIQUE L. REVOL: *Trabajo, símbolo y evolución humana*

NOE JITRIK: *Propuesta para una descripción del escritor reaccionario*

ERIC HOBBSBAWN: *Para el estudio de las clases subalternas*

OSCAR DEL BARCO: *Metodología histórica y concepción del mundo*

JUAN CARLOS TORRE: *Robert Lynd y la crítica de la sociología*

Mundo contemporaneo

JOSE ARICO: *El stalinismo y la responsabilidad de la izquierda*

PALMIRO TOGLIATTI: *Sobre el XXII Congreso del PCUS*

GIAN CARLO PAJETA-ALESSANDRO NATTA: *Reflexiones sobre la democracia en el Partido*

GIORGIO AMENDOLA: *Nuestras responsabilidades*

Recensiones

CESAR U. GUIÑAZU: *Sexo y civilización de Luigi De Marchi*

ANIBAL ARCONDO: *La economía argentina de Aldo Ferrer*

JULIO CESAR ROMERO: *Moral burguesa y revolución de León Rozitchner*

Nota de la redacción

Año 1 N° 4

Córdoba, enero-marzo de 1964

Diretores: Oscar del Barco-Anibal Arcondo

Secretario de Redacción: Héctor N. Schmucler

Sumario

JOSE M. ARICO: *Examen de conciencia*

GEORG LUKACS: *Que es el marxismo ortodoxo?*

Mundo Contemporaneo

HECTOR N. SCHMUCLER: *Problemas del Tercer Mundo*

ANDRE GORZ: *El conflicto Chino-Soviético*

CLAUDE CADART: *La discusión en el Movimiento Comunista Internacional*

ASIATICUS: *Lucha política y lucha armada*

FIGURELLI-PETRONE: *La revolución colonial*

Polémica

Acerca de Marxismo y Cristianismo

CONRADO EGGERS LAN: *Respuesta a la derecha marxista*

LEON ROZITCHNER: *Respuesta*

Crítica

CARLOS S. ASSADOURIAN: *Un ataque a la historia en nombre del marxismo*

FRANCISCO DELICH: *La teoría de la revolución en Franz Fanon*

Año 2 N° 5-6

Córdoba, abril-setiembre de 1964

Consejo de redacción

Oscar del Barco, José M. Aricó, Samuel Kieckzovsky, Juan Carlos Torre, Héctor N. Schmucler,

Anibal Arcondo, César U. Guíñazú, Carlos Assadourian, Francisco Delich

Secretario de Redacción: Héctor N. Schmucler

Administrador: Osvaldo Tamain

Sumario

JEAN PAUL SARTRE: *Lumumba y el neocolonialismo*

ARTHUR GIANNOTTI: *Marxismo, técnica y alienación*

ENRIQUE L. REVOL: *Fausto y Hamlet, prototipos de la conciencia*

Mundo Contemporaneo

JOSE M. ARICO: *Problemas de la planificación económica en Cuba*

CHARLES BETTELHEIM: *Formas y métodos de la planificación socialista*

ERNESTO GUEVARA: *La planificación socialista. Su significado*

Notas

FRANCISCO DELICH: *"Gaullisme Français" y "Golismo" argentino*

Crítica

JUAN CARLOS PORTANTIERO: *Un análisis "marxista" de la Argentina*

EMILIO TERZAGA: *Valoración de la Fenomenología del espíritu*

HECTOR N. SCHMUCLER: *Hacia una nueva estética*

EMILIO DE IPOLA: *Adam Schaff y la filosofía del hombre de diez años después*

NESTOR BRAUNSTEIN: *La reflexología vuelve a Pavlov*

Documentos

F. JORGE: *La Asociación Internacional de Trabajadores en la Argentina*

P. TOGLIATTI: *Memorandum sobre el Movimiento Obrero Internacional y su unidad.*

Año 2 Nº 7-8

Córdoba, octubre de 1964 - marzo de 1965

Consejo de redacción

Oscar del Barco, José M. Aricó, Samuel Kieczkovsky, Juan Carlos Torre, Héctor N. Schmucler, Anibal Arcondo, César U. Guiñazú, Carlos Assadourian, Francisco Delich, Luis J. Prieto, Carlos R. Giordano

Secretario de Redacción: Héctor N. Schmucler

Administrador: Osvaldo Tamain

Sumario

P y P: *Santo Domingo*

REGIS DEBRAY: *El Castrismo: la gran marcha de América Latina*

Marxismo y sociología

ELISEO VERON: *Infraestructura y superestructura en el análisis de la acción social*

FERNANDO CARDOSO: *El método dialéctico en el análisis sociológico*

Mundo contemporáneo

ALBERTO GIRIA: *Introducción al problema del partido único en África*

R. DEPINAY: *Las dificultades específicas del socialismo en África negra*

Documentos

AFRICA NEGRA HA PARTIDO MAL? MESA REDONDA CON LA PARTICIPACIÓN DE:

René Dumont, Jean Noirod, Jean Bènard, Jean Dresch, Jacques Charriere, Paul Delanoue, Nguyen Nghe, Paul Amar, Albert-Paul Lentin, Dieng Amady Aby y Camara Ibrahima.

Notas

OSCAR DEL BARCO: *El pensamiento salvaje, de C. Levi-Strauss*

Crítica

FRANCISCO DELICH: *Los que mandan, de J. L. de Imaz*

Año 3 Nº 9

Córdoba, abril-setiembre de 1965

Consejo de redacción

Oscar del Barco, José M. Aricó, Samuel Kieczkovsky, Juan Carlos Torre, Héctor N. Schmucler, Anibal Arcondo, César U. Guiñazú, Carlos Assadourian, Francisco Delich, Luis J. Prieto, Carlos R. Giordano

Secretario de Redacción: Héctor N. Schmucler

Administrador: Osvaldo Tamain

Sumario

OSCAR MASOTTA: *Jacques Lacan o el inconciente en los fundamentos de la filosofía*

GUILLERMO CARLES: *La teoría de Prebisch y el desarrollo del capitalismo contemporáneo*

HECTOR N. SCHMUCLER: *Rayuela: juicio a la literatura*

La condición obrera

JOSE ARICO: *Algunas consideraciones preliminares*

PASADO Y PRESENTE: *Informe preliminar sobre el conflicto de FIAT*

Documentos

DARIO LANZARDO: *Intervención socialista en la lucha obrera*

KARL MARX: *La encuesta obrera de 1880*

Problemas del marxismo

OSCAR DEL BARCO: *Las formaciones económicas precapitalistas de Karl marx*

Crítica

ROBERT PARIS: *Elogio de la pereza*

SEGUNDA ÉPOCA

PASADO Y PRESENTE

Revista trimestral

Año IV (nueva serie) - nº 1 - abril-junio de 1973)

1	<i>Temas</i>	
3	<i>Pasado y Presente</i>	La "larga marcha" al socialismo en la argentina
31	<i>Juan C. Portantiero</i>	Clases dominantes y crisis política en la Argentina actual
65	<i>Rui Mauro Marini</i>	La pequeña burguesía y el problema del poder: el caso chileno
	TEXTOS	
87	<i>José Aricó</i>	Espontaneidad y dirección conciente en el pensamiento de Gramsci
103	<i>Antonio Gramsci</i>	Democracia obrera y socialismo
	DOCUMENTOS	
141		Declaración de apoyo al Frejuli
	PROBLEMAS	
145	<i>Ben Brewster</i>	Insurrección y dualidad de poder
157	<i>Charles Bettelheim</i>	La dialéctica de Mao

PASADO Y PRESENTE

Revista trimestral

Año IV (nueva serie) - nº 2/3 - Julio - diciembre de 1973)

177	<i>Temas</i>	
179	<i>Pasado y Presente</i>	La crisis de julio y sus consecuencias políticas
	PROBLEMAS DEL MOVIMIENTO OBRERO	
205	<i>José Nun</i>	El control obrero y el problema de la organización.
233	<i>André Gorz</i>	Táctica y estrategia del control obrero.
249		Dos documentos sobre control obrero en las empresas.
271	<i>Pasado y Presente</i>	El significado de las luchas obreras, actuales.
283	<i>Pedro Aguirre</i>	La reforma a la Ley de Asociaciones Profesionales.
303	<i>Antonio Carlo</i>	La concepción del partido revolucionario en Lenin.
349	<i>Movimiento al Socialismo</i>	La sociedad socialista venezolana.
	TEXTOS	
369	<i>Juan C. Portantiero</i>	Introducción a un inédito de Cooke.
373	<i>John William Cooke</i>	Apuntes para una crítica del reformismo en la Argentina.
	DOCUMENTOS	
403		La CGT y el 17 de octubre de 1943.
424		Apuntes sobre la metodología del trabajo de masas.
432		El II Encuentro de Plástica Latinoamericana

Apêndice 2

Cuadernos de Pasado y Presente. Edições e Tiragem/loc.

Para uma idéia mais cabal da magnitude do trabalho editorial dos *Cuadernos de Pasado y Presente*, dispomos para o leitor a informação exhaustiva sobre suas edições, obtida no trabalho com os arquivos de *Siglo XXI*, durante a pesquisa realizada no México em maio de 1997.

1.- Karl Marx. *Introducción general a la crítica de la economía política (1857)*

Tradução: José Aricó e Jorge Tula

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	março 1968		
2	maio 1969		
3	julho 1970		rev.
4	abril 1971		
5			
6			
7			
8	1974		
9	nov. 1974	10.000 (Arg)	C. e A.
10	Agos. 1974	2.000 (Col)	
11	Jul. 1977	5.000 (Mex)	
12	Set. 1978	4.000 (Mex)	
13	Jul. 1979	5.000	
14	Jun. 1980	6.000	
15	Fev. 1982	4.000	
16	Nov. 1982	5.000	
17	Fev. 1984	4.000	
18	Dez. 1984	4.000	
19	Set. 1985	5.000	
20	Jan. 1987	4.000	
21	Maio 1989	2.000	à BPS
22	Nov. 1990	1.000	
23	Dez. 1991	2.000	
24	Set. 1996	500	

2.- Claude Lévi-Strauss. *Elogio de la antropología*

Tradução: Carlos Rafael Giordano

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	1968	Méx	
2	Out. 1977	2.000 Méx	
3	Nov. 1978	1.000 Méx	

3.- Paul A. Baran. *Excedente económico e irracionalidad capitalista.*

Tradução: José Aricó e Alberto Crespo

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1968	Cba.	
2	Mai. 1971	Bs. As.	
3	Jul. 1973	Bs. As.	
4	Ago. 1976	2.000 Col	
5	Jan. 1978	2.000 Méx	
6	Mar. 1980	3.000 Méx	
7	Jan. 1986	1000 Méx	

4.- Louis Althusser. *La filosofía como arma de la revolución.*

Tradução: Oscar del Barco, Enrique Román e Oscar L. Molina.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1968	Cba.	
2	Nov. 1970	Bs. As.	
3	Mar. 1971	Bs. As.	
4		Bs. As.	
5	Out. 1972	4.000 Bs. As.	
6	Set. 1974	6.000 Bs. As.	
7	Jul. 1976	5.000 Méx	
8	Dez. 1977	5.000	
9	Fev. 1979	5.000	
10	Abr. 1980	5.000	
11	Fev. 1981	6.000	
12	Mar. 1982	5.000	
13	Ago. 1983	5.000	
14	Nov. 1984	4.000	
15	Out. 1985	3.000	
16	Set. 1986	4.000	
17	Jun. 1988	3.000	
18	Out. 1989	3.000 Méx	à BPS
19	Dez. 1991	1.000	
20	Jan. 1994	1.000	

5.- Ernesto "Che" Guevara. **Escritos económicos**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1969	Arg.	
2	Ago. 1971		
3			
4	1972		

6.- André Gorz, Ernest Mandel, Antonio Lettieri, Paolo Santi, Gilles Martinet, André Barjonet. **Francia 1968: una revolución fallida?**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1968	Arg.	

7.- Umberto Cerroni, Lucio Magri, Monty Johnstone. **Teoría marxista del partido político/1.**

Tradução: Eduardo Masullo

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1969		
2			
3			
4	Fev. 1975	6.000 Arg	
5	Set. 1977	2.000 Méx	
6	Set. 1978	2.000	
7	aAbr. 1980	3.000	
8	Out. 1983	1.000	
9	Mai. 1985	1.000	
10	Mai. 1987	1.000	

8.- Alain Badiou, Louis Althusser y otros. **Materialismo histórico y materialismo dialéctico.**

Tradução: Nora Rosenfeld de Pasternac, José Aricó e Santiago Fuentes

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jul. 1969	Cba.	
2			
3			
4			
5	Set. 1975	3.000 Méx	
6	Ago. 1977	2.000	
7	Fev. 1979	2.000	
8	Jun. 1980	2.000	
9	Out. 1981	2.000	
10	Out. 1983	2.000	Ref.
11	Mar. 1986	1.000	
12	Out. 1987	1.000	

9.- Ben Brewster, Rossana Rossanda, Giovanni Cera, André Gorz, Marco Macció y Jean-Paul Sartre. **Sartre y el marxismo.**

Tradução: Ofelia Castillo, Delia Garcia y Carlos Giordano.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Abr. 1969	Cba	
2	Dez. 1976	3.000 Méx	Aum.

10.- Paolo Santi, Jacques Valier, Rodolfo Banfi y Hamza Alavi. **Teoría marxista del imperialismo.**

Tradução: José Aricó e Miguel Camperchioli.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1969	Cba.	
2			
3			
4	Fev. 1975	4.000 Bs. As.	
5	Set. 1977	2.000 Méx	
6	Mar. 1979	1.000	
7	Dez. 1979	2.000	
8	Out. 1981	2.000	

11.- Cesare Luporini. **Dialéctica marxista e historicismo.**

Tradução: José Aricó

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1969	Cba.	

12.- Daniel Bensaid, Alain Nair, Rosa Luxemburg, Vladimir I. Lenin y Georg Lukács. **Teoría marxista del partido político/2.**

Tradução: José Aricó

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1969	Cba	
2			
3			
4	Mar. 1976	3.000 Méx	
5	Fev. 1978	3.000	
6	Jul. 1979	2.000	
7	Dez. 1980	2.000	
8	Fev. 1984	1.000	Ref.
9	Fev. 1986	1.000	

13.- Rosa Luxemburg. **Huelga de masas, partido y sindicatos.**

Tradução: Nora Rosenfeld, José Aricó e León Mames.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1970	Bs. As.	
2	Set. 1974	14.000 Esp	
3			
4	Jun. 1975	4.000 Arg.	Ampl.
5	Jun. 1978	2.000 Méx	

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1970	Bs. As.	
2			
3	Ago. 1974	3.000 Bs. As.	
4	Ago. 1977	2.000 Méx	
5	Out. 1978	2.000	
6	Jun. 1980	2.000	
7	Mar. 1982	2.000	
8	Fev. 1985	1.000	
9	Mar. 1987	1.000	

14.- Maxime Rodinson y Fawwaz Trabulsi. **La revolución Palestina y el conflicto árabe-israelí.**

Tradução: Carlos Altamirano, Santiago Funes, Ingrid Londero e Marcelo Nowersztern.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1970	Bs. As.	

15.- Nicolás Krassó, Ernest Mandel y Monty Johnstone. **El marxismo de Trotsky.**

Tradução: Ofelia Castillo.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1970	Bs. As.	
2			
3	Ago. 1977	2.000 Méx	

16.- Giovanni Piana, Marco Macció, Giaro Daghini y Georg Lukács. **El Joven Lukács.**

Tradução: María Cristina Mata y María Teresa Poyrazián.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1970	Bs. As.	
2	Jan. 1979	2.000 Méx	

17 y 18.- Evgueni Preobrazhenski. **La nueva economía.**

Sem dados sobre edições

19.- Alessandro Pizzorno, Luciano Gallino, Norberto Bobbio, Régis Debray, y Antonio Gramsci. **Gramsci y las ciencias sociales.**

Tradução: José Aricó, Celina Manzoni e Isidoro Flambaun.

20.- Karl Marx y Eric J. Hobsbawn. **Formaciones económicas precapitalistas.**

Tradução: M. N. e Miguel Murmis.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1971		
2	Out. 1972	4.000 Bs. As.	
3			
4	Ago. 1976	2.000 Col.	
5	Jan. 1977	3.000 Méx.	
6	Jun. 1978	4.000	
7	Jun. 1979	3.000	
8	Jun. 1980	6.000	
9	Out. 1981	4.000	
10	Dez. 1982	4.000	
11	Fev. 1984	3.000	Ref.
12	Mar. 1985	3.000	
13	Fev. 1986	3.000	
14	Jul. 1987	2.000	
15	Nov. 1989	2.000	à BPS
16	Mai. 1992	1.000	
17	Abr. 1995	1.000	

21.- Nicolai I. Bujarim. **La economía mundial y el imperialismo.**

Tradução (revisada): Luis Bustamante e José Aricó.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jan. 1971	Bs. As.	
2			
3	Mar. 1976	3.000 Méx	
4	Jan. 1978	2.000	
5	Mar. 1979	1.000	
6	Nov. 1979	1.000	
7	Jan. 1981	3.000	
8	Nov. 1982	2.000	
9	Nov. 1984	2.000	
10	Mai. 1987	1.000	

22.- Karol Modzelewski y Jacek Kuron. **Revolución política o poder burocrático. I: Polonia.**

Tradução: Oscar Landi

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1971	Bs. As.	

23.- Enrique Collotti Pischel, Rossana Rossanda, Marco Macció, Charles Bettelheim, Isaac Deuchter y Mao Tse-tung. **La revolución cultural china.**

Tradução: María Cristina Mata, Marta Eguía, María Teresa Poyrazián, José Aricó, Alberto Belloni, Martín Yriart, Carlos Altamirano e F. R.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jun. 1971		
2	1973		

24.- Samir Amim, Charles Bettelheim, Arghiri Emmanuel y Christian Palloix. **Imperialismo y comercio internacional: el intercambio desigual.**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jun. 1971		
2	1972		
3	Set. 1973	3.000 Esp.	
4	Jan. 1977	3.000 Méx.	
5	Abr. 1977	1.000 Esp.	
6	Dez. 1978	3.000 Méx.	
7	Jul. 1980	2.000	
8	Out. 1981	2.000	
9	Fev. 1984	2.000	Ref.
10	Ago. 1986	1.000	
11	1990		a Econ

25.- Vladimir I. Lenin. **Contra la burocracia. Diario de las secretarías de Lenin.**

Tradução: Juan José Real

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1971	Bs. As.	
2	Fev. 1974		
3	Abr. 1980	Méx	

26.- Victor Nee, Don Layman y John Collier. **China: revolución en la universidad.**

Tradução: Luis Echeverrio, Eduardo Masulo e outros.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1971	Bs. As.	

27.- León Trotsky. **El nuevo curso. Problemas de la vida cotidiana.**

Tradução: María Tereza Poyrazián, Mónica Virasoro e Oscar Terán.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1971	Bs. As.	
2	Jan. 1974	3.000 Bs. As.	
3	Fev. 1979	2.000 Méx	Co. e Au.

28.- Los bolcheviques y la revolución de octubre. **Actas del Comité Central del Partido Obrero Socialdemócrata Riso (b).**

Tradução: Max Figueroa, Carlos Álvarez, Carlos Echagüe.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jan. 1972	Bs. As.	
2	Jul. 1978	2.000 Méx	

29.- Nicolai I. Bujarin. **Teoría económica del periodo de transición.** Vladimir I. Lenin. **Anotaciones al libro de Bujarin.**

Tradução: Horacio Ciafardini.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1972	Bs. As.	
2	Fev. 1974	4.000	
3	Fev. 1980	2.000 Méx	Co. e Au.

30.- Karl Marx y Friedrich Engels. **Materiales para la historia de América Latina.**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1972	Bs. As.	
2			
3	Set. 1975	3.000 Méx.	
4	Jun. 1979	1.000	
5	Jan. 1981	3.000	
6	Nov. 1987	1.000	

31.- Nicolai I. Bujarin. *Teoría del materialismo histórico: ensayo popular de sociología marxista.*

Tradução: Pablo de la Torriente Brau, Gabriel Barceló, María Tereza Poyrazián, Augusto Blanco, Celina Manzoni, María Victoria Suarez e Isidoro Flaumbaun.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1972	Bs. As.	
2	Set. 1974	6.000 Esp.	
3	Mai. 1977	2.000 Méx	Aum.
4	Ago. 1980	1.000	
5	Jan. 1981	2.000	
6	Abr. 1985	1.000	

32.- Raniero Panzieri, Armando de Palma, Michele Salvati, Bianca Baccallì, Antonio Lettieri y André Gorz. *La división Capitalista del trabajo.*

Tradução: José Aricó, Ana Poljac, Alejandro Sadernan e María Teresa Poyrazián.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1972	Bs. As.	
2	Mar. 1974	4.000	
3	Ago. 1977	2.000 Méx	
4	Jul. 1980		

33.- Valentino Guerratana, Lucio Magri, Massimo L. Salvadori, Yvon Bourdet, Francesco Ferri, Lisa Foa, Enzo Collotti, Sergio Garavini y Antonio Gramsci. *Consejos obreros y democracia socialista.*

Tradução: Augusto Blanco, Roberto Raschella, María Teresa Poyrazián, Néstor Miguez, Daniel Goldstein.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1972	Bs. As.	
2	Mai. 1977	2.000 Méx.	

34.- Giuliano Procacci, León Trotsky, Nicolai Bujarin, Grigori Zinóviev. *El gran debate 1924-1926: I. La revolución permanente.*

Tradução: Carlos Echagüe.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1972	Bs. As.	
2	Out. 1974	3.000	Corr.
3	Nov. 1977	3.000 Esp.	
4	Fev. 1980	2.000 Méx	

35.- Rosa Luxemburg. *Introducción a la economía política.*

Tradução: Horacio Cifardini.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov. 1972	Bs. As.	
2	Mar. 1974	6.000 Esp.	
3	Set. 1975	3.000 Méx	
4	Abr. 1978	2.000	
5	Mai. 1979	2.000	
6	Abr. 1980	3.000	
7	Ago. 1982	2.000	
8	Mai. 1985	1.000	
9	Set. 1986	1.000	
10	Mar. 1988	1.000	

36.- Giuliano Procacci, Grigori Zinóviev, José Stalin y Edward H. Carr. *El gran debate 1924-1926: II. El socialismo en un solo país.*

Tradução: Carlos Echagüe e Roberto Bixio.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1972	Bs. As.	
2	Mai. 1975	4.000 Esp.	
3	Out. 1976	2.000 Esp.	
4	Jul. 1977	2.000 Méx	

37.- Karl Marx y Friedrich Engels. *Sobre el colonialismo.*

Antología aos cuidados de Alberto Díaz

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jan. 1973	Bs. As.	
2			
3	Fev. 1979	3.000 Méx	Co. e Au.

38.- Rossana Rossanda, Jean-Paul Sartre, *Il manifesto*, Victor Fay, Edoarda Masi, André Gorz, Giovanni Mottura, *Potere Operaio. Teoría marxista del partido político/3.*

Tradução: Néstor Miguez, Josefina Ludmer, María Teresa Poyrazián, Ana Luisa Poljac e Roberto Raschella.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1973	Bs. As.	
2	Jan. 1977	3.000 Méx.	
3	Jun. 1979	2.000	
4	Nov. 1981	2.000	
5	Mai. 1987	1.000	

39.- Cesare Luporini, Emilio Sereni, Christine Glucksmann, René Gallissot, Guy Dhoquois, Jacques Texier, Pierre Herzog, Pierre Gruet y Georges Labica. **El concepto de "formación económica-social"**.

Tradução: José Aricó, Oscar Landi, Celina Manzoni e Irene Agolf.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1973	Bs. As.	
2	Dez. 1976	3.000 Méx.	
3	Out. 1978	2.000	
4	Jul. 1980	2.000	
5	Mar. 1982	2.000	
6	Out. 1984	1.000	
7	Abr. 1986	1.000	

40.- Carlos Sempat Assadourian, Ciro F. S. Cardoso, Horacio Cifardini, Juan Carlos Garavaglia y Ernesto Laclau. **Modos de producción en América Latina.**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1973	Bs. As.	
2			
3	Jun. 1975	3.000	
4	Ago. 1976	3.000 Col.	
5	Set. 1977	2.000 Méx.	
6	Set. 1978	2.000	
7	Out. 1979	2.000	
8	Mar. 1981	2.000	
9	Nov. 1982	2.000	
10	Nov. 1984	2.000	
11	Jun. 1986	2.000	
12	Dez. 1989	1.000	à BPS

41.- György Lukács. **Revolución socialista y antiparlamentarismo.**

Tradução: Roberto Raschella, María Victoria Suarez e Augusto Bianco.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	1973	Bs. As.	
2	1978	Méx.	

42.- Anton Pannekoek. **Lenin Filósofo.**

Tradução: Laín Diez e José Szabón.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1973	5.000 Bs. As.	

43.- **Los cuatro primeros congresos de la Internacional Comunista / Primera parte.**

Tradução: María Teresa Poyrazián.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov. 1973	6.000 Bs. As.	
2	Jan. 1978	2.000 Méx.	
3	Fev. 1981	2.000	

44.- Serge Mallet, Franco Momigliano, Perry Anderson, y Alessandro Pizzorno. **Economía y política de la acción sindical.**

Tradução: María Teresa Poyrazián, J. M. Vergara, Roberto Raschella e Carlos Lázaro.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Dez. 1973	Bs. As.	
2	Jun. 1978	3.000 Méx.	

45.- Karl Korsch. **Qué es la socialización? Un programa de socialismo práctico.**

Tradução: Eduardo Subirats, Celina Manzoni, María R. Andreotti e Roberto Raschella.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1973	Bs. As.	

46.- Paul M. Sweezy, Valentino Guerratana, Francesco Fenghi, Rossana Rossanda, Attilio Chitarin y Bernardo Jobic. **Teoría del proceso de transición.**

Tradução: Roberto Raschella, Santiago Funes e María Braun.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Dez 1973	6.000 Bs. As.	

47.- **Los cuatro primeros congresos de la Internacional Comunista / Segunda parte.**

Tradução: María Teresa Poyrazián.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov. 1973	6.000 Bs. As.	
2	Jul. 1977	2.000 Méx	

48.- Nicos Poulantzas. **Hegemonía y dominación en el Estado moderno.**

Tradução:

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov. 1969		
2	Nov. 1973	5.000Bs. As.	
3	Fev. 1975	6.000	
4	Mai. 1977	3.000 Méx	Corr.
5	jan. 1983	2.000	
6	mar. 1985	2.000	
7	Ago. 1986	2.000	

49.- Eugen von Böhm-Bawerk, Rudolf Hilferding, Ladislau von Bortkiewicz y Paul M. Sweezy. **Economía burguesa y economía marxista.**

Tradução: Celina Manzoni.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai 1974	6.000 Bs. As.	
2	Dez. 1978	2.000 Méx.	

50.- Natalie Moszkowska. **Contribución a la crítica de las teorías modernas de la crisis.**

Tradução: José Aricó, Alfonso García e Stella Mastrángelo.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Abr. 1978	4.000 Méx	

51.- Rosa Luxemburg y Nicolai Bujarin. **El imperialismo y la acumulación del capital.**

Tradução: Jorge Díaz, J. Pérez Bances, Romeo Medina e Hernán Laborde.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1975	5.000 Bs. As.	
2	Mar. 1980	3.000 Méx	

52.- Rudolf Schlesinger. **La internacional Comunista y el problema colonial.**

Tradução: Roberto Raschella.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Abr. 1974	6.000 Bs. As.	
2	Jul. 1977	2.000 Méx	

53.- Isaac Ilich Rubin. **Ensayo sobre la teoría marxista del valor.**

Tradução: Néstor Miguez.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1974	6.000 Bs. As.	
2	Jul. 1977	2.000 Méx.	
3	Mar. 1979	2.000	
4	Out. 1980	2.000	
5	Jan. 1982	3.000	
6	Jul. 1985	1.000	
7	Abr. 1987	1.000	

54.- Antonio Gramsci. **Escritos políticos (1917-1933).**

Tradução: Raúl Crisafio.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1977	3.000 Méx	
2	Jul. 1981	3.000	
3	Mai. 1987	1.000	
4	Abr. 1990	1.000	à BPS

55.- **V Congreso de la Internacional Comunista (17 de junio-8 de julio de 1924): Informes / Primer parte.**

Tradução: Gonzalo Zunin e Hugo Acevedo.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1975	4.000 Bs. As.	

56.- **V Congreso de la Internacional Comunista (17 de junio-8 de julio de 1924): Informes / Segunda parte.**

Tradução: Hugo Acevedo e Oscar Landi.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jun. 1975	4.000 Bs. As.	

57.- Nicolai Bujarin. **La economía política del rentista (crítica de la economía marginalista).**

Tradução: María Braun y León Mames.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1974	6.000 Bs. As.	

58.- Karl Kautsky. **Ética y concepción materialista de la historia.**

Tradução: Conrado Ceretti, Úrsula Kochmann, León Mames.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1975	6.000 Bs. As.	
2	Jul. 1980	2.000 Méx.	

59.- Friedrich Engels. **Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana.** Georgui Plejánov. **Notas al Ludwig Feuerbach.**

Tradução: Hugo Azcurra

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mai. 1975	6.000 Bs. As.	

60.- José Aricó (Comp.). **Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano.**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1978	3.000 Méx.	
2	Out. 1980	3.000	Co. e Au.

61.- Huber Lagardelle (Comp.) **Huelga general y socialismo / Encuesta internacional.**

Tradução: Noemí Fiorito de Labruno.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1975	4.000 Bs. As.	

62.- Parvus, Paul Fröhlich, Franz Mehring, Rosa Luxemburg, Émile Vandervelde y Karl Kaustky. **Debate sobre la huelga de masas / Primera parte.**

Compilação preparada por Jorge Feldman e José Aricó.

Tradução: Úrsula Kochmann, Roberto Fisbaug, Manfredo Sawad e Carlos Bertoldo.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1975	4.000 Bs. As.	
2	Jun. 1978	2.000 Méx.	

63.- Karl Kaustky y Anton Pannekoek. **Debate sobre la huelga de masas / Segunda parte.**

Compilação preparada por Jorge Feldman e José Aricó.

Tradução: León Mames e Daniel Bassi.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1976	4.000 Bs. As.	

64.- Franz Mehring. **Sobre el materialismo histórico y otros ensayos filosóficos.**

Tradução: Úrsula Kochmann.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov. 1976	3.000 Méx.	

65.- Mao Tse-Tung y José Stalin. **La construcción del socialismo en la URSS y en China.**

Tradução: Conrado Ceretti.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jan. 1976	4.000 Bs. As.	

66.- VI Congreso de la Internacional Comunista / Primera parte: Tesis, manifiestos y resoluciones.

Tradução: María Teresa Poyrazián e Nora Rosenfeld de Pasternac.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1977	3.000 Méx.	

67.- VI Congreso de la Internacional Comunista / Segunda parte: Informes y discusiones.

Tradução: María Teresa Poyrazián e Nora Rosenfeld de Pasternac.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1978	3.000 Méx.	

68.- Karl Kautsky. **La revolución social. El camino del poder.**

Tradução: José Aricó, Úrsula Kochmann, Nilda Palacios e Ana Sebastián.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1978	4.000 Méx.	

69.- Karl Marx y Friedrich Engels. **La cuestión Nacional y la formación de los Estados.**

Compilação de José Aricó.

Tradução: Conrado Ceretti.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Dez. 1980	3.000 Méx.	

70.- Arthur Rosembreg. **Historia del Bolchevismo.**

Introdução de Ernesto Ragionieri.

Tradução: José Aricó.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1977	3.000 Méx	

71.- Rosa Luxemburg. **El desarrollo industrial de polonia y otros escritos sobre el problema nacional.**

Tradução: Stella Mastrángelo, Conrado Ceretti e Eduardo Molina.

Revisão e notas de María Inés Silberberg.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov 1979	3.000 Méx.	

72.- Karl Marx y Friedrich Engels. **Imperio y colonia. Escritos sobre Irlanda.**

Tradução: Conrado Ceretti, Oscar Terán, León Mames e Pedro Scaron.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1979	3.000 Méx.	

73.- Eduar Bernstein, E. Belfort-Bax, Karl Kautsky e Karl Renner. **La Segunda Internacional y el problema nacional y colonial / Primera parte.**

Tradução: Conrado Ceretti e Félix Blanco.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1978	3.000 Méx	

74.- Richard Calwer, Karl Kautsky, Otto Bauer, Josef Strasser y Anton Pannokoek. **La Segunda Internacional y el problema nacional y colonial / Segunda parte.**

Tradução: Conrado Ceretti, Juan Behrens e Úrsula Kochmann.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Set. 1978	3.000 Méx.	

75.- V. I. Lenin, Otto Bauer, Ernst Engelberg, Otto Korfes y Clemente Ancona. **Clausewits en el pensamiento marxista.**

Tradução: José Aricó, Jorge Tula e María Inés Silberberg.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1979	3.000 Méx	

76.- **Fascismo, democracia y frente popular / VII Congreso de la Internacional Comunista.**

Tradução: José Aricó, Jaled Dias Sarvi, Alfonso García Ruiz, José Luís Mercado Trejo e Alejandro Zenker.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1984	3.000 Méx	

77.- Natalie Moszkowska. **El sistema de Marx: un aporte para su construcción.**

Tradução: Irene del Carril.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1979	3.000 Méx	

78.- Karl Korsch, Paul Mattick y Anton Pannekoek. **Derrumbe del capitalismo o sujeto revolucionario?**

Tradução: Stella Mastrángelo e Alejandro Zenker.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jul. 1978	5.000 Méx	

79.- Henryk Grossmann. **Ensayos sobre la teoría de la crisis: dialéctica y metodología en El capital.**

Introdução: Gabriella M. Bonacchi

Tradução: Alfonso García Ruiz

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jun. 1979	3.000 Méx.	

80.- Manuel Caballero. **La Internacional Comunista y América Latina. La sección venezolana.**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1978	3.000 Méx	

81.- Rosa Luxemburg. **La cuestión nacional y la autonomía.**

Tradução: Ziuta G. de Kerlow.

Revisão e notas: Maria Inés Silberberg.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1979	3.000 Méx.	

82.- Pierángelo Garegnani y otros. **Debate sobre la teoría marxista del valor.**

Tradução: Alfonso García Ruiz e Aldo Arturo Borzoni.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jul. 1979	3.000 Méx.	

83.- Ber Borojov. **Nacionalismo y lucha de clases.**

Introdução e Compilação: José Luis Najenson

Tradução: Stella Mastrángelo.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Nov. 1979	3.000 Méx.	

84.- Karl Korsch. **Teoría marxista y acción política.**

Tradução: Alfonso García Ruiz, Stella Mastrángelo e José Aricó.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Dez. 1979	3.000 Méx.	

85.- Mario Tello (Comp.). **La crisis del capitalismo en los años veinte. Análisis económico y debate estratégico en la Tercera Internacional.**

Tradução: Alfonso García Ruiz e José Aricó.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	1981	3.000 Méx.	

86.- Arthur Rosenberg. **Democracia y socialismo. Historia política de los últimos ciento cincuenta años(1789-1937).**

Tradução: Alfonso García Ruiz.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1981	3.000 Méx.	

87.- Karl Marx y Friedrich Engels. **Escritos sobre Rusia. I. Revelaciones sobre la historia secreta del siglo XVIII.**

Compilação: José Aricó.

Tradução: Oscar Terán, Mariano Martín e Conrado Ceretti.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Abr. 1980	3.000 Méx.	

88.- Roman Rosdolsky. **Friedrich Engels y el problema de los pueblos "sin historia" / La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848-1849 a la luz de la Neue Rheinische Zeitung.**

Tradução: Conrado Ceretti.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jun. 1980	3.000 Méx.	

89.- Giacomo Marramao, Biagio de Giovanni, Cesare Luporini, Nicola Badaloni, Massimo Cacciari. **Teoría marxista de la política.**

Tradução: Alfonso García Ruiz, Raúl Crisafio e José Aricó.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jun. 1981	3.000 Méx.	

90.- Karl Marx y Friedrich Engels. **Escritos sobre Rusia. II. El porvenir de la comuna rural rusa.**

Preparação, revisão e notas: José Aricó.

Tradução: Félix Blanco.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Mar. 1980	4.000 Méx.	

91.- Natalie Moszkowska. **Contribución a la dinámica del capitalismo tardío.**

Tradução: Irene del Carril.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1981	3.000 Méx.	

92.- Robert Paris. **La formación ideológica de José Carlos Mariátegui.**

Tradução: Oscar Terán.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Ago. 1981	3.000 Méx.	

93.- Karl Marx. **Progreso técnico y desarrollo capitalista (Manuscritos 1861-1863).**

Tradução: Raúl Crisafio e Jorge Tula.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jan. 1983	3.000 Méx	

94.- Alexander V. Chayanov, Basile Kerblay, Daniel Thorner y Mark Harrison. **Chayanov y la teoría de la economía campesina.**

Compilação: José Aricó.

Tradução: Mariano Martín, Sofía Gallardo, Oscar Terán e Stella Mastrángelo.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jul. 1981	3.000 Méx.	
2	Jun. 1987	1.000	

95.- Giacomo Marramao. **Lo político y las transformaciones. Crítica del capitalismo e ideologías de la crisis entre los años veinte y treinta.**

Tradução: Alfonso García Ruiz e José Aricó.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1982	3.000 Méx	

96.- Leopoldo Mármora. **El concepto socialista de nación.**

Tradução: Olga Pissani

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Out. 1986	3.000 Méx	Último

97.- Karl Marx. **Notas marginales al tratado de economía política de Adolph Wagner.**

Tradução: Félix Blanco.

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Jul. 1982	3.000 Méx	

98.- Oscar Terán. **Anibal Ponce: el marxismo sin nación?**

Nº Edição	Ano	Tiragem/loc.	Observ.
1	Fev. 1983	3.000 Méx	

Bibliografía Citada

ADRIANZEN, Alberto

- 1995 "Era uno de los nuestros". Revista *Estudios*, N° 5, Córdoba: CEA.

AGOSTI, Héctor Pedro

- 1951 *Echeverría*. Buenos Aires: Futuro.
1953 "Noticias sobre Gramsci", em *Cuadernos de Cultura*, No. 9-10, Buenos Aires.
1958 "Prólogo", em Antonio Gramsci, *El materialismo histórico y la filosofía de B. Croce*, México: Juan Pablos, 1986.
1961 "Prólogo a la edición argentina", em Antonio Gramsci, *Literatura y vida nacional*, México: Juan Pablos, 1986.

ALFONSÍN, Raúl

- 1987 *El poder de la democracia*. Buenos Aires: Fundación Plural.

ALTAMIRANO, Carlos

- 1994 "Memorias del '69". Revista *Estudios*, N° 4, Córdoba: Centro de Estudios Avanzados (UNC), diciembre.

ANDERSON, Perry

- 1976 "As antinomias de Gramsci", em *Crítica Marxista*, N° 1, São Paulo: Jorúês, 1986
1989 *Considerações sobre o marxismo ocidental*, São Paulo: Brasiliense.

ANGUITA, Eduardo; CAPARROS, Martín

- 1997 La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina 1966-1973, Buenos Aires, Norma.

ANSALDI, Waldo.

- 1991 "Conviene o no conviene invocar al genio de la lámpara? El uso de las categorías gramscianas en el análisis de la historia de las sociedades latinoamericanas". Revista *Estudios Sociales*, N° 2, Santa Fé (Arg.), 1º semestre de 1992.

ARGUMEDO, Alcira

- 1991 "Razón dialéctica y análisis multivariado". Entrevista na revista *El ojo Mochó*, N° 1. Buenos Aires.
1996 *Los silencios y las voces en América Latina. Notas sobre el pensamiento nacional y popular*. Buenos Aires: Ediciones del Pensamiento Nacional.

ARICÓ, José María

- 1957 "Marxismo versus leninismo?", em *Cuadernos de Cultura*, No. 33, Dezembro
1963a "Pasado y Presente", na revista *Pasado y Presente* N° 1, Córdoba, abril-junho
1963b "El stalinismo y la responsabilidad de la izquierda", na revista *Pasado y Presente* N° 2-3, Córdoba, Julho-dezembro.
1964 "Examen de conciencia", em *Pasado y Presente* N° 4, Córdoba, janeiro-março.
1965 "Algunas consideraciones preliminares sobre la condición obrera", em *Pasado y Presente* N° 9, Córdoba, abril-setembro.
1978 "Introducción". *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*, *Cuadernos de Pasado y Presente* N° 60, México: Pasado y Presente/Siglo XXI.
1980 "Ni cinismo ni utopía". Revista *Controversia* N°9-10, México, dezembro.

- 1982 *Marx e a América Latina*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- 1984 "Introducción", em SCHMITT, Karl, *"El concepto de lo político"*. Buenos Aires: Folios.
- 1985 "Prólogo". Em LABASTIDA MARTIN DEL CAMPO, Julio (org) *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*, México: Siglo XXI.
- 1986 Entrevista realizada por Horacio Crespo e Antonio Marimón, publicada na Revista Vuelta Latino-Americana, Nº 2 de setembro desse ano e incluída no Suplemento sobre Aricó Nº 30-31 da Revista *La Ciudad Futura*, de dezembro de 1991-fevereiro de 1992.
- 1986b "Una oportunidad de ponernos al día". En *La Ciudad Futura*, Nº 2, Buenos Aires, outubro de 1986.
- 1988 *La cola del diablo*, Puntosur, Bs. As.
- 1988b Entrevista en *Todo es historia* Nº 250, Buenos Aires, abril.
- 1991 "Actualidad de un pensador original". *La Ciudad Futura*, No. 28.
- 1991a "La última entrevista de Aricó", em *Revista Estudios*, No. 5, Córdoba, CEA, 1995. Entrevista de Carlos Altamirano e Rafael Filipelli, Jan/Jun 1995. (A entrevista tinha sido publicada parcialmente na revista *Punto de Vista*, Nº 43, Buenos Aires, agosto de 1992).
- 1991b Entrevista com Carlos Altamirano e Rafael Filipelli, mimeo (esta versão da entrevista - ainda não publicada - é a transcrição completa das fitas de vídeo gravadas originalmente e enriquecem a versão já publicada pela revista *Estudios*).
- BIGNAMI, Ariel.
- 1993 *Antonio Gramsci, la conciencia de la revolución*, Buenos Aires: Almagesto.
- BONASSO, Miguel
- 1997 *El Presidente que no fue*, Buenos Aires: Planeta.
- BORÓN, Atilio
- 1987 "Indignación ante el despojo". *Dossier Gramsci*, revista *Fin de Siglo*, Nº 4.
- BORÓN, Atilio; CUÉLLAR, Óscar
- 1983 "Apuntes críticos sobre la concepción idealista de la hegemonía". *Revista Mexicana de Sociología*, Nº 4 (out/Dez), México.
- BOSOER, Fabián
- 1989 "Gramsciano Quien?". *La Ciudad Futura*, Nº 19, outubro-novembro.
- BRENNAN, James P.
- 1996 *El Cordobazo. Las guerras obreras en Córdoba 1955-1976*, Buenos Aires: Sudamericana,.
- CARR, Barry
- 1996 *La izquierda mexicana a través del siglo XX*, México: Era, 1996.
- CASTELLANOS, Alberto.
- 1998 "Un cubano en la guerrilla de Masetti", em *Cuadernos Marxistas*, Nº 7, Buenos Aires.
- CASTAÑEDA, Jorge
- 1993 *La utopía desarmada. El futuro de la izquierda en América Latina*. Buenos Aires: Ariel.
- CASTRO, Jorge

- 1989a "Renace el capitalismo schumpeteriano aliado a la Revolución Conservadora". *El Cronista Comercial* 24-9-89, Buenos Aires.
- 1989b "Los grandes cambios históricos se hacen mediante amplias coaliciones". *El Cronista Comercial* 17-9-89, Buenos Aires.
- CASULLO, Nicolás; CALETTI, Rubén S.
1981 "El socialismo que cayó del cielo". *Revista Controversia*, Nº 14, México, outubro.
- COGGIOLA, Osvaldo
1986 *El trotskismo en la Argentina (1960-1985)/1*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- COMITÉ DE SANTA FÉ.
1989 "Uma estratégia para a América Latina nos anos 90". Em *Teoria e política*, Nº 13, fevereiro de 1990.
- CORDOVA, Arnaldo
1988 "Antonio Gramsci e a esquerda mexicana". Em, COUTINHO, Carlos Nelson, NOGUEIRA, Marco Aurélio, (org.), *Gramsci e a América Latina*, Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- COUTINHO, Carlos Nelson
1984 *A democracia como valor universal e outros ensaios*, Rio de Janeiro: Salamandra.
1986 Intervenção na mesa redonda "A estratégia da revolução brasileira", organizada pela revista *Crítica marxista*. *Revista Crítica marxista*, Nº 1, São paulo: Jorúês, 1986.
1988 "As categorias de Gramsci e a realidade brasileira". Em COUTINHO, Carlos Nelson, NOGUEIRA, Marco Aurelio, (org.), *Gramsci e a América Latina*, Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- DAGNINO, Evelina
1988 "Culture, Citizenship and Democracy: Changing Discourses and Practices of the Latin American Left". Em Sonia Alvarez, Evelina Dagnino e Arturo Escobar (Orgs.) *Cultures of Politics, Politics of Cultures: Re-visioning Latin American Social Movements*. Boulder, Colorado: Westview Press. Tradução para o Espanhol: Cristina Larrobla y Amílcar Davyt: "Cultura, Ciudadanía y Democracia: Discursos y Prácticas Cambiantes en la Izquierda Latinoamericana".
- DEL BARCO, Oscar
1962 "Notas sobre Antonio Gramsci y el problema de la 'objetividad'", em *Cuadernos de Cultura*, Nº 59, set./out., Buenos Aires.
1963 "Respuesta a una crítica dogmática", em *Cuadernos de Cultura*, Nº 63, mai-jun, Bs. As.
1991 "Un socialista empedernido", em *La ciudad futura*, Nº 30-31, dezembro de 1991- fevereiro de 1992
- FERRERES, Aldo
1987 "Por que Gramsci Hoy?". *Dossier Gramsci*, revista *Fin de Siglo*, Nº 4.
- FERREYRA e outros
1994 *Gramsci mirando al sur. Sobre la hegemonía en los 90*. Bs. As.: Kohen e asociados.
- GARCIA BARCELO, Abel

- 1966 "El marxismo-leninismo y la denominada 'totalización' del marxismo", em Cuadernos de Cultura Nº 66, Buenos Aires, janeiro-fevereiro.
- 1987 "La realidad de la utopía". Dossier Gramsci, revista Fin de Siglo, Nº 4.
- GILLESPIE, Richard
- 1987 *Soldados de Perón. Los Montoneros*, Grijalbo, Bs. As. (1ª Ed. Oxford: Oxford University Press, 1982)
- GONZÁLEZ, Horacio
- 1970 "Para nosotros, Antonio Gramsci", em GRAMSCI, Antonio, *El príncipe moderno y la voluntad nacional-popular*, Buenos Aires: Puente Alsina, 1970.
- 1991 Intervenção na entrevista com Alcira Argumedo, El Ojo Mocho, 1991.
- GRAMSCI, Antonio
- 1972 *Notas sobre Maquiavelo, sobre la política y el estado*. Bs. As.: Nueva Visión.
- 1976 *Escritos políticos* Volumem I, Seara Nova, Lisboa.
- 1977 *Escritos Políticos (1917-1933)*, Cuadernos de Pasado y Presente, Nº54, México: Pasado y Presente.
- 1984b *Cuadernos de la cárcel*. Edição crítica del Instituto Gramsci, a cargo de Valentino Gerratana, Era, México, (1a. ed. italiana 1975).
- 1986a *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*, Juan Pablos Editor, México.
- 1986b *Literatura y vida nacional*, Juan Pablos Editor, México.
- HARNECKER, Martha; RAUBER, Isabel
- 1991 *Hacia el siglo XXI, la izquierda se renueva*, CEESAL (Centro para la Educación y Estudios sobre América Latina, Quito).
- HILB, Claudia; LUTZKY, Daniel
- 1984 *La nueva izquierda argentina: 1960-1980 (Política y violencia)*, Buenos Aires, Centro Editor.
- JAMES, Daniel
- 1990 *Resistencia e integración. El peronismo y la clase trabajadora argentina 1946-1976*, Buenos Aires: Sudamericana.
- KIM PARK, Ki-Hyum
- 1996 *Pensamiento renovador de la izquierda latinoamericana en el contexto neoliberal*. Tese defendida no Instituto de Estudios Latinoamericanos, Universidad Autónoma de México.
- LA CIUDAD FUTURA
- 1989 "Y ahora qué?". Editorial do Nº N17-18 da revista *La Ciudad Futura*, Buenos Aires.
- 1988 "Los militares ante la sociedad". Editorial do Nº 10, da revista *La Ciudad Futura*, Buenos Aires.
- LABASTIDA MARTIN DEL CAMPO, Julio (coord.)
- 1985 "Introducción". Em *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*. Editado por Julio Labastida Martín del Campo, México, siglo XXI.
- LABASTIDA, Jaime
- 1996 "Entrada", em *Catálogo General de Siglo XXI Editores*, México: Siglo XXI.
- LANNOT, Jorge O., et alli (Comp.)

- 1984 *Agustín Tosco, conducta de un dirigente obrero*. Buenos Aires: CEAL.
- LEBEDINSKI, Mauricio
- 1987 *Gramsci, pensador político e militante revolucionario*, Bs. As. 1987
- LECHNER, Norbert
- 1986 "De la revolución a la democracia. El debate intelectual en América del Sur". Revista *La Ciudad Futura*, N° 2, Buenos Aires, outubro de 1986.
- LOPEZ, Sinesio
- 1995 "*Pancho Aricó*". Revista *Estudios*, N° 5, Córdoba, CEA, jan/jun 1995.
- MARIÁTEGUI, José Carlos
- 1987 *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*, Lima: Biblioteca "Amauta"
- MARRAMAO, Giacomo
- 1982 *Lo político y las transformaciones. Cuadernos de Pasado y Presente*, N° 95, México: *Pasado y Presente/SigloXXI*.
- MARX, Karl
- 1987 "*Tesis sobre Feuerbach*", em *Obras Escogidas*, Bs. As.: Cartago.
- MILLS, C. Wright
- 1972 *A imaginação sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar.
- MONDOLFO, Rodolfo
- 1986 "*En torno a Gramsci y la filosofía de la praxis*", In, *Marx y el marxismo*, Fondo de Cultura Económica, México.
- OCAMPO, Victoria
- 1953 "*Al lector*", em *Sur*, No. 225, setembro, Buenos Aires.
- OLIVA, Raúl; SIERRA, Raúl
- 1963 "*Crítica a una crítica revisionista*", em *Cuadernos de Cultura*, N° 63, Mai-jun, Buenos Aires.
- OLIVIERI, Raúl
- 1962 "*El materialismo dialéctico y la objetividad*", em *Cuadernos de Cultura* N° 60, Buenos Aires, novembro-dezembro.
- 1962 "*El problema del determinismo en el materialismo dialéctico*", em *Cuadernos de Cultura*, N° 58, Julho-Agosto, Bs. As.
- 1962 "*El materialismo dialéctico y la objetividad*", em *Cuadernos de Cultura*, N° 60, Nov-Dez., Bs. As.
- PARIS, Robert
- 1981 *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui. Cuadernos de Pasado y Presente* N° 92, México: *Pasado y Presente*.
- 1983 "*Mariátegui y Gramsci: prolegómenos a un estudio contrastado de la difusión del marxismo*". Revista *Socialismo y Participación*, N° 23, Lima.
- PASADO Y PRESENTE
- 1973a "*La 'larga marcha' al socialismo en la Argentina*". Revista *Pasado y Presente*, año IV (nueva serie) N° 1, abril-junio, Buenos Aires: *Pasado y Presente*.
- 1973b "*La crisis de julio y sus consecuencias políticas*". Revista *Pasado y Presente*, año IV (nueva serie) N° 2-3, julio-diciembre, Buenos Aires: *Pasado y Presente*.

- 1981 "Advertencia". Em ROSEMBERG, Arthur, *Democracia y Socialismo, Cuadernos de Pasado y Presente* Nº 86, México: *Pasado y Presente*.
- 1987a "Advertencia". Em BADIOU, Alain; ALTHUSSER, Louis, *Materialismo histórico y materialismo dialéctico, Cuadernos de Pasado y Presente*, Nº 8, México: *Pasado y Presente*.
- 1987b "Advertencia". Em AAVV, *Gramsci y las ciencias sociales, Cuadernos de Pasado y Presente* Nº 19, México: *Pasado y Presente*.
- 1989 "Advertencia a la primera edición". Em, ALTHUSSER, Louis, *La filosofía como arma de la revolución, Cuadernos de Pasado y Presente*, Nº 4, México: *Pasado y Presente*.
- PEDROSA, Mário
- 1980 *Sobre o PT*, Ched Editorial, São Paulo.
- PEREZ, Norberto
- 1996 "El cierre de una editorial (postal de la dictadura)". *Jornal Página 12*, Buenos Aires, 21 de abril.
- PETRAS, James
- 1990 *La deserción de los intelectuales*. Em *jornal Sur*, Buenos Aires, 20 de maio.
- PORTANTIERO, Juan Carlos
- 1977 "Los usos de Gramsci". Em Antonio Gramsci, *Escritos Políticos (1917-1933), Cuadernos de Pasado y Presente*, Nº54, México: *Pasado y Presente/Siglo XXI*.
- 1986 "La reforma del Estado. Una constitución para la democracia". *Revista La Ciudad Futura* Nº 1, Buenos Aires.
- 1988 *La producción de un orden*. Buenos Aires: Nueva visión.
- 1991 "La creación de instituciones". Entrevista na revista *El ojo mocho*, Nº 1, Buenos Aires.
- 1992 "Creador de empresas imposibles", em Suplemento sobre Aricó, revista *La Ciudad Futura*, Nº 30-31 Buenos Aires, dezembro de 1991-fevereiro de 1992.
- 1993 "Revisando el camino: las apuestas de la democracia en Sudamérica". *Revista sociedad*, Nº 2, Facultad de Ciencias Sociales (UBA).
- 1995 Depoimento em "La última entrevista a José M. Aricó". *Revista Estudios* Nº 5, Córdoba: CEA.
- 1997 "Gramsci y la crisis cultural del 900: en busca de la comunidad", comunicação para o *Convegno Internazionale di Studi "Gramsci e il Novecento"*, organizado pela *Fundazione Istituto Gramsci*, em Cagliari, Itália, 15-18 de abril de 1997. Publicado na revista *sociedad*, Nº 11.
- PORTANTIERO, Juan Carlos; DE IPOLA, Emilio
- 1981 "Lo nacional-popular e los populismos realmente existentes". *Revista Controversia*, Nº 14, México, outubro.
- 1984 "Crisis social y pacto democrático". Em PORTANTIERO, 1988, *La producción de un orden*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- ROZITCHNER, León
- 1990 "Rozitchner: marxismo, crisis e intelectuales". Entrevista publicada em revista *Utopías del Sur*, Nº 4, Buenos Aires.

RUSCONI, Gian Enrico

- 1981 "Introducción". Em ROSEMBERG, Arthur, *"Democracia y socialismo. Historia de los últimos ciento cincuenta años (1789-1937)"*, Cuadernos de Pasado y Presente, N° 86, México: Pasado y Presente (1ª ed. em Alemão: Amsterdã, 1938).

SABATO, Ernesto

- 1947 "Epistolario de Gramsci", em *Realidad. Revista de ideas*, Buenos Aires

SCHMITT, Karl

- 1984 *El concepto de lo político* (inclui o texto: *Teoría del partisano. Notas complementarias al concepto de lo "político"*). Buenos Aires: Folios, coleção "El tiempo de la política".

SIGAL, Silvia

- 1991 *Intelectuales y poder en la década del sesenta*, Buenos Aires: Puntosur.

TERÁN, Oscar

- 1985 *Discutir Mariátegui*. Puebla: ICUAP.
1992 "Fulguraciones". *La Ciudad Futura* N° 30/31.

THWAITES REY, Mabel

- 1994 "La noción gramsciana de hegemonía en el convulsionado fin de siglo. Acerca de las bases materiales del consenso". Em Ferreyra e outros, 1994.

TOGLIATTI, Palmiro

- 1953 "El antifascismo de Antonio Gramsci, em *Cuadernos de Cultura*, No. 9-10, Buenos Aires.

VIDELA, Ricardo

- 1963 "Gramsci y los gramscianos", em *Izquierda Nacional* N°4, Buenos Aires, outubro.

VILLANUEVA, Ernesto

- 1987 "Con coraje teórico". *Dossier Gramsci*, revista *Fin de Siglo*, N° 4

Entrevistas e depoimentos:

ANSALDI, Waldo. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, dezembro de 1996.

COGGIOLA, Osvaldo. Arguição em exame de qualificação, Campinas, novembro de 1996.

COGGIOLA, Osvaldo. Entrevista concedida ao autor, São Paulo, novembro de 1996

CRESPO, Horacio. Entrevista concedida ao autor, Córdoba, dezembro de 1996.

DEL BARCO, Oscar. Entrevista concedida ao autor, Córdoba, dezembro de 1996.

GONZÁLEZ, Horacio. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, dezembro de 1996.

KOSAK, Abraham. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998.

LEIS, Héctor. Entrevista concedida ao autor, Florianópolis, junho de 1999.

LEVIN, Gregorio. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, dezembro de 1996.

PÉREZ, Norberto. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998.

PORTANTIERO, Juan Carlos. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998.

POYRAZIÁN, María Teresa. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998.

SCHMUCLER, Héctor. Entrevista concedida ao autor, Córdoba, dezembro de 1996.

TULA, Jorge. Entrevista concedida ao autor, Buenos Aires, julho de 1998.

VARGAS, Gabriel. Entrevista concedida ao autor, México DF, maio de 1997.